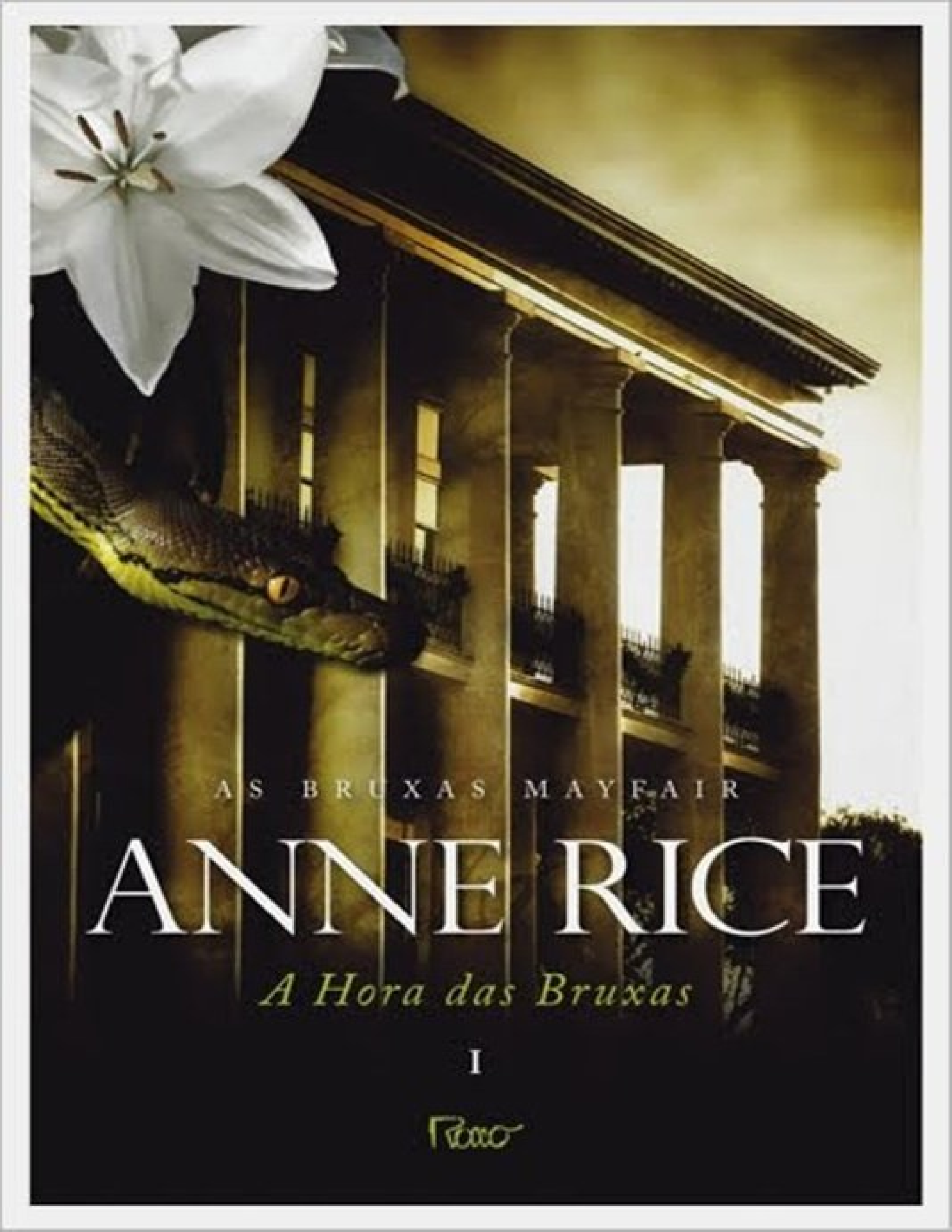




AS BRUXAS MAYFAIR

ANNE RICE

A Hora das Bruxas

I

Rocco



Anne Rice

A Hora das Bruxas I

A Talamasca, um grupo com poderes extra-sensoriais voltados para o bem, durante séculos pesquisou a vida da família Mayfair, uma dinastia de bruxas que começou no século XVII, na Escócia, transplantou-se para o Haiti e de lá para a fantasmagórica Nova Orleans. E através dos seus volumosos arquivos que vamos descobrir essa saga de seres decadentes e mórbidos, convivendo pacificamente com o incesto e as tempestades e um espírito, meio divindade celta, meio demônio, chamado Lasher.

Cabe agora a Rowan, brilhante neurocirurgiã californiana e herdeira do clã, decidir-se entre o amor de Michael Curry e a sedução de um ser poderoso que quer ficar nesse mundo para sempre.

Anne Rice mais uma vez prova por que é a mestra do gótico contemporâneo, dominando ao mesmo tempo, as rédeas do drama, da inspirada sexualidade e do fantástico.

Em seu novo romance, Anne Rice nos oferece a hipnótica saga de uma família em

que durante quatro séculos sucedem-se contos de bruxarias e forças ocultas. Demonstrando, mais uma vez, seu dom narrativo, Anne Rice consegue recriar com impressionante realismo uma dinastia de feiticeiros: a família Mayfair, dada às lides da poesia e do incesto, do assassinato e da filosofia. E, também, através dos tempos, intermitentemente assombrada por um ser ao mesmo tempo perigoso e sedutor.

Essa história se inicia quando Rowan Mayfair, mulher bonita, neurocirurgiã brilhante, consciente dos seus poderes especiais, mas ignorante do fato de que eles são hereditários, encontra um homem afogado na praia da Califórnia e o faz retornar à vida. Ele é Michael Curry, alguém que lutou para superar a pobreza e que agora, na sua experiência de quase morte, percebe um novo poder sensorial que ao mesmo tempo fascina e assusta.

A medida que ambos, atraídos e apaixonados, se aliam para descobrir o mistério do passado dela e do poder inusitado dele, o romance começa a se desenrolar cronologicamente para frente e a trás, de Nova Orleans e São Francisco atuais para Amsterdã e para um castelo na França de Luís. Aos poucos, a verdade vai emergindo e conhecemos Suzanne Mayfair, que viveu na Escócia no século XVII e, para seu infortúnio e de seus descendentes, conjurou pela primeira vez o espírito que ela batizou de Lasher.

Das plantações de café de Port au Prince, onde se constrói a fortuna dos Mayfair, à guerra civil americana quando Julien, o único varão do clã a possuir os poderes, estabelece a dinastia nos EUA, essa história a um tempo sombria e luminosa descortina dramas de sedução e traição, episódios de cura e carinho. No cerne de tudo, a eterna luta entre o bem e o mal, sanidade e loucura, vida e

morte. Num fôlego contínuo, a imaginação de Rice leva o leitor a acompanhar Rowan em seu jogo inconsciente e arriscado, herança a que não pode fugir, até uma certa noite de Natal quando a saga familiar atinge seu surpreendente clímax.

Anne Rice nasceu em Nova Orleans, onde vive atualmente com seu marido, o poeta Stan Rice e seu filho, Christopher. É autora de Entrevista com o vampiro, A rainha dos condenados e A múmia, todos publicados no Brasil pela Rocco.

Com amor para Stan Rice e Christopher Rice para John Preston, para Alice O'Brien Borchardt, Tamara O'Brien Tinker, Karen O'Brien e Micki O'Brien Collins e para Dorothy Van Bever O'Brien, que me deu minha primeira máquina de escrever em 1959, certificando-se de que ela fosse de boa qualidade.

E a chuva tem a cor do cérebro.

E a tempestade soa como alguma coisa que se lembra de alguma coisa.

STAN RICE

PRIMEIRA PARTE

REUNIDOS

Capítulo I

O médico acordou assustado. Estivera sonhando mais uma vez com a velha casa de Nova Orleans. Havia visto a mulher na cadeira de balanço. Havia visto o homem de olhos castanhos.

E mesmo agora, nesse tranqüilo quarto de hotel no alto da cidade de Nova York, ele sentiu a perturbação antiga e alarmante. Mais uma vez, ele havia conversado com o homem de olhos castanhos. É, ajude-a. Não, isso é só um sonho. Quero sair daqui.

O médico sentou-se na cama. Nenhum ruído a não ser o ronco suave do ar condicionado. Por que estava pensando naquilo nessa noite num quarto de hotel no Parker Meridien? Por um instante, ele não conseguiu afastar a impressão da velha casa. Ele viu a mulher mais uma vez: com a cabeça caída o olhar vazio. Ele quase ouvia o zumbido de insetos batendo nas tela da velha varanda. E o homem de olhos castanhos falava sem mover os lábios.

Um boneco de cera infundido com vida...

Não. Pare com isso.

Ele saiu da cama e seguiu em silêncio pelo piso acarpetado até parar diante das cortinas brancas e transparentes, olhando para os telha enegrecidos de fuligem e os letreiros de néon meio opacos, tremeluzindo contraste com o tijolo das paredes. A luz do início da manhã aparecia pôr das nuvens acima do concreto fosco da fachada em frente. Nenhum calor debilitante pôr aqui. Nenhuma fragrância entorpecedora de rosas, de gardênia. Aos poucos, sua cabeça se desanuviou.

Voltou a pensar no inglês no bar do saguão. Foi ele quem havia despertado as recordações - o fato do inglês comentar com o barman que acabava de chegar de Nova

Orleans e que aquela era sem dúvida uma cidade assombrada. O inglês, um homem afável, com a aparência de um verdadeiro cavalheiro do Velho Mundo, num terno estreito de seersucker com uma corrente de relógio de ouro presa ao bolso do colete. Onde se via esse tipo de homem nos dias de hoje? - um homem com a forte entoação melodiosa um ator dramático britânico, e olhos azuis, brilhantes, sem sinais da idade.

- É você tem razão acerca de Nova Orleans. Sem dúvida que tem - disse o médico, voltando-se para o homem. - Eu mesmo vi um fantasma em Nova Orleans, e não faz muito tempo... - Ele parou, então, embaraçado.

Seus olhos estavam fixos no Bourbon evaporando à sua frente, na nítida refração da luz na base do copo de cristal.

Zumbido de moscas no verão, cheiro de remédio. Tanta quantidade de Thorazine? Será que não haveria um erro? O inglês, porém, havia demonstrado uma curiosidade respeitosa. Ele havia convidado o médico para jantar, dizendo que coletava esse tipo de história. Por um instante, o médico chegou a se sentir tentado. Havia uma calma na convenção, e ele gostou desse homem, sentindo uma confiança imediata nele. Além disso, o saguão do Parker Meridien era um lugar alegre e agradável, cheio de luz, movimentação e gente. Tão distante daquele canto sombrio de Nova Orleans, daquela triste cidade velha apodrecendo com seus segredos no seu perpétuo calor caribenho.

No entanto, o médico não conseguiu contar a história.

- Se algum dia você mudar de idéia, pode me telefonar - disse o inglês. - Meu nome é Aaron Lightner. - Ele deu ao médico um cartão com o nome de uma organização

impresso. - Pode-se dizer que coletamos histórias de assombrações, mas as verdadeiras.

O TALAMASCA

NÓS OBSERVAMOS

E ESTAMOS SEMPRE PRESENTES.

Era um lema curioso.

É, foi isso o que trouxe todas as recordações. O inglês e aquele cartão de visitas diferente com os números de telefone da Europa; o inglês que ia viajar amanhã para a costa oeste a fim de ver um homem da Califórnia que havia se afogado e sido ressuscitado recentemente. O médico havia lido sobre o caso nos jornais de Nova York: era uma daquelas figuras que sofre morte clínica e volta após ter visto "a luz".

Eles, o médico e o inglês, haviam conversado acerca do afogado.

- Ele agora diz ter poderes psíquicos, entende? - disse o inglês. - E é claro que isso nos interessa. Parece que ele vê imagens quando toca os objetos com as mãos. Chamamos essa capacidade de psicometria.

O médico ficou intrigado. Ele próprio havia ouvido falar de alguns pacientes desse tipo, vítimas de problemas cardíacos, se é que se lembrava corretamente, que haviam voltado, sendo que uma alegava ter visto o futuro.

"Experiências após a morte". Viam-se cada vez mais artigos sobre o fenômeno nas publicações especializadas.

- É - disse Lightner- a melhor pesquisa sobre o assunto foi realizada por médicos, cardiologistas.

- Não houve um filme há alguns anos - perguntou o médico - sobre uma mulher que voltou com o poder de curar? Um filme de um impacto estranho.

- Você não tem preconceitos contra o assunto - disse o inglês com um sorriso de satisfação. - Tem certeza de que não quer me falar do seu fantasma? Eu adoraria ouvir essa história. Meu vôo só sai amanhã, antes meio dia. O que eu não daria para ouvir sua história!

Não, aquela história, não. Nunca.

Sozinho agora no seu quarto de hotel, o médico voltou a sentir medo. O relógio batia seu tique-taque no longo corredor empoeirado em Nova Orleans. Ele ouvia o arrastar dos pés da paciente forçada a caminhar enfermeira. Ele sentiu novamente o cheiro de uma casa de Nova Orleans verão, calor e madeira velha. O homem estava falando com ele...

O médico nunca havia estado numa casa anterior à guerra de secessão aquela primavera em Nova Orleans. E a casa antiga tinha realmente colunas acaneladas brancas na fachada, embora a tinta estivesse se descascando. Chamavam o estilo de Renascença grega - uma longa casa num tom acinzentado, num canto sombrio do Garden District, com seu portão da frente protegido, ao que parecia, por dois carvalhos enormes. A grade de ferro tinha um desenho rendilhado de rosas e era profusamente enfeitada por trepadeiras: glicínias roxas, o amarelo da videira - virgem e buganvílias de um rosa escuro, incandescente.

Ele gostava de parar nos degraus de mármore e contemplar os capitéis dóricos, como que coroados pelas flores inebriantes. O sol chegava em longos raios empoeirados através dos galhos retorcidos. As abelhas cantarolavam no emaranhado de folhas verdes brilhantes por baixo das cornijas descascadas. Não importava que o lugar fosse tão sombrio, tão úmido.

Até mesmo a chegada pelas ruas desertas o seduzia. Vinha caminhando lentamente sobre calçadas rachadas e irregulares de tijolos assentados. Espinha de peixe ou de lajes cinzentas, por baixo de um arco ininterrupto de galhos de carvalho, com a luz eternamente salpicada de sombras, o perpetuamente encoberto pelo verde. Sempre parava junto à maior das árvores, que com suas raízes protuberantes erguia do seu lugar a grade ferro. Ele não teria conseguido abraçar seu tronco sozinho. Ela se erguia desde a calçada até a própria casa, com seus ramos retorcidos arranhando janelas fechadas para além da balaustrada, as folhas se emaranhando com trepadeiras floridas.

Mesmo assim, o descuido por aqui o perturbava. Aranhas teciam teias minúsculas e elaboradas sobre as rosas de ferro batido. Em alguns pontos, a grade estava tão enferrujada que a um simples toque se desfazia em pó. E aqui e ali perto do parapeito, a madeira das varandas estava totalmente apodrecida. Havia ainda uma antiga piscina bem ao longe no jardim: um grande octógono limitado por lajes que se transformara em pântano, com sua suja e íris silvestres. Só o cheiro já era apavorante. Ali viviam rãs, rãs que ao escurecer, entoavam seu canto feio e rouco. Era triste ver os pequenos chafarizes de um lado e do outro ainda mandando seus esguichos de água para aquela sujeira. Ele sentia vontade de secá-la, limpá-la, esfregar suas laterais com as próprias mãos se fosse necessário.

Ansiava por consertar a balaustrada quebrada e arrancar o mato que sufocava as urnas.

Mesmo as tias idosas da paciente - Miss Carl, Miss Millie e Miss Nancy - tinham um ar de mofo e deterioração. Não se tratava do cabelo grisalho ou dos óculos de armação de metal. Eram suas atitudes e a fragrância de cânfora de que suas roupas estavam impregnadas.

Certa vez ele entrou na biblioteca e tirou um livro da estante. Pequenos besouros negros saíram assustados da fenda. Alarmado, ele devolveu o livro ao seu lugar.

Se a casa estivesse provida de ar condicionado, talvez isso fosse diferente. Mas a casa antiga era grande demais para tal, ou pelo menos foi o que disseram naquela época. O pé direito tinha a altura de mais de quatro metros.

E, assim, a brisa preguiçosa trazia consigo o cheiro de bolor.

Sua paciente, no entanto, era bem cuidada. Isso ele não podia deixar de admitir. Uma enfermeira negra, velha e carinhosa chamada Viola trazia a paciente até a varanda telada pela manhã e a levava à noite.

- Ela não dá trabalho nenhum, doutor. Agora, vamos, Miss Deirdre, caminhe para o doutor ver. - Viola a levantava da cadeira e a empurrava com paciência, um passo atrás do outro.

- Já estou com ela há sete anos. Doutor, ela é minha menininha.

Sete anos assim. Não era de admirar que os pés da mulher houvessem começado a se voltar para dentro na altura dos tornozelos, e que seus braços costumassem se

encolher na direção do peito se a enfermeira não os forçasse para baixo, de volta ao colo.

Viola costumava fazer com que caminhasse dando voltas e mais voltas no longo salão duplo, passando pela harpa e pelo Bösendorfer de cauda, encobertos de poeira. Entravam, então, na sala de jantar, com seus murais desbotados de campos lavrados e carvalhos cheios de musgos.

Os chinelos arrastavam-se no desgastado tapete de Aubusson. A mulher estava com 41 anos, e no entanto dava a impressão de ser ao mesmo tempo jovem e antiquíssima: uma criança pálida e encurvada, imune às preocupações ou paixões adultas. Deirdre, você algum dia teve um amante? Você algum dia dançou nesse salão?

Nas estantes da biblioteca havia livros de registro, encadernados em couro com datas antigas assinaladas na lombada em tinta roxa desbotada: 1756, 1757, 1758... Cada um trazia o nome da família Mayfair em letras douradas.

Ah, essas velhas famílias do sul! Como ele lhes invejava sua tradição.

Não tinha de levar necessariamente a essa decadência. E pensar que ele não sabia os nomes completos dos seus próprios bisavós ou onde eles haviam nascido.

Mayfair - um típico clã colonial. Havia velhos quadros nas paredes mostrando homens e mulheres em trajes do século XVIII, bem como daguerreótipos, ferrotipias e fotografias descoradas. Um mapa amarela Saint-Domingue - será que ainda se chamava assim? - numa moldura no corredor. E uma pintura escurecida de uma imensa casa de fazenda.

E as jóias que a paciente usava. Objetos de família, sem dúvida, aquelas montagens antigas. Qual era o significado de pôr esse tipo de numa mulher que não havia aberto a boca nem se movimentado por vontade própria em mais de sete anos?

A enfermeira disse que nunca tirava a corrente com o pingente de esmeralda, nem

mesmo quando dava banho em Miss Deirdre.

- Permita que eu lhe conte um segredo, doutor. Nunca toque nele. Ele teve vontade de perguntar por que não, mas não disse nada. Ficou olhando sem graça enquanto a enfermeira punha na paciente os brincos de rubi, seu anel solitário.

É como vestir um cadáver, pensou. Lá fora os carvalhos escuros enviam seus galhos sinuosos até as venezianas empoeiradas. E o jardim tremeluz calor letárgico.

- E olhe o cabelo dela - disse a enfermeira, com carinho.
- Já viu cabeleira mais bonita?

Era negra, com fios grossos, ondulados e longos. A enfermeira adorava escová-la, observando a formação dos cachos à medida que os soltasse.

Os olhos da paciente, apesar da sua expressão fixa e desanimada, eram de um límpido. No entanto, de vez em quando, um fino fio de prata de saliva escorria pelo canto da boca, criando um círculo escuro no colo da sua camisola branca.

- É incrível que ninguém tenha tentado roubar essas jóias - disse como se falasse para si mesmo. - Ela é tão indefesa.

A enfermeira deu um sorriso superior, de quem sabe.

- Ninguém que tenha trabalhado nesta casa iria tentar fazer isso.

- Mas ela fica sentada sozinha na varanda o dia inteiro. Dá para se ver da rua.

Risos.

- Não se preocupe com isso, doutor. Ninguém por aqui é tolo de passar por aquele

portão. O velho Ronnie corta a grama, mas só porque é o que sempre fez e faz há trinta anos. Mas não se pode dizer que o velho Ronnie regule bem.

- Mesmo assim... - Mas ele se interrompeu. O que ele estava fazendo conversando desse jeito diante da mulher silenciosa, cujos olhos só de vez em quando se mexiam um pouquinho, cujas mãos estavam exatamente onde a enfermeira as havia posto, cujos pés descansavam flácidos no piso nu. Como era fácil a gente se esquecer do próprio eu, se esquecer de respeitar essa criatura trágica. Ninguém sabia o que a mulher compreendia.

- Podia levá-la para tomar sol um dia desses - disse ele. - A pele dela está tão branca.

Ele sabia, porém, que no jardim seria impossível, mesmo que se ficasse afastado das emanções da piscina. A buganvília espinhenta aparecia em moitas por baixo do louro - Cereja. Querubins gordinhos, sujos de limo, espiavam de trás da lantana invasora, como aparições.

No entanto, aqui crianças haviam brincado.

Algum menino ou menina havia escrito a palavra Lasher no grosso tronco da gigantesca extremosa que crescia junto à cerca dos fundos. Os cortes fundos haviam cicatrizado de modo a sobressair num contraste branco com a casca resinosa. Uma palavra estranha, aquela. E um balanço de madeira ainda estava pendurado num galho de um carvalho distante.

Ele se encaminhou até a árvore solitária e se sentou no balanço por um instante, sentiu que as correntes enferrujadas rangiam antes de se mover quando ele forçou o pé contra a grama pisada.

O lado sul da casa parecia imenso e, dessa perspectiva, era de uma beleza irresistível, com as trepadeiras floridas subindo juntas, passando pelas janelas verdes fechadas até as chaminés gêmeas acima do terceiro andar. O bambu escuro matraqueava com a brisa que o fazia arrastar na alvenaria. As lustrosas bananeiras cresciam tão altas e densas que formavam uma selva até o muro de tijolos.

Essa velha casa era como sua paciente - bela, e no entanto esquecida pelo tempo, pela pressa.

Seu rosto talvez ainda pudesse ser bonito se não fosse tão absolutamente desprovido de vida. Será que ela via os delicados cachos roxos da glicínia, trêmulos contra as telas, o emaranhado fervilhante de outras flores? Será que através das árvores ela conseguia ver a casa de colunas brancas do outro lado da rua?

Uma vez ele havia subido ao segundo andar com ela e a enfermeira no elevador graciosamente antiquado, porém forte, com sua porta metálica e seu tapete gasto. Nenhuma alteração no rosto de Deirdre quando o elevador começou a subir. Ele ficou ansioso ao ouvir o ruído das engrenagens.

Ele não conseguia imaginar o motor como algo que não fosse antigo e não estivesse enegrecido, grudento, empoeirado.

E claro que ele havia conversado com o velho médico no sanatório.

- Lembro-me de quando eu tinha sua idade - disse o velho médico. - Eu ia tratar deles todos. Ia argumentar com os paranóicos, trazer de volta à realidade os esquizofrênicos e fazer com que os catatônicos despertassem. Dê-lhe essa injeção todos os dias, meu filho. Não há mais nada a se fazer ali. Nós só nos esforçamos para impedir que ela fique nervosa de vez em quando. Você sabe, a agitação.

Agitação? Era essa a razão para essas drogas poderosas? Mesmo se as injeções

fossem interrompidas amanhã, teria de se passar um mês para que os efeitos desaparecessem. E a dosagem era tão alta que teria sido fatal para outro paciente. Para se chegar a uma dosagem daquelas era preciso ir aumentando aos poucos.

Como alguém podia conhecer o verdadeiro estado da mulher num caso em que a medicação se estendia há tanto tempo? Se ao menos ele pudesse fazer um eletroencefalograma...

Ele estava no caso há um mês quando pediu suas fichas. Era um pedido de rotina. Ninguém percebeu. Ficou sentado a tarde inteira à sua escrivaninha no sanatório lutando com os rabiscos de dezenas de outros médicos, diagnósticos vagos e contraditórios: mania, paranóia, total esgotamento nervoso delírios, surto psicótico, depressão, tentativa de suicídio. Aparentemente tudo remontava à sua adolescência. Não, até mesmo antes. Alguém a havia

examinado para ver se sofria de "demência" aos dez anos de idade.

Quais eram os detalhes específicos por trás dessas abstrações? Em algum ponto na montanha de rabiscos, ele descobriu que ela havia tido uma menina aos dezoito anos, que a havia dado e sofrido "grave paranóia".

Seria por isso que ela havia sido submetida a tratamentos de choque numa ocasião e choques por insulina em outra? O que ela havia feito com as enfermeiras que repetidas vezes abandonavam o emprego por "violência física"?

A certa altura, ela havia "fugido" e depois sido "recolhida á força". Depois, havia páginas faltando, anos a fio sem acompanhamento. "Dano cerebral irreversível" estava anotado em 1976. "Paciente recebeu alta. Thorazine receitado para evitar tremores, mania."

Era um documento feio, que não contava uma história, que não revelava nenhuma verdade. E no final das contas ele o desestimulava. Será que um batalhão de médicos havia conversado com ela como ele estava fazendo agora quando se sentava ao seu lado na varanda lateral?

- O dia está lindo, não é, Deirdre? - Ah, a brisa aqui, tão perfumada. A fragrância das gardênia ficou de repente forte demais, mas ele a adorava assim mesmo. Só por um segundo, ele fechou os olhos.

Será que ela o detestava, que ria dele, será que sequer reconhecia sua presença? Ele agora via alguns fios grisalhos na sua cabeça. Sua mão era fria, desagradável de se tocar.

A enfermeira veio com um envelope azul nas mãos, um instantâneo.

- É da sua filha, Deirdre. Está vendo? Está com vinte e quatro anos agora, Deirdre.

- A enfermeira mostrou a foto também ao médico. Uma moça loura no convés de um grande iate branco, com os cabelos ao vento. Bonita, muito bonita. "Na baía de San Francisco, 1983."

Não houve nenhuma mudança na expressão da paciente. A enfermeira puxou para trás a cabeleira negra. Ela empurrou a foto na direção do médico.

- Está vendo essa moça? Ela também é médica! - Abaixou o queixo com ar de superioridade. - Agora está interna, vai ser doutora igual ao senhor um dia. É o que lhe digo.

Seria possível? A moça nunca havia vindo para casa para cuidar da própria mãe? Sentiu aversão por ela, de repente. Ia ser doutora, pois sim! Há quanto tempo sua paciente não usava um vestido ou um par de sapatos de verdade? Ele sentiu vontade de ligar o rádio para ela. Talvez ela gostasse de música. A enfermeira mantinha a televisão ligada nas novelas a tarde inteira na cozinha dos fundos.

Ele passou a desconfiar das enfermeiras como já desconfiava das tias. A mais alta, que preenchia os cheques para ele, "Miss Carl", ainda advogava apesar de estar já com seus setenta anos. Ela ia para seus escritórios em Carondelet Street e deles voltava de táxi por não conseguir mais subir no degrau de madeira do bonde de St. Charles. Ela lhe disse uma vez quando o encontrou no portão que durante cinquenta anos havia usado o bonde de St. Charles.

- Ah, e - disse a enfermeira numa tarde enquanto escovava o cabelo de Deirdre bem devagar, com muito cuidado. - Miss Carl é a inteligente. Trabalha para o juiz

Fleming. Uma das primeiras mulheres a se formar na Faculdade de Direito de Loyola. Ela estava com dezessete anos quando entrou para Loyola. O pai era o velho juiz McIntyre, e ela sempre teve muito orgulho dele.

Miss Carl nunca se dirigia à paciente, não que o médico tivesse visto. Era a corpulenta "Miss Nancy" que fazia maldades com ela, ao que o médico imaginava.

- Dizem que Miss Nancy não teve muita oportunidade de estudar - disse a enfermeira, em tom de mexerico. - Sempre em casa cuidando dos outros. Também havia aqui Miss Belle, uma velha.

Havia algo de mal-humorado e quase vulgar em "Miss Nancy". Atarracada, descuidada, sempre de avental e no entanto dirigindo-se à enfermeira com aquela voz superior, artificial. Miss Nancy tinha uma leve expressão de desdém na boca sempre que olhava para Deirdre.

Havia ainda Miss Millie, a mais velha de todas, que era de fato alguma prima da família: uma figura clássica que usava a seda negra típica das velhas e os sapatos de cadarço. Ela ia e vinha, nunca sem suas luvas gastas e seu pequeno chapéu preto de palha com véu. Tinha sempre um sorriso simpático para o médico e um beijo para Deirdre.

- Essa é minha pobre queridinha - costumava dizer em voz trêmula.

Uma tarde, ele encontrou por acaso Miss Millie parada nas lajes quebradas ao lado da piscina.

- Não há mais nem por onde começar, doutor - disse ela, com tristeza. Não lhe cabia desafiá-la, e no entanto algo se acelerou dentro dele ao ouvir o reconhecimento dessa tragédia.

- Como Stella adorava nadar aqui - disse a velha. - Foi Stella quem a construiu, Stella, que tinha tantos planos e sonhos. Foi Stella quem mandou instalar o elevador, sabia? É exatamente o tipo de coisa que Stella faria. Stella dava umas festas! Ora, eu me lembro de centenas de pessoas na casa, mesas por todo o gramado e as bandas que tocavam. O senhor é muito novo, doutor, para se lembrar daquela música animada. Stella mandou fazer aquelas cortinas do salão duplo, e agora elas estão velhas demais para serem lavadas.

Foi o que disseram. Que elas se desfariam se tentássemos limpá-las agora. E foi Stella quem mandou assentar esses caminhos de lajes aqui, ao longo da piscina. Está vendo? Iguais as lajes antigas da frente e do lado... - Ela parou de repente, indicando o pátio distante tão sufocado de mato ao final do lado mais comprido da casa. Era como se ela não pudesse dizer mais nada. Lentamente, ergueu os olhos até a janela do sótão lá no alto.

Ele sentiu vontade de perguntar, mas quem é Stella?

- Coitada da minha querida Stella.

Ele imaginou lanternas de papel suspensas das copas das árvores. Talvez elas fossem simplesmente velhas demais, essas mulheres. E a mais nova, a estudante de medicina ou o que quer que fosse, a quatro mil quilômetros de distância...

Miss Nancy perseguia a muda Deirdre. Ela via que a enfermeira estava forçando a doente a andar e vinha gritar no seu ouvido. Levante os pés. Você sabe muito bem que ia conseguir andar sozinha se quisesse.

- Miss Deirdre não tem problema nenhum no ouvido costumava dizer a enfermeira,

interrompendo-a. - O médico diz que ela ouve e vê muito bem.

Uma vez ele tentou interrogar Miss Nancy enquanto ela varria o corredor do andar

superior imaginando que talvez, irritada, ela lançasse alguma luz sobre o assunto.

- Ela nunca apresenta nenhuma mudança? Ela alguma vez chega a falar... uma palavra que seja?

A mulher contraiu os olhos para fitá-lo por algum tempo, com o suor reluzindo no rosto redondo, o nariz de um vermelho forte na altura em que os óculos pesavam.

- Vou lhe dizer o que eu queria saber! - Disse ela. - Quem vai cuidar dela quando não estivermos mais por aqui? O senhor acha que aquela filha mimada lá da Califórnia vai se incomodar? Ela não sabe nem mesmo o nome da mãe. É Ellie Mayfair quem manda aquelas fotos. - Ela riu com desdém. - Ellie Mayfair não põe os pés nesta casa desde o dia em que a menina nasceu e ela veio para levá-la embora. Tudo o que ela queria era o bebê porque não podia ter filhos, e estava apavorada com medo de que o marido a deixasse. Ele é um advogado famoso lá onde mora. Sabia que Carl pagou a Ellie para levar a criança? Para se certificar de que a menina nunca voltasse para casa? Ora, a idéia era simplesmente desaparecer com a criança. Ela fez Ellie assinar um documento. - Ela deu um sorriso amargo, limpando as mãos no avental. - Mandaram-na para a Califórnia com Ellie e Graham para morar numa casa maravilhosa na baía de San Francisco, com um grande barco e tudo o mais, foi isso o que aconteceu com a filha de Deirdre.

Ah, quer dizer que a filha não sabia da história, pensou sem dizer nada.

- Carl e Nancy que fiquem aqui para cuidar de tudo! - Prosseguiu a mulher. - Essa

é a ladainha da família. Carl faz os cheques, e Nancy cozinha e limpa. E o que é que Millie faz? Millie só vai à igreja e ora por todas nós. Não é fantástico? Tia Millie é mais inútil do que tia Belle chegou a ser. Vou lhe dizer o que tia Millie faz bem. Cortar flores. Tia Millie corta as rosas de vez em quando, aquelas rosas que estão lá fora abandonadas.

Ela deu um riso rouco, feio, e passou por ele para entrar no quarto da doente, segurando a vassoura pelo cabo sebento.

- Sabia que não se pode pedir a uma enfermeira que varra o chão? Não, a isso elas não se rebaixariam. Poderia me dizer por que uma enfermeira não pode varrer o quarto?

O quarto estava bem limpo. Parecia ser o quarto principal da casa, um aposento amplo, arejado, voltado para o norte. Havia cinzas na lareira de mármore. E a cama em que dormia sua paciente! Uma daquelas camas imensas feitas no final do século passado, com um imponente dossel de noqueira e seda com borlas.

Agradava ao médico o cheiro de cera e de roupa de cama limpa. No entanto, o quarto estava cheio de horríveis artefatos religiosos. Sobre a cômoda de mármore, havia uma estátua da Virgem, com o coração vermelho exposto no peito, lúgubre e repulsivo. Havia um crucifixo ao seu lado, com um corpo contorcido de Cristo em cores naturais até mesmo nos detalhes do sangue escuro que escorria dos cravos nas mãos. Velas ardiam em copos vermelhos, ao lado de um pouco de folhas murchas de palmeira.

- Ela percebe esses objetos religiosos? - perguntou o médico.

- Claro que não - disse Miss Nancy. Subiam emanções de cânfora das gavetas da cômoda enquanto ela as arrumava. - Grande coisa eles ajudam debaixo deste teto!

Havia rosários pendurados nos abajures de latão trabalhado, mesmo nas cúpulas de cetim desbotado. E a impressão era a de que nada havia sido alterado aqui há décadas. As cortinas de renda amarela estavam duras e puídas em alguns lugares. Ao receber o sol, elas pareciam retê-lo, lançando sua própria luz queimada e sombria.

Havia um porta - jóias na superfície de mármore da mesa-de-cabeceira. Aberto. Como se o seu conteúdo não fosse de valor inestimável, que realmente era. Até mesmo o médico, com seus poucos conhecimentos do assunto, sabia que aquelas jóias eram verdadeiras.

Ao lado do porta - jóias, a fotografia da filha loura e bonita. E abaixo dela, uma outra muito mais velha e desbotada da mesma menina, pequena mas já naquela época bem bonita. Alguns rabiscos na parte de baixo. Ele só conseguiu decifrar "Pacific Heights School, 1966".

Quando ele tocou na capa de veludo do porta jóias, Miss Nancy se voltou e praticamente gritou com ele.

- Não toque nisso, doutor!

- Meu Deus, não está pensando que eu seja um ladrão.

- O senhor desconhece muitas coisas acerca desta casa e da sua paciente. Por que acha que as venezianas estão todas quebradas, doutor? Quase caindo das dobradiças? Por que acha que o reboco está se soltando dos tijolos? - Ela

abanou a cabeça, balançando a carne macia das bochechas, com a boca sem cor, crispada. - Basta deixar que alguém tente consertar as venezianas. Basta deixar que alguém suba numa escada e tente pintar a casa.

- Não estou compreendendo - disse o médico.

- Nunca toque nas jóias dela, doutor. É o que lhe digo. Nunca toque em nada por aqui que não tenha necessidade de tocar. Aquela piscina lá fora, por exemplo. Toda sufocada de folhas e imundície como está, mas os velhos chafarizes ainda jogam água nela, já pensou nisso? Basta que se tente desligar as torneiras, doutor!

- Mas quem...?

- Doutor, deixe as jóias dela em paz. Ouça meu conselho.

- Será que uma modificação nas coisas faria com que ela falasse? Ousou ele perguntar, impaciente com tudo isso e por não ter medo dessa como tinha de Miss Carl.

- Não, isso não ia fazer com que ela fizesse nada - respondeu Nane com um sorriso irônico. Ela fechou a gaveta com violência. Contas de rosas tilintaram de encontro a uma pequena estátua de Jesus. - Agora, se o senhor me der licença, preciso ir limpar o banheiro, também.

Ele olhou para o Jesus barbado, com o dedo indicando a cruz de espinhos em volta do coração.

Talvez elas todas fossem loucas. Talvez ele também enlouquecesse não saísse daquela casa.

Certo dia, quando ele estava sozinho na sala de jantar, viu outra vez aquela palavra - Lasher - escrita na poeira

acumulada sobre a mesa. Parecia ter sido escrita com a ponta do dedo. Um enorme L maiúsculo caprichado. Agora, o que aquilo significava? Quando ele chegou na tarde seguinte, o lugar estava limpo. Na verdade, a única vez em que ele havia visto a poeira ser perturbada ali, onde o serviço de chá de prata sobre o aparador estava todo manchado de preto. Os murais nas paredes estavam desbotados. Mesmo assim, se os examinasse com atenção, ele conseguia ver uma cena de plantação colonial, é, a mesma casa que aparecia no quadro no saguão.

Só depois de examinar o candelabro por muito tempo, percebeu que ele nunca havia sido adaptado para a luz elétrica. Ainda havia cera nos castiçais. Ah, que tristeza naquilo tudo.

A noite, em seu apartamento moderno com vista para o lago, ele não conseguia deixar de pensar na sua paciente. Ele se perguntava se os olhos de ficavam abertos quando deitada na cama.

- Talvez eu tenha uma obrigação... - Mas que tipo de obrigação? Seu médico era um psiquiatra de renome. Não seria conveniente questionar seu parecer. Não seria conveniente tentar nenhuma bobagem, como a de levá-la para um passeio no campo ou levar um rádio para a varanda. Ou ainda parar com os sedativos para ver o que aconteceria.

Ou mesmo pegar o telefone e ligar para aquela filha, a interna. Fizera Ellie assinar um documento. Vinte e quatro anos era idade suficiente para saber algumas coisas a respeito da própria mãe.

E sem dúvida o bom senso marcava uma pausa na medicação de Deirdre, de vez em quando. E o que dizer de

uma reavaliação total? Ele pelo menos tinha de fazer essa sugestão.

- Você lhe aplique as injeções - disse o velho médico. - Faça-lhe uma visita de uma hora por dia. E isso o que se espera de você. - Uma ligeira frieza dessa vez. Velho idiota!

Não era de se estranhar que ele se alegrasse tanto da primeira vez que viu o homem fazendo-lhe uma visita. Era o início de setembro, e ainda fazia calor. Quando entrou pelo portão, viu o homem na varanda telada ao lado dela, obviamente conversando com ela, com o braço pousado no espaldar da cadeira.

Um homem alto, de cabelos castanhos, bem esguio.

O médico viu-se acometido de um estranho sentimento de posse. Um homem que ele não conhecia, com sua paciente. No entanto, estava no fundo ansioso para conhecê-lo. Talvez o homem lhe explicasse algo que as mulheres não se dispunham a explicar. E ele era sem dúvida um bom amigo. Havia uma certa intimidade no seu jeito de ficar tão perto, no seu jeito de se inclinar na direção da silenciosa Deirdre.

Quando o médico saiu de casa para a varanda, porém, não havia mais nenhuma visita ali. E ele não encontrou ninguém nos cômodos da frente.

- Sabe, vi um homem aqui há pouco - disse ele à enfermeira quando ela entrou. - Ele estava conversando com Miss Deirdre.

- Eu não o vi - disse a enfermeira, despreocupada.

Miss Nancy, que estava descascando ervilhas na cozinha quando ele a encontrou,

fitou-o por algum tempo e depois abanou a cabeça com o queixo firme.

- Não ouvi ninguém entrar.

Bem, isso não era um absurdo?! Mas ele tinha de admitir que só o havia visto por

um instante, um vislumbre através da tela. Não, mas ele havia visto o homem mesmo.

- Se ao menos você pudesse falar comigo - disse ele a Deirdre, quando estavam a sós. Ele estava preparando a injeção. - Se você ao menos pudesse me dizer se quer visitas, se isso faz diferença... - O braço dela era tão fino. Quando se voltou para ela, com a agulha pronta, ela estava olhando fixamente para ele!

- Deirdre?

Seu coração batia forte.

Os olhos rolaram para a esquerda, e ela voltou a olhar para a frente, apática e muda como antes. E o calor, que o médico havia aprendido a apreciar, de repente lhe pareceu sufocante. Na realidade, ele sentia a cabeça leve como se estivesse prestes a desmaiar. Lá fora, do outro lado da tela empoeirada e encardida, o gramado pareceu se mexer. Ora, ele nunca havia desmaiado na vida e enquanto pensava nisso, enquanto tentava pensar nisso, percebeu que estivera conversando com o homem, é, o homem estava ali, não, não estava ali agora, mas acabava de sair.

Os dois estavam no meio de uma conversa, e agora ele havia perdido o fio da meada, ou não, não era bem isso, o fato é que de repente ele não conseguiu mais se lembrar de quanto tempo estiveram conversando, e era tão estranho

ter estado conversando todo esse tempo juntos e não lembrar de como tudo havia começado!

De súbito ele estava tentando desanuviar a cabeça e olhar melhor para o homem, mas o que o outro acabara de dizer? Era tudo muito confuso porque não havia ninguém ali com quem estivesse falando, ninguém a não ser ela, mas era verdade, ele acabara de concordar com o homem de cabelos castanhos.

- É claro, parar as injeções... - E a absoluta integridade da sua posição não admitia dúvidas, o velho médico ("Um idiota mesmo!" segundo o homem de cabelos castanhos) teria de lhe dar ouvidos!

Tudo isso era medonho, e ainda a filha na Califórnia...

Ele se sacudiu. Ergueu-se na varanda. O que havia acontecido? Havia adormecido na cadeira de vime. Estivera sonhando. O murmúrio das abelhas soou alto e perturbador aos seus ouvidos, e a fragrância das gardênia pareceu drogá-lo instantaneamente. Ele olhou por cima da grade para o pátio à sua esquerda. Alguma coisa havia se mexido ali?

Só os ramos das árvores mais além quando a brisa soprava entre eles. Ele havia visto isso milhares de vezes em Nova Orleans, essa dança graciosa, como se uma árvore liberasse a brisa para a seguinte. Um calor tão agradável e envolvente. Pare com as injeções! Ela acordará. Lenta e desajeitada, uma enorme borboleta subia pela tela diante dele. Asas maravilhosas. Aos poucos, porém, ele passou a focalizar seu corpo, pequeno, lustroso e negro. Ela deixou de ser uma borboleta e se tornou um inseto - repulsivo!

- Preciso ir para casa - disse ele em voz alta para ninguém. - Não estou me sentindo muito bem. Acho que

devo me deitar.

O nome do homem. Qual era? Há um instante ele sabia, um nome tão notável - ah, então era isso o que a palavra significava, você é - Na verdade, muito linda... Mas espere. Estava acontecendo de novo. Ele não permitiria isso!

- Miss Nancy! - Ele se levantou da cadeira.

Sua paciente continuava olhando para a frente, inabalável, com o pesado pingente de esmeralda reluzindo em contraste com a camisola. O mundo inteiro se enchia de luz verde, com folhas trêmulas, e o leve borrão das buganvílias.

- É... o calor - murmurou. - Será que eu lhe dei a injeção?
- Meu Deus. Ele havia deixado cair a seringa, que se quebrara.

- O doutor me chamou? - perguntou Miss Nancy. Lá estava ela à porta do salão, com os olhos fixos nele, enxugando as mãos no avental. A mulher de cor também estava ali, e a enfermeira atrás dela.

- Nada, só o calor - respondeu ele, baixinho. Deixei cair a seringa. Mas é claro que

tenho outra.

Como olhavam para ele, como o examinavam. Estão pensando que fiquei louco também?

Foi na tarde da sexta -feira seguinte que viu o homem outra vez. O médico estava atrasado. Havia tido uma emergência no sanatório. Vinha apressado pela First Street no crepúsculo precoce de outono. Ele não queria atrapalhar

o jantar da família. Estava correndo no momento em que chegou ao portão.

O homem estava parado nas sombras do pórtico. Observava o médico, com os braços cruzados, o ombro encostado numa coluna, os olhos escuros e bem grandes, como se estivesse imerso em contemplação. Alto, esguio, roupas de corte perfeito.

- Ah, cá está você - disse baixinho o médico. Uma onda de alívio. Ele estendeu a mão quando subiu a escada. - Meu nome é Dr Petrie. Prazer em conhecê-lo.

E como descrever aquilo? Simplesmente não havia homem nenhum ali.

- Ora, eu sei que isso aconteceu! - disse ele a Miss Carl na cozinha. - Eu o vi no

pórtico e ele desapareceu bem na minha frente.

- Bem, de que nos interessa o que o senhor viu, doutor? - disse a mulher. Jeito estranho de falar. E era tão durona, essa senhora. Nada de frágil na sua velhice. Muito empertigada no seu costume de gabardine azul - escuro, faiscando os olhos para ele através dos óculos de armação de metal, a boca murcha no formato de uma linha fina.

- Miss Carl, vi esse homem com minha paciente. Ora, a paciente, como todos sabemos, é uma mulher indefesa. Se uma pessoa não identificada entra na residência e sai dela...

As palavras, no entanto, não tinham importância. Ou a mulher não acreditava nele, ou não estava ligando. E Miss Nancy, à mesa da cozinha, nem erguia os olhos do prato enquanto raspava a comida ruidosamente com o garfo. Já a expressão de Miss Millie, ah, era outra história. A velha Miss

Millie demonstrava claramente sua perturbação, com os olhos passando rápido de Miss Carl para o médico e de volta a ela.

Que família.

Ele estava irritado quando entrou no pequeno elevador empoeirado e apertou o botão preto na chapa de latão. As cortinas de veludo estavam fechadas, e o quarto, quase escuro, com as velinhas tremeluzindo nos copinhos vermelhos. A sombra da Virgem crescia sobre a parede. Ele não conseguiu encontrar o interruptor de imediato. E quando o encontrou, acendeu-se apenas uma única lâmpada minúscula no abajur ao lado da cama. O porta - jóias estava bem ao lado. Que coisa extraordinária. Quando viu a mulher deitada, com os olhos abertos, sentiu um aperto na garganta. Sua cabeleira negra estava espalhada sobre a fronha manchada. Havia no seu rosto um rubor estranho.

Teriam os seus lábios se movido?

- Lasher...

Um sussurro. O que ela havia dito? Ora, ela havia dito Lasher, certo? O nome que o médico havia visto no tronco da árvore e na poeira sobre a mesa de jantar. E ele já ouvira esse nome pronunciado em algum outro lugar...

É por isso que sabia ser um nome. Ouvir essa paciente catatônica falar dava-lhe arrepios nas costas e no pescoço. Mas não, ele devia estar imaginando isso. Era exatamente o que ele tanto queria que acontecesse, a mudança milagrosa na paciente. Ela continuava deitada em seu transe como sempre. Thorazine em quantidade suficiente para matar uma outra pessoa...

Ele pousou a maleta no lado da cama. Encheu com cuidado a seringa, pensando, como havia pensado algumas vezes antes, e se você simplesmente não a enchesse, se só reduzisse à metade, a um quarto ou a nada e ficasse sentado ao seu lado observando, e se... Viu-se de repente pegando-a no colo e a levando para fora da casa. Viu-se levando-a para um passeio no campo.

Os dois caminhavam de mãos dadas pelo capim até chegarem à barragem no rio. Ali ela sorria, com o cabelo voando ao vento... Que bobagem. Já eram seis e meia, e a injeção estava muito atrasada. A seringa estava pronta.

De repente algo o empurrou. Disso ele tinha certeza, embora não soubesse dizer onde sofreu o empurrão. Simplesmente caiu, com as pernas dobradas, e a seringa voou longe.

Quando se recuperou, estava de joelhos na penumbra, olhando os cotões de poeira acumulada no piso nu debaixo da cama.

- Que merda... - disse ele em voz alta antes de se refrear. Não conseguia encontrar a agulha hipodérmica. Foi então que a viu, a metros de distância, depois do guarda-roupa. Estava quebrada, estilhaçada, como se alguém tivesse pisado nela. Todo o líquido havia escorrido da embalagem plástica esmagada para as tábuas do assoalho.

- Ora, espere aí! - disse ele, sussurrando. Ele a apanhou e ficou segurando o objeto destruído nas mãos. É claro que ele tinha outras seringas, mas essa era a segunda vez que esse tipo de coisa... E ele se encontrou novamente ao lado da cama, contemplando a paciente imóvel, pensando exatamente de que modo ela poderia ter feito aquilo, quer dizer, pelo amor de Deus o que está acontecendo?

Sentiu um calor repentino e intenso. Algo se mexeu no quarto, um levíssimo ruído. Só as contas do rosário enrolado no abajur de latão. Procurou enxugar a testa. Foi quando percebeu, bem devagar, mesmo contemplando Deirdre, que havia uma figura parada do outro lado da cama. Viu os trajes escuros, um colete, um paletó com botões escuros. Ergueu então os olhos e viu que era o homem.

Num átimo, sua descrença transformou-se em terror. Não havia agora nenhuma sensação de desnorteamento, nenhuma fantasia de sonho. O homem estava ali, olhando para ele. Doces olhos castanhos fixos nele.

E de repente não estava mais lá. O quarto esfriou. Uma brisa inflou as cortinas. O médico flagrou-se gritando. Não, berrando histericamente, para ser bem franco. As dez horas daquela noite, ele estava fora do caso. O velho psiquiatra veio até seu longínquo apartamento de frente para o lago para lhe falar pessoalmente. Os dois desceram até o lago juntos e caminharam pelas margens concretadas.

- Essas velhas famílias, não se pode discutir com elas. E não se pode querer contrariar Carlotta Mayfair. Ela conhece todo mundo. Você ficaria espantado se soubesse quantas pessoas devem algum favor ou outro a ela ou ao juiz Fleming. E essa gente tem imóveis espalhados pela cidade inteira, se você ao menos...

- Estou lhe dizendo que vi alguma coisa! - O médico flagrou-se dizendo.

O velho psiquiatra, porém, não lhe dava ouvidos. Havia uma suspeita quase aparente nos seus olhos enquanto ele avaliava o jovem médico, apesar de seu tom agradável de voz nunca se alterar.

- Essas velhas famílias. - O médico não deveria jamais voltar àquela casa. O médico não disse mais nada. A verdade é que ele se sentia meio bobo. Não era homem de acreditar em aparições! E não conseguia chegar a costurar uma argumentação inteligente acerca da paciente em si, sua condição, a necessidade óbvia de uma avaliação periódica. Não, sua confiança estava totalmente abalada.

No entanto, ele sabia que havia visto a figura. Três vezes. E não conseguia se esquecer daquela tarde da conversa nebulosa, imaginada. O homem também estivera ali naquela ocasião, só que imaterializado. E ele sabia o nome do homem... é... era Lasher!

Porém, se até ele próprio descartava aquela conversa onírica, atribuindo-a ao silêncio do local, ao calor infernal e à sugestão de uma palavra entalhada num tronco de árvore, as outras vezes não podiam ser ignoradas. Ele havia visto um ser humano, sólido, ali. Ninguém conseguiria jamais fazê-lo desmentir isso.

A medida que as semanas foram passando e que o médico não conseguiu se distrair o suficiente com o trabalho no sanatório, ele começou a escrever sobre a experiência, descrevendo-a detalhadamente. O cabelo castanho do homem era levemente ondulado. Os olhos, grandes. A pele, clara como a da pobre doente. O homem era jovem, talvez não tivesse mais de vinte e cinco anos. Ele não apresentava nenhuma expressão discernível. O médico conseguia se lembrar até das mãos dele. Nada de diferente com elas, só mãos bonitas. Ocorreu-lhe que o homem, embora magro, era bem proporcionado. Somente as roupas pareciam estranhas: nada a ver com seu estilo, que era bastante comum. Era a textura do tecido. Incrivelmente liso, como o rosto do homem. Como se a figura inteira - roupas, carne, rosto - fosse feita do mesmo

material. Um dia, o médico acordou com uma idéia estranhamente nítida: o homem misterioso não queria que ela tomasse aqueles sedativos! Ele sabia que a medicação lhe fazia mal. E é claro que a mulher estava indefesa. Ela não tinha como defender seus próprios interesses. O espectro a protegia!

Mas, em nome de Deus, quem irá jamais acreditar em tudo isso? Pensou o médico e desejou estar em casa, no Maine, trabalhando na clínica do pai, não nesta cidade estranha e úmida. Seu pai compreenderia. Mas, na verdade, não. Seu pai só ficaria preocupado.

Ele tentou "manter-se ocupado". A verdade, porém, era que o sanatório era um local entediante. Havia pouco a fazer. O velho psiquiatra deu-lhe mais alguns casos, mas eles não ofereciam desafio. Era, entretanto, essencial que o médico continuasse trabalhando, que ele apagasse toda suspeita da mente do velho psiquiatra.

Quando o outono foi se transformando em inverno, o médico passou a sonhar com Deirdre. Nos sonhos, ele a via curada, revigorada, caminhando rápido por uma rua da cidade, com os cabelos soltos ao vento. De vez em quando, ao acordar de um sonho desses, ele se flagrava imaginando se a pobre não estaria morta. Isso era o mais provável de acontecer.

Quando a primavera chegou, e o médico completou um ano de permanência na cidade, ele concluiu que precisava ver a casa novamente. Pegou o bonde de St. Charles até Jackson Avenue e foi andando a partir dali como sempre fizera no passado.

Tudo estava exatamente igual, a buganvília espinhenta em plena floração sobre as varandas, o jardim descuidado

repleto de minúsculas borboletas brancas, a lantana com suas pequenas flores cor de laranja, saindo pela grade de ferro.

E Deirdre, sentada na cadeira de balanço na varanda lateral, atrás do véu de telas

enferrujadas. O médico sentiu uma angústia opressiva. Ele talvez estivesse mais perturbado do que jamais havia estado na sua vida. Alguém tem de fazer alguma coisa por aquela mulher.

Depois disso ele vagueou a esmo, acabando por chegar a uma rua suja e movimentada. Uma taberna esmazelada chamou sua atenção. Ele entrou nela, grato pelo ar condicionado enregelante e o relativo silêncio no qual alguns velhos conversavam em voz baixa ao longo do bar. Ele levou seu copo até a última mesa de madeira, nos fundos.

O estado de saúde de Deirdre Mayfair o torturava. E o mistério da aparição só piorava as coisas. Ele pensou naquela filha lá na Califórnia. Ousaria ligar para ela? Uma conversa entre médicos... Mas ele nem sabia o seu nome.

- Além do mais, você não tem o direito de se intrometer - disse ele, baixinho. Bebeu um gole da cerveja, saboreando sua temperatura gelada. - Lasher - sussurrou. E falando de nomes, que tipo de nome era Lasher?

A jovem interna na Califórnia ia achar que ele era louco! Tomou mais um grande gole da cerveja.

Pareceu-lhe de repente que estava ficando quente no bar. Era como se alguém tivesse aberto a porta para um vento do deserto. Mesmo os velhos que conversavam enquanto bebiam cerveja pareceram perceber a mudança.

O médico viu um deles enxugar o rosto com um lenço sujo, e voltar a discutir como antes.

Então, no instante em que o médico ergueu seu copo, viu bem à sua frente o homem misterioso sentado à mesa próxima à porta da rua. O mesmo rosto de cera, os olhos castanhos. As mesmas roupas indefiníveis com aquela textura estranha, tão lisas que brilhava m levemente à luz mortíça.

Apesar de os homens por perto prosseguirem sua conversa, o médico sentiu o pavor extremo que havia conhecido na penumbra do quarto de Deirdre Mayfair. O homem estava sentado, totalmente imóvel, a contemplá-lo. Nem seis metros o separavam do médico. E a luz do dia que entrava pelas janelas da frente do bar caía nítida no ombro do homem, iluminando um lado do seu rosto.

Estava ali de verdade. A boca do médico começou a se encher de água. Ele ia passar mal. Ia desmaiar. Num lugar desses, iam pensar que estava embriagado. Só Deus sabe o que aconteceria... Ele lutou para firmar a mão no copo. Esforçou-se para não entrar em pânico total, como havia ocorrido no quarto de Deirdre.

Então, sem qualquer aviso, o homem pareceu bruxulear como se fosse uma imagem projetada para depois desaparecer diante dos olhos do médico. Uma brisa fria soprou pelo bar afora.

O barman voltou-se para impedir que o vento levasse um guardanapo encardido. Em algum lugar, uma porta bateu. E a conversa pareceu ficar mais alta. O médico sentiu a cabeça latejar um pouco.

- ...Estou enlouquecendo! - disse baixinho.

Não havia poder na face da terra que pudesse tê-lo convencido a passar outra vez

pela casa de Deirdre Mayfair. Na noite seguinte, porém, quando voltava de carro para sua casa junto ao lago, viu o homem novamente, parado sob um poste perto dos cemitérios no Canal Boulevard, banhado pela luz amarela em contraste com o branco de giz do muro

do cemitério.

Foi apenas um vislumbre, mas ele sabia que não estava enganado. Começou a tremer com violência. Por um instante, ele teve a impressão de não saber operar os controles do carro; e depois, seguiu dirigindo de uma forma irresponsável, idiota, como se o homem o estivesse perseguindo. Ele só se sentiu seguro quando fechou a porta do apartamento.

Na sexta-feira seguinte, ele viu o homem em plena luz do dia, parado imóvel na grama em Jackson Square. Uma mulher que passava voltou-se para olhar a figura de cabelos castanhos. É, ele estava ali, como havia estado antes! O médico saiu correndo pelas ruas do French Quarter. Ao encontrar um táxi diante de um hotel, ele disse ao motorista que o tirasse dali, que só levasse para qualquer lugar, ele não se importava para onde.

A medida que os dias foram passando, o médico deixou de sentir medo para sentir

pavor. Não conseguia nem comer nem dormir. Não conseguia se concentrar em nada. Movimentava-se perpetuamente em total desalento. Olhava para o velho psiquiatra com uma raiva muda sempre que por acaso se cruzavam. Em nome de Deus, como conseguiria transmitir a essa monstruosidade que ele não se aproximaria mais da

pobre coitada na cadeira de balanço? Dele ela nunca mais receberia injeções, medicamentos. Eu não sou mais seu inimigo, será que você não entende!

Procurar a ajuda ou a compreensão de outra pessoa seria colocar em risco sua reputação, até mesmo sua carreira futura. Um psiquiatra enlouquecendo como seus pacientes. Ele estava desesperado. Precisava escapar dessa coisa. Quem sabe quando a assombração lhe apareceria novamente? E se ele conseguisse entrar no seu próprio apartamento!

Afinal, na manhã de segunda-feira, com os nervos em frangalhos e as mãos tremulas, ele se encontrou no consultório do velho psiquiatra. Ainda não havia resolvido o que iria dizer, só que não conseguia mais agüentar tensão. E logo se descobriu matraqueando sobre o calor tropical, as dores de cabeça e as noites de insônia, a necessidade de que seu pedido de demissão fosse prontamente aceito.

Saiu de Nova Orleans naquela mesma tarde.

Só quando estava seguro no consultório do pai, em Portland, Maine afinal revelou a história por inteiro.

- Nunca havia nada de ameaçador no rosto - explicou. - Pelo contrário era estranha sua falta de expressão. Era um rosto tão afável quanto o de Jesus Cristo no quadro na parede do quarto da paciente. Só me olhava fixamente. Mas não queria que eu lhe aplicasse a injeção! Ele queria me apavorar.

O pai era um homem paciente. Não respondeu de imediato. Depois lentamente, começou a falar nas coisas estranhas que havia testemunhado ao longo dos anos de trabalho em hospitais psiquiátricos: médicos aparentemente contaminados pelas neuroses e psicoses dos pacientes. Um

dia ele havia visto um médico cair em catatonia no meio dos pacientes catatônicos

- Larry, o importante é que você descanse - disse o pai. - Que você deixe que os efeitos de tudo isso passem. E que você não conte essa história a mais ninguém. Anos se passaram. O trabalho do médico no Maine havia dado bons resultados. Aos poucos, ele havia formado uma sólida clientela particular, independente do seu pai.

Quanto ao espectro, ele o havia deixado para trás em Nova Orleans, junto com a recordação de Deirdre Mayfair, sentada eternamente naquela cadeira. Permanecia, no entanto, nele um resquício de medo de que em algum lugar ou outro ele visse a assombração novamente. Havia uma ponta de medo de que, se uma coisa dessas aconteceu uma vez, poderia voltar a acontecer por motivos completamente diferentes. O médico havia passado por um horror verdadeiro naquela época úmida e sombria em Nova Orleans, e sua visão do mundo nunca mais foi a mesma.

Agora, parado junto à janela na penumbra do quarto de hotel em Nova York, ele percebia que aquela história toda o dominava novamente. E, como havia feito milhares de vezes antes, ele analisou o estranho caso, à procura de seu significado mais profundo.

Estaria o fantasma realmente o perseguindo em Nova Orleans, ou será que o médico havia interpretado mal o espectro silencioso?

Talvez o homem não estivesse absolutamente procurando assustá-lo.

Talvez estivesse de fato implorando para que ele não se esquecesse da mulher! Talvez ele fosse, de certa forma, uma projeção dos pensamentos desesperados da própria

mulher, uma imagem enviada ao médico por uma mente que não conhecia nenhum outro meio de comunicação.

Ah, não havia nenhum consolo nessa idéia. Era horrível demais imaginar que a mulher desamparada pedisse sua ajuda através de um emissário espectral que, por motivos que jamais seriam conhecidos, não conseguia falar, mas só fazer breves aparições.

Quem, porém, poderia interpretar esses estranhos elementos? Quem ousaria dizer que o médico tinha razão? Aaron Lightner, o inglês, o colecionador de histórias de fantasmas, que lhe havia dado um cartão com a palavra Talamasca? Ele havia dito que queria ajudar o afogado da Califórnia.

- Talvez ele não saiba que isso aconteceu com outros. Talvez seja necessário que eu lhe diga que outros também voltaram do limiar da morte com esse tipo de dom. É, isso seria útil, não seria? Saber que outros haviam visto fantasmas também?

No entanto, essa não era a parte pior, a de ver a assombração. Algo pior do que o medo o havia levado de volta à varanda zelada e à figura lívida da mulher na cadeira de balanço. Era a culpa, uma culpa que ele carregaria por toda a vida, a de não ter se esforçado mais para ajudá-la, a de nunca ter ligado para a filha na costa oeste.

A luz da manhã começava a surgir sobre a cidade. Ele observou a mudança no céu, a iluminação sutil das paredes sujas do outro lado da rua. Foi, então, ao armário e tirou o cartão do inglês do bolso do casaco.

O Talamasca

Nós Observamos

E estamos sempre presentes.

Ele tirou o telefone do gancho.

O relato demorou uma hora, o que o surpreendeu, mas todos aqueles detalhes haviam voltado em completa desordem. Ele não se havia incomodado com o pequeno gravador, com seu olhinho vermelho piscando. Afinal, não havia usado nomes, nem números de casas, nem mesmo datas. Mencionara Nova Orleans, uma casa antiga. E não parava de falar. Percebeu que nem havia tocado no café da manhã, a não ser para esvaziar a xícara inúmeras vezes.

Lightner revelou-se um ouvinte excelente, respondendo delicadamente sem nunca interrompê-lo. O médico, no entanto, não se sentia melhor. Ele se sentia um tolo quando tudo terminou. Enquanto observava Lightner recolher o gravador e colocá-lo na valise, o médico sentiu vontade de pedir a fita. Foi Lightner quem rompeu o silêncio ao pôr algumas notas sobre a conta.

- Há algo que eu preciso lhe explicar - disse ele. - Creio que irá tranquilizá-lo.

O que poderia realizar esse feito?

- Você se lembra de eu ter dito que coletava histórias de fantasmas?

- Lembro.

- Pois é, eu conheço essa velha casa em Nova Orleans. Eu já a vi. E registrei outras histórias de pessoas que viram o homem que você descreveu.

O médico estava perplexo. As palavras haviam sido ditas com total convicção. Na realidade, elas haviam sido pronunciadas com tanta autoridade e segurança que o médico acreditou piamente nelas. Ele examinou Lightner meticulosamente pela primeira vez. Era mais velho do que parecia á primeira vista. Talvez tivesse uns sessenta e cinco, até mesmo setenta anos.

O médico descobriu estar mais uma vez seduzido pela expressão de Lightner, tão afável e franca a ponto de despertar uma retribuição de confiança.

- Outros - cochichou o médico. - Tem certeza disso?

- Ouvi outros relatos, alguns muito semelhantes ao seu. E estou lhe dizendo isso para que você compreenda que não foi sua imaginação. E para que a história não continue a atormentar sua mente. Por sinal, você não teria podido ajudar Deirdre Mayfair. Carlotta Mayfair não teria permitido. Você deve simplesmente tirar da cabeça todo o incidente. Nunca mais volte a se preocupar com isso.

Por um instante, o médico sentiu alívio, como se ele estivesse num confessionário na igreja católica e o padre tivesse dito que o absolvía. Foi então que recebeu o impacto do verdadeiro significado das revelações de Lightner.

- Você conhece aquela gente! - disse ele, baixinho. Sentiu a cor subindo ao rosto. A mulher havia sido sua paciente. De súbito ele estava totalmente confuso.

- Não. Eu sei que existem - respondeu Lightner. - E vou manter seu relato estritamente confidencial. Por favor, tranquilize-se. Lembre-se, não usamos nenhum nome na gravação. Não chegamos a usar nem o seu nem o meu nome.

- Mesmo assim, tenho de lhe pedir a devolução da fita - disse o médico, alvoroçado. - Quebrei o sigilo. Não fazia a menor idéia de que você conhecesse os nomes.

Lightner apanhou imediatamente a pequena fita cassete e a colocou nas mãos do médico. O homem parecia totalmente imperturbável.

- É claro que pode ficar com ela - disse ele. - Eu compreendo.

O médico agradeceu, com a confusão se intensificando. No entanto, o alívio não havia desaparecido de todo. Outros haviam visto a criatura. Esse homem a conhecia. Não estava mentindo. O médico não havia perdido a razão por um instante sequer. Uma leve amargura surgiu nele: uma amargura para com seus superiores em Nova Orleans, para com Carlotta Mayfair, para com aquela horrenda Miss Nancy...

- O importante é que você não se preocupe mais com isso - disse Lightner.

- É - respondeu o médico. - Foi horrível, tudo aquilo. A mulher, os medicamentos. Não, nem pense... Ele se calou, com os olhos fixos na fita cassete e depois na xícara vazia de café.

- A mulher, ela ainda...

- Na mesma. Estive lá no ano passado. Miss Nancy, a que você detestava tanto, morreu. Miss Millie foi-se também, já há algum tempo. E de vez em quando tenho notícias de gente da cidade, e o que dizem é que Deirdre não mudou em nada.

- É - disse o médico, com um suspiro. - Você de fato tem conhecimento delas... sabe todos os nomes.

- Então, por favor, acredite quando lhe digo que outros viram a mesma aparição. Você não estava louco, nem um pouco. E não deve ter preocupações tolas com essas coisas.

Aos poucos, o médico examinou Lightner novamente. O homem estava fechando a valise. Verificou a passagem aérea, pareceu considerá-la correta e a enfiou no bolso do casaco.

- Permita que eu lhe diga mais uma coisa - disse Lightner - antes de ir para o aeroporto. Não conte essa história a mais ninguém. Não vão acreditar no que disser. Só quem viu essas coisas acredita nelas. É trágico, mas invariavelmente é verdade.

- É, eu sei disso - concordou o médico. Havia tantas coisas que queria perguntar, mas não podia. - Você...? - parou no meio da pergunta.

- É, eu o vi - disse Lightner. - Foi mesmo assustador. Igual à sua descrição. - Ele se levantou para ir embora.

- O que ele é? Um espírito? Um fantasma?

- Não sei no fundo o que ele é. Todos os relatos são muito parecidos. As coisas não mudam por lá. Persistem ano após ano. Mas preciso ir e mais uma vez lhe agradeço. Se algum dia quiser falar comigo novamente, sabe onde me encontrar. Você tem o meu cartão. - Lightner estendeu a mão. - Adeus.

- Espere. A filha, o que lhe aconteceu? A que era interna na costa oeste?

- Ah, sim, agora é uma cirurgiaã - disse Lightner, olhando de relance para o relógio. - Acho que é neurocirurgiã. Acabou de passar nos exames. Para registro no conselho de medicina, é assim que se chama? Mas eu também não a conheço, sabe? Só tenho notícias dela de quando em quando. Apenas uma vez nossos caminhos se cruzaram. - Ele se calou e deu um sorriso rápido quase formal. - Adeus, doutor, e mais uma vez obrigado.

O médico ficou ali sentado, refletindo, por muito tempo. Ele realmente se sentia melhor, infinitamente melhor. Não havia como negar isso. Não se arrependia de ter feito o relato. Na verdade, todo o encontro pareceu ser uma bênção para ele, algo enviado pelo destino para tirar dos seus ombros a pior carga que ele jamais carregara. Lightner conhecia e compreendia todo o caso.

Lightner conhecia também a filha na Califórnia.

Lightner iria contar á jovem neurocirurgiã o que ela deveria saber, quer dizer, se já não tivesse contado. É, ele não levava mais aquela carga. O peso havia desaparecido. Não importava se agora estivesse pesando nos ombros de Lightner.

Depois, ocorreu ao médico uma reflexão estranhíssima, algo que não lhe passava pela cabeça há anos. Ele nunca estivera na grande casa do Garden District durante uma tempestade. Ah, como teria sido lindo ver a chuva por aquelas janelas altas, ouvir a chuva batendo nos telhados das varandas. Que pena, perder uma coisa dessas. Na época ele pensava nisso com frequência, mas sempre sentia falta da chuva. E a chuva em Nova Orleans era tão linda. Bem, ele ia largar tudo isso para lá, não ia? Mais uma vez, ele se flagrou reagindo às afirmações de Lightner como se elas fossem palavras ditas no confessional, palavras

com uma certa autoridade religiosa. É, vamos deixar tudo para lá.

Fez um sinal para a garçonete. Estava com fome. Gostaria de tomar um bom café da manhã agora que podia comer. E, sem pensar muito no que fazia, ele pegou o cartão de Lightner de dentro do bolso, leu de relance os números dos telefones - os números que ele poderia chamar se tivesse perguntas a fazer, os números que ele não pretendia chamar jamais - e em seguida rasgou o cartão em pedaços pequenos, pondo-os no cinzeiro, onde ateou fogo a eles com um fósforo.

Capítulo 2

Nove da noite. O quarto estava escuro, a não ser pela luz azulada da televisão. Miss Havisham, não era ela? Um espectro usando vestido de noiva, do seu querido grandes esperanças.

Pelas janelas claras, desguarnecidas, ele via as luzes do centro de San Francisco quando tinha vontade de olhar para lá: uma constelação que cintilava apesar da névoa fina e, logo abaixo, os telhados pontiagudos das casas Queen Anne do outro lado de Liberty Street. Como gostava de Liberty Street. Sua casa era a mais alta do quarteirão, talvez outrora uma mansão, agora apenas uma bela casa, elevando-se majestosa entre os chalés mais humildes, em meio ao barulho e à confusão do Castro.

Ele havia "restaurado" esta casa. Conhecia cada prego, cada viga, cada cornija. Sem camisa ao sol, ele havia colocado as telhas no telhado. Havia até mesmo derramado o concreto para fazer a calçada.

Agora ele se sentia seguro na sua casa, e em nenhum outro lugar. Há quatro semanas não saía deste quarto, a não

ser para entrar no pequeno banheiro contíguo.

Horas a fio, ele permanecia deitado, com as mãos quentes dentro de luvas de couro preto que não podia e não queria tirar, e os olhos fixos na lúgubre tela em preto - e - branco da televisão. Estava deixando que a televisão desse forma aos seus sonhos através dos diversos vídeos que adorava, as fitas em vídeo dos filmes que havia visto muitos anos antes com a mãe. Para ele agora, aqueles eram os "filmes de casas", porque todos não tinham apenas enredos maravilhosos e pessoas maravilhosas que se transformavam em heróis e heroínas, mas também casas maravilhosas. Rebecca tinha Manderley. Grandes esperanças tinha a mansão em ruínas de Miss Havisham. Gaslight tinha a bonita casa londrina numa praça. Sapatinhos vermelhos tinha a mansão á beira -mar, onde a linda bailarina foi para saber que logo seria a prima ballerina da companhia.

É, os filmes de casas, os filmes dos sonhos infantis, de personagens tão imponentes quanto as casas. Ele bebia uma cerveja após a outra enquanto os via. Cochilava e acordava. As mãos sem dúvida doíam naquelas luvas. Ele não atendia o telefone. Ele não atendia a porta. Tia Vivian cuidava disso. De vez em quando tia Vivian entrava no quarto. Ela lhe dava mais uma cerveja ou algo para comer. Ele raramente se alimentava.

- Michael, coma, por favor - dizia ela.

- Mais tarde, tia Viv - respondia ele, com um sorriso.

Ele se recusava a estar ou a falar com quem quer que fosse, a não ser o Dr Morris, mas o Dr Morris não tinha condições de ajudá-lo. Seus amigos também não tinham essa capacidade. E nem queriam mais conversar com ele.

Estavam cansados de ouvi-lo falar de como ficou morto durante uma hora e depois voltou. E era natural que ele não quisesse falar com as centenas pessoas que desejavam ver uma demonstração do seu poder psíquico.

Ele estava para lá de cheio do seu poder psíquico. Será que ninguém entendia? Era uma brincadeira de salão, isso de retirar as luvas, tocar objeto e ver alguma imagem simples, banal. "Você pegou este lápis com uma mulher do seu escritório ontem. O nome dela é Gert" ou "Esse medalhão. Hoje de manhã você o apanhou e resolveu usá-lo, mas não era isso o que queria. Você queria usar as pérolas, mas não conseguiu encontrá-las."

Era um fato físico, isso, uma antena que talvez há milhares de anos todos os seres humanos tivessem. Será que alguém avaliava a verdadeira tragédia? A de ele não conseguir se lembrar do que viu quando se afogou.

- Tia Viv - costumava ele dizer, ainda tentando explicar a questão para ela. - Eu realmente vi pessoas lá em cima. Estávamos mortos. Todos nós mortos. E eu tinha a opção de voltar. E fui mandado de volta com uma finalidade. Pálida sombra da sua mãe já falecida, tia Vivian só abaixava a cabeça

- Eu sei, querido. Pode ser que com o tempo você se lembre.

Com o tempo. Os amigos no final foram ficando mais ríspidos.

- Michael, você fala como se fosse louco. Acontece de as pessoas afogarem. Acontece de elas serem ressuscitadas. Não existe nenhum objetivo especial.

- Isso é conversa de doido, Michael.

Therese chorava sem parar.

- Olhe, não adianta nada eu ficar aqui, Michael. Você não é a mesma pessoa.

Não. Não era mais a mesma pessoa. Aquela pessoa morreu afogada. E insistia em tentar recordar o salvamento: a mulher que o havia tirado da água o havia ressuscitado. Se ao menos ele pudesse falar com ela mais uma vez, se menos o Dr Morris a encontrasse... Ele só queria ouvir da sua própria boca que ele não havia dito nada. Ele só queria tirar as luvas e segurar as mãos dela nas suas ao lhe fazer essa pergunta. Talvez através dela ele pudesse se lembrar...

O Dr Morris queria que ele viesse fazer mais uma avaliação.

- Deixe-me em paz. Basta que encontre aquela mulher. Sei que sabe onde encontrá-la. Você me disse que ela telefonou. Que ela lhe disse seu nome.

Não queria mais saber de hospitais, de tomografias do cérebro e de eletroencefalogramas; nada de injeções e comprimidos. A cerveja ele entendia bem. Sabia dosá-la. E a cerveja às vezes o traz a um passo da lembrança...

...E o que ele havia visto por lá era toda uma esfera. Gente, tanta gente. De vez em quando, voltava a aparecer, todo um universo diáfano. Ele a via quem era ela? Ela dizia alguma coisa... E desaparecia.

- Eu vou, sim. Garanto. Posso morrer de novo tentando, mas vou fazer o que me pedem.

Será que ele de fato havia dito essas palavras? Como poderia ter imaginado essas coisas, tudo tão distante do seu próprio mundo, que era povoado pelo concreto e pelo

real? E qual a razão dessas estranhas sensações de estar longe, de volta ao lar, à cidade da sua infância?

Ele não sabia. Não sabia mais nada que tivesse alguma importância. Sabia que era Michael Curry, que estava com quarenta e oito anos de idade, que tinha uns dois milhões de reserva e imóveis avaliados praticamente nesse mesmo valor, o que era muito bom, pois sua construtora estava fechada, ociosa. Ele já não conseguia mais administrá-la. Havia perdido seus melhores carpinteiros e pintores para outras empreiteiras da cidade. Havia perdido o grande contrato que significava tanto, a restauração da velha pensão em Union Street.

Sabia que, se tirasse as luvas e começasse a tocar em qualquer objeto (as paredes, o piso, a lata de cerveja, o volume de David Copperfield que estava ao seu lado), começaria a ter lampejos de informação sem sentido e ficaria louco. Isso se já não estivesse. Sabia que havia sido feliz antes de se afogar, não com uma felicidade perfeita, mas feliz. Sua vida havia sido boa.

Na manhã do grande acontecimento, ele havia acordado tarde, sentindo necessidade de um dia de folga, e a época era conveniente. Seus homens estavam trabalhando bem, e talvez ele não fosse inspecionar o serviço. Era o dia 1º de maio, e uma rara recordação lhe ocorreu: a de uma longa viagem de automóvel, saindo de Nova Orleans e beirando o Golfo até a Flórida, quando ele era menino. Devia ter sido para as férias da Páscoa, mas ele não tinha certeza, e todos os que teriam essa informação - seu pai, sua mãe, seus avós - haviam morrido.

O que ele se lembrava era da água verde e transparente naquela praia branca, de como fazia calor e de como a areia parecia açúcar sob seus pés. Todos haviam descido até o

mar para nadar ao pôr do sol, não havia o menor sinal de frio no ar, e, apesar do enorme sol laranja ainda estar suspenso no céu azul do oeste, uma lua crescente brilhava bem acima das suas cabeças.

- Olhe, Michael - disse sua mãe, apontando para ela. Até mesmo o pai pareceu apreciá-la. Seu pai, que nunca observava esse tipo de coisa, havia dito em voz baixa que o lugar era lindo.

Essa recordação o magoou. O frio em San Francisco era o único aspecto que lhe desagradava, e ele não conseguiu explicar o motivo para ninguém depois, por que essa recordação do calor sulino o havia inspirado a sair naquele dia e ir até Ocean Beach em San Francisco. Havia algum lugar mais frio do que Ocean Beach em toda a região da baía? Ele sabia como a água iria parecer pardacenta e ameaçadora sob o céu descorado e enfarruscado. Ele sabia como o vento penetraria pelas suas roupas.

Mesmo assim, foi. Foi sozinho até Ocean Beach nessa tarde sombria e cinzenta, cheio de visões de águas mornas, de dirigir seu velho Packard conversível com a capota aberta sentindo as carícias delicadas do vento do sul.

Ele não ligou o rádio do automóvel enquanto atravessava a cidade. Por isso não ouviu os alertas sobre a maré alta. E se tivesse ouvido? Ele sabia que Ocean Beach era um lugar perigoso. Todos os anos o mar carregava pessoas, tanto locais quanto turistas.

Pode ser que ele tivesse refletido um pouco acerca disso quando saiu pelas pedras logo abaixo do Cliff House Restaurant. Traíçoeiras, sim, sempre, e escorregadias. Mas ele não tinha muito medo de cair, do mar ou de qualquer coisa. Estava novamente pensando no sul, nas noites de

verão em Nova Orleans quando o jasmim está em flor. Lembrava-se do cheiro das maravilhas no quintal da sua avó.

O impacto da onda deve tê-lo deixado inconsciente. Ele não tinha nenhuma recordação de ter sido carregado pela água. Só uma nítida lembrança de se erguer no espaço, de ver seu corpo lá longe, jogado pela arrebentação, de ver gente acenando e apontando, enquanto outros corriam para o restaurante para pedir ajuda. É, ele sabia o que as pessoas estavam fazendo, todas elas. Vê-las não era exatamente o mesmo que ver gente de cima. Era como saber tudo sobre elas. E como era perfeita sua sensação de segurança e alegria ali em cima. Ora, a palavra segurança nem chegava a começar a descrever o que sentia. Ele estava livre, tão livre que não conseguia compreender aquela ansiedade toda, por que motivo estavam tão preocupados com seu corpo sendo jogado de um lado para o outro.

Foi quando teve início a outra parte. E isso deve ter sido quando ele morreu mesmo, e todas as coisas fantásticas lhe foram mostradas, e os outros mortos estavam ali, e ele compreendia, entendia todas as coisas desde as mais simples até as mais complexas. E o motivo pelo qual tinha de voltar, é, o portal, a promessa, injetados de repente e sem peso no corpo que jazia no convés da embarcação, o corpo que havia morrido afogado uma hora antes, com todas as dores, e que ressuscitou de olhos abertos para cima, sabendo tudo, pronto para fazer exatamente o que queriam que fizesse. Todo aquele conhecimento magnífico!

Naqueles primeiros segundos, ele tentou desesperadamente relatar onde havia estado e o que havia visto, a aventura longa e poderosa. Claro que tentou! Mas tudo de que se lembrava agora era da intensidade da dor

no peito, nas mãos e nos pés, e a figura obscura de uma mulher perto dele. Um ser frágil com um rosto pálido e delicado, todo o cabelo escondido num gorro escuro, os olhos cinzentos cintilando como luzes diante dele. Com uma voz doce, ela lhe disse que se acalmasse, que iam cuidar dele.

Impossível acreditar que aquela mulherzinha houvesse tirado seu corpo do mar e forçado a água a sair dos seus pulmões. No entanto, naquele instante, ele não compreendeu que era ela quem o salvara.

Havia homens que o levantaram, que o colocaram numa maca e o amarraram. Ele

só sentia dor. O vento açoitava-lhe o rosto. Ele não conseguia abrir os olhos. A maca foi erguida no ar.

Depois disso, confusão. Ele teria voltado a ficar inconsciente? Teria sido esse o momento do esquecimento verdadeiro e total? Aparentemente, ninguém poderia confirmar ou negar o que aconteceu no vôo até terra firme. Só que correram com ele para a praia, onde esperavam a ambulância e os repórteres.

O espocar dos flashes, disso ele se lembrava, as pessoas dizendo seu nome. A própria ambulância, é... e alguém tentando lhe aplicar uma injeção na veia. Ele achou ter ouvido a voz de tia Vivian. Pediu que parassem. Ele precisava se sentar. Não podiam amarrá-lo deitado de novo, não!

- Calma, Sr Curry, calma. Ei, uma ajuda aqui com esse cara! - Pronto, ele estava mesmo sendo amarrado de novo. Tratavam-no como se fosse um presidiário. Ele lutou, mas de nada adiantou. Deram-lhe alguma injeção no braço, ele percebeu. Dava para ver a escuridão chegando. Foi quando

eles voltaram, aqueles que ele havia visto lá fora no mar. Eles começaram a falar novamente.

- Compreendo - disse ele. - Não vou permitir que aconteça. Vou para lá. Sei onde é. Eu me lembro...

Quando acordou, havia uma forte luz artificial. Um quarto de hospital. Ele estava ligado a máquinas. Seu melhor amigo, Jimmy Barnes, estava sentado ao lado da cama. Tentou falar com Jimmy, mas foi cercado pelos médicos e enfermeiras.

Eles o apalpavam, suas mãos, seus pés, fazendo-lhe perguntas. Mas ele não conseguia se concentrar para dar respostas adequadas. Não parava de ver coisas - imagens fugidias de enfermeiras, serventes, corredores de hospital. O que é isso tudo? Ele soube o nome do médico, Randy Morris, e soube que ele havia dado um beijo na mulher, Deenie, antes de sair de casa. E daí? As idéias surgiam literalmente, pipocando na sua cabeça. Ele não conseguia agüentar. Era como se estivesse meio acordado, meio dormindo, febril, preocupado. Ele estremeceu, tentando desanuviar a cabeça.

- Ouçam - disse ele. - Estou me esforçando. - Afinal, ele soube o que estava acontecendo, toda essa apalpação, ele havia se afogado e eles queriam ver se havia algum dano cerebral. - Mas não precisam se preocupar. Estou bem. Bem, mesmo. Tenho de sair daqui e fazer as malas. Preciso voltar para casa imediatamente.

Reservas no avião, encerramento das atividades da companhia...

O portal, a promessa e seu objetivo, que era absolutamente crucial...

Mas qual era esse objetivo? Por que precisava voltar para casa? Surgiu mais uma seqüência de imagens: enfermeiras limpando o quarto, alguém que limpava a barra cromada da cama algumas horas antes quando ele estava dormindo. Parem com isso! Preciso voltar ao ponto, ao objetivo total, a... Foi quando percebeu. Ele não conseguia se lembrar do objetivo! Não conseguia se lembrar do que havia visto enquanto estava morto! A história toda, tudo, as pessoas, os lugares, tudo que lhe haviam dito: ele não se lembrava de nada. Não, não podia ser. Tudo havia sido incrivelmente claro.

E eles contavam com ele. Haviam dito, Michael, você sabe que não precisa voltar, você pode se recusar, e ele havia respondido que não, que ele.., que ele ia fazer o que? Aquilo ia voltar num relance, como um sonho do qual a pessoa se esquece e depois se lembra perfeitamente. Ele se sentou de repente, tirando uma das agulhas do braço e pediu papel e lápis.

- Precisa ficar deitado sem se mexer.

- Agora não. Tenho de anotar uma coisa. - Mas não havia nada a anotar! Lembrou-se de estar parado sobre um rochedo, pensando naquele longínquo verão na Flórida, na água morna... Depois, aquele fardo encharcado, frio e dolorido que era ele, na maca.

Tudo havia sumido.

Ele fechou os olhos, tentando ignorar o estranho calor nas mãos, e a enfermeira que o empurrava para encostá-lo nos travesseiros. Alguém estava pedindo a Jimmy que saísse do quarto. Jimmy não queria sair. Por que ele estaria vendo todas essas imagens desconhecidas e desconexas -

relances de serventes de hospital, o marido da enfermeira, e os nomes, como é que podia saber todos esses nomes?

- Não me toque desse jeito - disse ele. Era a experiência lá fora, lá no oceano, o que realmente importava.

De repente, ele tentou agarrar a caneta.

- Se ficar bem quieto...

É, uma imagem ao tocar na caneta, imagem da enfermeira que a tirou da gaveta na central do corredor. E o papel, imagem de um homem a colocar o bloco num armário de metal. E a mesinha de cabeceira? Imagem da mulher que a havia limpado pela última vez, com um pano cheio de germes de um outro quarto. E um relance de um homem com um rádio. Alguém que fazia alguma coisa com um rádio.

E a cama? A última paciente nela, a Sra Ona Patrick, morreu às onze da manhã de ontem, antes mesmo de ele ter resolvido ir até Ocean Beach. Não. Desligue essa coisa! Relance do seu corpo no necrotério.

- Não dá para agüentar isso!

- Qual é o problema, Michael? - perguntou o Dr Morris. - Fale comigo. - Jimmy estava discutindo no corredor. Ele também ouvia a voz de Stacy; Stacy e Jimmy eram seus melhores amigos. Ele tremia.

- Tudo bem, - disse ele baixinho ao médico. - Falo com o senhor desde que não toque em mim.

Em desespero, ele levou as mãos à cabeça, passou os dedos pelo próprio cabelo e, com alívio, não sentiu nada. Ia adormecer novamente, pensando que tudo aconteceria

como antes, que ela apareceria e ele compreenderia. Mas no instante em que realmente adormeceu, descobriu que não sabia quem era ela.

Mesmo assim, ele precisava voltar para casa, é, para casa depois de todos esses anos, esses longos anos em que sua terra natal havia se tornado uma espécie de fantasia...

- De volta ao lugar onde nasci - disse ele, baixinho. Tanta dificuldade para falar agora. Tanto sono. - Se me der mais algum tranqüilizante, juro que vou matá-lo.

Foi seu amigo, Jimmy, quem lhe trouxe as luvas de couro no dia seguinte. Michael achou que não ia funcionar, mas valia a pena tentar. Seu estado de agitação estava beirando a loucura. Ele já havia falado demais, com gente demais.

Quando repórteres ligaram direto para o quarto, ele lhes disse apressadamente "o que estava acontecendo". Quando invadiram seu quarto, ele falou sem parar, contando e recontando a história.

- Não consigo me lembrar! - repetia ele.

As pessoas lhe davam objetos para tocar; ele lhes dizia o que via.

- Não significa nada para mim.

As câmeras disparavam com seus inúmeros sons eletrônicos abafados.

A equipe do hospital expulsou os repórteres. Michael tinha pavor de tocar até mesmo num garfo ou numa faca. Recusava-se a comer. Funcionários vinham de todos os pontos do hospital para colocar objetos nas suas mãos.

No chuveiro, ele tocou na parede. Viu de novo a mulher, a que havia falecido. Ela havia ficado três semanas no quarto.

- Não quero tomar banho - ela havia dito. - Estou doente, vocês não entendem?

Sua nora a havia forçado a ficar em pé ali. Ele teve de sair do boxe. Sentou-se exausto na cama, enfiando as mãos debaixo do travesseiro. Houve alguns relances de imagens quando ele ajeitou as luvas justas de couro nos dedos. Em seguida, ele esfregou as mãos lentamente, de tal forma que tudo passou a ser um borrão, uma imagem se sobrepondo à outra até tudo perder a definição, e todos os diversos nomes que lhe ocorriam se confundirem em ruído. Depois, o silêncio.

Devagar, ele apanhou a faca na bandeja do jantar. Ele via alguma coisa, mas era pálida, silenciosa, e desapareceu. Ele apanhou o copo, bebeu o leite. Só um bruxuleio. Certo! As luvas funcionavam. O segredo estava em ser rápido em cada gesto.

E também em sair daqui! Mas não queriam deixá-lo sair.

- Não quero fazer tomografia do cérebro - disse ele. - Meu cérebro está ótimo. São as minhas mãos que estão me enlouquecendo.

No entanto, eles estavam tentando ajudá-lo: o Dr Morris, o chefe dos residentes, seus amigos e sua tia Vivian, que ficava ao seu lado o tempo todo.

A pedido seu, o Dr Morris havia entrado em contato com o pessoal da ambulância, com a guarda costeira, com a equipe de emergência do hospital, com a comandante do barco que o havia reanimado antes que a guarda costeira a

localizasse, qualquer pessoa que pudesse se lembrar dele ter dito algo de importante. Afinal, uma única palavra poderia liberar sua memória. Não havia, porém, nenhuma palavra. A comandante do barco disse que Michael havia resmungado alguma coisa ao abrir os olhos, mas ela não havia conseguido discernir uma palavra específica. Ela achava que começava com L, talvez fosse um nome. E só. A guarda costeira o levou em seguida.

Na ambulância, ele havia dado um soco. Precisou ser dominado. Mesmo assim, ele desejava poder conversar com todas aquelas pessoas, em especial com a mulher que o reanimara. Ele disse isso à imprensa quando vieram entrevistá-lo.

Jimmy e Stacy ficavam com ele até tarde todas as noites. Sua tia Vivian vinha sempre pela manhã. Therese afinal veio visitá-lo, tímida, assustada.

Ela não gostava de hospitais. Não conseguia ficar por perto de gente doente. Ele riu. Isso não era a Califórnia para você, pensou. Imaginem dizer uma coisa dessas. Foi então que agiu por impulso. Arrancou a luva e segurou sua mão.

Apavorada, não gosto de você, você é o centro das atenções, pare com isso, não acredito que tenha se afogado no mar, ridículo, quero sair daqui, eu, você deveria ter me telefonado.

- Vá para casa, querida - disse ele.

Em algum instante, durante as horas de silêncio, uma das enfermeiras enfiou uma caneta prateada na sua mão. Ele dormia profundamente. As luvas estavam em cima da mesa.

- Diga-me o nome dela - disse a enfermeira.

- Não sei o nome dela. Estou vendo uma escrivaninha.

- Procure se esforçar.

- Uma bela escrivaninha de mogno com um descanso verde.

- Mas a mulher que usou a caneta?

- Allison.

- É. Onde ela está?

- Não sei.

- Tente de novo.

- Digo-lhe que não sei. Ela lhe deu a caneta, e você a pôs na bolsa. Hoje de manhã, você a tirou da bolsa. São só imagens, cenas, não sei onde ela está. Você está num café desenhando no guardanapo com a caneta. Está pensando em me mostrar.

- Ela morreu, certo?

- Não sei, já lhe disse. Não vejo nada. Allison, é tudo o que vejo. Ela escreveu uma lista de compras com a caneta, pelo amor de Deus, você quer que lhe diga o que está na lista?

- Você tem de ver mais do que isso!

- Pois não estou vendo! - Ele calçou as luvas novamente. Nada iria fazer com que ele as tirasse uma outra vez.

Ele deixou o hospital no dia seguinte.

As três semanas subseqüentes foram uma agonia. Dois homens da guarda costeira telefonaram para ele, assim como um dos motoristas da ambulância, mas realmente não tinham nada a dizer que pudesse ser útil. Quanto ao barco que o salvou, a mulher queria ficar fora do assunto. E o Dr Morris lhe havia prometido respeitar sua vontade. Enquanto isso, a guarda costeira admitia para a imprensa não ter registrado o nome da embarcação ou o número do seu registro. Um dos jornais referiu-se a ela como uma lancha cruzeiro. Talvez já estivesse do outro lado do mundo.

A essa altura, Michael percebeu que havia contado sua história a gente demais. Todas as revistas populares do país queriam conversar com ele. Ele não conseguia absolutamente sair sem que um repórter bloqueasse seu caminho e algum completo desconhecido lhe pusesse uma carteira ou uma fotografia nas suas mãos. Além disso, o telefone não parava de tocar.

A correspondência ia se empilhando junto a porta e, embora estivesse sempre fazendo as malas para viajar, ele não conseguia realizar o que pretendia. Em vez disso, bebia: cerveja supergelada o dia inteiro, e depois Bourbon quando a cerveja não o entorpecia mais.

Seus amigos tentavam ser féis. Eles se revezavam para conversar com ele, tentando acalmá-lo, procurando fazer com que deixasse de beber, mas nada adiantava. Stacy até mesmo lia em voz alta para ele porque ele não conseguia ler sozinho. Ele estava deixando todo mundo exausto e sabia disso.

A verdade era que seu cérebro estava fervilhando. Ele tentava discernir as coisas. Se não conseguisse se lembrar, poderia pelo menos entender tudo isso, essa coisa demolidora, apavorante. Ele sabia, porém, que estava

divagando sem parar sobre a "vida e a morte", sobre o que havia acontecido "por lá", sobre como estavam se esfacelando as barreiras entre a vida e a morte na nossa arte popular e na nossa arte séria. Ninguém havia percebido? Os filmes e os romances sempre falam do que anda acontecendo. Basta examiná-los para chegar a essa conclusão. Ora, ele via tudo isso mesmo antes do que lhe havia acontecido.

Vejam Fanny e Alexander de Bergman. Ora, nele os mortos simplesmente entram andando e conversam com os vivos. E o mesmo aconteceu em Ironweed. Em Gritos e sussurros, os mortos não se levantavam e falavam? E havia alguma comédia em cartaz agora e, quando se consideram os filmes mais leves, a frequência era ainda maior. Pensem em A Woman in White, com a menininha morta aparecendo no quarto do menino, e havia ainda Julia, em que Mia Farrow é perseguida pela assombração daquela criança em Londres.

- Michael, você está embriagado.

- Não são só os filmes de terror, vocês estão entendendo? Está acontecendo em toda a nossa arte. Tomem o livro A White Hotel, algum de vocês o leu? Pois bem, ele passa direto pela morte da heroína até sua vida após a morte. Estou lhes dizendo que algo está prestes a acontecer. As barreiras estão se desfazendo. Eu mesmo conversei com os mortos e voltei; e em algum nível subconsciente todos nós sabemos que essas barreiras estão se rompendo.

- Michael, você precisa se acalmar. Essa história das suas mãos...

- Não quero tocar nesse assunto. - Ele se sentia embriagado, porém, isso era forçado a admitir, e pretendia continuar assim. Gostava de se embriagar. Apanhou o telefone para pedir mais um engradado de cerveja.

Não havia necessidade de tia Viv sair para nada. Além disso, havia todo aquele Glenlivet Scotch guardado. E mais Jack Daniel's. Ora, ele podia se manter bêbedo até morrer. Sem problemas.

Por fim, acabou fechando a construtora por telefone. Quando tentou trabalhar, os homens lhe disseram sem rodeios que voltasse para casa. Não conseguiam fazer nada com aquela sua conversa interminável. Ele saltava de um assunto para o outro. Depois, apareceu aquele repórter pedindo-lhe que demonstrasse seus poderes para a mulher de Sonoma County. E havia mais uma coisa que o perseguia, também, algo que ele não podia contar a ninguém: ele estava recebendo vagas impressões emocionais das pessoas quer tocasse nelas quer não.

Parecia ser uma espécie de telepatia solta no ar; e não havia luvas que pudessem inibir sua ação. Ele não recebia informações; tratava-se apenas de fortes impressões de simpatia, antipatia, verdade ou mentira. As vezes ele se envolvia tanto com isso que só via o movimento dos lábios da pessoa. Não ouvia absolutamente nada do que diziam.

Essa intimidade de alta tensão, se é essa sua denominação mais correta, o alienava profundamente. Ele abdicou de contratos, transferindo tudo no decorrer de uma tarde, certificando-se de que todos os seus empregados continuassem trabalhando, e depois fechou sua pequena loja no Castro que vendia acessórios da era vitoriana.

Era gostoso ficar em casa, deitado, com as cortinas fechadas, e beber. Tia Viv cantava na cozinha enquanto preparava para ele refeições que ele não queria comer. De vez em quando, ele tentava ler um trecho de David Copperfield, com o objetivo de escapar da sua própria mente. Em todos os piores momentos da sua vida, ele sempre havia se retirado para algum canto remoto para ler David Copperfield. Era mais leve e mais fácil do que Grandes esperanças, sua verdadeira predileção. Mas o único motivo pelo qual ele conseguia acompanhar o livro agora estava no fato de conhecê-lo de cor. Therese foi visitar seu irmão no sul da Califórnia. Ele sabia que era mentira, apesar de não ter tocado no telefone, apenas ouvido a voz na secretária eletrônica. Tudo bem. Adeus.

Quando sua antiga namorada Elizabeth ligou de Nova York, ele falou com ela até desmaiar de verdade. No dia seguinte de manhã, ela lhe disse que procurasse um psiquiatra. Ameaçou largar o trabalho e vir de avião até San Francisco se ele não concordasse. Ele concordou, mas estava mentindo.

Não queria confiar em ninguém. Não queria descrever a nova intensidade da sensação. Sem dúvida alguma, não queria falar das suas mãos. Só queria falar das visões, e ninguém queria saber disso. Ninguém queria ouvi-lo discorrer sobre a cortina que separa os vivos dos mortos.

Depois que tia Viv ia dormir, ele experimentava um pouco seu poder do tato. Ele podia descobrir muito a respeito de um objeto quando se permitia manuseá-lo devagar. Se ele fizesse perguntas a esse seu poder - ou seja, se tentasse direcioná-lo - poderia receber ainda mais. Só que não lhe agradava a sensação daquelas imagens passando velozes pela sua cabeça. E, se havia um motivo para que essa sensibilidade lhe tivesse sido concedida, o

motivo estava esquecido junto com a visão e o sentido de objetivo relacionado à sua volta à vida.

Stacy trouxe-lhe alguns livros sobre outros que haviam morrido e voltado. O Dr Morris no hospital lhe havia falado de algumas dessas obras - os clássicos estudos de experiências após a morte de Moody, Rawlings, Sabom e Ring. Lutando contra a embriaguez, a agitação, a total incapacidade de se concentrar mesmo por períodos curtíssimos, ele se forçou a ler alguns desses relatos. É, ele conhecia aquilo! Era tudo verdade. Ele também havia saído do seu corpo, elevando-se no ar, é, e não era nenhum sonho não, mas ele não havia visto uma linda luz. Ele não havia sido recebido por entes queridos já falecidos; e não havia nenhum paraíso etéreo ao qual ele fosse conduzido, repleto de flores e de belas cores. Algo totalmente diferente havia acontecido lá no mar. Era como se ele tivesse sido interceptado, que lhe tivesse sido feito um pedido, que o tivessem forçado a perceber que devia realizar uma tarefa muito difícil, de muita importância.

Paraíso. O paraíso que ele um dia conheceu estava na cidade em que havia crescido, o lugar quente e agradável que havia deixado aos dezessete anos, aquele velho quadrado de cerca de vinte e cinco quarteirões conhecido em Nova Orleans como Garden District.

É, foi lá onde tudo começou. Nova Orleans, que ele não via desde o verão em que estava com dezessete anos. Interessante que, ao examinar sua vida, como se supõe que as pessoas que se afogam façam, ele se lembrasse em primeiríssimo lugar daquela noite longínqua, aos seis anos de idade, na qual ele havia descoberto a música clássica na varanda dos fundos da casa da avó, ouvindo um velho rádio de válvulas no crepúsculo perfumado. Maravilhas refulgiam na penumbra. Cigarras assoviavam nas árvores. Seu avô

fumava um charuto na escada, e aquela música surgiu, aquela música celestial. Por que ele havia gostado tanto daquela música se ninguém à sua volta gostava?

Diferente desde o início, era o que era. E a formação da sua mãe não servia de explicação. Para ela, toda música era barulho. No entanto, ele havia adorado tanto a melodia que ficou ali regendo com uma varinha, descrevendo grandes gestos abrangentes na escuridão, cantarolando.

Era no Irish Channel que eles moravam, gente trabalhadora, os Curry, e seu pai pertencia à terceira geração a ocupar o pequeno chalé duplo naquele longo bairro à beira da água onde tantos irlandeses haviam se instalado. Os antepassados de Michael haviam fugido da grande escassez de batatas, lotando os navios vazios de algodão no seu caminho de volta de Liverpool até o sul dos Estados Unidos em busca da carga mais valiosa.

Haviam sido jogados no "túmulo pantanoso", aqueles imigrantes famintos, alguns cobertos por trapos, implorando trabalho e morrendo às centenas de febre amarela, tuberculose e cólera. Os sobreviventes haviam escavado os primeiros canais infestados de mosquitos da cidade. Eles haviam alimentado as fornalhas dos grandes barcos a vapor. Haviam carregado navios de algodão e trabalhado nas ferrovias. Haviam se tornado policiais e bombeiros.

Era uma gente rude, gente de quem Michael havia herdado sua estrutura forte e sua determinação. O prazer de trabalhar com as mãos tinha sua origem nesses antepassados e acabou prevalecendo apesar de anos de estudo.

Ele havia crescido ouvindo histórias daqueles tempos remotos, de como os próprios operários irlandeses haviam

construído a imensa igreja da paróquia de Santo Afonso, arrastando as pedras do rio, assentando a argamassa, fazendo coletas para adquirir as lindas imagens que vieram da Europa.

- Nós precisávamos superar os alemães, você entende? Eles estavam construindo a igreja de Santa Maria bem do outro lado da rua. Nada no mundo iria nos forçar a assistir à missa com eles. E era por isso que havia duas magníficas igrejas paroquiais, em vez de apenas uma, com as missas sendo rezadas pelo mesmo corpo de padres todas as manhãs.

O avô de Michael havia trabalhado como policial no cais do porto, onde seu pai outrora carregava fardos de algodão. Ele levou Michael para ver a chegada dos navios de bananas e os milhares de bananas que eram transportados por esteiras até desaparecerem no armazém, e o alertou para as grandes cobras negras que conseguiam ficar escondidas nos cachos até a hora em que eles eram pendurados para exposição nos mercados.

O pai de Michael foi bombeiro até o dia em que morreu num incêndio em Tchoupitoulas Street, quando o filho estava com dezessete anos. Esse havia sido o momento decisivo na vida de Michael, já que a essa altura seus avós haviam morrido e sua mãe o levou com ela para a cidade em que havia nascido, San Francisco.

Nunca surgiu na sua cabeça a menor sombra de dúvida de que a Califórnia havia sido boa para ele. O século XX havia sido bom para ele. Ele era o primeiro daquele velho clã a conseguir completar o nível superior, o primeiro a viver no mundo dos livros, dos quadros ou das boas casas.

No entanto, mesmo se seu pai não houvesse morrido, a vida de Michael não teria

sido uma vida de bombeiro. Havia nele uma inquietação que aparentemente não existia nos seus antepassados.

Não se tratava apenas da música naquela noite de verão. Era o tipo de adoração que tinha pelos livros desde a época em que aprendeu a ler, como havia devorado Dickens aos nove anos de idade, daí em diante, sempre tendo em alta estima o romance Grandes Esperanças. Anos mais tarde, em San Francisco, ele havia dado à sua querida construtora o mesmo nome: Grandes Esperanças.

Ele costumava mergulhar em Grandes Esperanças ou David Copperfield na biblioteca da escola onde os outros meninos lhe atiravam bolinhas de papel mascado e ameaçavam espancá-lo se ele não parasse de se fazer de "bobo", o termo usado no Irish Channel para designar alguém que não tivesse o bom senso de ser durão, brutal e desdenhoso para com tudo que desafiasse uma definição imediata.

No entanto, ninguém jamais deu uma surra em Michael. Ele havia herdado do pai uma maldade saudável, suficiente para castigar quem quer que tentasse. Mesmo na infância, ele era robusto e de uma força extraordinária, um ser humano para quem a atividade física, mesmo a de natureza violenta, era inteiramente natural.

Ele também gostava de brigar. E as crianças aprenderam a deixá-lo em paz. Além disso, ele aprendeu a esconder seu eu secreto o suficiente para que os colegas lhe perdoassem seus poucos deslizes e em geral gostassem dele.

E as caminhadas, o que dizer daquelas longas caminhadas que ninguém mais da sua idade dava? Mesmo suas colegas mais tarde nunca entenderam. Rita Mae Dwyer ria dele. Marie Louise dizia que ele era maluco.

- O que você está querendo, só caminhar?

No entanto, desde os tempos mais remotos, ele gostava de caminhar, de atravessar Magazine Street, a grande fronteira entre as ruas estreitas e crestadas onde ele havia nascido e as ruas imponentes e silenciosas do Garden District.

No Garden District, ficavam as mansões mais antigas da parte alta da cidade, cochilando por trás dos seus enormes carvalhos e amplos jardins. Ali, ele passeava em silêncio pelas calçadas de tijolo, com as mãos enfiadas nos bolsos, às vezes assobiando, pensando em um dia ter uma grande casa por aqui. Ele teria uma casa com colunas brancas na fachada e caminhos de lajes. Teria um piano de cauda, como aqueles que via de relance pelas janelas envidraçadas até o chão. Ele teria cortinas de renda e candelabros. E leria Dickens o dia inteiro em alguma biblioteca bem ventilada onde os livros fossem até o teto e as azaléias vermelho sangue aparecessem entorpecidas para lá da grade da varanda.

Ele não sentia como o herói de Dickens, o jovem Pip, espiando o que sabia que deveria possuir e estando tão longe de algum dia conseguir. Nesse prazer de caminhar, no entanto, ele não estava inteiramente só, pois sua mãe também adorava dar longas caminhadas e talvez tenha sido esse um dos poucos dons significativos que ela lhe transmitiu.

As casas ela compreendia e amava, da mesma forma que ele sempre amaria. E, quando ele era muito pequeno, ela já o trazia a esse tranquilo santuário de casas antigas, mostrando-lhe seus locais preferidos, e os gramados amplos e lisos muitas vezes ocultos pelos arbustos de camélias. Ela o havia ensinado a prestar atenção ao canto dos pássaros nos carvalhos, á música de fontes escondidas.

Havia uma casa sombria que ela adorava e que ele jamais esqueceria, uma longa residência sinistra, com uma enorme buganvília que se derramava sobre suas varandas laterais. Com freqüência, quando passavam por ali, Michael via um homem estranho e solitário parado entre os arbustos altos e descuidados, bem no fundo do jardim abandonado. Ele parecia perdido naquela desordem verde e emaranhada, aquele homem, que se confundia com a folhagem escura com tanta perfeição que um outro transeunte talvez não o percebesse.

Na realidade, Michael e sua mãe faziam uma brincadeira entre eles naqueles primeiros anos. Ela sempre dizia que não estava vendo nada.

- Mas ele está ali, mamãe - respondia Michael.

- Está bem, Michael, diga-me como é que ele é.

- Bem, ele tem cabelos e olhos castanhos e está muito bem vestido, como se estivesse indo a uma festa. Mas ele está nos observando, e eu acho que não devíamos ficar aqui parados olhando para ele.

- Michael, não há homem nenhum ali - costumava dizer a mãe.

- Mamãe, pare de me provocar.

No entanto, houve uma ocasião em que ela havia visto o homem, sem a menor dúvida, e ela não havia gostado dele. Não foi na casa. Não foi naquele jardim abandonado.

Foi na época do Natal, quando Michael ainda era muito pequeno, e o enorme presépio acabava de ser instalado ao lado do altar na igreja de Santo Afonso, com o Menino Jesus na manjedoura. Michael e a mãe foram até o altar para se ajoelhar junto à balaustrada. Como eram lindas as imagens em tamanho natural de Maria e José; e do próprio Menino Jesus, sorrindo, com os bracinhos rechonchudos estendidos. Parecia haver por toda parte luzes brilhantes e o suave bruxuleio de velas. A igreja ecoava com o som de pés que se arrastavam e de sussurros abafados.

Talvez fosse esse o primeiro Natal de que Michael se lembrava. Fosse como fosse, o homem estava lá, em meio às sombras do santuário, olhando em silêncio. Quando viu Michael, ele deu aquele sorrisinho que sempre dava. Suas mãos estavam unidas. Usava terno. O rosto parecia muito calmo. No todo, sua aparência era a mesma de quando estava no jardim em First Street.

- Olhe, mamãe, ali - disse Michael, imediatamente. - O homem, aquele do jardim. A mãe de Michael apenas olhou de relance para o homem e afastou o olhar, temerosa.

- Pois não fique olhando para ele - disse ela baixinho no ouvido de Michael.

Quando saíram da igreja, ela se voltou para olhar mais uma vez.

- Aquele é o homem do jardim, mamãe.

- Do que é que você está falando? - perguntou ela. - De que jardim?

Da próxima vez que passaram por First Street, ele viu o homem e tentou avisar a mãe. Mas, novamente, ela entrou na brincadeira. Provocou-o, dizendo que não havia homem nenhum. Eles riram. Estava certo. Aquilo não pareceu ter muita importância na época, apesar de ele nunca ter esquecido.

Era muito mais significativo o fato de Michael e sua mãe serem grandes amigos, de se divertirem tanto juntos.

Alguns anos mais tarde, a mãe de Michael transmitiu-lhe mais um dom, o de gostar dos filmes que ela o levava para ver no centro da cidade no Civic Theater. Eles iam de bonde aos sábados para ver as matinês. Coisa de maricas, dizia Mike, o pai. Ninguém o arrastava para ver aquelas maluquices. Michael sabia que o melhor era não responder e, com o passar do tempo, ele descobriu um jeito de sorrir e dar de ombros de tal modo que o pai o deixava em paz e também deixava em paz sua mãe, o que significava ainda mais para ele.

Além do mais, nada iria apagar aquelas tardes especiais de sábado, porque os filmes estrangeiros eram como portais para um outro mundo, e eles enchiam Michael com uma angústia e uma felicidade indescritíveis.

Ele nunca se esqueceu de Rebecca, Sapatinhos vermelhos, Os contos de Hoffman e de um filme da Itália da ópera Aída. Havia também a maravilhosa história do pianista intitulada A Song to Remember. Ele adorou César e Cleópatra com Claude Rains e Vivien Leigh. E The Late George Apley, com Ronald Colman, que tinha a mais bela voz que Michael jamais ouviu num homem.

Era frustrante que ele às vezes não entendesse esses filmes, que às vezes ele nem conseguisse acompanhá-los.

Invariavelmente as legendas passavam velozes demais para ele ler; e nos filmes britânicos, os atores falavam rápido demais para ele entender seu sotaque acentuado.

As vezes, sua mãe lhe explicava alguma coisa no caminho de casa. No bonde, passavam direto pelo seu ponto e seguiam até Carrolton Avenue na parte alta da cidade. Era um bom lugar para ficarem sozinhos. Havia, ainda, a serem vistas as residências palacianas daquela rua, mais recentes, muitas vezes de mau gosto, construídas após a guerra de secessão, não tão bonitas quanto as casas mais velhas do Garden District, mas mesmo assim suntuosas e infinitamente interessantes.

Ah, a dor surda desses passeios sossegados, de querer tanto e entender tão pouco. Ele de vez em quando apanhava flores das extremosas pela janela aberta do bonde. Sonhava que era Maxim de Winter. Queria saber os nomes das obras clássicas que ouvia no rádio e que adorava. Queria ser capaz de entender as palavras estrangeiras ininteligíveis pronunciadas pelos locutores, e de se lembrar delas.

E por estranho que fosse, nos velhos filmes de terror no sujo Happy Hour Theater em Magazine treet, na sua própria vizinhança, ele muitas vezes vislumbrava aquele mesmo mundo elegante seus habitantes. Eram as mesmas bibliotecas de lambris, as lareiras arqueadas, os homens de jaqueta e graciosas mulheres de voz suave, tudo isso ao lado do monstro de Frankenstein ou da filha do Drácula. O Dr Van Helsing era homem elegantíssimo; e havia também o próprio Claude Rains, que aparecera como César no cinema do centro e agora tagarelava como louco em O homem invisível.

Por mais que se esforçasse para que isso não acontecesse, Michael veio a detestar o Irish Channel. Ele adorava sua família. E até que gostava dos amigos. Mas odiava as casas geminadas, vinte em cada quarteirão, com minúsculos pátios na frente e cercas baixas de estacas, o bar da esquina com a vitrola automática tocando no salão dos fundos e a porta de tela sempre batendo, e as mulheres gordas de vestido florido, surrando seus filhos com cintos ou com as próprias mãos no meio da rua.

Ele odiava as multidões que faziam compras em Magazine Street no final da tarde de sábado. A sua impressão era a de que as crianças estavam sempre com o rosto sujo e as roupas imundas. As vendedoras nas lojas de produtos baratíssimos eram grosseiras. A calçada fedia a cerveja podre. Havia um cheiro desagradável nos velhos apartamentos enfileirados acima das lojas onde moravam alguns dos seus amigos, os mais desafortunados. Havia o mesmo cheiro nas velhas sapatarias e nas lojas de conserto de rádios. Ele estava também no Happy Hour Theater. A catinga de Magazine Street. O tapete nas escadas desses velhos prédios dava a impressão de trapos. Uma camada de sujeira recobria tudo. Sua mãe não ia a Magazine Street nem para comprar um carretel de linha. Ela atravessava o Garden District, apanhava o bonde de St. Charles na avenida e descia até Canal Street.

Michael tinha vergonha desse ódio. Sentia a mesma vergonha que Pip sentia de um ódio semelhante em Grandes esperanças. No entanto, quanto mais aprendia e quanto mais via, mais crescia dentro dele o desdém. E eram as pessoas, sempre as pessoas, que o deixavam mais desconcertado. Ele sentia vergonha do sotaque forte que denunciava a origem do Irish Channel, um sotaque, ao que se dizia, semelhante ao do Brooklyn, de Boston ou de qualquer lugar de assentamento de irlandeses e alemães.

- Nós sabemos que você é da Escola Redentorista - costumavam dizer os meninos da cidade alta. -Dá para ver pelo seu jeito de falar. - A intenção das suas palavras era desdenhosa.

Michael não gostava nem mesmo das freiras, aquelas irmãs grosseiras e de voz grave que espancavam os meninos à vontade, que os sacudiam e os humilhavam quando bem entendiam.

Na realidade, ele as detestava especificamente por algo que haviam feito quando ele estava com seis anos de idade. Um garotinho, um "bagunceiro", foi arrastado da sala dos meninos da primeira série e levado até a sala da primeira série na escola feminina. Só mais tarde a turma descobriu que o menino havia sido forçado a ficar em pé dentro da lata do lixo, chorando e vermelho de vergonha, diante de todas as meninas. As freiras não paravam de lhe dar empurrões e safanões, mandando que ele entrasse na lata do lixo.

As alunas ficaram olhando e depois contaram para os meninos. Isso deixou Michael paralisado. Ele sentia um pavor obstinado e indescritível de que algo semelhante acontecesse com ele. Porque sabia que nunca iria permitir. Ele se rebelaria, e seu pai depois lhe daria uma surra de chicote, uma violência que sempre ficava nas ameaças sem chegar a se realizar a não ser por umas duas lambadas com uma correia. Na realidade, toda a violência que ele sempre ressentia em ebulição ao seu redor- no pai, no avô, em todos os homens que conhecia - poderia surgir, como o caos, sugando-o para dentro dela. Quantas vezes ele havia visto crianças conhecidas sendo açoitadas? Quantas vezes havia ouvido as piadas frias e irônicas que seu pai contava sobre as surras de chicote que seu pai lhe havia dado?

Michael temia isso com um medo apavorante, paralisante, inexprimível. Temia a intimidade perversa e catastrófica de ser espancado, de levar uma surra. Por isso, apesar de sua agitação física e de sua teimosia, ele se tornou um anjo na escola muito antes de descobrir que precisava aprender se quisesse realizar seus sonhos. Ele era o menino comportado, o que sempre fazia o trabalho de casa. O medo da ignorância, da violência, da humilhação o motivava tanto quanto suas ambições posteriores.

No entanto, por que esses elementos não motivavam ninguém mais ao seu redor? Ele nunca soube o motivo, mas em retrospectiva não restava dúvida quanto ao fato de ele ser desde o início uma pessoa extremamente adaptável. Era esse o segredo. Ele aprendia a partir do que via, e mudava de acordo com isso.

Nem seu pai, nem sua mãe possuíam essa maleabilidade. Sua mãe era paciente, sim, e refreava a revolta que lhe provocavam os costumes dos que a cercavam. No entanto, ela não tinha sonhos, não tinha grandes planos, nenhuma verdadeira força criativa. Ela nunca mudou. Nunca fez nada de mais.

Quanto ao pai de Michael, ele era um homem impetuoso e adorável, um corajoso bombeiro com muitas condecorações. Morreu tentando salvar vidas. Era essa a sua natureza. Fazia também parte dessa natureza recuar diante daquilo que não soubesse ou não entendesse. Uma profunda vaidade o tornava "pequeno" diante daquelas pessoas bem instruídas.

- Faça o dever de casa - costumava ele dizer porque isso era o que se esperava que dissesse. Jamais lhe passou pela cabeça que Michael estivesse extraindo tudo o que podia da escola paroquial; que nas salas de aula superlotadas, com

as freiras cansadas, exaustas, Michael estivesse realmente adquirindo uma boa formação.

Pois, por piores que fossem as condições, as freiras ensinavam as crianças a ler e a escrever muito bem. Mesmo que tivessem de bater nelas para obter o resultado. Elas ensinavam às crianças uma caligrafia bem-feita, uma ortografia correta, as tabuadas. Até mesmo latim, história e alguma literatura.

Elas mantinham a ordem entre os brigões. E embora Michael nunca deixasse de odiá-las, ele tinha de admitir que de vez em quando elas falavam, cada uma com seu próprio estilo simples, do aspecto espiritual, de viver uma vida que tivesse sentido.

Quando Michael estava com onze anos, três acontecimentos exerceram um impacto dramático na sua vida. O primeiro foi uma visita da sua tia Vivian, de San Francisco, e o segundo uma descoberta acidental na biblioteca pública.

A visita da tia Vivian foi curta. A irmã da sua mãe chegou à cidade de trem. Foram recebê-la na Union Station. Ela ficou hospedada no Pontchartrain Hotel em St. Charles e, na noite seguinte à sua chegada, ela convidou Michael, sua mãe e seu pai para virem jantar com ela no Caribbean Room.

Esse era um sofisticado restaurante no Pontchartrain Hotel. O pai de Michael não quis ir. Não ia entrar num lugar desses. Além do mais, seu terno estava na lavanderia. Michael foi. O homenzinho, todo enfatiotado, caminhando pelo Garden District com a mãe.

O Caribbean Room o impressionou. Era um mundo etéreo, quase silencioso, de luz de velas, toalhas de mesa

brancas e garçons que lembravam fantasmas ou, melhor ainda, que lembravam os vampiros dos filmes de terror, com seus paletós pretos e camisas brancas engomadas.

A verdadeira revelação foi, porém, a de que a mãe de Michael e sua irmã estavam perfeitamente á vontade nesse lugar, rindo baixinho enquanto conversavam, perguntando um detalhe ou outro acerca da sopa de tartaruga, do xerez, do vinho branco que ia acompanhar a refeição.

Isso fez surgir em Michael um respeito maior pela mãe. Ela não era uma mulher que fingia ser fina. Ela realmente estava acostumada a esse estilo de vida. E ele agora compreendia por que ela às vezes chorava e dizia querer voltar para casa em San Francisco.

Depois que a irmã foi embora, ela ficou doente alguns dias. Ficou de cama, recusando-se a aceitar qualquer coisa que não fosse vinho, que chamava de seu remédio. Michael ficou sentado ao seu lado, lendo para ela de vez em quando, ficando assustado quando ela não dizia nada por uma hora inteira. Ela melhorou. Levantou-se, e a vida continuou.

Michael, porém, pensava com freqüência naquele jantar, no jeito natural e tranqüilo das duas mulheres. Muitas vezes, ele passava pelo Pontchartrain Hotel. Olhava com uma inveja muda as pessoas bem vestidas paradas do lado de fora, debaixo do toldo, esperando por táxis ou limusines. Não seria apenas uma avidez sua querer viver naquele mundo? Toda aquela beleza não seria espiritual? Ele se intrigava com tantas coisas. Transbordava de desejo de aprender, de compreender, de possuir. No entanto, acabava na loja vizinha, Smith's Drugstore, lendo histórias de terror em quadrinhos.

Foi quando aconteceu a descoberta acidental na biblioteca. Só há bem pouco tempo ele ouvira falar na biblioteca pública, e a descoberta acidental ocorreu em etapas.

Michael estava na sala de leitura infantil, perambulando à procura de algum livro fácil e divertido para ler quando de repente viu, aberto em exposição no alto de uma estante, um novo livro de capa dura sobre o jogo do xadrez: um livro que ensinava a jogar.

Ora, Michael sempre havia considerado o xadrez algo altamente fantástico. Não saberia, no entanto, dizer como sabia da sua existência. Nunca havia visto um tabuleiro de xadrez na vida real. Ele apanhou o livro emprestado, levou-o para casa e começou a lê-lo. O pai viu e riu. Ele sabia jogar xadrez, jogava o tempo todo no quartel dos bombeiros. Não se podia aprender o jogo num livro. Era uma idiotice.

Michael afirmou que ia aprender com o livro, que estava aprendendo.

- Tudo bem - disse o pai. - Você aprende, e depois eu jogo com você. Isso era maravilhoso. Mais uma pessoa que sabia jogar. Talvez até comprassem um tabuleiro. Michael terminou o livro em menos de uma semana. Já sabia jogar xadrez. Durante uma hora, ele respondeu todas as perguntas que o pai lhe fez.

- Ora - disse o pai. - Não dá para acreditar, mas você sabe jogar xadrez. Tudo o que precisa é de um tabuleiro. - O pai foi ao centro da cidade. Ao voltar para casa, trazia um tabuleiro de xadrez que superava todas as fantasias de Michael. Ele não era composto de símbolos (a cabeça do cavalo, o castelo, o barrete do bispo), mas de figuras perfeitamente delineadas. O cavaleiro estava montado num

cavalo com as patas dianteiras erguidas; o bispo tinha as mãos como se estivesse orando. A rainha tinha os cabelos compridos por baixo da coroa. A torre era um castelo sobre o lombo de um elefante.

É claro que era de plástico. Havia sido comprado na loja de departamentos D. H. Holmes, mas era tão mais bonito do que qualquer coisa mostrada no livro sobre xadrez que Michael ficou encantado. Não importava que o pai chamasse o cavalo de "meu cavaleiro". Estavam jogando xadrez. E daí em diante passaram a jogar com frequência.

A grande descoberta acidental, no entanto, não estava no fato de o pai de Michael saber jogar xadrez ou de ter a generosidade de comprar um jogo tão bonito. Tudo isso estava muito bem. E é claro que o jogo reuniu pai e filho. Mas a grande descoberta acidental foi a de que Michael podia absorver nos livros algo além das histórias... que eles podiam conduzi-lo a algo diferente de desejos e sonhos dolorosos.

Ele havia aprendido num livro algo que outros acreditavam somente ser possível aprender fazendo, na prática.

Depois disso, ele se tornou mais corajoso na biblioteca. Conversava com as bibliotecárias na recepção. Descobriu a existência do "índice de assuntos". E de uma forma aleatória e obsessiva, começou a pesquisar todo um leque de assuntos.

O primeiro foi o dos automóveis. Encontrou na biblioteca muitos livros sobre automóveis. Com os livros aprendeu tudo sobre os motores e tudo sobre as marcas dos carros. E aos poucos deixou o pai e o avô deslumbrados com seus conhecimentos.

Em seguida, procurou bombeiros e incêndios no índice. Leu a história das companhias que se formaram nas grandes cidades. Leu sobre os carros de bombeiros e os caminhões especiais com escadas, e sobre como eram construídos. Leu sobre os grandes incêndios da história, como o de Chicago e o incêndio de Triangle Factory, e mais uma vez pôde conversar sobre tudo isso com o pai e o avô.

Michael vibrava. Sentia agora que tinha um poder imenso. E seguiu em frente com seus planos secretos, que não confiou a ninguém. A música foi seu primeiro tema secreto.

Escolheu os livros mais infantis primeiro, já que o assunto era difícil, e depois passou para as histórias ilustradas para jovens que lhe contaram tudo sobre o a genialidade precoce de Mozart, o pobre Beethoven surdo e o louco Paganini que havia supostamente vendido a alma ao demônio. Aprendeu as definições de sinfonia, concerto e sonata. Aprendeu a teoria da pauta musical, das mínimas, semínimas, dos tons maiores e menores. Aprendeu o nome de todos os instrumentos sinfônicos.

Desse ponto, passou para as casas. E num piscar de olhos, já compreendia o estilo da Renascença grega, os estilos italianos e o estilo vitoriano recente, bem como o que distinguia esses diversos tipos de construção. Aprendeu a identificar as colunas dóricas e as coríntias, a detectar as casas de corredor lateral e os chalés reformados. Com seus novos conhecimentos, ele perambulava pelo Garden District, com seu amor pelo que via aprofundado e ampliado em silêncio.

Ah, ele havia tirado a sorte grande. Não havia mais motivo para permanecer confuso. Ele podia "fazer consultas" sobre qualquer assunto. Nas tardes de sábado,

ele passava os olhos por dezenas de livros sobre arte, arquitetura, mitologia grega, ciência. Ele lia até mesmo livros sobre a pintura moderna, a ópera e o balé, que o deixavam envergonhado e receoso de que seu pai pudesse espíá-lo por trás e debochar dele.

O terceiro fato ocorrido nesse ano foi um concerto no Municipal Auditorium. O pai de Michael, como muitos bombeiros, fazia serviços avulsos nas horas de folga. Naquele ano, ele estava operando o balcão que vendia água gaseificada no auditório, e Michael foi com ele uma das noites para ajudá-lo. Naquela noite ele teria aula e, por isso, não deveria ter ido, mas quis ir. Ele queria ver o Municipal Auditorium e o que acontecia lá dentro, e sua mãe concordou.

Durante a primeira parte do programa, antes do intervalo durante o qual Michael teria de ajudar o pai e depois do qual eles arrumariam tudo para voltar para casa, Michael entrou e subiu até a parte mais alta da platéia, onde os lugares estavam vazios. Ficou ali sentado para ver como seria o concerto. Isso lhe lembrou os estudantes em Sapatinhos vermelhos, na verdade, os estudantes na galeria, esperando ali em cima com tanta ansiedade. E efetivamente o auditório começou a se encher de gente vestida com esmero - os moradores da cidade alta de Nova Orleans - e a orquestra se reuniu para as afinações no poço. Até mesmo o estranho homem magro de First Street estava lá. Michael o viu de relance lá embaixo, com o rosto voltado para cima, como se realmente conseguisse ver Michael tão longe na última fileira. O que se seguiu deixou Michael arrebatado. Isaac Stern, o grande violinista, tocou naquela noite, e foi o Concerto para Violino e Orquestra de Beethoven, uma das obras de eloqüência mais simples e de beleza mais violenta que Michael jamais tinha ouvido. Nem

por uma única vez a música o deixou confuso. Nem por uma única vez a música o excluiu.

Muito depois do concerto estar terminado, ele ainda conseguia assoviar a melodia principal, lembrando-se, enquanto assoviava, do som imenso, doce e sensual da orquestra inteira e das notas finas e comoventes que vinham do violino de Isaac Stern.

No entanto, a vida de Michael ficou envenenada pelo anseio despertado nele por essa experiência. Na verdade, ele sentiu nos dias que se seguiram talvez a pior insatisfação com seu mundo que jamais havia experimentado. Não deixou, porém, que ninguém percebesse. Manteve o sentimento trancado no seu íntimo, da mesma forma que mantinha em segredo seu conhecimento dos assuntos que estudava na biblioteca. Ele temia o esnobismo que crescia nele mesmo, o desprezo que sabia poder sentir por aqueles que amava se deixasse um sentimento desses ganhar vida.

E Michael não podia suportar a idéia de não amar a família. Não tolerava ter vergonha deles. Não admitia a mesquinhez e a ingratidão de uma atitude dessas.

Ele podia detestar as pessoas do quarteirão. Tudo bem. Mas precisava amar aqueles que viviam sob o mesmo teto, ser leal a eles e se manter em harmonia com eles.

Era razoável e natural que devotasse amor á sua avó trabalhadora, que sempre tinha repolho e presunto borbulhando no fogão quando ele chegava. Ela parecia ter passado a vida cozinhando, passando ou pendurando roupas no quintal com sua cesta de vime.

Ele também amava seu avô, um homem pequeno com minúsculos olhos pretos que estava sempre na escada da

frente á espera de que Michael chegasse da escola. Ele sabia histórias fantásticas sobre os tempos de outrora, e Michael nunca se cansava delas.

Depois, havia o pai, o bombeiro, o herói. Como Michael poderia não admirar esse homem? Muitas vezes Michael ia até o quartel dos bombeiros em Washington Avenue para vê-lo. Ele ficava por ali sentado, como se fizesse parte da turma, morrendo de vontade de ir com eles quando chegava um aviso de incêndio, mas sempre sendo proibido de acompanhá-los. Ele adorava ver o caminhão, saindo a toda velocidade, ouvir as sirenes e os sinos.

Não importava que convivesse com o pavor de um dia talvez ter de ser bombeiro. Bombeiro e nada mais. Morando numa casinha geminada, com todos os cômodos em linha reta.

Como sua mãe conseguia gostar dessas pessoas já era uma outra história, que Michael não entendia perfeitamente. Ele se esforçava a cada dia para abrandar aquela sua tristeza muda. Era seu amigo mais íntimo e único. Mas nada poderia salvar sua mãe, e ele sabia disso. Ela era uma alma perdida aqui no Irish Channel, uma mulher que falava melhor e se vestia melhor do que os que a cercavam, que implorava para poder voltar a trabalhar como vendedora numa loja de departamentos e que sempre recebia uma resposta negativa.

Uma mulher que vivia para seus romances em brochura até tarde da noite - livros de John Dickson Carr, Daphne Du Maurier e Frances Parkinson Keyes - sentada no sofá da sala de estar, usando apenas uma combinação, com aquele calor, quando todos os outros já estavam dormindo, bebendo vinho bem devagar e com cuidado de uma garrafa embrulhada em papel pardo.

- Miss San Francisco - era como meu pai a chamava. - Minha mãe faz todo o serviço para você, sabia? - Costumava ele dizer. Fixava os olhos nela com total desprezo nas pouquíssimas ocasiões em que ela bebia demais e sua voz ficava pastosa. No entanto, nunca fazia nada para impedir que ela bebesse. Afinal, era raro que ela ficasse assim tão mal. Era só a idéia de uma mulher ali sentada, bebendo como um homem, direto da garrafa a noite inteira. Michael sabia que era isso o que o pai pensava. Ninguém precisou lhe dizer.

E podia ser que o pai de Michael tivesse medo de que ela fosse embora se ele tentasse mandar nela ou controlá-la. Ele sentia orgulho da sua beleza, do seu corpo esbelto e até mesmo do seu jeito elegante de falar. Ele chegava a comprar vinho para ela de vez em quando, garrafas de porto e xerez que ele próprio detestava.

- Bebida doce e grudenta para mulheres - dizia ele a Michael. Mas aquilo era também o que bebiam os viciados em vinho, e Michael sabia.

Será que a mãe odiava o pai? Michael nunca chegou a saber de verdade.

Em algum ponto da sua infância, ele soube que a mãe era oito anos mais velha do que o pai. A diferença, no entanto, não era aparente. O pai era um belo homem, e a mãe parecia ter essa opinião. Ela era gentil com o marido a maior parte do tempo, mas na verdade ela era gentil com todo mundo. Mesmo assim, nada neste mundo ia fazer com que ela engravidasse de novo, insistia ela. E havia brigas, terríveis brigas abafadas por trás da única porta trancada na pequena casa sem corredor, a porta do quarto dos fundos.

Havia uma história a respeito do seu pai e da sua mãe, mas Michael nunca soube se era verdade. Foi sua tia quem lhe contou a história depois do falecimento da mãe. Seus pais haviam se conhecido em San Francisco, perto do final da guerra, enquanto seu pai servia na marinha, e o pai tinha uma bela aparência de uniforme e, naquela época, tinha um encanto que realmente conquistava as moças.

- Ele se parecia com você, Mike - disse-lhe a tia anos mais tarde. - Cabelos pretos, olhos azuis e uns braços, igualzinho a você. E você se lembra da voz do seu pai, uma linda voz, grave e suave. Mesmo com aquele sotaque do Irish Channel.

Foi assim que a mãe de Michael sentiu uma queda por ele. E, quando ele voltou a embarcar, mandou lindas cartas poéticas para ela, cortejando-a e partindo seu coração. Só que as cartas não haviam sido escritas pelo pai de Michael. Elas haviam sido escritas pelo seu melhor amigo, um homem instruído que servia no mesmo navio, que colocava as metáforas e as citações dos livros. E a mãe de Michael nunca desconfiou.

Na realidade, ela se apaixonou por aquelas cartas. E, ao descobrir estar grávida de Michael, ela foi para o sul confiando no que diziam as cartas, sendo imediatamente recebida pela família simples e de bom coração, que logo deu início aos preparativos para o casamento na igreja de Santo Afonso e o realizou assim que o pai de Michael conseguiu uma licença.

Que choque deveria ter sido para ela, a pequena rua nua de árvores, a casa minúscula com um aposento dando para o outro, e a sogra que servia os homens como escrava e nunca se sentava à mesa para jantar.

A tia de Michael disse que seu pai um dia confessou à sua mãe a história das cartas quando Michael ainda era um bebê, e que sua mãe ficou furiosa, tentou matar o marido e queimou todas as cartas no quintal. Depois, ela se acalmou e procurou consertar o casamento. Ali estava ela com um filho pequeno. Já passava dos trinta anos. Seu pai e sua mãe, mortos. Tinha apenas um irmão e uma irmã em San Francisco, e não tinha escolha a não ser a de ficar com o pai da criança. Além do mais, os Curry não eram más pessoas.

Ela amava em especial sua sogra por tê-la abrigado quando estava grávida. E essa parte - a do amor entre as duas mulheres - Michael sabia ser verdadeira, porque a mãe de Michael cuidou da velha durante a doença que a levou. Seus dois avós faleceram no ano em que Michael entrou para o segundo grau: sua avó, na primavera, e o avo, dois meses depois. E, embora muitos tios e tias houvessem morrido ao longo dos anos, esses foram os primeiros enterros a que Michael compareceu, e ficariam para sempre gravados na sua memória.

Foram cerimônias absolutamente deslumbrantes, com todos os acessórios sofisticados que Michael adorava. Na verdade, ele ficou profundamente perturbado ao observar que os apetrechos de Lonigan and Sons, a casa funerária, as limusines com seu estofamento de veludo cinza e até mesmo as flores e a elegância dos trajes dos que carregavam o féretro pareciam estar relacionados com a atmosfera dos filmes refinados que Michael tanto valorizava. Aqui havia homens e mulheres de voz delicada, belos tapetes e mobília entalhada, uma variedade de cores e texturas, o perfume de rosas e lírios e as pessoas refreando sua mesquinhez natural e seu jeito grosseiro.

Era como se, quando a pessoa morresse, fosse para o universo de Rebecca, dos Sapatinhos vermelhos ou de A

Song to Remember. Você tinha direito a coisas lindas nos seus dois últimos dias antes de ser enterrado. Era uma associação que o deixou intrigado por horas a fio. Quando ele viu A noiva de Frankenstein pela segunda vez no Happy Hour em Magazine Street, ficou só observando as belas casas do filme, ouvindo a melodia das vozes e examinando os trajes mais do que qualquer outra coisa. Ele sentia vontade de um dia poder falar a respeito disso com alguém mas, quando tentou contar a sua namorada, Marie Louise, ela não entendeu do que ele estava falando. Ela achava idiota freqüentar a biblioteca. Recusava -se a assistir filmes estrangeiros. Michael viu nos seus olhos o que havia visto tantas vezes no olhar do pai. Não era medo do desconhecido. Era repulsa. E ele não queria ser repulsivo.

Além do mais, ele agora estava no segundo grau. Tudo estava em transformação. As vezes ele receava que essa fosse a época em que se esperava que seus sonhos morressem e que o mundo real o dominasse. Aparentemente, outras pessoas tinham essa sensação. O pai de Marie Louise estava uma noite sentado na escada da frente e o encarou com frieza.

- O que o faz pensar que você vai para a universidade? Seu pai tem dinheiro para Loyola? - Ele cuspiu na calçada e olhou para Michael da cabeça aos pés. Ali, mais uma vez, havia repulsa. Michael deu de ombros. Naquela época não havia faculdade pública em Nova Orleans.

- Talvez eu vá para a LSU em Baton Rouge - disse. - De repente posso conseguir uma bolsa.

- Bobagem! - resmungou o homem entre dentes. - Por que você não tenta ser a metade do bombeiro que seu pai é? E talvez essas pessoas todas tivessem razão e já fosse hora de pensar em outras coisas. Michael estava com quase

um metro e oitenta, uma altura extraordinária para alguém criado no Irish Channel e a maior registrada no seu lado da família Curry. Seu pai comprou um velho Packard e o ensinou a dirigir em uma semana. Ele conseguiu, então, um emprego de meio - expediente entregando flores para uma floricultura de St. Charles Avenue. Foi, porém, somente no segundo ano que suas antigas idéias começaram a ceder lugar, que ele próprio começou a se esquecer das suas ambições. Ele se esforçou para jogar futebol, conseguiu ser titular e, de repente, ele estava lá no campo do estádio de City Park, ouvindo os berros da torcida.

- Derrubado por Michael Curry - diziam os alto-falantes.

Marie Louise disse-lhe pelo telefone com uma voz de entrega que, por ela, ele era

quem mandava, que com ele ela faria "qualquer coisa". Esses foram os bons tempos da Escola Redentorista, aquela que sempre foi a escola de brancos mais pobre da cidade de Nova Orleans. Uma nova diretora havia chegado. Ela subia num banco no pátio da escola e gritava num microfone para incentivar os garotos antes dos jogos! Ela mandava torcidas enormes para o estádio de City Park. Logo, havia quantidades de alunos recolhendo moedas de um quarto de dólar para a construção de um ginásio, e o time da escola fazia pequenos milagres. Ele vencia jogo após jogo, aparentemente pela simples força de vontade, fazendo aqueles pontos mesmo quando o oponente estava jogando melhor.

Michael ainda lia seus livros, mas naquele ano as partidas foram o verdadeiro foco da sua vida emocional. O futebol era perfeito para sua agressividade, sua força, até para sua frustração. Ele era um dos astros da escola. Ele

sentia o olhar das garotas quando entrava na igreja para a missa das oito todos os dias de manhã.

E então o sonho se realizou. A Redentorista ganhou o campeonato municipal. Os oprimidos haviam conseguido, os garotos do outro lado de Magazine Street, os que falavam daquele jeito diferente de tal modo que todos sabiam que eles vinham do Irish Channel.

Até mesmo o Times-Picayune estava cheio de elogios extasiados. A campanha para a construção do ginásio estava a toda, e Marie Louise e Michael "foram até o fim" e depois passaram por dias de agonia enquanto esperavam para ver se Marie Louise estava grávida.

Michael poderia ter perdido tudo nessa época. Ele não queria saber de mais nada a não ser de fazer gols, de ficar com Marie Louise e de ganhar dinheiro para poder sair com ela de carro. No dia da Terça feira gorda ele e Marie Louise, vestidos de piratas, foram até o French Quarter, beberam cerveja e ficaram abraçados namorando num banco em Jackson Square.

A medida que o verão ia chegando, ela falava cada vez mais em casamento. Michael não sabia o que fazer. Ele achava que devia ficar com Marie Louise, mas não conseguia conversar com ela. Ela detestava os filmes que ele a levava a ver: Lust for Life, Marty ou On the Waterfront. E, quando ele falava em ir para a universidade, ela dizia que ele estava sonhando.

Veio então o inverno do último ano de segundo grau de Michael. O frio era intenso, e Nova Orleans teve sua primeira nevasca em cem anos. Quando as escolas liberaram os alunos cedo, Michael foi sozinho caminhar pelo Garden District, com suas belas árvores cobertas de branco,

a observar a neve macia e silenciosa que caía ao seu redor. Ele não quis dividir esse momento com Marie Louise. Em vez disso, compartilhou-o com as casas e as árvores que adorava, maravilhado diante do espetáculo das grades de ferro fundido e das varandas enfeitadas com a neve.

Crianças brincavam nas ruas. Os carros vinham devagar sobre o gelo, derrapando

perigosamente nas esquinas. Por horas a fio, o lindo tapete de neve permaneceu no chão. Michael voltou afinal para casa, com as mãos tão frias que mal pôde girar a chave na fechadura. Encontrou a mãe chorando. Seu pai havia morrido num incêndio num armazém às três da tarde. Na hora, estava tentando salvar um outro bombeiro.

Estava tudo acabado para Michael e a mãe no Irish Channel. Antes do final de maio, a casa de Annunciation Street estava vendida. E uma hora depois de receber seu diploma do segundo grau diante do altar da igreja de Santo Afonso, ele e a mãe estavam num ônibus dirigindo-se para a Califórnia.

Agora Michael iria ter acesso a "coisas boas", iria para a faculdade e teria contato com gente que falava um inglês decente. Tudo isso acabou se realizando. Sua tia Vivian morava num apartamento bonito que dava para o Golden Gate Park, cheio de móveis escuros e quadros a óleo de verdade. Eles ficaram com ela até conseguir um lugar para eles a alguns quarteirões dali. Michael imediatamente se inscreveu para fazer o primeiro ano na universidade estadual, com o dinheiro do seguro do pai cobrindo tudo.

Michael adorou San Francisco. É verdade que sempre fazia frio, ventava muito e que a cidade era árida. Mesmo assim, ele gostava das cores sombrias da cidade, que lhe

davam uma impressão diferente, os ocre, os verdes oliva, os escuros vermelhos romanos e os cinzas profundos. As grandes e rebuscadas casas vitorianas lembravam-lhe aquelas belas mansões de Nova Orleans.

Por estar fazendo cursos de verão no prédio central da faculdade estadual, a fim de corrigir suas falhas em matemática e ciências, ele praticamente não tinha tempo para sentir saudade de casa, para pensar em Marie Louise ou em qualquer outra garota. Quando não estava estudando, ele se ocupava tentando compreender as coisas - como San Francisco funcionava, o que a tornava tão diferente de Nova Orleans.

A imensa classe inferior á qual ele pertencia em Nova Orleans parecia não existir nessa cidade, na qual até mesmo os policiais e os bombeiros falavam bem, vestiam-se bem e moravam em casas caríssimas. Era impossível saber de que parte da cidade uma pessoa era. As próprias calçadas eram surpreendentemente limpas, e um ar de moderação parecia afetar até mesmo as conversas mais curtas entre as pessoas.

Quando ia a Golden Gate Park, Michael ficava pasmo com a natureza das pessoas, o fato de elas parecerem acrescentar beleza à paisagem de um verde escuro, em vez de invadi-la. Elas andavam pelos caminhos nas suas charmosas bicicletas importadas, faziam piqueniques em pequenos grupos na grama aveludada ou se sentavam na concha acústica para ouvir o concerto de domingo.

Os museus da cidade também foram uma revelação, cheios de Velhos Mestres de verdade, e aos domingos ficavam lotados de gente comum, gente com crianças, que parecia achar tudo muito natural. Michael roubava horas de estudo dos seus fins de semana para poder vaguear pelo De

Young e contemplar com reverência o maravilhoso quadro de El Greco de São Francisco de Assis, com sua expressão atormentada e seu rosto cinzento e emaciado.

- Tudo isso aqui é a América? - perguntava-se Michael. Era como se ele tivesse vindo de um outro país para entrar naquele mundo que só vislumbrava no cinema ou na televisão. Não nos filmes estrangeiros das casas imponentes e das jaquetas, mas em filmes americanos mais recentes e em programas de televisão, em que tudo era correto e civilizado.

E aqui sua mãe estava feliz, realmente feliz como Michael nunca havia visto antes,

guardando no banco dinheiro do seu emprego em Le Magnin, onde vendia cosméticos como costumava vender muitos anos antes, e nos fins de semana fazendo visitas à irmã e às vezes ao irmão mais velho, "tio Michael", um bêbado requintado que vendia "porcelana fina" na Gumps, em Post Street.

Uma noite de sábado, foram a um teatro antiquado em Geary Street assistir a uma

produção ao vivo de My Fair Lady. Michael adorou. Depois disso, costumavam ir aos "pequenos teatros" ver peças notáveis: Calígula de Albert Camus, Os pequenos-burgueses de Maximo Gorki e uma estranha miscelânea de monólogos baseada na obra de James Joyce, intitulada Ulysses in Nighttown.

Michael estava enlevado com tudo isso. Tio Michael prometeu levá-lo para ver La Bohème quando começasse a temporada da ópera. Michael não teve palavras para agradecer.

Era como se sua infância em Nova Orleans nunca tivesse realmente acontecido. Ele adorava o centro de San Francisco, com seus bondes barulhentos e suas ruas apinhadas de gente, a grande loja popular na esquina de Powell e Market, onde ele podia ficar lendo junto à estante das brochuras por horas a fio sem ser notado.

Ele gostava das bancas de flores que vendiam buquês de rosas vermelhas por quase nada e as lojas sofisticadas em Union Square. Adorava os pequenos cinemas de filmes estrangeiros, dos quais havia pelo menos uma dúzia, onde ele e a mãe iam ver *Nunca aos domingos*, com Melina Mercouri, e *A doce vida de Fellini*, sem sombra de dúvida o filme mais fantástico que Michael jamais vira.

Havia também as comédias com Alec Guinness, filmes filosóficos e sombrios, de Ingmar Bergman da Suécia, e inúmeros outros filmes do Japão, da Espanha e da França. Muitas pessoas em San Francisco assistiam a esses filmes. Não havia nelas absolutamente nada de secreto.

Ele também apreciava tomar café com outros estudantes dos cursos de verão no restaurante Foster's, amplo e exageradamente iluminado, em Sutter Street, falando pela primeira vez na vida com orientais e judeus de Nova York, pessoas de cor instruídas que falavam um inglês perfeito e homens e mulheres mais velhas que roubavam tempo das famílias e dos empregos para voltar à escola pelo simples prazer de estudar.

Foi durante esse período que Michael veio a compreender o pequeno segredo da família da sua mãe. Juntando pedacinhos aqui e ali, ele concluiu que essas pessoas haviam sido muito ricas. E que foi a avó paterna da mãe de Michael que havia dissipado toda a fortuna. Dela nada havia sido herdado a não ser uma cadeira entalhada e

três quadros de paisagens com molduras pesadas. Mesmo assim, falava-se dela como de alguém mais do que maravilhoso, uma deusa, dava para se pensar, que havia viajado pelo mundo inteiro, que comia caviar e que conseguiu que seu filho estudasse em Harvard antes da bancarrota total.

Quanto a esse filho, o pai da mãe de Michael, ele havia bebido até morrer depois de perder a esposa, uma "belíssima" mulher de origem irlandesa americana, do Mission District de San Francisco. Ninguém queria falar da "Mãe" e logo ficou claro que a "Mãe" havia se suicidado. O "Pai", que bebeu incessantemente até ter um derrame fatal, deixou uma pequena pensão para os três filhos. A mãe de Michael e sua irmã Vivian terminaram sua educação no Convento do Sagrado Coração e procuraram ocupações distintas. Tio Michael era "a imagem cuspidada de papai", diziam com um suspiro, quando ele adormecia no sofá de tanto beber conhaque.

Tio Michael era o único vendedor que Michael jamais conheceu que conseguia vender sem se levantar de onde estava sentado. Ele voltava para a Gumps, embriagado depois do almoço, e ficava ali sentado, exausto e afogueado, apenas apontando para a porcelana belíssima, explicando tudo da sua cadeira, enquanto os jovens fregueses, noivos prestes a se casarem, tomavam suas decisões. As pessoas pareciam considerá-lo encantador. Ele realmente conhecia tudo a respeito de porcelana fina, e era um cara extremamente simpático.

Esse lento aprendizado sobre a família da mãe foi muito esclarecedor para Michael. A medida que o tempo foi passando, ele chegou à conclusão de que os valores da sua mãe eram essencialmente os dos muito ricos, embora ela própria não percebesse isso. Ela ia ver os filmes

estrangeiros porque eles eram divertidos, não para seu enriquecimento cultural. Ela queria que Michael fosse para a universidade porque era lá que ele "deveria" estar. Para ela, era perfeitamente natural fazer as compras na Young Man's Fancy trazendo-lhe suéteres de gola careca e camisas clássicas que faziam com que ele parecesse um menino da classe alta. No entanto, do ímpeto ou da ambição da classe média, ela, a irmã e o irmão praticamente não sabiam nada.

O trabalho só lhe agradava porque I. Magnin era a melhor loja da cidade e ali ela conhecia gente interessante. Nas suas horas de lazer, ela bebia vinho em quantidades cada vez maiores, lia seus romances, visitava amigas e era uma pessoa feliz, satisfeita.

Foi o vinho que afinal a matou. Pois, com o passar dos anos, ela se tornou uma alcoólatra refinada, bebericando a noite toda num copo de cristal a portas fechadas e invariavelmente desmaiando antes de dormir. Finalmente, muito tarde numa noite, ela bateu com a cabeça numa queda no banheiro, pôs uma toalha no ferimento e voltou para a cama, sem perceber que estava sangrando lentamente.

Já estava fria quando Michael conseguiu arrombar a porta. Isso aconteceu na casa em Liberty Street, que Michael havia comprado e restaurado para a família, apesar de tio Michael a essa altura já estar morto, também da bebida, embora o caso dele tivesse sido chamado de derrame.

No entanto, a despeito da sua própria inércia e afinal da sua indiferença diante do mundo em geral, a mãe de Michael sempre teve orgulho da ambição do filho. Ela entendia sua vontade de vencer porque o compreendia, e o

filho era o único fator que havia conferido um significado verdadeiro à sua vida.

E a ambição de Michael era uma chama incontrollável quando ele afinal entrou para San Francisco State College, no outono, matriculado como calouro. Ali, no imenso campus da universidade, em meio a estudantes de dedicação integral, de todas as camadas sociais, Michael se sentia anônimo, cheio de força e pronto para começar sua verdadeira formação. Era como naqueles velhos tempos na biblioteca. Só que agora ele ganhava pontos com o que lia. Ele era valorizado por querer compreender todos os mistérios da vida que o instigavam tanto no passado quando ele escondia sua curiosidade daqueles que poderiam ridicularizá-lo.

Ele não conseguia acreditar na própria sorte. Indo de uma sala para a outra, no delicioso prazer do anonimato em meio ao enorme proletariado de alunos, com suas mochilas e seus sapatos pesados, Michael ouvia, extasiado, as palavras dos professores e as perguntas espantosamente inteligentes dos estudantes ao seu redor. Temperando seu currículo com créditos opcionais em arte, música, história contemporânea, literatura comparada e até mesmo teatro, ele aos poucos adquiriu uma formação em ciências humanas à moda antiga.

Acabou formando-se em história por ser uma matéria que apreciava, na qual tinha condições de escrever os trabalhos e fazer boas provas, e porque sabia que sua ambição mais recente - a de ser arquiteto - simplesmente estava fora do seu alcance. Ele não conseguia avançar na matemática, por mais que tentasse. E, apesar de todo o seu esforço, não conseguiu pontos suficientes para garantir sua admissão na Escola de Arquitetura, para quatro anos de pós-graduação. Ele também gostava de história por se

tratar de uma ciência social na qual as pessoas tentam se distanciar do mundo para compreender seu funcionamento. E era isso o que vinha fazendo desde quando era menino no Irish Channel.

Síntese, teoria, visão geral - tudo isso era totalmente natural para ele. E como provinha de um lugar tão diferente e estranho, como estava tão surpreso com a modernidade da Califórnia, a perspectiva do historiador era para ele confortável. Acima de tudo, gostava de ler obras bem escritas sobre cidades e séculos; livros que tentassem descrever lugares ou épocas em termos das suas origens, do seu progresso sociológico ou tecnológico, das suas lutas de classes, da sua arte e literatura.

Michael estava mais do que satisfeito. Quando o dinheiro do seguro foi acabando, ele foi trabalhar em meio-expediente com um carpinteiro especializado na restauração das belas casas vitorianas de San Francisco. Voltou a estudar os livros sobre casas, como havia feito nos velhos tempos. Quando recebeu seu diploma de bacharel, seus velhos amigos de Nova Orleans não o teriam reconhecido. Ainda tinha a compleição física

do jogador de futebol americano, os ombros possantes e o tórax sólido, e a carpintaria o mantinha em boa forma. Seus cabelos pretos e encaracolados, os grandes olhos azuis e as sardas claras no rosto continuavam a ser características que o distinguiam. Mas agora ele usava óculos de armação escura para ler, e seu traje habitual era um suéter de ponto de trança e um paletó de tweed de Donegal com reforço no cotovelo. Até mesmo fumava um cachimbo que sempre trazia no bolso direito do casaco.

Aos vinte e um anos de idade, ele estava igualmente à vontade martelando a valer numa casa de estrutura de

madeira ou batendo veloz com apenas dois dedos um trabalho sobre "As perseguições às feiticeiras na Alemanha no século XVII".

Dois meses depois de começar sua pós-graduação em história, ele passou a se preparar, simultaneamente com o estudo na faculdade, para os exames para empreiteiro estadual. Estava agora trabalhando como pintor. Aprendia, ainda, o ofício de estucador e o de assentador de pisos e azulejos - enfim qualquer atividade no ramo da construção para a qual alguém se dispusesse a contratá-lo.

Continuou a estudar porque uma profunda insegurança não lhe permitiria agir de outro modo, mas, já a essa altura, ele sabia que nenhum prazer de natureza acadêmica poderia jamais satisfazer sua necessidade de trabalhar com as mãos, ao ar livre, de subir escadas, usar o martelo e no final do dia sentir aquela sublime exaustão física. Nada jamais poderia tomar o lugar das suas belas casas. Ele adorava ver o resultado do seu trabalho - telhados consertados, escadarias restauradas, pisos trazidos de volta de um encardido irremediável para um brilho perfeito. Ele adorava descascar e laquear os batentes de porta, as balaustradas e os pilares de sustentação do corrimão bem trabalhados. E na sua condição de eterno aprendiz, estudou com todos os artífices com quem trabalhou.

Interrogava os arquitetos sempre que podia. Fazia cópias das plantas para estudo mais pormenorizado. Debruçava-se sobre livros, revistas e catálogos dedicados à restauração e á era vitoriana.

As vezes tinha a impressão de gostar mais de casas do que de seres humanos. Gostava delas como os marinheiros gostam das embarcações.

E, depois do trabalho, costumava caminhar sozinho pelos cômodos aos quais dera

uma nova vida, tocando carinhosamente os peitoris das janelas, as maçanetas de latão, as paredes acetinadas. Era capaz de ouvir o que uma grande casa lhe dizia.

Terminou seu mestrado em história em dois anos, exatamente quando explodiam nas universidades americanas os protestos estudantis contra a guerra no Vietnã e quando o uso de drogas psicodélicas passou a ser moda entre os jovens que vinham aos montes para Haight Ashbury em San Francisco. Bem antes disso, porém, ele já havia passado no concurso para empreiteiro, tendo formado sua própria empresa.

O universo da paz e amor, da revolução política e da transformação pessoal através das drogas era algo que ele nunca entendeu totalmente, e algo que realmente nunca o afetou. Ele dançou no Avalon Ballroom ao som dos Rolling Stones, fumou maconha, queimou incenso de vez em quando, ouvia discos de Bismilla Kahn e Ravi Shankar. Chegou mesmo a ir com uma namorada ao famoso encontro em Golden Gate Park no qual Timothy Leary disse aos seus seguidores que se ligassem, despertassem e pulassem fora. No entanto, tudo isso era apenas moderadamente fascinante para ele.

O historiador no seu íntimo não conseguia sucumbir à retórica revolucionária superficial, freqüentemente tola, que ouvia por toda parte. Ele só podia rir em silêncio do marxismo de fachada dos seus amigos que pareciam não conhecer absolutamente nada de pessoal sobre o trabalhador. E observava horrorizado quando aqueles que amava destruíam totalmente sua paz de espírito, quando não seus próprios cérebros, com poderosos alucinógenos.

Ele, entretanto, aprendeu com isso tudo. Aprendeu enquanto procurava compreender. E o imenso amor psicodélico pelas cores e pelas estamparias, pela música e pelo estilo oriental, teve a inevitável influência sobre sua estética. Anos mais tarde, ele defenderia a tese de que a grande revolução da consciência na década de 1960 havia beneficiado todos os indivíduos do país - que a reforma das casas antigas, a construção de belos prédios públicos com pátios e parques cobertos de flores, até mesmo o surgimento de modernos shopping com pisos de mármore, fontes e canteiros - que tudo isso tinha como origem direta aqueles anos cruciais em que os hippies de Haight Ashbury penduravam samambaias na janela dos seus apartamentos e cobriam seus móveis de segunda mão com colchas indianas de colorido brilhante, em que as moças enfeitavam suas cabeleiras ondulantes com as famosas flores e em que os homens trocavam suas roupas insípidas por camisas de cores berrantes e deixavam o cabelo crescer á vontade.

Nunca houve na sua mente nenhuma dúvida de que esse período de turbulência, de consumo de drogas em massa e de música rebelde havia exercido influência direta sobre sua carreira. De um canto do país ao outro, casais jovens davam as costas às casinhas convencionais dos subúrbios modernos e, com uma nova paixão pela textura, pelo detalhe e pela variedade das formas, voltavam sua atenção às elegantes residências antigas do centro da cidade. San Francisco tinha uma quantidade incalculável desse tipo de casa.

Michael tinha perpetuamente uma lista de espera de clientes ansiosos. A Grandes Esperanças podia reformar, restaurar, construir do nada. Ele logo tinha projetos em andamento por toda a cidade. Não havia nada que lhe desse mais prazer do que entrar numa ruína vitoriana toda

mofada em Divisadero Street e dizer "E, posso lhe entregar um palazzo aqui dentro de seis meses".

Seu trabalho ganhava prêmios. Ele ficou famoso pelos lindos desenhos detalhados que fazia. De alguns projetos ele se incumbiu sem nenhuma orientação arquitetônica. Todos os seus sonhos estavam se realizando. Tinha trinta e dois anos quando adquiriu uma antiga residência em Liberty Street, restaurou-a por dentro e por fora, providenciando apartamentos para sua mãe e sua tia, e foi morar ali no andar superior, com uma vista para as luzes do centro, exatamente no estilo que sempre havia desejado. Os livros, as cortinas de renda, o piano, as belas antiguidades - tudo isso ele possuía. Construiu, também, um amplo deque para o lado do morro, onde podia ficar sentado sorvendo o fugidio sol do norte da Califórnia. A eterna névoa do oceano freqüentemente se dissipava antes de chegar aos morros do seu bairro. E assim ele parecia ter conquistado não só o luxo e o requinte que vislumbrara tantos anos atrás no sul, mas um pouco do sol e do calor de que se lembrava com carinho.

Aos trinta e cinco anos de idade, ele já havia vencido pelo seu próprio esforço, além de possuir uma boa formação. Ele havia ganho e poupado seu primeiro milhão de dólares numa carteira de títulos municipais. Amava San Francisco porque tinha a sensação de que a cidade lhe havia dado tudo o que ele havia desejado um dia.

Apesar de Michael ter se feito por si mesmo, como muita gente já o fez na Califórnia, criando um estilo em perfeita sintonia com o estilo de tantas outras pessoas que se forjaram sozinhas, ele nunca deixou de ser em parte aquele menino teimoso do Irish Channel que havia crescido usando um pedaço de pão para empurrar as ervilhas até o garfo.

Ele nunca abandonou por completo seu acentuado sotaque e, às vezes, quando estava tratando com os operários no trabalho, voltava a usá-lo. Também nunca perdeu alguns dos seus hábitos ou idéias mais toscas, e isso sabia sobre si mesmo.

Seu modo de lidar com tudo isso era perfeito para a Califórnia. Ele simplesmente deixava transparecer. Afinal, fazia parte dele. Não tinha nenhuma dificuldade em perguntar onde estava a carne com batata quando ia a algum sofisticado restaurante especializado na nouvelle cuisine na realidade, gostava muito de carne com batata, que comia sempre que possível, a ponto de excluir outros pratos), ou em deixar seu cigarro Camel ficar pendurado na boca enquanto falava, do mesmo jeito que seu pai fazia.

E ele se relacionava bem com seus amigos liberais principalmente porque não se dava ao trabalho de discutir com eles. Enquanto eles gritavam uns com os outros por cima das canecas de cerveja, a respeito de países estrangeiros onde nunca haviam estado e que jamais iriam visitar, ele desenhava casas em guardanapos.

Quando ele chegava a expor suas idéias, era num estilo extremamente abstrato, com distanciamento, pois de fato ele se sentia um estrangeiro na Califórnia, um estrangeiro no século XX. E não ficava nem um pouco surpreso com o fato de ninguém prestar muita atenção ao que dizia. No entanto, qualquer que fosse a tendência política em pauta, ele sempre se relacionava mais profundamente com aqueles que eram apaixonados como ele: artesãos, pintores, músicos, gente que seguia em frente presa a uma obsessão. E uma quantidade espantosa de amigos e amantes era de judeus russo-americanos. Eles pareciam realmente entender seu desejo principal de viver uma vida significativa, de interferir no mundo, mesmo que fosse

numa proporção diminuta, com suas visões. Sonhava em construir suas próprias casas famosas; em transformar quarteirões inteiros; em criar enclaves com cafés, livrarias e pensões dentro dos antigos bairros de San Francisco.

De vez em quando, especialmente depois da morte da mãe, ele pensava no passado em Nova Orleans, que lhe parecia cada vez mais estranho e fantástico. As pessoas na Califórnia pensavam que eram livres, mas como eram submissas, refletia. Ora, todo mundo que vinha do Kansas, de Detroit e de Nova York simplesmente perseguia os mesmos ideais liberais, os mesmos estilos de pensar, de se vestir, de sentir. Na verdade, às vezes o conformismo era decididamente ridículo. Havia amigos que realmente diziam frases como, "Não era esse o que íamos boicotar esta semana?" e "Não se espera de nós que sejamos contra isso?" Lá na sua cidade natal, podia ser que houvesse deixado uma cidade de gente intolerante, mas ela era também uma cidade de personagens marcantes.

Na sua cabeça, ele ouvia os velhos contadores de histórias do Irish Channel, o seu avô lhe contando como entrara escondido na igreja dos alemães quando era menino só para saber como era o latim alemão. E a história do tempo de vovó Gelfand Curry, a única antepassada alemã no clã inteiro, quando batizavam as criancinhas na igreja de Santa Maria para deixá-la feliz e depois saíam às ocultas para que fossem batizadas novamente na de Santo Afonso, do jeito certo, na igreja dos irlandeses, com o mesmo sacerdote presidindo, paciente, as duas cerimônias.

Que figuras as dos seus tios, esses velhos que foram morrendo um a um enquanto ele ia crescendo. Ele ainda ouvia seu relato de como atravessavam nadando o Mississippi, ida e volta (o que ninguém fazia no tempo de Michael), como davam mergulhos de cima dos armazéns

quando estavam embriagados, como amarraram grandes remos nos pedais das bicicletas para ver se elas funcionavam dentro d'água.

Parecia que tudo era lenda. Dava para encher uma noite de verão com a conversa sobre o primo Jamie Joe Curry, em Argel, que se tornou um religioso tão fanático que tiveram de acorrentá-lo a um poste o dia inteiro, e sobre o tio Timothy que ficou louco em consequência da tinta do linotipo, de tal forma que vedava com jornal todas as rachaduras em volta das portas e das janelas e passava o tempo recortando milhares e milhares de bonecas de papel.

E o que dizer da linda tia Lelia, que havia se apaixonado por um rapaz italiano quando era jovem e que nunca soube até ficar velha e encarquilhada que seus irmãos haviam dado uma surra no rapaz numa noite, expulsando-o do Irish Channel. Nada de carcamanos por perto. Sua vida inteira ela chorou pela perda do rapaz. Quando lhe contaram, ela, furiosa, virou de pernas para o ar a mesa do jantar.

Até mesmo algumas das freiras tinham histórias fabulosas a contar: as velhas como a irmã Bridget Marie que havia substituído outra professora durante duas semanas quando Michael estava na oitava série, uma irmãzinha realmente simpática que ainda falava com forte sotaque irlandês. Ela não lhes ensinou absolutamente nada. Só lhes contou histórias do fantasma irlandês de Petticoat Loose e de bruxas - bruxas, dá para se acreditar! - no Garden District.

E o melhor da conversa naquela época havia sido simplesmente a que falava da própria vida - de como era fazer a própria cerveja, viver com apenas duas lamparinas numa casa inteira e como era preciso encher a banheira portátil na noite de sexta para todos poderem tomar banho

diante da lareira na sala de estar. Coisas da vida. A roupa fervendo num fogão de lenha no quintal, a água de cisternas cobertas de um musgo verde. Os mosquiteiros bem ajeitados na hora de dormir. Coisas que agora provavelmente estariam inteiramente esquecidas.

As recordações vinham em relances estranhíssimos. Ele se lembrava do cheiro dos guardanapos de linho quando sua avó os passava antes de guardá-los nas gavetas fundas do aparador de noqueira. Ele se lembrava do gosto de sopa de siri e quiabo, com bolachas e cerveja; do barulho assustador dos tambores nos desfiles de carnaval. Ele via o homem do gelo subindo rápido a escada dos fundos, com um gigantesco bloco de gelo numa almofada no ombro. E ouvia insistentemente aquelas vozes maravilhosas, que na época lhe pareciam tão grosseiras, mas que agora pareciam possuir uma riqueza de vocabulário, uma queda para a expressão dramática, uma paixão pelo próprio ato de falar.

Histórias de incêndios famosos, dos célebres distúrbios provocados por greves dos bondes e dos carregadores de algodão que tinham de aparafusar os fardos nos porões dos navios com enormes parafusos de ferro, cantando enquanto trabalhavam, nos tempos anteriores às prensas de enfardar algodão. Em retrospectiva, parecia ser um mundo fabuloso. Na Califórnia, às vezes tudo era tão pasteurizado. As mesmas roupas, os mesmos carros, as mesmas causas. Talvez o lugar de Michael não fosse ali. Talvez nunca viesse a ser. Mesmo assim, ele tinha certeza de que seu lugar não estava lá no passado. Ora, ele nem havia visitado a cidade em todos esses anos...

Ele desejava ter prestado mais atenção àqueles caras naquela época. É que havia sentido muito medo. Ele agora tinha vontade de poder conversar com o pai, sentar-se com

ele e com todos aqueles outros bombeiros malucos no quartel em Washington Avenue.

Será que os carvalhos eram realmente tão grandes? Será que eles de fato formavam um arco perfeito sobre a rua, de tal forma que dava para se olhar por um túnel verde até o rio ao longe?

Ele costumava se lembrar da cor do crepúsculo quando voltava a pé para casa, tarde depois do treino de futebol, vindo por Annunciation Street. Como era bonita a lantana laranja e rosa que saía por entre as pequenas cercas de ferro. Ah, será que existia um céu tão incandescente quanto aquele que passava do rosa ao violeta e afinal ao dourado acima dos telhados das casas operárias? Não podia existir um lugar tão fantástico.

E o Garden District, ah, o Garden District. Suas recordações dali eram tão etéreas a ponto de serem suspeitas. As vezes ele sonhava com o lugar: um paraíso luminoso e cálido onde ele se descobria caminhando entre palácios esplêndidos, cercados por flores perenes e folhas de um verde reluzente. Ele acordava, então, e pensava, e eu estava lá, caminhando por First Street. Eu estava de volta. Mas era impossível que fosse realmente assim, e ele sentia vontade de ver tudo de novo.

Algumas casas específicas voltavam à sua memória: a imensa residência espraçada na esquina de Coliseum e Third, pintada de um branco puríssimo até as grades de ferro fundido. E as casas de duas varandas com corredor lateral que ele apreciava acima de todas, com suas quatro colunas frontais, seus longos flancos e suas altas chaminés gêmeas.

Ele se lembrava até de pessoas que havia muitas vezes visto de relance nos seus passeios de costume, velhos em ternos de seersucker e chapéus de palha, senhoras de bengala, babás negras em uniformes azuis de algodão engomado empurrando carrinhos de bebê. E aquele homem, aquele homem estranho, de trajes imaculados, que ele via com tanta freqüência em First Street nas profundezas daquele jardim descuidado.

Sentia vontade de voltar para conferir a recordação com a realidade. Queria ver a pequena casa de Annunciation Street, onde havia crescido. Queria visitar a igreja de Santo Afonso, onde havia sido coroinha aos dez anos de idade. E a igreja de Santa Maria do outro lado da rua, com seus arcos góticos e seus santos de madeira, onde ele também havia ajudado na missa.

Será que os afrescos no teto de Santo Afonso eram de fato tão bonitos? As vezes, quando ia adormecendo, ele se imaginava de novo naquela igreja na véspera de Natal, quando ela estava lotada para a Missa do Galo.

Velas ardiam nos altares. Ele costumava ouvir o hino eufórico "Adeste Fideles". A véspera de Natal, com a chuva entrando em rajadas pelas portas, e em casa depois a pequena árvore iluminada num canto e o aquecedor a gás chamejando na lareira. Como eram bonitas aquelas minúsculas chamas azuis.

Como era linda aquela pequena árvore, com suas luzes que representavam a Luz

do Universo, seus enfeites que simbolizavam os presentes dos Reis Magos e seus galhos com cheiro de verde que reforçavam a promessa do verão por vir mesmo em meio ao frio do inverno.

Veio-lhe à memória uma procissão da Missa do Galo na qual as meninas da primeira série vinham vestidas de anjos e saíam pelo santuário descendo pela nave principal da igreja. Ele sentia o perfume das plantas verdes do Natal, mesclando-se à doçura das flores e da cera derretida.^f As meninas cantavam algo sobre o Menino Jesus. Ele havia visto Rita Mae Dwyer, Marie Louise Guidry e sua prima Patricia Anne Becker, além de todas as outras pestinhas que ele conhecia, mas como estavam lindas com as camisolas brancas e asas duras de tecido. Já não eram mais apenas monstros, mas anjos de verdade. Era essa a magia do Natal. E, quando chegou em casa depois da missa, todos os presentes estavam debaixo da árvore iluminada.

Procissões. Elas eram tantas. Mas ele nunca apreciou de verdade as da Virgem Maria. Na sua cabeça ela estava muito ligada às freiras perversas que machucavam tanto os meninos, e ele não conseguia sentir grande devoção por ela, o que o deixava triste até ele crescer o suficiente para não se importar.

Já do Natal ele nunca se esqueceu. Foi o único resquício de religião que jamais o abandonou, pois ele percebia por trás da festividade uma história imensa e tremeluzente que remontava a milênios até o tempo das florestas escuras onde ardiam fogueiras e os pagãos dançavam. Ele gostava de recordar o presépio com o bebê sorridente, e o momento solene da meia-noite, quando Cristo mais uma vez nascia para o mundo.

Na realidade, daí em diante na Califórnia, a véspera de Natal era o único dia que Michael considerava sagrado. Ele sempre celebrou esse dia como outros celebravam a véspera do Ano Novo. Para ele, tratava-se do símbolo de um novo início: do tempo perdendo a pessoa e todos os seus erros para que ela pudesse recomeçar. Mesmo quando

estava sozinho, ficava acordado, sentado com seu copo de vinho até a meia-noite, com a luz da pequena árvore fornecendo a única iluminação da sala. E naquele último Natal, havia nevado - logo a neve, caindo devagar e silenciosa com o vento talvez no exato instante em que seu pai havia atravessado o teto em chamas do armazém em Tchoupitoulas Street.

Fosse como fosse, Michael nunca voltou lá.

Ele simplesmente não conseguia arrumar tempo. Estava sempre se esforçando para terminar um serviço já com o prazo estourado. E as curtas férias que tirava, passava na Europa, ou em Nova York a perambular pelos grandes monumentos e museus. Ao longo dos anos, suas diversas namoradas preferiam que fosse assim. Quem quer ir ver o carnaval de Nova Orleans, se pode ir até o Rio? Por que alguém iria ao sul dos Estados Unidos quando poderia visitar o sul da França? No entanto, freqüentemente ocorria a Michael que ele havia conquistado tudo o que sempre desejou naqueles antigos passeios pelo Garden District e que devia voltar lá para fazer uma avaliação, ver se estava se enganando ou não. Não havia momentos em que sentia um vazio? Em que se sentia como se estivesse á espera de alguma coisa, algo de extrema importância, que ele não sabia o que era?

Uma coisa que ele não havia encontrado era um amor forte e duradouro, mas sabia que com o tempo isso viria. E talvez, então, ele levasse sua noiva para uma visita á cidade natal. Não estaria sozinho ao vaguear pelos caminhos dos cemitérios ou pelas velhas calçadas. Quem sabe? Talvez até pudesse ficar algum tempo, percorrendo a esmo as mesmas ruas.

E claro que Michael teve alguns casos ao longo dos anos, e pelo menos dois deles se assemelharam a casamentos. As duas mulheres eram judias, descendentes de russos, cheias de paixão, de espírito, brilhantes e independentes. E Michael sempre teve um orgulho doído dessas mulheres cultas e inteligentes. Esses relacionamentos nasceram tanto da troca de idéias quanto da sensualidade. Conversa a noite inteira depois de fazer amor, conversa com pizza e cerveja, conversa ao nascer do sol: era isso o que Michael sempre fazia com suas namoradas.

Ele aprendeu muito com esses relacionamentos. Sua disponibilidade, como que desprovida de ego, era extremamente sedutora para as mulheres, e ele absorvia tudo o que elas tinham para ensinar, sem grande esforço. Elas adoravam viajar com ele até Nova York, à Riviera ou à Grécia, e ver seu entusiasmo encantador e seus sentimentos profundos pelo que via. Elas compartilhavam com ele sua música preferida, seus pintores favoritos, seus pratos prediletos, sua idéias acerca de mobília, roupas. Elizabeth ensinou-o a comprar um terno decente da Brooks Brothers e camisas Paul Stewart.

Judith levou-o até Bullock and Jones para sua primeira capa Burberry e a salões sofisticados para o corte de cabelo correto e o ensinou a pedir vinhos europeus e a cozinhar macarrão, além de lhe mostrar por que a música barroca era tão boa quanto a música clássica que ele adorava.

Ele ria de tudo isso, mas ia aprendendo. As duas mulheres brincavam com ele sobre suas sardas e seu físico de peso pesado, sobre o jeito que seu cabelo caía nos olhos azuis, sobre como os pais que vinham visitá-los o adoravam, sobre seu charme de menino malvado e sobre sua esplêndida aparência num traje a rigor. Elizabeth costumava

chamá-lo de "meu valentão de coração de ouro", e Judith lhe deu o apelido de Valentão. Ele as levava a Golden Glove para ver lutas de boxe e partidas de basquete, e a bons bares para beber cerveja. Ele as ensinou a apreciar os jogos de futebol e de rúgbi em Golden Gate Park aos domingos, se é que elas já não apreciavam, e até a brigar na rua se elas quisessem aprender. Mas isso era mais uma brincadeira do que qualquer outra coisa. Ele também as levava à ópera e a concertos, que assistia com um fervor religioso. E elas o apresentaram a Dave Brubeck, Miles Davis, Bill Evans e ao Kronos Quartet.

A receptividade de Michael, assim como sua paixão, costumavam seduzir todo mundo.

No entanto, seu aspecto malvado também encantava as namoradas, quase sempre. Quando furioso, ou mesmo quando ligeiramente ameaçado, ele podia voltar instantaneamente à sua cara fechada de menino do Irish Channel. E, ao fazer isso, demonstrava grande convicção e confiança além de uma certa sexualidade inconsciente. As mulheres também ficavam impressionadas com suas habilidades mecânicas, sua desenvoltura com o martelo e os pregos e com sua coragem.

O medo da humilhação, é, isso ele compreendia no seu íntimo, e havia alguns medos irracionais da infância que ainda o atormentavam. Mas o medo de alguma coisa concreta? Na vida adulta, ele não sabia o que isso significava. Quando se ouvia um grito na noite, Michael era o primeiro a descer a escada para investigar.

Essa atitude não era assim tão comum entre homens de alto nível de instrução. O mesmo ocorria com sua abordagem entusiástica, ardente e tipicamente direta ao sexo físico. Ele gostava do sexo simples e sem rodeios, ou

mais fantasioso se elas preferissem assim. Gostava de manhã ao acordar assim como à noite. Isso conquistava corações. O primeiro rompimento, com Elizabeth, foi culpa de Michael, na sua própria opinião, porque ele simplesmente era jovem demais e não havia se mantido fiel. Elizabeth simplesmente se cansou das suas outras "aventuras", embora ele jurasse que elas "não significavam nada", e acabou fazendo as malas e o abandonando. Ele ficou inconsolável e arrependido. Seguiu-a até Nova York, mas de nada adiantou. Voltou para seu apartamento vazio e bebia de vez em quando ao longo de seis meses de luto. Não pôde acreditar quando Elizabeth se casou com um professor de Harvard, e se rejubilou quando um ano mais tarde ela se divorciou.

Pegou um avião e foi até Nova York para consolá-la; tiveram uma briga no Metropolitan Museum of Art; e ele chorou horas a fio no vôo de volta. Na verdade, ele estava tão triste que, quando aterrissaram, a aeromoça o levou para a casa dela e cuidou dele três dias inteiros. Quando Elizabeth finalmente apareceu no verão seguinte, Judith já havia entrado na vida de Michael.

Judith e Michael viveram juntos durante quase sete anos, e ninguém jamais imaginou que eles pudessem se separar. Foi quando Judith ficou acidentalmente grávida de Michael e, contra a vontade do pai, resolveu não levar a termo a gravidez.

Foi a pior decepção que Michael jamais teve, e conseguiu destruir todo o amor do casal. Michael não questionava o direito de Judith abortar a criança. Ele não concebia um mundo em que as mulheres não tivessem esse direito. E o historiador nele sabia que nunca havia sido possível fazer vigorar as leis contra o aborto porque não

existe nenhum relacionamento que se assemelhe ao da mãe com seu filho em gestação.

Não, nunca havia se oposto ao direito da mulher e, na realidade, até o teria defendido. Ele, porém nunca havia previsto que uma mulher vivendo com ele no luxo e na segurança, uma mulher com quem ele se casaria imediatamente se ela concordasse com isso, fosse querer abortar um filho seu.

Michael implorou para que ela não abortasse. A criança era deles, não era, e o pai a queria desesperadamente e não conseguia suportar a idéia de que ela perdesse sua chance de viver. Ela não precisaria crescer junto deles se Judith preferisse assim. Michael tomaria todas as providências para que ela fosse criada em outro lugar. Dispunha de muito dinheiro. Iria visitar o filho sozinho para que Judith não precisasse saber. Tinha visões de governantas, boas escolas, tudo o que nunca havia tido. O que era mais importante, porém, era que se tratava de um ser vivo, esse bebe em gestação, e seu sangue corria nas suas pequenas veias, o pai não via nenhum motivo razoável para que ele morresse.

Essas idéias eram horrorizantes para Judith. Elas atingiram seu âmago. Ela não queria ser mãe naquela época. Achava que não tinha condições para isso. Estava quase terminando seu doutorado na Universidade de Berkeley, mas ainda precisava escrever sua tese. E seu corpo não era um equipamento a ser usado para simplesmente gerar uma criança para uma outra pessoa. O enorme choque de dar à luz aquela criança, de renunciar a ela, estava acima das suas forças. Teria de viver com essa culpa para sempre. O fato de Michael não compreender seu ponto de vista lhe causava uma dor singular. Ela sempre havia contado com seu direito de abortar um filho

indesejado. Era como se fosse uma rede de segurança. De repente, sua liberdade, sua dignidade e sua sanidade estavam ameaçadas.

Ela dizia que um dia eles teriam um filho, quando a hora fosse adequada para os dois, pois a paternidade era uma questão de escolha e nenhuma criança deveria vir ao mundo se não fosse desejada e amada pelo pai e pela mãe. Nada disso fazia sentido para Michael. A morte era melhor do que o abandono?

Como Judith podia sentir culpa por renunciar à criança e absolutamente nenhuma culpa pela destruição do feto? É verdade, os dois pais deveriam desejar a criança. Mas por que apenas uma das partes detinha o direito de determinar que o bebê não devia vir ao mundo? Eles não eram pobres; não estavam doentes; a criança não era resultado de um estupro. Ora, eles estavam praticamente casados e sem dúvida poderiam se casar se Judith quisesse! Eles tinham tanto a dar a esse bebê.

Mesmo que ele fosse viver com outras pessoas, imagine o que poderiam fazer por ele. Por que cargas d'água aquela coisinha precisava perecer? E pare de dizer que não se trata de uma pessoa. Ele estava no processo de se tornar uma pessoa, ou Judith não estaria pensando em matá-lo. Pelo amor de Deus, por que um bebê recém-nascido seria uma pessoa, e um feto não? E as discussões não paravam, com argumentos cada vez mais aguçados, cada vez mais complexos, vacilando entre o pessoal e o filosófico sem qualquer esperança de solução.

Afinal, Michael detonou seu último cartucho. Se Judith apenas desse à luz a criança, ele iria embora com o filho. Judith nunca mais os veria. Em troca, ele faria o que Judith quisesse. Ele lhe daria tudo o que tivesse que ela pudesse desejar.

Ele chorava enquanto argumentava com ela. Judith ficou arrasada. Michael havia preferido a criança a ela. Ele estava tentando comprar seu corpo, seu sofrimento, aquela coisa que estava crescendo dentro dela. Ela não podia suportar a idéia de ficar na mesma casa com ele. Amaldiçoou o pelo que havia dito. Maldisse sua formação, sua ignorância e, acima de tudo, sua espantosa grosseria com ela. Ele achava fácil o que ela pretendia fazer? No entanto, todos os seus instintos lhe diziam que ela devia dar um fim a esse brutal processo físico, que ela devia extinguir esse pedacinho de vida que nunca havia sido planejado e que agora estava agarrado a ela, crescendo contra sua vontade, destruindo o amor de Michael por ela e pela sua vida juntos.

Michael não conseguiu encará-la. Se queria ir embora, que fosse. Ele queria que ela fosse. Não queria saber nem o dia nem a hora em que seu filho seria destruído.

Foi tomado por um pavor. Tudo à sua volta parecia cinzento. Nada tinha um sabor ou uma aparência agradável. Era como se uma tristeza metálica tivesse dominado seu mundo, e todas as cores e sensações ficassem pálidas nessa atmosfera. Ele sabia que Judith estava sofrendo, mas não podia ajudá-la.

Na realidade, ele não conseguia deixar de odiá-la.

Lembrava -se daquelas freiras na escola, que batiam nos meninos com a palma das mãos. Lembrava-se do aperto dos dedos de uma freira no seu braço quando ela o empurrou para a forma. Lembrava-se do poder irracional, da brutalidade mesquinha. Dizia a si mesmo que aquilo tudo não tinha nada a ver com isso. Judith se importava. Judith era uma boa pessoa. Ela estava fazendo o que achava que tinha de fazer. No entanto, Michael agora sentia o mesmo desamparo que havia sentido naquela época, quando as

freiras patrulhavam os corredores, monstros com seus véus negros, seus sapatos masculinizados batendo forte na madeira encerada.

Judith foi embora quando Michael estava no trabalho. A conta do aborto - médico e hospital de Boston - chegou uma semana depois. Michael mandou o cheque para o endereço indicado. Nunca mais voltou a ver Judith.

Depois disso, durante muito tempo, Michael viveu na solidão. O contato erótico nunca havia sido algo que ele apreciasse com desconhecidas. Agora, porém, ele o temia e escolhia suas parceiras só muito de vez em quando e com enorme prudência. Era cuidadoso ao extremo. Não queria perder mais nenhum filho.

Além disso, ele se descobriu incapaz de esquecer o bebê morto, ou o feto morto para usar o termo exato. Não é que ele tivesse a intenção de ficar pensando na criança - ele havia lhe dado o apelido de Little Chris, mas ninguém precisava saber disso - o problema foi que ele começou a ver imagens de fetos nos filmes que ia ver, nos anúncios de filmes que via nos jornais.

Como sempre, os filmes tinham uma enorme importância na vida de Michael. Como sempre, eles eram uma parte vital e permanente do seu aperfeiçoamento. Ele entrava numa espécie de transe no escuro do cinema. Sentia alguma ligação visceral entre o que acontecia na tela, seus próprios sonhos e subconsciente e seus esforços contínuos no sentido de compreender o mundo em que vivia.

E agora ele via essa imagem curiosa que mais ninguém ao seu redor mencionava: os monstros cinematográficos desses tempos não apresentam uma notável semelhança

com as crianças sendo abortadas todos os dias nas clínicas de todo o país?

Tomemos, por exemplo, Alien de Ridley Scott, no qual o pequeno monstro nasce direto do tórax de um homem, um feto que guincha e mantém sua forma, mesmo à medida que vai crescendo e se banquetando com suas vítimas humanas.

E o que dizer de Eraserhead, em que o medonho feto que nasce do casal condenado chora sem parar. Ora, a certa altura pareceu-lhe que a quantidade de filmes de horror com fetos era incalculável. Havia Criação monstruosa, Ghoulies e Leviatã além daqueles clones que nasciam contorcendo-se como fetos dos casulos em Invasores de corpos. Ele mal conseguiu suportar essa cena quando reviu o filme no Castro. Levantou-se e saiu do cinema.

Só Deus sabia quantos outros filmes de terror com fetos existiam.

Vejamos a nova versão de A mosca. O herói não acabou tendo a aparência de um feto? E o que dizer de A mosca II, com suas imagens de nascimentos e renascimentos? Ocorreu-lhe que esse tema não se esgotava. Depois vinha Pumpkinhead, em que o poderoso espírito vingador dos apalaches sai de um cadáver de feto bem diante dos nossos olhos e mantém sua cabeça desproporcional de feto durante toda a horrenda violência que promove.

Michael tentava descobrir o que isso devia significar. Não que sofremos alguma culpa pelo que fazemos, pois acreditamos ser moralmente correto controlar o nascimento da nossa prole, mas que temos sonhos desagradáveis com todos esses pequeninos seres sendo levados para a eternidade antes de nascerem? Ou não seria apenas um

medo desses próprios seres que querem fazer valer seu direito sobre nós - adolescentes eternamente livres - e nos tornar seus pais. Fetos do Inferno! Ele riu com amargura dessa idéia apesar de si mesmo.

Vejam O enigma de outro mundo de John Carpenter, com suas cabeças fetais aos berros! E o que dizer do antigo clássico O bebê de Rosemary, pelo amor de Deus, e aquele filme boboca Nasce um monstro, sobre o bebê monstro que assassinou o leiteiro quando sentiu fome. Era impossível escapar da imagem. Bebês - fetos. Ele a via para onde quer que se voltasse.

Ele refletia sobre isso como costumava refletir sobre as casas magníficas e as pessoas elegantes dos velhos filmes de terror em preto e branco da sua juventude.

Não adiantava tentar falar sobre isso com os amigos. Eles acreditavam que Judith estava com a razão; e jamais entenderiam as distinções que ele estava tentando fazer. Os filmes de terror são nossos sonhos atormentados, pensava ele. E nossa atual obsessão é com o nascimento, com o nascimento que dá errado e que se volta contra nós. Nas suas recordações, ele voltava ao Happy Hour Theater. Estava assistindo a A noiva de Frankenstein mais uma vez. Quer dizer que a ciência já os assustava naquela época, e em épocas ainda mais remotas, quando Mary Shelley havia posto no papel suas fantasias inspiradas.

Bem, ele não conseguia destrinchar essas coisas. Não era na realidade um historiador ou um cientista social. Talvez não tivesse inteligência suficiente. Era um empreiteiro por profissão. Melhor ater-se á restauração de pisos de carvalho e á limpeza de torneiras de latão.

Além do mais, ele não detestava as mulheres. Não mesmo. Também não sentia medo delas. As mulheres eram apenas pessoas, e às vezes pessoas melhores, mais delicadas, mais gentis. Ele preferia a companhia delas à dos homens a maior parte do tempo. E nunca ficava surpreso com o fato de elas geralmente compreenderem com mais sintonia do que os homens o que ele tinha a dizer, á exceção dessa questão específica.

Quando Elizabeth ligou, disposta a reacquecer a antiga paixão, ele sentiu prazer, muito prazer, em pegar um avião para ir até Nova York. O fim de semana que passaram juntos foi perfeito, a não ser pelas meticulosas precauções que ele tomou para evitar a concepção, uma questão que agora já havia se tornado obsessiva. Os dois sabiam que podiam fazer o relacionamento voltar a funcionar. Estavam a um passo de um raro momento de belo entusiasmo. Só que Elizabeth não queria sair da Costa Leste, e Michael não conseguia imaginar sua empreiteira em Manhattan. Eles se corresponderiam, pensariam no assunto, teriam conversas por interurbano. Esperariam para ver.

A medida que o tempo foi passando, Michael deixou um pouco de acreditar que um dia teria o amor que desejava. O seu mundo era, porém, um mundo em que muitos adultos não tinham esse amor. Tinham amigos, liberdade, estilo, riqueza, carreira, mas não esse amor. Essa era a condição da vida moderna, e isso se aplicava a ele também. Aos poucos, ele passou a considerar isso natural.

Tinha uma quantidade de colegas de trabalho, antigos companheiros de faculdade; não lhe faltava companhia feminina quando queria. E, quando completou 48 anos de idade, imaginava que ainda havia tempo para tudo. Ele se sentia jovem e tinha uma aparência jovem, como a maioria das pessoas da sua idade á sua volta. Ora, ele ainda tinha

aquelas malditas sardas. E as mulheres ainda o olhavam com interesse, disso não tinha dúvida. Na realidade, considerava mais fácil atraí-las agora do que quando era um jovem impaciente.

Quem teria condição de dizer? Talvez seu casinho descompromissado com Therese, a mulher mais nova que ele conhecera recentemente na Symphony, poderia adquirir um significado maior. Ela era jovem demais, ele sabia e ficava furioso consigo mesmo por esse motivo; ela, então, telefonava dizendo, "Michael, eu esperava que você já me tivesse ligado a essa altura! Você está mesmo me manipulando!" Não importa o que quisesse dizer com isso.

Lá saíam eles para jantar fora e depois para a casa dela. Mas será que ele só sentia falta de um amor profundo? Não haveria alguma outra coisa? Um dia de manhã ele acordou e percebeu num relance que o verão pelo qual vinha esperando todos esses anos não iria chegar nunca. E a terrível umidade daquele lugar havia se entranhado até a medula dos seus ossos. Nunca mais haveria noites cálidas, cheias do perfume do jasmim.

Nunca mais brisas mornas do rio ou do golfo. Mas isso ele precisava aceitar, dizia a si mesmo. Afinal, esta era sua cidade agora. Como poderia um dia voltar para a terra natal? Mesmo assim, às vezes San Francisco não lhe parecia mais pintada em ricos tons de ocre e de vermelho romano. Parecia transformada num tom insípido de sépia; e a claridade opaca do seu céu eternamente cinzento havia embotado seu espírito.

Mesmo as belas casas que ele restaurava pareciam às vezes nada mais do que cenários, desprovidas de uma tradição real, sofisticadas armadilhas para capturar um passado que nunca existiu, para gerar uma sensação de solidez em

peessoas que viviam apenas o momento presente, num medo da morte que beirava a histeria.

Mas ele era um homem de sorte, e sabia disso. Sem dúvida, bons tempos e boas coisas ainda estavam por vir. E era essa a vida de Michael, uma vida que, em termos práticos, estava agora acabada, já que ele havia se afogado no dia 1º de maio, voltando cheio de tormentos e obsessões, falando sem parar nos mortos e nos vivos, incapaz de tirar as luvas pretas das mãos, receoso do que pudesse ver - as grandes enxurradas de imagens sem sentido - e captando fortes impressões emocionais até mesmo daqueles que não tocava.

Três meses e meio haviam se passado desde aquele dia terrível. Therese havia sumido. Seus amigos haviam sumido. E ele era agora prisioneiro da casa em Liberty Street.

Ele havia mudado o número do telefone. Não respondia às montanhas de correspondência que lhe chegavam. A tia Viv saía pela porta dos fundos para comprar os raros mantimentos que não podiam ser entregues a domicílio.

- Não, Michael não está mais aqui - dizia ela, interceptando os raros telefonemas, com sua voz doce e educada. Ele ria todas as vezes que ouvia isso. Porque era verdade. Os jornais diziam que ele havia "desaparecido". Isso também o fazia rir. De dez em dez dias aproximadamente, ele ligava para Stacy e Jim só para dizer que estava vivo e depois desligava. Não podia culpá-los por não se importarem. Agora no escuro, ele estava deitado na cama, vendo mais uma vez na tela da televisão sem som as imagens conhecidas de Grandes Esperanças. Uma espectral Miss Havisham, no vestido de noiva esfarrapado, conversava com o jovem Pip, papel representado por John Mills, que estava a ponto de partir para Londres.

Por que Michael estava perdendo tempo? Ele devia estar de partida para Nova Orleans. Só que estava agora embriagado demais para isso. Embriagado demais até mesmo para ligar e verificar os horários dos vôos. Além do mais, havia a esperança de que o Dr Morris lhe ligasse, o Dr Morris, que sabia seu telefone secreto, a quem Michael havia confiado seu plano único e exclusivo. - Se eu pudesse entrar em contato com aquela mulher - dissera ao Dr Morris - sabe quem é a mulher do barco que me salvou. Se eu ao menos pudesse tirar minhas luvas e segurar suas mãos ao conversar com ela, talvez eu pudesse me lembrar de alguma coisa através dela. Sabe do que estou falando?

- Você bebeu, Michael. Dá para se perceber.

- Isso não tem importância agora. É líquido e certo. Estou embriagado e vou continuar a beber, mas ouça o que estou dizendo...

- Pode falar...

- Bem, se eu conseguisse ir até o convés do barco e tocar as tábuas com minhas mãos sem luvas., sabe, as tábuas em que fiquei deitado...

- Michael, isso é uma loucura.

- Dr Morris, ligue para ela. O senhor tem como entrar em contato com ela. Se não se dispõe a ligar, dê-me o seu nome.

- Do que você está falando, ligar para ela e dizer que você quer engatinhar no convés da sua embarcação, tateando à procura de vibrações mentais? Michael, ela tem o direito de se proteger de uma coisa desse tipo. Pode ser que ela não acredite nessa história de poder psíquico.

- Mas o senhor acredita! O senhor sabe que funciona!

- Quero que volte para o hospital.

Michael desligou, furioso. Não queria saber de injeções, de exames, não, muito obrigado. O Dr Morris havia ligado de volta, repetidamente, mas as mensagens na secretária eram sempre iguais.

- Michael, venha. Estamos preocupados com você. Queremos vê-lo.

E então, afinal, a promessa.

- Michael, se você conseguir ficar sóbrio, vou fazer uma tentativa. Sei onde posso localizar aquela mulher.

Ficar sóbrio. Ele pensava nisso ali, deitado no escuro. Tateou à procura da lata de cerveja que estava por perto e a abriu. Um porre de cerveja era o melhor tipo de porre. E de certo modo era como estar sóbrio porque ele não havia derramado um gole de vodca ou de uísque na lata, certo? Aquilo, sim, é que era beber, aquele veneno de verdade, e ele devia saber disso.

Ligue para o Dr Morris. Diga-lhe que está sóbrio, tão sóbrio quanto jamais vai estar. Aparentemente ele havia ligado. Mas talvez tivesse sido um sonho.

Talvez estivesse cochilando de novo. Era bom estar aqui deitado, era bom estar tão bêbedo a ponto de não sentir a agitação, a ansiedade, a dor de não se lembrar...

- Coma um pouco - disse a tia Viv.

Ele estava, no entanto, em Nova Orleans, caminhando por aquelas ruas do Garden District. Fazia calor, e que delícia a

fragrância do jasmim à noite! E pensar em todos esses anos em que não havia sentido aquele perfume forte, doce, e em que não havia visto o céu se incendiar por trás dos carvalhos, de modo a que cada folhinha diminuta de repente ficasse distinta. As lajes rachavam com as raízes dos carvalhos. O vento frio dava fsgadas nos seus dedos descobertos.

Vento frio. É. Não estavam mesmo no verão, mas no inverno; aquele inverno penetrante e enregelante de Nova Orleans, e se apressavam pelas ruas escuras para ver o último desfile do carnaval, o da banda Mystic Krewe of Comus.

Um nome tão lindo, pensou ele em sonho, mas naquela época remota ele também

o considerava assombroso. E lá adiante, em St. Charles Avenue, ele via as tochas do desfile e ouvia os tambores que sempre o assustavam.

- Rápido, Michael - dizia sua mãe. Ela quase o levantava do chão com a pressa. Como estava escura a rua, como era terrível esse frio, um frio como o do oceano.

- Mas olha, mamãe - disse ele, apontando pela cerca de ferro e puxando a mão da

mãe. - Olha lá o homem no jardim.

A velha brincadeira. Ela diria que não havia ali homem nenhum, e os dois ririam juntos. No entanto, o homem estava mesmo lá, como sempre estivera, bem ao fundo do gramado amplo, parado junto aos galhos brancos e desnudos da extremosa. Ele teria visto Michael naquela noite? Parecia ter visto. Sem dúvida, os dois se encararam.

- Michael, não temos tempo para aquele homem.

- Mas, mamãe, ele está lá, está mesmo...

A Mystic Krewe of Comus. As charangas tocavam sua música selvagem, tenebrosa, enquanto passavam, com as tochas chamejantes. A multidão invadiu a rua. Do alto dos trêmulos carros alegóricos de papiermâché, homens usando fantasias cintilantes de cetim e máscaras atiravam colares de vidro, contas de madeira. As pessoas brigavam para apanhá-los. Michael não largava a saia da mãe, com ódio do barulho dos tambores. Quinquilharias caíam na sarjeta aos seus pés.

No longo caminho de volta para casa, com o carnaval morto e acabado, as ruas cobertas de lixo e o ar tão frio que sua respiração criava vapor, ele voltou a ver o homem, parado como sempre, mas dessa vez não se deu ao trabalho de comentar.

- Tenho de voltar para casa - dizia ele agora baixinho, dormindo. - Tenho de voltar

para lá.

Ele via a longa cerca de ferro trabalhado da casa de First Street, a varanda lateral com suas telas bambas. E o homem no jardim. Era tão estranho que aquele homem nunca mudasse. E naquele último mês de maio, exatamente no último passeio que deu por aquelas ruas, Michael cumprimentou o homem com um gesto de cabeça, e o homem ergueu a mão e acenou.

- É, voltar- sussurrou. Mas, será que não lhe dariam um sinal, aqueles outros que lhe apareceram quando ele estava morto? Certamente eles compreendiam que ele agora não

conseguia se lembrar. Eles o ajudariam. Está se desfazendo a barreira entre os vivos e os mortos. Havia passado por ela.

- Lembre-se, você tem uma escolha - disse a mulher de cabelos negros.

- Mas, não é isso. Não mudei de idéia. Só não consigo me lembrar.

Sentou-se na cama. O quarto estava escuro. A mulher de cabelos negros. O que era aquilo no seu pescoço? Precisava fazer as malas agora. Ir até o aeroporto. O portal. O décimo terceiro. Entendi. Tia Viv estava sentada do outro lado da porta da sala de estar, á claridade de uma única lâmpada, costurando.

Ele tomou mais um gole da cerveja. Depois esvaziou a lata bem devagar.

- Por favor me ajudem - disse ele baixinho para absolutamente ninguém. - Por favor me ajudem.

Estava dormindo novamente. O vento soprava. Os tambores da Mystic Krewe of Comus enchiam-no de medo. Seria um aviso? Por que não pula, disse a governanta perversa á pobre mulher apavorada à janela no filme Rebecca. Ele havia trocado a fita? Não se lembrava. Mas agora estamos em Manderley, não estamos? Ele poderia ter jurado que era Miss Havisham. Depois ele a ouviu sussurrar no ouvido de Estella, "Você pode magoá-lo profundamente". Pip também ouviu, mas mesmo assim ele se apaixonou por ela.

Vou consertar a casa, murmurou. Deixar o sol entrar. Estella, seremos felizes para sempre. Isso aqui não é o pátio da escola, não é aquele longo corredor vazio que leva á lanchonete, com a irmã Clement vindo na sua direção. "Trate de voltar para a forma, menino!" Se ela me bater

como bateu em Tony Vedros, eu a mato. Tia Viv estava em pé ao seu lado no escuro.

- Estou bêbado.

Ela pôs a cerveja gelada na sua mão, que boazinha.

- Meu Deus, que delícia.

- Tem uma pessoa aqui que quer vê-lo.

- Quem? Uma mulher?

- Um senhor simpático da Inglaterra...

- Não, tia Viv...

- Mas ele não é repórter. Pelo menos diz que não é. É uma pessoa gentil. Chama-se Sr Lightner. Diz que veio de Londres especialmente. O avião de Nova York para cá acabou de aterrissar e ele veio direto para nossa porta.

- Agora não. Precisa dizer para ele ir embora. Tia Viv, tenho de voltar. Tenho de ir para Nova Orleans. Preciso ligar para o Dr Morris. Onde está o telefone?

Ele saiu da cama, com a cabeça girando, e ficou imóvel por um instante até a tontura passar. Mas não adiantou. Seus membros pareciam de chumbo. Caiu de volta na cama, de volta aos sonhos. Andando pela casa de Miss Havisham. O homem no jardim o cumprimentou novamente. Alguém havia desligado a televisão.

- Durma agora - disse tia Viv.

Ele ouviu seus passos se afastando. O telefone estava tocando?

- Alguém me ajude - disse baixinho.

Capítulo 3

Basta passar por lá. De uma pequena volta, atravesse Magazine Street, desça pela First e passe pela velha casa imponente e dilapidada. Veja com seus próprios olhos se os vidros das janelas da frente estão quebrados. Veja por si mesmo se Deirdre Mayfair ainda está sentada naquela varanda lateral. Você não precisa ir até lá e pedir para ver Deirdre. Afinal, o que acha que pode acontecer?

O padre Mattingly estava zangado consigo mesmo. Realmente era um dever visitar aquela família antes de voltar para o norte. Houve uma época em que ele foi o padre da sua paróquia. Ele conhecia toda a família. E já fazia bem mais de um ano desde que visitara o sul, desde que vira Miss Carl, desde o funeral de Miss Nancy.

Há alguns meses, um dos padres mais jovens lhe havia escrito para contar que Deirdre Mayfair estava muito debilitada. Seus braços estavam agora recolhidos para junto do peito, com a atrofia que sempre se instala nesses casos. E os cheques de Miss Carl chegavam á paróquia com a regularidade de sempre - aparentemente um por mês - no valor de mil dólares em favor da Paróquia Redentorista, sem qualquer compromisso. Ao longo dos anos, ela havia doado uma fortuna.

O padre Mattingly devia mesmo ir só para uma visita de cortesia e um agradecimento pessoal, como costumava fazer antigamente. Hoje em dia, os padres da paróquia não conheciam a família Mayfair.

Eles não conheciam as velhas histórias. Jamais haviam sido convidados a visitar a casa. Só há poucos anos haviam chegado a essa paróquia antiga e triste, com um rebanho que diminuía, com belas igrejas agora trancadas em consequência dos vândalos, com os prédios mais velhos em ruínas.

O padre Mattingly ainda se lembrava de quando mesmo as missas dos primeiros horários estavam sempre cheias, quando havia casamentos e enterros a semana inteira tanto na de Santa Maria quanto na de Santo Afonso.

Lembrava -se das procissões de maio e das novenas concorridas; da Missa do Galo com a igreja intransitável. Agora, porém, as velhas famílias alemãs e irlandesas não moravam mais ali. A escola de segundo grau estava fechada há anos. O vidro estava caindo direto das janelas.

Ele estava feliz por essa ser somente uma breve visita, pois cada retorno à paróquia era mais triste do que o anterior. Quando se prestava atenção, isso aqui era como um posto missionário avançado. Na realidade, ele esperava não ter de voltar ao sul novamente.

No entanto, não podia ir embora sem visitar aquela família.

É, vá até lá. É o que devia fazer. Devia ir ver como está Deirdre Mayfair. Afinal, da

não era uma paroquiana?

E não havia nada de errado em tentar descobrir se os mexericos diziam a verdade: que haviam tentado internar Deirdre num sanatório e que ela se rebelara, destruindo as vidraças das janelas antes de voltar à sua catatonia. Isso supostamente havia ocorrido no dia 13 de agosto, só dois dias atrás.

Quem sabe, talvez Miss Carl apreciasse uma visita.

Isso, no entanto, não passava de um exercício mental do padre Mattingly. Miss Carl não queria sua presença hoje nem um pouco mais do que sempre quis. Havia anos que ele não era convidado a entrar. E Deirdre Mayfair era agora e seria para sempre "um belo vegetal", nas palavras da sua própria enfermeira.

Não, ele estaria indo lá por curiosidade.

Mas também como podia se explicar que "um belo vegetal" se levantasse e quebrasse todos os vidros de duas janelas de mais de três metros de altura? A história não fazia muito sentido quando se refletia sobre ela. E por que motivo os homens do sanatório não a levaram de qualquer jeito? Sem dúvida, eles poderiam tê-la amarrado numa camisa-de-força. Não era isso o que acontecia nessas ocasiões?

No entanto, a enfermeira de Deirdre não deixou que eles passassem da porta, berrando para que recuassem, alegando que Deirdre ia ficar em casa e que ela e Miss Carl cuidariam de tudo.

Jerry Lonigan, o agente funerário, havia contado tudo ao padre.

O motorista da ambulância do sanatório costumava dirigir limusines para Lonigan and Sons. Ele viu tudo. O vidro que se espatifava ao cair na varanda da frente. Parecia que alguma coisa estava quebrando no grande quarto da frente.

E Deirdre fazia um ruído terrível, um uivo. Coisa pavorosa de se imaginar - como a

visão de alguém ressuscitando dos mortos. Bem, isso não era da conta do padre Mattingly. Ou era?

Meu Deus, Miss Carl estava com mais de oitenta, apesar de ainda ir trabalhar todos os dias. E agora estava inteiramente só naquela casa com Deirdre e as empregadas.

Quanto mais refletia sobre o assunto, mais o padre Mattingly concluía que deveria ir, mesmo que detestasse a casa, que odiasse Carl e tudo que sempre soubera daquela família. É, ele devia ir.

E claro que seus sentimentos nem sempre foram esses. Há quarenta e dois anos, quando chegou de St. Louis a essa paróquia ribeirinha, havia considerado as mulheres da família Mayfair simpáticas, até mesmo a rechonchuda e resmunguenta Nancy, e sem a menor dúvida a doce Miss Belle e a bonita Miss Milhe. A casa também o encantava, com seus relógios de bronze e seus reposteiros de veludo. Ele apreciava até os imensos espelhos manchados e os retratos pintados dos antepassados caribenhos por trás de vidros turvos.

Também apreciava a determinação e a inteligência evidente de Carlotta Mayfair,

que lhe servia café au lait num jardim de inverno onde se sentavam a uma mesa branca de vime em cadeiras do mesmo material em meio a vasos de orquídeas e samambaias. Havia passado mais de uma tarde agradável conversando sobre política, sobre o tempo e sobre a história da paróquia que o padre Mattingly estava se esforçando tanto para compreender. E, ele gostava delas.

E também gostava da pequena Deirdre, a menina de seis anos de rosto bonito que ele conhecera por tão pouco tempo e que tivera de passar por uma crise tão trágica apenas doze anos depois. Estaria escrito nos manuais que o tratamento por choques podia apagar por inteiro a memória

de uma mulher adulta de tal modo que ela se tornasse uma concha silenciosa com a aparência de si mesma, de olhos fixos na chuva a cair enquanto a enfermeira a alimentava com uma colher de prata? Por que haviam feito aquilo? Ele não ousava perguntar; mas haviam lhe dito repetidas vezes. Para curá-la dos seus "delírios", em que gritava num aposento vazio "Foi você" para alguém que não estava lá, alguém que ela amaldiçoava incessantemente pela morte do homem que era o pai da sua filha ilegítima.

Deirdre. Chorar por Deirdre. Isso o padre Mattingly havia feito, e ninguém a não ser Deus jamais saberia quanto ou por quê, embora o próprio padre nunca fosse se esquecer. Todos os dias da sua vida, ele se lembraria da história que uma menininha havia derramado nos seus ouvidos no quente cubículo de madeira do confessionário, uma menininha que acabaria desperdiçando sua vida, apodrecendo naquela casa encoberta de trepadeiras enquanto o mundo lá fora prosseguia a galope para sua própria destruição.

Basta ir até lá. Fazer a visita. Talvez só como uma silenciosa homenagem em memória da menininha. Não tente armar o quebra cabeças. Histórias de demônios vindas de uma criancinha ainda ecoando na sua cabeça depois de todo esse tempo! Uma vez que tenha visto o homem, você está condenada.

O padre Mattingly tomou sua decisão. Vestiu seu casaco preto, ajeitou o colarinho de padre e o peitilho preto e saiu do ar condicionado da casa paroquial para a calçada quente e estreita de Constante Street. Não olhou para as ervas daninhas que encobriam os degraus da igreja de Santo Afonso.

Não olhou para as pichações nos velhos muros da escola. Se viu alguma coisa, foi o passado que viu enquanto descia por Josephine Street e virava a esquina. E então, a dois pequenos quarteirões de distância, entrou num outro mundo. O sol ofuscante desapareceu, e com ele a poeira e a algazarra do trânsito.

Janelas fechadas, varandas sombreadas. O zumbido delicado de gramados sendo

regados por aspersão atrás de cercas ornamentais. Um cheiro forte de terra preta amontoada sobre as raízes de roseiras bem cuidadas.

Tudo bem, e o que vai dizer quando chegar lá?

O calor não estava tão mau assim, considerando-se ser agosto. No entanto, era exatamente como o jovem padre de Chicago havia descrito: "No início, tudo bem, mas aos poucos suas roupas vão ficando cada vez mais pesadas." Com essa, ele teve de rir.

O que os mais novos pensavam de toda aquela devastação? Não adiantava contar como havia sido um dia. Ah, mas a própria cidade e esse velho bairro continuavam lindos, como sempre.

Ele prosseguiu caminhando até ver a parede lateral manchada e descascada da casa da família Mayfair acima do topo das árvores, com as chaminés gêmeas pairando contra um fundo de nuvens em movimento. As trepadeiras pareciam estar afundando a estrutura inteira pelo chão adentro. Será que as grades de ferro estavam agora mais enferrujadas do que da última vez que as vira? Uma selva, o jardim.

Ele diminuiu o ritmo. Foi mais devagar porque realmente não queria chegar lá. Não queria ver de perto o jardim abandonado, as saboeiras e espiroleiras disputando com a grama tão alta quanto o trigo, e as varandas descascadas, com aquele cinza opaco que a madeira velha e não tratada adquire no clima úmido da Louisiana.

Ele nem mesmo queria estar aqui nesse bairro deserto e tranqüilo. Nada se movimentava por aqui, a não ser os insetos, os pássaros e as próprias plantas a absorver lentamente a luz e o azul do céu. Aqui devia ter sido antes um pântano.

Um lugar propício para o mal.

Ele estava perdendo o controle com esses pensamentos. O que o mal tinha a ver com a terra de Deus e as coisas que nela cresciam - até mesmo a selva do jardim abandonado da família Mayfair?

Mesmo assim, ele não conseguia deixar de pensar em todas as histórias que já havia ouvido sobre as mulheres da família. O que era o vodu, a não ser uma adoração ao diabo? E qual pecado era pior, assassinato ou suicídio? É, o mal havia prosperado por ali. Ele ouviu Deirdre criança sussurrando no seu ouvido. E sentiu o mal quando descansou o peso na cerca de ferro, enquanto olhava para os galhos brancos, rijos, cascudos dos carvalhos que se abriam em leque acima da sua cabeça.

Enxugou a testa com o lenço. A pequena Deirdre lhe dissera que via o demônio! Ele ouvia sua voz com tanta nitidez agora quanto naquele dia no confessionário há décadas. Também ouviu o som dos seus passos quando ela saiu correndo da igreja, fugindo dele, da sua incapacidade de ajudá-la.

O início foi, porém, antes disso. Tudo começou numa tarde monótona de sexta feira quando houve uma ligação da irmã Bridget Marie pedindo que um padre viesse rápido ao pátio da escola. Era Deirdre Mayfair novamente.

O padre Mattingly nunca havia ouvido falar em Deirdre Mayfair. Acabava de vir para o sul, chegando do seminário em Kirkwood, Missouri. Logo encontrou a irmã Bridget Marie, num pátio asfaltado por trás do antigo prédio do convento. Como aquilo lhe parecia europeu na época, triste e antiquado com seus muros irregulares, e a árvore retorcida com bancos de madeira formando um quadrado ao seu redor.

A medida que se aproximava, a sombra pareceu-lhe agradável. Foi então que percebeu que as meninas sentadas ao longo do banco estavam chorando. A irmã Bridget Marie segurava uma criança trêmula e pálida pela parte mais fina do braço. A criança estava branca de medo. No entanto, era muito bonita, com olhos azuis grandes demais para o rosto fino, os cabelos negros penteados em cachos espiralados longos e bem feitos que tremiam ao tocar seu rosto, os membros bem proporcionados, porém, delicados.

Flores estavam espalhadas por todo o chão: grandes palmas-de-santa-rita, lírios brancos, longas samambaias verdes e até mesmo rosas vermelhas de belo formato. Flores de floricultura, sem dúvida, mas eram tantas...

- Padre, está vendo isso? - exclamou a irmã Bridget Marie. - E elas têm a coragem

de me dizer que foi seu amigo invisível, o próprio diabo, que pôs essas flores aqui, que as trouxe direto para os braços

dela enquanto as outras só olhavam, essas ladras!
Roubaram essas flores do próprio altar de Santo Afonso...!

As meninas começaram a berrar. Uma delas batia com os pés. Com uma fúria alarmante, formou-se um coro de "Vimos, sim! Vimos, sim!" Uma atijava a outra com seus soluços sufocados.

A irmã Bridget Marie gritou exigindo silêncio. Sacudiu a menininha que estava segurando pelo braço, apesar de a menina não ter dito nada. A boca da menina estava aberta com o choque e seus olhos se voltaram para o padre Mattingly num pedido mudo.

- Ora, irmã, por favor- disse o padre. Ele havia liberado delicadamente a menina. Ela estava atordoada, totalmente submissa. Ele teve vontade de segurá-la no colo, de limpar seu rosto ali onde as lágrimas haviam deixado manchas de sujeira. Mas não o fez.

- Seu amigo invisível - disse a irmã - o que encontra tudo que se perde, padre. Aquele que põe moedinhas para comprar balas no bolso da menina! E todas elas chupam as balas, encham a boca, com moedas roubadas, o senhor pode ter certeza.

As meninas choravam ainda mais alto. E o padre Mattingly percebeu estar pisando

naquelas flores todas, enquanto a criança calada de rosto pálido tinha o olhar fixo nos seus sapatos, nas pétalas brancas esmagadas debaixo deles.

- Deixe as crianças entrarem - disse o padre Mattingly. Era essencial assumir o comando. Só assim ele poderia tentar compreender o que a irmã Bridget Marie estava lhe contando.

No entanto, quando estava a sós com a irmã, a história não era nem um pouco menos fantástica. As crianças alegavam ter visto as flores voando pelo ar. Alegavam ter visto que as flores foram parar nos braços de Deirdre. Elas riam sem parar. Diziam que o amigo mágico de Deirdre sempre as fazia rir. Se você perdesse o caderno ou o lápis, o amigo de Deirdre sempre o encontrava. Bastava que se pedisse a Deirdre, e ele trazia o objeto direto para ela. Era só isso. Elas chegavam a alegar ter visto o próprio amigo - um homem simpático, de cabelos e olhos castanhos, que aparecia um segundo parado ao lado de Deirdre.

- Ela tem de ser mandada para casa, padre - disse a irmã Bridget Marie. - Isso acontece o tempo todo. Ligo para sua tia-avó Carl ou para sua tia Nancy, e as coisas param por algum tempo. Depois, começa tudo de novo.

- Mas a senhora não acredita...

- Padre, digo-lhe que ou é uma coisa ou outra. Ou o demônio está naquela criança, ou ela é um demônio de tão mentirosa que consegue fazer com que as outras acreditem nas suas histórias fantasiosas como se estivessem fascinadas. Ela não pode continuar no Santo Afonso.

O próprio padre Mattingly levou Deirdre para casa, andando num passo lento e regular por essas mesmas ruas. Nem uma palavra sequer foi pronunciada. Havia telefonado para Miss Carl no seu escritório no centro. Ela e Miss Millie estavam esperando na escada principal da casa imponente para recebê-los. E como a casa era linda naquela época, pintada de uma cor de lilás forte, com as janelas verdes, o acabamento todo em branco e os gradis das varandas pintados de preto de tal forma que se viam nitidamente as rosas de ferro fundido.

As trepadeiras eram um gracioso trabalho de folha e cor, não o emaranhado ameaçador em que haviam se transformado desde então.

- Excesso de imaginação, padre - disse Miss Carl, sem nenhum resquício de preocupação. - Millie, o que Deirdre precisa é de um banho morno. - E lá se foi a criança sem uma palavra. Miss Carl levou o padre Mattingly pela primeira vez ao jardim de inverno envidraçado para um café au lait à mesa de vime. Miss Nancy, feia e carrancuda, havia arrumado as xícaras e a prataria.

Porcelana Wedgwood com um filete de ouro. E guardanapos de tecido com a inicial M bordada. E que mulher inteligente, essa Miss Carl. Tinha uma aparência extremamente correta no seu costume de seda feito sob medida e blusa branca de jabô, os cabelos grisalhos presos num coque perfeito na nuca, a boca pintada com batom rosa pálido. Ela logo o deixou à vontade com um sorriso cúmplice.

- Pode-se dizer que é uma maldição da nossa família, padre, esse excesso de imaginação. - Ela serviu o leite e o café quentes de dois pequenos bules de prata. - Nós temos sonhos, visões. Parece que devíamos ser poetas ou pintores. Não advogados, como eu sou. - Ela riu baixinho, á vontade. - Deirdre vai ficar bem quando aprender a distinguir a fantasia da realidade.

Mais tarde, ela lhe mostrou os aposentos do andar de baixo. E Miss Millie veio se juntar aos dois. Ela era tão feminina, Miss Millie, com o cabelo ruivo em cachinhos antiquados emoldurando o rosto, e anéis de pedras preciosas nos dedos. Ela o levou a uma janela para acenar para Miss Belle, que estava podando as roseiras com grandes tesouras de jardinagem de cabo de madeira.

Carl explicou que Deirdre ia estudar com as irmãs do Sagrado Coração assim que houvesse uma vaga. Ela lamentava esse tolo inconveniente no Santo Afonso, e é claro que manteriam Deirdre em casa se era isso o que a irmã Bridget Marie queria.

O padre começou a levantar objeção, mas tudo já estava decidido. Coisa simples, arrumar uma preceptora para Deirdre, alguém que conhecesse crianças, por que não?

Caminhavam pelas varandas sombreadas.

- Somos uma família antiga, padre - disse Carl, enquanto voltavam para o salão duplo. - Nem sabemos a idade da nossa família. Hoje em dia não há ninguém que saiba identificar alguns dos retratos que o senhor está vendo à nossa volta. - Sua voz parecia meio cansada, meio irônica. - Nossa origem foi nas ilhas, disso temos certeza, uma grande fazenda em Saint Domingue, e antes disso algum passado europeu nebuloso que agora está completamente perdido. Esta casa está cheia de relíquias sem explicação. Eu às vezes a considero como uma imensa concha de caramujo que preciso levar nas costas.

Suas mãos tocaram de leve o piano de cauda, a harpa dourada. Disse ter pouco interesse por esses objetos. Que ironia que lhe coubesse a custódia deles. Miss Millie apenas sorriu, concordando com a cabeça. E agora se o padre lhe desse licença, Miss Carl precisava voltar para o centro. Havia clientes á sua espera. Saíram juntos pelo portão da frente.

- Muito obrigada, padre!

E assim não se deu ao assunto a devida atenção, e a menininha de rosto pálido e cachos negros saiu do Santo

Afonso. Nos dias que se seguiram, porém, a questão daquelas flores intrigou o padre Mattingly.

Impossível de se imaginar que um bando de garotinhas pulasse por cima da banca da comunhão e roubasse flores de uma igreja enorme e impressionante como a de Santo Afonso. Mesmo os moleques de rua que o padre Mattingly havia conhecido quando menino não teriam ousado fazer semelhante coisa.

O que a irmã Bridget Marie achava que havia realmente acontecido?

As crianças haviam de fato roubado as flores? A freira pequena, atarracada, de rosto redondo, examinou o padre por um instante antes de responder. E disse que não.

- Padre, Deus e testemunha de que aquela é uma família amaldiçoada, a família Mayfair. A própria avó dessa criança, que se chamava Stella, costumava contar as mesmas histórias neste mesmo pátio há muitos e muitos anos. Era um poder assustador o que Stella exercia sobre os que a cercavam. Havia freiras debaixo deste teto que morriam de medo de passar por ela. Bruxa é do que elas a chamavam na época.

- Ora, vamos, irmã - objetou ele, imediatamente. - Não estamos nas estradas enevoadas de Tipperary, à procura do fantasma de Petticoat Loose.

- Ah, quer dizer que o senhor conhece essa história, padre - disse ela, rindo.

- Ouvi da minha própria mãe irlandesa no Lower East Side, irmã, umas dez vezes. - Pois então, padre, ouça o que lhe digo. Stella Mayfair uma vez segurou minha mão, assim, e me falou de segredos meus que eu nunca havia contado

para ninguém do lado de cá do Atlântico. Posso jurar, padre. Aconteceu comigo. Havia um presente que perdi ainda em casa, uma corrente com um crucifixo. Quando eu era menina, chorei sem parar quando o perdi. E foi esse mesmo presente que Stella Mayfair descreveu para mim. "Irmã, a senhora não quer tê-lo de novo?" Ela me perguntou, sorrindo o tempo todo com um jeito doce, exatamente como a neta Deirdre sorri para a gente agora, com mais inocência do que esperteza. "Posso consegui-lo para a senhora, irmã", disse ela. "Com o poder do demônio, você quer dizer, Stella Mayfair", respondi-lhe. "Não, não quero saber do presente." Mas havia no colégio de Santo Afonso muitas outras irmãs que pensavam de outro modo, e era assim que ela exercia seu poder sobre os que a cercavam, conseguindo tudo do seu jeito até o dia em que morreu.

- Isso é superstição, irmã - retorquiu ele com grande autoridade. - E a mãe da

pequena Deirdre? Vai me dizer que ela também era bruxa?

A irmã Bridget Marie abanou a cabeça.

- Essa se chamava Antha, uma coitadinha, tímida, doce, com medo da própria sombra, nem um pouco parecida com a mãe, Stella, pelo menos até o assassinato de Stella. O senhor precisava ver a expressão de Miss Carlotta quando enterraram Stella. E a mesma expressão no seu rosto doze anos depois, quando enterraram Antha. Agora, Carl foi a menina mais inteligente que jamais passou pelo Sagrado Coração. A coluna dorsal da família é o que ela é. Sua mãe, no entanto, nunca ligou a mínima para ela. Tudo com que Mary Beth Mayfair realmente se importava era com Stella. E o velho Sr Julien, o tio de Mary Beth, era do mesmo jeito. Stella, Stella, Stella. Já Antha, no final uma louca furiosa, ao que diziam, não era mais do que uma moça de vinte anos

quando subiu correndo a escada da velha casa e se jogou da janela do sótão, fraturando a cabeça nas pedras cá embaixo.

- Tão nova - comentou baixinho o padre. Lembrou-se do rosto pálido, assustado, de Deirdre Mayfair. Quantos anos devia ter quando sua jovem mãe cometeu um ato desses?

- Enterraram Antha em terra consagrada. Deus que se compadeça da sua alma. Pois quem tem condição de julgar o estado de espírito de uma pessoa assim? A cabeça partida ao meio como uma melancia quando bateu no terraço. E a pequenina Deirdre berrando a plenos pulmões no berço. A verdade é que até mesmo Antha era de causar medo.

A cabeça do padre Mattingly girava. Aquele era, porém, o tipo de conversa que ele havia ouvido a vida inteira em casa, a interminável dramatização irlandesa do mórbido, o exagerado tributo ao trágico. No fundo, aquilo o cansava. Ele queria perguntar...

Mas a campainha soou. As crianças começaram a entrar em forma para voltar para as salas de aula. A irmã tinha de ir. Mesmo assim, ela de repente se voltou.

- Vou lhe contar uma história sobre Antha - disse ela, com a voz baixa em virtude do silêncio no pátio - que é a melhor que sei. Naquela época em que as irmãs faziam a ceia ao meio-dia em ponto, as crianças ficavam caladas neste pátio até que terminasse o Angelus e depois dele a Ação de Graças às Refeições. Nestes dias de hoje, ninguém tem um respeito semelhante por mais nada, mas era esse o costume então. Num dia de primavera, durante aquela hora de silêncio, uma menina levada e perversa chamada Jenny Simpson vem apavorar a pobrezinha da Antha com um rato morto que havia encontrado debaixo da cerca viva. Antha

dá uma olhada no rato morto e solta um berro apavorante, padre, como nunca se ouviu igual! Nós chegamos correndo da mesa, como o senhor pode imaginar, e o que acha que vimos? A menina perversa, Jenny Simpson, jogada para trás no chão, padre, com o rosto sangrando, e o rato saindo da sua mão para passar voando por cima daquela cerca que está ali! E o senhor acha que foi a pequena Antha que fez aquilo, padre? Uma menininha de nada, tão delicada quanto sua filha Deirdre hoje em dia? Claro que não! Foi o mesmíssimo demônio invisível, padre, o próprio diabo, o que trouxe as flores voando para Deirdre aqui neste pátio há uma semana.

- A irmã não está pensando que eu seja tão ingênuo - disse o padre Mattingly

rindo - a ponto de acreditar numa história dessas.

É verdade que ela sorriu, mas ele sabia de experiências passadas que uma irlandesa daquelas podia rir do que estava dizendo e ao mesmo tempo acreditar em cada palavra.

A família Mayfair o fascinava, como algo complexo e elegante consegue fascinar. As histórias de Stella e Antha eram remotas o suficiente para serem românticas e nada mais do que isso.

No domingo seguinte, ele foi novamente visitar os Mayfair. Ofereceram-lhe café mais uma vez e conversa simpática: tudo tão distante das histórias da irmã Bridget Marie. O rádio tocava Rudy Vallee ao fundo. A velha Miss Belle regava vasos de orquídeas adormecidas. O aroma de frango assado vinha da cozinha. Uma casa perfeitamente agradável.

Chegaram a convidá-lo para o almoço de domingo - a mesa estava muito bem arrumada com grossos guardanapos de

linho em argolas de prata - mas ele recusou o convite com delicadeza. Miss Carl preencheu um cheque para a paróquia e o colocou nas suas mãos.

Quando estava saindo, viu Deirdre de relance no jardim, um rosto muito branco que o espiava por trás de uma velha árvore retorcida. Ele acenou para ela sem interromper o passo, embora mais tarde algo o incomodasse na imagem da menina. Seriam seus cachos todos emaranhados? Ou seu olhar aturdido? A loucura. Era isso o que a irmã Bridget Marie lhe havia descrito, ele ficava perturbado ao pensar que aquela menina abatida estava ameaçada. Para o padre Mattingly não havia nada de romântico na verdadeira loucura. Há muito tempo ele acreditava que os loucos vivem num inferno de alheamento. A eles escapava o sentido da vida á sua volta.

Já Miss Carlotta era uma mulher moderna, sensata. A criança não estava condenada a seguir os passos da mãe falecida. Pelo contrário, ela teria todas as oportunidades. Passou-se um mês até sua opinião sobre a família Mayfair mudar para sempre, na inesquecível tarde de sábado em que Deirdre Mayfair veio se confessar na igreja de Santo Afonso.

Foi no horário normal em que se podia contar que todos os bons católicos irlandeses e alemães viriam aliviar sua consciência para a missa e a comunhão no domingo.

Ele estava, portanto, sentado na elaborada casinha de madeira do confessionário, numa cadeira estreita atrás de uma cortina de sarja verde, ouvindo alternadamente os penitentes que vinham se ajoelhar nos estreitos cubículos á sua direita e à sua esquerda. Essas vozes e esses pecados ele poderia ter ouvido em Boston ou na cidade de Nova

York, tão parecidos eram os sotaques, as preocupações, as idéias.

Costumava prescrever três ave-marias ou três pai-nossos, mas raramente mais do que isso, a esses homens trabalhadores e boas donas-de-casa que vinham confessar pecadinhos de rotina.

Foi quando uma voz infantil o apanhou despreparado, passando rápida e nítida pela treliça escura e empoeirada, eloqüente na sua inteligência e precocidade. Ele não a reconheceu a princípio. Afinal de contas, Deirdre Mayfair não havia dito até então uma palavra sequer na sua presença.

- Abençoe-me, padre, porque pequei. Minha última confissão foi há muitas semanas. Padre, peço que me ajude. Não consigo lutar contra o demônio. Tento e sempre acabo perdendo. E vou para o inferno por isso.

O que era isso, mais um exemplo da influência da irmã Bridget Marie? Antes que ele pudesse falar, porém, a criança prosseguiu, e ele soube que se tratava de Deirdre.

- Não mandei o demônio se afastar quando ele me trouxe as flores. Eu queria mandar e sei que deveria ter mandado, e por isso tia Carl está muito, mas muito, zangada comigo. Mas, padre, ele só queria nos dar alegria. Padre, eu lhe juro que ele nunca me trata mal. E chora se eu não olhar para ele ou não lhe der atenção. Eu não sabia que ele ia trazer as flores do altar! As vezes ele faz umas bobagens desse tipo, padre, coisas que só uma criança pequena ou alguém com ainda menos juízo faria. Mas a intenção dele não é a de machucar ninguém.

- Agora, espere um pouco, querida, o que a faz pensar que o próprio diabo viria

atormentar uma menininha? Você não quer me contar o que aconteceu de fato?

-Padre, ele não é como está na Bíblia. Juro. Ele não é feio. É alto e lindo. Igualzinho a um homem de verdade. E ele não diz mentiras. Ele faz coisas boas, sempre. Quando estou com medo, ele vem, senta ao meu lado na cama e me beija. Verdade. E ele espanta as pessoas que tentam me machucar!

- Então, menina, por que você diz que ele é o diabo? Não seria melhor dizer que ele é um amigo imaginário, alguém com quem você pode ficar para não se sentir sozinha?

- Não, padre, ele é o diabo. - Ela parecia ter tanta certeza. - Ele não é real, mas também não é imaginário. -A vizinha foi ficando triste, cansada. Uma pequena mulher disfarçada de criança, lutando com um fardo imenso, quase em desespero. - Eu sei que ele está por perto mesmo quando ninguém percebe. Eu olho e olho, e aí todos conseguem vê-lo! - A vizinha desafinou.

- Padre, eu tento não olhar. Digo Jesus, Maria e José e tento não olhar. Sei que é um pecado mortal. Mas ele fica tão triste e chora sem fazer barulho nenhum, e só eu ouço.

- Bem, minha filha, você já conversou com sua tia Carl sobre isso? - Sua voz era calma, mas no fundo o relato detalhado da menina começava a alarmá-lo. Isso ia além do "excesso de imaginação" ou de outros excessos semelhantes de que ele já ouvira falar.

- Padre, ela sabe tudo sobre ele. Todas as minhas tias sabem. Elas o chamam de o homem, mas tia Carl diz que na realidade ele é o diabo. É ela quem diz que é pecado, como o de se tocar no meio das pernas, o de ter pensamentos sujos. Como quando ele me beija e me faz sentir calafrios e

outras coisas. Ela diz que é uma imoralidade olhar para o homem e deixar que ele entre debaixo das cobertas. Ela diz que ele pode me matar. Minha mãe também o viu a vida inteira e foi por isso que ela morreu e foi para o céu para se livrar dele.

O padre Mattingly estava pasmo. Quer dizer que não se consegue escandalizar um padre no confessionário, não era isso o que se dizia?

- E a mãe da minha mãe também o via - prosseguiu a criança, com a voz acelerada, tensa. - Ela, sim, era má, muito má. Foi ele que a fez ficar má, e ela morreu por culpa dele. Mas provavelmente foi para o inferno, em vez de ir para o céu, e talvez eu vá também.

- Ora, menina, espere um pouco. Quem lhe disse isso?

- Minha tia Carl, padre - insistiu a criança. - Ela não quer que eu vá para o inferno como Stella. Ela me mandou rezar para afastá-lo, que eu conseguiria se ao menos tentasse, se rezasse o rosário e não olhasse para ele. Padre, ela fica tão zangada comigo por deixar que ele apareça... - A criança parou. Estava chorando embora fosse óbvio que tentava sufocar o choro. - E tia Millie tem tanto medo. E tia Nancy se recusa a me olhar. Tia Nancy diz que na nossa família, uma vez que se tenha visto o homem, já se está praticamente condenada.

O padre Mattingly estava horrorizado demais para falar. Pigarreou rapidamente.

- Você está querendo dizer que suas tias dizem que essa coisa é real...

- Elas sempre souberam dele, padre. E qualquer um pode vê-lo se eu deixar que ele fique bem forte. É verdade,

padre. Qualquer um. Mas, veja só, eu é que faço com que ele apareça. Não é pecado mortal que as outras pessoas o vejam, porque a culpa é minha. Minha culpa. Ele não poderia ser visto se eu não permitisse que ele aparecesse. Padre, eu só não entendo como o demônio pode ser tão bom comigo, como ele chora forte quando está triste e tem tanta vontade de ficar perto de mim... - A voz foi interrompida por soluços reprimidos.

- Não chore, Deirdre - disse ele, com firmeza. Mas era inconcebível!

Aquela mulher "moderna" e sensata, no seu costume de corte perfeito, transmitindo uma superstição dessas para uma criança? E o que dizer das outras, pelo amor de Deus? Ora, elas faziam com que a irmã Bridget Marie e sua laia se parecessem com o próprio Sigmund Freud. Ele procurou ver Deirdre através da treliça escura. Ela estava enxugando os olhos com as mãos?

A vizinha nítida continuou de repente, com uma pressa angustiada.

- Tia Carl diz que já é pecado mortal só pensar nele ou pensar no nome dele. O fato de se pronunciar o seu nome faz com que ele surja de imediato! Mas, padre, ele está bem ao meu lado enquanto ela fala e me diz que ela está mentindo. E, padre, sei que é horrível eu dizer isso, mas às vezes ela está mentindo, eu sei, mesmo quando ele se mantém calado. Mas o pior mesmo é quando ele vem para assustá-la. E ela o ameaça! Diz que vai me machucar se ele não me deixar em paz! - A voz parou novamente. Mal se ouvia o choro. Parecia tão pequena, tão desamparada! - Mas o tempo todo, padre, mesmo quando estou totalmente só, ou mesmo durante a missa, com todo mundo em volta, sei

que ele está sempre ao meu lado. Sinto sua presença. Ouço seu choro e isso me faz chorar, também.

- Querida, agora pense bem antes de me responder. A sua tia Carl chegou a afirmar ter visto essa coisa?

- Claro, padre. - Tão cansada. Será que ele não acreditava nela? Era isso o que ela lhe implorava que fizesse.

- Estou tentando compreender, querida. Quero compreender, mas você precisa me

ajudar. Tem certeza de que sua tia Carl disse tê-lo visto com seus próprios olhos?

- Padre, ela o viu quando eu ainda era bebê e nem sabia que podia fazer com que ele aparecesse. Ela o viu no dia em que minha mãe morreu. Ele estava balançando meu berço. E quando minha avó Stella era pequena, ele ficava parado atrás dela à mesa do jantar. Padre, vou lhe contar um segredo terrível. Na nossa casa tem um retrato da minha mãe, e ele está no retrato, em pé ao lado dela. Eu soube do retrato porque ele o pegou e me deu, embora ele estivesse escondido. Ele abriu a gaveta da cômoda sem sequer tocar nela e pôs o retrato na minha mão. Ele faz esse tipo de coisa quando está bem forte, quando fiquei com ele muito tempo e passei o dia pensando nele. É aí que todo mundo sabe que ele está na casa, e tia Nancy vai esperar tia Carl á porta, cochichando, "O homem está aqui. Acabei de vê-lo". Tia Carl fica tão furiosa com isso. É tudo culpa minha, padre! E eu tenho medo de não conseguir fazer com que ele pare. E todas elas ficam tão perturbadas!

Seus soluços foram ficando cada vez mais altos, reverberando nas paredes de madeira do confessionário. Sem dúvida, outros podiam ouvi-la no recinto da igreja. E o que ele devia lhe dizer? Estava perdendo o controle. Que

loucura era essa dessas mulheres? Não haveria ninguém com um mínimo de juízo na família inteira que pudesse conseguir um psiquiatra para ajudar essa menina?

- Querida, ouça o que lhe digo. Quero que me dê permissão para falar sobre esse assunto fora do confessional com sua tia Carl. Você me daria essa permissão?

- Não, padre, por favor. O senhor não pode fazer isso.

- Minha filha, eu não vou fazer nada. Não sem a sua permissão. Mesmo assim, eu lhe digo que preciso falar com sua tia Carl a esse respeito. Deirdre, ela e eu podemos juntos afastar essa coisa.

- Padre, ela nunca vai me perdoar por ter contado. Nunca. É pecado mortal contar. Tia Nancy nunca me perdoaria. Até tia Millie ficaria zangada. Padre, o senhor não pode dizer a ela que eu lhe falei dele! - Ela estava ficando histérica.

- Posso fazer desaparecer esse pecado mortal, querida - explicou ele. - Posso absolvê-la. Daquele momento em diante, sua alma ficará branca como a neve, Deirdre. Confie em mim, Deirdre. Dê-me sua permissão para falar com ela.

Por um instante de tensão, o choro foi sua única resposta. Depois, antes mesmo de ouvir o ruído da maçaneta da pequena porta de madeira, ele soube que a havia perdido. Dentro de segundos, ouviu seus passos correndo pela igreja para longe dele.

Ele havia dito a frase errada, havia tomado a decisão errada! E agora não havia mais nada que pudesse fazer, preso como estava pelo sigilo do confessional. E esse segredo lhe chegara de uma criança atormentada que não tinha nem idade suficiente para cometer um pecado mortal, ou para se beneficiar do sacramento que viera procurar.

Ele nunca se esqueceu desse momento, sentado, impotente, ouvindo aqueles passos que ecoavam no átrio da igreja, com o calor e o abafamento do confessionário a sufocá-lo. Meu Deus, o que ele ia poder fazer? A tortura havia, no entanto, apenas começado para o padre Mattingly. Durante semanas a fio, ele sofre uma verdadeira obsessão: aquelas mulheres, aquela casa...

Não podia, porém, tomar qualquer atitude com base no que ouvira, da mesma forma que não podia relatar aquilo para ninguém. O confessionário o obrigava ao sigilo em palavras e obras.

Ele nem ousou fazer perguntas à irmã Bridget Marie, muito embora ela lhe transmitisse informações suficientes quando ele por acaso a encontrou no pátio. Ele sentia uma certa culpa por lhe dar ouvidos, mas não conseguia se afastar dali.

- Pois não é que puseram Deirdre no Sagrado Coração? Mas o senhor acha que ela vai ficar lá? Expulsaram a mãe dela, Antha, quando tinha só oito anos de idade. E ela foi também expulsa das Ursilinas. Afinal encontraram para ela uma escola particular, um desses lugares malucos em que deixam as crianças fazerem o que quiserem. E como Antha era triste quando era menina, sempre escrevendo poesia e contos, falando sozinha e fazendo perguntas para saber como a mãe morreu. E o senhor sabe que foi assassinato, não sabe, padre, que Stella Mayfair foi morta a tiros pelo seu irmão Lionel? E isso, num baile a fantasia naquela casa. Foi um verdadeiro estouro da boiada. Espelhos, relógios, janelas, tudo estava quebrado quando o pânico terminou. E Stella jazia morta no chão.

O padre Mattingly apenas sacudiu a cabeça de pena.

- Não era de espantar que Antha perdesse a razão, e menos de dez anos depois ela se juntou nada mais nada menos do que com um pintor, que nem se incomodou em se casar com ela, deixando-a num prédio de quatro andares sem elevador no Greenwich Village no meio do inverno sem nenhum dinheiro e com a pequena Deirdre para cuidar, de modo que ela teve de passar a vergonha de voltar para casa. E depois saltar daquela janela do sótão, coitadinha, mas que vida infernal não era com aquelas tias implicando com ela, vigiando cada movimento seu e a trancando à noite, enquanto ela fugia para o French Quarter para beber, imagine só, na sua idade, com os poetas e os escritores e tentar fazer com que eles prestassem atenção ao seu trabalho. Vou lhe contar um estranho segredo, padre. Meses a fio, depois que ela morreu, chegavam cartas para ela, e originais seus voltavam das pessoas de Nova York para quem ela os havia mandado. E que agonia para Miss Carlotta que o carteiro lhe trouxesse uma lembrança de tanta dor e sofrimento quando tocava a campainha do portão.

O padre Mattingly disse uma prece muda para Deirdre. Que a sombra do mal não a atinja.

- Uma das histórias de Antha saiu numa revista, ao que me disseram, publicada em Paris, mas toda em inglês, e também isso chegou para Miss Carlotta. Ela deu uma olhada e a escondeu em algum canto trancada. Foi uma das primas da família quem me contou essa parte e me falou que eles se ofereceram para cuidar do bebê, da pequena Deirdre, mas ela não quis. Ela ia ficar com o bebê. Isso devia a Stella, a Antha, à sua mãe e à própria criança.

O padre Mattingly parou na igreja no caminho de volta à casa paroquial. Ficou um bom tempo parado na sacristia silenciosa olhando pela porta para o altar principal. Por uma

história sórdida, ele podia perdoar a família Mayfair com facilidade. Nasceram ignorantes neste mundo como o restante de nós. Mas o que dizer de deturpar a mente de uma menininha com mentiras sobre o diabo que levou sua mãe ao suicídio? Mesmo assim, não havia nada, absolutamente nada, que o padre Mattingly pudesse fazer a não ser orar por Deirdre, como estava orando agora.

Deirdre foi expulsa da Academia Particular de Santa Margarida perto do Natal, e suas tias a despacharam para uma escola interna bem ao norte. Algum tempo depois, ele soube que ela estava em casa novamente, adoentada, estudando com uma preceptora. E numa ocasião posterior ele chegou a vê-la de relance numa concorrida missa das dez. Ela não veio comungar. Mas ele a viu sentada no banco com suas tias.

A história da família Mayfair ia lhe chegando cada vez mais em fragmentos. Parecia que todo mundo na paróquia sabia que ele havia estado na casa. Vovó Lucy O'Hara havia segurado sua mão por cima da mesa da cozinha.

- Pois ouvi falar que Deirdre Mayfair foi expulsa do colégio, e que o senhor esteve naquela casa por esse motivo, não é verdade, padre? - Afinal o que ele poderia responder? Por isso, só ouvia.

- Mas eu conheço bem aquela família. Mary Beth, essa era a grande dama. Ela podia lhe contar tudo sobre a antiga fazenda. Nasceu lá logo depois da guerra de secessão. Só veio a Nova Orleans na década de 1880, quando seu tio Julien a trouxe. Como ele era um perfeito senhor do sul! Ainda me lembro do Sr Julien subindo St. Charles Avenue a cavalo. Ele era o velho mais bonito que alguém já viu. E diziam que havia uma imensa casa de fazenda em Riverbend. Ela costumava aparecer nos livros mesmo

quando estava desmoronando. O Sr Julien e Mary Beth fizeram tudo o que podiam para salvá-la. Mas não se pode parar o rio quando ele está decidido a tomar uma casa.

- Agora, ela era uma verdadeira beleza, Mary Beth, morena e extravagante, não delicada como Stella, ou sem graça como Carlotta. E dizem que Antha era linda, apesar de eu nunca tê-la visto, nem ao pobre bebê Deirdre. Já Stella era uma verdadeira rainha do vodu. É, padre, estou falando de Stella. Ela conhecia os pós, as poções, as cerimônias. Ela sabia ler a sorte nas cartas. Fez isso com meu neto, Sean. Quase o deixou louco de pavor com as coisas que lhe disse. Isso foi numa daquelas festas turbulentas lá em First Street, quando se embriagavam com bebidas clandestinas e tinham uma banda tocando bem no salão. Stella era assim.

- Ela gostava do meu Billy, se gostava. - Um gesto súbito na direção de uma foto desbotada no alto da cômoda. - Foi o que morreu na guerra. Eu lhe avisava, "Billy, ouça o que lhe digo. Não se aproxime das mulheres da família Mayfair". Ela gostava de todos os rapazes bonitos. Foi assim que seu irmão a matou. Num dia de céu limpo, ela podia fazer surgir uma nuvem acima da cabeça de quem quisesse. Essa é a mais pura verdade, padre. Ela costumava assustar as irmãs de Santo Afonso formando tempestades desse jeito bem acima do jardim. E na noite em que ela morreu, o senhor precisava ter visto a tempestade que caiu sobre a casa. Ora, disseram que todas as janelas se partiram. Vento e chuva, como um furacão em volta da casa. Stella fez com que os céus chorassem por ela.

Perplexo, o padre Mattingly ficava ali sentado, tentando apreciar o chá morno cheio de leite e açúcar, mas estava registrando cada palavra. Não voltou a visitar a família. Não ousou. Não podia permitir que aquela criança, se por acaso estivesse por lá, imaginasse que ele fosse relatar o que era

obrigado a manter em segredo para sempre. Ele procurava as mulheres na missa. Raramente as via. É claro que esta era uma grande freguesia. Elas poderiam ter ido a qualquer uma das duas igrejas ou ainda à capelinha dos ricos lá mesmo no Garden District.

Os cheques de Miss Carlotta, entretanto, continuavam a chegar. Isso ele sabia. O padre Lafferty, que se encarregava das contas da paróquia, mostrou-lhe o cheque perto da época do Natal - era no valor de dois mil dólares - num comentário silencioso sobre como Carlotta Mayfair usava o dinheiro para manter o mundo à sua volta satisfeito e calado.

- Suponho que já saiba que mandaram a pequena sobrinha de volta da escola em Boston.

O padre Mattingly não sabia. Ficou ali parado à porta do escritório do padre Lafferty, aguardando...

- Bem, pensei que você se desse muito bem com aquelas senhoras - disse o padre Lafferty. Era homem de falar sem rodeios, com seus mais de sessenta anos, não um fofoqueiro.

- Só fiz uma visita ou duas - disse o padre Mattingly.

- Agora estão dizendo que a pequena Deirdre está adoentada - prosseguiu o padre Lafferty. Pôs o cheque sobre o descanso da sua escrivaninha. Olhou para ele. - Não pode freqüentar a escola comum. Tem de ficar em casa com uma preceptora.

- Uma tristeza.

- Parece mesmo. Mas ninguém vai questionar a decisão. Ninguém vai aparecer por lá para ver se a menina está

recebendo uma formação razoável.

- Elas têm dinheiro suficiente...

- Têm mesmo. O suficiente para manter tudo em segredo. Elas poderiam sair impunes mesmo de assassinato.

- O senhor acha?

O padre Lafferty pareceu estar debatendo algo consigo mesmo. Não tirava os olhos do cheque de Carlotta Mayfair.

- Suponho que tenha ouvido falar do assassinato - disse ele - de quando Lionel Mayfair matou a irmã Stella a tiros? Não passou nem um dia na prisão por isso. Miss Carlotta ajeitou tudo. Junto com o Sr Cortland, o filho de Julien. Aqueles dois, entre eles, poderiam dar um jeito em qualquer coisa. Nenhuma pergunta feita por ninguém. - Mas como foi que eles conseguiram...

- É claro que a solução foi o hospício, e lá Lionel se suicidou, embora ninguém saiba como, já que estava numa camisa-de-força.

- Não me diga.

- Digo, sim - respondeu o padre Lafferty, concordando com um gesto de cabeça. - Mais uma vez, não foram feitas perguntas. Missa fúnebre, como sempre. Depois, a pequena Antha veio aqui, a filha de Stella, sabe, chorando, berrando, dizendo que foi Miss Carlotta quem fez Lionel assassinar a mãe. Falou com o ministro ali em baixo no salão da esquerda. Eu estava lá, o padre Morgan estava lá e também o padre Graham. Todos ouvimos o que ela disse.

O padre Mattingly ouvia calado.

- A pequena Antha disse que estava com medo de voltar para casa. Com medo de Miss Carlotta. Contou que Miss Carlotta disse a Lionel que ele não era homem se não desse um basta no que estava acontecendo, que chegou a lhe dar uma pistola de calibre 38 para matar Stella. Seria de se esperar que alguém fizesse algumas perguntas a esse respeito, mas o ministro não fez. Ele só pegou o telefone e ligou para Miss Carlotta. Depois de poucos minutos, uma grande limusine negra veio apanhar a pequena Antha.

O padre Mattingly tinha os olhos fixos no homenzinho magro sentado à escrivaninha. Eu também não fiz nenhuma pergunta.

- Mais tarde, o ministro disse que a criança era desequilibrada; que ela havia dito as outras crianças que ouvia o que as pessoas diziam do outro lado de paredes e que lia as suas mentes. Ele disse que ela se acalmaria, que estava só descontrolada com a morte de Stella.

- Mas depois disso, ela só piorou, não foi?

- Pulou da janela do sótão quando tinha vinte anos, foi o que fez. Não houve perguntas. Ela não estava em seu perfeito juízo e, além do mais, não passava de uma criança. Missa fúnebre como de costume.

O padre Lafferty virou o cheque e carimbou o endosso da paróquia no seu verso.

- Padre, o senhor está querendo dizer que eu deveria ir visitar a família Mayfair?

- Não, padre, não estou. Nem sei do que estou falando, se quer saber a verdade. Mas agora eu preferia que Miss Carlotta tivesse desistido dessa criança, tirado a menina

daquela casa. São muitas as recordações negativas debaixo daquele teto. Não é lugar para uma criança.

Quando o padre Mattingly soube que Deirdre Mayfair havia sido mais uma vez mandada estudar fora - dessa vez na Europa - decidiu que tinha de fazer a visita.

Era primavera, e bem mais de três anos haviam se passado desde a confissão perturbadora. Ele precisava se forçar a chegar até aquele portão, se não fosse por nenhum outro motivo, simplesmente por não conseguir pensar em nada diferente. Não foi surpresa nenhuma que Carlotta o convidasse para entrar no longo salão duplo, e o conjunto de café veio numa bandeja de prata, tudo muito cordial. Ele adorava aquele salão. Adorava aqueles espelhos um de frente para o outro. Miss Millie veio juntar-se a eles, depois Miss Nancy, embora esta pedisse desculpas pelo avental sujo, e até mesmo a velha Miss Belle desceu num elevador que ele nem sabia que existia, por estar oculto atrás de uma enorme porta de quase quatro metros, igual a todas as outras. A velha Miss Belle era surda, isso ele percebeu imediatamente.

Por trás da máscara da conversa de cortesia, ele estudava essas mulheres, procurando sondar o que estava por trás daqueles sorrisos contidos. Nancy era o burro de carga. Millie, a desmiolada. A velha Miss Belle, quase senil E Carl? Carl era tudo que diziam ser: a inteligente, a mulher de negócios a advogada. Falaram de política, da corrupção na cidade, da alta, dos tempos mudados. No entanto, nem naquela visita, nem em nenhuma outra, ela pronunciou os nomes de Antha, Stella preços e realidade, dessa vez não foi abordado o tema da história a família, e o padre não conseguiu se forçar a abordá-lo, nem mesmo para fazer alguma pergunta simples sobre um único objeto da sala.

Ao deixar a casa, ele olhou de relance para o pátio de lajes, dominado pelo mato. A cabeça aberta ao meio como uma melancia. Enquanto seguia ela rua, olhou de volta para as janelas do sótão. Estavam agora completamente cobertas pelas trepadeiras, com as venezianas desengonçadas.

Disse a si mesmo que essa havia sido sua última visita. Que o padre Lafferty cuidasse do caso. Que ninguém cuidasse do caso. No entanto, sua sensação de fracasso foi se aprofundando com o passar dos anos.

Aos dez anos de idade, Deirdre Mayfair fugiu de casa e foi encontrada dois dias depois caminhando pelo Bayou St. John na chuva, com as roupas ensopadas. Foi, então, para um outro colégio interno em algum lugar - em County Cork na Irlanda, e de lá voltou mais uma vez para casa. As irmãs diziam que Deirdre tinha pesadelos, era sonâmbula, dizia coisas estranhas. Chegou, então, a notícia de que Deirdre estava na Califórnia. A família Mayfair tinha uns primos por lá que mudança de clima lhe fosse benéfica, podiam cuidar dela. Talvez uma O padre Mattingly a essa altura já sabia que nunca iria se livrar da lembrança daquela criança a chorar. Em nome de Deus,, por que ele não havia experimentado um outro método com ela? Ele pedia em suas orações que ela contasse o que lhe contou a alguma professora experiente ou a algum médico pedia que alguém em algum lugar pudesse ajudá-la como o padre Mattingly não pôde.

Ele nunca se lembrava de ter ouvido falar quando Deirdre voltou da Califórnia. Somente em alguma época do ano de 1956 ele soube que ela estava interna no colégio de Santa Rosa de Lima. Em seguida, ouviu o mexerico de que ela teria sido expulsa e fugido para Nova York. Uma tarde Miss Kellerman contou tudo ao padre Lafferty nos degraus da Igreja. Ela soube pela sua criada, trabalhava naquela casa.

Deirdre havia encontrado os contos da sua mãe num baú no sótão, "todas aquelas bobagens de Greenwich Village". Fugiu, então, á procura do pai, embora ninguém soubesse se o homem estava vivo ou morto.

Tudo acabou com sua internação em Bellevue. Miss Carlotta foi até Nova York, de avião, para trazê-la de volta.

Depois, uma tarde no verão de 1959, numa conversa à mesa de uma cozinha, o padre Mattingly soube do "escândalo". Deirdre Mayfair estava grávida, aos dezoito anos. Ela havia abandonado os estudos numa faculdade no Texas. E o pai? Um dos seus próprios professores, dá para se acreditar? E, ainda por cima, casado e protestante. Ele estava pedindo o divórcio de um casamento de dez anos para se casar com Deirdre!

Parecia que a paróquia inteira só falava nisso. Diziam que Miss Carlotta havia lavado as mãos, mas que Miss Nancy levou Deirdre até Guy Maier para comprar um belo vestido para o casamento civil. Deirdre era agora uma linda moça; linda como Antha e Stella haviam sido. Dizia-se que era linda como Miss Mary Beth.

O padre Mattingly lembrava -se apenas daquela criança assustada, de rosto pálido. Flores esmagadas sob os pés.

O casamento nunca iria se realizar.

Quando Deirdre estava no quinto mês, o pai morreu a caminho de Nova Orleans. Acidente na estrada que beira o rio. A barra de direção do seu velho Ford, modelo de 1952, quebrou. O carro perdeu a direção e bateu num carvalho, explodindo instantaneamente.

Mais tarde, perambulando no meio da multidão na festa da igreja numa quente noite de julho, o padre Mattingly iria

ouvir a história mais estranha sobre a família Mayfair até então. Uma história que o atormentaria nos anos seguintes, da mesma forma que a confissão.

Havia lâmpadas suspensas no pátio de asfalto. Paroquianos em mangas de camisa e vestidos de algodão iam de uma barraquinha a outra, experimentando sua sorte nos jogos. Ganhe um bolo de chocolate apostando uma moeda de cinco centavos na roleta. Ganhe um ursinho de pelúcia. O asfalto estava macio como calor. A cerveja corria solta no bar improvisado com tábuas indo de um barril a outro. E parecia que, para onde quer que o padre Mattingly se voltasse, ele ouvia algum cochicho sobre os novos acontecimentos na casa da família Mayfair.

O encanecido Red Lonigan, patriarca da família dos agentes funerários, ouvia Dave Collins lhe dizer que Deirdre havia sido trancada no quarto. O padre Lafferty estava ali sentado, olhando carrancudo por cima da cerveja para Dave. Dave disse conhecer a família Mayfair há mais tempo do que qualquer pessoa, há mais tempo do que o próprio Red.

O padre Mattingly pegou uma garrafa gelada de cerveja do bar e foi se sentar na ponta do banco.

Dave Collins estava agora em plena glória, com dois padres na platéia.

- Nasci em 1901, padre! - declarou, embora o padre Mattingly nem tivesse erguido os olhos. - No mesmo ano em que nasceu Stella Mayfair, e me lembro de quando a expulsaram da Academia das Ursulinas na cidade alta e Miss Mary Beth a matriculou na escola aqui mesmo.

- Fofocam demais sobre essa família - disse Red, num tom de desalento.

- É, Stella era mesmo uma rainha do vodu -prosseguiu Dave.
- Todo mundo sabia disso. Mas podemos descartar os feitiços e os sortilégios baratos. Isso não era para ela. Uma bolsa de moedas de ouro que nunca se esvaziava era o que ela possuía.

- Tudo o que ela teve no final foi um destino trágico - disse Red, em voz baixa, com um riso amargo.

- Ora, mas ela conseguiu viver muito, antes do tiro que Lionel lhe deu - retorquiu Dave, espremendo os olhos e debruçando sobre o braço direito, com a mão esquerda segurando a garrafa de cerveja. - E mal ela estava morta e enterrada, a bolsa apareceu bem ao lado da cama de Antha. E por mais que a escondessem, ela sempre voltava.

- Pois sim! - disse Red.

- Havia moedas de todas as partes do mundo naquela bolsa: italianas, francesas e

espanholas.

- E como você veio a saber disso? - perguntou Red.

- O padre Lafferty já viu, não viu, padre? O senhor viu as moedas. Miss Mary Beth costumava jogá-las na cestinha da coleta todos os domingos, o senhor sabe que era o que ela fazia. E o senhor sabia o que ela sempre dizia, "Gaste-as rápido, padre, livre-se delas antes do pôr-do-sol, porque elas sempre voltam".

- Do que você está falando! - exclamou Red, zombeteiro.

O padre Lafferty não disse nada. Seus olhinhos negros passaram de Dave para Red. Depois, ele olhou para o padre Mattingly, sentado à sua frente.

- O que você quer dizer com essa história de que elas voltavam? - perguntou o padre Mattingly.

- O que ela queria dizer é que voltavam para sua bolsa! - disse Dave, arqueando as sobrancelhas. Tomou um grande gole da sua garrafa. Sobrou apenas espuma. - Ela podia dá-las sempre que elas sempre voltavam. - Deu uma risada rouca. Sua voz soava encatarrada. - Ela dizia a mesma coisa à minha mãe quando lhe pagava pela roupa lavada. É isso mesmo, minha mãe lavava a roupa em muitas daquelas casas de rico, e nunca teve vergonha disso. E Miss Mary Beth sempre lhe pagou com aquelas moedas.

- Pois sim! - repetiu Red.

- E vou lhe dizer mais uma coisa - prosseguiu Dave, inclinando-se mais sobre o cotovelo, com os olhos apertados encarando Red Lonigan. - A casa, as jóias, a bolsa, tudo isso está relacionado. O mesmo vale para o sobrenome Mayfair e como elas sempre o mantêm, não importa com quem se casem. No final, fica sempre Mayfair. E você quer saber o motivo? Elas são bruxas, aquelas mulheres. Todas elas.

Red abanou a cabeça. Empurrou sua garrafa cheia de cerveja na direção de Dave e ficou olhando enquanto Dave a segurava com os dedos.

- É a mais pura verdade, é o que lhe digo. Elas herdam o poder da bruxaria pelas gerações afora, e naqueles velhos tempos falava-se muito sobre isso. Miss Mary Beth tinha mais poderes do que Stella. - Ele tomou um grande gole da cerveja de Red. - E era esperta o suficiente para ficar calada, o que Stella não era.

- Então, como foi que você veio a saber? - perguntou Red.

Dave pegou seu saquinho branco de fumo Bull Durham e viu que estava vazio.

- O senhor não teria um cigarrinho, padre? - pediu ele ao padre Mattingly.

Red deu um sorriso de escárnio. O padre Mattingly entregou a Dave seu maço de Pall Mall.

- Obrigado, padre. E agora vamos à sua pergunta, Red, da qual eu não estava tentando fugir. Sei, porque minha mãe me contou as coisas que Miss Mary Beth lhe dizia nos idos de 1921, quando Miss Carlotta se formou em Loyola, e todos a elogiavam por ser tão inteligente, por ser advogada e tudo o mais. "Ela não é a escolhida", disse Miss Mary Beth à minha mãe. "A escolhida é Stella. Stella tem o dom e vai herdar tudo quando eu morrer." "E qual é o dom, Miss Mary Beth?" Perguntou-lhe minha mãe. "Ora, Stella viu o homem", respondeu ela à minha mãe. "E quem consegue ver o homem, quando está totalmente só, herda tudo."

O padre Mattingly sentiu um arrepio na espinha. Já fazia onze anos desde que ele ouvira aquela confissão inacabada da menina, mas nunca se esquecera de uma palavra sequer. Elas o chamam de o homem...

Já o padre Lafferty olhava carrancudo para Dave.

- Viu o homem? - perguntou o padre Lafferty, com frieza. - Em nome de Deus, homem, o que pode querer dizer esse palavreiro sem sentido?

- Bem, padre, imagino que um bom irlandês como o senhor saiba a resposta para essa pergunta. Não é verdade que as bruxas chamam o diabo de "o homem"? Não é fato que elas o chamam assim quando ele vem no meio da noite para tentá-las a pecados execráveis? - Ele deu mais uma das

suas risadas fundas, roucas e pouco saudáveis, e tirou do bolso um trapo imundo para limpar o nariz. - São bruxas, e o senhor sabe, padre. É isso o que elas eram e o que elas são. E uma herança de feitiçaria. E o senhor se lembra do velho Julien Mayfair? Eu me lembro dele. Minha mãe me disse que ele sabia de tudo isso. O senhor sabe que é verdade, padre.

- É uma herança, sim - respondeu o padre Lafferty, irado, pondo-se de pé. - E uma

herança de ignorância, ciúme e doença mental! Nunca ouviu falar dessas coisas, Dave Collins? Nunca ouviu falar de ódio entre irmãs, de inveja e de ambição impiedosa? - Ele se voltou e foi embora em meio ao torvelinho da multidão, sem esperar pela resposta.

O padre Mattingly ficou perplexo com a irritação do padre Lafferty. Ele preferia que

o colega tivesse apenas rido, como Dave Collins. Dave acabou de beber a cerveja de Red.

- Ei, Red, não dá para me arrumar um quarto de dólar? - perguntou, com os olhos

dardejando de Red para o padre Mattingly.

Red estava distraído, com os olhos fixos na garrafa vazia. Como um sonâmbulo, tirou um dólar amarfanhado do bolso da calça.

Quando estava prestes a adormecer naquela noite, o padre Mattingly se lembrou dos livros que havia lido no seminário. O homem alto, o homem moreno, o homem atraente, o incubo que vem á noite... o gigante que preside o sabá! Ele se lembrava vagamente de ilustrações num livro, desenhadas com esmero, horrendas. "Bruxas" foi a palavra

que balbuciou enquanto caía no sono. Ela diz que ele é o diabo, padre. Que só olhar para ele já é pecado.

Acordou antes do amanhecer, ouvindo a voz irritada do padre Lafferty. Inveja, doença mental. Seria essa a verdade oculta nas entrelinhas? Parecia que uma peça de importância crucial havia sido colocada no quebra-cabeça. Ele quase via o quadro como um todo. Uma casa governada com mão de ferro, uma casa na qual mulheres lindas e animadas haviam sido vítimas de tragédias. No entanto, algo ainda o incomodava... Todas elas o vêem, padre. Flores espalhadas sob os pés, palmas-de-santa-rica grandes e longas, delicados ramos de samambaias. Ele viu seu pé os esmagando.

Deirdre Mayfair renunciou à sua filha. A criança nasceu no novo Mercy Hospital no

dia sete de novembro, e nesse mesmo dia a mãe lhe deu um beijo e a colocou nos braços do padre Lafferty. Foi ele quem a batizou e a entregou aos cuidados dos primos da Califórnia que iriam adotá-la. Foi, porém, Deirdre que exigiu que a menina usasse o sobrenome Mayfair. Sua filha não deveria nunca receber outro sobrenome, ou Deirdre não assinaria os papéis. Seu velho tio Cortland Mayfair apoiava essa sua decisão, e nem mesmo o padre Lafferty conseguiu demovê-la. Ela quis ver o nome, preto no branco, na certidão de batismo. E o pobre do velho Cortland, um perfeito cavalheiro, a essa altura já estava morto, depois de uma terrível queda escada abaixo.

O padre Mattingly não se lembrava da primeira vez em que ouviu o termo "incurável". Ela já estava louca antes mesmo de sair do hospital. Diziam que não parava de falar alto sozinha, insistindo, "Foi você. Você o matou". As enfermeiras tinham medo de entrar no seu quarto. Ela

entrou na capela, com a camisola do hospital, rindo e falando alto no meio da missa, acusando o nada de matar seu amado, de separá-la da sua filha, de deixá-la só em meio a "inimigos". Quando as freiras tentaram contê-la, ela ficou furiosa. Os serventes vieram e a levaram embora, aos chutes e berros.

Na época em que o padre Lafferty faleceu, na primavera, ela estava internada em algum lugar distante. Ninguém sabia onde. Rita Lonigan perguntou ao seu sogro, Red, qual era o endereço porque tinha muita vontade de escrever. Mas Miss Carl disse que não seria conveniente. Nenhuma correspondência para Deirdre.

Por Deirdre, apenas orações. E os anos foram passando. O padre Mattingly saiu da paróquia. Trabalhou em missões no estrangeiro. Trabalhou em Nova York. Chegou a ir tão longe que Nova Orleans desapareceu do seu pensamento a não ser pela lembrança súbita e ocasional, aliada à vergonha: Deirdre Mayfair, aquela que ele não havia ajudado, que ele havia perdido.

Foi então que, numa tarde em 1976, durante uma breve estada na antiga casa paroquial, o padre Mattingly passou pela casa e viu uma mulher jovem, pálida e magra, sentada numa cadeira de balanço na varanda lateral, por trás do véu de tela enferrujada. Ela não parecia nada mais do que um espectro na sua camisola branca, mas ele imediatamente soube que era Deirdre. Havia reconhecido aqueles cachos negros pousados sobre os ombros. E depois que abriu o portão enferrujado e veio se aproximando pelo caminho de pedras, ele percebeu que a expressão no rosto era a mesma. É, era Deirdre, que ele trouxera de volta para casa há quase trinta anos. Ela estava impassível por trás da tela abaulada na moldura leve de madeira. Não houve resposta quando ele sussurrou seu nome.

Numa corrente que trazia ao pescoço havia uma esmeralda, uma pedra belíssima, e no dedo um anel de rubi. Seriam essas as jóias de que ele ouvira falar? Que impressão descabida elas davam nessa mulher silenciosa com sua camisola branca e sem goma. Ela não deu o menor sinal de tê-lo visto ou ouvido.

Sua visita a Miss Millie e Miss Nancy foi breve, incômoda. Carl estava no centro, trabalhando, naturalmente. E é mesmo, é Deirdre quem está na varanda lateral. Ela estava em casa dessa vez para ficar, mas não havia motivo para falar baixo.

- A mente se foi - disse Nancy, com um sorriso amargo. - Primeiro, os choques elétricos apagaram sua memória. Depois todo o resto. Ela não conseguiria se levantar para se salvar se a casa estivesse pegando fogo. De vez em quando ela torce as mãos, tenta falar, mas não consegue...

- Não fale assim - disse Millie baixinho, abanando levemente a cabeça e retorcendo a boca, como se não fosse de bom-tom tocar nesse assunto. Ela agora estava velha, Miss Millie, velha e com a cabeça lindamente grisalha, delicada como Miss Belle havia sido, Miss Belle, que já se fora há muito. - Aceita mais café, padre?

A mulher sentada na cadeira na varanda era, apesar de tudo, bonita. Os tratamentos com choques não haviam embranquecido seus cabelos. E os olhos ainda tinham um azul profundo, apesar de estarem totalmente vazios de expressão. Era como uma imagem na igreja. Padre, ajude-me. Um raio de luz tocou na esmeralda e fez com que cintilasse como uma minúscula estrela.

Daí em diante, o padre Mattingly deixou de vir ao sul com muita freqüência. E, nos anos seguintes quando tocava a

campainha, não era bem recebido. As desculpas de Miss Nancy foram se tornando mais bruscas. As vezes acontecia de ninguém atender. Quando Carl estava lá, a visita era apressada, artificial. Nunca mais café no jardim de inverno; apenas algumas palavras rápidas no salão amplo e empoeirado. Será que elas não acendiam mais as luzes? Os candelabros estavam imundos.

É claro que as mulheres estavam muito velhas. Millie faleceu em 1979. O enterro foi concorridíssimo, com primos vindo de todas as partes do país. Depois, no ano passado, havia sido a vez de Nancy. O padre Mattingly recebeu uma carta de Red Lonigan. Na ocasião o padre estava em Baton Rouge e veio até a cidade de carro só para o funeral. Miss Carl, com seus oitenta e tantos anos, era só ossos de tão magra, com o nariz aquilino, os cabelos brancos e óculos grossos que ampliavam seus olhos de um jeito desagradável. Os tornozelos estavam inchados logo acima dos sapatos pretos de amarrar. Teve de se sentar na laje de uma sepultura durante as palavras finais no cemitério.

A própria casa dava pena de tanta decadência. Isso, o padre Mattingly viu com seus próprios olhos quando passou por lá de automóvel. Como seria inevitável, também Deirdre estava mudada. Ele pôde ver que sua frágil beleza de planta de estufa afinal se esvaíra. E, apesar das enfermeiras que a forçavam a caminhar de um lado para o outro, ela havia ficado corcunda, com as mãos curvadas para baixo e para fora na altura do pulso, como as de uma paciente artrítica. Diziam que sua cabeça estava agora permanentemente caída para um lado, e que sua boca estava sempre aberta.

Era uma tristeza de se ver, mesmo de uma certa distância. E as jóias tornavam a imagem ainda mais sinistra. Brincos de brilhante numa inválida sem noção de nada. Uma esmeralda do tamanho da unha de um polegar!

O padre Mattingly, que acreditava acima de tudo na santidade da vida humana, considerava que a morte de Deirdre teria sido uma benção. Na tarde seguinte ao enterro de Nancy, enquanto fazia uma visita silenciosa á velha casa, o padre Mattingly encontrou um inglês parado na extremidade mais distante da cerca - um senhor de boa aparência, que se apresentou ao padre como Aaron Lightner.

- O senhor sabe alguma coisa sobre aquela pobre mulher? - perguntou o inglês abertamente. - Há mais de dez anos que a vejo nessa varanda. Sabe que me preocupo com ela?

- Eu também me preocupo - confessou o padre. - Mas dizem que não há nada que se possa fazer por ela.

- Que família mais estranha - comentou o inglês com intimidade. - Está tão quente. Eu me pergunto se ela sente calor. Seria de se esperar que consertassem o ventilador de teto. Está vendo? Parece que está quebrado.

O padre Mattingly simpatizou imediatamente com o inglês. Homem tão vigoroso, apesar de bem educado. E ele estava tão bem vestido com seu terno de linho de três peças. Até portava uma bengala. Fazia o padre se lembrar dos senhores que costumavam passear à noite por St. Charles Avenue. Costumava-se vê-los nas varandas da frente, com seus chapéus de palha, observando o trânsito. Ah, como os tempos mudaram.

O padre Mattingly descobriu-se conversando inteiramente à vontade com o inglês em voz abafada sob os galhos mais baixos dos carvalhos, a respeito de todos os fatos "conhecidos", com os quais o homem parecia estar inteiramente familiarizado: os tratamentos com choques, os sanatórios, a filhinha há muitos anos adotada por uma

família na Califórnia. O padre, no entanto, não teria nem sonhado em mencionar as fofocas do velho Dave Collins sobre Stella ou sobre "o homem". Repetir uma besteira daquelas seria absolutamente errado. Além do mais, era um assunto por demais próximo daqueles segredos dolorosos que Deirdre Mayfair lhe confiara. Fosse como fosse, ele e Lightner acabaram no Commander's Palace para um almoço tardio a convite do inglês. Que prazer para o padre. Há quanto tempo ele não fazia uma refeição num bom restaurante de Nova Orleans como aquele, com toalhas de mesa e guardanapos de linho. Além disso, o inglês havia pedido um vinho excelente.

O homem admitiu com franqueza estar interessado na história de famílias como a

Mayfair.- O senhor sabe que eles possuíam uma grande fazenda no Haiti, quando ainda se chamava Saint-Domingue. Creio que Maye Faire era o nome da propriedade. Fizeram uma fortuna com o café e o açúcar naqueles tempos antes da insurreição dos escravos.

-Quer dizer que o senhor conhece a história da família desde tempos tão remotos?

- indagou o padre, perplexo.

- Ah, sim, claro - respondeu Lightner. - Está nos livros de história, sabe? Uma mulher poderosa tomava conta de tudo, Marie Claudette Mayfair Landry, seguindo o exemplo da sua mãe, Angélique Mayfair. Mas já estavam ali há quatro gerações. Foi Charlotte quem chegou da França em... quando foi mesmo.., no ano de 1689. É, Charlotte. E ela deu à luz gêmeos, Peter e Jeanne Louise, que viveram até completar oitenta e um anos de idade.

- Não diga. Nunca ouvi nada tão antigo dessa família.

- Creio ser uma simples questão de registros. - O inglês deu levemente de ombros. - Nem mesmo os rebeldes negros ousaram incendiar a fazenda. Marie Claudette conseguiu emigrar levando um enorme tesouro em bens, assim como sua família inteira. Em seguida, foi La Victoire em Riverbend, a jusante de Nova Orleans. Acho que a chamavam apenas de Riverbend.

- Miss Mary Beth nasceu lá.

- É, tem razão. Em... vejamos... creio ter sido em 1871. Só o rio para conseguir devorar aquela casa. Como era linda, com colunas em toda a volta. Havia fotografias da casa nos livros turísticos mais antigos sobre a Louisiana.

- Gostaria de ver esses livros - disse o padre.

- Antes da guerra de secessão, já haviam construído a casa em First Street, sabia? Na realidade, foi Katherine Mayfair quem a construiu e mais tarde seus irmãos Julien e Remy moraram ali. Depois, Mary Beth fixou sua residência nessa casa. Mary Beth não gostava do campo. Creio que foi Katherine quem se casou com o arquiteto irlandês, aquele que morreu muito jovem de febre amarela. Sabe, aquele que construiu os bancos do centro cidade. É, seu nome era Monahan. E, depois quis mais morar ali porque a casa de First Street havia sido construída pelo marido, e ela estava inconsolável. que ele morreu Katherine não.

- Parece que há muito tempo ouvi dizer que Monahan projetou a casa - disse o padre mas no fundo sem vontade de interromper ela Eu costumava ouvir falar de Miss Mary Beth...

- É, foi Mary Beth quem se casou com o juiz McIntyre, embora na época ele fosse apenas um jovem advogado, é

claro. E sua filha Carlotta Mayfaier quem manda na casa agora, ao que me parece... época.

O padre Mattin estava extasiado. Não se tratava meramente de sua antiga e doída curiosidade com relação à família cativante do próprio Lightner, além do agradável som do sotaque britânico.

Tudo isso era apenas história com total inocência nada tempo de mexericos. Fazia com que o padre Mattin, quando o inglês falava, não se tratava de fofoca um homem tão culto. E, contra seu próprio bom senso, o padre descobriu-se contando com voz hesitante a história da menininha e das flores misteriosas no colégio.

- Ora, aquilo não era o que ele havia ouvido no confessionário, lembrava. Mesmo assim, era espantoso que saísse assim com tanta facilidade do pátio da escola, meia dúzia de goles de vinho. O conseguia tirar a confissão da cabeça. Perdeu o fio da meada. De repente, ele não depois de Collins e em todas aquelas coisas estranhas que havia dito. Pensou como o em padre Lafferty havia se irritado tanto naquela noite de julho na festa da igreja, Lafferty, que havia se encarregado da adoção do bebê de Deirdre. Teria o padre Collins? padre Lafferty agido com base naquela conversa maluca de Dave. Ele próprio nunca havia podido fazer nada.

O inglês teve perfeita paciência com o silencioso devaneio do padre. Na realidade, aconteceu uma coisa estranhíssima. O padre teve a impressão de que o homem estava prestando atenção aos seus pensamentos porém, inteiramente impossível e, se alguém Podia ouvir a memória de uma falar a respeito disso? Que se esperava que um padre pudesse aquela tarde pareceu longa. Como foi agradável, fosse ao padre Mattingly repetiu as velhas

histórias de Dave Collins e chegou mesmo a falar das ilustrações do "homem sinistro" nos livros dança das bruxas. E o inglês demonstrava estar tão interessado, só se movimentando para servir vinho ou interrompendo, para oferecer um cigarro.

- E agora, a que conclusão o senhor chega? - para encerrar. O homem lhe respondeu alo? disse baixinho o padre está morto agora. Sabe, o velho Dave Collins mas a irmã Bridget Marie vai viver para sempre. Ela está com quase cem anos.

- O senhor está falando da irmã no pátio da escola há tanto tempo? - perguntou o inglês, com um sorriso.

O padre Mattingly estava agora embriagado com o vinho que havia tomado; essa era a pura verdade. E não parava de ver o pátio, as crianças e as flores espalhadas pelo chão.

- Ela agora está no Mercy Hospital - disse o padre. - Fui vê-la na última vez em que vim ao sul. Acho que vou visitá-la desta vez. E como diz bobagens agora que não sabe com quem está falando. O velho Dave Collins morreu num bar em Magazine Street. Local adequado. Todos os amigos fizeram uma vaquinha para o melhor dos enterros.

O padre voltou a devanear, pensando em Deirdre e no confessionário.

-Não deve se preocupar com isso, padre - sussurrou o inglês, tocando-lhe as costas da mão.

O padre espantou-se. Depois quase riu da idéia de que alguém pudesse ler seus pensamentos. Era isso o que a irmã Bridget Marie havia dito sobre Antha, não era? Que ela ouvia as pessoas falando do outro lado da parede e que lia seus pensamentos? Ele havia contado essa parte ao inglês?

- Contou. Quero lhe agradecer...

Ele e o inglês se despediram às seis da tarde diante dos portões do cemitério Lafayette. Era aquela hora dourada da tarde quando o sol se foi, e tudo emite a luz que absorveu durante o dia inteiro. Mas como tudo aquilo estava abandonado: os velhos muros caiados e as gigantescas magnólias fazendo rachar a calçada.

- O senhor sabe, todos eles estão enterrados aí dentro, os da família Mayfair - disse o padre Mattingly, olhando de relance para os portões. - Um grande jazigo à direita do passeio central. Com uma cerquinha de ferro trabalhado. Miss Carl mantém tudo em perfeita conservação. Podem-se ler todos esses nomes de que o senhor acabou de falar.

O padre teria ele mesmo mostrado o jazigo ao inglês, mas já estava na hora de voltar para a casa paroquial, hora de voltar para Baton Rouge e de lá para St. Louis.

Lightner deu-lhe um endereço em Londres.

- Se algum dia souber mais alguma coisa sobre essa família, qualquer coisa que não seja problema me transmitir, bem, o senhor poderia entrar em contato comigo?

É claro que o padre Mattingly nunca fizera isso. Há meses perdera o nome e o endereço. No entanto, lembrava-se com simpatia daquele inglês, embora às vezes ele se perguntasse quem seria realmente aquele homem, e o que ele de fato pretendia. Se todos os padres do mundo tivessem uma atitude tranquilizadora como a dele, como seria esplendido. Era como se aquele homem compreendesse tudo.

A medida que se aproximava agora da velha esquina, o padre Mattingly pensou novamente no que o jovem padre

lhe escrevera: que Deirdre Mayfair estava definhando, que praticamente não conseguia mais caminhar.

Então, como poderia ter ficado furiosa no dia 13 de agosto, e o que gostaria de saber, pelo amor de Deus. Como poderia ela ter quebrado as janelas e assustado os homens de um sanatório?

E Jerry Lonigan disse que seu motorista havia visto objetos sendo atirados pelas janelas afora: livros, um relógio, todo tipo de coisa, simplesmente voando pelo ar. E o barulho que ela fazia, como o de um animal uivando.

O padre achava difícil acreditar. Lá, porém, estava a prova.

Quando se aproximava lentamente do portão nessa quente tarde de agosto, ele viu o homem de uniforme branco sobre a varanda da frente, no alto da sua escada de madeira. Com uma espátula na mão, ele aplicava a massa ao longo das vidraças novas. E cada uma dessas janelas altíssimas apresentava vidraças novas e reluzentes, até com as minúsculas etiquetas da marca. A alguns metros dali, no lado sul da casa, por trás do véu da tela de cobre oxidado, estava sentada Deirdre, com as mãos retorcidas nos pulsos, a cabeça caída para um lado descansando no encosto da cadeira. O pingente de esmeralda na sua corrente refletiu uma pequena centelha de luz verde por um instante.

Ah, como devia ter sido para ela a sensação de quebrar aquelas janelas? De sentir a força correndo pelos seus membros, de se sentir detentora de um poder tão incomum? Só o fato de ter emitido um som, ora, só isso devia ter sido magnífico.

No entanto, esse era um pensamento estranho para ele, não era? É que ele se sentia envolto por uma espécie de

tristeza indefinida, alguma imensa melancolia. Ah, Deirdre, a pobrezinha da Deirdre.

A verdade era que ele se sentia triste e amargurado como sempre se sentia quando a via. Ele sabia que não iria pelo caminho de lajes até os degraus da frente da casa. Ele não iria tocar a campainha só para ser informado mais uma vez que Miss Carl não estava, ou que ela não podia recebê-lo naquele momento.

Esse passeio havia sido somente a penitência pessoal do padre Mattingly. Há mais de quarenta anos, ele havia cometido um erro numa trágica tarde de sábado, e a sanidade mental de uma menina dependia daquilo. Agora nenhuma visita faria a menor diferença.

Ele ficou algum tempo parado junto à cerca, ouvindo o ruído da espátula do vidraceiro, estranhamente nítido no silêncio tropical ao seu redor. Ele sentia o calor penetrar nos seus sapatos, nas suas roupas. Permitiu que as cores suaves e delicadas desse universo úmido e sombreado surtisses efeito sobre ele. Esse era um lugar raro. Sem dúvida melhor para ela do que algum quarto estéril de hospital, ou a vista de um gramado bem aparado sem nenhuma variação maior do que a de um tapete sintético. E o que o fazia pensar que ele algum dia pudesse ter feito por ela mais do que o que tantos médicos não haviam conseguido fazer? Talvez ela nunca tivesse tido uma chance mesmo.

Só Deus sabe.

De repente ele vislumbrou uma visita por trás das telas empoeiradas, sentado ao lado da pobre louca. Parecia ser um belo rapaz: alto, moreno, bem vestido apesar do calor sufocante. Quem sabe não seria um daqueles primos de longe, de Nova York ou da Califórnia.

O rapaz devia ter acabado de sair do salão para a varanda porque há um instante não estava ali. Parecia tão solícito. Era decididamente carinhoso o seu jeito de se inclinar na direção de Deirdre. Como se estivesse beijando seu rosto. É, era isso o que estava fazendo. Mesmo naquela sombra escura, o padre viu, e isso o comoveu profundamente. A tristeza que havia nele o dominou, dolorida. O vidraceiro estava agora acabando. Recolhia sua escada. Desceu os degraus da frente, seguiu pelo passeio de lajes de pedra e passou pela varanda telada, usando a escada para afastar as bananeiras e a espirradeira crescida.

Também o padre estava terminando. Havia cumprido sua penitência. Podia, agora, voltar para casa, para as calçadas quentes e estéreis de Constante Street e o recinto agradavelmente ventilado da casa paroquial. Lentamente, ele se voltou e começou a ir na direção da esquina.

Olhou de relance para trás apenas uma vez. A varanda telada estava agora vazia, a não ser pela presença de Deirdre. Mas, sem dúvida, aquele jovem simpático voltaria logo. Havia calado fundo no coração do padre a visão daquele beijo terno, a noção de que alguém, mesmo agora, ainda amava aquela alma perdida que ele próprio havia deixado de salvar tanto tempo atrás.

Capítulo 4

Tinha de fazer alguma coisa naquela noite, dar um telefonema para alguém. E era importante, também. Só que, depois de quinze horas de plantão, doze das quais passadas na sala de cirurgia, ela não conseguia se lembrar.

Ainda não era Rowan Mayfair, com todas as aflições e preocupações pessoais de Rowan. Era apenas a Dra Mayfair,

vazia como uma vidraça limpa, sentada calada aqui na sala dos médicos, com as mãos enfiadas nos bolsos do imundo guarda-pó branco, com os pés na cadeira à sua frente, um Parliament nos lábios, ouvindo-os conversar como os neurocirurgiões sempre conversam, regurgitando na fala cada momento excitante do dia.

Pequenas explosões de riso, vozes que encobriam outras vozes, o cheiro de álcool, o farfalhar de roupas engomadas, o doce aroma dos cigarros. Não importa a tragédia pessoal de quase todos eles serem fumantes. Era bom ficar ali, acomodada no brilho ofuscante das lâmpadas sobre a mesa de fórmica suja, o piso de linóleo sujo e as paredes de um bege sujo. Era bom estar adiando a hora de pensar, a hora em que as recordações viriam para dominá-la e deixá-la pesada e opaca.

Na realidade, aquele havia sido um dia praticamente perfeito, motivo pelo qual seus pés doíam tanto. Ela havia enfrentado três cirurgias de emergência, uma após a outra, desde o ferimento à bala as seis da manhã até a vítima de acidente automobilístico há umas quatro horas. E se todos os dias fossem assim, sua vida iria muito bem. Na verdade, ela seria de uma perfeição maravilhosa.

Tinha consciência disso naquele exato momento, de uma forma despreocupada. Depois de dez anos de faculdade de medicina, de ser interna e residente, ela agora era o que sempre quis ser: médica, neurocirurgiã e, mais especificamente, neurocirurgiã assistente num gigantesco hospital universitário cujo centro de traumatologia podia mantê-la operando vítimas de acidentes quase em tempo integral.

Tinha de admitir que estava feliz com isso, feliz com sua primeira semana numa outra função que não a de residente

sobrecarregada e totalmente exausta que ainda precisava operar metade do tempo sob a supervisão de outros. Mesmo o inevitável falatório não havia sido tão terrível hoje, o interminável discurso na sala de cirurgia, em seguida as notas a serem ditadas e por último a prolongada revisão informal na sala dos médicos. Ela gostava desses profissionais ao seu redor, os internos de rosto reluzente do outro lado da mesa, o Dr Peters e o Dr Blake, que acabavam de começar seus turnos e olhavam para ela como se ela fosse uma bruxa em vez de uma médica.

O Dr Simmons, chefe dos residentes, que lhe dizia de vez em quando num sussurro ardente que ela era o melhor médico que ele jamais havia visto operando e que as enfermeiras tinham a mesma opinião. E o Dr Larkin, o querido chefe da neurocirurgia, conhecido pelos seus discípulos como Lark, que a forçava insistentemente a desenvolver sua descrição.

- Explique, Rowan, explique em detalhe. Você tem de dizer a esses meninos o que está fazendo. Senhores, olhem, estão diante do único neurocirurgião da civilização ocidental que não gosta de falar sobre sua atuação.

Não gostar era pouco. Ela detestava falar. Tinha uma suspeita inata pela fala porque era capaz de "ouvir" com uma exatidão notável o que se escondia por trás dela. Além disso, simplesmente não sabia falar muito bem. Agora, graças a Deus, eles estavam debatendo o desempenho magistral do Dr Larkin hoje á tarde com o meningioma, e ela pôde mergulhar nessa sua deliciosa exaustão, saboreando o cigarro e o café horrível, admirando o reflexo da luz nas paredes maravilhosamente vazias.

O problema era que ela havia dito a si mesma para se lembrar de um assunto pessoal, um telefonema que devia

dar, alguma coisa de real importância para ela. E o que isso significava? A lembrança lhe ocorreria assim que pusesse os pés fora do hospital.

E isso ela podia fazer quando quisesse. Afinal era a assistente e não precisava mais ficar mais do que 15 horas ali. Nunca mais teria de dormir no plantão, e ninguém mais esperava que ela descesse até o setor de emergência só para ver o que estava acontecendo, embora, se valesse sua própria vontade, talvez fosse isso o que gostasse de fazer.

Há uns dois anos, talvez menos do que isso, a essa hora ela já teria ido embora, passando pela Golden Gate á velocidade máxima permitida, ansiosa por voltar a ser Rowan Mayfair, na cabine de comando do Sweet Christine, saindo sozinha de Richardson Bay para o mar aberto. Só quando tivesse ajustado o piloto automático para uma enorme trajetória circular, bem afastada do caminho dos canais, a exaustão a teria dominado. Ela teria descido para a cabine abaixo do convés, onde a madeira brilhava tanto quanto o latão polido, e ao se jogar num dos beliches ela teria mergulhado num sono leve através do qual todos os pequenos ruídos do barco a embalavam com carinho.

Isso, porém, foi antes de o processo de fazer milagres na mesa de operações se tornar decididamente um vício. De vez em quando a pesquisa ainda a atraía.

Ellie e Graham, seus pais adotivos, não estavam vivos, e a casa envidraçada no litoral de Tiburon não era um mausoléu repleto de livros de quem já morreu, de roupas de quem já morreu.

Ela precisava passar pelo mausoléu para chegar ao Sweet Christine. Tinha de ver a correspondência inevitável que ainda chegava para Ellie e para Graham. E talvez até

tivesse de ouvir uma mensagem na secretária eletrônica de algum amigo de fora avisado que Ellie havia morrido de câncer no ano anterior e que Graham havia morrido de "um derrame", para simplificar a história, dois meses antes da morte da mulher. Ela ainda molhava as samambaias em homenagem a Ellie, que costumava tocar música para elas. Dirigia o Jaguar de Graham porque vendê-lo seria uma amolação. Nunca havia se disposto a limpar a escrivaninha dele.

Derrame. Uma sensação sinistra e desagradável passou por ela. Não pense em Graham morrendo no piso da cozinha, mas nas vitórias do dia de hoje. Você salvou três vidas nas últimas 15 horas, quando outros médicos poderiam tê-las deixado morrer. A outras vidas em outras mãos você proporcionou uma ajuda talentosa. E agora, seguros no útero da Unidade de Tratamento Intensivo, três desses pacientes estão dormindo, com olhos que podem ver, bocas que podem pronunciar palavras e, quando você lhes segura a mão, eles apertam a sua quando você pede.

É, ela não poderia ter pedido mais do que isso. Quem dera pudesse para sempre deixar os transplantes de tecidos e os tumores para os outros. Ela vicejava na crise. Precisava dela. Iria para casa daqui a pouco só porque era saudável ir para casa, saudável descansar os olhos, os pés, o cérebro, é claro, e ir para algum lugar diferente daqui no fim de semana. Ir para o mar no Sweet Christine.

Por enquanto, um descanso nesse imenso barco chamado hospital, porque é exatamente essa a impressão que ele dava: a de um submarino, viajando silencioso pelo tempo afora. As luzes nunca se apagavam.

A temperatura nunca variava. Os motores nunca paravam. E nós, a tripulação, estamos unidos, apesar da raiva, do

ressentimento ou da competição entre nós. Temos esse vínculo e há uma espécie de amor, quer o reconheçamos quer não. - Você está à procura de um milagre! - disse para ela o supervisor da Emergência às seis horas da tarde, desdenhoso, com os olhos vidrados de exaustão. - Encoste essa maca na parede e guarde seu talento para alguém que possa ser ajudado!

- Eu não quero nada, a não ser milagres - respondeu Rowan.
- Vamos tirar o vidro e a sujeira do seu cérebro, e vamos trabalhar a partir daí. Não havia como lhe dizer que, ao pôr as mãos nos ombros da mulher, Rowan havia "ouvido" com sua percepção para o diagnóstico milhares de sinais ínfimos. Eles haviam lhe transmitido infalivelmente que a mulher tinha condição de viver. Ela sabia o que iria ver quando os fragmentos de ossos tivessem sido retirados com cuidado da fratura e congelados para futura substituição, quando a dura mater rasgada tivesse sido cortada e o tecido lesado por baixo dela tivesse sido ampliado pelo poderoso microscópio cirúrgico. Uma boa quantidade de cérebro vivo, incólume, em funcionamento, uma vez que ela sugasse o sangue dali e cauterizasse os minúsculos vasos arreventados para estancar o sangue.

Era a mesma sensação infalível que ela havia tido naquele dia em mar aberto quando içou o homem afogado, Michael Curry, para cima do convés com o guincho e tocou na sua pele fria e cinzenta. É, havia vida ali. Vamos trazê-lo de volta.

O homem afogado. Michael Curry. Era isso, é claro, era disso que ela precisava se lembrar. De ligar para o médico de Curry. O médico havia deixado uma mensagem para ela tanto no hospital quanto na secretária eletrônica em casa. Já fazia mais de três meses desde aquela noite fria e implacável em maio, com a névoa encobrindo a cidade

distante de tal forma que nem uma única luz aparecia, e o homem afogado no convés do Sweet Christine parecia tão morto quanto qualquer outro cadáver. Ela apagou o cigarro.

- Boa noite, doutores - disse ela, levantando-se. - Segunda, às oito - disse aos internos. - Não, não se levantem.

O Dr Larkin segurou sua manga entre dois dedos. Quando ela tentou se livrar, ele

segurou com mais força.

- Não me saia sozinha naquele barco, Rowan.

- Ora, chefe. - Ela tentou se livrar. Não conseguiu.- Saio sozinha com aquele barco

desde os dezesseis anos de idade.

- Isso é mau, Rowan, isso é mau. Imagine se você sofre alguma pancada na cabeça lá em mar aberto, se você cai da embarcação.

Ela deu uma risadinha por educação, embora estivesse de fato irritada com essa conversa, e saiu pela porta, passando direto pelos elevadores, lentos demais, na direção das escadas de concreto.

Talvez ela devesse dar uma última olhada naqueles três pacientes na UTI antes de ir embora. De repente, só a idéia de sair a deixou oprimida. A idéia de não voltar até segunda-feira era ainda pior. Enfiando as mãos nos bolsos, ela subiu correndo os dois lances de escada até o quarto andar.

Os reluzentes corredores daqui de cima eram tão silenciosos, tão distantes daquela balbúrdia inevitável da

Emergência. Uma mulher solitária dormia no sofá na sala de espera revestida de tapetes escuros. A velha enfermeira no posto daquela ala acenou quando Rowan passou. Houve tempos nos seus atormentados dias de interna quando, durante o plantão, ela passeava por esses corredores no meio da noite em vez de tentar dormir. De um lado para o outro, ela caminhava, cobrindo um piso após o outro, nas entranhas daquele gigantesco submarino, embalado pelo leve sussurro de inúmeros equipamentos.

Pena que o chefe soubesse do Sweet Christine, pensava ela agora. Pena que desesperada e assustada ela o houvesse trazido para casa na tarde do enterro da sua mãe adotiva, levando-o para se sentar no convés, para beber vinho sob o céu azul de Tiburon. Pena que naqueles instantes ociosos e metálicos ela houvesse confessado a Lark que não tinha mais vontade de ficar naquela casa, que agora vivia no barco e às vezes vivia para ele, levando-o a mar aberto depois de cada turno, não importa a quanto tempo estivesse trabalhando, não importa o quanto estivesse cansada.

Falar com as pessoas, será que isso melhorava as coisas? Lark havia somado chavões a mais chavões enquanto tentava consolá-la. E daí em diante, todos no hospital tinham conhecimento do Sweet Christine. E ela não era só Rowan, a silenciosa, mas Rowan, a adotada, aquela cuja família havia morrido inteira em menos de meio ano, que saía a mar aberto inteiramente só no grande barco. Ela também havia se tornado a Rowan que recusava os convites de Lark para jantar, quando qualquer outra médica solteira da equipe teria aceito sem hesitar.

Se eles imaginassem o resto da história, pensava ela, a que ponto ela era no fundo misteriosa, até para si mesma. E o que teriam dito dos homens de que gostava, os intrépidos

agentes da lei e os heróis dos caminhões com escada Magirus do corpo de bombeiros que caçava em barulhentos e saudáveis bares de bairro, escolhendo seus parceiros tanto por suas mãos grossas e voz áspera quanto por seus braços fortíssimos e tórax musculoso. E, o que diriam disso? E de todas aquelas relações na cabine inferior do Sweet Christine com a arma calibre 38, de uso exclusivo da polícia, no coldre de couro preto pendurado num gancho na parede.

E as conversas depois - não, vamos chamá-los de monólogos - nas quais esses homens, com a necessidade desesperada tão semelhante à do neurocirurgião, reviviam seus instantes de perigo e de realização, de bravura e de habilidade. Um cheiro de coragem nas camisas de uniforme. Uma canção de vida e morte. Por que esse tipo de homem? Graham havia perguntado um dia.

- Você procura os bobos, os incultos, os grossos? E se um deles enfiar o punho pesado no seu rosto?

- Mas é exatamente essa a questão - respondeu ela, com frieza, sem nem mesmo se importar em olhar para ele. - Eles não agem assim. Eles salvam vidas, e é por isso que eu gosto deles. Gosto de heróis.

- Isso parece conversa de uma bobinha de 14 anos - respondeu Graham, com azedume.

- Você não entendeu nada. Quando eu tinha 14 anos, achava que os advogados como você eram os heróis.

Um relance amargurado dos seus olhos quando ele se afastou dela. Uma lembrança amarga de Graham, mais de um ano depois da sua morte. O gosto de Graham, o cheiro de Graham, Graham afinal na cama de Rowan, porque ele teria ido embora antes da morte de Ellie se Rowan não concordasse.

- Não me diga que não era isso o que você sempre quis - disse-lhe Graham no fofo colchão de plumas no beliche do Sweet Christine. - Que vão para o inferno seus bombeiros, seus tiras.

Pare de discutir com ele. Pare de pensar nele. Ellie nunca soube que você ia para a cama com ele, nem os motivos pelos quais você se sentia forçada a agir assim. Tanta coisa que Ellie nunca soube. E você nem está na casa de Ellie. Não está nem mesmo no barco que Graham lhe deu. Ainda está a salvo na tranquilidade anti-séptica do seu mundo, e Graham está morto e enterrado no pequeno cemitério no norte da Califórnia. Não importa como ele morreu, porque também ninguém sabe dessa história. Não deixe que ele esteja ali em espírito, como dizem por aí, quando você puser a chave na ignição do carro que foi dele, que você já devia ter vendido há muito tempo, ou quando entrar nos cômodos úmidos e arrepiantes da casa que foi dele.

Mesmo assim, ela ainda conversava com ele. Ainda prosseguia na interminável argumentação da sua defesa. A morte de Graham havia impedido para sempre qualquer solução verdadeira. E assim, o ódio e a fúria de Rowan haviam criado um fantasma dele. Ele estava perdendo a nitidez, mas ainda a atormentava, até mesmo aqui nos corredores seguros do próprio território de Rowan.

Ela teve tanta vontade de lhe dizer que ia trazer os outros qualquer dia desses. Vou trazê-los com seu grande ego e sua exuberância, sua ignorância e seu humor brincalhão. Vou aceitar sua falta de modos, seu amor simples e ardente pelas mulheres e seu medo das mulheres. Vou aceitar até mesmo sua conversa, é, aquele seu falatório interminável. E graças a Deus que, ao contrário dos neurocirurgiões, eles não querem que eu diga nada, nem querem saber quem eu sou ou o que eu sou. Tanto faz que eu dissesse ser

especialista em foguetes, espiã internacional, mágica ou neurocirurgiã.

- Não vai querer me dizer que você opera o cérebro das pessoas!

De que importava tudo isso?

O fato é que Rowan compreendia um pouco melhor "a questão masculina" agora do que naquela época em que Graham discutia com ela. Ela compreendia melhor o vínculo entre sua própria pessoa e seus heróis uniformizados: o de que entrar na sala de cirurgia, calçar aquelas luvas esterilizadas e erguer o microcoagulador e o microbisturi era muito semelhante a entrar num prédio em chamas, era como se intrometer numa briga de família com um revólver para salvar a mulher e a criança.

Quantas vezes ela ouvira a comparação entre os neurocirurgiões e os bombeiros? Depois vinha a crítica hábil: mas há uma diferença porque sua vida não está em jogo. Como não está? Pois, se você falhar ali, se você fracassar terrivelmente e com uma frequência suficiente, estará destruído com tanta certeza quanto se o telhado em chamas houvesse desmoronado sobre sua cabeça. A sobrevivência dependia do seu talento, coragem e perfeição, porque simplesmente não havia nenhum outro meio de sobreviver.

Cada minuto na sala de cirurgia era uma prova mortal.

É, a mesma coragem, o mesmo amor pelo estresse e pelo perigo por um bom motivo que ela via nos homens simples que gostava de beijar, de acariciar e amamentar; os homens que gostava de ter sobre seu corpo; os homens que não sentiam necessidade de que ela falasse.

Mas de que valia essa compreensão quando já havia meses - talvez meio ano - que ela não convidava ninguém para sua cama. De vez em quando ela se perguntava o que o Sweet Christine estaria achando disso. Estaria o barco murmurando na escuridão, "Rowan, onde estão os seus homens?" Chase, o policial palomino, de pele azeitonada e cabelo louro, do Marin, ainda deixava recados para ela na secretária eletrônica. Mas ela não tinha tempo para ligar de volta. E ele era tão simpático e também lia livros. Uma vez chegaram a ter uma conversa de verdade, quando ela fez algum comentário despreocupado sobre o setor de emergência do hospital e a mulher que fora alvejada pelo marido. Ele imediatamente se agarrou a esse gancho com sua própria coleção de tiros e facadas, e logo os dois estavam desfiando todas as suas histórias. Quem sabe não fosse por isso que ela não havia ligado de volta?

Era uma possibilidade.

A julgar pelas aparências, porém, a neurocirurgiã havia temporariamente dominado a mulher por inteiro. A tal ponto que ela nem sabia bem por que motivo estava pensando naqueles homens agora. A não ser que fosse por não estar realmente tão cansada assim, ou porque o último homem por quem ela havia sentido desejo tivesse sido Michael Curry, o maravilhoso afogado, lindo mesmo deitado ali, pálido e molhado, com os cabelos negros grudados à cabeça, no convés da embarcação.

Ele era, no jargão de quando ela estava na escola, lindo de morrer, um pedaço de homem - simplesmente um cara adorável e, além do mais, o seu tipo de cara adorável. O corpo dele não era desses corpos criados em academias de ginástica na Califórnia, com músculos excessivamente desenvolvidos e bronzeados falsos, encimados por uma cabeleira oxigenada; mas, sim, um vigoroso espécime

proletário, tornado ainda mais irresistível pelos olhos azuis e pelas sardas no rosto que, em retrospectiva, faziam com que ela tivesse vontade de beijá-las.

Que ironia pescar no mar, num estado de desamparo trágico, um exemplo tão perfeito do único tipo de homem que ela jamais desejara. Ela parou. Havia chegado às portas da Unidade de Tratamento Intensivo.

Entrando em silêncio, ela ficou parada ali um instante, observando esse estranho mundo de aquários congelados, de pacientes graves adormecidos, à mostra debaixo do plástico da tenda de oxigênio, com seus torsos e membros frágeis ligados a monitores que emitiam sinais eletrônicos, em meio a inúmeros cabos e mostradores.

Na cabeça de Rowan, acionou-se de repente um interruptor. Não existia nada fora desta enfermaria, da mesma forma que nada existia fora da sala de cirurgia.

Ela se aproximou da escrivaninha, com a mão estendida para tocar muito de leve o ombro da enfermeira sentada que estudava, encurvada, uma quantidade de papéis sob a lâmpada fluorescente baixa.

- Boa noite, Laurel - disse Rowan, baixinho.

A mulher espantou-se. Depois, ao reconhecer Rowan, seu rosto se iluminou.

- Dra Mayfair, ainda por aqui?

- Só para mais uma olhadinha.

O estilo de Rowan tratar as enfermeiras era muito mais delicado do que seu jeito com os médicos. Desde o início do seu estágio de interna, ela sempre procurou agradar às

enfermeiras, esforçando-se ao máximo para amenizar seu proverbial ressentimento contra as médicas, bem como para extrair delas o maior entusiasmo possível. No caso de Rowan, essa era uma ciência, calculada e refinada a ponto de parecer desumana, e no entanto com a mesma sinceridade profunda de qualquer incisão feita nos tecidos do cérebro de um paciente.

Quando entrou no primeiro quarto e parou ao lado da cama metálica alta e reluzente - parecia, sim, uma monstruosa prateleira sobre rodas - ela ouviu a enfermeira vindo atrás, como que para servi-la. A enfermeira começou a erguer a planilha do seu lugar aos pés da cama. Rowan abanou a cabeça: não. Descorada, sem vida aparente, jazia ali a última vítima de acidente automobilístico do dia, com a cabeça enorme num turbante de ataduras brancas e um fino tubo transparente enfiado no nariz. Os equipamentos demonstravam a única vitalidade com seus monótonos apitos e suas linhas

dentadas em néon. A glicose escorria pela agulha minúscula fincada no seu pulso imobilizado.

Como um corpo que volta á vida na mesa do embalsamados, a mulher, por baixo das camadas de roupa de cama alvejada, abriu lentamente os olhos.

- Dra Mayfair - sussurrou.

Uma adorável onda de alívio passou por Rowan. Mais uma vez, ela e a enfermeira se olharam. Rowan sorriu.

- Sou eu, Sra Trent - disse, em voz baixa. - Está se saindo bem. - Com delicadeza, envolveu a mão direita da mulher com seus dedos. É, muito bem mesmo.

Os olhos da mulher foram se fechando lentamente como flores que se fecham. Nenhuma alteração na suave música das máquinas ao seu redor. Rowan retirou-se em silêncio como havia chegado.

Pelas janelas do segundo quarto, ela examinou outra criatura aparentemente inconsciente, a de um menino moreno, magrelo, que de repente havia ficado cego e saído cambaleante da plataforma para cruzar o caminho de um trem de subúrbio.

Ela havia trabalhado quatro horas nesse caso, suturando com a agulha diminuta o local da hemorragia que havia provocado sua cegueira para depois tratar dos danos no crânio. No setor de recuperação, ele já dizia piadas ao círculo de médicos à sua volta.

Agora, com os olhos apertados, o corpo imóvel, Rowan estudava seus levíssimos movimentos de adormecido, como seu joelho direito se mexia por baixo da coberta, como sua mão se curvou com a palma para cima quando ele virou a cabeça de lado. Sua língua passou rápida pelos lábios secos, e ele resmungou alguma coisa como um homem falando com alguém em sonho.

- Ele está indo bem, doutora - disse a enfermeira em voz baixa, junto a ela. Rowan concordou com um gesto da cabeça. Sabia, porém, que dentro de semanas, ele sofreria convulsões . Usariam Dilantin para controlar, mas ele seria epilético pelo resto da vida. Sem dúvida melhor do que morrer ou do que ficar cego. Ela esperaria e observaria antes de prever ou explicar. Afinal, havia sempre a possibilidade de estar errada.

- E a Sra Kelly? - perguntou Rowan. Ela se voltou para encarar a enfermeira de frente, forçando-se a ver a mulher

com clareza e abrangência. Essa era uma enfermeira eficiente e solidária, uma mulher de quem gostava bastante.

- A Sra Kelly acha engraçado ainda ter duas balas na cabeça. Ela me disse que se sente como uma espingarda carregada. Não deixa a filha ir embora. Quer saber o que aconteceu com o pivete que lhe deu um tiro. Quer mais um travesseiro. Quer uma televisão e um telefone. Rowan deu a obrigatória risadinha de admiração. Mal se ouviu seu ruído no silêncio repleto de zumbidos.

- Bem, talvez amanhã.

De onde estava, podia ver a animada Sra Kelly pelo último par de janelas no final da enfermaria. Incapaz de erguer a cabeça do travesseiro, a Sra Kelly gesticulava sem esforço com a mão direita enquanto conversava com sua filha adulta, uma mulher magra e obviamente exausta, com pálpebras cansadas que, mesmo assim, não parava de concordar repetidamente com movimentos de cabeça, prestando atenção a cada palavra da mãe.

- Ela é boa para a mãe - cochichou Rowan. - Deixe-a ficar quanto tempo quiser.

A enfermeira concordou.

- Estou de folga até segunda-feira, Laurel - disse Rowan. - Não sei se estou gostando desse novo horário.

- A senhora merece o descanso, Dra Mayfair - disse a enfermeira, com um risinho contido.

- Será? - perguntou Rowan, baixinho. - O Dr Simmons pode me telefonar se houver algum problema. Fique à vontade para lhe pedir que me chame, Laurel. Está entendendo?

Rowan saiu pelas portas duplas, deixando que elas se fechassem suavemente. É, o dia havia sido bom. E realmente não havia mais nenhuma desculpa para continuar por aqui, a não ser fazer algumas anotações na agenda particular que mantinha no escritório e verificar se havia mensagens na secretária eletrônica. Talvez descansasse um pouco no sofá de couro. Era tão mais luxuoso, esse escritório do médico assistente, do que os aposentos entulhados e desmazelados do pessoal de plantão, onde havia cochilado anos a fio.

Ela sabia, porém, que tinha de ir para casa. Tinha de deixar que as sombras de Ellie e Graham se movimentassem à vontade. E o que dizer de Michael Curry? Ora, mais uma vez ela havia se esquecido dele, e agora já eram quase dez horas. Precisava ligar para o Dr Morris o mais rápido possível.

Agora não vá deixar seu coração palpitar por Curry, pensou ela, enquanto ia calmamente pelo corredor com piso de linóleo, preferindo mais uma vez a escadaria de concreto ao elevador e seguindo um trajeto irregular que terminaria por levá-la à porta do escritório, depois de atravessar o gigantesco hospital adormecido.

Ela estava, entretanto, ansiosa por ouvir o que Morris tinha a dizer, ansiosa por notícias do único homem da sua vida naquele momento, um homem que ela não conhecia e que não via desde aquele violento interlúdio de esforço desesperado e sucesso enlouquecido, accidental, no mar turbulento há quase quatro meses...

Naquela noite, ela estava quase entorpecida de tão exausta. Uma mudança de rotina durante seu último mês de residência resultara em trinta e seis horas de plantão, durante as quais ela conseguiu dormir talvez uma hora.

Nada de mais, até que vislumbrou um homem afogado no mar.

O Sweet Christine vinha devagar pelo oceano turbulento sob um céu pesado, de chumbo, com o vento rugindo forte contra as janelas da cabine de comando. Nenhum aviso a embarcações de pequeno porte fazia diferença para essa lancha - cruzeiro de aço, bimotor, de quarenta pés, de construção holandesa, com seu pesado casco de deslocamento movendo-se com regularidade, embora lentamente, sem qualquer elevação enquanto atravessava as ondas encapeladas.

Em sentido estrito, era uma embarcação grande demais para ser manobrada por uma única pessoa. Rowan, no entanto, já a pilotava sozinha desde os 16 anos de idade.

Atracar e desatracar um barco desses é realmente a parte complicada, quando se faz necessário mais um membro na tripulação. Rowan tinha seu próprio canal, largo e fundo, ao lado da sua casa em Tiburon, tinha seu próprio cais e seu próprio sistema lento e metódico. Uma vez que o Sweet Christine estivesse de ré e voltado para San Francisco, uma mulher no comando que conhecesse e compreendesse todos os complexos assobios e sinais eletrônicos da embarcação era na realidade o que bastava.

O Sweet Christine fora construído não para a velocidade, mas para a resistência. Naquele dia, estava equipado, como sempre estava, para uma viagem de volta ao mundo.

O céu carregado ainda sufocava a luz do dia naquela tarde de maio mesmo quando Rowan passou por baixo da Golden Gate. Quando a ponte estava fora do seu alcance visual, o longo crepúsculo já havia desaparecido por completo.

Caía a escuridão com uma monotonia pura e metálica. Era o oceano que se fundia com o céu. Fazia tanto frio que Rowan usava luvas e gorro de lã mesmo na cabine de comando, enquanto bebia uma xícara de café fumegante atrás da outra, o que nunca afetava sua exaustão imensa. Seus olhos estavam focalizados, como sempre, no mar instável.

Foi quando apareceu Michael Curry, um pontinho à distância. Será que aquilo podia ser um homem?

De bruços na água , com os braços abertos sem tensão, as mãos flutuando junto à

cabeça, e os cabelos pretos formando uma massa em contraste com a água de um cinza brilhante. O resto, só roupas ligeiramente infladas cobrindo um corpo flácido, sem forma. Uma capa de chuva com cinto; o calcanhar do sapato, marrom. Parecia morto.

Tudo o que ela conseguiu saber nesses primeiros instantes foi que não se tratava de um cadáver em decomposição. Por mais que as mãos estivessem pálidas, elas não estavam inchadas. Ele deve ter caído do convés de alguma embarcação de grande porte há apenas alguns instantes ou há algumas horas. Crucial foi ter que contatar outras embarcações imediatamente e passar suas coordenadas. Depois, tentar trazê-lo a bordo. Por infelicidade, os barcos da guarda costeira estavam a milhas da sua localização. As equipes de resgate com helicóptero estavam totalmente ocupadas. Não havia praticamente nenhuma embarcação menor por ali em virtude dos avisos de perigo. E a névoa estava engrossando. A ajuda chegaria assim que fosse possível, mas ninguém sabia dizer quando.

- Vou tentar tirá-lo de dentro d'água. Estou sozinha. Venham para cá o mais rápido possível.

Não havia necessidade de lhes dizer que era médica, nem de lhes lembrar o que eles já sabiam. Nessas águas gélidas, as vítimas de afogamento conseguiam sobreviver por períodos incrivelmente longos, porque a queda na temperatura torna mais lento o metabolismo. O cérebro adormece, exigindo apenas uma fração do normal de oxigênio e sangue. O importante era trazê-lo a bordo e tentar reanimá-lo.

Isso é que era difícil porque ela nunca havia feito algo parecido sozinha. Dispunha, porém, do equipamento necessário: os suspensórios presos á forte corda de náilon que passava por um guincho movido a gasolina no alto da cabine de comando. Em outras palavras, meios suficientes para içá-lo a bordo se ao menos conseguisse chegar a ele. E era aí que podia fracassar.

Ela imediatamente calçou as luvas de borracha e vestiu o colete salva vidas. Prendeu seu próprio suspensório e apanhou mais um para o homem. Verificou o cordame, incluindo o cabo ligado ao bote salva-vidas, constatando que estava firme. Depois, soltou o bote pelo lado do Sweet Christine e desceu pela escada até ele, ignorando o mar revolto, o balanço da escada e os borrifos de água gelada no rosto.

Ele vinha flutuando na sua direção enquanto ela remava até ele, mas a água quase afundava o bote. Por um segundo, ela pensou com clareza que aquilo era impossível. Recusava-se, entretanto, a desistir. Afinal, quase caindo do pequeno bote, ela estendeu a mão e conseguiu pegar a do homem, trazendo o corpo na sua direção com a cabeça à frente. Agora, como ia conseguir prender os suspensórios direito no tórax do homem?

Mais uma vez a água quase inundou o bote. Ela própria quase o virou. E então uma onda a ergueu e a jogou sobre o corpo do homem. Ela soltou a mão. Soltou o homem. Mas ele voltou à superfície como uma rolha. Ela agarrou seu braço esquerdo, dessa vez, e forçou o suspensório por cima da cabeça e do ombro esquerdo, conseguindo passar o braço esquerdo por ele.

Era, porém, crucial passar também o braço direito. Ele precisava estar bem preso se ela queria içá-lo, com aquele peso todo da roupa encharcada. E o tempo todo, seu sentido de diagnóstico funcionava enquanto ela mantinha os olhos no rosto meio submerso, enquanto tocava na pele fria da mão estendida. É, ele está aí dentro. Pode voltar. Leve-o para o convés.

Uma onda violenta após a outra impedia que ela fizesse qualquer coisa que não fosse segurá-lo. E então, afinal, ela conseguiu agarrar a manga direita, puxar o braço para a frente passando-o pelo suspensório e, imediatamente, prendê-lo com segurança.

O bote virou, lançando-a ao mar junto com ele. Ela engoliu água e voltou rápido à superfície, tendo perdido o fôlego com o frio enregelante que penetrava pela sua roupa: De quantos minutos dispunha a essa temperatura antes de perder a consciência? Mas ele estava amarrado ao barco agora tanto quanto ela. Se conseguisse voltar até a escada sem desfalecer, poderia içá-lo. Soltando o cabo ligado ao homem, ela foi puxando o próprio cabo para se aproximar do barco, recusando-se a acreditar que pudesse fracassar, com o grande costado de estibordo do Sweet Christine apenas um borrão branco que desaparecia e reaparecia à medida que as ondas caíam sobre ela.

Chocou-se, afinal, com o lado da embarcação. O choque fez com que de súbito voltasse a ficar alerta. Seus dedos nas luvas recusaram-se a se flexionar quando ela estendeu a mão para o primeiro degrau da escada externa. Mas ela lhes deu o comando. Fechem, seus idiotas, agarrem a corda. E ficou olhando o que não conseguia mais sentir, quando sua mão direita obedeceu ao comando. Sua mão esquerda tentou alcançar o lado da escada.

Mais uma vez ela estava dando ordens ao corpo entorpecido, e, meio descrente, descobriu-se subindo, degrau a degrau. Por um instante, não conseguiu se mexer, deitada no convés. O ar aquecido que saía pela porta aberta da cabine de comando formava uma nuvem de vapor como se fosse um bafo quente. Ela, então, começou a massagear os dedos até o tato voltar a eles. No entanto, não havia tempo para se aquecer. Não havia tempo para nada a não ser ficar em pé e ir até o guincho. Suas mãos agora estavam doendo, mas fizeram o que ela queria automaticamente quando ela deu partida ao motor. O guincho gemia e cantava enquanto enrolava a corda de náilon. De repente, ela viu o corpo do homem que surgia acima da balaustrada do convés, com a cabeça baixa, os braços muito abertos e caindo flácidos sobre o laço de náilon dos suspensórios, a água escorrendo das roupas pesadas, sem cor. Ele caiu para a frente, de cabeça, no convés.

O guincho apitava enquanto o arrastava ainda mais para perto da cabine de comando, colocando-o novamente em pé a menos de um metro da porta. Ela desligou o motor. O corpo caiu, encharcado, sem vida, longe demais do ar quente para poder se beneficiar dele.

E ela sabia que não conseguiria arrastá-lo para dentro. Além disso, não havia mais tempo a perder com as cordas ou com

o guincho.

Com um esforço enorme, ela virou o homem de bruços e expulsou mais de um litro de água do mar dos seus pulmões. Depois, ela o ergueu, enfiando-se debaixo do corpo para fazer com que voltasse à posição de costas.

Arrancou as luvas porque a estavam atrapalhando. Pôs, então, a mão esquerda por baixo do seu pescoço, fechou-lhe o nariz com os dedos da mão direita e começou a soprar para dentro da sua boca. A mente de Rowan funcionava acompanhando o corpo, imaginando o ar quente que estava penetrando nele. Mesmo assim, parecia que respirava uma eternidade sem qualquer alteração na massa inerte por baixo dela.

Resolveu passar para o tórax, pressionando com a maior força possível o esterno

e soltando a pressão. Repetiu o movimento pelo equivalente a quinze pulsações.

- Vamos, respire - disse, como se o estivesse xingando. - Que inferno, respire! - Voltou, então, ao boca-a-boca. Impossível saber quanto tempo se passou. Ela estava tão esquecida do tempo quanto quando se encontrava na sala de cirurgia. Simplesmente continuava, alternando entre a massagem do tórax e o enchimento dos pulmões, parando de vez em quando para tocar na carótida sem vida e perceber que a mensagem de diagnóstico era a mesma - Vivo - antes de prosseguir.

O corpo batia no convés á mercê dos seus esforços, com a pele branca como cera e reluzente por estar molhada, e o calcanhar dos sapatos marrons de couro rolando sobre as tábuas.

Uma vez ela tentou arrastá-lo para dentro da cabine de comando, mas foi em vão. E, com a vaga percepção de que não se via nenhuma luz atravessando a névoa, nem se ouvia nenhum ronco de helicóptero, ela prosseguia, só parando de repente para dar tapas no rosto do homem e gritar com ele, dizendo-lhe que sabia que ele estava ali e que ela esperava que ele voltasse a si.

- Você sabe que está me ouvindo! - gritou enquanto fazia pressão contra o esterno. Ela imaginou o coração e os pulmões com todos os seus maravilhosos detalhes anatômicos. E então, quando ela ia erguer o pescoço mais uma vez, os olhos do homem se abriram, e seu rosto de repente ganhou vida. Seu tórax arquejou sob o peso dela. Ela sentiu o ar que ele expulsava, quente na sua pele.

- Isso mesmo, respire! - gritou ela mais alto que o vento. E por que estaria tão assombrada por ele estar vivo, por estar com os olhos fixos nos dela, se não lhe havia ocorrido desistir?

A mão direita do homem subiu de repente e agarrou a dela. Ele lhe disse alguma coisa, em voz muito baixa, incoerente, mas que mesmo assim lhe pareceu ser um nome próprio.

Mais uma vez, ela lhe deu um tapa no rosto, mas com delicadeza. A respiração vinha irregular, porém rápida; o rosto estava contorcido de dor. Como eram azuis os olhos e como demonstravam nitidamente estar vivos. Era como se ela nunca tivesse visto olhos antes num ser humano, como se nunca tivesse visto esses glóbulos gelatinosos, brilhantes e ferozes que olhavam para ela a partir de um rosto humano.

- Não pare, respire! Está me ouvindo? Vou apanhar cobertores lá embaixo. Ele agarrou sua mão novamente e

começou a tremer com violência. Quando tentava se livrar dele, ela percebeu que ele olhava por trás dela, direto para o alto. Ele ergueu a mão esquerda. Estava apontando para alguma coisa. Uma luz afinal iluminou o convés. E meu Deus, a névoa estava vindo envolvê-los, densa como fumaça. O helicóptero chegava bem na hora.

O vento ardia nos seus olhos. Ela mal enxergava as hélices girando. Ela relaxou, quase perdendo a consciência, mas sentindo a mão agarrada à sua. Ele estava tentando lhe dizer algo. Ela afagou sua mão.

- Está tudo bem, tudo bem agora. Vão levá-lo para o hospital.

E em seguida ela estava dando ordens bruscas aos homens da guarda costeira à medida que desciam pela escada: não o aqueçam rápido demais e, pelo amor de Deus, não lhe dêem nada quente para beber. É um caso grave de hipotermia. Peçam pelo rádio que uma ambulância esteja à espera no cais.

Ela temeu por ele quando o içaram. Na realidade, porém, sabia o que os médicos iam dizer: nenhum dano neurológico.

A meia-noite, ela já havia desistido de dormir, mas estava novamente aquecida e bem acomodada. O Sweet Christine balançava como um enorme berço no mar escuro, com suas luzes varrendo a névoa, seu radar ligado, seu piloto automático mantendo o mesmo grande trajeto circular. Aconchegada no canto do beliche da cabine de comando, já com roupas secas, Rowan bebia seu café fumegante.

Ela se fazia perguntas sobre o homem, sobre a expressão nos seus olhos. Michael Curry era o seu nome, ou foi isso o que lhe disse a guarda costeira quando ela ligou. Ele já

estava na água há pelo menos uma hora quando ela o descobriu, mas tudo havia acabado do jeito que ela havia imaginado.

"Nenhuma complicação neurológica." A imprensa estava considerando o caso um milagre. Infelizmente, ele ficou desnorteado e violento na ambulância (talvez pela presença de todos aqueles repórteres no cais). Deram-lhe sedativos (que idiotas!) e isso havia anuviado um pouco as coisas (é claro!), mas agora ele estava bem.

- Não divulguem meu nome para ninguém - disse ela. - Quero proteger minha privacidade.

Entendido. Os repórteres estavam forçando muito. E, bem, para dizer a verdade, seu pedido de ajuda havia chegado na pior hora possível e não estava corretamente registrado. Não tinham nem o seu nome nem o nome da embarcação. Será que ela lhes poderia passar essa informação agora...

- Cambio e desligo, muito obrigada - disse ela, encerrando a ligação.

O Sweet Christine seguia sozinho. Ela visualizou Michael Curry deitado no convés, o jeito que sua testa se enrugou quando ele despertou, o jeito que seus olhos refletiram a luz da cabine de comando. Que palavra era aquela que ele havia pronunciado, parecia um nome. Mas ela não conseguia se lembrar, se é que chegara a ouvi-la com nitidez.

Parecia quase certo que ele teria morrido se ela não o tivesse avistado. Não lhe agradou essa idéia dele boiando na escuridão e na névoa, da vida a escapar do seu corpo a cada instante. Por um triz. E que beleza de homem. Mesmo afogado, ele era algo a se admirar.

O mistério de sempre, a combinação de traços que torna um homem bonito. Seu rosto era sem sombra de dúvida irlandês: quadrado, com o nariz curto e bastante redondo que pode determinar a feiúra de um indivíduo em muitos casos. Ninguém, no entanto, poderia tê-lo considerado feio. Não com aqueles olhos e aquela boca. De maneira alguma.

Não era correto, porém, pensar nele naqueles termos, era? Ela não era médica quando saía á caça: era Rowan, em busca do parceiro anônimo e do sono depois, quando a porta se fechasse. Era a médica Rowan que se preocupava com ele.

E quem conhecia mais a fundo do que ela tudo o que poderia ter ocorrido de errado com a química do cérebro durante aquela hora crucial? Ela ligou para o San Francisco General cedo na manhã do dia seguinte, quando voltou com o barco. O Dr Morris, o chefe dos residentes, ainda estava no plantão.

- Compreendo perfeitamente - disse ela, com um breve esclarecimento da sua própria posição no hospital universitário. Ela descreveu o procedimento de ressuscitação, as instruções que havia transmitido aos paramédicos sobre a hipotermia. Curry não havia dito nada. Só balbuciou algo; ela não captou nenhuma sílaba com nitidez. Tinha, porém, a forte impressão de que ele se recuperaria.

- Ele está bem. Teve muita sorte - respondeu o Dr Morris. E é claro que essa era uma ligação entre médicos, totalmente confidencial. Tudo o que aqueles abutres no saguão precisavam era saber que uma neurocirurgiã solitária havia içado o afogado. Era natural que, em termos psicológicos, ele estivesse meio abalado, falando sem parar sobre umas

visões que teve do outro lado; e alguma coisa está acontecendo com as suas mãos, algo extraordinário...

- Com as mãos?

- Não é paralisia, nem nada semelhante. Olhe, meu bipe está chamando.

- Deu para ouvir. Olhe, estou nos meus últimos trinta dias no University. Se precisar de mim, pode me chamar que irei.

Ela desligou. O que ele podia estar querendo dizer sobre as mãos? Ela se lembrava da força com que Michael Curry a agarrara, sem querer soltar, com os olhos fixos nos dela.

- Não cometi nenhum erro - disse ela, baixinho. - O cara não tem nenhum problema com as mãos.

Ela compreendeu a história das mãos na tarde do dia seguinte quando abriu o Examiner.

Ele explicava ter passado por uma "experiência mística". De algum ponto muito alto, ele vira seu próprio corpo boiando no Pacífico. Muitas coisas aconteceram, mas agora ele não conseguia se lembrar de nada; e isso o estava enlouquecendo, essa falha na memória.

Quanto aos rumores que corriam acerca das suas mãos, bem, é... era verdade. Ele agora usava luvas pretas o tempo todo porque via imagens sempre que tocava qualquer objeto. Ele não podia segurar uma colher ou tocar num sabonete sem ver alguma imagem relacionada ao último ser humano que havia manuseado o objeto.

Para a repórter, ele tocou no crucifixo do seu terço e lhe disse que ele havia sido comprado em Lourdes em 1939 e que era herança da sua mãe. Isso era absolutamente

correto, alegava o jornal, mas agora havia inúmeros integrantes da equipe do San Francisco General que podiam confirmar os novos poderes de Curry.

Ele gostaria de sair do hospital, gostaria mesmo. E preferia que essa história das suas mãos passasse, para que ele pudesse se lembrar do que lhe acontecera no mar.

Ela examinou a fotografia: uma grande e nítida imagem em preto e branco dele sentado na cama. O charme do proletariado era inconfundível. E o sorriso, simplesmente maravilhoso. Até usava uma pequena corrente de ouro com um crucifixo, do tipo que realçava seus ombros musculosos. Muitos policiais e bombeiros usavam correntes desse tipo. Ela as adorava. Mesmo quando a pequena cruz ou medalha de ouro, ou fosse lá o que fosse, caía sobre seu rosto na cama, roçando nela como um beijo nas pálpebras.

Já as mãos com luvas pretas pareciam sinistras na foto, pousadas no lençol branco. Seria possível o que o artigo dizia? Ela não duvidou nem por um instante. Havia visto coisas mais estranhas do que essa, é mesmo, muito mais estranhas. Não vá procurar esse cara. Ele não precisa de você, e você não precisa fazer nenhuma pergunta sobre as mãos.

Ela recortou o artigo, dobrou-o e o enfiou no bolso. Ele ainda estava lá na manhã do dia seguinte quando ela entrou cambaleante na sala dos médicos depois de uma noite inteira no centro de traumatologia e abriu o Chronicle.

Curry estava na página três, uma boa foto do rosto, com a expressão um pouco mais sombria do que antes, talvez um pouco menos confiante. Dezenas de pessoas já haviam comprovado seu estranho poder psicométrico. Ele desejava

que as pessoas compreendessem que aquilo era como uma brincadeira de salão. Ele não tinha como ajudá-las.

Tudo o que o preocupava agora era a aventura esquecida, ou seja, a região visitada enquanto estava morto.

- Havia um motivo para minha volta - disse ele. - Sei que havia. A escolha era minha, e eu resolvi voltar. Havia algo muito importante que eu precisava fazer. Eu sabia o que era. Eu sabia o objetivo. Tinha alguma coisa a ver com um portal e com um número. Mas não consigo me lembrar do número ou do que o número significava. A verdade é que não consigo me lembrar de nada. É como se a experiência mais significativa de toda a minha vida tivesse sido apagada. E eu não sei de nenhum meio para recuperá-la.

Estão fazendo com que ele pareça maluco, pensou Rowan. E provavelmente aquele fosse mais um caso de experiência após a morte. Hoje em dia sabemos que as pessoas passam por isso a toda hora. O que há de errado com as pessoas que o cercam?

Quanto às mãos, estava um pouco fascinada demais por esse aspecto, ou não? Ela leu com atenção os relatos de várias testemunhas. Desejou ter cinco minutos para dar uma olhada nos exames aos quais ele havia sido submetido. Lembrou-se novamente dele deitado no convés, da firmeza com que a agarrava, da expressão no seu rosto.

Será que ele havia sentido alguma coisa naquele instante através da mão? E o que sentiria agora, se ela fosse até lá e lhe dissesse o que se lembrava do acidente, se sentasse na cama ao seu lado e lhe pedisse que fizesse seu truque de salão com ela, ou seja, que trocasse a parca informação que ela possuía pelo que todo mundo queria dele? Não. Seria repulsivo que ela fizesse uma exigência dessas. Seria

repugnante que ela, uma médica, pensasse não no que ele poderia estar precisando mas no que ela mesma desejava. Era pior do que se perguntar como seria ir para a cama com ele, beber café com ele à mesa da pequena cabine às três da manhã.

Ela ligaria para o Dr Morris quando tivesse tempo. Para saber do seu estado, embora ela não soubesse dizer quando isso ocorreria. Ela agora era a própria morta viva, de tanto tempo sem dormir, e sua presença era necessária imediatamente no setor de recuperação. Talvez ela devesse deixar Michael Curry em paz. Talvez isso fosse o melhor para os dois.

No final da semana, o Chronicle de San Francisco publicou uma longa reportagem

na primeira página.

O QUE ACONTECEU COM MICHAEL CURRY?

Aos quarenta e oito anos, ele era construtor por profissão, um especialista na restauração de antigas casas vitorianas, proprietário de uma firma chamada Grandes Esperanças. Parecia ser famoso em San Francisco por transformar ruínas em mansões, um fanático pela autenticidade até os detalhes das cavilhas de madeira e dos pregos quadrados. Possuía uma pequena loja no Castro, repleta de antigas banheiras de pé e pias com pedestal. Eram célebres seus desenhos detalhados para restaurações. Na realidade, havia sido publicado um livro desses desenhos, intitulado Casas Vitorianas - por dentro e por fora. Eram suas as obras premiadas da pensão Barbary Coast Bed and Breakfast em Clay Street e do Jack London Hotel em Buena Vista West. No momento, porém, não estava fazendo nada. A empreiteira estava temporariamente fechada. Seu proprietário estava

por demais ocupado tentando se lembrar do que lhe havia sido revelado durante aquela hora importantíssima que passou "morto na água".

- Não foi sonho - disse ele. - Sei que conversei com pessoas. Elas explicaram o que queriam que eu fizesse, e eu aceitei. Eu pedi para voltar. Quanto à sua nova capacidade psíquica, ele insistia que ela não tinha nada a ver com a história. Parecia não ser nada mais do que um efeito colateral.

- Olhe, tudo o que vejo é um relance: um rosto, um nome. É totalmente

imprevisível.

Naquela noite, na sala dos médicos, ela o viu no noticiário da televisão: a imagem vívida do homem em três dimensões. Mais uma vez aqueles olhos azuis inesquecíveis e o sorriso saudável. Algo de inocente nele, na verdade, gestos simples e diretos indicando ser ele uma pessoa que há muito renunciou à desonestidade ou deixou de tentar superar com astúcia os embaraços do mundo da forma que fosse.

- Preciso voltar para casa - dizia ele. O sotaque seria de Nova York? Não para minha casa aqui. Estou falando do lugar onde nasci. Voltar para Nova Orleans. - (Ali! Então era esse o sotaque!) - Eu poderia jurar que está ligado ao que me aconteceu. Não paro de ter visões da minha cidade. - Mais uma vez, ele encolheu um pouco os ombros. Parecia ser um cara muito simpático. No entanto, nada havia voltado à sua memória com relação às visões que tivera em sua experiência após a morte. O hospital não queria lhe dar alta, mas tinham de admitir que ele estava bem em termos físicos.

- Fale-nos do seu poder, Michael.

- Não quero falar sobre isso. - Uma encolhida de ombros. Olhou para as mãos com luvas pretas. - Quero conversar com as pessoas que me salvaram, a equipe da guarda costeira que me trouxe para o hospital, o comandante da lancha que me tirou do mar. Gostaria que essas pessoas entrassem em contato comigo. Vocês sabem que é por isso que concordei com a entrevista.

A câmera cortou para um par de repórteres de estúdio. Brincadeiras sobre "o poder". Os dois haviam visto com seus próprios olhos. Por um instante, Rowan não se mexeu, nem mesmo pensou. Nova Orleans... e ele estava pedindo que ela entrasse em contato com ele. Nova Orleans... Bem, isso definia a questão. Rowan tinha uma obrigação. Ela ouvira o apelo dos próprios lábios de Curry. E ela precisava esclarecer essa história de Nova Orleans. Precisava conversar com ele... ou escrever uma carta. Assim que chegou em casa naquela noite, foi até a antiga escrivaninha de Graham, apanhou algum papel e escreveu uma carta a Curry.

Contou-lhe detalhadamente tudo o que havia observado com relação ao acidente desde o momento em que o divisou no mar até quando foi içado já na maca. Em seguida, depois de um instante de hesitação, ela acrescentou seu endereço e número do telefone, com um pequeno pós-escrito.

"Sr. Curry, eu também sou de Nova Orleans, apesar de nunca ter morado lá. Fui adotada no dia em que nasci e levada embora imediatamente. Talvez não passe de coincidência o fato de nós dois sermos do sul, mas achei que deveria saber. No barco, o senhor segurou minha mão com muita força por algum tempo. Não gostaria que sua situação fosse afetada por alguma vaga mensagem

telepática recebida naquele instante, algo que pode não ter nada a ver com seu caso.

"Se precisar falar comigo, pode me procurar no University Hospital ou no meu telefone particular."

Era um texto suficientemente brando, neutro, com certeza. Ela havia apenas demonstrado acreditar no seu poder, colocando-se à disposição se ele precisasse dela. Nada mais do que isso, nenhuma exigência. E ela se certificaria de continuar responsável, não importa o que se revelasse.

No entanto, ela não conseguia tirar da cabeça a idéia de poder pôr a mão na dele e só fazer uma pergunta: "Vou pensar numa coisa, numa coisa específica que aconteceu uma vez, não três vezes na minha vida; e tudo o que quero é que você me diga o que está vendo. Você faria isso? Não posso dizer que me deve esse favor porque lhe salvei a vida..."

É isso mesmo, não pode dizer isso. Portanto, não diga!

Ela mandou a carta direto para o Dr Morris, pela Federal Express. O Dr Morris ligou para ela no dia seguinte. Curry havia saído do hospital na tarde do dia anterior, logo após uma entrevista coletiva à televisão.

- Ele está totalmente maluco, Dra Mayfair, mas não tínhamos nenhum motivo legal para retê-lo. Por sinal, eu lhe transmiti o que você me disse, que ele não falou nada. Mas ele está obcecado demais para desistir dessa história toda. Está decidido a se lembrar do que viu lá, sabia? A grande razão de tudo isso, o segredo do universo, o objetivo, o portal, o número, a jóia. Nunca se ouviu nada parecido. Vou encaminhar a carta para a casa dele, mas é provável que não lhe chegue às mãos. A correspondência chega aos montes.

- E essa história das mãos, é real?

Silêncio.

- Quer saber a verdade? É cem por cento correta, pelo menos ao que eu tenha visto. Se algum dia chegar a presenciar o que acontece, vai ficar apavorada.

A história foi a sensação dos tablóides vendidos em supermercados na semana seguinte. Duas semanas depois, saíram variações em People e Time. Rowan recortava os artigos e as fotos. Era óbvio que os fotógrafos estavam seguindo Curry por onde quer que ele fosse. Flagraram-no diante da sua empresa em Castro Street. Flagraram-no na escada de casa.

Crescia em Rowan um feroz sentimento de proteção por ele. Realmente deviam deixar esse homem em paz. E você também, Rowan, devia deixá-lo em paz.

Ele próprio não concedia mais entrevistas. Isso ficou claro já na primeira semana de junho. Os tablóides anunciavam entrevistas exclusivas com testemunhas do seu poder: "Ele tocou a bolsa e me disse tudo sobre minha irmã, sobre o que ela havia dito ao me dar a bolsa. Eu estava toda arrepiada e então ele disse, 'Sua irmã morreu'."

Finalmente, o canal local da CBS disse que Curry estava enfurnado em casa em Liberty Street, incomunicável. Os amigos se preocupavam.

- Ele está decepcionado, zangado - disse um dos seus antigos colegas de faculdade. - Acho que simplesmente se afastou do mundo. A empreiteira estava fechada indefinidamente. Os médicos do San Francisco General não haviam visto o paciente. Eles, também, estavam preocupados.

Em julho, o Examiner informou que Curry estava "desaparecido". Ele havia "sumido".

Uma repórter do noticiário noturno da televisão estava parada na escada de uma enorme casa vitoriana, apontando para uma pilha de correspondência fechada que transbordava da lata de lixo junto ao portão lateral.

- Estará Curry confinado em sua majestosa casa vitoriana de Liberty Street que ele próprio restaurou com tanto carinho muitos anos atrás? Será que um homem está sentado ou deitado sozinho lá em cima no sótão iluminado?

Com repugnância, Rowan desligou a tevê. Aquilo fazia com que ela se sentisse como um voyeur. Era simplesmente horrível levar a equipe de filmagem até a porta da própria casa da pessoa.

O que não lhe saía da cabeça, porém, era aquela lata de lixo cheia de cartas não abertas. Teria sua mensagem ido parar inevitavelmente naquela pilha? A idéia do homem trancado na casa, com medo do mundo, necessitando de ajuda, era um pouco mais do que ela podia suportar.

Os cirurgiões são homens e mulheres de ação; pessoas que acreditam poder fazer alguma coisa. É por isso que têm a coragem de abrir o corpo dos outros. Ela queria fazer alguma coisa: ir até lá, esmurrar a porta. Mas quanta gente não havia feito isso?

Não, ele não estava precisando de mais uma visita; muito menos de uma com seus próprios planos secretos. Todas as noites, quando chegava em casa do hospital e levava seu barco para o mar aberto sozinha, Rowan pensava invariavelmente nele. Quase fazia calor nas águas abrigadas do litoral de Tiburon. Ela demorava o que podia antes de penetrar nos ventos mais frios da baía de San

Francisco. Em seguida, alcançava a violenta corrente do oceano. Era erótica, essa grande mudança, quando ela voltava o barco para o oeste, jogando para trás a cabeça para olhar para cima e ver os majestosos pórticos da ponte de Golden Gate. A grande e pesada lancha cruzeiro avançava num movimento lento porém uniforme, empurrando para longe o horizonte pouco nítido.

Era tão indiferente o Pacífico, enorme, sombrio, encapelado. Impossível acreditar em qualquer outra coisa a não ser em si mesmo quando se olhava a superfície infinitamente marchetada, que arfava e se movia sob um pôr-do-sol sem cor, no qual o mar tocava o céu numa névoa ofuscante.

E ele acreditava que havia sido mandado de volta por algum motivo, não é? Esse homem que restaurava lindas residências, que desenhava ilustrações que eram publicadas em livros, um homem que deveria ser sofisticado demais para acreditar nesse tipo de coisa.

Por outro lado, ele havia morrido mesmo, não? Ele havia passado por aquela experiência sobre a qual tantos escreveram, a de ser erguido, sem peso e de olhar para baixo com um sublime distanciamento do universo ali em baixo.

Nada de semelhante jamais havia ocorrido com ela. Havia, porém, outras coisas, tão estranhas quanto essa. E embora o mundo inteiro soubesse da aventura de Curry, ninguém sabia dos estranhos segredos que Rowan conhecia.

No entanto, chegar a pensar que houvesse um significado, uma intenção nas coisas, bem, isso estava totalmente fora do seu âmbito filosófico. Ela receava, como sempre havia receado, que tudo não passasse de solidão, trabalho árduo, e esforço para realizar algo de importante quando não havia

a menor possibilidade de que isso ocorresse. Era como mergulhar uma varinha no oceano e tentar com ela escrever alguma coisa: todas aquelas pessoinhas do mundo tecendo seus pequenos desenhos que não duravam mais do que alguns anos e que não significavam absolutamente nada. A cirurgia a seduzia porque ela fazia com que se levantassem, recuperadas, vivas, agradecidas. Com a cirurgia propiciava-se a vida, afastando a morte, e esse era o único valor incontestável ao qual ela podia se entregar por inteiro. Doutora, nunca pensamos que ela fosse voltar a andar.

Já um objetivo grandioso para viver, para renascer? O que poderia ser uma coisa dessas? Qual era o objetivo de uma mulher morrer de derrame na mesa de parto enquanto o recém-nascido chorava nos braços do médico? Qual era o objetivo de um homem, no caminho de volta da igreja para a casa, ser atingido por um motorista embriagado?

Só que, se era um objetivo a descoberta de que se podiam, apesar de todas as leis vigentes, manter vivas num laboratório secreto no meio de um gigantesco hospital particular essas pequenas vidas abortadas, retalhando-as à vontade, em benefício de um paciente portador do mal de Parkinson com mais de sessenta anos rodados, antes que ele começasse a morrer da doença que o transplante de tecido fetal poderia curar, ora, nesse caso ela preferia usar o bisturi no ferimento a bala encaminhado pelo setor de emergência a qualquer hora.

Ela nunca iria se esquecer daquela véspera de Natal fria e escura, bem como do Dr Lemle que a conduzia pelos andares desertos do Instituto Keplinger.

- Precisamos de você aqui, Rowan. Eu poderia facilitar a sua transferência do hospital universitário. Sei o que dizer a

Larkin. Quero você por aqui. E agora vou lhe mostrar algo a que você vai dar valor, e que Larkin jamais apreciaria, algo que você nunca verá naquele hospital, algo que você compreenderá.

Ah, mas ela não compreendeu. Ou melhor, entendeu bem demais os horrores envolvidos.

- No sentido estrito da palavra, ele não é viável - explicou, esse médico, Karl Lemle, cujo brilho tanto a havia seduzido, o brilho, a ambição e a visão, é, tudo isso. - E é claro que em termos técnicos nem sequer está vivo. Está morto, totalmente morto, por ter sido abortado, sabe, na clínica do andar inferior. Por isso, tecnicamente, trata-se de um ser não- humano, de uma não pessoa. E então, Rowan, quem vai dizer que temos de enfiá-lo num saco plástico de lixo se sabemos que ao manter esse pequeno corpo com vida, e ao manter outros tantos com vida, essas valiosas minas de tecido incomparável, tão flexível, tão adaptável, tão diferente de qualquer outro tecido humano, apinhado de inúmeras células estranhas que acabariam sendo descartadas no processo normal da vida fetal, se sabemos que podemos fazer descobertas no campo dos transplantes neurológicos que fariam o Frankenstein de Shelley parecer uma história para fazer criança dormir?

Direto ao ponto, exatamente. E não havia muita dúvida de ele estar falando a verdade ao prever um futuro com transplantes de cérebros inteiros, em que o órgão do pensamento seria totalmente retirado, com segurança, de um corpo desgastado para um corpo jovem e saudável; um mundo em que cérebros absolutamente novos poderiam ser criados à medida que fosse acrescentado tecido aqui ou ali para suplementar a obra da natureza.

- Você entende, a característica principal do tecido fetal está no fato de não provocar rejeição no paciente. Claro que você sabe disso, mas já pensou no assunto, no que isso no fundo quer dizer? Um minúsculo implante de células fetais no olho de um adulto, e o olho aceita essas células; elas continuam a se desenvolver, adaptando-se ao novo tecido. Meu Deus, você não percebe que isso nos permite participar do processo da evolução? Ora, estamos apenas a um passo...

- Nós não, Karl, você está.

- Rowan, você é a profissional mais brilhante com quem já trabalhei em cirurgia. Se você...

- Isso eu não vou fazer! Não me disponho a matar. - E se não sair daqui, vou começar a gritar. Sou obrigada. Porque eu matei. E, isso era mesmo um objetivo, digamos que fosse a noção de objetivo elevada ao máximo.

É claro que ela não havia denunciado Lemle. Os médicos não costumam agir assim com outros médicos, em especial quando eles são residentes e seus oponentes são pesquisadores famosos e poderosos. Ela simplesmente se retraiu.

- Além do mais - dissera ele, tomando café mais tarde diante da lareira em Tiburon, com as luzes do Natal refletidas nas paredes envidraçadas ao seu redor - isso aí está acontecendo por toda parte, essa pesquisa com fetos vivos. Não haveria uma lei contra a prática se ela não existisse.

No fundo, nenhuma surpresa. Era por demais tentador. Na realidade, a força da tentação era exatamente igual à força da repulsa. Que cientista (e um neurologista é

decididamente um cientista) não havia tido sonhos dessa natureza?

Ao assistir a Frankenstein na sessão noturna na tele visão, ela sentiu vontade de ser o cientista louco. Como teria adorado seu próprio laboratório nas montanhas e, é verdade, ela queria ver o que aconteceria se tivesse a coragem de usar um cérebro humano vivo como espécime de laboratório, dissociado de toda moral, mas não, isso ela não faria.

Que horrendo presente de Natal, essa revelação! E, no entanto, ela redobrou sua dedicação à cirurgia de feridos. Ao ver aquele pequenino monstro, de respiração ofegante à luz artificial, ela própria renasceu, tendo sua vida se definido para conquistar um poder inestimável à medida que se tornou a realizadora de milagres do hospital universitário, aquela a quem chamavam quando o cérebro estava se derramando na maca, ou quando o paciente entrava desatinado da rua, com o machado ainda enfiado na cabeça. Talvez o cérebro ferido fosse para ela o microcosmo de toda a tragédia: a vida sendo mutilada de forma contínua e aleatória pela vida. Quando Rowan havia matado - e era o que havia feito - o ato fato era tão traumatizante quanto esses: o cérebro invadido, seus tecidos lacerados, do mesmo modo que ela encontrava com tanta frequência agora em vítimas sobre as quais nada sabia.

Não havia nada que ninguém teria podido fazer por aqueles que ela matara. Não era, entretanto, para debater o objetivo da vida que ela queria ver Michael Curry. Também não era para arrastá-lo para a cama. Ela queria dele o mesmo que todo mundo, e era por isso que não havia ido a São Francisco General para visitá-lo, para se certificar por si mesma da sua recuperação.

Ela queria saber algo sobre aquelas mortes que não fosse o que as autópsias lhe diziam. Ela queria saber o que ele via e sentia (quando e se um dia segurasse sua mão) enquanto ela pensava naquelas mortes. Ele havia pressentido algo na primeira vez em que tocou nela. Podia ser que isso também estivesse apagado da memória, na companhia de tudo que ele viu enquanto estava morto.

Ela compreendia tudo isso. Pelo menos, bem no fundo de sua mente, ela havia compreendido o tempo todo. E, à medida que os meses passavam, ela não perdia a repulsa pelo fato de querer usar Michael Curry para seus próprios objetivos.

Curry estava dentro daquela casa em Liberty Street. Ela sabia. Ele precisava de ajuda. E que diferença faria para Curry se ela dissesse, sou médica e acredito nas suas visões, bem como no poder das suas mãos, porque eu mesma sei que existe esse tipo de coisa, esses aspectos psíquicos que ninguém consegue explicar. Eu mesma tenho um poder semelhante as vezes totalmente incontrollável: o poder de matar a vontade.

Por que ele se importaria? Ele estava cercado de gente que acreditava no que ele conseguia fazer, não estava? Isso, porém, não estava ajudando. Ele havia morrido e voltado; e agora estava enlouquecendo. Mesmo assim, se ela lhe contasse sua história, e essa idéia era agora decididamente uma obsessão declarada, talvez ele fosse a única pessoa no mundo que acreditaria no que ela dissesse.

Talvez fosse uma loucura chegar a pensar em contar a história toda para quem quer que fosse. E houve épocas em que ela tentava se convencer de estar enganada. Mais cedo ou mais tarde, ela iria conversar com alguém, isso ela sabia.

Mais cedo ou mais tarde, se ela não comesse a falar, o silêncio dos seus trinta anos seria esfacelado por um grito ininterrupto que apagaria todas as palavras. Afinal, por maior que fosse a quantidade de cabeças que ela remendasse, jamais conseguiu esquecer aqueles três assassinatos. O rosto de Graham à medida que a vida escorria dele, a menina em convulsões no asfalto, o homem que se debruçou sobre o volante do jipe.

Assim que ela passou à condição de interna, conseguiu obter pelos canais oficiais os documentos das três autópsias. Acidente vascular cerebral, hemorragia subaracnóide, aneurisma congênito. Ela leu com atenção todos os detalhes. E o que estava descrito, em linguagem de leigo, era uma misteriosa fragilidade na parede de uma artéria, que por nenhum motivo perceptível acabou se rompendo e provocando uma morte repentina e totalmente imprevisível. Em outras palavras, não havia como prever que uma criança de seis anos de repente caísse em convulsões no pátio, uma criança de seis anos saudável o suficiente para estar dando chutes na pequena Rowan e puxando seu cabelo apenas alguns momentos antes. Também não havia nada que se pudesse fazer pela criança, enquanto o sangue jorrava pelo seu nariz e pelos ouvidos e os olhos se viravam para cima. Pelo contrário, todos tentaram proteger as outras crianças, encobrendo seus olhos enquanto as levavam para dentro da sala de aula.

- Pobre Rowan - disse a professora, mais tarde. - Querida, quero que você compreenda que foi alguma coisa na cabeça da menina que a matou. Uma doença. Não teve nada a ver com a briga de vocês.

Foi então que Rowan soube, com certeza absoluta, o que a professora jamais viria a saber. Foi ela mesma. Ela fez com que a outra morresse. Ora, isso poderia ser descartado sem

nenhum problema: o sentimento natural de culpa de uma criança por um acidente que não compreendia.

Rowan, no entanto, havia sentido alguma coisa quando aquilo aconteceu. Alguma coisa dentro de si mesma, uma imensa sensação difusa, não muito diferente do sexo quando ela pensou mais no assunto. Uma onda que a havia inundado e aparentemente saído dela no instante em que a criança caiu para trás.

Houve, também, o sentido do diagnóstico, já em atuação naquela época, que lhe disse que a criança morreria. Mesmo assim, ela se esqueceu do ocorrido. Graham e Ellie, no estilo de bons pais californianos, levaram-na a um psiquiatra. Ela brincou com suas pequenas bonecas. Disse o que ele queria que ela dissesse. E as pessoas morriam de "ataques" o tempo todo.

Passaram-se oito anos até que o homem desceu do jipe naquela estrada solitária nas colinas de Tiburon, tapou sua boca com a mão e começou a falar naquela voz horrível de insolência e intimidade.

- Agora, não me saia gritando.

Os pais adotivos nunca chegaram a associar o caso da menina ao do estuprador que morreu enquanto Rowan se defendia, quando o mesmo ódio furioso a galvanizou, transformando-se naquela sensação singular que deixou seu corpo rígido de repente quando o homem a soltou e caiu sobre o volante.

Ela, porém, fez a associação. Em silêncio e com total certeza, ela a fez. Não na hora, quando abriu à força a porta do jipe e saiu correndo pela estrada aos berros. Não, ela nem mesmo sabia que estava a salvo. Mais tarde, no entanto, quando estava deitada sozinha no escuro, depois

que a polícia rodoviária e os investigadores de homicídios haviam ido embora, ela soube com certeza.

Quase uma década e meia depois, aconteceu com Graham. E nessa época Ellie estava com um câncer avançado demais para pensar em qualquer coisa. E sem dúvida Rowan não ia levar uma cadeira até a cama para confessar, "Mãe, acho que o matei. Ele a estava enganando o tempo todo. Queria se divorciar. Não podia esperar os malditos dois meses que faltavam para você morrer".

Tudo revelava um modelo, da mesma forma que uma teia de aranha é um modelo, mas um modelo não implica necessariamente um objetivo. Os modelos existem por toda parte, e o objetivo é mais seguro quando é espontâneo e breve. Você não vai agir assim. Você não vai tirar a vida. Era cometer um heresia permitir-se a recordação do tapa na menina, até mesmo a da luta com o homem no jipe. E era simplesmente horrível a lembrança da discussão com Graham.

- O que é que você quer dizer com fazê-la assinar os papéis! Ela está morrendo! Você vai ter de agüentar ao meu lado.

Ele a agarrou, tentando dar-lhe um beijo.

- Rowan, adoro você, mas ela não é mais a mulher com quem eu me casei...

- Não? Não é a mulher que você enganou durante trinta anos?

- Ela é só uma coisa ali jogada. Quero me lembrar do jeito que ela era antes...

- Não me venha com essa!

Foi nesse instante que seus olhos ficaram parados e a expressão sumiu do seu rosto. As pessoas sempre morrem com um semblante tão pacífico. A um passo do estupro, o homem do jipe tinha um ar totalmente vazio. Antes da ambulância chegar, ela se ajoelhou ao lado de Graham e colocou o estetoscópio à sua cabeça. Havia aquele som, tão leve que alguns médicos não o conseguem ouvir. Ela, porém, o ouviu: o som de sangue fluindo para um único ponto.

Ninguém jamais a acusou de nada. Como poderiam? Ora, ela era médica e estava com ele quando aconteceu aquela "coisa terrível"; e Deus sabe que ela fez o que pôde.

É claro que todo mundo sabia que Graham era um ser humano de segunda classe: seus sócios no consultório de advocacia, suas secretárias, até mesmo sua última amante, aquela idiota da Karen Garfield, que chegou a vir à procura de uma lembrancinha dele. Todos sabiam. Todos, menos a mulher de Graham. Mesmo assim, não houve a menor suspeita. Como poderia haver?

Foi apenas uma morte natural quando ele estava a um passo de fugir com a fortuna acumulada a partir da herança da mulher, acompanhado por uma imbecil de vinte e oito anos que já havia vendido sua mobília e comprado as passagens aéreas até St. Croix. Só que não foi morte natural.

A essa altura, Rowan conhecia e compreendia o sentido do diagnóstico. Já o praticava e o fortalecia. Quando pôs a mão no ombro de Graham, o diagnóstico disse não ter sido morte natural. Isso por si só deveria ter sido suficiente. No entanto, talvez ela estivesse errada. Talvez se tratasse do enorme padrão enganoso que chamamos de coincidência. Nada mais do que isso.

Imaginemos, entretanto, que ela se encontrasse com Michael Curry.

Suponhamos que ele segurasse sua mão enquanto ela pensava nessas mortes, de olhos fechados. Ele veria apenas o que ela havia visto, ou alguma verdade objetiva lhe seria revelada? Você os matou. Valia a pena tentar.

O que ela percebia nessa noite, enquanto perambulava devagar e quase a esmo pelo hospital, enquanto mudava de direção atravessando amplas salas de espera atapetadas e seguia por longas enfermarias onde não era conhecida, e nunca o seria, era que havia sentido um desejo irresistível só de conversar com Michael Curry por muito tempo. Ela sentia ter um vínculo com ele.

Tanto pelo acidente no mar, quanto por esses segredos psíquicos. Ela queria, talvez por motivos que ela própria não entendia perfeitamente, dizer a ele, e somente a ele, o que havia feito.

Para ela, não era fácil encarar esse ponto fraco. A absolvição pelo assassinato só vinha quando estava operando. Ela estava no altar do Senhor quando as enfermeiras estendiam o guarda-pó esterilizado para ela, quando lhe apresentavam as luvas esterilizadas.

E a vida inteira ela havia sido uma pessoa solitária, uma boa ouvinte, mas invariavelmente mais fria do que os que a cercavam. Aquele sentido especial, aquele que lhe era tão útil como médica, sempre a fazia perceber com demasiada intensidade o que os outros realmente sentiam.

Ela estava com dez ou doze anos de idade quando percebeu que os outros não possuíam esse dom, às vezes nem mesmo um pequeno fragmento dele. Que sua querida Ellie, por exemplo, não fazia a menor idéia de que Graham não a

amava tanto quanto precisava dela, e precisava ainda depreciá-la, mentir para ela e contar com sua presença constante e inferiorizada.

De vez em quando, Rowan havia desejado esse tipo de ignorância: a de não saber quando os outros nos invejam ou não gostam de nós. Não saber que muitas pessoas mentem o tempo todo. Ela gostava dos tiras e dos bombeiros porque até certo ponto eles eram perfeitamente previsíveis. Ou talvez fosse apenas porque seu tipo específico de desonestidade não a incomodava tanto. Parecia até inócuo em comparação com a insegurança complexa, insidiosa e ilimitadamente perversa de homens mais instruídos.

É claro que a utilidade para o diagnóstico havia redimido por inteiro esse sentido psíquico em especial. No entanto, o que poderia algum dia redimir a capacidade de matar à vontade?

Tentar compensar era uma outra história. A que uso adequado uma capacidade telecinética como aquela poderia se aplicar?

E um poder desses não estava para além da possibilidade científica. Essa era a parte realmente apavorante. A semelhança do poder psicossimético de Michael Curry, esses dons poderiam estar relacionados à energia mensurável, a complexos atributos físicos que poderiam um dia ser tão definitivos quanto a eletricidade, as microondas ou os sons de alta frequência. Curry estava captando uma impressão dos objetos que tocava, era muito provável que todos os objetos existentes, todas as superfícies, todos os mínimos fragmentos de matéria, contivessem essas "impressões" armazenadas. Elas existiam num campo mensurável.

A parapsicologia, no entanto, não atraía Rowan. Ela ficava hipnotizada pelo que podia ser visto em tubos de ensaio, em Slides e gráficos. Ela não se interessava por testar e analisar seu próprio poder assassino. Ela só queria acreditar que nunca o havia usado, que talvez houvesse uma outra explicação para o acontecido, que talvez de algum modo ela fosse inocente.

E o trágico era que talvez ninguém pudesse jamais lhe dizer o que lhe realmente ocorrera com Graham, com o homem no Jipe e a menina no pátio. Tudo o que ela podia esperar era poder contar a alguém, poder tirar o peso das costas e exorcizar, como todo mundo fazia, através da fala. Falar, falar, falar.

Era exatamente isso o que Rowan queria. Ela sabia. Só uma vez antes esse desejo de confiar o segredo a alguém quase a dominara alguém quase a dominara. E a ocasião havia sido totalmente estranha. Na verdade, ela quase contou a história inteira a um desconhecido; e desde então as vezes ela desejava ter feito exatamente isso. Foi no final do ano anterior, mais de seis meses depois da morte de Ellie. Totalmente estranha. Na verdade, depois da morte de Ellie. Rowan estava passando pela pior solidão que jamais conhecera. Parecia-lhe que o grande modelo chamado de "nossa família" havia sido destruída da noite para o dia. Antes da doença de Ellie, sua vida era tão boa. Nem mesmo os casos de Graham atrapalhavam, porque Ellie fingia que esses casos não existiam. E embora Graham não fosse um homem que qualquer ser humano pudesse considerar uma boa pessoa, ele possuía uma energia pessoal inesgotável e contagiante que mantinha a vida da família sempre em movimento.

E como Rowan dependia dos dois.

Sua dedicação à medicina a afastara quase completamente das colegas de faculdade. Nenhuma delas havia optado por alguma especialização na área das ciências. Mas a família era tudo o que aqueles três precisavam. Desde as recordações mais remotas de Rowan, eles eram um trio inabalável, quer estivessem num cruzeiro no Caribe, esquiando em Aspen, quer estivessem fazendo a ceia de Natal com o serviço de copa numa suíte no Plaza em Nova York.

Agora a casa de sonho no litoral de Tiburon estava vazia como uma concha jogada na praia.

E Rowan tinha a estranha sensação de que o Sweet Christine não pertencia tanto a ela e a seus vários parceiros amorosos quanto àquela família que ali havia deixado a impressão dominante ao longo de uma década feliz.

Numa noite, depois da morte de Ellie, Rowan estava parada, só, na grande sala de estar, abaixo do teto de vigas altas, conversando consigo mesma, até rindo, pensando que não havia ninguém, ninguém que soubesse, ninguém que ouvisse. As vidraças estavam escuras e indistintas, refletindo o tapete, a mobília. Ela não via a maré que lambia incessantemente os pilares. O fogo na lareira estava se apagando. O eterno frio da noite no litoral passava lentamente pelos aposentos. Ela acreditava ter aprendido uma lição dolorosa: a de que à medida que morrem aqueles a quem amamos, perdemos nossas testemunhas, nossos observadores, aqueles que conhecem e compreendem os ínfimos modelos sem sentido, as palavras desenhadas na água com uma varinha.

E aí não sobra nada a não ser a corrente incessante. Foi pouco depois disso que ocorreu a ocasião absurda, quando Rowan quase se apossou daquele desconhecido para derramar sua história nos seus ouvidos.

Era um senhor de idade, de cabelos brancos, de origem obviamente britânica pelas primeiras palavras que pronunciou. E os dois se conheceram, justo aonde, no cemitério onde descansavam seus pais adotivos.

Era um cemitério antigo e pequeno, salpicado de monumentos desgastados pelas intempéries, na periferia da pequena cidade do norte da Califórnia onde no passado vivia a família de Graham. Essas pessoas, com quem não tinha parentesco de sangue, eram-lhe completamente desconhecidas. Ela havia voltado ali algumas vezes depois

do enterro de Ellie, apesar de não saber exatamente por quê. Naquele dia específico, o motivo era simples: a lápide estava afinal pronta, e ela queria ver se os nomes e datas estavam corretos.

Ocorreu-lhe algumas vezes no trajeto para o norte que essa nova lápide seria mantida enquanto ela fosse viva e que, depois disso, ela racharia, desmoronaria e ficaria caída no meio do mato. Os parentes de Graham Franklin não haviam sido avisados do seu enterro. Os parentes ,de Ellie, distantes e vagos lá no sul, não haviam sido avisados do enterro. Mesmo em dez anos, ninguém saberia ou se importaria em saber de Graham e Ellie Mayfair Franklin. E antes do fim da vida de Rowan, todos os que os conheceram ou mesmo os que ouviram falar deles já estariam mortos.

Teias de aranha rasgadas e desfeitas por um vento que é indiferente à sua beleza. Por que, afinal, se incomodar com isso? É que Ellie queria que ela se desse a esse trabalho. Ellie queria uma lápide, flores. Era esse o costume em Nova Orleans quando Ellie era criança. Somente no leito da morte ela finalmente mencionou a família, e para dizer coisas estranhíssimas: que o corpo de Stella ficou em exposição no salão, que as pessoas vinham ver Stella e lhe dar um beijo apesar de ter sido morta pelo próprio irmão, que o pessoal da Lonigan and Sons fechara o ferimento na cabeça de Stella.

- E o rosto de Stella estava tão lindo no caixão. Seus cabelos negros eram lindos, todos em ondinhas, sabe, e ela estava tão bonita quanto no quadro na parede da sala de estar. Eu adorava Stella! Stella deixava que eu segurasse o colar. Eu estava sentada numa cadeira junto ao caixão. Meus pés não paravam quietos, e minha tia Carlotta mandou que eu parasse.

Cada palavra desse estranho monólogo ficou gravada na cabeça de Rowan. Stella, o irmão, tia Carlotta. Até mesmo o sobrenome Lonigan. Porque, por alguns preciosos segundos, um lampejo de cor iluminou o vazio. Essas pessoas tinham um parentesco com Rowan. Rowan era de fato prima de Ellie em terceiro grau. E dessas pessoas Rowan não sabia nada e deveria continuar sem saber nada, se quisesse cumprir as promessas feitas a Ellie.

Mesmo naqueles momentos dolorosos, Ellie caiu em si.

- Rowan, nunca volte para lá. Lembre-se da sua promessa, Rowan. Queimei todas as fotografias, todas as cartas. Não vá para lá, Rowan. Seu lar é aqui.

- Eu sei, Ellie. Vou me lembrar disso.

E não se falou mais em Stella. No seu irmão. Na tia Carlotta. No quadro na parede da sala de estar. Só o choque do documento apresentado a Rowan após a morte de Ellie pelo seu testamenteiro, um compromisso cuidadosamente redigido, sem absolutamente nenhum valor legal, no sentido de que Rowan jamais retornasse à cidade de Nova Orleans, que jamais procurasse conhecer quem eram seus parentes.

No entanto, naqueles dias finais, Ellie havia falado deles. De Stella na parede. E como Ellie também havia falado de lápides e flores e de ser lembrada pela filha adotiva, Rowan foi para o norte naquela tarde para cumprir o prometido. E no pequeno cemitério na colina, ela conheceu o inglês de cabelos brancos.

Ele estava abaixado sobre um dos joelhos diante do túmulo de Ellie, como se fosse se ajoelhar, e copiava os mesmos nomes que acabavam de ser gravados na pedra. Pareceu um pouco alvoroçado quando ela o interrompeu, embora ela

não tivesse dito palavra. Na realidade, por um segundo ele olhou para ela como se estivesse diante de um fantasma. A situação quase a fez dar uma risada. Afinal, era uma mulher de complexão frágil, apesar da altura, e estava usando suas roupas normais do mar: jeans e uma japona azul-marinho. E o próprio homem parecia tão anacrônico, com seu elegante terno de colete de tweed cinza.

Aquele seu sentido especial disse-lhe, porém, que o homem só tinha boas intenções. Quando ele lhe explicou que conhecera a família de Ellie em Nova Orleans, ela acreditou. Sentiu, porém, uma grande perturbação. É que ela também queria conhecer essa gente. Afinal, não lhe restava ninguém no mundo a não ser aquela família! Que pensamento mais ingrato e desleal!

Ela não falou nada enquanto ele tagarelava num delicioso estilo britânico sobre o calor do sol e a beleza desse pequeno cemitério. O silêncio era sua resposta inveterada a tudo, mesmo quando ele confundia os outros e os deixava pouco à vontade. E assim, por força do hábito, ela não transmitia nada de volta, independentemente do que pudesse estar pensando. Conheceu minha família? Gente do meu sangue?

- Meu nome é Aaron Lightner - disse o homem, colocando na sua mão um pequeno cartão branco. - Se algum dia você quiser saber algo sobre a família Mayfair de Nova Orleans, não deixe de me procurar. Pode me encontrar em Londres, se quiser. Chame a cobrar. Terei o maior prazer em lhe passar o que sei sobre a família Mayfair. Uma senhora história, sabe?

Palavras entorpecedoras, essas. Mesmo sem querer, elas a magoavam tanto na sua solidão, eram tão inesperadas nessa estranha colina deserta. Será que ela havia dado a

impressão de desamparo, ali em pé, incapaz de responder, incapaz de fazer um ínfimo gesto de concordância com a cabeça?

Ela esperava que sim. Não queria pensar que pudesse ter parecido fria ou grosseira. No entanto, estava totalmente fora de cogitação a idéia de explicar a esse homem que ela havia sido adotada, retirada de Nova Orleans no dia em que nasceu. Impossível explicar que havia feito uma promessa de jamais voltar à cidade natal, de jamais procurar obter a menor informação que fosse acerca da mulher que havia renunciado a ela. Ora, ela nem mesmo sabia o nome de batismo da própria mãe. Descobriu-se de repente pensando se ele por acaso não sabia. Talvez ele conhecesse a identidade daquela Mayfair que engravidara sem estar casada e que renunciara à filha.

Sem dúvida, o melhor era não dizer nada, para que ele não levasse consigo algum mexerico. Afinal, sua mãe verdadeira talvez estivesse casada e com sete filhos. Qualquer conversa a essa altura só poderia prejudicá-la. Apesar dos quilômetros e dos anos que as separavam, Rowan não nutria nenhum sentimento negativo por essa criatura sem rosto, anônima, só uma saudade triste e sem esperanças. Não, ela não disse nada.

O homem a examinou por algum tempo, com total tranqüilidade diante da expressão impassível de Rowan, do seu silêncio inevitável. Quando ela lhe devolveu o cartão, ele o aceitou com delicadeza, deixando-o estendido como se esperasse que ela o pegasse de volta.

- Eu gostaria tanto de conversar com você - prosseguiu ele.
- Gostaria de saber como vem sendo a vida para a que foi transplantada para tão longe da terra natal. - Ele hesitou um pouco e continuou. - Conheci sua mãe há anos...

Ele parou de falar como se sentisse o efeito das suas palavras. Talvez a mera inconveniência de pronunciá-las o perturbasse. Rowan não tinha certeza. Aquele momento não poderia ter sido mais excruciante se ele a houvesse espancado. Mesmo assim, ela não se afastou. Apenas manteve-se imóvel, com as mãos enfiadas nos bolsos da japona. Conheceu minha mãe?

Como foi horrível. E aquele homem de olhos azuis, cheios de alegria, a encará-la com tanta paciência. E o silêncio, como sempre, uma mortalha que a envolvia e a prendia. Pois a verdade era que ela não conseguia se forçar a falar.

- Apreciaria muito que almoçasse comigo, ou que apenas me acompanhasse num drinque, se não houver tempo para uma refeição. Não sou no fundo uma pessoa inconveniente. É que a história é longa...

E seu sentido especial lhe disse que o homem estava sendo sincero! Ela quase aceitou o convite, para tudo, para falar de si mesma e para lhe perguntar tudo sobre a família. Afinal de contas, ela não o havia procurado.

Ele se aproximara dela com a oferta de informação. E então, naquele instante surgiu a compulsão de tudo revelar, até mesmo a história do seu estranho poder, como se ele a estivesse instando a falar em silêncio, como se ele exercesse alguma influência sobre sua mente de modo a que ela lhe abrisse suas câmaras mais recônditas. Pois ele realmente queria saber dela! E esse interesse, de um caráter pessoal tão marcante, vindo de alguém isento da mais leve suspeita de malícia, a havia aquecido como uma boa lareira no inverno.

Modelos, testemunhas, todos os seus pensamentos delirantes sobre esses assuntos lampejaram de repente no

primeiro plano. Matei três pessoas na minha vida. Posso matar com minha raiva. Sei que posso. Foi isso o que aconteceu com a transplantada, nas suas palavras. Existe lugar na história da família para uma coisa desse tipo? Ele teria recuado levemente enquanto a observava? Ou teria sido apenas a inclinação do sol sobre os seus olhos? Isso, porém, não podia acontecer. Estavam parados junto ao túmulo da mulher a quem ela havia feito a promessa.

- Não, nunca voltarei a Nova Orleans. Nunca vou tentar descobrir nada.

A mulher que a havia amado e que dela havia cuidado, dando-lhe talvez mais do que sua mãe verdadeira jamais poderia dar. A atmosfera do quarto da doente voltou: o som de gemidos de dor, suaves, quase não humanos.

- Prometa -me, Rowan, mesmo que eles lhe escrevam. Nunca... nunca...

- Ellie, você é a minha mãe, minha única mãe. O que mais eu poderia querer?

Naquelas últimas semanas de agonia, estava exacerbado ao máximo o medo do seu próprio e terrível poder destrutivo. E se ela, em meio à dor e à revolta, voltasse o poder para o corpo enfraquecido de Ellie, terminando assim esse sofrimento estúpido e inútil de uma vez por todas? Eu poderia matá-la, Ellie. Poderia livrá-la do sofrimento. Sei que poderia. Sinto a força dentro de mim, só esperando ser posta à prova.

O que eu sou? Uma bruxa, pelo amor de Deus! Sou quem cura, não quem destrói. Tenho chance de escolha como todos os seres humanos têm. E lá estava o inglês, a observá-la como se fascinado, como ela houvesse estado falando quando havia estado em silêncio total. Era quase

como se ele lhe dissesse que compreendia. Mas é claro que isso era uma ilusão. Ele não havia dito nada.

Atormentada, confusa, ela deu meia volta e o deixou ali. Ele devia tê-la considerado hostil ou até mesmo louca. Mas que diferença fazia? Aaron Lightner. Ela nem sequer havia lançado um olhar ao cartão antes de devolvê-lo. Não sabia por que se lembrava do nome, a não ser que fosse por se lembrar do homem e das coisas estranhas ditas por ele.

Meses haviam se passado desde aquele dia desagradável em que voltou para casa, abriu o cofre da parede e tirou o documento que o testamenteiro de Ellie a havia feito assinar.

- Eu, Rowan Mayfair, juro solenemente, diante de Deus e na presença da testemunha que assina este documento, que jamais voltarei à cidade de Nova Orleans, onde nasci, que jamais procurarei conhecer a identidade dos meus pais biológicos e que evitarei todo e qualquer contato com a família de sobrenome Mayfair, caso algum dos seus membros me procure por qualquer motivo ou sob qualquer pretexto...

O documento continuava nesse estilo quase histórico, tentando cobrir qualquer contingência previsível. Tantas palavras para um significado tão pequeno. Não era de estranhar que Rowan desconfiasse das palavras. Era o desejo de Ellie que realmente tinha valor.

Rowan, no entanto, assinou o documento. O advogado, Milton Kramer, foi a testemunha. Ficou no seu arquivo a cópia autenticada. Será que a vida de Michael Curry havia passado diante dos seus olhos desse jeito, perguntava -se às vezes Rowan, do jeito que a minha está passando diante dos meus agora? Muitas vezes ela perdia o olhar no rosto

sorridente, recortado de uma revista e colado no seu espelho.

E ela sabia que, se o visse, essa represa talvez se rompesse. Ela sonhava com isso, com essa conversa com Michael Curry, como se ela pudesse acontecer, como se ela pudesse trazê-lo para sua casa em Tiburon, como se pudessem tomar café juntos, como se ela pudesse tocar sua mão enluvada.

Ah, que idéia mais romântica! Um valentão que adorava belas casas, que fazia lindas ilustrações. Talvez ele gostasse de Vivaldi, talvez realmente lesse Dickens. E como seria ter um homem desses na sua cama, sem roupas a não ser pelas luvas pretas de couro?

Ah, a fantasia. Algo bem parecido com o costume de imaginar que os bombeiros que trazia para casa acabariam por se revelar poetas, que os policiais que ela havia seduzido eram de fato grandes romancistas, que o guarda-florestal que conheceu no bar em Bolinas era no fundo um pintor famoso, e que o corpulento veterano da guerra do Vietnã que a havia levado até sua cabana na floresta era um célebre diretor de cinema que se escondia, assim, de um mundo reverente e cheio de exigências.

Ela imaginava, sim, esse tipo de coisa. E é claro que tudo era totalmente possível. No entanto, era o corpo que detinha a prioridade: o volume nos jeans tinha de ser de bom tamanho, o pescoço vigoroso, a voz grossa e o queixo mal barbeado, áspero o suficiente para arranhá-la. Mas, e se?

E se Michael Curry tivesse ido para o sul, de onde tinha origem? Talvez fosse exatamente isso o que ocorrera. Nova Orleans, o único lugar do planeta para onde Rowan Mayfair

não poderia ir. O telefone estava tocando quando ela abriu a porta do consultório.

- Dra Mayfair?

- Dr Morris?

- Eu mesmo. Venho tentando encontrá-la. Trata-se de Michael Curry.

- É. Eu sei. Ouvi seu recado. Ia ligar agora mesmo.

- Ele quer conversar com a senhora.

- Então ainda está em San Francisco.

- Está escondido na própria casa em Liberty Street.

- Vi a reportagem na televisão.

- Mas ele quer um encontro com a senhora. Quer dizer, para falar sem rodeios, ele

quer vê-la em pessoa. É que ele tem uma idéia...

- Sim?

- Bem, a senhora vai pensar que a loucura dele é contagiosa, mas estou apenas transmitindo um recado. Existe alguma possibilidade de esse encontro ser no seu barco? Quer dizer, era seu o barco em que estava na noite em que o salvou, não era?

- Seria um prazer recebê-lo de novo no barco.

- O que disse?

- Seria um prazer vê-lo. E eu me disponho a levá-lo até o barco se é isso o que ele quer.

- E uma atitude maravilhosa, doutora. Mas eu preciso explicar alguns pontos. Sei que pode parecer totalmente biruta, mas ele quer tirar as luvas e tocar a madeira do convés onde estava deitado quando a senhora o ressuscitou.

- É claro que ele pode fazer isso. Não sei por que não pensei nisso antes.

- Está falando sério? Meu Deus, não sabe o alívio que estou sentindo. Dra Mayfair, vou lhe dizer logo, esse cara é realmente uma boa pessoa.

- Eu sei.

- Ele está sofrendo muito. Na semana passada, ele me propôs essa idéia. Eu não ouvia notícias dele havia um mês! Estava embriagado quando me telefonou. Pensei que fosse se esquecer da idéia.

- É uma idéia muito boa, Dr Morris. O senhor mesmo disse que o poder das suas mãos é real.

- É verdade, disse, sim. E é real mesmo. E a senhora é uma médica bem diferente, Dra Mayfair. Mas será que faz idéia do problema em que está se metendo? Eu implorei, realmente implorei que ele voltasse ao hospital. E então ele me ligou de novo ontem à noite, exigindo que eu a localizasse imediatamente. Ele precisa pôr as mãos nas tábuas do convés ou vai enlouquecer de vez. Eu lhe disse que ficasse sóbrio, e eu faria uma tentativa. Exatamente a vinte minutos, bem antes de eu lhe telefonar, ele me liga e diz que não vai mentir, que bebeu um engradado de cerveja

hoje, mas que não tocou na vodca, nem no uísque, que está o mais sóbrio que conseguiria estar.

Ela riu baixinho.

- Eu deveria estar chorando pelas células do seu cérebro.
- Compreendo. Mas o que quero dizer é que o homem está desesperado. Ele não está melhorando. E eu não iria lhe pedir esse favor se ele não fosse um dos caras mais legais...
- Vou buscá-lo. O senhor pode ligar para ele e avisar que estou a caminho?
- Meu Deus, isso é fantástico, Dra Mayfair. Não sei como lhe agradecer.
- Nem precisa. Sou eu que quero vê-lo.
- Olhe, doutora, faça um pacto com ele. A senhora permite que ele brinque de maluco no seu barco se ele vier se internar para parar de beber.
- Ligue para ele agora, Dr Morris. Em menos de uma hora, estarei à porta da sua casa.

Ela pôs o telefone no gancho e ficou ali parada com os olhos fixos nele. Depois, removeu o crachá, despiu o guarda-pó sujo e tirou lentamente os grampos do cabelo.

Capítulo 5

Quer dizer que haviam tentado internar Deirdre Mayfair mais uma vez depois de todos esses anos. Com a morte de

Miss Nancy e Miss Carl ficando mais fraca a cada dia, era a melhor solução. Fosse como fosse, era essa a conversa.

No dia 13 de agosto fizeram uma tentativa. Deirdre, no entanto, ficou furiosa, e eles a deixaram em paz. E agora ela estava piorando assustadoramente. Quando Jerry Lonigan contou à sua mulher, Rita, ela chorou.

Já haviam se passado treze anos desde o dia em que Deirdre voltou do sanatório para casa, transformada numa idiota abobalhada que não sabia dizer nem seu próprio nome, mas isso não fazia diferença para Rita. Rita nunca se esqueceria da Deirdre verdadeira.

Rita e Deirdre tinham dezesseis anos quando foram alunas internas do colégio de Santa Rosa de Lima. Era um prédio de tijolos, velho e feio, bem nos limites do French Quarter. E Rita foi mandada para lá porque não se comportava, havia até saído para beber com rapazes na barca fluvial The President. Seu pai dissera que o Santa Rosa iria dar um jeito nela. Todas as meninas dormiam num dormitório no sótão. iam para a cama às nove. Rita costumava chorar até adormecer.

Deirdre Mayfair já estava no Santa Rosa há muito tempo. Ela não se incomodava com o fato de o colégio ser velho, sombrio e rígido; mas segurava a mão de Rita quando Rita chorava. Ela ouvia quando Rita dizia que aquilo era como um presídio.

As meninas viam "papai sabe tudo" num antigo aparelho de televisão com uma tela redonda de seis polegadas, juro por Deus! E o barulhento rádio de madeira que ficava no chão abaixo de uma janela não era nem um pouco melhor. Era impossível conseguir a vitrola. Ela estava sempre com as

garotas sul-americanas, que nela tocavam aquela horrível "La Cucaracha", dançando aquelas danças espanholas.

- Não se incomode com elas - dizia Deirdre. Ela levava Rita para o pátio lá embaixo no final da tarde. As duas brincavam nos balanços abaixo das nogueiras pecãs. Não seria de se imaginar que isso fosse muito divertido para uma menina de dezesseis anos, mas Rita adorava estar com Deirdre.

Deirdre cantava quando as duas estavam nos balanços. Dizia que eram velhas baladas irlandesas e escocesas. Sua voz era de soprano verdadeiro, aguda e delicada, e as canções eram tão tristes. Rita ficava toda arrepiada ao ouvi-las. Deirdre gostava de ficar ao ar livre até depois do pôr-do-sol quando o céu era de um "puro violeta" e as cigarras cantavam direto nas árvores. Deirdre chamava essa hora de crepúsculo. Rita já havia visto essa palavra escrita, sim, mas nunca havia ouvido ninguém pronunciá-la. Crepúsculo.

Deirdre pegava a mão de Rita, e as duas caminhavam ao longo do muro de tijolos, à sombra das nogueiras pecãs, de tal modo que tinham de se curvar para passar por debaixo dos galhos mais baixos. Havia alguns lugares em que se podia ficar em pé com o corpo totalmente oculto pela folhagem das árvores. Era esquisito de descrever, mas para Rita aquela havia sido uma hora estranha e deliciosa - parada ali à meia-luz com Deirdre, as árvores dançando com a brisa e as folhas minúsculas caindo como chuva sobre elas.

Naquela época, Deirdre parecia uma verdadeira menina antiga de algum livro ilustrado, com uma fita roxa no cabelo e os cachos negros caindo em cascata pelas costas. Ela poderia ter sido muito elegante se quisesse. Tinha o corpo para isso além de roupas novas no armário que nunca se

dava ao trabalho de experimentar. Só que era fácil esquecer essas coisas quando se estava com Deirdre. Seu cabelo era tão macio. Unia vez Rita o havia tocado. Elas caminhavam pelo claustro empoeirado ao lado da capela. Espiavam o jardim das freiras pelo portão de madeira. Deirdre disse que era um lugar secreto, cheio das flores mais lindas.

- Não quero nunca mais voltar para casa - explicou Deirdre.
- Aqui é tão tranquilo. Tranquilo! Sozinha à noite, Rita chorava sem parar. Ela ouvia a vitrola automática do bar de negros do outro lado da rua, com a música passando por cima dos muros de tijolos até chegar ao sótão no quarto andar. Às vezes quando pensava que todos estavam dormindo, ela se levantava, saía até a sacada de ferro e olhava na direção das luzes de Canal Street. Havia um fulgor vermelho acima de Canal Street. Toda Nova Orleans estava se divertindo ali, e Rita estava trancada, com uma freira atrás de uma cortina em cada ponta do dormitório. O que ela faria se não tivesse a companhia de Deirdre?

Deirdre era diferente de qualquer pessoa que Rita conhecia. Ela possuía coisas tão lindas: longas camisolas brancas de flanela com acabamento de renda.

Elas eram do mesmo tipo que usava agora, trinta e quatro anos depois, na varanda lateral telada, onde ficava sentada "como uma imbecil desmemoriada em estado de coma".

E ela havia mostrado a Rita aquele colar com a esmeralda que agora usava sempre, mesmo por cima da camisola branca. O famoso colar de esmeralda da família Mayfair, embora Rita naquela época ainda não tivesse ouvido falar nele. É claro que Deirdre não o usava na escola. Era proibido usar qualquer tipo de jóia no Santa Rosa. Além do mais, ninguém teria pensado em usar um colar tão grande e antiquado, a não ser talvez para um baile de carnaval.

Agora, ele dava uma impressão horrível em Deirdre, de camisola. Era um absurdo, uma jóia daquelas numa inválida com seu olhar parado e constante pela tela da varanda. Mas quem sabe? Talvez Deirdre de alguma forma soubesse que ele estava ali, e Deirdre sem dúvida adorava aquele colar.

Ela deixou Rita tocar no colar quando estavam sentadas no lado da cama no Santa Rosa, sem nenhuma freira por perto para lhes dizer que não amarfanhassem a colcha.

Rita havia virado o pingente de esmeralda nas mãos. Tão pesado o engaste de ouro. Parecia que havia algo gravado nas costas. Rita discerniu um L maiúsculo. Pareceu-lhe ser um nome.

- Não, não leia - exclamou Deirdre. - É um segredo! - E ela pareceu assustada por um instante, com o rosto de repente vermelho e os olhos lacrimejantes. Então, ela pegou a mão de Rita e a apertou um pouco. Não era possível ficar zangada com Deirdre.

- Ela é verdadeira? - perguntou Rita. Devia ter custado uma fortuna.

- É, sim. Ela veio da Europa há muitos e muitos anos. Naquela época, pertencia à minha tata-tata-tata-tata-tataravó.

As duas riram da construção da palavra, Era inocente o jeito de Deirdre falar. Ela não se vangloriava. Não era nada dessa natureza. Ela nunca procurava magoar os outros. Todos a adoravam.

- Foi minha mãe quem a deixou para mim - explicou Deirdre.
- E eu um dia vou passá-la adiante, quer dizer, se eu um dia tiver uma filha. - A perturbação no rosto. Rita abraçou

Deirdre. É que as pessoas simplesmente queriam protegê-la. Deirdre fazia brotar esse sentimento em todos.

Deirdre revelou não ter conhecido a própria mãe.

- Ela morreu quando eu era ainda bebê. Dizem que caiu da janela do sótão. E dizem que a mãe dela também morreu ainda jovem, mas nunca se fala nela. Acho que não somos como as outras pessoas.

Rita estava perplexa. Ninguém que conhecia dizia coisas desse tipo.

- O que você está querendo dizer, Dee Dee?

- Não sei bem. Nós sentimos coisas, temos pressentimentos. Sabemos quando alguém não gosta de nós e quer nos atingir.

- Quem iria algum dia querer atingir você, Dee Dee? Você vai chegar aos cem anos e ter uns dez filhos.

- Gosto de você, Rita Mae. Você é pura de coração. É isso o que você é.

- Ah, Dee Dee, não. - Rita Mae abanou a cabeça. Pensou no seu namorado do Santa Cruz, no que tinham feito.

- Não, Rita Mae, isso não tem importância - disse Deirdre, como se tivesse acabado de ler seu pensamento. - Você é boa. Você nunca tem vontade de magoar ninguém, mesmo quando está muito infeliz.

- Eu também adoro você - disse Rita, embora não compreendesse tudo o que Deirdre estava dizendo. E nunca mais em toda a sua vida Rita disse a nenhuma outra mulher que a adorava.

Rita quase morreu quando Deirdre foi expulsa do Santa Rosa, mesmo sabendo que isso ia acontecer. Ela própria viu um rapaz com Deirdre no jardim do convento. Havia percebido quando Deirdre saiu de mansinho depois do jantar quando ninguém estava olhando. Era a hora em que as meninas deveriam estar tomando banho, enrolando o cabelo. Esse aspecto era algo que Rita considerava estranho no Santa Rosa. Elas faziam com que as meninas enrolassem o cabelo e usassem um pouco de batom porque a irmã Daniel dizia que isso era "etiqueta".

E Deirdre não precisava enrolar o cabelo. Ele caía em cachos perfeitos. Tudo o que precisava era de uma fita.

A essa hora, Deirdre sempre desaparecia. Ela tomava banho antes das outras, descia sorrateira e só voltava quase na hora em que as luzes eram apagadas. Sempre atrasada, sempre correndo para as preces noturnas, com o rosto esfomeado. Dava, então, aquele belo sorriso inocente para a irmã Daniel. Além disso, quando fazia suas orações, parecia sincera.

Rita achava que ela era a única a perceber as escapadas de Deirdre. Ela odiava o colégio quando Deirdre não estava por perto. Deirdre era a única que fazia com que ela se sentisse bem por ali. E uma noite ela desceu à procura de Deirdre. Talvez estivesse nos "balanços". O inverno havia terminado, e o crepúsculo vinha agora depois do jantar. Rita sabia como Deirdre gostava do crepúsculo.

No entanto, Rita não encontrou Deirdre no pátio. Ela foi até o portão aberto do jardim das freiras. Estava muito escuro ali dentro. Viam-se os lírios da Páscoa, refulgindo brancos na escuridão. As freiras iam cortá-los no domingo de Páscoa. Deirdre, porém, nunca iria desrespeitar as normas e entrar ali. Mesmo assim, Rita ouviu a voz de Deirdre. E aos poucos

ela conseguiu discernir a silhueta de Deirdre no banco de pedra nas sombras. As nogueiras pecãs eram tão grandes e baixas ali quanto no pátio. Tudo o que Rita pôde ver foi a blusa branca primeiro, depois o rosto de Deirdre com a fita roxa no cabelo, e então ela viu o homem alto sentado ao seu lado. Tudo estava tão quieto. A vitrola automática no bar dos negros ainda não estava tocando. Do convento não vinha nenhum ruído. E até mesmo as luzes no refeitório das freiras pareciam distantes com todas aquelas árvores plantadas ao longo do claustro.

- Minha amada - disse o homem a Deirdre. Foi apenas um sussurro, mas Rita o ouviu.

- É, você está falando. Estou ouvindo.

- Minha amada! - Repetiu-se o sussurro.

E Deirdre começou a chorar. Ela disse mais alguma coisa, talvez um nome. Rita nunca saberia ao certo. Parecia que ela havia dito, "Meu Lasher". Os dois se beijaram. A cabeça de Deirdre, inclinada para trás, a brancura dos dedos do homem muito nítida em contraste com a cabeleira escura.

- Só quero fazê-la feliz, minha amada.

- Deus meu - disse Deirdre, baixinho. Ela de repente se levantou do banco, e Rita a viu sair correndo pelo caminho entre os canteiros de lírios.

Não se via o homem em parte alguma. E o vento havia começado a soprar, passando pelas nogueiras pecãs de tal modo que seus galhos mais altos batiam ruidosos nas varandas do convento. Todo o jardim estava de súbito em movimento. E Rita ficou sozinha ali.

Envergonhada, Rita deu meia volta. Ela não devia ter ficado ouvindo. Em seguida, ela também saiu correndo, subindo de uma vez os quatro lances das escadas de madeira do porão até o sótão.

Demorou uma hora para Deirdre aparecer. Rita estava desconsolada por ter espionado a amiga daquele jeito. Mais tarde naquela noite, porém, deitada na cama, Rita repetia aquelas palavras: Minha amada. Só quero fazê-la feliz, minha amada. Ah, e pensar que um homem fosse dizer essas coisas a Deirdre!

Tudo o que Rita conhecia era os meninos que queriam "apalpá-la", se lhes fosse dada a oportunidade. Caras desajeitados e idiotas como seu namorado Terry, do Santa Cruz, que dizia, "Você sabe, acho que gosto muito de você, Rita". Claro, claro. Porque eu deixo você me "apalpar", seu grosso.

- Sua vagabunda! - Dizia o pai de Rita. - O colégio interno é para onde você vai. Não me importa o quanto custe. Minha amada. Palavras que a faziam pensar em músicas lindas, em senhores elegantes em filmes antigos que via tarde da noite na televisão.

De vozes de outros tempos, suaves e distintas. As próprias palavras como se fossem beijos. E além do mais ele era bonito. Ela não havia visto direito seu rosto, mas notou que o cabelo era escuro e os olhos, grandes. Ele usava roupas finas, lindas. Ela viu os punhos brancos da camisa e o colarinho.

Rita também teria ido se encontrar no jardim com um homem daqueles. Ela teria feito qualquer coisa com ele.

Ah, Rita não conseguia realmente compreender os sentimentos que tudo isso fazia brotar nela. Ela chorou, mas

um choro doce, em silêncio. Ela sabia que se lembraria daquele momento pela vida afora: o jardim sob o céu roxo escuro do crepúsculo com as estrelas da tarde já luzindo e a voz do homem pronunciando aquelas palavras.

Quando acusaram Deirdre, foi um pesadelo. Estavam na sala de recreação, e as outras meninas foram forçadas a ficar no dormitório, mas todas ouviram o que se passava. Deirdre explodiu em lágrimas, mas não quis confessar nada.

- Eu mesma vi o homem! - disse a irmã Daniel. - Está me chamando de mentirosa! Levaram-na depois para o convento para conversar com a velha madre Bernard, mas nem ela própria conseguiu nada com Deirdre.

Rita ficou desconsolada quando as freiras vieram arrumar as malas de Deirdre. Ela viu a irmã Daniel tirar o colar com a esmeralda da sua caixa e olhar fixamente para ele. A irmã Daniel achava que a pedra era de vidro. Dava para se ver pelo seu jeito de segurá-lo. Rita sentiu muito ao vê-la tocar na jóia, ao vê-la segurar com violência as camisolas e tudo o mais para enfiá-las de qualquer jeito na mala.

Mais tarde naquela mesma semana, quando aconteceu um terrível acidente com a

irmã Daniel, Rita não sentiu pena. Ela nunca desejou que a freira velha e perversa morresse daquele jeito, sufocada num quarto trancado com o aquecedor a gás ligado, mas se era para ser assim, que assim fosse.

Rita tinha mais coisas em que pensar do que ficar se lamentando por alguém que

havia sido cruel com Deirdre.

Naquele sábado, ela reuniu todas as moedinhas que pôde e ligou insistentemente do telefone público do porão. Alguém devia saber o número do telefone da família Mayfair. Eles residiam em First Street a apenas cinco quarteirões da casa de Rita, mas poderia ter sido do outro lado do planeta.

Lá não era o Irish Channel. Era o Garden District. E a casa da família Mayfair era uma mansão. Mais tarde, Rita teve uma briga horrível com Sandy. Sandy disse que Deirdre era louca.

- Você sabe o que ela fazia à noite? Vou lhe dizer o que ela fazia. Quando todo mundo estava dormindo, ela afastava as cobertas e mexia com o corpo como se alguém a estivesse beijando! Eu vi. Ela abria a boca e se mexia na cama, você sabe, se mexia, igualzinho, você sabe, como se ela realmente estivesse sentindo alguma coisa!

- Cale essa boca imunda! - berrou Rita, tentando dar um tapa em Sandy. Todo mundo se irritou com Rita, mas Liz Conklin a puxou para um lado, dizendo-lhe que se acalmasse. Ela disse que Deirdre havia feito algo pior do que se encontrar com o homem no jardim.

- Rita Mae, ela deixou que ele entrasse no prédio. Ela o trouxe direto ao nosso andar. Eu mesma vi. - Liz cochichava, olhando para trás por cima do ombro, como se alguém pudesse ouvir o que dizia.

- Não acredito em você - disse Rita.

- Eu não a estava seguindo. Não queria criar problemas para ela. Eu só me havia levantado para ir ao banheiro, e os vi junto à janela da sala de recreação, ele e ela juntos, Rita Mae, a menos de três metros de onde nós todas dormíamos.

- E como é que ele era? - perguntou Rita, certa de que aquilo era uma mentira. Rita sabia porque ela mesma o havia visto.

Só que Liz o descreveu direitinho. Alto, cabelo castanho, muito "distinto", disse Liz,

e ele estava beijando Deirdre e sussurrando algo para ela.

- Rita Mae, imagine que ela abriu todas essas fechaduras e o trouxe até aqui em cima. Ela era louca mesmo.

- Tudo o que sei - disse Rita mais tarde a Jerry Lonigan quando os dois estavam namorando - é que ela era a menina mais meiga que conheci em toda minha vida. Era uma santa em comparação com aquelas freiras, isso posso lhe dizer. E quando eu pensava que ia enlouquecer naquele colégio, ela segurava minha mão e me dizia que sabia como eu estava me sentindo. Eu teria feito qualquer coisa por ela.

No entanto, quando chegou a ocasião para fazer algo por Deirdre Mayfair, Rita não conseguiu fazer nada. Mais de um ano se passou. A vida de adolescente de Rita estava terminada, e nem por um segundo ela sentia sua falta. Estava casada com Jerry Lonigan, que era doze anos mais velho do que ela e muito melhor do que qualquer rapaz que ela conhecesse: um homem gentil e razoável que tirava um bom rendimento da casa funerária Lonigan and Sons, uma das mais antigas da paróquia, administrada por ele em conjunto com o pai.

Foi Jerry quem transmitiu a Rita as notícias sobre Deirdre. Ele lhe disse que Deirdre estava grávida de um homem que já havia morrido num acidente de estrada; e que aquelas suas tias, aquelas mulheres loucas e mesquinhas da família Mayfair, iam forçá-la a renunciar ao bebê.

Rita ia passar por aquela casa para ver Deirdre. Ela precisava fazer isso. Jerry não queria que ela fosse.

- Que grande coisa você acha que pode fazer a respeito disso? Você não sabe que aquela tia dela, Miss Carlotta, é advogada? Ela poderia mandar internar Deirdre se ela não quisesse renunciar à criança.

Red Lonigan, pai de Jerry, abanou a cabeça.

- Isso já aconteceu muitas vezes, Rita - disse ele. - Deirdre assinará os documentos ou acabará no hospício. Além do mais, o padre Lafferty tem um dedo nessa história. E se há algum padre em que eu confie em Santo Afonso, é em Tim Lafferty.

Mesmo assim, Rita foi.

Foi a atitude mais difícil de toda sua vida, a de se aproximar daquela casa enorme e tocar a campainha, mas ela foi em frente. É claro que foi Miss Carl quem veio até a porta, aquela que dava medo em todo mundo. Jerry disse-lhe mais tarde que se tivesse sido Miss Millie ou Miss Nancy, tudo poderia ter sido diferente.

Mesmo assim, Rita entrou direto como que passando com um empurrão por Miss Carl. Bem, ela havia aberto a porta de tela um tantinho, não havia? E Miss Carl não parecia má. Ela só parecia metódica.

- Só queria vê-la, sabe, ela foi minha melhor amiga no Santa Rosa...

Cada vez que Miss Carl dizia não de uma forma educada, Rita dizia sim de algum

outro modo, falando de como havia sido amiga íntima sua. Foi então que ouviu a voz de Deirdre no alto da escada.

- Rita Mae!

O rosto de Deirdre estava molhado de lágrimas, e seu cabelo estava todo desgrenhado sobre os ombros. Ela desceu correndo descalça na direção de Rita, seguida de perto por Miss Nancy, a atarracada. Miss Carl pegou Rita pelo braço com firmeza e tentou empurrá-la para a porta de entrada.

- Espere aí um pouco! - disse Rita.

- Rita Mae, vão me tomar o bebê.

Miss Nancy pegou Deirdre pela cintura e a levantou do chão no patamar.

- Rita Mae! - berrou Deirdre. Havia alguma coisa na sua mão, parecia ser um pequeno cartão branco.

- Rita Mae, ligue para esse homem. Diga-lhe para me ajudar.

Miss Carl postou-se diante de Rita.

- Vá para casa, Rita Mae Lonigan - disse ela. Mas Rita se desviou dela com agilidade. Deirdre lutava para se livrar de Miss Nancy, e Miss Nancy estava encostada no corrimão, meio sem equilíbrio. Deirdre tentou jogar o cartãozinho para Rita, mas ele simplesmente desceu planando. Miss Carl tentou apanhá-lo. E aí foi igual àquela briga pelas quinquilharias de carnaval jogadas dos carros alegóricos. Rita empurrou Miss Carl para um lado e agarrou o cartão, como quando alguém agarra um colar sem nenhum valor da calçada antes que qualquer outra pessoa o apanhe.

- Rita Mae, ligue para essa pessoa! Diga-lhe que preciso dele.

- Vou ligar, Dee Dee!

Miss Nancy a estava carregando de novo escada acima. Os pés descalços de Deirdre balançavam; suas mãos estavam fincadas no braço de Miss Nancy. Era horrível, simplesmente horrível. Miss Carl, então, agarrou o pulso de Rita.

- Dê-me isso aí, Rita Mae Lonigan - disse Miss Carl.

Rita conseguiu se soltar e saiu correndo pela porta da frente, com o cartãozinho seguro na mão. Ela ouvia Miss Carl que vinha correndo pelo alpendre atrás dela. Seu coração batia forte enquanto ela seguia pelo caminho de entrada. Jesus, Maria e José, essa era uma casa de loucos! E Jerry ia ficar tão irritado. E o que Red ia dizer?

De repente, Rita sentiu uma dor intensa e penetrante, quando seu cabelo foi puxado com força para trás. A mulher quase a derrubou.

- Não faça isso comigo, sua bruxa velha! - disse Rita, com os dentes cerrados. Ela não suportava que lhe puxassem o cabelo.

Miss Carl tentou arrancar o cartãozinho dos seus dedos. Isso era quase o pior que já havia acontecido na vida de Rita. Miss Carl torcia e rasgava o canto do cartão, que Rita não soltava, enquanto com a outra mão ainda puxava o cabelo de Rita com a maior força possível. Ela ia lhe arrancar o cabelo pelas raízes.

- Pare com isso! - berrou Rita. - Estou lhe avisando. Estou lhe avisando! - Ela conseguiu salvar o cartão de Miss Carl e

o amassou dentro da mão fechada. Simplesmente não podia bater numa senhora desse jeito.

No entanto, quando Miss Carl lhe deu mais um puxão no cabelo, Rita bateu mesmo nela. Atingiu Miss Carl no peito com o braço direito fazendo com que ela caísse nos cinamomos. Se não houvesse tantos cinamomos, ela teria caído no chão.

Rita saiu correndo pelo portão.

Uma tempestade estava se formando. Todas as árvores se mexiam. Ela via os grandes galhos negros dos carvalhos oscilando ao vento; e ouvia aquele ronco forte que as grandes árvores sempre emitem. Os ramos açoitavam a casa, arranhando o teto da varanda do andar de cima. De repente, ela ouviu o ruído de vidro quebrando.

Parou, olhou para trás e viu uma chuva de folhinhas verdes caindo sobre a propriedade inteira. Caíam também pequenos ramos e gravetos. Era como um furacão. Miss Carl estava parada no caminho olhando para as árvores lá em cima. Pelo menos não havia quebrado uma perna nem um braço. Deus do céu, ia começar a chover a qualquer instante. Rita estaria com as roupas encharcadas antes de chegar a Magazine Street, isso além de tudo o mais, de estar com o cabelo todo arrancado e com lágrimas escorrendo pelo rosto. Sem dúvida, ela estava digna de se ver.

No entanto, a chuva não caiu. Ela conseguiu chegar de volta à Lonigan and Sons sem se molhar. E, quando se sentou no escritório de Jerry, perdeu totalmente o controle.

- Você não devia ter ido lá. Você nunca devia ter ido! - disse ele. Havia um funeral no salão da frente. Ele devia estar lá

ajudando Red. - Meu amor, uma família daquelas poderia voltar todo mundo contra nós!

Rita não conseguia fazer nada a não ser chorar. E então ela olhou para o cartãozinho branco.

- Mas, Jerry, dê só uma olhada nisso aqui! Veja só!

Ele estava todo esmagado e úmido com o suor da palma da mão. Ela mais uma vez caiu a chorar.

- Não consigo ler os números!

- Ora, Rita, espere um pouquinho - disse Jerry, com a mesma paciência de sempre, o mesmo homem de bom coração que ele sempre foi. Debruçou-se sobre ela, desdobrando o cartãozinho no descanso da escrivaninha. Ele apanhou sua lente de aumento.

A parte central estava bem nítida:

O TALAMASCA

Além disso, não se lia mais nada. As palavras abaixo não passavam de pontinhos minúsculos de tinta preta no papel inchado. E o que estivesse escrito ao longo da margem inferior estava completamente destruído. Dali nada havia sobrado.

- Ah, Dee Dee! - lamentou-se Rita.

Jerry prendeu o cartão entre dois livros pesados, mas isso de nada adiantou. Seu pai veio dar uma olhada, mas não conseguiu distinguir nada. O nome Talamasca não significava nada para Red. E Red conhecia praticamente tudo e todo mundo. Por exemplo, se tratasse de alguma antiga sociedade carnavalesca, ele saberia.

- Agora, veja bem, tem alguma coisa escrita a tinta aqui no verso - disse Red. - Olhem com atenção. Aaron Lightner. Mas nenhum número de telefone. Os telefones deviam estar impressos na frente. Nem mesmo passar o cartão a ferro adiantou alguma coisa.

Rita fez o que pôde.

Procurou no catálogo telefônico os nomes de Aaron Lightner e do Talamasca, sabe-se lá o que era aquilo. Ligou para informações. Implorou à telefonista que lhe dissesse se não era um telefone fora do catálogo. Chegou mesmo a publicar anúncios pessoais no Times Picayune e no States Item.

- O cartão já era velho e estava sujo quando você o recebeu - lembrou-lhe Jerry. Cinqüenta dólares em anúncios pessoais já bastavam. O pai de Jerry disse que na opinião dele era melhor ela desistir. Uma coisa, porém, ela admitia: ele não a criticou pelos seus esforços.

- Querida, não volte mais àquela casa - disse Red. - Não tenho medo de Miss Carlotta ou de nada disso. Só não quero ver você perto daquela gente.

Rita percebeu que Jerry trocou um olhar com o pai. Os dois sabiam de alguma coisa que não queriam contar. Rita havia ouvido que a firma Lonigan and Sons havia enterrado a mãe de Deirdre quando ela caiu daquela janela anos atrás. Até aí ela sabia. Sabia, também, que Red se lembrava da avó que "morreu jovem" também, do jeito que Deirdre lhe contou.

Aqueles dois sabiam, porém, guardar segredos, como é costume entre os agentes funerários. Além do mais, Rita estava aflita demais para prestar atenção à história daquela casa velha e apavorante e daquelas mulheres. Ela chorou até adormecer, como acontecia no colégio interno. Talvez

Deirdre tivesse visto os anúncios nos jornais, sabendo, assim, que Rita havia tentado fazer o que ela queria.

Mais um ano se passou até Rita ver Deirdre outra vez. O bebê já não estava mais lá há algum tempo. Uns primos da Califórnia o levaram. Todo mundo dizia que era gente boa, gente rica. O homem era advogado, corno Miss Carl. A criança seria bem cuidada. A irmã Bridget Marie do Santo Afonso contou a Jerry que as freiras do Mercy Hospital diziam que o bebê era uma linda menina loura. Não tinha nada de parecido com os cachos negros de Deirdre. O padre Lafferty havia posto a menina nos braços de Deirdre e dito para ela beijar a filha, levando, depois, a criança embora.

Isso dava calafrios em Rita. Como as pessoas que beijam o defunto um instante antes de fecharem o caixão. "Beije sua filha" para depois a levarem daquele jeito!

Não era de estranhar que Deirdre houvesse tido um colapso nervoso. Ela foi levada direto do Mercy para o sanatório.

- Não foi a primeira vez na família - disse Red Lonigan, abanando a cabeça. - Foi assim que Lionel Mayfair morreu, numa camisa-de-força.

Rita perguntou o que ele estava querendo dizer, mas ele não respondeu.

- Mas eles não precisavam agir assim - disse Rita. - Deirdre é tão meiga. Ela não saberia fazer mal a ninguém.

Afinal, Rita soube que Deirdre estava novamente em casa. E naquele domingo Rita resolveu ir à missa na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Garden District. Era ali que os ricos iam, em sua maioria. Eles não costumavam freqüentar as grandes igrejas da paróquia, a de Santa Maria e a de Santo Afonso, do outro lado de Magazine Street.

Rita foi até lá para a missa das dez, pensando, bem, vou só passar pela casa dos Mayfair no caminho de volta. Mas não precisou porque Deirdre estava lá na missa, sentada entre suas tias-avós Miss Belle e Miss Millie.

Graças a Deus, nada de Miss Carlotta.

Rita teve uma péssima impressão de Deirdre. Pareceu-lhe o fantasma de Banquo, como teria dito a mãe de Rita. Ela estava com olheiras escuras, e o vestido era um troço velho e lustroso de gabardine que não servia para ela. Com almofadas nos ombros. Alguma das velhas da casa é que lhe devia ter dado aquilo.

Depois da missa, quando estavam descendo a escadaria de mármore, Rita engoliu em seco, respirou fundo e correu atrás de Deirdre. Deirdre deu aquele seu lindo sorriso, imediatamente, mas quando tentou falar quase nada saiu.

- Rita Mae! - Conseguiu ela sussurrar. Rita inclinou-se para lhe dar um beijo.

- Dee Dee - cochichou - tentei fazer o que você me pediu. Não consegui encontrar aquele homem. O cartão estava estragado demais.

Os olhos de Deirdre estavam muito abertos, vazios. Ela nem mesmo se lembrava, não é? Pelo menos, Miss Millie e Miss Belle não perceberam. Elas estavam cumprimentando todo mundo que passava. E a coitada da Miss Belle nunca percebia nada mesmo. Foi então que Deirdre pareceu se lembrar de alguma coisa.

- Tudo bem, Rita Mae - disse ela, com aquele sorriso maravilhoso. Ela apertou a mão de Rita, inclinou-se para a frente e lhe deu um beijo no rosto.

- Agora precisamos ir, querida - disse, então, tia Millie. Ora, essa sim era Deirdre Mayfair para Rita. Tudo bem, Rita Mae.

A garota mais meiga que ela conhecia.

Em pouco tempo, Deirdre estava de volta ao sanatório. Ela estivera andando descalça por Jackson Avenue, falando sozinha em voz alta. Em seguida, disseram que estava num hospital psiquiátrico no Texas e depois disso Rita só soube que Deirdre era "incurável" e que nunca mais voltaria para casa.

Quando faleceu a velha Miss Belle, a família Mayfair contratou os serviços do pai de Jerry, como sempre. Talvez Miss Carl nem mesmo se lembrasse da briga com Rita Mae. Vieram parentes de toda parte para esse enterro, mas nada de Deirdre.

O Sr Lonigan detestava abrir o jazigo no Lafayette nº 1. Aquele cemitério tinha uma quantidade enorme de túmulos destruídos com caixões apodrecidos bem visíveis, até mesmo com alguns ossos aparecendo. Ele sentia repugnância de realizar um enterro ali.

- Mas a família Mayfair enterra os seus lá desde 1861 - disse ele. - E eles pelo menos cuidam do jazigo, isso eu tenho de admitir. Mandam pintar a cerca de ferro batido todos os anos. E quando os turistas passam por lá? Bem, esse é um dos jazigos que eles sempre admiram, com todos aqueles Mayfair ali dentro, e todos aqueles nomes de bebês, desde a guerra de secessão. É que o resto é tão abandonado. Sabe, um dia desses vão acabar com aquele cemitério.

Na verdade, nunca acabaram com Lafayette nº 1. Os turistas gostavam demais dali. Da mesma forma que as famílias do Garden District. Em vez disso, ele foi limpo; os muros caiados foram consertados; novas magnólias foram

plantadas. Mesmo assim, ainda havia uma quantidade suficiente de túmulos desmoronados para as pessoas poderem dar uma espiada nos ossos.

Era um "monumento histórico".

Uma tarde, o Sr Lonigan levou Rita para conhecê-lo. Mostrou-lhe os famosos túmulos da febre amarela, onde se podia ler uma longa lista dos que morreram com apenas dias de diferença durante a epidemia. Mostrou-lhe o jazigo da família Mayfair, uma grande construção com doze criptas do tamanho de fornos lá dentro. A pequena cerca de ferro em toda sua volta protegia uma faixa minúscula de grama. E os dois jarros de mármore presos ao degrau da frente estavam cheios de flores recém cortadas.

- Puxa, eles cuidam bem disso aqui, não é? - disse Rita. Lindíssimos lírios, palmas-de-santa-rita e cravos-de-amor.

O Sr Lonigan olhava fixamente para as flores. Não respondeu. Em seguida, depois de pigarrear, ele indicou os nomes das pessoas que conhecera.

- Essa aqui, Antha Marie, morta em 1941, essa era a mãe de Deirdre.

- A que caiu da janela - completou Rita. Mais uma vez, ele não respondeu.

- E essa aqui, Stella Louise, morta em 1929, era a mãe de Antha. E foi esse aqui, Lionel, seu irmão, "morto em 1929", que acabou numa camisa-de-força depois de atirar em Stella e matá-la.

- O senhor não está dizendo que ele matou sua própria irmã?

- É isso mesmo que estou dizendo. - Ele foi indicando outros nomes mais na direção do passado. - Miss Mary Beth, essa foi a mãe de Stella e de Miss Carl. E agora, Miss Millie é na verdade filha de Rémy Mayfair. Esse era tio de Miss Carl e morreu na casa de First Street, mas isso foi antes do meu tempo. Lembro-me, no entanto, de Julien. Julien era o que se pode chamar de inesquecível. Um belo homem até o dia em que morreu. Da mesma forma que o filho, Cortland. Veja, Cortland faleceu no ano em que Deirdre teve aquela criança. Mas não fui eu quem enterrou Cortland. A família vivia em Metairie. Dizem que foi toda aquela confusão com o bebê que matou Cortland. Mas isso não importa. Dá para se ver que Cortland estava com oitenta anos de idade. A velha Miss Belle era a irmã mais velha de Miss Carl. Já Miss Nancy, bem, ela é irmã de Antha. A próxima será Miss Millie, ouça o que lhe digo.

Rita não se importava com elas. Estava se lembrando de Deirdre naquele dia remoto no Santa Rosa, quando as duas estavam sentadas na beira da cama juntas. O colar com a esmeralda chegara a ela através de Stella e de Antha.

Ela contou isso a Red, e ele não ficou nem um pouco surpreso. Simplesmente concordou com um gesto de cabeça e disse que sim, que aquele colar havia pertencido a Miss Mary Beth e antes dela a Miss Katherine, que havia construído a casa em First Street, mas Miss Katherine na verdade já não era do seu tempo. Sua recordação mais antiga era de Monsieur Julien...

- Mas o senhor não acha muito estranho que todas elas usem o sobrenome Mayfair. Por que não assumem o nome do marido?

- Elas não podem - respondeu Lonigan. - Se adotarem o sobrenome do marido, não farão jus ao dinheiro da família

Mayfair. Foi assim que ficou estabelecido há muito tempo. É preciso ser uma Mayfair para receber a herança dos Mayfair. Cortland Mayfair sabia disso. Ele conhecia tudo a respeito da questão. Era um excelente advogado. Nunca trabalhou para ninguém a não ser para a família Mayfair. Lembro-me de que ele uma vez me falou sobre isso. Disse que fazia parte do legado.

Red estava novamente com o olhar fixo nas flores.

- O que houve, Red?

- Ah, só uma velha história que contam por aí. De que esses vasos nunca ficam vazios.

- Bem, é Miss Carl quem manda colocar as flores, não é?

- Não que eu saiba - disse o Sr Lonigan. - Mas alguém sempre as coloca ali. - Em seguida, ele se calou como sempre. Ele jamais chegaria a contar o que sabia. Quando ele morreu um ano depois, Rita sentiu tanto quanto se tivesse perdido o próprio pai. Ela não parava, no entanto, de se perguntar os segredos que ele havia levado consigo. Ele sempre havia sido muito bom para Rita.

Jerry nunca foi igual. Depois, ele sempre ficava nervoso quando trabalhava para as antigas famílias.

Deirdre voltou para a casa de First Street em 1976. Diziam que idiota e apalermada em consequência dos tratamentos com choques.

O padre Mattingly, da paróquia, passou para vê-la. Não lhe restava nada do cérebro. Ele contou a Jerry que ela era igual a um bebê ou a uma velha senil.

Rita foi fazer uma visita. Anos haviam se passado desde aquela briga horrível com Miss Carlotta. Rita agora tinha três filhos. Não tinha medo da velha.

Comprou um bonito négligé de seda branca para Deirdre na D. H. Holmes. Miss Nancy levou-a até a varanda.

- Olhe o que Rita Mae Lonigan trouxe, Deirdre.

Uma idiota aparvalhada. E que esquisito ver aquela belíssima esmeralda no colar no seu colo. Era como se estivessem debochando dela quando a faziam usar o colar por cima da camisola de flanela.

Seus pés pareciam inchados e delicados sobre as tábuas nuas do piso da varanda. Sua cabeça caía para um lado enquanto ela olhava pelas telas. Afora isso, porém, ela ainda era Deirdre, ainda bonita, ainda meiga. Rita teve de sair dali.

Nunca fez nenhuma visita. Não transcorria, entretanto, uma semana que fosse sem que ela passasse por First Street só para parar na cerca e acenar para Deirdre, que nem percebia sua presença.

Mesmo assim, Rita insistia. Pareceu-lhe que Deirdre ia ficando mais corcunda e mais magra, que seus braços já não descansavam no colo, mas que ficavam encolhidos, próximos do peito. Rita nunca chegava perto o suficiente para ter certeza. Era essa a vantagem de ficar parada na cerca a acenar.

Quando Miss Nancy faleceu no ano passado, Rita disse que ia comparecer ao enterro.

- Vou por Deirdre - disse ela.

- Mas, queria, Deirdre não vai saber que você está fazendo isso. - Em todos esses anos Deirdre não havia pronunciado uma sílaba sequer.

Rita não se importou. Iria assim mesmo.

Quanto a Jerry, ele não queria ter nada a ver com a família Mayfair. Sentiu falta do seu pai mais do que em qualquer outra ocasião.

- Por que cargas d'água eles não Podem procurar uma outra funerária? - disse ele, entre dentes. Outras pessoas agiam assim, agora que seu pai não estava mais lá. Por que a família Mayfair não lhes seguia o exemplo? Ele detestava as famílias antigas.

- Pelo menos, essa é uma morte natural, ou foi o que me disseram.

- Isso realmente deixou Rita espantada.

- Ora, as mortes de Miss Belle e de Miss Millie não foram "naturais"?

Depois que ele terminou seu trabalho com Miss Nancy naquela tarde, ele disse a Rita como havia sido terrível entrar naquela casa para apanhá-la. Como se tivesse saído direto dos tempos de outrora, era o quarto do andar de cima, com as cortinas fechadas e duas velas acesas diante de um quadro de Nossa Senhora das Dores. O quarto fedia a mijo. E Miss Nancy estava ali morta há horas naquele calor antes de ele chegar.

A pobre Deirdre na varanda telada como um farrapo humano, e a enfermeira negra, segurando a mão de Deirdre e rezando o rosário em voz alta, como se Deirdre ouvisse as ave-marias ou sequer chegasse a perceber sua presença.

Miss Carlotta não quis entrar no quarto de Miss Nancy. Ficou parada corredor de braços cruzados.

- Hematomas, Miss Carl. Nas pernas e nos braços. Ela sofreu alguma queda grave?

- Ela teve o primeiro ataque na escada, Sr Lonigan.

Puxa, como Jerry preferia que seu pai ainda estivesse vivo. Seu Pai sabia como lidar com as famílias antigas.

- Agora, você me (diga, Rita Mae. Por que ela não foi levada para o hospital? Não estamos em 1842! Estamos no mundo atual. E o que eu lhe pergunto.

- Tem gente que quer morrer em casa, Jerry - disse Rita. Eles não lhe haviam dado uma certidão de óbito assinada? Haviam. Claro que sim. Mas ele detestava essas famílias antigas.

- Nunca se sabe o que as pessoas vão fazer - afirmou. - E não é só a família Mayfair. Estou falando de todas as famílias mais antigas. Às vezes os parentes invadiam a sala do velório e começavam a trabalhar no defunto com seu próprio pó-de-arroz e batom. Ora, hoje em dia ninguém com algum juízo faria esse tipo de coisa. E o que dizer daqueles irlandeses que riam e faziam piadas enquanto carregavam o caixão? Um deles largava a alça do seu lado só para que o irmão tivesse de agüentar o peso todo, brincando no caminho do cemitério como se estivessem num desfile de carnaval.

E as histórias que os mais velhos contavam no velório eram de dar náuseas. A velha irmã Bridget Marie, numa noite dessas ali embaixo, contou sobre a viagem de navio desde a Irlanda. A mamãe diz ao bebê no cesto de vime, "Se não parar de chorar, vou jogar você no mar". Em seguida, ela

manda um filho pequeno tomar conta do bebê. Daqui a pouquinho ela volta.

O bebê sumiu do cesto. O outro filho diz, "Ele começou a chorar, e eu o joguei no mar". Agora, que tipo de história é essa para se contar quando se está sentado ao lado de um caixão?

Rita sorriu involuntariamente. Ela sempre havia gostado da irmã Bridget Marie.

- Os Mayfair não são irlandeses - disse ela. - São ricos, e os ricos não se comportam desse jeito.

- Ah, Rita Mae, eles são irlandeses, sim. Ou pelo menos são irlandeses o bastante para serem malucos. Foi o famoso arquiteto irlandês Darcy Monahan quem construiu aquela casa, e ele era o pai de Miss Mary Beth. E Miss Carl é filha do juiz McIntyre, e esse era irlandês como ele só. Um verdadeiro exemplo da velha guarda. Sem dúvida, eles são irlandeses. Tão irlandeses quanto qualquer outra pessoa por aqui no momento atual. Ela estava pasma de ouvir o marido falar tanto. A família Mayfair o incomodava, isso estava bem claro, da mesma forma que havia incomodado seu pai, e ninguém nunca

havia contado a Rita a história inteira. Rita foi à missa fúnebre pela alma de Miss Nancy, na capela. Ela seguiu o cortejo no seu próprio carro. Ele passou por First Street, pela velha casa, em respeito a Deirdre. Não houve, porém, nenhum sinal de que Deirdre houvesse visto todas aquelas limusines negras deslizando por ali. A família Mayfair era tão numerosa. Ora, de onde é que vinha tanta gente? Rita reconheceu vozes de Nova York, vozes da Califórnia e até mesmo vozes sulinas de Atlanta e do Alabama. E ainda todas aquelas vozes de Nova Orleans! Ela não pôde

acreditar ao examinar o livro de presença. Pois não havia Mayfairs da cidade alta, do centro, de Metairie e do outro lado do rio!

Havia até mesmo um inglês ali, um senhor de cabelos brancos trajando terno de linho que até usava uma bengala. Ele ficou para trás ao lado de Rita.

- Puxa, que calor pavoroso está fazendo hoje - disse ele, com sua elegante voz inglesa. Quando Rita tropeçou, ele a firmou pelo braço. Muito gentil.

Ela se perguntava o que toda essa gente pensava daquela casa medonha e do cemitério de Lafayette, com todas aquelas criptas se desintegrando. Todos se acotovelavam pelos corredores estreitos; ficavam nas pontas dos pés para tentar ver alguma coisa por cima dos túmulos maiores. Mosquitos no capim alto. E havia um daqueles ônibus de excursão estacionado junto ao portão bem naquela hora. Os turistas iriam adorar, sem dúvida. Ora, iam ver um belo espetáculo.

O grande choque foi, no entanto, a prima que havia levado o bebê de Deirdre. Pois lá estava ela, Ellie Mayfair, da Califórnia. Jerry mostrou-lhe quem era enquanto o padre dizia as últimas palavras. Ela assinava o livro de presença em todos os enterros nos últimos trinta anos. Alta, de cabelos escuros, usando um vestido de linho azul sem mangas, com um belo bronzeado. Usava, também, um grande chapéu branco, como uma touca com aba, e óculos escuros. Parecia uma artista de cinema. Como todos se reuniam à sua volta. As pessoas apertavam sua mão. Beijavam-lhe o rosto empoadado. Quando se aproximavam muito, estariam fazendo perguntas sobre a filha de Deirdre?

Rita enxugou as lágrimas. Rita Mae, vão me tomar o bebê. O que ela havia feito com aquele pequeno fragmento de cartão branco com a palavra Talamasca? Era provável que estivesse bem aqui no seu livro de orações. Ela nunca jogava nada fora. Talvez devesse conversar com aquela mulher, só para lhe perguntar como poderia entrar em contato com a filha de Deirdre.

Talvez algum dia aquela menina devesse ouvir o que Rita tinha a contar. Mas também, que direito tinha Rita de se intrometer a esse ponto? No entanto, se Deirdre morresse antes de Rita, e Rita visse aquela mulher mais uma vez, bem, nesse caso ela iria fazer a pergunta. Nada a impediria. Ela quase começou a chorar ali mesmo. E, imagine só, as pessoas teriam pensado que estava chorando pela velha Miss Nancy. Era de rir. Ela se virou, tentando esconder o rosto e viu, então, o inglês, aquele senhor, com os olhos fixos nela. Seu rosto tinha uma expressão bem estranha, como se ele estivesse preocupado com o fato de ela chorar. Ela chorou mesmo e fez um pequeno gesto para ele como se dissesse, está tudo bem. No entanto, ele se aproximou mesmo assim.

Deu-lhe o braço, como havia dado antes, e a ajudou a caminhar um pouco para fora do grupo, onde havia um banco no qual ela se sentou. Quando ergueu os olhos, ela podia jurar que Miss Carl tinha os olhos fixos nela e no inglês, mas Miss Carl estava realmente muito longe, e o sol batia em cheio nos seus óculos. Era provável que nem os estivesse vendo.

Foi então que o inglês lhe deu um cartãozinho branco e disse que gostaria de poder conversar com ela. Sobre que assunto, pensou ela, mas aceitou o cartão e o guardou no bolso.

Mais tarde naquela noite, ela o encontrou. Estava procurando o santinho distribuído no enterro, e lá estava o cartãozinho do homem, com aqueles mesmos nomes depois de todos esses anos: Talamasca e Aaron Lightner. Por um instante, Rita achou que fosse desmaiar direto. Talvez ela tivesse cometido um grande erro. Procurou aflita pelo velho cartão no livro de orações, ou pelo que sobrava dele. E de fato os dois eram iguais. No cartão novo, o inglês havia escrito a tinta o nome do Monteleone hotel no centro da cidade e o número do seu apartamento.

Rita encontrou Jerry acordado, sentado à mesa da cozinha, bebendo.

- Rita Mae, você não pode ir conversar com esse homem. Não pode lhe contar nada a respeito daquela família.

- Mas, Jerry, tenho de contar o que aconteceu antes. Tenho de lhe dizer que Deirdre tentou entrar em contato com ele.

- Isso foi há muitos e muitos anos, Rita Mae. A criança agora já é adulta. Ela é médica, você sabia? Vai ser cirurgia, ao que eu soube.

- Não me importa, Jerry. - Rita perdeu o controle, mas mesmo através das lágrimas ela fez algo de estranho. Estava com os olhos fixos no cartão, gravando na memória tudo o que estava nele. Ela decorou o número do apartamento do hotel. Decorou o número do telefone de Londres. E exatamente como havia imaginado, Jerry de repente apanhou o cartão e o enfiou no bolso da camisa. Ela não disse nada. Só continuou a chorar.

Jerry era o homem mais generoso do mundo, mas ele nunca iria compreender.

- Foi bonito, você ter ido ao enterro, querida.

Rita não tocou mais no assunto do inglês. Não ia se indispor com Jerry. Bem, pelo menos até aquele instante ela ainda não havia se decidido.

- Mas o que aquela garota lá na Califórnia sabe sobre a própria mãe? - perguntou Rita. - Quer dizer, será que ela sabe que Deirdre não quis nunca renunciar a ela?

- Querida, você tem de deixar isso para lá.

Na vida de Rita, nunca houve um momento que se assemelhasse àquele anos atrás no jardim das freiras, em que ouviu Deirdre com aquele homem, em que ouviu duas pessoas falarem de amor daquele jeito. No crepúsculo. Rita havia contado a história a Jerry, mas ninguém conseguia compreender.

Era preciso que se estivesse lá, sentindo o perfume dos lírios e vendo o céu de um azul de vitral através dos galhos das árvores. E pensar naquela menina tão longe, talvez sem nunca saber como era de fato sua mãe verdadeira...

Jerry abanou a cabeça. Encheu o copo de Bourbon e bebeu metade dele.

- Querida, se ao menos você soubesse o que eu sei dessa gente.

Jerry estava mesmo bebendo demais. Rita percebeu isso. Jerry não era um fofoqueiro. Um bom agente funerário não podia ser indiscreto. Mas nesse instante ele começou a falar, e Rita deixou que falasse.

- Querida, nunca houve nenhuma esperança para Deirdre naquela família. Seria possível dizer que ela foi amaldiçoada ao nascer. Era isso o que papai dizia.

Jerry era apenas um aluno do primeiro grau quando a mãe de Deirdre, Antha, morreu, numa queda do telhado da varanda abaixo da janela do sótão da casa. O crânio abriu-se no chão do pátio. Deirdre era um bebê na ocasião, da mesma forma que Rita Mae, é claro. Mas Jerry já trabalhava com o pai.

- Estou lhe dizendo que raspamos partes do seu cérebro das lajes. Foi horrível. Ela só tinha vinte anos, e era bonita! Mais bonita até do que Deirdre chegaria a ser. E você precisava ver as árvores naquele quintal, querida. Era como se estivesse acontecendo um furacão exatamente sobre a casa, do jeito que as árvores se mexiam. Mesmo aquelas magnólias sólidas estavam se curvando e se retorcendo.

- É, eu já as vi assim - disse Rita, mas calou-se para que ele continuasse a falar.

- O pior foi quando voltamos para cá e papai deu urna boa olhada em Antha. Ele disse de cara, "Está vendo esses arranhões em volta dos olhos? Ora, isso não aconteceu na queda. Não havia árvores abaixo daquela janela".

E então papai descobriu que um dos olhos estava arrancado da órbita. Bem, papai

sabia o que fazer nessas situações.

- Ele foi direto telefonar para o Dr Fitzroy. Disse que achava ser necessário realizar uma autópsia. E fincou pé quando o Dr Fitzroy quis argumentar com ele. Afinal, o Dr Fitzroy confessou que Antha Mayfair havia enlouquecido e tentado arrancar os próprios olhos. Miss Carl procurou impedi-la, e foi então que Antha correu para o sótão. Ela caiu, é certo, mas estava totalmente fora de si quando isso aconteceu. Miss Carl presenciou tudo. E não havia motivo nenhum neste mundo para que as pessoas comesçassem a falar

nisso, para que essa notícia saísse nos jornais. Será que não havia sido suficiente a dor pela qual a família havia passado com a morte de Stella? O Dr Fitzroy disse a papai que ligasse para a casa paroquial de Santo Afonso e conversasse com o pároco se ainda lhe restava alguma dúvida.

- "Para mim esse não me parece um ferimento provocado por ela mesma", disse papai. "Mas se o senhor se dispõe a assinar o atestado de óbito num caso desses, bem, acho que fiz o que pude." E nunca houve autópsia nenhuma. Mas papai sabia do que estava falando.

- É claro que ele me fez jurar não contar nunca a ninguém uma palavra disso. Eu era muito amigo de papai naquela época, já o ajudava muito. Ele sabia que podia confiar em mim. E eu agora estou confiando em você, Rita Mae.

- Que coisa mais horrível, arrancar os próprios olhos! - sussurrou Rita, pedindo a Deus que Deirdre nunca tivesse conhecimento disso.

- É, mas você ainda não ouviu tudo - disse Jerry, tomando mais um gole de Bourbon. - Quando começamos a arrumá-la, encontramos nela o famoso colar com a esmeralda, aquele mesmo que Deirdre usa agora, a famosa esmeralda da família Mayfair. A corrente estava enroscada no pescoço e a pedra presa no cabelo na nuca. Estava coberta de sangue e só Deus sabe mais o quê. Bem, até papai ficou chocado, apesar de tudo o que ele já havia visto neste mundo, ao tirar o cabelo e os fragmentos de ossos daquela jóia. E ele disse que não era a primeira vez que tinha de limpar sangue daquele colar. Da outra vez, ele o havia encontrado no pescoço de Stella Mayfair, mãe de Antha.

Rita lembrou-se daquele dia remoto no Santa Rosa, do colar na mão de Deirdre. E do Sr Lonigan, muitos anos mais tarde,

mostrando-lhe o nome de Stella na lápide.

- E Stella foi a que foi morta a tiros pelo próprio irmão.

- Foi, e isso foi horrível, pelo que papai dizia. Stella era a rebelde da sua geração. Mesmo antes da morte da mãe, ela enchia aquela velha casa com luzes, com festas noite após noite, com bebida clandestina à vontade e músicos tocando ao vivo. Só Deus sabe o que Miss Carl, Miss Millie e Miss Beth pensavam daquilo tudo. Mas, quando ela começou a trazer seus homens para dentro de casa, Lionel encarregou-se do assunto, matando-a a tiros. Ele estava era com ciúme dela. Bem na frente de todos no salão, ele disse, "Vou matá-la para não deixar que ele fique com você".

- Ora, o que você está me dizendo? Que o irmão e a irmã iam juntos para a cama?

- Pode ter sido, querida. Pode ter sido. Ninguém nunca soube o nome do pai de Antha. Poderia ter sido Lionel tanto quanto qualquer outro. Costumavam mesmo dizer... Mas Stella não se incomodava com o que as pessoas pensassem. Dizem que, quando estava grávida de Antha, ela convidou todas as amigas para uma enorme festa na casa. Stella nunca se perturbou com o fato de ter aquele bebê sem estar casada.

- Ora, nunca ouvi nada semelhante - disse Rita, baixinho. - Especialmente naquela época, Jerry.

- Pois era assim que era, querida. E não foi só de papai que eu ouvi algumas dessas coisas. Lionel deu um tiro na cabeça de Stella, e todo mundo dentro da casa simplesmente enlouqueceu, quebrando as janelas que davam para as varandas só para poder sair dali. Um verdadeiro pânico. E você não sabe que a pequena Antha estava no andar superior? Que ela desceu durante aquela

confusão toda e viu a mãe ali deitada, morta no chão da sala de estar?

Rita abanou a cabeça. O que Deirdre havia dito naquela tarde remota? E dizem que a mãe dela também morreu ainda jovem, mas nunca se fala nela.

- Lionel acabou numa camisa-de-força depois de matar Stella a tiros. Papai sempre dizia que a culpa o deixou fora de si. Ele não parava de berrar que o diabo não queria deixá-lo em paz, que sua irmã havia sido uma bruxa, e que ela havia mandado um demônio persegui-lo. Ele afinal morreu durante um ataque, sufocou-se com a própria língua, sem ninguém por perto para ajudá-lo. Abriram a cela acolchoada, e lá estava ele, morto, e já escurecendo. Pelo menos dessa vez, o corpo veio todo costuradinho do médico - legista. Foram os arranhões no rosto de Antha doze anos mais tarde que sempre

assustaram papai.

- Pobre Dee Dee. Ela deve ter sabido parte dessas histórias.

- É, até mesmo um bebê muito pequeno sabe das coisas. Você sabe que é verdade! E, quando papai e eu fomos retirar o corpo de Antha do pátio, ouvíamos a pequenina Deirdre chorando a mais não poder lá dentro como se soubesse que sua mãe estava morta. Ninguém apanhava aquela criança no colo, ninguém a consolava. Ouça o que lhe digo, essa menina já nasceu amaldiçoada. Não havia esperança para ela com todos esses acontecimentos na família. Foi por isso que mandaram a criança para o oeste, para afastá-la de tudo isso. E se eu fosse você, querida, eu não me meteria nessa história.

Rita pensou em Ellie Mayfair, tão bonita. Provavelmente, neste exato instante, já a

bordo de um avião para San Francisco.

- Dizem que essa gente da Califórnia é rica. Quem me contou foi a enfermeira de Deirdre. A moça tem seu próprio iate, lá na baía de San Francisco, na água atracado direto na varanda da frente da casa. O pai é um grande advogado lá para aquelas bandas, um verdadeiro espertalhão, mas ganha muito bem. Se existe alguma maldição na família Mayfair, a menina conseguiu se livrar dela.

- Jerry, você não acredita em maldições e sabe muito bem disso.

- Querida, pense um instante naquele colar com a esmeralda. Por duas vezes, papai teve de limpar o sangue nele. Sempre me pareceu que a própria Miss Carlotta acreditava que houvesse uma maldição na jóia. Na primeira vez em que papai o limpou, quando da morte de Stella, sabe o que Miss Carlotta queria que papai fizesse? Que pusesse o colar no caixão junto com Stella. Foi papai quem me contou isso. Sei que é verdade. E papai se recusou a seguir suas instruções.

- Bem, pode ser que não seja verdadeira, Jerry.

- Ora, Rita Mae, com aquela esmeralda dava para se comprar um quarteirão em Canal Street, no centro. Papai pediu a Hershman de Magazine Street que avaliasse a pedra. O que eu quero dizer é que aqui estava ele com Miss Carlotta, dizendo coisas do tipo, "Manifesto meu desejo de que ponha o colar no caixão com minha irmã". Por isso, ele liga para Hershman, já que ele e Hershman eram muito amigos. Hershman afirma que a pedra é mesmo verdadeira, que é a esmeralda mais bela que já viu. Que nem saberia atribuir-lhe algum preço. Que teria de levar uma jóia dessas até Nova York para uma avaliação real. Acrescentou que o

mesmo acontecia com todas as jóias da família Mayfair. Uma vez ele as limpava para Miss Mary Beth antes que ela as deixasse para Stella. Disse que esse tipo de jóia costuma acabar em exibição nos museus.

- E então o que disse Red a Miss Carlotta?

- Disse que não, que não ia pôr nenhuma esmeralda de milhões de dólares num caixão. Ele a limpou muito bem com álcool, conseguiu um estojo de veludo para ela na loja de Hershman e depois a levou para Miss Carl. O mesmo que fizemos anos mais tarde quando Antha caiu da janela. Dessa vez, porém, Miss Carl não nos pediu que a enterrássemos. Também não exigiu que o velório fosse no salão da casa.

- No salão!

- Bem, foi ali o velório de Stella, Rita Mae, bem ali naquela casa. Era assim que se fazia antigamente. O enterro do velho Julien Mayfair saiu daquela casa, bem como o de Miss Mary Beth, e isso foi em 1925. E era assim que Stella queria que fosse. Ela deixou por escrito no testamento, e assim foi feito. Já no caso de Antha, nada disso ocorreu. Nós devolvemos o colar, papai e eu juntos. Eu entrei com papai, e Miss Carl estava naquele salão duplo sem nenhuma luz acesa, e olhe que é escuro ali com todas aquelas árvores, varandas e tudo o mais. Lá estava ela sentada, embalando a pequena Deirdre no berço ao seu lado. Entrei com papai, e ele pôs o colar na mão dela. Sabe o que ela fez? Ela disse, "Muito obrigada, Red Lonigan". Voltou-se e pôs o estojo da jóia no berço do bebê.

- Mas por que ela fez isso?

- Porque pertencia a Deirdre, é esse o motivo. Miss Carl nunca teve direito a nenhuma daquelas jóias. Miss Mary

Beth deixou-as para Stella; Stella designou Antha para ficar com elas, e a filha única de Antha era Deirdre. Sempre foi assim. Todas elas passam para uma das filhas.

- Bem, e se o colar for mesmo amaldiçoado - disse Rita. Meu Deus, só de pensar nele no pescoço de Deirdre, ela estando do jeito que está. Rita mal conseguia suportar a idéia.

- Bem, se ele é amaldiçoado, talvez a casa também seja, porque as jóias acompanham a casa e a dinheirama toda.

- Você está me dizendo, Jerry Lonigan, que aquela casa pertence a Deirdre?

- Ora, Rita, todo mundo sabe disso. Como é que você não sabia?

- Você está me dizendo que a casa é dela e que aquelas mulheres moraram ali todos esses anos em que ela esteve trancafiada, para depois a trazerem de volta daquele jeito, e ela fica ali sentada e...

- Ora, Rita, não precisa ficar histérica. Mas é isso o que lhe digo. Ela pertence a Deirdre, da mesma forma que pertenceu a Antha e a Stella. E será herdada por aquela filha lá da Califórnia quando Deirdre morrer, a não ser que alguém consiga alterar todos aqueles antigos documentos, e eu não acho que se possa alterar nada desse tipo. O testamento é muito antigo. Ele remonta ao tempo em que possuíam a fazenda, e a tempos ainda anteriores, quando ainda estavam nas ilhas, sabe, no Haiti, antes de se transferirem para cá. Chamam-no de legado. E eu me lembro que Hershman costumava dizer que Miss Carl começou a estudar direito quando era bem nova só para aprender um jeito de driblar o legado. Mas nunca teve sucesso. Mesmo antes de Miss Mary Beth morrer, todos já sabiam que Stella seria a herdeira.

- Mas e se a tal moça da Califórnia não souber de nada?

- É a lei, querida. E apesar de tudo o mais que ela possa ser, Miss Carl é uma boa advogada. Além disso, o legado está vinculado ao nome Mayfair. Você tem de usar o sobrenome ou não podem herdar nada do legado. E essa moça usa o sobrenome. Eu soube disso quando ela nasceu. Da mesma forma que sua mãe adotiva, Ellie Mayfair, a que veio hoje e assinou o livro de presença. Eles sabem. As pessoas sempre sabem quando têm dinheiro a ganhar. E ainda, os outros membros da família Mayfair lhe diriam. Ryan Mayfair lhe diria. Ele é neto de Cortland, e Cortland adorava Deirdre. Realmente adorava. Ele já era muito velho quando Deirdre teve de renunciar o bebê, e pelo que eu soube ele se opôs o tempo todo. Grande ajuda a dele. Eu soube que ele teve uma briga horrível com Miss Carlotta a respeito do bebê, disse que Deirdre enlouqueceria se tivesse de renunciar à criança, e Miss Carlotta disse que Deirdre já era louca mesmo. Grande ajuda a dele. Jerry terminou seu Bourbon. Serviu mais um copo.

- Mas Jerry, e se houver outras coisas que a filha de Deirdre não sabe? - perguntou Rita. - Por que ela não compareceu ao enterro hoje? Por que ela não quis vir ver sua mãe?

Rita Mae, vão me tomar o bebê!

Jerry não respondeu. Seus olhos estavam injetados. Ele havia exagerado no Bourbon.

- Papai sabia muito mais sobre essa gente - disse ele, com a voz agora enrolada. - Mais do que quis me contar. A única coisa que ele de fato disse foi que era certo tirar o bebê de Deirdre e dá-lo a Ellie Mayfair, pelo bem do bebê. Papai também me contou uma outra coisa. Que Ellie Mayfair não podia ter filhos e que o marido estava muito decepcionado

por isso e quase a ponto de deixá-la quando Miss Carl ligou de tão longe e perguntou se queriam o bebê de Deirdre. "Não vá contar isso a Rita Mae", disse papai, "mas para todo mundo foi uma bênção. E o velho Sr Cortland, que Deus o tenha, estava enganado".

Rita Mae sabia o que ia fazer. Ela nunca havia mentido a Jerry em toda sua vida. Só não lhe contou a verdade. Na tarde do dia seguinte, ela telefonou para o Monteleone Hotel. O inglês acabara de fechar sua conta! Mas talvez ainda se encontrasse no saguão. O coração de Rita Mae batia forte enquanto ela esperava.

- Aqui fala Aaron Lightner. Sim, Sra Lonigan. Por favor, tome um táxi e eu pago sua corrida. Estarei à sua espera.

Ela ficou tão nervosa que se atrapalhou com as palavras, esqueceu coisas quando

ia saindo da casa e teve de voltar para apanhá-las. No entanto, estava feliz com sua atitude. Mesmo que Jerry a tivesse pego em flagrante, ela teria prosseguido com seu plano.

O inglês levou-a até o Desire Oyster Bar, logo depois da esquina, um lugar bonito com ventiladores no teto, grandes espelhos e portas abertas para Bourbon Street. Parecia exótico a Rita, como o French Quarter sempre lhe parecia. Ela quase nunca ia até ali.

Sentaram-se a uma mesa com tampo de mármore, e ela aceitou um copo de vinho branco porque foi isso o que o inglês pediu e a idéia lhe agradou. Que bela aparência tinha esse homem. No caso dele, a idade não importava. Ele era mais bonito do que outros homens mais jovens. Ela ficou ligeiramente nervosa por se sentar tão perto dele. E o jeito

que os seus olhos a examinavam fez com que ela se derretesse como se fosse de novo uma adolescente.

- Pode falar, Sra Lonigan. Estou ouvindo.

Ela procurou ir devagar mas, uma vez começada a história, tudo veio aos borbotões. Logo ela estava chorando, e era provável que ele não entendesse uma palavra do que ela dizia. Ela lhe entregou aquele pedaço de cartão velho e retorcido. Ela lhe contou dos anúncios que mandou publicar e de como havia contado a Deirdre que não conseguiu encontrá-lo. Veio, então, a parte mais difícil.

- Existem coisas que essa moça na Califórnia não sabe! A propriedade é dela, e talvez os advogados lhe passem essa informação, mas o que dizer da maldição, Sr Lightner? Estou confiando no senhor. Estou lhe dizendo coisas que o meu marido não quer que eu conte a nenhum ser humano. Só que, se Deirdre confiou no senhor naquela época, isso para mim basta. Estou lhe dizendo, as jóias e a casa são amaldiçoadas.

Enfim, ela lhe contou tudo. Contou tudo o que Jerry lhe havia dito. Tudo o que Red um dia chegara a dizer. Absolutamente tudo o que conseguiu recordar. Interessante que ele não ficou nem surpreso nem escandalizado. E ele lhe garantiu repetidamente que faria o possível para fazer essas informações chegarem àquela moça lá na Califórnia.

Quando terminou de falar e ficou ali sentada limpando o nariz com o lenço, o vinho branco intacto, o homem lhe perguntou se guardaria o cartão, se o chamaria caso ocorresse qualquer "alteração" no estado de Deirdre. Se não o encontrasse, ela devia deixar um recado. Quem atendesse o telefone iria compreender. Ela só precisava dizer que era algo relacionado a Deirdre Mayfair.

Ela tirou o livro de orações da bolsa.

- Passe-me os números novamente - disse ela, e acrescentou as palavras "algo relacionado a Deirdre Mayfair". Só depois de escrever tudo, ela pensou em fazer uma pergunta. - Diga-me, então, Sr Lightner, como veio a conhecer Deirdre?

- É uma longa história, Sra Lonigan. Pode-se dizer que venho observando aquela família há anos. Tenho dois quadros pintados pelo pai de Deirdre, Sean Lacy. Um deles é de Antha. Foi ele que morreu numa estrada em Nova York antes de Deirdre nascer.

- Morreu numa estrada? Eu nunca soube disso.

- Duvido que alguém por aqui tivesse conhecimento. Era um bom pintor. Fez um belíssimo quadro de Antha com o famoso colar com a esmeralda. Consegui obtê-lo por meio de um marchand de Nova York alguns anos depois que os dois haviam falecido. Deirdre talvez estivesse com uns dez anos nessa época. Só a conheci quando ela foi para a faculdade.

- Estranha essa história de o pai de Deirdre ter sofrido um acidente na estrada. Foi exatamente o que aconteceu com o namorado de Deirdre, o homem com quem ela ia se casar. O senhor sabia? Que o carro se desgovernou na estrada que beira o rio, quando ele estava vindo para Nova Orleans?

Ela achou ter percebido uma pequena mudança na expressão do inglês, mas não teve certeza. Pareceu - lhe que seus olhos se contraíram só por um segundo.

- É, eu já sabia. - Ele aparentava estar pensando em coisas que não queria lhe contar. Depois, recomeçou a falar. - Sra Lonigan, gostaria que me fizesse uma promessa.

- E qual é ela, Sr Lightner?

- Se acontecer alguma coisa, algo totalmente inesperado, e a filha da Califórnia voltar para cá, por favor não tente falar com ela. Ligue-me em vez disso. Pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite, e prometo que estarei aqui assim que conseguir um voo de Londres.

- O senhor quer dizer que eu mesma não devo contar essas coisas à filha? É isso o que está dizendo?

- É - respondeu ele, com ar muito sério, tocando sua mão pela primeira vez mas de uma forma bastante cavalheiresca sem absolutamente nenhum sinal de desrespeito. - Não volte àquela casa. Não volte lá especialmente se a filha estiver na casa. Prometo-lhe que, se eu mesmo não puder vir, outra pessoa virá, uma outra pessoa que realizará o que desejamos que seja feito, alguém inteiramente familiarizado com toda a história.

- Puxa, isso tiraria um grande peso da minha cabeça - disse Rita. Ela sem dúvida não queria falar com aquela moça, uma perfeita desconhecida, para tentar lhe contar todas essas coisas. De repente, porém, tudo começou a intrigá-la. Pela primeira vez, ela começou a se perguntar quem seria esse homem simpático. Estaria ela enganada ao confiar nele?

- Pode confiar em mim, Sra Lonigan - disse ele, exatamente como se soubesse o que ela estava pensando. - Peço-lhe que tenha certeza disso. Eu conheci a filha de Deirdre e sei que se trata de uma pessoa muito calada e, bem, como poderei dizer, intimidante. Não é fácil conversar com ela, se é que me entende. Creio, porém, que eu posso explicar algumas coisas para ela.

Bem, isso aí fazia sentido.

- Claro, Sr Lightner.

Ele olhava para ela. Talvez soubesse como estava confusa, como aquela tarde havia lhe parecido estranha, com toda essa conversa sobre maldições e tudo o mais, sobre gente já morta e aquele colar antigo e misterioso.

- É, eles são muito estranhos - disse ele.

- Parece que o senhor leu meu pensamento - disse Rita, rindo.

- Não se preocupe mais. Vou fazer com que Rowan Mayfair saiba que sua mãe não renunciou a ela. Vou me encarregar de que Rowan saiba tudo o que a senhora quer que ela saiba. Devo isso a Deirdre, não acha? Gostaria de ter podido ajudar quando ela precisou de mim.

Bem, isso já era mais do que suficiente para Rita. Daí e m diante, todos os domingos, quando Rita ia à missa, ela abria a última página do seu missal e olhava para o número do telefone do homem em Londres.

Ela lia aquelas palavras "algo relacionado a Deirdre Mayfair".

Depois, fazia uma oração por Deirdre, e não lhe parecia errado tratar-se da oração

pelos mortos. Essa parecia ser a oração adequada ao caso.

- Que a luz eterna a ilumine, ó Senhor, e que ela descanse em paz. Amém. E agora já haviam se passado mais de doze anos desde que Deirdre assumira seu lugar na varanda, mais de um ano desde que o inglês havia chegado e ido embora, e estavam falando em internar Deirdre novamente.

Era a casa que estava em ruínas à sua volta, naquele triste jardim descuidado, e iam mais uma vez trancafiá-la.

Talvez Rita devesse ligar para o homem. Talvez ela devesse lhe passar essa informação. Ela simplesmente não sabia.

- Interná-la é a melhor solução - disse Jerry - antes que Miss Carl fique velha demais para tomar essa decisão. E a verdade é que, bem, detesto ter de dizer isso, querida, mas Deirdre está piorando cada vez mais. Dizem que está morrendo. Morrendo.

Ela esperou até Jerry ir para o trabalho. Deu, então, o telefonema. Ela sabia que a chamada apareceria na conta e que era provável que ela tivesse de acabar contando alguma coisa a Jerry. Mas isso não importava. O que importava agora era fazer a telefonista compreender que ela queria ligar para um telefone do outro lado do oceano.

Foi uma mulher gentil que atendeu a ligação, e a chamada foi a cobrar como o inglês havia prometido. A princípio, Rita não conseguia entender tudo o que a mulher dizia, falava tão rápido, mas depois descobriu que o Sr Lightner estava nos Estados Unidos. Estava em San Francisco. A mulher ligaria para ele imediatamente. Rita podia lhe dar o número do seu telefone?

- Ah, não. Não quero que ele ligue para cá. Basta que você lhe dê um recado. É muito importante. Que Rita Mae Lonigan ligou para avisar sobre "algo relacionado com Deirdre Mayfair". Pode anotar isso? Diga-lhe que Deirdre Mayfair está muito mal, que está piorando a olhos vistos, que talvez esteja morrendo.

Rita perdeu o fôlego ao dizer essa última palavra. Não conseguiu dizer mais nada depois. Tentou responder com clareza quando a mulher repetiu o recado. A mulher ia ligar

imediatamente para o Sr Lightner no St Francis Hotel em San Francisco. Rita chorava quando desligou o telefone.

Naquela noite, ela sonhou com Deirdre, mas não conseguiu se lembrar de nada ao acordar, a não ser de que Deirdre estava lá, ao crepúsculo, e que o vento soprava nas árvores dos fundos do Santa Rosa de Lima. Quando abriu os olhos, pensou no vento soprando nas árvores. Ouviu Jerry contando como foi no dia em que foram retirar o corpo de Antha. Lembrou-se da tempestade de vento nas árvores naquele dia terrível em que ela e Miss Carl lutaram pelo cartãozinho onde estava escrito Talamasca. Vento nas árvores no jardim por trás do Santa Rosa de Lima.

Rita levantou-se e foi à missa cedo. Foi até o altar consagrado à Virgem Santíssima e acendeu uma vela. Ela implorou pela vinda do Sr Lightner. Implorou pela graça de que ele pudesse conversar com a filha de Deirdre. Percebeu, então, enquanto orava, que o que a preocupava não era a herança, nem a maldição do lindo colar com a esmeralda. Pois Rita não acreditava que Miss Carl, por mais cruel que fosse, tivesse coragem de desrespeitar a lei. E Rita não acreditava na existência de maldições.

Ela acreditava, sim, no amor que sentia do fundo do coração por Deirdre Mayfair. Ela acreditava que uma filha tinha o direito de saber que sua mãe havia sido um dia a mais meiga e gentil das criaturas, uma menina amada por todos, uma linda mocinha na primavera de 1957, quando um homem bonito e elegante num jardim na penumbra a chamara de minha amada.

Capítulo 6

Ele ficou parado debaixo do chuveiro uns dez minutos, mas continuava bêbado como ele só. Em seguida, conseguiu se cortar duas vezes com o barbeador. Nada de grande importância, mas uma nítida indicação de que ele devia ter muito cuidado com essa senhora que estava vindo para cá, essa médica, esse ser misterioso que o içou do mar.

Tia Viv ajudou-o a vestir a camisa. Ele tomou mais um gole rápido de café. Pareceu-lhe horrível, embora fosse um café perfeito. Ele próprio o havia preparado. Uma cerveja era o que ele queria. Não tomar uma cerveja agora equivalia a não poder respirar. Mas o risco era simplesmente demasiado.

- Afinal o que você vai fazer em Nova Orleans? - perguntou tia Viv, lamentosa. Seus pequenos olhos azuis pareciam lacrimejantes, avermelhados. Ela alisou as lapelas do paletó cáqui com suas mãos magras e retorcidas. Tem certeza de que não vai precisar de um casaco mais pesado?

- Tia Viv, lá é Nova Orleans, e em agosto. - Ele lhe deu um beijo na testa. - Não se preocupe comigo. Estou ótimo.

- Michael, não entendo por que...

- Tia Viv, juro que ligo assim que chegar lá. A senhora tem o telefone do Pontchartrain se quiser ligar e deixar um recado antes da minha chegada. Ele havia pedido aquela mesma suíte onde ela ficara anos atrás, quando ele, com apenas onze anos, acompanhara a mãe numa visita a ela, aquela grande suíte com vista para St. Charles Avenue, com o piano de 1/4 de cauda.

E, eles sabiam qual era a suíte que ele queria. É, ela estava disponível. E, o piano ainda estava nela. Depois a linha aérea confirmou sua reserva na primeira classe, com um

assento no corredor, às seis da manhã. Nenhum problema. Só tudo se encaixando com perfeição.

E tudo graças ao Dr Morris e a essa misteriosa Dra Mayfair, que estava agora a caminho. Ele havia se enfurecido quando soube que ela era médica.

- Então é esse o motivo de todo o segredo - disse ao Dr Morris. - Médicos não costumam incomodar outros médicos, heii,? Médicos não dão o telefone particular de outros médicos. O senhor sabia que essa é uma questão que deveria vir a público. Eu devia...

Morris, porém, conseguiu silenciá-lo rapidamente.

- Michael, ela está indo até aí para apanhá-lo. Ela sabe que você está embriagado e sabe que você é maluco. Mesmo assim, ela vai levá-lo até sua casa em Tiburon e vai deixar que você engatinhe o quanto quiser no barco.

- Tudo bem. Sou-lhe grato, pode ter certeza.

- Então saia da cama, tome uma chuveirada e faça a barba.

Pronto! E agora nada ia impedi-lo de fazer essa viagem. É por isso que ele ia sair direto da casa em Tiburon para o aeroporto onde cochilaria numa cadeira plástica, se fosse preciso, até o embarque no voo para Nova Orleans.

- Mas, Michael, qual é o motivo para tudo isso? - insistia tia Viv. - É o que eu simplesmente não consigo compreender. - Ela parecia flutuar tendo ao fundo a luz do corredor, uma mulher minúscula num vestido de seda bamba, os cabelos grisalhos nada mais do que fios apesar dos cachinhos e dos grampos a fixá-los, sem consistência como o vidro estirado que costumavam usar para enfeitar as árvores de Natal antigamente, que chamavam de cabelo de anjo.

- Prometo que não vou me demorar - disse Michael com carinho.

De repente, porém, um pressentimento o dominou. Ele teve a distinta sensação, aquele tipo de telepatia vaga, de que nunca mais voltaria a morar nesta casa. Não, isso não podia ser verdade. Era só o álcool que borbulhava dentro dele, deixando-o louco, e os meses de total isolamento. Ora, só isso já bastava para desequilibrar qualquer um. Ele deu um beijo no seu rosto macio.

- Tenho de dar uma olhada na mala - disse ele. Tomou mais um gole do café.

Estava se sentindo melhor. Limpou cuidadosamente seus óculos de aro de tartaruga antes de voltar a pô-los, e verificou o par de reserva no bolso do paletó.

- Arrumei tudo nela - disse tia Viv, abanando a cabeça de leve. Ela estava parada ao seu lado, junto à mala aberta. Um dedo nodoso apontava as roupas dobradas com perfeição. - Seus ternos leves, os dois. Seu aparelho de barba. Está tudo aí. Ah, e sua capa de chuva. Não se esqueça da capa, Michael. Em Nova Orleans chove o tempo todo.

- Certo, tia Viv, não se preocupe. - Ele fechou a mala e a trancou. Não se deu ao trabalho de lhe dizer que a capa de chuva havia sido destruída com o afogamento. Podia ser que a famosa Burberry houvesse sido feita para as trincheiras da guerra, mas não para o mergulho. O forro de lã estava perdido. Ele passou o pente pelo cabelo, detestando a sensação das luvas. Ele não dava a impressão de estar bêbado, a não ser que estivesse bêbado demais para perceber. Olhou para o café. Beba o resto, seu idiota. Essa mulher está fazendo uma consulta a domicílio só para

agradar um beberrão. O mínimo que você pode fazer é tentar não cair da sua própria escada da frente.

- Isso foi a campainha? - Ele apanhou a mala. É, estava pronto, perfeitamente pronto para ir embora.

E então aquele pressentimento novamente. O que era isso, um presságio? Olhou para o quarto, o papel de parede listrado, as madeiras das quais ele havia descascado a tinta com tanta paciência para depois pintá-las, a pequena lareira na qual ele próprio havia colocado os azulejos espanhóis. Ele nunca mais ia usufruir nada daquilo. Nunca mais iria se deitar naquela cama de latão. Ou olhar através das cortinas de ponje para as distantes luzes espectrais do centro da cidade.

Sentiu uma tristeza pesada, como se estivesse de luto. Na realidade, era exatamente a mesma tristeza que havia sentido quando da morte daqueles que amava. Tia Viv apressou-se pelo corredor, com os tornozelos inchados e doloridos, a mão tateando, até acertar o botão do porteiro eletrônico e apertá-lo com firmeza.

- Pronto?

- Sou a Dra Rowan Mayfair. Vim ver Michael Curry.

Meu Deus, estava acontecendo. Ele estava mais uma vez ressuscitando dos mortos.

- Já estou indo - disse ele. - Não precisa ir até lá embaixo comigo, tia Viv. - Mais uma vez, ele lhe deu um beijo. Se ao menos conseguisse se livrar desse pressentimento. O que seria dela se alguma coisa acontecesse a ele? - Logo estarei de volta, prometo. - Num impulso, ele a abraçou forte por algum tempo antes de soltá-la.

Desceu, então, correndo os dois lances da escada, assoviando um pouco, de tão bom que era estar se movimentando, estar a caminho. Quase abriu a porta da frente sem verificar se havia repórteres. Parou e espiou por um pequeno cristal facetado engastado no centro do retângulo do vitral.

Uma mulher alta como uma gazela estava aos pés da escadaria, de perfil, olhando pela rua abaixo. Tinha pernas longas de blue jeans e cabelo louro e ondulado cortado em estilo pajem, que tocava de leve sua bochecha.

Dava uma impressão de juventude e frescor, e de uma sedução natural, na sua japona justa azul-marinho, com a gola do suéter grosso enrolada junto ao pescoço.

Ninguém precisou lhe dizer que essa era a Dra Mayfair. Um súbito calor surgiu nas suas virilhas e circulou pelo seu corpo, fazendo com que seu rosto ardesse. Ele a teria considerado atraente e interessante, não importa onde ou quando a encontrasse. Mas saber que havia sido ela era avassalador. Ficou feliz por ela não estar olhando para a porta e não estar vendo talvez sua silhueta atrás do vidro.

Foi essa a mulher que me devolveu a vida, no sentido literal da expressão, pensou ele, vagamente entusiasmado com o calor que aumentava, com a forte sensação de submissão que nele se misturava com um desejo quase brutal de tocar, de conhecer, de possuir, quem sabe? O mecanismo do salvamento havia sido descrito para ele inúmeras vezes: respiração boca-a-boca, alternada com massagens no coração. Agora pensava nas mãos dela sobre seu corpo, na boca sobre sua boca. Pareceu-lhe de repente cruel que, depois de tanta intimidade, os dois houvessem ficado separados por tanto tempo. Mais uma vez, sentiu uma revolta. Mas agora isso não importava.

Mesmo de perfil, ele via sem nitidez o rosto de que se lembrava, um rosto de pele retesada e beleza sutil, com olhos cinzentos, fundos, ligeiramente luminosos. E como era encantadora sua postura, tão abertamente despreocupada e masculina, com seu jeito de se encostar no corrimão, com um dos pés no primeiro degrau.

Aumentou nele a sensação de desamparo, com uma intensidade estranha e surpreendente. Com uma força igual, brotou o inevitável impulso de conquistar. Não havia tempo para análises, e francamente não era isso o que queria. Ele percebeu que de repente se sentia feliz, feliz pela primeira vez desde o acidente. Voltou-lhe à memória o cortante vento do mar, as luzes fortes no seu rosto. O pessoal da guarda costeira descendo pela escada como anjos vindo do paraíso da névoa. Não, não deixe que eles me levem! E a voz dela bem ao seu lado.

- Está tudo bem.

É. Saia. Fale com ela. Esta é a grande oportunidade; é o mais próximo daquele momento que você vai conseguir chegar. E como era delicioso sentir uma atração física tão forte por ela, sentir-se tão nu pela presença dela. Era como se uma mão invisível estivesse lhe abrindo as calças.

Ele olhou de relance para os dois lados da rua. Não havia ninguém a não ser um homem só num portal. Na realidade, o homem em quem a Dra Mayfair estava com os olhos fixos. E sem dúvida aquele não podia ser um repórter, não aquele cara idoso, de cabelos brancos, usando um terno de colete de tweed, segurando o guarda-chuva como se fosse uma bengala.

Mesmo assim, era estranho o jeito da Dra Mayfair de continuar a encarar o homem, e o jeito que o homem a

encarava de volta. Os dois estavam imóveis, como se aquilo fosse perfeitamente normal, quando estava claro que não era.

Ocorreu a Michael algo que sua tia Viv lhe dissera algumas horas antes, algo a respeito de um inglês que tinha vindo de Londres expressamente para vê-lo. Aquele homem sem dúvida parecia ser um inglês, um inglês sem muita sorte, que havia feito a viagem em vão.

Michael girou a maçaneta. O inglês não fez a menor menção de cair sobre a presa, embora fixasse o olhar em Michael com tanta decisão quanto antes havia encarado a Dra Mayfair. Michael saiu e fechou a porta.

Daí em diante, esqueceu que o inglês existia porque a Dra Mayfair se voltou, e um sorriso lindo iluminou seu rosto. Ele imediatamente reconheceu as sobrancelhas bem-feitas de um louro cinza e os cílios grossos e escuros que tornavam seus olhos cinzentos ainda mais brilhantes.

- Sr Curry - disse ela, com sua voz grave, rouca e maravilhosa. - Quer dizer que nos encontramos de novo. - Ela estendeu sua longa mão direita para cumprimentá-lo enquanto ele descia a escada na sua direção.

Parecia perfeitamente natural seu jeito de examiná-lo dos pés à cabeça.

- Dra Mayfair, obrigado por ter vindo - disse ele, apertando demais sua mão e a soltando instantaneamente, com vergonha das luvas. - A senhora está me ressuscitando outra vez. Eu estava morrendo lá em cima no quarto.

- Eu sei - disse ela. - E essa mala aí é porque nós vamos nos apaixonar e viver juntos de agora em diante?

Ele riu. A voz rouca era uma característica que ele adorava nas mulheres, sempre muito rara e sempre mágica. Ele não se lembrava desse detalhe no convés do barco.

- Ah, não, desculpe, Dra Mayfair. Quer dizer, eu depois tenho de ir para o aeroporto. Vou pegar o vôo das seis da manhã para Nova Orleans. Tenho de fazer isso. Imaginei apanhar um táxi de lá, quer dizer, do lugar para onde vamos, porque, se eu voltar aqui...

E mais uma vez o pressentimento: nunca mais piorar nessa casa. Ele olhou para cima para as altas janelas da sacada, para o rebuscado trabalho de marcenaria, restaurado com tanto cuidado. Não parecia mais ser sua casa agora, essa estrutura estreita, vazia, essas janelas refletindo a luz opaca da noite incolor. Sentiu-se confuso por um instante, como se estivesse perdendo o fio da meada.

- Desculpe-me - disse ele em voz baixa. Havia mesmo perdido o fio. Ele poderia ter jurado estar em Nova Orleans neste exato momento. Estava tonto. Estivera no meio de alguma coisa, com uma intensidade forte e deliciosa. E agora só havia essa umidade aqui, esse céu escuro e nublado e a firme certeza de que estavam encerrados todos os anos de espera, de que algo para o qual ele estava preparado estava a ponto de começar.

Notou que estava olhando para a Dra Mayfair. Ela era quase tão alta quanto ele e o contemplava direto, de um jeito totalmente distraído. Ela o olhava como se estivesse gostando, como se o considerasse bonito ou interessante, ou talvez os dois. Ele sorriu porque estava gostando de olhar para ela também e de repente estava feliz, mais feliz do que ousava lhe dizer, por ela ter vindo.

Ela pegou seu braço.

- Vamos, Sr Curry. - Ela se voltou tempo suficiente para lançar um olhar lento e um pouco duro ao inglês distante e depois puxou Michael ladeira acima até a porta de um Jaguar verde-escuro. Ela abriu a porta e, tirando a mala de Michael antes que ele conseguisse pensar em impedi-la, colocou-a no banco traseiro.

- Entre - disse ela e fechou a porta.

Couro cor-de-caramelo. Lindo painel antiquado em madeira. Ele deu um olhar para trás por cima do ombro. O inglês ainda os observava.

- E estranho - disse ele.

A chave já estava na ignição antes que ela fechasse sua porta.

- O que é estranho? Conhece aquele homem?

- Não, mas acho que ele veio aqui para me ver... Acho que é um inglês... e ele sequer chegou a se mexer quando eu saí.

Isso a espantou. Ela parecia intrigada, o que não a impediu de sair da vaga com uma guinada e de fazer um balão quase impossível, antes de passar pelo inglês com mais um olhar penetrante.

Mais uma vez, Michael sentiu brotar o desejo. Havia um tremendo vigor natural no seu jeito de dirigir. Ele apreciou a imagem das suas mãos longas na alavanca do câmbio e no minúsculo volante coberto de couro. O casaco trespassado estava ajustado ao seu corpo, e uma mecha de cabelo louro caiu sobre seu olho direito.

- Eu podia jurar já ter visto aquele homem antes - disse ela, meio entre dentes. Ele riu, não do que ela havia dito, mas

do seu jeito de dirigir, quando ela virou à direita a toda velocidade, descendo por Castro Street em meio à névoa que soprava.

Pareceu-lhe um passeio na montanha-russa. Ele apertou o cinto de segurança porque iria voar pelo pára-brisas se não o apertasse e depois percebeu, quando ela passou direto pelo primeiro sinal de parada, que estava ficando enjoado.

- Tem certeza de que quer ir para Nova Orleans, Sr Curry? A impressão que eu tenho é que não está se sentindo muito bem. A que horas sai seu vôo?

- Preciso ir até Nova Orleans. Tenho de voltar para lá. Desculpe, sei que não estou falando coisa com coisa. É só que essas sensações, elas vêm aleatoriamente. Elas me dominam. Pensei que fosse só com as mãos, mas não é. A senhora ouviu falar das minhas mãos, Dra Mayfair? Estou acabado. Digo-lhe que estou arrasado. Olhe, preciso que me faça um favor. Tem uma loja de bebidas por aqui, do lado esquerdo, logo depois da Eighteenth Street. Poderia dar uma parada?

- Sr Curry...

- Dra Mayfair, vou vomitar neste seu maravilhoso carro.

Ela parou do outro lado da rua. Castro Street estava apinhada com as costumeiras multidões de sexta -feira à noite, bastante animada com tantas portas iluminadas de bares abertas para a neblina.

- Você está enjoado, certo? - Ela pôs a mão sobre o seu ombro, com um certo peso e em silêncio. Será que ela percebia as ondas de sensação que o percorriam? - Se estiver alcoolizado, não permitirão que embarque.

- Latas altas. Miller's. Uma meia dúzia. Vou dar bastante espaço entre elas. Por favor.

- E eu é que devo entrar ali para lhe trazer esse veneno? - Ela riu, mas com delicadeza, sem maldade. Sua voz grave parecia aveludada. E os olhos eram grandes e de um cinza perfeito agora à luz do néon, iguais à água do mar aberto.

Só que ele estava prestes a morrer.

- Não, é claro que não vai entrar ali. Eu mesmo vou. Não sei onde está minha cabeça. - Olhou para as luvas de couro. - É que venho me escondendo das pessoas. Minha tia Viv faz tudo para mim. Desculpe.

- Miller's. Meia dúzia de latas altas - repetiu ela, abrindo a porta.

- Bem, uma dúzia.

- Uma dúzia?

- Dra Mayfair, são só onze e meia. O avião só parte às seis. - Ele tateou no bolso à procura do prendedor de dinheiro.

Ela descartou a necessidade e atravessou a rua, desviando-se graciosamente de um táxi e desaparecendo pela loja adentro.

Meu Deus, que coragem a minha de lhe pedir uma coisa dessas, pensou ele, derrotado. Estamos começando muito mal, mas isso não era no fundo a verdade. Ela estava sendo muito gentil com ele; ele ainda não havia estragado tudo. E já sentia o sabor da cerveja. Seu estômago não iria se acalmar com mais nada.

O ritmo forte da música dos bares próximos de repente pareceu alto demais, e as cores da rua, gritantes demais. Os jovens transeuntes pareciam se aproximar demais do carro. E é isso o que acontece com quem fica três meses e meio em isolamento, pensou ele. Fica-se com a cara de um ex-presidiário. Pois ele nem mesmo sabia em que dia estavam, só que era uma sexta-feira porque seu vôo era para sábado, às seis da manhã. Ele se perguntou se poderia fumar naquele carro.

Assim que ela pôs a sacola no seu colo, ele a abriu.

- Sr Curry, multa de 50 dólares - disse ela, saindo da vaga. - Por uma lata de cerveja aberta no carro.

- Eu sei. Se for multada, eu pago. - Ele devia ter bebido meia lata no primeiro gole. E agora, por um momento, sentiu-se bem.

Ela atravessou o grande cruzamento de seis faixas com Market, fez uma entrada proibida à esquerda em Seventeenth Street, e subiu a ladeira como um raio.

- E a cerveja ameniza as coisas

- Não. Nada embota a sensação. Ela me chega de toda parte.

- E vem de mim também?

- Bem, não. Mas é porque eu quero estar ao seu lado, entende. - Ele tomou mais um gole, com a mão esticada para se segurar no painel quando ela fez a curva ladeira abaixo na direção do Haight. - Por natureza, não sou de me queixar, Dra Mayfair. É só que desde o acidente estou vivendo sem nenhuma camada de proteção. Não consigo me concentrar. Não consigo nem mesmo ler ou dormir.

- Compreendo, Sr Curry. Quando chegarmos em casa, pode subir no barco, fazer o que quiser. Mas o que eu realmente queria era lhe preparar uma refeição.

- Não vai adiantar, Dra Mayfair. Posso lhe perguntar uma coisa. Até que ponto eu estava morto quando fui içado?

- Em termos clínicos, totalmente morto, Sr Curry. Não havia nenhum sinal perceptível de vida. Sem alguma intervenção, a morte biológica irreversível logo estaria instalada. O senhor não recebeu minha carta?

- A senhora me escreveu uma carta?

- Eu devia ter ido visitá-lo no hospital.

Ela dirigia como um piloto de corridas, pensou ele, esticando cada marcha até o motor reclamar e ela passar a seguinte.

- Mas eu não lhe disse nada, pelo que contou ao Dr Morris...

- Disse um nome, uma palavra, alguma coisa, só que falou muito baixo. Não consegui ouvir as sílabas. Distingui um som de L... Um som de L... Um imenso silêncio abafou o restante das suas palavras.

Ele estava caindo. Por um lado, ele sabia que estava no carro, que ela estava falando com ele, que haviam cruzado Lincoln Avenue e estavam se enfunando em Golden Gate Park na direção de Park Presidio Drive, mas no fundo ele não estava ali. Estava às margens de um espaço de sonho no qual a palavra que começava com L significava algo crucial, algo extremamente complexo e conhecido. Uma aglomeração de seres o cercava, forçando para se aproximar dele, prontos para falar. O portal...

Ele sacudiu a cabeça. Houve um foco, mas já estava se desintegrando. Ele sentiu pânico. Quando ela freou para o sinal vermelho em Geary Street, ele foi lançado para trás de encontro ao encosto de couro.

- Você não opera o cérebro das pessoas do jeito que dirige esse carro, certo? - perguntou ele, com o rosto em brasa.

- Para dizer a verdade, opero, sim. - Ela saiu do sinal um pouco mais devagar.

- Desculpe. Parece que só sei me desculpar. Estou pedindo desculpas desde que aquilo aconteceu. Não há nada de errado com seu jeito de dirigir. Sou eu. Eu era... normal antes do acidente. Quer dizer, era só uma dessas pessoas felizes, sabe...

Ela estaria concordando com a cabeça.

Parecia distraída quando ele olhou para ela, absorta nos seus próprios pensamentos. Reduziu a velocidade quando se aproximou da cancela do pedágio. A névoa estava tão densa sobre a ponte que os carros pareciam desaparecer ao entrar nela.

- Você quer falar comigo? - perguntou ela, com os olhos nos veículos que desapareciam à sua frente. Ela tirou uma nota de dólar do casaco e a entregou ao guarda do pedágio. - Quer me contar o que anda acontecendo?

Ele suspirou. Essa era uma tarefa impossível. No entanto, seu pior aspecto era o de que ele não conseguiria parar, se começasse.

- As mãos, sabe, vejo imagens quando toco nas coisas, mas as visões...

- Fale-me das visões.

- Sei o que está pensando. E neurologista. Está pensando que é algum problema com o lobo temporal, ou qualquer merda semelhante.

- Não, não é isso o que estou pensando.

Ela dirigia mais rápido. A forma enorme e feia de um caminhão apareceu à sua frente, com suas lanternas acesas como balizas. Ela preferiu ficar em segurança atrás dele, acompanhando-o a oitenta por hora.

Ele engoliu o resto da cerveja em três goles rápidos, enfiou a lata no saco e depois tirou a luva. Já haviam saído da ponte, e a névoa havia desaparecido como que por mágica, o que acontecia com tanta frequência. Espantou-o o céu límpido e luminoso. Os morros escuros erguiam-se como ombros que os empurravam enquanto eles subiam Waldo Grade.

Ele baixou os olhos até a própria mão. Ela parecia repulsivamente úmida e enrugada. Quando ele esfregou os dedos, teve uma sensação que era vagamente agradável.

Estavam agora indo direto a quase cem por hora. Ele tentou segurar a mão da Dra Mayfair, que estava pousada na alavanca do câmbio, longos dedos pálidos relaxados. Ela não tentou oferecer resistência. Olhou para ele de relance e voltou ao tráfego à sua frente quando entraram no túnel. Ele tirou sua mão da alavanca e pressionou seu polegar na palma nua.

Envolveu-o um som suave e sussurrante, e sua visão se anuviou. Era como se o corpo dela houvesse se desintegrado para abraçá-lo, uma nuvem turbilhonante de partículas. Rowan. Por um instante, ele teve medo de que

estivessem saindo da estrada. Mas não era ela quem sentia isso, era ele. Ele sentia aquela mão úmida, morna, a pulsação palpitante que passava por ela e aquela sensação de estar no cerne dessa imensa presença etérea que o envolvia e o acariciava por inteiro, como a neve que cai. A excitação erótica era tão intensa que ele não pôde fazer nada para contê-la.

De repente, num lampejo destruidor, ele estava numa cozinha, uma deslumbrante cozinha moderna, com equipamentos e aparelhos reluzentes, e um homem jazia no chão, à morte. Discussão, gritos, mas isso havia acontecido alguns momentos antes. Os intervalos de tempo estavam se acavando, colidindo uns com os outros. Não havia nada que fosse para cima ou para baixo, para a direita ou para a esquerda. Michael estava no próprio centro de tudo.

Rowan, com seu estetoscópio, ajoelhou-se ao lado do moribundo. Odeio você. Ela fechou os olhos, tirou o estetoscópio dos ouvidos. Não podia acreditar na sorte dele estar morrendo.

E então tudo parou. O trânsito estava congestionado. Ela soltou a mão de Michael e reduziu a marcha com um movimento seco, eficiente.

Para ele parecia que estavam patinando no gelo, o jeito que seguiam, virando à direita, e mais uma vez à direita, mas não importava. Era uma ilusão de que eles estivessem correndo perigo, e agora vinham os fatos, aquilo que ele sempre soube sobre essas visões, tudo que estava simplesmente ali na sua mente, como se sempre tivesse estado, como seu endereço, seu número de telefone e a data do seu nascimento.

Aquele era seu pai adotivo, e ela o desprezava, porque temia ser parecida com ele: resoluta, essencialmente dura e indiferente. Sua vida se baseava em não ser parecida com ele, mas em ser como sua mãe adotiva, uma criatura sentimental e serena, com um maravilhoso senso de estilo, uma mulher amada por todos e respeitada por ninguém.

- E então, o que viu? - Seu rosto era de uma suavidade fantástica, banhado pelas luzes que passavam.

- Então não sabe? Meu Deus, gostaria de perder esse poder. Gostaria de nunca tê-lo tido. Não quero saber essas coisas sobre as pessoas.

- Diga-me o que viu.

- Ele morreu no chão. Você gostou. Ele não se divorciou dela. Ela nunca soube o que ele estava planejando. Ele tinha um metro e oitenta e cinco de altura, nasceu em San Rafael, Califórnia e este carro era dele. - Agora de onde é que vinha tudo isso? Ele poderia ter continuado. Desde a primeira noite, ele soube que poderia continuar. Bastava que se dispusesse. - Foi isso o que vi. Tem alguma importância? Quer que eu fale a respeito? Por que quis que eu visse essa imagem é a pergunta que eu deveria estar fazendo agora. De que adianta eu saber que foi na sua cozinha e que, ao voltar do hospital, onde ele foi recebido e registrado, o que foi uma bobagem porque ele já chegou morto, você se sentou e comeu a refeição que ele havia preparado antes de morrer?

Silêncio.

- Eu estava com fome - murmurou ela, pouco depois.

Ele estremeceu todo. Abriu mais uma cerveja. O delicioso aroma do malte encheu o carro.

- E agora já não gosta tanto assim de mim, certo? - perguntou ele. Ela não respondeu. Estava prestando atenção ao movimento. Ele estava ofuscado pelos faróis que cresciam na sua direção. Graças a Deus estavam saindo da rodovia principal para pegar a estrada estreita que levava a Tiburon.

- Gosto muito de você - respondeu ela, afinal. Uma voz baixa, rouca, surda.

- Que bom. Eu estava com medo... Fico feliz. Não sei por que disse aquelas coisas...

- Eu lhe perguntei o que estava vendo - disse ela, com simplicidade. Ele riu, tomando um longo gole da cerveja.

- Estamos quase chegando. Poderia ir mais devagar com a cerveja. É uma médica quem lhe pede.

Ele tomou outro grande gole.

Mais uma vez a cozinha, o cheiro do assado no forno, o vinho tinto aberto, os dois copos parece cruel mas não existe absolutamente nenhum motivo para eu me sujeitar à morte dela. E se você prefere ficar por perto e ver uma mulher morrer de câncer, bem, aí você é que tem de se perguntar por que quer passar por esse tipo de coisa, por que você gosta desse tipo de sofrimento, o que há de errado com você que...

- Não me venha com essa, para cima de mim não!

Havia algo mais, muito mais. Tudo o que ele precisava fazer era continuar pensando no assunto. Dei-lhe tudo o que você sempre quis, Rowan. Você sabe que sempre foi você quem nos manteve juntos. Se não fosse você, eu teria ido embora há muito tempo. Ellie algum dia lhe contou? Ela mentiu. Ela

disse que podia ter filhos. E sabia que era mentira. Eu teria me mandado se não fosse por você.

Entraram à direita, para o oeste, ele imaginou, numa rua escura e arborizada que subia um morro e depois descia. A súbita visão do céu escuro e límpido novamente, cheio de estrelas longínquas e desinteressantes, e do outro lado da baía negra, o belo espetáculo de Sausalito espalhando-se pelos morros abaixo até sua enseada pequena e apinhada. Ela não precisou lhe dizer que estavam quase chegando.

- Posso lhe fazer uma pergunta, Dra Mayfair?

- Sim?

- A senhora, a senhora tem medo de me machucar?

- Por que me faz essa pergunta?

- Ocorreu-me uma idéia estranhíssima, que a senhora estava tentando... agora há pouco quando segurei sua mão... estava tentando me transmitir um aviso.

Ela não respondeu. Ele soube que a abalou com essa frase. Foram descendo até a rua litorânea. Pequenos gramados, telhados empinados pouco visíveis por trás de cercas altas. Ciprestes de Monterey cruelmente retorcidos pelos implacáveis ventos do oeste. Um enclave de residências milionárias. Ele quase nunca via casas modernas tão maravilhosas.

Ele sentia o cheiro do mar ainda mais forte do que havia sentido na Golden Gate. Ela entrou num caminho calçado e desligou o motor. Os faróis iluminaram um grande portão duplo de sequóia. Depois foram apagados. Da casa mais adiante ele não via nada a não ser sua massa escura contra o céu mais pálido.

- Preciso de um favor seu - disse ela, olhando para frente, em silêncio. O cabelo caiu encobrindo seu perfil quando ela abaixou a cabeça.

- Ora, acho que chegou a sua vez - respondeu ele, sem hesitar. Ele tomou mais um gole espumante da cerveja. - O que quer? Que eu entre ali, ponha minhas mãos no chão da cozinha e lhe diga o que aconteceu quando ele morreu, o que no fundo o matou?

Mais um golpe. Silêncio na cabine escura do carro. Ele percebia intensamente sua proximidade, a fragrância doce e límpida da sua pele. Ela se voltou para encará-lo. A luz da rua lançava seu clarão em fragmentos amarelos através dos galhos da árvore. A princípio ele achou que seus olhos estavam baixos, quase fechados. Depois notou que estavam abertos e que olhavam para ele.

- É, é isso o que eu quero. É esse o tipo de coisa que eu quero.

- Tudo bem - respondeu ele. - Foi falta de sorte que acontecesse durante uma discussão daquelas. Você deve ter se sentido culpada.

O joelho de Rowan roçou no dele. Mais uma vez, calafrios.

- O que o faz achar isso?

- Você não suporta a idéia de fazer mal a alguém - disse ele.

- Isso é ingenuidade sua.

- Doutora, posso ser biruta - disse, rindo - mas ingênuo não sou. A família Curry nunca criou ingênuos. - Ele bebeu o resto da lata de cerveja num longo gole. Flagrou-se olhando fixamente a pálida linha de luz do seu queixo, o cabelo

sedoso, cacheado. Seu lábio inferior parecia cheio, macio e delicioso para ser beijado...

- Então é alguma outra coisa. Digamos que seja inocência, se preferir.

Ele riu da sugestão sem responder. Se ela ao menos soubesse o que lhe estava passando agora pela cabeça enquanto ele olhava para sua boca, aquela boca encantadora, exuberante.

- E a resposta a essa pergunta é sim - disse ela, descendo do carro. Ele abriu a porta e se levantou.

- De que pergunta você está falando? - Ele estava ruborizado. Ela tirou a mala do banco traseiro.

- Ora, você sabe - disse ela.

- Eu não sei!

Ela deu de ombros enquanto se dirigia ao portão.

- Você queria saber se eu iria para a cama com você. A resposta é sim, como acabei de lhe dizer.

Ele a alcançou quando ela passava pelo portão. Um grande caminho de concreto levava a portas duplas de teca escura.

- Bem, eu me pergunto por que ainda nos damos ao trabalho de falar. - Ele tirou a mala da sua mão enquanto ela procurava a chave.

Ela pareceu novamente um pouco confusa. Fez um gesto para que ele entrasse. Ele mal percebeu quando ela lhe tirou a sacola de cervejas. A casa era infinitamente mais bonita do que ele havia imaginado. Ele havia conhecido e

explorado uma infinidade de casas antigas. Já esse tipo de casa, essa obra-prima moderna executada com esmero, era algo desconhecido para ele.

O que ele via agora era um enorme espaço de assoalho de tábuas corridas largas, que passava da sala de jantar para a de estar, e daí para a de jogos, sem qualquer divisória. Paredes de vidro davam para um amplo deque de madeira ao sul, a oeste e ao norte, uma larga varanda sem teto levemente iluminada pela luz baça de um projetor aqui, outro ali. Mais além, a baía era simplesmente negra e invisível. E a oeste, as pequenas luzes cintilantes de Sausalito eram delicadas e íntimas em comparação com a vista distante e esplêndida do perfil apinhado e fortemente colorido de San Francisco, ao sul.

A neblina era agora apenas uma estreita faixa de névoa em contraste com o brilho da noite. Ela raleava e se dissipava diante dos seus olhos. Ele poderia ter ficado apreciando a vista para sempre, mas a casa lhe dava uma impressão de algo semelhante a um milagre. Dando um longo suspiro, ele passou a mão pela parede de juntas de macho e fêmea, admirando o mesmo belo trabalho embutido do teto altíssimo para além das vigas pesadas que convergiam íngremes para um ponto central. Tudo de madeira, madeira de veios belíssimos, cavilhada, ajustada, polida e conservada primorosamente. A madeira emoldurava as sólidas portas de vidro. Havia acessórios de madeira espalhados por toda parte, com reflexos opacos de vidro ou couro, pernas de mesas e de cadeiras espelhadas no piso encerado.

Na extremidade leste da casa, ficava a cozinha que ele havia visto naquela primeira visão: um grande nicho de armários e balcões escuros e reluzentes painéis de cobre suspensas de ganchos altos. Uma cozinha para ser

admirada tanto quanto para se trabalhar nela. Apenas uma funda lareira de pedra, com o piso alto e amplo, o tipo de piso em que se podia sentar, separava os outros aposentos da cozinha.

- Eu achava que você não fosse gostar - disse ela.

- Ora, ela é maravilhosa - disse ele, com mais um suspiro. - É construída como um navio. Nunca vi uma casa moderna tão bem feita.

- Você sente que ela se mexe? Foi feita para se mover com a água.

Ele caminhou lentamente pelo denso tapete da sala de estar. E só então viu uma escada de ferro em curva por trás da lareira. Uma luz fraca, amarelada vinha de um portal lá em cima. Ele imediatamente pensou em quartos de dormir, em quartos amplos como essas salas, em ficar deitado no escuro com ela e o faiscar das luzes da cidade. Sentiu novamente o rosto esbraseado.

Olhou para ela de relance. Será que ela havia captado também esse pensamento como alegava ter captado aquela pergunta anterior? Ora, qualquer mulher teria percebido sua intenção. Ela estava parada na cozinha diante da porta aberta da geladeira, e pela primeira vez ele realmente viu seu rosto na luz branca e pura. Sua pele tinha uma suavidade quase asiática, só que ela era loura demais para ser oriental. Era uma pele tão retesada que duas covinhas apareceram quando ela sorriu para ele.

Ele foi na sua direção, mais uma vez com a percepção penetrante da sua presença física, do jeito que a luz rebatia nas suas mãos, do movimento sedutor do seu cabelo. Ele concluiu que, quando as mulheres usam o cabelo nesse estilo, cheio e curto, mal roçando a gola ao balançar, ele se

torna uma parte vital de cada gesto seu. Quando se pensa nelas, pensa-se no seu bonito cabelo.

No entanto, quando ela fechou a porta da geladeira, no instante em que a luz branca se apagou, ele percebeu que através da vidraça norte da casa, muito à sua esquerda e próximo à porta da frente, ele via uma enorme lancha cruzeiro branca, ancorada. Um projetor fraco iluminava sua imensa proa, suas numerosas vigias e as janelas escuras da cabine de comando.

Parecia monstruosa, algo absolutamente impossível, como uma baleia encalhada ali, grotescamente próxima da mobília confortável e dos tapetes espalhados que o cercavam. Brotou nele algo quase como um pânico. Um estranho horror, como se ele tivesse experimentado algum pavor na noite em que foi salvo que agora fazia parte do que havia esquecido.

Nada a fazer a não ser ir até lá. Nada a fazer a não ser por as mãos no convés. Ele se flagrou indo na direção das portas de vidro. Parou, então, confuso, e ficou olhando enquanto ela soltava a tranca e fazia correr a porta pesada.

Atingiu-o uma rajada de vento frio e salgado. Ele ouvia os rangidos da imensa embarcação. E a fraca luz lunar do projetor lhe parecia sinistra e decididamente desagradável. Bem construída, lhe haviam dito. Ele acreditava agora ao olhar a embarcação. Exploradores haviam atravessado os oceanos do planeta em barcos muito menores do que esse. Mais uma vez, ele lhe pareceu grotesco, assustadoramente desproporcional.

Ele saiu para o cais, com a gola batendo-lhe no rosto, e foi até a borda. A água era totalmente negra ali embaixo, e ele

sentia seu cheiro, o cheiro úmido e inevitável das coisas mortas do mar.

Bem ao longe, do outro lado da baía, ele mal vislumbrava as luzes de Sausalito, mas o frio penetrante se interpôs entre ele e qualquer imagem pitoresca, e ele percebeu que tudo o que detestava neste clima do oeste estava reunido neste momento. Nunca um inverno rigoroso, nem um verão escaldante, só esse frio eterno, essa eterna desolação inóspita.

Ele estava tão feliz com a idéia de que logo estaria de volta, tão feliz de que o calor de agosto estaria lá à sua espera, como uma coberta protetora. As ruas do Garden District, com as árvores oscilando num vento morno, inofensivo... No entanto, este era o barco e este era o momento. Vamos agora subir nesse monstro, com suas vigias e seus conveses de aparência escorregadia, a balançar delicadamente batendo nos pneus de borracha preta presos ao longo do cais. Ele não gostava muito da embarcação, disso tinha certeza.

E estava feliz de estar usando suas luvas.

Sua experiência com barcos era limitada exclusivamente aos de grande porte: as velhas barcas do rio da sua infância e as grandes e poderosas embarcações de cruzeiro que transportavam centenas de pessoas de um lado a outro da baía de San Francisco. Quando ele olhava para um barco como este, tudo o que pensava era na possibilidade de cair ao mar.

Ele seguiu pelo lado da embarcação até chegar à popa, por trás da cabine de comando grande e desajeitada, e ali segurou a balaustrada, saltando para o lado (espantado por

um instante com o fato do barco balançar sob seu peso) e passou o mais rápido possível para o convés traseiro.

Ela veio logo atrás dele.

Ele detestava aquilo, o chão a se mexer abaixo dos pés! Meu Deus, como é que as pessoas podiam suportar os barcos? Logo, a embarcação pareceu bastante estável. A balaustrada à sua volta era alta o suficiente para lhe dar uma sensação de segurança. Havia até mesmo um pequeno abrigo contra o vento.

Ele espiou um instante pela porta de vidro da cabine de comando. Um brilho de mostradores, aparelhinhos. Poderia bem ser a cabine de um avião a jato. Talvez houvesse ali dentro uma escada até as cabines abaixo do convés. Bem, isso não era da sua conta. O que importava era o próprio convés, pois era ali que ele havia ficado ao ser salvo.

O vento do mar rugia nas suas orelhas. Ele se voltou e olhou para ela. Seu rosto estava totalmente escuro em contraste com as luzes distantes. Ela tirou a mão do bolso do casaco e indicou um lugar nas tábuas à sua frente.

- Foi bem aqui - disse ela.

- O lugar em que abri os olhos? Em que respirei pela primeira vez?

Ela fez que sim.

Ele se ajoelhou. O movimento do barco agora lhe parecia lento e sutil, seu único som um leve rangido que não parecia vir de nenhum lugar específico. Ele tirou as luvas, enfiou-as nos bolsos e flexionou as mãos.

Colocou-as depois nas madeiras. Frio, umidade. O lampejo veio, como sempre, de parte alguma, isolando-o do momento presente. No entanto, não foi seu salvamento o que ele viu, apenas fragmentos de outras pessoas no meio de conversas e movimentos. A Dra Mayfair, depois mais uma vez o homem odiado, e com eles uma mulher mais velha, bonita, muito amada, uma mulher chamada Ellie, mas essa camada deu lugar a outra e mais outra, e as vozes viraram ruído.

Ele caiu para a frente, de quatro. Estava ficando tonto, mas se recusava a parar de tocar as tábuas. Tateava como se fosse cego. - Quero ver Michael! - disse ele. - Quero Michael!

De repente, cresceu nele a raiva por toda a tristeza daquele longo verão perdido.

- Quero Michael! - disse ele, enquanto internamente forçava o poder, exigia que ele se concentrasse, ganhasse foco e alcançasse as imagens que ele desejava.

- Meu Deus, o instante em que respirei pela primeira vez - disse, baixinho. Mas era como folhear volumes e mais volumes à procura de uma única linha. Graham, Ellie, vozes que se erguiam e colidiam umas com as outras.

Ele se recusava a encontrar palavras na sua cabeça para o que estava vendo. Simplesmente rejeitava a visão.

- Quero o instante. - Deitou-se de bruços com o rosto tocando no convés áspero. De repente, o instante pareceu explodir à sua volta, como se a madeira abaixo do seu corpo estivesse se incendiando. Mais frio do que agora, um vento mais forte. O barco jogava. Ela se inclinava sobre ele. E ele via a si mesmo deitado ali, um homem morto com o rosto branco, molhado. Ela batia no seu peito.

- Acorde, droga, acorde!

Seus olhos se abriram. É, o que eu vi, eu a vi, Rowan, sim. Estou vivo, estou aqui! Rowan, muitas coisas... A dor no seu peito era intolerável. Ele nem mesmo sentia as mãos ou as pernas. Aquilo era a sua mão, que subia e agarrava a dela?

Preciso explicar, a história toda antes...

Antes do quê? Ele tentava se agarrar à lembrança, se aprofundar nela. Antes do quê? Mas ali não havia nada além do rosto oval e pálido, do jeito que ele o havia visto naquela noite, com o cabelo enfiado no gorro de marinheiro.

De repente, no momento atual, ele dava socos no convés.

- Dê-me sua mão - gritou ele. Ela se ajoelhou ao seu lado. - Pense, pense no que estava acontecendo naquele momento em que eu respirei pela primeira vez. Ele já sabia, porém, que não ia adiantar. Ele só via o que ela via. A si próprio, um homem morto voltando à vida. Uma coisa morta e molhada que se batia no convés com os golpes que ela não parava de aplicar no seu peito. Depois, a fenda prateada entre as pálpebras quando ele começou a abrir os olhos.

Ficou ali imóvel muito tempo, com a respiração irregular. Ele sabia que estava sentindo um frio tremendo, apesar de não ser nada em comparação com o daquela noite terrível, e que ela estava parada ali, esperando, paciente. Ele teria chorado, mas estava cansado demais para isso, derrotado demais.

Era como se as imagens o derrubassem com violência quando surgiam. Ele só queria a tranquilidade. As mãos estavam agora fechadas, como punhos. Ele não se mexia.

Houve, no entanto, alguma coisa ali. Algo que ele descobriu, um pequeno detalhe que antes ele não sabia. Era sobre ela. Naqueles primeiros segundos, ele sabia quem ela era, tinha conhecimento da sua existência. Sabia que seu nome era Rowan.

Como, porém, confiar numa conclusão dessas? Meu Deus, sua alma doía de todo aquele esforço. Ele jazia ali derrotado, furioso, sentindo -se tolo e ao mesmo tempo agressivo. Ele teria chorado se ela não estivesse ali.

- Tente de novo - disse ela, então.

- Não adianta. É uma outra linguagem. Não sei usá-la.

- Tente - insistiu ela.

E ele tentou. Mas dessa vez não conseguiu nada a não ser os outros. Relances de dias ensolarados, imagens rápidas de Ellie e depois de Graham.

De outros, muitos outros, raios de luz que o teriam levado numa direção ou na outra. A porta da cabine de comando batendo com o vento, um homem que vinha do piso inferior, sem camisa, e Rowan. É, Rowan, Rowan, Rowan, Rowan ali em todas as imagens que havia visto, sempre Rowan, e às vezes uma Rowan feliz.

Nunca ninguém havia estado neste barco que Rowan não estivesse presente. Ele voltou a se ajoelhar, mais confuso com a segunda tentativa do que com a primeira. A impressão de já a conhecer naquela noite era apenas uma ilusão, uma fina camada da sua profunda impressão sobre este barco, que apenas se mesclou às outras camadas através das quais ele tentou passar. Ele talvez já a conhecesse por segurar sua mão, talvez a conhecesse

porque antes de ser ressuscitado ele já soubesse de que modo isso aconteceria. Ele nunca saberia ao certo.

A questão principal era que agora ele não a conhecia, e ainda não conseguia se lembrar! Ela era apenas uma mulher muito paciente e compreensiva, e ele devia lhe agradecer e ir embora.

- Que vá tudo para o inferno! - disse ele entre dentes, sentando-se. Ele calçou as luvas. Apanhou o lenço, assoou o nariz e depois levantou a gola para se proteger do vento, mas de que adiantava isso com um leve paletó cáqui?

- Vamos entrar - disse ela, pegando sua mão como se fosse a de uma criança pequena. Ele estava surpreso por estar gostando tanto dessa sua atitude. Depois que saltaram do maldito barco, instável e escorregadio, e estavam em pé no cais, ele se sentiu melhor.

- Obrigado, doutora. Valia a pena tentar. Você me permitiu tentar, e nunca vou lhe poder agradecer o suficiente por isso.

Ela o enlaçou com um braço. Seu rosto estava muito próximo do dele.

- Talvez funcione de uma outra vez. - Sensação de conhecê-la, de que abaixo do convés havia uma pequena cabine na qual ela muitas vezes dormia com a foto dele colada no espelho. Ele estava enrubescendo mais uma vez.

- Entre - disse ela, puxando-o.

O abrigo da casa era agradável, mas ele estava triste demais e cansado demais agora para pensar nisso. Queria descansar. Mas não tinha coragem. Pensava que tinha de ir para o aeroporto, que tinha de apanhar a mala e sair dali,

para depois dormir numa cadeira de plástico. Esse havia sido um dos caminhos para a descoberta, e agora estava fechado. Por isso, ele ia seguir pelo outro caminho o mais rápido possível.

Ao voltar o olhar de relance ao barco, ele pensou que queria lhes dizer mais uma vez que não havia abandonado o objetivo, que só não conseguia se lembrar dele. Ele nem mesmo sabia se o portal era um portal em termos literais. E o número, havia um número, não? Um número de grande importância.

Ele se encostou na porta de vidro, forçando a cabeça contra o vidro.

- Não quero que você vá - disse ela, baixinho.

- Eu também não quero ir, mas preciso. Você entende? Eles realmente esperam algo de mim. Disseram-me o que era, e eu tenho de fazer o possível. E voltar para lá faz parte da história.

Silêncio.

- Foi bondade sua me trazer aqui.

Silêncio.

- Talvez...

- Talvez o quê? - Ele se voltou.

Ela estava novamente de costas para a luz. Havia tirado o casaco, e parecia angulosa e elegante no enorme suéter de tranças grossas, com suas longas pernas, malares magníficos e pulsos finíssimos.

- Não seria possível que houvesse a intenção de você esquecer? - perguntou ela. Isso nunca lhe havia ocorrido. Por um instante, ele não respondeu.

- Você acredita nessa minha história das visões? Quer dizer, você leu o que saiu nos jornais? Aquela parte era verdade. Quer dizer, os jornais fizeram com que eu parecesse estúpido, biruta. Mas a questão é que havia tanta coisa, tanta, e... Ele gostaria de poder ver um pouquinho melhor o seu rosto.

- Acredito em você - disse ela, simplesmente. Parou um pouco e depois prosseguiu. - É sempre assustador ver a morte por um triz, uma situação aparentemente casual que deixa um grande impacto. Preferimos acreditar que houve uma intenção...

- Mas houve uma intenção!

- Eu ia dizer que no seu caso foi realmente por um triz porque estava quase escuro quando eu o avistei na água. Cinco minutos depois, eu talvez não o visse mais, talvez não tivesse nenhuma condição de vê-lo.

- É muita gentileza sua ficar procurando explicações a torto e a direito. Eu realmente lhe sou grato. Mas, veja bem, o que eu me lembro, quer dizer, a impressão é tão forte que nada disso é necessário para explicar. Eles estavam lá, Dra. Mayfair. E...

- O que foi?

Ele abanou a cabeça.

- Só um frisson, um desses momentos malucos em que é como se eu me lembrasse, e de repente tudo sumiu. Lá no convés também senti algo assim. A percepção de que, sim,

ao abrir os olhos, eu sabia o que havia acontecido... e depois mais nada...

- A palavra que pronunciou, que balbuciou...

- Não a ouvi. Não me vi dizendo essa palavra. Mas vou lhe dizer algo. Acho que naquela hora no barco eu sabia seu nome. Eu sabia quem você era.

Silêncio.

- Mas não tenho certeza. - Ele se voltou, perplexo. O que estava fazendo? Onde estava sua mala? E ele realmente precisava ir embora, só que estava tão cansado e não queria ir.

- Não quero que vá - repetiu ela.

- Está falando sério? Eu podia ficar aqui um pouco? - Ele olhou para ela, para a sombra escura da sua silhueta esguia tendo ao fundo a distante vidraça levemente iluminada. - Ah, eu queria tê-la encontrado antes. Eu queria... Eu preferia... Quer dizer, parece tão idiota, mas você é muito...

Ele se aproximou um pouco para vê-la melhor. Seus olhos tornaram-se visíveis, parecendo muito grandes e longos para olhos fundos, e sua boca era generosa e macia. No entanto, à medida que ele foi se aproximando mais, ocorreu uma estranha ilusão. À luz suave que vinha através das paredes, seu rosto parecia ameaçador e perverso. Sem dúvida, era um engano. Ele não estava percebendo sua verdadeira expressão. A figura que o encarava parecia estar com a cabeça baixa, espionando-o por baixo da franja loura e lisa, numa atitude de perfeito ódio.

Ele parou. Tinha de ser um engano. Mesmo assim, ela estava ali, totalmente imóvel, sem perceber o medo que ele

agora sentia, ou sem se importar com ele. Ela então veio na sua direção, entrando na faixa de luz que entrava pela porta ao norte.

Como estava triste e bonita! Como era possível que ele tivesse se enganado a esse ponto? Ela estava a ponto de chorar. Na realidade, era simplesmente terrível ver a tristeza no seu rosto, ver a fome súbita e silenciosa e a emoção derramada.

- O que foi? - murmurou ele, abrindo os braços. Ela de imediato colou o corpo ao seu. Os seios pareciam grandes e macios em contato com seu tórax. Ele a envolveu com um abraço e passou os dedos enluvados pelo seu cabelo.

- O que foi? - perguntou mais uma vez, baixinho, mas não era no fundo uma pergunta. Era, sim, uma pequena carícia reconfortante em palavras. Ele sentia o coração dela a pulsar, a respiração ofegante. Ele mesmo tremia. O sentimento de proteção despertado nele estava se aquecendo, transformando-se rapidamente em desejo.

- Não sei - respondeu ela, num sussurro. - Não sei. - E agora estava chorando em silêncio. Ergueu os olhos e, entreabrindo a boca, começou a beijá-lo com muita suavidade. Era como se não quisesse beijá-lo contra sua vontade. Ela lhe deu todo o tempo necessário para ele se afastar. E é claro que ele não tinha a menor intenção de fazer isso.

Ele foi tragado de imediato como havia sido no carro quando lhe tocou a mão, mas dessa vez o que o envolvia era sua carne macia, voluptuosa e bem sólida. Ele a beijava sem parar, sugando-lhe o pescoço, o rosto, os olhos. Com a mão enluvada, acariciou seu rosto, sentiu sua pele lisa por baixo do pesado suéter de lã. Meu Deus, se ao menos pudesse tirar as luvas... Mas se as tirasse, ele estaria perdido, e todo o desejo iria se evaporar em meio à confusão.

Estava se agarrando desesperado a esse momento, desesperado. E ela já acreditava erroneamente, ela já receava tolamente...

- Quero, quero, sim. Como você pôde pensar que eu não quisesse, que eu não... como pôde acreditar nisso? Abrace-me, Rowan. Abrace-me forte. Estou aqui. Estou com você.

Chorando, ela se entregou aos seus braços. Sua mão tentou arrancar-lhe o cinto, abrir-lhe o zíper, mas esses foram

gestos desajeitados, em vão. Ela soltou um gemido. Pura dor. Ele não agüentou mais.

Beijou-a de novo. Beijou-lhe o pescoço quando ela jogou a cabeça para trás. Apanhou-a depois no colo e a carregou devagar atravessando a sala e subindo a escada de ferro, caminhando lentamente pelas curvas, até entrar num quarto amplo e escuro voltado para o sul. Jogaram-se numa cama baixa.

Ele a beijou novamente, alisando seu cabelo para trás, adorando a sensação da sua pele mesmo através das luvas, olhando para seus olhos fechados, para os lábios entreabertos, indefesos. Quando tentou puxar o suéter, ela se esforçou para ajudar e afinal o arrancou pela cabeça, deixando o cabelo lindamente despenteado.

Quando ele viu seus seios através da fina proteção de náilon, ele os beijou mesmo por cima do tecido, numa provocação proposital a si mesmo, com a língua tocando o círculo escuro do mamilo antes de afastar o sutiã. Como seria a sensação do couro preto tocando sua pele, acariciando-lhe os seios?

Ele os levantou para beijar a curva morna debaixo deles (adorava essa dobra excitante) e chupou os bicos com força, segurando e massageando a carne com a palma da mão.

Ela se contorcia por baixo dele, com o corpo aparentemente indefeso, os lábios roçando o queixo mal barbeado, depois macios e doces sobre sua boca, as mãos se esgueirando para dentro da camisa a tatear seu peito como se adorasse sua firmeza.

Enquanto ele chupava os bicos dos seus seios, ela beliscava os dele. Ele estava tão duro que não ia mais agüentar.

Parou, ergueu-se nas mãos, tentou recuperar o fôlego e depois se deixou cair ao seu lado. Ele sabia que ela estava tirando os jeans. Puxou-a para perto, sentindo a carne lisa das suas costas e descendo para a curva de suas nádegas gostosas de agarrar e de apertar.

Não havia mais como esperar. Nenhuma condição. Num impulso de impaciência, ele tirou os óculos e os jogou na mesa-de-cabeceira. Agora, ela era um borrão delicado e apetitoso, mas os detalhes físicos que ele havia visto não saíam do seu pensamento. Ele estava por cima. A mão dela procurou sua cintura, abriu o zíper das calças e tirou seu sexo para fora, sem delicadeza, dando-lhe tapas como se quisesse verificar sua firmeza, um pequeno gesto que quase o fez gozar. Ele sentiu as cócegas dos pêlos crespos, o calor dos lábios internos e finalmente a própria bainha tensa, pulsante, quando ele a penetrou.

Pode ser que ele tenha gritado. Ele não sabia. Ela se ergueu no travesseiro, com a boca presa à dele, os braços puxando-o para si, a bacia grudada à dele.

- Mete gostoso - sussurrou ela. Foi como o tapa: um aguilhão que fez chegar à ebulição sua fúria contida. Suas formas frágeis, sua carne macia, frágil, tudo só o instigava. Nenhum estupro imaginado que ele pudesse ter cometido em sonhos secretos e inexplicáveis jamais havia sido mais brutal.

Seus quadris batiam com força nos dele. E ele viu vagamente o rubor do seu rosto e os seios nus enquanto gemia. Ao penetrar nela repetidamente, ele viu seus braços abertos, largados, um instante antes de fechar os olhos e explodir dentro dela.

Afinal, exaustos, eles se separaram, caindo entre os lençóis de flanela. Seus braços que antes estavam entrelaçados no dele, esticado. O rosto dele, mergulhado nos seus cabelos perfumados. Ela veio se aconchegar. Puxou o lençol solto, esquecido, de modo a cobrir os dois. Ela se voltou para ele e se aninhou no seu ombro.

O avião que esperasse, o objetivo que esperasse. A dor e a agitação que passassem. Em qualquer outra hora ou lugar, ele a teria considerado irresistível. Agora, porém, ela era mais do que isso, mais do que succulenta, ardente, cheia de mistério e de um fogo aparentemente perfeito. Ela era algo divino, e ele precisava tanto dela que era de entristecer.

Seu braço macio e sedoso envolveu-lhe o pescoço quando ele a puxou para si. Ele ouvia seu coração batendo junto a sua pele. Alguns momentos mais tarde, oscilando perigosamente à beira do sono profundo, ele se sentou de repente e, meio tonto, tirou as roupas quentes.

Ficou então deitado com ela, nu, à exceção das luvas, respirando seu calor e ouvindo seus suspiros entorpecidos, enquanto mergulhava em sonhos ao seu lado.

- Rowan - sussurrou. E, ele sabia tudo a respeito dela. Ele a conhecia. Estavam lá embaixo. Diziam, Acorde, Michael, desça. Haviam feito um belo fogo na lareira. Ou não seria simplesmente um fogo em torno deles, como uma floresta em chamas? Ele achou que ouvia o rufar de tambores. Michael.

Uma vaga recordação do desfile de carnaval naquela remota noite de inverno, das bandas tocando a cadência feroz, medonha, enquanto os archotes tremeluziam nos galhos dos carvalhos. Estavam ali, no andar inferior, e tudo o que ele tinha a fazer era acordar e descer. No entanto,

pela primeira vez em todas essas semanas desde que o haviam abandonado, ele não queria vê-los, não queria se lembrar deles.

Sentou-se, olhando com espanto o pálido céu leitoso da manhã. Suava, e seu coração batia forte. Quietude. Cedo demais para o sol. Ele apanhou os óculos e os pôs no rosto. Não havia ninguém nesta casa: nem tambores, nem cheiro de fogo. Absolutamente ninguém, a não ser eles dois, mas ela não estava mais na cama ao seu lado. Ele ouvia os assobios dos caibros e das estacas, mas era só o movimento da água que os fazia zumbir. E depois vinha um som vibrante e profundo, mais como um tremor do que um ruído: ele soube que era a grande lancha cruzeiro, balançando no cais. Aquele monstro fantasmagórico dizendo: Estou aqui.

Ele ficou sentado um instante, sem animo, examinando a mobília espartana. Tudo muito bem feito da mesma bela madeira com veios que ele havia visto no andar inferior. Vivia aqui alguém que adorava a madeira de lei, que gostava de tudo arrumado com perfeição. Naquele quarto, tudo era bem baixo: a cama, a escrivaninha, as cadeiras espalhadas. Nada a impedir a vista das janelas que subiam até o teto.

No entanto, ele sentia o cheiro de fogo. É, e ao prestar atenção também o ouvia. Um roupão estava à sua disposição, um daqueles grossos roupões brancos de toalha, do tipo que ele adorava. Vestiu-o e desceu à sua procura.

O fogo estava aceso. Até aí, ele estava com a razão. Não havia, porém, nenhuma horda de seres de sonho aglomerada à sua volta. Ela estava sentada, com as pernas cruzadas, no piso de pedra junto à lareira, no seu próprio

roupão, com seus membros finos quase perdidos nas dobras. Mais uma vez tremia e chorava.

- Perdoe-me, Michael. Lamento tanto - sussurrou, com aquela sua voz grave e aveludada. O rosto estava molhado e extenuado.

- Mas, querida, por que você iria dizer uma coisa dessas? - Perguntou, sentando-se ao seu lado e a envolvendo com os braços. - Rowan, o que neste mundo você pode lamentar ter feito?

Suas palavras vieram de supetão, derramando-se com tanta velocidade que ele mal conseguia acompanhar. Que ela havia feito essa exigência imensa a ele, que ela queria tanto ficar com ele, que os últimos meses haviam sido os piores da sua vida e que sua solidão havia sido quase insuportável.

Ele não parava de lhe beijar o rosto.

- Gosto de estar com você. Quero estar aqui. Não quero estar em nenhum outro lugar do mundo...

Ele se interrompeu, pensando no avião para Nova Orleans. Bem, aquilo podia esperar. E meio desajeitadamente começou a explicar como estivera cativo na casa em Liberty Street.

- Eu não apareci porque sabia que isso ia acontecer - disse ela. - E você tinha razão: eu queria saber, queria que tocasse minha mão com as suas, que tocasse o chão da cozinha, ali onde ele morreu, eu queria... você entende? Não sou o que aparento ser...

- Eu sei o que você é, Rowan. Uma pessoa muito forte para quem qualquer confissão de carência é terrível.

Silêncio. Ela fez que sim com a cabeça.

- Se ao menos isso fosse tudo - disse ela, com as lágrimas transbordando.

- Fale comigo. Conte-me a história.

Ela saiu dos seus braços com suavidade e ficou em pé. Caminhava descalça de um lado para o outro do aposento, aparentemente esquecida do frio. Novamente, tudo veio tão depressa, tantas frases longas e delicadas emitidas em profusão com tanta velocidade que ele tinha de se esforçar para ouvir. Para isolar o significado da beleza sedutora daquela voz. Ela havia sido adotada com um dia de vida. Havia sido levada da sua cidade natal, e ele sabia que se tratava de Nova Orleans? Isso ela lhe havia dito na carta que ele nunca recebeu. E é verdade, ele devia saber isso porque, ao ser reanimado, ele segurou sua mão e não a largou, como se não quisesse deixá-la. E pode ser que naquela hora alguma idéia louca e confusa houvesse sido transmitida, alguma súbita intensidade relacionada àquele lugar. O fato era que ela nunca havia ido até lá! Nunca havia conhecido a cidade. Nem mesmo sabia o nome completo da sua mãe.

Ele sabia que havia um documento no cofre, logo ali, por trás daquele quadro, junto à porta, um documento que ela havia assinado comprometendo-se a jamais voltar a Nova Orleans, a jamais procurar saber alguma coisa sobre sua família, sobre seus pais verdadeiros? Arrancada, transplantada, com o passado eliminado como o cordão umbilical, e sem nenhum meio de reaver o que havia sido jogado fora. Ultimamente, porém, ela vinha pensando nisso, nesse terrível abismo negro, no fato de os dois não mais existirem, Ellie e Graham, no documento no cofre e em Ellie

à morte, forçando-a a repetir enumeras vezes sua promessa.

Eles a haviam tirado de Nova Orleans para vir para Los Angeles no avião das seis no mesmo dia em que nasceu. Ora, durante anos a fio, disseram-lhe que ela havia nascido em Los Angeles. Era isso o que estava na sua certidão de nascimento, um desses documentos falsos criados para filhos adotivos. Ellie e Graham haviam lhe falado mais de mil vezes do pequeno apartamento em West Hollywood, e em como ficaram felizes quando a trouxeram para casa.

Essa, porém, não era a questão. A questão era que os dois estavam mortos, e com eles toda a sua história, erradicada com uma velocidade e abrangência que simplesmente a deixavam apavorada. E Ellie sofrendo tanto. Ninguém devia ter de sofrer assim. E a vida dos dois havia sido a maravilhosa vida moderna, realmente maravilhosa, embora seu mundo fosse egoísta, materialista; isso tinha de admitir.

Nenhum vínculo com ninguém - parentes ou amigos - jamais interrompeu sua busca egocêntrica pelo prazer. E à cabeceira, ninguém a não ser Rowan enquanto Ellie berrava por mais morfina.

Ele fazia que sim com a cabeça. Como compreendia bem! Sua própria vida não havia se tornado idêntica a isso? Atingiu-o uma súbita imagem de Nova Orleans: a porta de tela que se fechava, primos ao redor da mesa da cozinha, feijão com arroz e conversa, muita conversa...

- Digo-lhe que quase a matei. Quase terminei com aquilo. Eu não podia... não podia... Ninguém conseguia me mentir a respeito. Sei quando as pessoas estão mentindo. Não é que eu consiga ler seus pensamentos, é mais sutil. É como se as pessoas estivessem falando com palavras em preto e

branco numa página, e eu visse o que dizem em imagens coloridas. As vezes capto pensamentos, pequenos fragmentos de informação. E seja como for, sou médica. Nem tentaram mentir, e eu tinha total acesso às informações. Era Ellie quem sempre mentia, quem tentava fingir que aquilo não estava acontecendo. E eu sabia o que estava sentindo. Sempre soube. Desde quando era menina. Havia, ainda, uma outra coisa, um talento para saber. Chamo-o de sentido de diagnóstico, mas ele é mais do que isso. Coloquei minhas mãos nela e, mesmo quando estava num período de alívio de sintomas, eu sabia. O câncer está ali. Está voltando. Ela tem seis meses no máximo. E depois voltar para casa quando tudo estava acabado... Para esta casa, com todos os luxos, confortos e aparelhos concebíveis que alguém poderia...

- Eu sei - disse ele, baixinho. - Todos os brinquedos que temos, todo o dinheiro.

- É, e o que é isso tudo sem eles, agora, uma casca? Aqui não é o meu lugar. Se este lugar não é meu, não é de ninguém. Eu olho à minha volta... e fico apavorada, é o que lhe digo. Fico apavorada. Não, espere, não me venha consolar. Você não sabe. Não pude impedir a morte de Ellie, isso posso aceitar. Mas provoquei a morte de Graham. Eu o matei.

- Não, você não fez isso - disse ele. - Você é médica e sabe...

- Michael, você é um anjo que chegou a mim, mas ouça o que estou lhe contando. Você tem um poder nas mãos e sabe que é verdadeiro. Eu sei que é verdadeiro. No caminho até aqui, você demonstrou esse poder. Bem, eu tenho em mim um poder de força semelhante. Eu o matei. Antes dele, matei duas pessoas: um estranho e uma menina há muitos anos, uma menininha num pátio de escola. Li as conclusões

das autópsias. Eu tenho o poder de matar! Sou médica hoje porque procuro negar esse poder. Construí minha vida com base numa compensação por esse mal!

Ela respirou fundo. Passou os dedos pelo cabelo. Parecia desamparada e perdida naquele roupão grande e largo, amarrada pela cintura, uma Ganimedes com seu cabelo de pajem sedoso e desarrumado. Ele começou a ir na sua direção. Ela fez um gesto para que ele ficasse onde estava.

- Há tanta coisa. Você sabe, eu criei essa fantasia de contar para você, logo para você...

- Mas eu estou aqui, estou prestando atenção. Quero que me conte... - Com que palavras ele lhe poderia transmitir que ela o fascinava e o absorvia totalmente, e como isso era espantoso depois de todas aquelas semanas de agitação e loucura. Ela agora falava em voz baixa, contando como havia sido tudo com ela, como sempre havia sido apaixonada pela ciência, como a ciência era poesia para ela. Nunca havia pensado em ser cirurgiã. O que a fascinava era a pesquisa, os progressos incríveis, quase fantásticos, da neurologia. Ela queria passar a vida no laboratório onde acreditava existir a verdadeira

oportunidade para o heroísmo. E tinha um talento natural para aquilo, pode acreditar. Tinha mesmo.

De repente, ocorreu a horrível experiência naquela pavorosa véspera de Natal. Ela

estava prestes a ir para o Instituto Keplinger, para ali trabalhar com dedicação exclusiva a métodos de intervenção no cérebro que não envolvessem a cirurgia: o uso do raio laser, do bisturi gama, milagres que ela mal conseguia descrever a um leigo. Afinal de contas, ela nunca

havia se sentido muito bem com os seres humanos. Será que o laboratório não era o seu lugar?

E, ao que ela dizia, os últimos desdobramentos eram milagrosos, mas seu orientador, não importa qual era seu nome (ele agora estava morto mesmo havia morrido de uma série de pequenos derrames pouco depois do ocorrido e, por ironia, nem todos os cirurgiões do, mundo haviam conseguido prender e suturar aquelas rupturas fatais... mas ela só chegou a saber disso muito depois.) Voltando à história, ele a havia levado ao Instituto em San Francisco na véspera de Natal, porque essa era uma noite em que não haveria ninguém lá e ele estaria desrespeitando as normas ao lhe mostrar aquilo em que estavam trabalhando, na pesquisa com fetos vivos.

- Eu o vi na incubadora, aquele pequeno feto. Sabe do que ele o chamava? De abortos. Odeio ter de lhe falar disso porque sei como você se sente com relação a Little Chris, sei...

Ela não percebeu seu choque. Ele nunca lhe havia falado de Little Chris, nunca havia comentado com ninguém esse apelido, mas ela não deu a menor impressão de perceber isso. Ele continuou sentado, em silêncio, só prestando atenção ao que ela dizia, pensando vagamente em todos aqueles filmes que havia visto com aquelas imagens de fetos, terríveis e recorrentes, mas não quis interrompê-la. Queria que ela prosseguisse.

- E aquela coisinha havia sido mantida viva, depois de um aborto espontâneo aos quatro meses, e eles estavam desenvolvendo meios para manter a vida de fetos ainda mais novos. Estavam falando de produzir embriões em provetas e de nunca devolvê-los ao útero, mas tudo isso para colher órgãos. Você devia ter ouvido os argumentos

que usava, que o feto estava desempenhando um papel vital na cadeia da vida humana, dá para acreditar? E vou lhe dizer, o horrível, a parte realmente medonha, era que tudo aquilo era fascinante, e que eu estava adorando. Eu visualizava os usos em potencial que ele descrevia. Eu sabia que um dia seria possível criar cérebros novos e ilesos para vítimas de coma. Ai, meu Deus, você sabe tudo o que poderia ser feito, tudo o que eu, com meu talento, poderia ter realizado!

- Dá para perceber - disse ele, baixinho, assentindo com a cabeça. - Dá para entender o horror e a sedução da idéia.

- Exatamente - respondeu ela. - E você acredita que eu poderia ter uma carreira maravilhosa na área de pesquisa. Eu poderia ter sido um daqueles nomes citados nos livros. Talvez se pudesse dizer que eu nasci para isso. Quando descobri a neurologia, quando alcancei esse nível, por assim dizer, depois de toda a minha preparação, foi como se eu chegasse ao topo de uma montanha, e ali fosse meu chão, meu verdadeiro lar.

O sol estava nascendo. Ele tocava no piso de tábua corrida onde ela se encontrava, mas ela parecia não perceber sua luz. Estava mais uma vez chorando, baixinho, com as lágrimas escorrendo simplesmente enquanto ela secava a boca com as costas da mão.

Ela explicou como saiu correndo do laboratório, como fugiu de uma vez por todas da área de pesquisa e de tudo o que poderia ser realizado através dela. Fugiu do seu implacável desejo de poder sobre as pequeninas células fetais com sua surpreendente plasticidade. Ele compreendia como essas células podiam ser usadas para transplantes totalmente diferentes de outros transplantes?

Compreendia que elas continuavam a se desenvolver? Que elas não detonavam as costumeiras reações imunológicas do receptor; que elas eram um campo deslumbrantemente promissor?

- Pois era exatamente isso, não se via um limite ao que poderia ser feito. E imagine a quantidade de matéria-prima, uma pequena nação de não-pessoas, aos milhões. É claro que há leis contra isso. Sabe o que ele me respondeu? "Há leis contra isso porque todos sabem que está acontecendo."

- Não é de surpreender - disse ele. - Não é, mesmo.

- Àquela altura da minha vida, eu só havia matado duas pessoas. Mas, no meu íntimo, eu sabia que havia sido eu. Porque é algo relacionado ao meu próprio caráter, essa capacidade de resolver fazer algo e minha recusa de aceitar a derrota. Na sua forma mais primitiva, chame-o de mau gênio. Chame-o de fúria, na sua forma mais dramática. E na área de pesquisa, você imagina como eu poderia ter usado essa capacidade para resolver fazer, para resistir à autoridade, para seguir minha inspiração em algum projeto totalmente amoral e até mesmo desastroso? Não se trata de força de vontade. É impulsivo demais para ser força de vontade.

- Determinação - disse ele. Ela concordou.

- Agora veja bem, um cirurgião é um intervencionista. Ele ou ela é uma pessoa muito determinada. Você chega com a faca e diz, vou cortar fora metade do seu cérebro, e você vai melhorar. Quem teria a ousadia de fazer alguma coisa desse tipo a não ser alguém de grande determinação, alguém extremamente centrado, alguém muito forte?

- Graças á Deus por isso.

- Pode ser. - Ela deu um sorriso irônico. - Mas a confiança de um cirurgião não é nada em comparação com o que poderia ser extraído de mim no laboratório. E quero lhe dizer mais uma coisa, algo que acho que você vai compreender em virtude das suas mãos e das visões, algo que eu nunca poderia contar a outro médico porque de nada adiantaria.

- Quando estou operando, visualizo o que estou fazendo. Quer dizer, mantenho na mente uma perfeita imagem multidimensional do efeito dos meus atos. Minha cabeça raciocina nos termos dessas imagens detalhadas. Quando você estava morto no convés do barco e eu soprei o ar na sua boca, visualizei seus pulmões, seu coração, o ar penetrando nos pulmões. Quando matei o homem no jipe, quando matei a menina, primeiro imaginei que seriam punidos. Imaginei-os cuspiendo sangue. Naquela época, eu não tinha o conhecimento para imaginar nada mais perfeito do que isso, mas o processo era o mesmo, a mesma coisa.

- Mas essas mortes poderiam ter sido naturais, Rowan.

Ela abanou a cabeça.

- Fui eu, Michael. E, com o mesmo poder me guiando, eu opero. E com o mesmo poder me guiando, eu o salvei.

Ele não disse nada. Apenas esperava que ela continuasse. A última coisa que ele queria era discutir com ela. Meu Deus, ela parecia ser a única pessoa no mundo que realmente lhe dava ouvidos. E neste exato instante ela não estava precisando de ninguém que discutisse com ela. Mesmo assim, ele não sabia ao certo se ela estava enganada ou não.

- Ninguém sabe dessas coisas - disse ela. - Fico parada nesta casa vazia, choro e falo em voz alta com ninguém. Ellie era minha melhor amiga neste mundo, mas eu não

poderia ter contado para ela. E o que resolvi fazer? Tentei encontrar a salvação através da cirurgia. Escolhi a forma mais brutal e direta de intervenção. Mas nem todas as operações bem-sucedidas do planeta podem esconder de mim aquilo de que sou capaz. Eu matei Graham.

- Sabe, acho que naquele instante em que Graham e eu estávamos ali juntos, acho que cheguei a me lembrar de Mary Jane no pátio e acho que cheguei a me lembrar do homem no jipe. E realmente acredito que realmente tive a intenção de usar o poder, mas só consigo me lembrar de ter visualizado a artéria. De tê-la visto se romper. Sei, no entanto, que acho que o matei deliberadamente. Quis que ele morresse para que não magoasse Ellie. Fiz com que ele morresse.

Ela parou como se não tivesse certeza do que acabara de dizer ou como se acabasse de perceber que era a verdade. Ela afastou o olhar, na direção do mar. A água agora estava azul ao sol e cheia de uma luz ofuscante. Inúmeras velas haviam aparecido na superfície. E a casa inteira estava invadida pela paisagem ao redor, os morros escuros salpicados de construções brancas. E para Michael, tudo aquilo parecia deixá-la ainda mais só, ainda mais perdida.

- Quando li acerca do poder das suas mãos, soube que era verdadeiro. Compreendi. Imaginei tudo que você estava sofrendo. São esses segredos que nos distinguem. Não espere que as outras pessoas acreditem, muito embora, no seu caso, elas tenham visto. No meu caso, ninguém jamais deve ver porque isso não deve nunca mais se repetir.

- É disso que você tem medo? De que volte a acontecer?

- Não sei. - Ela olhou para ele. - Quando penso naquelas mortes, a culpa é tão terrível que não tenho um objetivo,

uma idéia ou um plano. Essa culpa é um obstáculo entre minha pessoa e minha vida. E mesmo assim, eu vivo, vivo melhor do que qualquer pessoa que eu conheça. - Ela riu baixinho, com ironia. - Todos os dias faço cirurgias. Minha vida é interessante. Mas não é o que poderia ter sido... - As lágrimas escorriam de novo. Ela olhava para ele, mas aparentemente era através dele. O sol batia direto nela, no seu cabelo louro.

Ele queria tanto abraçá-la. O sofrimento de Rowan era para ele uma tortura. Ele mal suportava ver seus olhos cinzentos tão injetados e lacrimejantes. E o próprio retesamento do seu rosto dava uma terrível impressão quando as linhas de angústia de repente ficavam mais fortes e marcadas e as lágrimas caíam para depois o rosto voltar a ficar tranqüilo como se em consequência de algum choque.

- Eu queria lhe dizer essas coisas - disse ela. Estava confusa, insegura. A voz, embargada. - Eu queria... estar com você e lhe contar. Acho que imaginei que, por ter salvado sua vida, talvez, de algum modo...

Dessa vez, nada poderia tê-lo impedido de se aproximar dela. Levantou-se devagar e a tomou nos braços. Abraçou-a, beijando-lhe o pescoço sedoso, o rosto marcado de lágrimas, as próprias lágrimas.

- Você imaginou certo... - Ele se afastou, tirou as luvas com impaciência e as jogou para um canto. Olhou por um instante para as próprias mãos e depois olhou para ela. Nos seus olhos viu uma expressão de vago espanto, com as lágrimas refletindo a luz do fogo. Ele, então, pôs as mãos na sua cabeça, tateando-lhe os cabelos e o rosto.

- Rowan - sussurrou. Ordenou que todas as loucas imagens aleatórias parassem. Forçou-se a simplesmente vê-la agora,

através das mãos. E surgiu mais uma vez a sensação deliciosa e envolvente dela, que havia surgido e desaparecido com tanta rapidez no carro. A sensação de estar imerso nela. E, com um zumbido súbito e violento, como o espasmo de eletricidade pelas suas veias, ele a conheceu. Conheceu a honestidade da sua vida, e sua intensidade.

Conheceu sua bondade, sua inegável bondade. As imagens atabalhoadas, instáveis, não importavam. Elas eram fiéis ao todo que ele percebia, e o que importava era o todo, bem como a coragem do todo. Ele enfiou as mãos por dentro do roupão, tocando-lhe o corpo pequeno e magro, tão quente, tão delicioso aos seus dedos nus. Abaixou a cabeça e beijou o alto dos seus seios. Órfã, sozinha, cheia de medo mas tão forte, de uma força tão implacável.

- Rowan - sussurrou ele, mais uma vez. - Nós é que importamos agora. Ele sentiu que ela suspirava e se entregava, como uma haste quebrada de encontro ao seu peito, e que no ímpeto do desejo toda sua dor desaparecia.

Ele estava deitado no tapete, com o braço esquerdo dobrado para abrigar sua cabeça, a mão direita, relaxada, segurando um cigarro acima do cinzeiro, uma xícara de café fumegante ao seu lado. Já deviam ser umas nove horas. Ele havia ligado para a companhia aérea. Podiam acomodá-lo no avião do meio dia. No entanto, quando ele pensava em deixá-la, sentia-se cheio de ansiedade. Gostava dela. Gostava dela mais do que da maioria das pessoas que havia conhecido na sua vida e, talvez com maior precisão, estivesse encantado com ela, com sua óbvia inteligência e sua vulnerabilidade quase mórbida, que continuava a produzir nele um singular sentido de proteção, com o qual se sentia deliciado quase a ponto de se envergonhar.

Depois de fazerem amor pela segunda vez, eles haviam conversado horas a fio. Falaram com tranquilidade, sem urgência ou clímax de emoção, sobre suas vidas. Ela lhe contou como havia crescido em Tiburon, levando o barco para o oceano quase todos os dias da sua vida, como era ter freqüentado as melhores escolas. Falou mais sobre sua vida na medicina, sua primeira paixão pela pesquisa, seus sonhos de descobertas Frankensteinianas, de um modo mais detalhado e controlado. Surgiu, então, a descoberta do seu talento na sala de cirurgia. Sem a menor dúvida, ela era uma cirurgiã de incrível competência. Não sentia nenhuma necessidade de se gabar disso. Ela simplesmente descrevia o entusiasmo, a satisfação imediata, o quase desespero em que se encontrava desde a morte dos pais, sempre operando, sempre passando pelas enfermarias, sempre trabalhando. Em alguns dias, ela havia chegado a continuar operando até não conseguir mais ficar em pé. Era como se sua cabeça, suas mãos e seus olhos não fizessem parte do resto do corpo.

Ele lhe falou sucintamente, e com um pouco de auto desvalorização, sobre seu próprio mundo, respondendo suas perguntas, animado pelo seu aparente interesse.

- Classe operária - havia dito ele. E como ela ficou curiosa. Como eram as coisas lá no sul? Ele lhe falou das grandes famílias, dos enterros monumentais, da pequena casa estreita com seu piso de linóleo, das maravilhas no jardim minúsculo. Será que tudo lhe parecia antiquado? Talvez também desse essa impressão a ele agora, embora lhe doesse pensar nisso porque sentia tanta vontade de voltar para lá. - Não são só eles, as visões e tudo o mais. Quero voltar até lá. Quero caminhar por Annunciation Street também...

- Esse é o nome da rua em que você cresceu? É lindo.

Ele não lhe falou do mato nas sarjetas, dos homens sentados na escada da frente das casas com suas latas de cerveja, do cheiro de repolho cozido que nunca saía, dos trens à beira - rio que faziam chocalhar as janelas.

Falar da vida aqui havia sido um pouco mais fácil. Falar de Elizabeth e de Judith, do aborto que destruiu sua vida com Judith, falar dos últimos anos e seu estranho vazio, da sensação de estar à espera de algo, embora ele não soubesse o que seria. Ele falou das casas e de como as amava. Da convergência de estilos que existia em San Francisco, as grandes residências em estilo vitoriano e italiano, a pensão em Union Street que ele tanto havia desejado restaurar.

Depois, passou a falar das casas que realmente adorava, aquelas lá de Nova Orleans. Ele aceitava a existência de fantasmas nas casas, porque considerava que elas eram mais do que dormitórios, e não era de surpreender que pudessem roubar a alma de alguém.

Foi uma conversa agradável, que aprofundou seu conhecimento um do outro, e ampliou a intimidade que já sentiam. Ele gostou de ouvi-la falar sobre sair ao mar: de ficar sozinha na ponte, com o café na mão e o vento zunindo pela cabine de comando. Ele não gostava de barcos, mas gostou de ouvi-la falar do seu. Apreciou a expressão nos seus olhos cinzentos, a simplicidade dos seus gestos lânguidos, despreocupados.

Ele chegou mesmo a entrar naquela conversa maluca dos filmes e das imagens recorrentes de bebês e crianças vingativas. De como se sentiu ao perceber esses temas, como se tudo à sua volta estivesse se dirigindo a ele.

Talvez estivesse a um passo do hospício, mas ele se perguntava se algumas das pessoas nos hospícios não estariam lá por entenderem de forma excessivamente literal os modelos que captavam. O que ela achava? E a morte? Bem, ele tinha muitas idéias sobre a morte, mas antes de mais nada um pensamento lhe ocorrera, mesmo antes do acidente, de que a morte de uma outra pessoa talvez seja o único acontecimento autenticamente sobrenatural que já experimentamos.

- Não estou falando de médicos, agora. Estou falando de qualquer pessoa no mundo moderno. O que quero dizer é quando você olha para aquele corpo ali embaixo e percebe que toda a vida se foi, que você pode gritar com ele, dar-lhe tapas, tentar colocá-lo sentado e fazer o que quiser, que ele está morto, absoluta e inequivocamente morto...

- Sei do que está falando.

- E é preciso lembrar que a maioria de nós talvez tenha uma visão dessas uma ou duas vezes em vinte anos. Talvez nunca. Ora, na Califórnia, no momento atual, existe toda uma civilização de gente que nunca presenciou uma morte. Eles nunca chegaram a ver um cadáver! Pois não é que, quando eles ouvem dizer que alguém morreu, imaginam que ele se esqueceu de comer alimentos naturais ou que não vinha se exercitando como devia...

Ela riu baixinho, num sussurro.

- Cada maldita morte é um assassinato. Por que você acha que perseguem os médicos com seus advogados?

- Isso mesmo, mas é ainda mais profundo. As pessoas não acreditam que vão morrer! E quando alguém morre, isso acontece a portas fechadas, o caixão é lacrado, se o pobre palerma teve o mau gosto de chegar a querer um caixão e

um enterro, que é óbvio que ele não deveria ter desejado. Melhor um serviço em memória do falecido em algum lugar sofisticado, com sushi, vinho branco e as pessoas se recusando a mencionar em voz alta o motivo pelo qual estão ali! Ora, fui a serviços em memória de alguém aqui na Califórnia, nos quais ninguém chegou a tocar no nome do falecido! Mas se você realmente presenciar uma morte... e não for médico, enfermeiro ou agente funerário, bem, trata-se de um acontecimento sobrenatural de primeira, provavelmente o único ao qual terá acesso.

- Pois deixe-me lhe contar de um outro acontecimento sobrenatural - disse ela, sorrindo. - Quando você está com um desses defuntos deitado no convés do barco, e você o esbofeteia e fala com ele, e de repente os olhos se abrem de verdade e o cara está vivo.

Ela lhe deu um sorriso tão lindo. Ele começou a beijá-la, e foi assim que terminou aquele segmento da conversa. A questão principal era, porém, que ele não a havia perdido com aquelas divagações birutas. Nem uma única vez ela havia se desligado do que ele dizia.

Por que, então, essa outra coisa tinha de estar acontecendo? Por que essa sensação de tempo perdido?

Ele estava agora deitado no tapete, pensando em como gostava dela e em como sua tristeza e solidão o perturbavam. Em como não queria deixá-la e, mesmo assim, tinha de ir embora.

Seu pensamento tinha uma clareza notável. No verão inteiro, nunca havia ficado tanto tempo sem beber. E estava apreciando bem a sensação de pensar com clareza. Ela havia acabado de lhe servir mais café, e o sabor era bom. No entanto, ele havia calçado as luvas de novo porque

estava recebendo aquelas imagens idiotas e aleatórias de todos os lados: Graham, Ellie e homens, muitos homens diferentes, homens bonitos, todos de Rowan, isso estava excessivamente claro. Ele desejava que não estivesse.

O sol entrando pelas janelas e pelas clarabóias a leste estava forte. Ele a ouvia fazendo alguma coisa na cozinha. Calculou que era melhor se levantar e ajudar, não importa o que ela dissesse, mas ela havia sido bastante convincente a esse respeito.

- Gosto de cozinhar. É semelhante à cirurgia. Fique exatamente onde está.

Ele refletia que ela era a primeira coisa em todas essas semanas que realmente tinha importância para ele, que afastava seu pensamento do acidente e de si mesmo. E era um alívio tão grande estar pensando em outra pessoa que não fosse em si mesmo. Na realidade, ao refletir com essa clareza recém adquirida, percebeu que havia sido capaz de se concentrar bem desde que havia chegado ali. Concentrou-se na conversa, no amor, na descoberta mútua e isso era algo totalmente novo, porque em todas aquelas semanas sua falta de concentração, sua incapacidade de ler mais do que uma página de um livro, ou de acompanhar mais do que algumas seqüências num filme, o haviam deixado em constante agitação. Era tão prejudicial quanto a falta de sono.

Percebeu que nunca lhe havia acontecido de seu conhecimento de outro ser humano começar nesse ritmo e mergulhar tão fundo tão rápido. Era como o que deveria acontecer com o sexo, mas que raramente acontecia, se é que chegava a acontecer. Ele havia perdido inteiramente de vista o fato de ela ser a mulher que o salvara. Quer dizer, uma forte impressão do caráter dela havia erradicado

aquele entusiasmo vago e impessoal que ele havia sentido ao conhecê-la, e agora ele estava tecendo loucas fantasias a seu respeito.

De que forma ele poderia continuar a conhecê-la e talvez mesmo chegar a amá-la e possuí-la, e cumprir essa tarefa que tinha de cumprir? Ele ainda tinha de cumprir sua missão. Ele ainda tinha de voltar à cidade natal e descobrir qual era o objetivo.

Quanto ao fato de ela ter nascido lá no sul, isso não estava relacionado a nada. Sua cabeça transbordava com um excesso de imagens do passado, e o sentido de destino que unia essas imagens era forte demais para ter vindo de alguma lembrança aleatória da sua terra através dela. Além do mais, no convés do barco ontem à noite, ele não havia captado nada daquilo. O fato de conhecê-la, sim, estava lá. No entanto, até mesmo isso era passível de suspeita. Acreditava ele ainda, porque não houve nenhum "Ah, sim" de profundo reconhecimento quando ela lhe contou sua história. Só uma fascinação declarada. Não havia nada de científico neste seu poder. Podia ser que fosse de natureza física, é, finalmente mensurável, e até mesmo controlável através de alguma droga entorpecente, mas não era científico. Era mais como a arte ou a música.

A questão, porém, era que ele precisava ir e não queria ir. O dilema o entristeceu de repente, com uma tristeza quase sem esperanças, como se de algum modo os dois estivessem amaldiçoados, ele e ela.

Todas essas semanas, se ele tivesse podido vê-la; se tivesse podido estar com ela. Ocorreu-lhe, então, uma idéia estranhíssima. Se ao menos aquele terrível acidente não houvesse acontecido e ele a houvesse conhecido em algum lugar comum, onde comesçassem a conversar. No entanto,

ela era parte integrante do que havia acontecido; sua singularidade e sua força faziam parte de tudo. Totalmente só lá em mar aberto naquela horrenda lancha cruzeiro justo naquele instante em que caía a tarde. Quem mais poderia ter estado lá? Quem mais poderia ter conseguido tirá-lo da água? Ora, era fácil para ele acreditar no que ela dizia acerca da determinação, acerca dos seus poderes.

Ao descrever o salvamento em detalhe, ela disse uma coisa estranha. Disse que uma pessoa perde a consciência quase imediatamente na água muito fria. No entanto, ela havia sido jogada bem dentro d'água sem perder a consciência.

- Não sei como cheguei até a escada - disse ela, apenas. - Sinceramente não sei.

- Você acha que foi aquele poder? - perguntou ele.

Ela refletiu um pouco antes de responder.

- Sim e não. Quer dizer, pode ter sido apenas sorte.

- Bem, sem dúvida que foi mesmo sorte para mim - disse ele, com uma extraordinária sensação de bem-estar enquanto falava. E ele não sabia bem por quê. Talvez ela soubesse, porque retrucou.

- Temos medo do que nos torna diferentes. - E ele concordou.

- Mas muita gente tem esses tipos de poder - disse ela. - Não conhecemos sua natureza, nem como aferi-los, mas eles são sem dúvida parte do que acontece entre os seres humanos. Vejo no hospital. Há médicos que sabem coisas, e que não conseguem dizer como sabem. Há enfermeiras que são igualzinhas. Imagino que haja advogados que sejam infalíveis para dizer se alguém é culpado ou não. Ou para

saber se o júri vai votar contra ou a favor. E essas pessoas não conseguem explicar como chegam a saber.

- A verdade é que por mais que aprendamos acerca de nós mesmos, por mais que sistematizemos, classifiquemos e definamos, os mistérios continuam imensos. Pense na pesquisa genética. Há tanta coisa que é herdada por um ser humano: a timidez é herdada, a preferência por uma marca específica de sabonete pode ser herdada, a preferência por certos nomes de batismo. Mas o que mais é herdado? Que poderes invisíveis nos são legados? É por isso que é tão frustrante para mim o fato de eu realmente não conhecer minha família. Não sei nada a respeito deles. Ellie era filha de um primo em terceiro grau. Ora, isso praticamente já não é mais nem primo...

É, ele havia concordado com aquilo tudo. Falou um pouco do seu pai e do avô, e de como era mais parecido com eles do que gostava de admitir.

- Mas você tem de acreditar que pode alterar sua herança genética - disse ele. - Você tem de acreditar que é possível fazer magia com os ingredientes. Se isso não for possível, a esperança não existe.

- É claro que é possível - retrucou ela. - Você conseguiu, não conseguiu? Quero crer que eu tenha conseguido. Pode parecer loucura, mas acredito que deveríamos...

- Fale...

- Deveríamos ter como objetivo a perfeição - disse ela, em voz baixa.

- E por que não?

Ele riu, mas não para ridicularizar. Estava pensando em algo que um dos seus amigos lhe havia dito uma vez. Esse amigo estava ouvindo com atenção enquanto Michael matraqueava a respeito de história, sobre como ninguém entendia de história ou sabia para onde ia por não conhecer história. E esse amigo lhe havia dito, "Você tem uma conversa peculiar, Michael", explicando que a expressão era de uma peça de Tennessee Williams, *Orpheus Descending*. Ele havia adorado o elogio. Esperava que ela também gostasse.

- Você tem uma conversa peculiar, Rowan - disse ele, dando a mesma explicação que seu amigo lhe dera.

Isso a fez rir, realmente a desarmou.

- Talvez seja por isso que eu quase não falo. Nem mesmo tenho vontade de começar. Acho que você acertou. Tenho uma conversa peculiar, e é por isso que não falo. Ele deu uma tragada no cigarro, refletindo sobre tudo isso. Seria delicioso ficar aqui com ela. Se ao menos ele se livrasse da sensação de que tinha de voltar para casa.

- Ponha mais uma acha no fogo - disse ela, interrompendo seus devaneios. - O café da manhã está pronto.

Ela arrumou tudo na mesa de jantar junto às janelas. Ovos mexidos, iogurte, laranjas fatiadas reluzindo ao sol, bacon e salsicha, e pãezinhos quentes recém saídos do forno.

Ela serviu o café e o suco de laranja para os dois. E durante cinco minutos contados, sem dizer uma palavra, ele comeu. Nunca havia sentido tanta fome. Por algum tempo, fixou o olhar no café. Não, ele não queria uma cerveja, e não ia beber nenhuma. Tomou o café, e ela encheu sua xícara novamente.

- Estava simplesmente maravilhoso - disse ele.

- Fique por aqui - disse ela - e eu lhe preparo o jantar, e o café amanhã também. Ele não pôde responder. Examinou-a por um instante, procurando não ver simplesmente a beleza e o objeto do seu considerável desejo, mas apenas sua aparência. Era loura verdadeira, pensou ele, toda lisinha, praticamente sem penugem no rosto ou nos braços. Com lindas sobancelhas acinzentadas e cílios escuros que faziam com que seus olhos parecessem ainda mais cinzentos. Tinha, no fundo, o rosto de uma freira. Sem um traço de maquiagem, e a boca larga e cheia tinha um certo toque virginal, como a boca de uma menininha que ainda não usou batom. Ele sentiu vontade de simplesmente ficar ali sentado para sempre...

- Mas você vai embora mesmo assim - disse ela. Ele assentiu, com a cabeça.

- Tenho de ir - disse ele.

- E as visões? - perguntou ela, pensativa. - Você não quer falar a respeito delas?

Ele hesitou.

- Cada vez que tento descrevê-las, tudo acaba em frustração - explicou ele. - Além do mais, o assunto afasta as pessoas.

- Não vai me afastar - disse ela. Parecia agora totalmente refeita, com os braços cruzados, o cabelo desarrumado, mas bonito, o café fumegante à sua frente. Estava mais parecida com a mulher resoluta e vigorosa que ele conhecera na noite anterior.

Ele acreditou no que ela disse. Mesmo assim, havia visto a expressão de incredulidade e de indiferença em tantos rostos. Recostou-se na cadeira, olhando lá para fora por um momento. Todos os veleiros do mundo estavam na baía. E ele via as gaivotas voando sobre a enseada de Sausalito como diminutos pedacinhos de papel.

- Sei que a experiência como um todo levou muito tempo - disse ele. - Que seria impossível nela admitir o tempo em si como um fator. Você sabe do que estou falando - prosseguiu, relanceando o olhar para ela. - É como antigamente quando as pessoas eram atraídas pelos duendes. Sabe, elas sumiam e passavam um dia com os duendes mas, quando voltavam para suas aldeias, descobriam que haviam se passado cinqüenta anos.

- Essa história é irlandesa? - perguntou ela, rindo baixinho.

- É, foi de uma velha freira irlandesa que a ouvi. Ela costumava nos contar coisas incríveis. Dizia que havia bruxas no Garden District em Nova Orleans e que elas nos agarrariam se fôssemos passear por aqueles lados... - E pense só em como eram sombrias aquelas ruas, como eram lindas em suas sombras, como nos versos de Onde toda Nightingale, Darkling I listen... - Desculpe, perdi o fio da meada.

Ela esperava.

- Havia muitas pessoas nas visões, mas aquela de que me lembro com maior nitidez era uma mulher de cabelos escuros. Não consigo vê-la agora, mas sei que ela me era tão familiar quanto alguém que eu tivesse conhecido minha vida inteira. Eu sabia seu nome, sabia tudo sobre ela. E agora sei que eu sabia de você. Eu sabia seu nome. Mas não sei se foi no meio de tudo ou apenas no final, antes de

ser salvo, quando eu talvez já soubesse de algum modo que o barco estava vindo e que você estava ali. - É, pensou ele, esse era um verdadeiro enigma.

- Prossiga.

- Acho que poderia ter voltado à vida mesmo que me tivesse recusado a fazer o que eles queriam. No entanto, eu quis a missão, se é que posso chamá-la assim. Eu quis realizar o objetivo. E parecia... parecia que tudo o que eles queriam de mim, tudo o que revelaram, bem, tudo isso estava relacionado à minha vida passada, a quem eu havia sido. Abrangia tudo, você está me entendendo?

- Houve um motivo para o terem escolhido.

- É, isso mesmo. Eu era a pessoa certa em virtude de quem eu era. Agora, não se iluda. Sei que isso é mais uma vez conversa de doido. Sou muito bom nisso. É aquela conversa de esquizofrênicos que ouvem vozes a lhes ordenar que salvem o mundo, sei disso. Os meus amigos têm um velho ditado a meu respeito.

- E qual é?

Ele ajustou os óculos e lhe deu seu melhor sorriso.

- Michael não é tão bobo quanto parece. - Ela riu, encantadora.

- Você não parece bobo, Michael. Você só parece bom demais para ser verdade. - Ela bateu a cinza do cigarro. - Você sabe que tem boa aparência. Isso eu não preciso lhe dizer. O que mais consegue lembrar?

Ele hesitou, decididamente eletrizado por esse último elogio. Não estava na hora de ir para a cama de novo? Não.

Estava quase na hora de pegar um avião.

- Algo a respeito de um portal. Eu poderia jurar que era isso. Mas nesse caso também, não vejo mais nada. A recordação fica mais tênue a cada dia. Mas sei que um número estava envolvido. E uma jóia. Uma jóia belíssima. Nem mesmo consigo mais me lembrar disso. E mais como se fosse fé. Mas acredito que todas essas coisas estavam associadas à missão. E ainda que tudo está vinculado à minha volta ao lar, com essa sensação de ter de fazer algo de importância tremenda. E Nova Orleans faz parte disso, assim como uma certa rua por onde eu costumava passar quando era menino.

- Uma rua?

- É, First Street. É um lindo trecho, desde Magazine Street, perto de onde eu cresci, até St. Charles Avenue, a uns cinco quarteirões de distância. É uma parte antiga da cidade que chamam de Garden District.

- Onde moram as bruxas - disse ela.

- Ah, é, isso mesmo, as bruxas do Garden District - concordou ele, sorrindo. - Pelo

menos segundo a irmã Bridget Marie.

- Esse bairro é um lugar sombrio, enfeitado?

- Não, no fundo não. Mas é como um trecho escuro de floresta no meio da cidade. Grandes árvores, árvores nas quais não dá para se acreditar. Aqui não há nada que se compare com aquele lugar. Talvez em nenhum outro ponto dos Estados Unidos. E' as casas são residências urbanas, sabe, próximas às calçadas, mas imensas e não são de parede meia. Todas têm jardins à sua volta. E há uma casa

específica, uma pela qual eu passava o tempo todo, uma casa estreita bem alta. Eu costumava parar para admirá-la, para olhar as grades de ferro. Essas grades têm um desenho de rosas. Bem, desde o acidente, não paro de ver essa casa e não paro de pensar que tenho de voltar lá, sabe, é tão urgente. Como neste exato instante em que estou sentado aqui, mas me sinto culpado por não estar no avião.

- Queria que você ficasse um pouco por aqui. - Uma sombra passou pelo seu rosto. Sua voz grave, rouca, deliciosa. - Mas não é só porque eu quero. Você não está em forma. Precisa descansar, realmente descansar sem a bebida.

- Você tem razão, Rowan, mas não posso. Não sei explicar essa tensão que sinto. Vou continuar me sentindo assim até voltar para casa.

- Taí uma outra coisa, Michael. Por que lá seria sua casa? Você não conhece ninguém por lá.

- Ah, querida, lá é minha casa, sim. Eu sei. - Ele riu. - Fiquei tempo demais no exílio. Eu sabia disso antes do acidente. Na manhã anterior foi estranhíssimo. Acordei pensando na minha cidade. Pensei numa ocasião em que fomos todos passear no litoral do golfo, e ao nascer do sol já fazia calor, calor mesmo...

- Você vai conseguir se manter longe da bebida quando sair daqui?

Ele suspirou. Forçou-se a dar um dos seus melhores sorrisos, um daqueles que sempre funcionavam no passado, e piscou um olho para ela.

- A senhora quer ouvir cascata de irlandês ou a verdade?

- Michael... - Na sua voz, não havia censura, apenas decepção.

- Eu sei, eu sei - disse ele. - Tudo o que você diz está certo. Olhe, você não sabe o que fez por mim, só por me fazer sair pela porta de casa, só por me ouvir. Eu quero fazer o que você está me dizendo para fazer...

- Então fale um pouco mais sobre a tal casa - disse ela. Ele mais uma vez ficou pensativo antes de começar.

- Ela era num estilo que chamamos de Renascença grega. Você sabe qual é o estilo? Mas com algumas diferenças. Tinha varandas na frente e nas laterais, típicas varandas de Nova Orleans. É difícil descrever uma casa dessas a alguém que nunca esteve em Nova Orleans. Você chegou a ver fotografias...?

Ela abanou a cabeça.

- Era um assunto sobre o qual Ellie não podia falar.

- Mas isso parece injusto, Rowan.

Ela deu de ombros.

- Não, de verdade.

- Ellie queria acreditar que eu era sua própria filha. Se eu lhe fazia perguntas sobre meus pais biológicos, ela imaginava que eu estava infeliz, que não havia me amado o suficiente. Era inútil tentar tirar essas idéias da sua cabeça.

- Ela tomou um pouco do café. - Antes de sua última internação, ela queimou tudo que havia na sua escrivaninha. Eu a vi fazendo isso. Queimou tudo na lareira. Fotos, cartas, todo tipo de coisa. Eu não percebi que aquilo era tudo. Ou talvez simplesmente não estivesse pensando

nisso. Ela sabia que não iria voltar. - Ela parou por um instante e serviu mais café na sua xícara e na de Michael.

- E então, depois que ela morreu, eu não consegui encontrar nem mesmo um endereço que fosse da sua família lá no sul. Seu advogado não tinha absolutamente nenhuma informação. Ela lhe havia dito que não queria que ninguém de lá fosse avisado. Todo o seu dinheiro veio para mim. No entanto, ela costumava visitar as pessoas lá em Nova Orleans. Costumava telefonar para elas. Eu nunca consegui compreender direito.

- Isso é tão triste, Rowan.

- Mas já falamos o suficiente de mim. E a tal casa? O que é que a traz à sua lembrança agora?

- Ah, as casas de lá não são como as daqui. Lá, cada casa tem sua personalidade, seu caráter. E essa, bem, ela é sombria e sólida, e como que de uma escuridão esplêndida. Foi construída bem na esquina, com uma parte tocando a calçada da rua transversal. Deus sabe que eu amei aquela casa. Havia um homem que morava lá, um homem que podia ter saído direto de um romance de Dickens, juro. Alto e de rematado cavalheirismo, se você me entende. Costumava vê-lo no jardim... - Ele hesitou, algo tão próximo dele, tão crucial...

- O que houve?

- Só aquela sensação de novo, de que tudo está relacionado a ele e à casa. - Ele estremeceu como se estivesse com frio, mas não estava. - Não consigo descobrir o quê, mas aquele homem tem alguma coisa a ver com isso. Não creio que fosse intenção daquelas pessoas que vi nas visões que eu me esquecesse. Acho que elas queriam que eu agisse rápido porque vai acontecer alguma coisa.

- O que poderia ser essa coisa? - perguntou ela, com delicadeza.

- Algo a ver com a casa - disse ele.

- Por que motivo iam querer que você voltasse àquela casa?

- Mais uma vez seu jeito de perguntar era terno, sem qualquer desafio.

- Porque eu tenho um poder para fazer alguma coisa lá. Tenho o poder de afetar alguma coisa. - Ele olhou para as próprias mãos, tão sinistras nas luvas pretas. - Pois foi como se tudo se encaixasse. Imagine o mundo inteiro composto de fragmentos ínfimos e de repente muitos desses pequenos fragmentos são luzes e você vê um... um...

- Um projeto?

- É, exatamente, um projeto. Bem, minha vida faz parte de um projeto maior. - Ele bebeu mais um gole de café. - O que você acha? Estou maluco? - Ela abanou a cabeça.

- Parece especial demais para ser loucura.

- Como especial?

- Quero dizer, específico.

Ele deu um risinho de espanto. Ninguém em todas aquelas semanas lhe havia dito nada parecido. Ela apagou o cigarro.

- Você pensou com frequência nessa casa nos últimos anos?

- Quase nunca. Nunca me esqueci dela, mas também nunca pensei muito nela. Talvez de vez em quando, acho, sempre que me lembrava do Garden District, costumava pensar nela. Seria possível dizer que era um lugar obsessivo.

- Mas a obsessão não teve início antes das visões.
- Sem dúvida. Tenho outras recordações da minha terra, mas a dessa casa é a mais forte.
- No entanto, quando você pensa nas visões, você não se lembra de nenhuma menção à casa...

- Nada com tanta clareza. Apesar de que... - Lá estava ela novamente, a sensação. De repente, porém, ele temeu o poder da sugestão. Pareceu-lhe que toda a tortura dos últimos meses ia voltar. Mesmo assim, era bom que ela acreditasse nele, era bom prestar atenção ao que ela dizia. E ele apreciava nela a naturalidade do ar de comando, a primeira característica que havia observado na noite anterior.

Ela olhava para ele, olhava como se ainda estivesse ouvindo com atenção, muito embora ele houvesse parado de falar. Ele pensou naqueles estranhos poderes inconstantes. Como confundiam totalmente as coisas, em vez de esclarecê-las. - E então, o que há de errado comigo? Quer dizer, na qualidade de médica, de neurologista, qual é sua opinião? O que eu deveria fazer? Por que não paro de ver a tal casa e o tal homem? Por que me sinto como se devesse estar lá neste momento?

Ela meditou profundamente, imóvel, em silêncio, com os olhos cinzentos abertos e fixos em algum ponto do outro lado da vidraça, com os braços longos e esguios cruzados.

- Bem - disse ela, afinal - você deve voltar até lá, não há a menor dúvida quanto a isso. Você não vai sossegar enquanto não fizer isso. Vá procurar a tal casa. Quem sabe? Talvez não exista mais. Ou talvez você não tenha nenhuma sensação especial ao vê-la. Seja como for, você deveria procurá-la. Pode haver alguma explicação psicológica para

essa idéia fixa, como é chamada, mas acho que não. Suspeito que você tenha visto algo, sim, que tenha ido mesmo a algum lugar. Sabemos que muitas pessoas passam por isso, pelo menos é o que alegam quando voltam. Mas talvez você esteja fazendo uma interpretação errada do acontecido.

- Não tenho muito no que me basear - admitiu ele. - É verdade.

- Você acha que essas pessoas provocaram o acidente?

- Meu Deus, nunca cheguei a pensar nisso.

- Não pensou?

- Quer dizer, pensei que, bem, o acidente aconteceu, e as pessoas estavam lá, e de repente a oportunidade se apresentou. Seria terrível imaginar que elas fizeram com que acontecesse. Isso mudaria as coisas, certo?

- Não sei. O que me preocupa é o seguinte. Se são seres poderosos, qualquer que seja sua natureza, se tiveram condições de lhe dizer algo importante relativo a um objetivo, se conseguiram mantê-lo vivo quando o normal seria que tivesse morrido, se tiveram como incluir uma operação de resgate, bem, então, por que não poderiam ter provocado o acidente, e por que não poderiam estar causando sua perda de memória?

Ele estava perplexo.

- Realmente isso nunca lhe ocorreu?

- É uma idéia assustadora - sussurrou ele. Ela começou a falar novamente, mas ele lhe pediu com um gesto delicado que esperasse. Estava procurando as palavras para

transmitir o que queria dizer. - Minha idéia deles é diferente. É minha crença que eles existem num outro universo e isso significa em termos espirituais tanto quanto em termos físicos. Que eles são...

- Seres superiores?

- Isso. E que eles só puderam se aproximar de mim, saber de mim, cuidar de mim, enquanto eu estava perto deles, entre a vida e a morte. O que estou querendo dizer é que foi místico. Mas gostaria de encontrar uma outra palavra para descrever o que houve. Foi uma comunicação que só ocorreu porque eu estava fisicamente morto.

Ela esperava.

- O que eu quero dizer é que eles eram uma outra espécie de seres. Não poderiam fazer um homem cair de um rochedo e se afogar no mar. Porque se conseguissem fazer esse tipo de coisa no mundo material, bem, então para quê iriam precisar de mim?

- Entendo seu ponto de vista - disse ela. - Mesmo assim...

- O quê?

- Você está supondo que eles sejam seres superiores. Você fala neles como se fossem bons. Está supondo que deve fazer o que eles querem que faça. Mais uma vez, ele estava pasmo.

- Olhe - disse ela - pode ser que eu não saiba do que estou falando.

- Não - respondeu ele - acho que você sabe, sim. E está com a razão. Tudo isso eu supus. Mas veja, Rowan, é uma questão de impressão. Despertei com a impressão de que

eram bons, de que eu havia voltado com a confirmação de sua bondade, e de que o objetivo era algo com o qual eu havia concordado. E não questionei essas suposições. O que você está dizendo é que talvez eu devesse questioná-las.

- Eu posso estar errada. E talvez não devesse dizer nada. Mas você sabe o que lhe disse dos cirurgiões. Nós já entramos exibindo não nossos punhos, mas nossos bisturis.

Ele riu.

- Você não sabe o quanto representa para mim só o ato de estar falando nisso, de estar pensando nisso em voz alta. - E então parou de sorrir, porque era muito perturbador estar falando no assunto desse jeito, e ela sabia disso.

- E ainda tem mais uma coisa - disse ela.

- E qual é?

- Cada vez que você fala no poder nas suas mãos, você diz que ele não tem importância. Diz que as visões eram importantes. Mas por que os dois não estariam vinculados? Por que você não acredita que as pessoas das visões lhe deram o poder das mãos?

- Não sei. Já pensei nisso. Meus amigos chegaram a sugerir isso. Mas não me parece aceitável. O poder das mãos me dá a impressão de me desviar do objetivo. Ou seja, as pessoas ao meu redor querem que eu use esse poder e, se eu começasse a usá-lo, não voltaria mais para lá.

- Compreendo. E quando você vir essa casa, irá tocá-la com suas mãos? Ele pensou muito. Tinha de confessar não ter pensado numa coisa dessas. Havia imaginado um esclarecimento mais imediato e maravilhoso das coisas.

- É, acho que vou. Vou tocar o portão, se puder. Subirei a escada da frente e tocarei a porta.

Por que isso o assustava? Ver a casa significava algo de fantástico, mas tocar as coisas.... Ele abanou a cabeça e cruzou os braços enquanto se recostava na cadeira. Tocar o portão. Tocar a porta. É claro que os seres lhe podiam ter dado o poder, mas por que ele achava que não havia sido eles? Especialmente, se tudo se encaixava...

Ela estava calada, obviamente intrigada. Talvez até mesmo preocupada. Ele a observou por algum tempo, pensando em como detestava a idéia de ir embora.

- Fique mais um pouco, Michael - disse ela, de repente.

- Rowan, vou lhe pedir uma coisa. Esse documento que você assinou, esse compromisso de nunca ir até Nova Orleans. Você acredita nesse tipo de coisa? Quer dizer, acredita na validade dessa promessa a Ellie, a uma pessoa morta?

- Claro que acredito - respondeu ela, desanimada, quase triste. - Você também acredita nesse tipo de coisa.

- Eu?

- Estou dizendo que você é uma pessoa honrada. Você é o que chamamos com grande pompa de "um cara legal".

- Está bem. Espero que seja mesmo. Coloquei mal minha pergunta. O que me diz do seu desejo de ver o lugar onde nasceu? Mas sei que estou lhe mentindo agora, porque o que quero dizer é, existe alguma possibilidade de você ir até lá comigo? E acho que um cara legal não diz mentiras.

Silêncio.

- Sei que parece ser presunção minha. Sei que muitos homens estiveram nesta casa. Quer dizer, eu não sou o amor da sua vida, eu...

- Pare com isso. Eu podia me apaixonar por você, e você sabe disso.

- Pois então, ouça o que estou dizendo porque estou falando de duas pessoas vivas. E talvez eu já... bem, eu... o que eu quero dizer é que, se você quiser voltar lá, se precisar ir até lá só para ver com os próprios olhos o lugar onde nasceu e quem eram seus pais... Ora, por que cargas d'água não vem comigo? - Ele suspirou e se recostou, enfiando as mãos nos bolsos das calças. - Parece que seria um passo imenso, não é? E tudo isso é egoísmo meu. E só que eu quero que venha. Belo cara legal que eu sou.

Ela estava mais uma vez com o olhar distante, rígida. Depois, sua boca se retesou. E ele percebeu que ela estava a ponto de chorar.

- Eu gostaria de ir - disse ela, com as lágrimas subindo-lhe aos olhos.

- Meu Deus, Rowan, desculpe-me. Eu não tinha o direito de lhe pedir isso. As lágrimas a dominaram. Ela continuava com os olhos perdidos no mar, como se aquele fosse o único meio de manter o controle sobre a situação.

Mesmo assim, estava chorando, e ele via os leves movimentos da sua garganta quando ela engolia, bem como a tensão nos seus ombros. Ocorreu-lhe subitamente que essa era a pessoa mais só que ele já conhecera. A Califórnia estava cheia de gente assim, mas ela estava realmente isolada. Sem nenhuma sombra de egoísmo, ele temeu por ela, teve medo de deixá-la naquela casa.

- Olhe, Rowan, lamento muito mesmo. Não posso fazer isso com você. É um trato entre você e Ellie. Quando se sentir pronta para ir, você irá. E por enquanto eu preciso ir por motivos totalmente diferentes. Preciso sair daqui e odeio a idéia de ir.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto.

- Rowan...

- Michael - sussurrou ela - sou eu quem deve pedir desculpas. Fui eu quem se jogou nos seus braços. Agora, pare de se preocupar comigo.

- Não, não diga isso. - Ele começou a se levantar porque queria abraçá-la de novo, mas ela não quis permitir. Procurou agarrar sua mão do outro lado da mesa e a segurou. Ele voltou a falar com delicadeza. - Se você acha que eu não gostei de abraçá-la, de enxugar suas lágrimas, bem, então você não está usando seus poderes, Rowan. Ou simplesmente não entende um homem como eu.

Ela estremeceu, com os braços cruzados junto ao corpo, a franja caindo sobre os olhos. Parecia tão abandonada que ele teve vontade de segurá-la e beijá-la novamente.

- Na realidade, do que é que você está com medo? - perguntou ele.

Quando ela respondeu, foi num sussurro tão baixo que ele mal conseguiu ouvir.

- De ser má, de ser uma pessoa perversa, uma pessoa que pudesse realmente praticar o mal. Uma pessoa com um tremendo potencial para o mal. É isso o que todos os poderes de que disponho me dizem sobre mim mesma.

- Rowan, não foi pecado ser uma pessoa melhor do que Ellie ou Graham. E não é pecado culpá-los pela sua solidão, pelo fato de a terem criado em total isolamento de qualquer vínculo de sangue que você pudesse ter.

- Reconheço tudo isso, Michael. - Ela sorriu, um sorriso afetuoso, cheio de gratidão e aquiescência, mas não acreditava no que ele estava dizendo. Ela sentia que ele deixara de ver nela algo de importância crucial, e que ele sabia disso. Ele não havia conseguido vê-la, da mesma forma que não havia conseguido realizar seu objetivo no convés do barco. Ela olhou para as águas profundas e azuis lá fora e depois para ele.

- Rowan, não importa o que aconteça em Nova Orleans, você e eu vamos nos ver novamente, e em breve. Eu poderia jurar para você sobre uma pilha de Bíblias que voltaria para cá, mas no fundo acho que nunca mais volto. Quando saí de Liberty Street, soube que nunca mais iria morar lá. Mas nós vamos nos encontrar em algum lugar, Rowan. Se você não puder pôr os pés em Nova Orleans, então escolha o lugar, mande um aviso e eu irei.

Ouviram isso, seus patifes, pensou ele, olhando para o mar e para o céu azul sujo da Califórnia. Vocês, criaturas, quem quer que sejam, que fizeram isso comigo e não querem voltar para me orientar. Vou para Nova Orleans, seguindo suas instruções. Mas aqui existe algo entre mim e essa mulher, e isso só diz respeito a mim.

Ela quis levá-lo até o aeroporto, mas ele insistiu em chamar um táxi. Era uma viagem longa demais para ela, e ele sabia que ela estava cansada. Precisava dormir.

Ele tomou um banho de chuveiro e fez a barba. Há quase doze horas não bebia. Realmente um assombro.

Quando desceu, encontrou-a sentada com as pernas cruzadas, novamente junto à lareira, muito bonita em calças brancas de lã e um outro suéter grosso e imenso que realçava ainda mais seus pulsos finos e suas pernas compridas, fazendo com que lembrasse uma corça. Estava levemente perfumada com uma fragrância cujo nome ele soubera no passado e que ainda adorava.

Beijou-a no rosto e ficou abraçado com ela algum tempo. Dezoito anos, talvez mais, separavam suas idades, e ele sentia isso com pesar, sentiu isso quando roçou os lábios pelo seu rosto firme, carnudo. Ele lhe deu um pedaço de papel no qual havia escrito o nome do Pontchartrain Hotel e o número do telefone.

- Como posso encontrá-la no hospital, ou não seria conveniente procurar por você

lá?

- Ora, quero que me procure. Pego meus recados o dia inteiro, em intervalos. - Ela foi até o balcão da cozinha e escreveu os números no bloquinho de anotações. Arrancou a página e a entregou a ele. - Faça um escândalo se criarem qualquer problema. Diga-lhes que estou esperando sua chamada. E eu mesma vou avisar também.

- Entendido.

Ela deu um passo atrás, enfiando as mãos nos bolsos, e abaixou a cabeça um pouco enquanto olhava para ele.

- Não se embriague de novo, Michael.

- Tudo bem, doutora. - Ele riu.. - Eu podia ficar aqui parado e lhe dizer que assumo esse compromisso, querida, mas de um jeito ou de outro, quando a aeromoça...

- Michael, não beba no avião e não beba quando chegar lá. Você vai sofrer um bombardeio de recordações. Vai estar a quilômetros de distância de qualquer pessoa conhecida.

- A senhora tem razão, doutora - disse ele, abanando a cabeça. - Vou ter cuidado. Tudo vai dar certo.

Ele foi até a mala, tirou seu walkman do bolso externo, e verificou se havia se lembrado de trazer um livro para o avião.

- Vivaldi - disse ele, enfiando o walkman com seus minúsculos fones de ouvido no

bolso da jaqueta. - E meu Dickens. Fico maluco quando viajo sem eles. É melhor do que Valium e vodca, juro.

Ela lhe deu um sorriso maravilhoso e depois riu abertamente.

- Vivaldi e Dickens. Imagine só!

- Todos nós temos nossas fraquezas - disse ele, dando de ombros. - Meu Deus, por que estou saindo desse jeito? Estou louco?

- Se não me ligar hoje à noite...

- Vou lhe ligar mais cedo e mais vezes do que poderia esperar.

- O táxi está aí - disse ela.

Ele também havia ouvido a buzina.

Tomou-a nos braços, beijando-a, esmagando seu corpo contra o dela. E por um instante, quase não conseguiu se afastar. Pensou no que ela havia dito, na possibilidade de

eles terem provocado o acidente, de terem causado a amnésia, e um calafrio sinistro passou pelo seu corpo, algo como o verdadeiro medo. E se ele se esquecesse daqueles seres, para sempre? E se ele simplesmente ficasse aqui com ela? Parecia unia possibilidade, uma espécie de última oportunidade. Realmente parecia.

- Acho que amo você, Rowan Mayfair - sussurrou ele.

- É, Michael Curry, acho que alguma coisa desse nível pode estar acontecendo em ambas as partes neste momento.

Ela lhe deu mais um dos seus sorrisos suaves, radiantes, e ele viu nos seus olhos toda a força que havia considerado tão sedutora naquelas últimas horas, assim como toda a ternura e a tristeza, também.

No longo caminho até o aeroporto, ele foi ouvindo Vivaldi com os olhos fechados. Mas de nada adiantou. Ele pensava em Nova Orleans, e depois pensava nela. E de uma para a outra, o pêndulo oscilava. Ela havia dito que era algo simples, mas como o havia perturbado. Todas essas semanas ele havia se agarrado à idéia de um projeto maior e de um objetivo que serviria a um valor superior. No entanto, quando ela lhe fez algumas perguntas simples e lógicas, sua fé desmoronou.

Ora, ele não acreditava que o acidente pudesse ter sido provocado por alguém. A onda apenas o havia arrastado do rochedo. E depois, ele fora para algum lugar, algum nível já visitado por outros, e lá havia encontrado esses seres, e eles o haviam encontrado. Mas eles não poderiam fazer coisas às pessoas para machucá-las, para manipulá-las como marionetes. Então, colega, o que me diz do salvamento? O que me diz de ela vir, sozinha naquele

barco, pouco antes de escurecer, até aquele ponto específico no mar?

Meu Deus, ele já estava enlouquecendo de novo. Tudo em que conseguia pensar era em voltar a estar junto dela, ou em tomar um bom gole de Bourbon com gelo. Só quando estava esperando para embarcar no avião foi que algo lhe ocorreu, algo a que não havia dado a menor atenção antes.

Havia tido relações com ela três vezes nas últimas horas sem tomar as precauções costumeiras para evitar uma gravidez. Nem havia pensado nos preservativos que sempre trazia na carteira. Também não lhe havia feito nenhuma pergunta a respeito. E imaginar que, em todos esses anos, essa era a primeira vez que ele deixava uma coisa dessas acontecer.

Bem, ela era médica, pelo amor de Deus. Sem dúvida, estava protegida. Mas talvez ele devesse telefonar para falar nisso neste minuto. Também não seria mal ouvir sua voz. Ele fechou seu David Coppeifield e começou a procurar um telefone. Foi quando viu aquele homem novamente, aquele inglês de cabelos brancos e terno de tweed. Estava sentado a algumas fileiras dele, com sua valise e seu guarda-chuva; na mão, um jornal dobrado.

Ai, não, pensou Michael, desolado, voltando a se sentar. Tudo o que me faltava era topar com ele.

Veio a chamada para o embarque. Michael ficou olhando ansioso quando o inglês se levantou, apanhou suas coisas e se dirigiu ao portão. Poucos instantes depois, no entanto, o inglês nem ergueu os olhos quando Michael passou por ele e foi se sentar à janela na parte de trás da primeira classe. O velhote já estava com a valise aberta e escrevia, aparentemente com grande rapidez, num livro encadernado

em couro. Michael pediu seu Bourbon com uma cerveja geladíssima para acompanhar antes que o avião levantasse vôo. Quando chegaram a Dallas para um a escala de quarenta minutos, ele já estava na sexta cerveja e no sétimo capítulo de David Copperfield, e nem se lembrava mais da presença do inglês.

Capítulo 7

Ele fez com que o motorista do táxi parasse no caminho para que pudesse comprar urna embalagem de seis latas, já exultante com o calor do verão, e agora quando saíram da auto-estrada e foram descendo pela sujeira familiar e inesquecível da parte baixa de St. Charles Avenue, Michael sentiu vontade de chorar ao ver os carvalhos de casca negra, com sua folhagem escura, e o bonde de St. Charles, comprido e estreito, exatamente como na sua lembrança, vindo pelos trilhos num estardalhaço ruidoso.

Mesmo nesse trecho, em meio às feias lanchonetes especializadas em hambúrgueres, aos decrepitos bares de madeira e aos novos prédios de apartamentos que se erguiam acima de lojas fechadas com tapumes e postos de gasolina abandonados, essa era sua velha cidade, verdejante e de uma beleza delicada. Ele adorava até o mato que explodia nas fendas. O capim crescia verde e viçoso no canteiro central. As extremosas estavam cobertas de flores espumantes. Viu das cor-de-rosa, lilás e de um vermelho tão intenso quanto o da polpa da melancia.

- Olhe só para aquilo! - disse ele ao motorista, que não parava de falar de crimes e dos maus tempos que estavam passando. - O céu está roxo. Roxo, exatamente como eu me

lembrava, e o incrível é que todos esses anos que passei fora pensei que havia imaginado tudo isso. Achava que minha memória coloria tudo, está me entendendo?

Teve vontade de chorar. Todo o tempo em que segurou Rowan nos braços enquanto ela chorava, ele próprio não verteu uma lágrima sequer. Mas agora, estava com vontade de chorar a valer, e, puxa, como desejava que Rowan estivesse junto. O motorista estava rindo dele.

- É, bem, acho que aquilo ali é mesmo um céu roxo. Acho que se poderia dizer que é roxo.

- Mas é claro que é. Você nasceu entre Magazine e o rio, certo? - perguntou Michael. - Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar do mundo.

- E do que você está falando, cara, o que me diz da sua própria voz? - disse o motorista, retribuindo a provocação. - Nasci na esquina de Washington com St. Thomas, se quer saber, caçula de nove. Não se fazem mais famílias como antigamente. - O táxi ia bem devagar pela avenida, com a brisa suave e úmida de agosto entrando pelas janelas abertas. A iluminação das ruas acabava de acender.

Michael fechou os olhos. Mesmo o monólogo interminável do motorista era música para ele. Por esse calor, por essa atmosfera perfumada e envolvente, ele havia ansiado do fundo do coração. Haveria algum outro lugar no mundo em que o ar fosse uma presença tão viva, em que a brisa beijasse e acariciasse as pessoas, em que o céu vibrasse e tivesse vida? E ainda, ai, meu Deus, o significado de não sentir mais frio!

- Olhe, estou lhe dizendo que ninguém tem o direito de se sentir tão feliz quanto eu neste exato momento - disse

Michael. - Ninguém. Olhe aquelas árvores. - Ele estava de olhos abertos, fixos nos galhos negros e sinuosos.

- Por onde foi que você andou, meu filho? - perguntou o motorista. Era um homem baixo, com um boné de viseira e o cotovelo meio para fora da janela.

- É, cara, eu estive no inferno. E vou lhe contar uma coisa sobre o inferno. Ele não é quente, não. É frio. Ei, olhe, o Pontchartrain Hotel. E continua igual. Ainda é igualzinho. Na realidade, se havia alguma diferença, é que ele estava mais elegante e ativo do que nos velhos tempos. Tinha toldos azuis recortados e o antigo complemento de porteiros e mensageiros parados junto às portas de vidro.

Michael mal podia se manter sentado. Ele queria descer, caminhar, cobrir aquelas velhas calçadas. No entanto, havia dito ao motorista que o levasse primeiro a First Street, para depois trazê-lo de volta ao hotel, e ele podia esperar por First Street.

Terminou a segunda cerveja bem no instante em que chegaram ao sinal de trânsito de Jackson Avenue, e a partir daí tudo mudava. Michael não se lembrava de que a transição fosse tão drástica, mas os carvalhos eram mais altos e infinitamente mais densos. Os prédios de apartamentos cediam lugar às casas brancas com colunas coríntias. E o letárgico mundo do crepúsculo parecia de repente estar sob um delicado véu de um verde luminoso.

- Rowan, se ao menos você estivesse aqui - sussurrou ele. Ali estava a casa de James Gallier na esquina de St. Charles com Philip, esplendidamente restaurada. E do outro lado da rua, a casa de Henry Howard, elegante com sua pintura recente. Gradis de ferro protegiam gramados e jardins. - Meu Deus, estou em casa!

Ao desembarcar do avião, lamentou ter bebido tanto. Simplesmente estava tendo muita dificuldade para lidar com a mala e para encontrar um táxi, mas agora tudo isso havia passado. Quando o táxi virou à esquerda em First Street e penetrou no cerne sombrio e frondoso do Garden District, ele entrou em êxtase. - Você percebe que isso aqui está igualzinho a como era antes! - Comentou ele com o motorista. Foi invadido por um imenso sentimento de gratidão. Ofereceu a cerveja recém aberta ao motorista, que apenas riu e a recusou com um gesto simpático.

- Mais tarde, meu filho - disse ele. - E agora para onde vamos? - Na câmera lenta do tempo onírico, parecia que eles passavam deslizando pelas sólidas mansões. Michael viu calçadas de tijolos, viu as altas e rígidas magnólias grandifloras com suas folhas escuras e lustrosas.

- Vá indo bem devagar. Deixe esse cara nos ultrapassar. Isso, bem devagar até eu lhe dizer para parar.

Pensou que havia escolhido a hora mais linda da noite para sua volta. Não estava agora pensando nas visões nem na sinistra missão. Transbordava de tanta felicidade que só conseguia pensar no que estava à sua frente e em Rowan. Pensou, sonhador, que esta era a prova do seu amor, a de não agüentar estar tão feliz sem o outro ao lado. Teve medo de que as lágrimas comesçassem a escorrer pelo seu rosto.

O motorista do táxi recomeçou a falar. Na realidade, ele nunca havia parado. Agora estava falando da paróquia redentorista, de como as coisas eram antigamente e de como tudo estava desmazelado agora. É, Michael tinha vontade de ver a velha igreja.

- Fui coroinha na igreja de Santo Afonso. - Mas isso agora não tinha importância; isso podia esperar para sempre.

Porque, ao erguer os olhos, Michael viu a casa. Viu sua lateral longa e escura que se estendia a partir da esquina, viu os inconfundíveis gradis com seu desenho de rosas; viu os carvalhos de sentinela, esticando seus galhos imensos como braços protetores e poderosos.

- É essa aí - disse ele, com a voz caindo, ofegante e sem motivo, para um sussurro. - Encoste à direita. Pare aqui. - Levando a cerveja na mão, ele desceu do táxi e caminhou até a esquina, para poder ficar numa posição diagonalmente oposta à casa.

Era como se tivesse caído um manto de silêncio sobre o mundo. Pela primeira vez, ele ouvia as cigarras, aquela melodia grave e recorrente que surgia de todos os lados, que parecia conferir vida às próprias sombras.

E então veio mais um som do qual ele estava totalmente esquecido, o canto agudo dos pássaros. Parece que estamos nos bosques, pensou ele, enquanto observava as galerias escurecidas e abandonadas, imersas agora numa escuridão precoce, sem que uma única luz bruxuleasse por trás das numerosas venezianas de madeira, altas e estreitas.

O céu parecia vidrado, brilhando acima do telhado, num tom suave riscado de violeta e de dourado. Ele revelava com nitidez e beleza a coluna mais distante da segunda galeria do alto e, por baixo da cornija sustentada por mísulas, a buganvília cascadeando exuberante desde o telhado. Mesmo no lusco-fusco, ele via as flores roxas. E distinguia também o velho desenho de rosas nos gradis de ferro. Discernia os capitéis das colunas, a interessante mistura do estilo italiano: do dórico para as colunas laterais, jônico para as inferiores da frente e coríntio para as do andar superior.

Ele inspirou com um suspiro longo e tristonho. Mais uma vez, sentia uma felicidade indescritível, mas mesclada com uma certa tristeza, e ele não sabia ao certo por quê. Pensou, exausto, em todos aqueles longos anos, mesmo em meio a essa alegria. A memória o havia enganado apenas num aspecto, refletiu. A casa era maior, muito maior do que ele se lembrava. Todas essas antigas residências eram maiores. A própria escala de tudo por aqui naquele momento lhe parecia quase inimaginável.

No entanto, havia uma intimidade pulsante, vibrante, em tudo: na folhagem macia e selvagem por trás do gradil enferrujado, que se diluía na escuridão, no canto das cigarras e nas sombras densas por baixo dos carvalhos.

- É o paraíso - sussurrou ele. Olhou para cima e viu as minúsculas samambaias verdes que cobriam os galhos dos carvalhos, e as lágrimas lhe vieram aos olhos. A recordação das visões estava perigosamente ao seu alcance. Roçou nele como asas sombrias. É, a casa, Michael.

Ele ficou paralisado, com a cerveja gelada ao contato da palma da mão enluvada. Ela estaria falando com ele, aquela mulher de cabelos escuros? Ele só sabia ao certo que o crepúsculo cantava, o calor cantava. Passeou o olhar pelas outras mansões ao redor, observando nada a não ser a harmonia suave de cercas, colunas e alvenaria e até mesmo extremosas pequenas e fracas lutando pela sobrevivência em trechos de um verde aveludado. Uma doce paz inundou-o, e por um segundo a lembrança das visões e da sua tremenda missão perdeu importância. Ele tentou voltar até sua infância mais remota, não a procura de uma recordação, mas de uma continuidade. O momento expandiu-se, ultrapassando o pensamento, superando todas as palavras inúteis e inadequadas.

O céu escureceu. Ainda mantinha a corajosa cor da ametista, como se quisesse enfrentar a noite com um fogo baixo e implacável. No entanto, a luz ia mesmo desaparecer. E, ao voltar a cabeça um pouco para olhar pela longa rua abaixo na direção do rio, Michael viu que lá o céu era puro ouro.

Bem no fundo de sua mente havia recordações, é claro, recordações de um menino que vinha passear por essas ruas saindo das pequeninas casas apinhadas perto do rio, de um menino que ficava parado exatamente neste lugar ao anoitecer. O presente, no entanto, continuava a ofuscar tudo o mais e não havia nenhum esforço para recordar, reforçar ou aperfeiçoar a suave inundação dos seus sentidos por tudo que o cercava, por esse instante de pura quietude na sua alma.

Só então, quando voltou a examinar a própria casa sem pressa, com carinho, quando viu seu portal fundo, no formato de um gigantesco buraco de fechadura, foi que a impressão das visões voltou a se manifestar com intensidade. O portal. É, eles lhe haviam falado do portal! Mas não se tratava de um portal em termos literais. Mesmo assim, a imagem do enorme buraco de fechadura e do vestíbulo sombrio logo atrás... Não, não podia ter sido um portal físico. Ele abriu os olhos e os fechou. Descobriu-se fitando em transe as janelas do quarto norte no segundo andar e, para sua repentina preocupação, viu o clarão medonho do fogo.

Não, isso não podia acontecer. No mesmo instante, porém, percebeu que era apenas a luz de velas. O bruxuleio era constante, e ele simplesmente se perguntava por que os habitantes da casa iriam preferir essa forma de iluminação.

O jardim estava ficando mais denso e fechado com a escuridão. Ele teria de se apressar se quisesse caminhar ao longo da cerca para olhar de novo o pátio lateral. Era isso o que queria fazer, mas aquela janela alta voltada para o norte o impedia. Ele via agora a sombra de uma mulher que tocava a cortina de renda ao se movimentar. E através da renda, ele pôde discernir uma estampa florida e desbotada no canto alto da parede.

De repente, ele olhou para os próprios pés. A cerveja havia caído da sua mão. Sua espuma escorria para a sarjeta. Bêbado, pensou, embriagado demais, seu idiota. Mas isso não importava. Pelo contrário, ele se sentia cheio de energia e resolveu, num átimo, atravessar o cruzamento de qualquer jeito, consciente dos seus passos pesados e instáveis, e chegar ao portão principal da casa.

Enfiou os dedos pela grade de ferro, espantando-se com a poeira e a sujeira jogadas nas tábuas descascadas da varanda da frente. As camélias crescidas eram agora árvores que subiam acima dos gradis. E o caminho de lajes estava encoberto por folhas. Ele enfiou o pé na grade de ferro. Era bem fácil pular esse portão.

- Ei, companheiro, ei!

Voltou-se, assustado, e viu o motorista do táxi ao seu lado, e como era baixo agora que não estava dentro do carro. Apenas um homenzinho com um narigão, os olhos sombreados pela pala do boné, como um duende dos carvalhos neste momento crucial.

- O que você está tentando fazer? Perdeu sua chave?

- Eu não moro aqui - disse Michael. - Não tenho chave nenhuma. - De repente, ele riu do puro absurdo daquilo. Estava tonto. A brisa agradável que vinha do rio era tão

deliciosa, e a casa escura estava bem aqui à sua frente, quase perto o suficiente para que ele a tocasse.

- Vamos, deixe-me levá-lo para seu hotel. Foi o Pontchartrain que disse, não? Certo? Posso ajudá-lo a subir até seu apartamento.

- Não tão rápido - respondeu Michael. - Espere só mais um minuto. - Ele se voltou e foi descendo a rua, perturbado de repente pelas lajes quebradas e irregulares, totalmente roxas, também, como ele se lembrava.

Não haveria nada que estivesse descorado e que o decepcionasse? Ele passou a mão pelo rosto. Lágrimas. Voltou-se, então, e olhou para o pátio lateral. Ali as extremosas haviam crescido de uma forma extraordinária. Seus troncos pálidos como cera estavam agora decididamente grossos. E o grande gramado de que ele se lembrava estava tristemente coberto de mato. Também o velho buxo crescia selvagem, sem receber cuidados. Mesmo assim, ele adorou a vista. Gostou até de ver o velho caramanchão nos fundos, encurvado sob o peso de trepadeiras emaranhadas.

E era lá que o homem sempre se encontrava, pensou ele, ao discernir a extremosa mais distante, a que subia direto contra o muro da casa vizinha.

- Onde está você? - sussurrou. De repente, as visões estavam apinhadas ao seu redor. Sentiu-se cair para a frente sobre o gradil da cerca e ouviu o gemido das suas articulações de ferro. Um leve farfalhar nas folhagens do outro lado, exatamente à sua direita. Ele se voltou; um movimento nas folhas.

Flores de camélia, feridas, caindo sobre a terra macia. Ajoelhou-se, estendeu a mão através da cerca e pegou uma

delas, vermelha, quebrada. O motorista do táxi estaria falando com ele?

- Tudo bem, companheiro - disse Michael, olhando para a camélia na sua mão, tentando vê-la melhor na escuridão. E aquilo era o brilho de um sapato preto bem à sua frente à direita, do outro lado da cerca? Mais uma vez o farfalhar. Ora, pois ele não estava vendo a perna de uma calça masculina?

Alguém estava parado ali a centímetros de distância. Perdeu o equilíbrio ao olhar para cima. E quando seus joelhos bateram nas lajes, ele viu uma figura acima dele, que o examinava através da cerca, com os olhos refletindo apenas uma centelha. A figura parecia paralisada, de olhos muito abertos, perigosamente próxima e com sua atenção violentamente concentrada nele. Uma mão foi estendida, não mais do que uma mancha branca nas sombras. Michael foi se afastando pelas lajes, com uma sensação de alarme instintiva e inquestionável.

Agora, porém, ao olhar para a folhagem exuberante, ele percebia que não havia ali ninguém. Esse vazio era de repente tão aterrador quanto a figura que desaparecera.

- Deus me livre - sussurrou. Seu coração batia forte de encontro às costelas. Ele não conseguia se levantar. O motorista puxava-lhe o braço.

- Vamos, meu filho, antes que passe por aqui urna patrulha!

Ele foi puxado até ficar em pé, embora cambaleasse perigosamente.

- Você viu aquilo? Deus do céu, aquele era o mesmo homem! - Ele olhava assustado para o motorista. - Estou lhe dizendo que era o mesmo homem.

- E eu estou lhe dizendo, meu filho, que tenho de levá-lo de volta para o hotel agora. Isso aqui é o Garden District, rapaz, não se lembra, não? Não se pode andar por aqui cambaleando de tão bêbado.

Michael perdeu o equilíbrio mais uma vez. Ia cair para a frente. Recuou pesadamente saindo das lajes para a grama, e depois se virou, procurando uma árvore para se firmar, mas não havia árvore nenhuma. Mais uma vez o motorista o agarrou. Depois, um outro par de mãos o firmou. Ele girou rápido. Se fosse outra vez aquele homem, ele ia berrar como um louco.

Mas, logo quem estava ali, o inglês, aquele cara de cabelos brancos e terno de tweed que estivera no mesmo avião.

- Afinal de contas, o que está fazendo aqui? - perguntou Michael, sussurrando. No entanto, mesmo com sua embriaguez, ele captou o rosto benévolo do homem, sua atitude reservada e refinada.

- Quero ajudá-lo, Michael - disse o homem, com uma delicadeza extrema. Era uma dessas vozes inglesas graves e infinitamente gentis. - Eu lhe seria imensamente grato se você me permitisse levá-lo de volta ao hotel.

- É, parece que essa é a atitude mais conveniente - respondeu Michael, com a nítida consciência de mal estar conseguindo pronunciar as palavras com clareza. Olhou de novo para o jardim, para a alta fachada da casa, agora totalmente imersa na escuridão, embora o céu fragmentado pelos galhos de carvalho ainda tivesse um fulgor latente. Pareceu-lhe que o inglês e o motorista do táxi estavam conversando. Pareceu-lhe que o inglês estava pagando a corrida.

Michael tentou enfiar a mão no bolso da calça para tirar seu prendedor de dinheiro, mas a mão só deslizava direto pelo pano repetidamente. Ele se afastou dos dois, caindo para a frente, de encontro à cerca uma vez mais. Agora, quase toda a luz havia desaparecido do gramado, dos distantes arbustos invasores. O caramanchão e sua carga de trepadeiras eram apenas uma forma encapuzada na escuridão.

No entanto, abaixo da extremosa mais distante, Michael discerniu com toda nitidez uma esguia forma humana. Ele via o oval claro do rosto do homem e aos seus olhos incrédulos chegava a imagem do mesmo colarinho duro e branco de antigamente, da mesma gravata de seda em volta do pescoço.

Como um homem saído direto de um romance. E ele havia visto esses mesmos detalhes apenas momentos antes quando em pânico.

- Vamos, Michael, deixe-me levá-lo - disse o inglês.

- Primeiro, você tem de me dizer uma coisa. - Michael começava a tremer por inteiro. - Olhe, diga-me se está vendo aquele homem. Mas agora ele via apenas várias nuanças de escuridão. E do fundo da memória veio a voz da sua mãe, jovem, aguda e cruelmente próxima.

- Michael, agora você sabe que não há homem algum ali.

Capítulo 8

Depois que Michael partiu, Rowan ficou sentada horas a fio no deque voltado para

o oeste, deixando que o sol a aquecesse e refletindo de uma forma meio sonolenta e incoerente sobre tudo que havia ocorrido. Ela estava ligeiramente chocada e ferida pelo acontecido, deliciosamente ferida.

Nada conseguia apagar a vergonha e a culpa que sentia por ter sobrecarregado Michael com sua própria dor e suas próprias dúvidas. Isso, porém, no fundo não a preocupava agora. As pessoas não se tornam bons neurocirurgiões detendo-se por muito tempo nos próprios erros. O certo, e no caso de Rowan o que lhe era instintivo, era examinar o erro com imparcialidade, descobrir meios de evitá-lo no futuro e prosseguir a partir dali.

Foi assim que ela avaliou sua solidão, sua tristeza, a revelação da sua própria carência, que havia feito com que caísse nos braços de Michael, e também avaliou o fato de Michael ter gostado de confortá-la, de que isso os havia aproximado, aprofundando o relacionamento de um modo totalmente imprevisto. Daí, ela passou a pensar nele.

Rowan nunca havia amado um homem da idade de Michael. Ela nunca havia imaginado o nível de desprendimento e simplicidade evidentes nos gestos e palavras mais espontâneas de Michael. Ela não estava preparada para a doçura de alma de Michael, e foi totalmente seduzida por ela. Quanto ao seu jeito de fazer amor, ora, era praticamente perfeito. Assim como Rowan, ele gostava de movimentação e turbulência. Quase como um estupro mútuo. Ela teve vontade de poder fazer amor de novo com ele naquele exato instante.

Quanto a Rowan, que havia por tanto tempo mantido separadas suas carências espirituais das suas carências físicas, satisfazendo as primeiras através da medicina e as últimas por meio de parceiros quase anônimos, a súbita convergência dos dois aspectos numa figura de boa índole, inteligente, bonita, de uma alegria encantadora e um convite irresistível ao abraço, com uma cativante combinação de misteriosos problemas psíquicos e psicológicos, era praticamente mais do que ela podia agüentar. Ela abanou a cabeça, rindo baixinho consigo mesma e depois bebericou o café.

- Dickens e Vivaldi - disse em voz alta. - Ai, Michael, volte para mim, por favor. Volte logo. - Esse era um presente do mar, esse homem.

Mas o que ia acabar acontecendo com ele, mesmo que voltasse imediatamente? Essa sua idéia fixa acerca das visões, da casa e do objetivo o estava destruindo. Além disso, Rowan tinha a nítida impressão de que ele não ia mais voltar. Enquanto ela estava sentada como que sonhando ao claro sol da tarde, não havia na sua mente a menor dúvida de que a essa altura Michael estava embriagado, e que só iria se embebedar mais até chegar à sua casa misteriosa.

Teria sido muito melhor para ele se ela o tivesse acompanhado, para cuidar dele e tentar equilibrá-lo em meio aos choques dessa viagem. Na realidade, ocorreu-lhe ter abandonado Michael duas vezes: a primeira, ao entregá-lo cedo demais e sem nenhuma objeção à guarda costeira e hoje pela manhã, ao deixar que ele seguisse sozinho até Nova Orleans.

É claro que ninguém teria esperado que ela fosse com ele para Nova Orleans. Mas também ninguém sabia o que ela

sentia por Michael, ou o que ele sentia por ela. Quanto à natureza das visões de Michael, e nisso ela pensou exaustivamente, não havia chegado a nenhuma opinião conclusiva, à exceção da impossibilidade de elas serem atribuídas a alguma causa fisiológica. E além do mais, suas particularidades, sua excentricidade, de certo modo a deixavam espantada e assustada. Persistia nela uma sensação da perigosa inocência de Michael, de sua ingenuidade, que lhe parecia estar associada a suas atitudes com relação ao mal.

Ele compreendia melhor o bem do que o mal.

No entanto, quando estavam vindo de San Francisco, por que ele lhe fez aquela pergunta estranha, se ela estava tentando lhe passar algum tipo de aviso? Ele havia visto a morte de Graham ao tocar sua mão porque ela estava pensando na morte de Graham. E essa idéia a torturava. Mesmo assim, como Michael poderia imaginar que isso fosse um aviso deliberado? Teria ele pressentido alguma coisa da qual ela não tinha nenhuma consciência?

Quanto mais ficava ao sol, tanto mais percebia que não conseguia pensar com clareza e que não conseguia suportar essa saudade de Michael, que estava atingindo o ponto da angústia. Subiu até seu quarto. Estava entrando no chuveiro quando lembrou de uma coisa. Havia se esquecido totalmente de usar um preservativo com Michael. Não era a primeira vez na vida que era tão desatenta, mas era a primeira vez em muitos anos.

Mas o que estava feito, estava feito, não estava? Ela abriu a torneira e ficou parada encostada nos azulejos, deixando a água jorrar sobre ela. Imagine ter um filho dele. Mas isso era loucura. Rowan não queria ter filhos. Nunca havia querido tê-los. Pensou novamente naquele feto no

laboratório, com todos aqueles fios e tubos presos a ele. Não, seu destino era o de salvar vidas; não o de criá-las. E então o que significava isso? Que durante duas semanas ficaria ansiosa e que depois, ao saber que não estava grávida, tudo voltaria ao normal.

Estava com tanto sono ao sair do chuveiro que mal tinha consciência do que estava fazendo. Encontrou a camisa de Michael jogada, a que ele havia tirado na noite anterior. Era uma camisa azul de trabalho, engomada e passada tão bem quanto se fosse uma camisa social, o que a agradou. Ela a dobrou com cuidado e depois se deitou com a camisa nos braços como se fosse o cobertor ou o boneco de pelúcia preferido de uma criança.

E ali dormiu seis horas seguidas.

Quando acordou, sabia que não podia ficar sozinha na casa. Parecia que Michael havia deixado sua marca ainda fresca em tudo. Ela ouvia o timbre da sua voz, seu riso, via seus enormes olhos azuis olhando sinceros para ela por trás dos óculos de armação de tartaruga, sentia seus dedos enluvados a lhe tocar os bicos dos seios, o rosto.

Ainda era cedo demais para esperar alguma ligação sua. E agora a casa parecia ainda mais vazia depois do calor da sua presença. Ela ligou imediatamente para o hospital. É claro que precisavam dela. Era noite de sábado em San Francisco, certo? Os setores de emergência do San Francisco General já estavam superlotados. Chegavam vítimas de acidentes aos montes ao centro de traumatologia do Hospital Universitário em decorrência de uma colisão múltipla na rodovia 101, e havia algumas vítimas de tiros de Mission.

Assim que chegou, havia uma paciente esperando por ela para cirurgia, já entubada e anestesiada, vítima de uma tentativa de assassinato a machadadas, que havia perdido grande quantidade de sangue. O interno leu a anamnese enquanto Rowan seguia os procedimentos de irrigação. O Dr Simmons já havia aberto o corte. Assim que penetrou no frio enregelante da sala de cirurgia, Rowan viu que o Dr Simmons estava aliviado com sua chegada.

Ela examinou o ambiente com cuidado enquanto esticava os braços para vestir o avental verde esterilizado e as luvas plásticas. Duas das melhores enfermeiras de plantão, um interno passando mal, o outro altamente entusiasmado com as atividades, os anestesistas, não seus preferidos, mas serviam. O Dr Simmons até o momento havia feito um serviço limpo e competente.

E lá estava a paciente, a paciente anônima, mantida numa posição sentada, curvada, com a cabeça inclinada, o crânio aberto, o rosto e os membros inteiramente encobertos por baixo de camadas e mais camadas de tecido verde de algodão, a não ser pelos dois pés descalços, indefesos.

Ela foi para a cabeceira da mesa, atrás do corpo encurvado, concordando com as poucas palavras rápidas que o anestesista lhe dirigiu, e com o pé direito apertou o pedal que ajustava o gigantesco microscópio cirúrgico duplo, localizando, assim, o cérebro aberto, com seus tecidos afastados pelos reluzentes retratores de metal.

- Mas que bagunça dos diabos - resmungou ela.

Risos baixos e contidos em toda sua volta.

- Ela sabia que a senhora vinha, Dra Mayfair - disse a mais velha das duas enfermeiras - e por isso simplesmente disse ao marido para lhe dar logo mais uma machadada.

Rowan sorriu por trás da máscara, apertando os olhos.

- Dr Simmons, o que acha? Vamos conseguir limpar esse sangue todo daqui sem afetar demais o cérebro da paciente?

Durante cinco horas, ela não pensou absolutamente em Michael. Eram duas da manhã quando chegou em casa. A casa estava fria e escura, do jeito que ela esperava que estivesse quando chegava. Pela primeira vez, porém, desde a morte de Ellie, ela não se flagrou pensando, cismada, na falecida.

Não se lembrou com dor e desagrado de Graham.

Nenhum recado de Michael na secretária. Estava decepcionada, mas não surpresa. Visualizava nitidamente sua descida do avião, cambaleante, bêbado. Calculou que em Nova Orleans seriam quatro horas agora. Não podia ligar para o Pontchartrain.

Melhor não pensar demais nisso, concluiu enquanto subia para ir dormir novamente.

Melhor não pensar no documento guardado no cofre que dizia que ela não podia voltar a Nova Orleans. Melhor não pensar em pegar um avião e ir atrás dele. Melhor não pensar em Andrew Slattery, seu colega de profissão, que ainda não havia sido contratado por Stanford e que talvez ficasse feliz demais de poder substituí-la por umas duas semanas no Hospital. Afinal, por que ela havia feito perguntas sobre Slattery a Lark hoje, telefonando para ele pouco depois da meia noite, para saber especificamente se Slattery já havia conseguido um emprego.

Alguma coisa estava acontecendo no seu cerebrozinho agitado. Eram três horas quando ela abriu os olhos de novo.

Havia alguém na casa. Ela não sabia dizer que ruído ou vibração a havia despertado, só que uma outra pessoa estava ali. O mostrador do relógio digital era a única iluminação além das distantes luzes da cidade. Uma forte rajada de vento atingiu de repente as janelas e, com ela, um grande borribo cintilante.

Ela percebeu que a casa estava se movimentando com violência sobre suas estacas. Ouvia-se o ruído leve do vidro a chocalhar.

Ela se levantou com o maior silêncio possível, tirou uma pistola de calibre 38 da gaveta da cômoda, engatilhou-a e foi até o alto da escada. Estava segurando a arma com as duas mãos como Chase, um amigo seu, policial, lhe havia ensinado. Já havia praticado tiro com essa arma e sabia usá-la. Não sentia tanto medo quanto raiva, muita raiva. Estava, também, perfeitamente alerta. Não ouvia nenhuma passada. Só o vento, a uivar distante na chaminé e a fazer com que as grossas vidraças gemessem baixinho.

Ela via a sala de estar diretamente abaixo, na costumeira luz lunar azulada. Mais uma rajada de gotículas atingiu as vidraças. Ela ouviu o Sweet Christine batendo surdamente contra os pneus de borracha presos ao longo do cais ao norte.

Sem fazer qualquer ruído, desceu um degrau após o outro, com os olhos varrendo

as salas vazias a cada curva da escada, até chegar ao andar inferior. Não havia uma fenda da casa que ela não pudesse ver de onde se encontrava, a não ser o banheiro às suas costas. E, ao notar apenas o vazio onde quer que olhasse, e o Sweet Christine a balançar desajeitado, ela se encaminhou com extrema cautela para a porta do banheiro.

O pequeno aposento estava vazio. Nada havia sido mexido por ali. A xícara de café de Michael estava sobre o balcão da pia. O perfume da colônia de Michael.

Olhando novamente lá para fora pelos aposentos da frente, ela se encostou na moldura da porta do banheiro. A ferocidade do vento batendo contra as vidraças a deixou alarmada. No entanto, muitas vezes no passado ela havia ouvido esse mesmo ruído. E só uma vez o vento havia sido forte o suficiente para quebrar o vidro. Uma tempestade dessas jamais havia ocorrido no mês de agosto. Tratava-se de um fenômeno de inverno, que se aliava às chuvas pesadas que desabavam sobre os morros de Marin County, carregando lama para as ruas e às vezes até arrancando casas de cima dos seus alicerces.

Agora, ela observava, vagamente fascinada, enquanto a água respingava e salpicava os longos deques, manchando-os de escuro. Ela via uma névoa de gotas no pára-brisa do Sweet Christine. Teria essa tempestade repentina a enganado? Ela acionou suas antenas invisíveis. Aguçou o ouvido. Por trás dos gemidos do vidro e da madeira, ela não ouvia nenhum som estranho.

Mas havia algo de errado aqui. Ela não estava só. E o intruso não se encontrava no segundo andar da casa. Disso tinha certeza. Ele estava perto. Ele a estava observando. Mas onde? Ela não conseguia encontrar explicação para o que sentia.

O relógio digital na cozinha deu um estalido mínimo, quase imperceptível, quando mudou a hora para três e cinco da manhã. Algo em movimento num canto do seu olho. Ela não se voltou para encará-lo. Preferiu não se mexer. E aos poucos, voltando o olhar totalmente para a esquerda sem

virar o rosto, ela captou a figura de um homem parado no deque do oeste.

Ele aparentava ser de complexão frágil, de rosto muito branco e cabelos escuros. Sua postura não era furtiva, nem ameaçadora. Estava inexplicavelmente em pé, com os braços relaxados. Sem dúvida ela não podia estar vendo essa figura com nitidez, pois as roupas pareciam impossivelmente improváveis: formais e de corte elegante.

Sua raiva cresceu, e uma fria tranquilidade a dominou. Seu raciocínio foi instantâneo. Ele não conseguiria entrar na casa pelas portas dos deques. Tampouco conseguiria abrir caminho quebrando os vidros espessos. E, se ela atirasse nele, o que ela teria adorado fazer, faria uma perfuração no vidro.

E claro que ele podia atirar nela assim que a visse, mas por que iria fazer isso? Intrusos costumam querer entrar. Além do mais, ela quase tinha certeza de que ele já a havia visto, que ele a estivera observando e que a estava observando neste exato instante.

Muito devagar, ela foi virando a cabeça. Por mais escura que pudesse lhe parecer a sala de estar, não havia a menor dúvida de que ele a via, de que de fato ele estava olhando para ela. Sua audácia a deixou enfurecida. E seu sentido do perigo da situação aumentou. Ela ficou olhando impassível enquanto ele se aproximava da vidraça.

- Vamos, seu filho da mãe, vou matá-lo com o maior prazer - murmurou ela, sentindo os pêlos se eriçarem na nuca. Um delicioso calafrio passou por seu corpo inteiro. Ela queria matá-lo, não importando quem fosse, invasor, louco ou ladrão. Ela queria atirá-lo para fora do deque com a bala de calibre 38. Ou, para ser mais simples, com qualquer poder

de que dispusesse. Lentamente, com as duas mãos, ela ergueu a arma. Apontou-a direto para ele e esticou os braços como Chase lhe havia ensinado.

Despreocupado, o intruso continuou a olhar para ela. Apesar da sua fúria tranqüila e fria, ela estava perplexa com todos os detalhes físicos que conseguia discernir. Os cabelos escuros eram ondulados; o rosto, magro e pálido e havia qualquer coisa de tristeza e súplica na sua expressão sombria.

A cabeça virou delicadamente sobre o pescoço como se o homem estivesse lhe implorando algo, falando alguma coisa com ela. Em nome de Deus, quem é você? Pensou ela. A incongruência daquilo tudo começou a lhe ocorrer aos poucos, aliada a uma idéia totalmente estranha. Isso não é o que parece ser. O que estou vendo é alguma forma de ilusão! E, com uma súbita mudança interior, sua raiva se transformou em suspeita e, finalmente, em medo.

Os olhos escuros da criatura continuavam a implorar. Ele ergueu as mãos muito claras e tocou o vidro com seus dedos. Ela não conseguia nem se mexer nem falar. E então, irada com sua impotência e seu pavor, ela gritou.

- Volte para o inferno, que é de onde você veio! - Com a voz parecendo alta e terrível naquela casa vazia.

Como se em resposta a ela, para perturbá-la e vencê-la totalmente, o intruso foi desaparecendo lentamente. A figura ficou transparente para depois dissolver-se, não deixando nada a não ser a visão levemente apavorante e decididamente perturbadora do deque vazio.

A enorme vidraça matraqueou. Houve um estrondo como se o vento a houvesse atingido de frente. Em seguida o mar

pareceu se acalmar. Até mesmo o Sweet Christine acomodou-se como pôde no canal ao lado do cais.

Rowan continuou a olhar para o deque vazio. Percebeu, então, que suas mãos - estavam úmidas com a transpiração e trêmulas. O revólver parecia imensamente pesado e perigosamente incontrollável. Na realidade, ela tremia da cabeça aos pés. Mesmo assim, foi direto até a parede de vidro. Furiosa com sua incapacidade de se defender daquele ser, ela tocou o vidro no lugar em que o ser o havia tocado. O vidro estava ligeira porém nitidamente aquecido. Não aquecido pelo que pudesse ser uma mão humana, pois esse calor seria sutil demais para uma superfície tão fria, mas aquecido como se algum fogo houvesse sido dirigido àquele ponto.

Mais uma vez, ela examinou as tábuas nuas. Fixou o olhar lá fora nas águas escuras e facetadas, e nas luzes distantes e aconchegantes de Sausalito, do outro lado da baía. Foi rapidamente até o balcão da cozinha, largou o revólver e apanhou o telefone.

- Preciso me comunicar com o Pontchartrain Hotel em Nova Orleans. Por favor, faça a ligação para lá - disse ela, com a voz trêmula. E a única coisa que podia fazer para se manter calma enquanto esperava era ouvir com atenção, para se certificar do que já sabia, que estava inteiramente só.

Inútil verificar fechaduras e trancas. Inútil ir mexer em gavetas, santinhos e fendas.

Tudo era inútil.

Quando o hotel atendeu, ela já estava desesperada.

- Preciso falar com Michael Curry - disse ela. Ele deveria ter se hospedado naquela noite, explicou. Não, não importava

que fossem cinco e vinte em Nova Orleans. Por favor, liguem para o apartamento dele.

Pareceu-lhe uma eternidade o tempo que ficou ali parada sozinha, por demais abalada para questionar o egoísmo de acordar Michael àquela hora.

- Lamento, mas o Sr Curry não está atendendo - disse a telefonista.

- Tente mais uma vez. Mande alguém subir até o quarto, por favor. Preciso falar com ele.

Finalmente, quando não conseguiram acordá-lo de modo algum e se recusaram a entrar na suíte sem seu consentimento, e Rowan não podia censurá-los por isso, ela deixou um recado urgente, desligou, jogou-se junto à lareira e tentou pensar.

Ela estava certa daquilo que havia visto. Tinha certeza absoluta. Uma assombração bem ali no deque, olhando para ela, aproximando-se dela, examinando-a! Algum ser que conseguia aparecer e desaparecer a seu bel-prazer. Mesmo assim, por que ela havia visto o brilho da luz sobre a beirada do seu colarinho? Por que as gotículas de umidade no seu cabelo? Por que o vidro ficou aquecido? Ela se perguntou se a criatura possuía substância quando era visível e se essa substância se dissolvia quando a criatura "parecia desaparecer".

Em suma, sua mente correu para a ciência, como sempre, e ela sabia que essa era sua linha de ação, muito embora ela não sustasse seu pânico, aquela forte e terrível sensação de impotência que a dominara e que permanecia com ela agora, causando-lhe medo mesmo na segurança do seu próprio lar, onde ela nunca havia sentido medo antes.

Ela se perguntava por que o vento e a chuva haviam feito parte da aparição. Ela certamente não os havia imaginado. E por que, acima de tudo o mais, a criatura havia aparecido justo para ela?

- Michael - sussurrou. Era como uma oração a lhe escapar dos lábios.

Depois, ela riu baixinho. - Eu também estou vendo coisas.

Ela se levantou de junto da lareira e percorreu a casa, devagar, com passos firmes, acendendo todas as luzes.

- Pois bem - disse ela, com calma - se você voltar, vai ter que ser em meio a uma iluminação feérica. - Mas isso era absurdo, não era? Algo que conseguia movimentar as águas da baía Richardson poderia desligar um disjuntor com a maior facilidade.

Mesmo assim, ela queria que as luzes ficassem acesas. Estava apavorada. Entrou no quarto, trancou a porta, trancou a porta do armário e a do banheiro e se deitou, afofando os travesseiros sob a cabeça e deixando a arma ao seu alcance.

Acendeu um cigarro, consciente de ser horrível fumar na cama, verificou a luzinha vermelha que piscava no alarme de incêndio, e continuou a fumar. Um fantasma, pensou. Imagine só, eu vi um fantasma. Nunca acreditei que existissem, mas vi um. Tinha de ser um fantasma. Não há outra coisa que ele pudesse ser. Mas por que ele apareceu para mim? Mais uma vez, ela viu sua expressão de súplica, e a intensidade da experiência voltou-lhe ao pensamento.

De repente, sentiu-se péssima por não conseguir entrar em contato com Michael, pois ele era a única pessoa no mundo inteiro que podia acreditar no que havia ocorrido. Michael

era a única pessoa em quem confiava o suficiente para contar.

A verdade é que estava perturbada. A sensação era curiosamente semelhante à que havia sentido naquela noite após o salvamento. Passei por uma experiência tremenda e eletrizante. Ela queria contar para alguém. Ficou ali deitada, com os olhos muito abertos à luz amarela, forte e sem sombras do quarto, perguntando-se por que ele havia aparecido a ela.

Tão singular o seu jeito de atravessar o deque, examinando-a com atenção através da vidraça.

- Daria para se pensar que eu é que era um ser estranho.

E sua perturbação continuou. Ela só sentiu alívio quando o sol afinal nasceu. Mais cedo ou mais tarde, Michael iria acordar do seu sono alcoolizado. Ele veria a luz de recados no telefone. E, sem dúvida, telefonaria.

- E aqui estou eu mais uma vez querendo algo dele, procurando alcançá-lo bem no meio do que possa estar acontecendo por lá, precisando dele...

Agora ela estava quase adormecendo, na doce e agradável segurança do sol que se derramava pela vidraça, aconchegando-se nos travesseiros e ajeitando o edredom sobre o corpo, pensando nele, nos pêlos escuros e macios no dorso das suas mãos e dos braços, nos olhos grandes olhando para ela através dos óculos. E somente à beira do sonho ocorreu-lhe que talvez esse fantasma pudesse de algum modo ter algo a ver com Michael.

As visões. Ela queria perguntar a Michael se o homem estava relacionado às visões. O sonho caiu, então, no absurdo e ela acordou, resistindo ao descabido e ao

grotesco, como sempre, pois a consciência, o raciocínio, era muitíssimo melhor. É claro que Slattery podia substituí-la. E, se Ellie ainda existia em algum lugar, era certo que ela já não mais se importava com o fato de Rowan ir a Nova Orleans. Pois não precisamos acreditar nisso? Que o que fica além do nosso plano é infinitamente melhor. E assim, ela caiu novamente num sono exausto.

Capítulo 9

Michael acordou de ressaca, com sede e sentindo calor debaixo das cobertas embora o ar no quarto estivesse bem frio. Usava shorts e camisa, com os punhos e o colarinho abertos. Também estava de luvas. Havia uma luz acesa ao final do pequeno corredor atapetado. Mesmo com o ronco suave e envolvente do ar condicionado, ele ouviu o que lhe pareceu o farfalhar de papéis.

Meu Deus, onde estou? Pensou, sentando-se. Do outro lado do pequenino saguão, parecia haver uma sala de estar, e um piano de 1/4 de cauda, de madeira clara e lustrosa aparecia contra um fundo de cortinas floridas. Devia ser sua suíte no Pontchartrain Hotel.

Ele não tinha a menor lembrança de ter chegado ali. E ficou imediatamente furioso consigo mesmo por ter bebido tanto. E então a euforia da noite anterior veio à sua memória, a visão da casa de First Street sob o céu violeta. Estou em Nova Orleans, pensou. E sentiu uma onda de felicidade que eliminou toda a culpa e confusão que sentia.

- Estou aqui - disse, baixinho. - Não importa o que mais eu possa ter feito, estou de volta.

Mas como havia conseguido entrar no hotel? E quem estava na sala de estar? O inglês. Sua última recordação nítida era a de ter falado com o inglês diante da casa de First Street. E essa pequena recordação veio acompanhada de outra: ele viu novamente o homem de cabelos castanhos por trás da cerca de ferro pintada de preto, com o olhar fixo nele. Viu seus olhos brilhantes logo ali acima dos seus, e aquele rosto estranhamente branco e impassível.

Uma sensação esquisita passou por ele. Não era exatamente um medo. Era algo mais visceral. Seu corpo se retesou como se estivesse sofrendo alguma ameaça. Como aquele homem podia ter mudado tão pouco depois de tantos anos? Como era possível que ele estivesse ali num minuto e no instante seguinte não estivesse mais?

Michael teve a impressão de saber as respostas a essas perguntas, de saber que ele havia sempre compreendido que esse homem não era um homem comum. No entanto, sua súbita familiaridade com uma idéia tão absolutamente estranha fez com que risse.

- Você está meio perdido, cara - sussurrou para si mesmo.

Agora, porém, precisava se orientar, neste lugar estranho, descobrir o que o inglês queria e o motivo pelo qual ainda estava ali. Examinou rapidamente o quarto. É, era o velho hotel. Uma sensação de conforto e segurança invadiu-o quando ele viu o tapete ligeiramente desbotado, o ar condicionado pintado sob as janelas e o telefone pesadão e antiquado sobre a pequena escrivaninha embutida, com seu sinal de recados piscando na penumbra.

A porta do banheiro estava aberta, mostrando uma faixa opaca de azulejos brancos. A sua esquerda, o armário, sua mala, aberta sobre o cavalete e, milagre dos milagres, na

mesa ao seu lado um balde de gelo, todo coberto por minúsculas gotículas e com três latas de cerveja Miller's enfiadas no gelo.

- Bem, isso não seria praticamente a perfeição?

Ele tirou a luva direita e tocou numa das latas. Visão imediata de um garçom uniformizado, a mesma velha pressão de informações perturbadoras e descabidas. Ele voltou a calçar a luva e abriu a lata. Bebeu metade dela em goles longos, frios. Depois, ficou em pé e foi urinar no banheiro.

Mesmo à suave luz da manhã que entrava pelas palhetas das venezianas, ele viu sua bolsa de artigos de toalete sobre o mármore da pia. Tirou sua escova e pasta e escovou os dentes.

Agora ele se sentia um pouco menos horrível, com uma ressaca e uma dor de cabeça menos fortes. Ele penteou o cabelo, bebeu o resto da lata de cerveja e se sentiu quase bem.

Pôs uma camisa limpa, vestiu as calças e, tirando mais uma lata do balde, atravessou o corredor e ficou olhando a sala ampla e de mobília elegante. Mais além de um conjunto de sofás e poltronas de veludo, o inglês estava sentado a uma pequena mesa de madeira, encurvado sobre uma quantidade de envelopes pardos e folhas datilografadas. Era um homem de complexão frágil, com o rosto muito enrugado e abundantes cabelos brancos. Usava uma jaqueta de veludo cinza, amarrada à cintura, e calças de tweed também cinza, e olhava para Michael com uma expressão extremamente simpática e amável.

- Sr Curry, está se sentindo melhor? - perguntou ele, pondo-se de pé.

A sua era uma dessas eloqüentes vozes inglesas que conferem às palavras mais simples um novo significado, como se elas antes nunca houvessem sido pronunciadas corretamente. Tinha olhos azuis pequenos, porém cheios de vida.

- Com quem estou falando? - perguntou Michael.

O inglês aproximou-se, com a mão estendida.

Michael não a apertou, embora lhe fosse desagradável ser tão rude com alguém

que parecia ser amável, sincero e simpático. Ele tomou mais um gole da cerveja.

- Meu nome é Aaron Lightner - disse o inglês. - Vim de Londres para conhecê-lo.- Uma voz baixa, discreta.

- Minha tia contou-me essa parte. Eu o vi rondando minha casa em Liberty Street. Por que acabou me seguindo até aqui?

- Porque preciso conversar com o senhor, Sr Curry - respondeu o homem com gentileza, quase com reverência. - Quero tanto conversar com o senhor que me disponho a correr qualquer desconforto ou inconveniência que possa atrair. Que também me arrisquei a desagradá-lo é óbvio. E lamento, lamento muitíssimo. Só queria ser útil, trazendo-o para cá. E permita-me informar-lhe que o senhor na ocasião estava totalmente de acordo.

- Eu estava? - Michael descobriu que estava se eriçando de raiva. No entanto, tinha de admitir que esse homem era realmente encantador. Só que um outro relance nos papéis espalhados sobre a mesa o deixou furioso. Por cinquenta dólares, ou por muito menos, o motorista do táxi teria lhe

dado uma ajuda. Com a vantagem de que não estaria aqui agora.

- Isso é a pura verdade - disse Lightner, no mesmo tom suave, tranqüilo. - E talvez

eu devesse ter me retirado para minha própria suíte acima desta, mas eu não tinha certeza se o senhor ia passar mal ou não, e francamente estava preocupado por um outro motivo.

Michael não disse nada. Tinha plena consciência de que o homem havia acabado de ler seus pensamentos.

- Pois o senhor conseguiu atrair minha atenção com esse pequeno truque - disse ele, e pensou se o outro conseguiria repetir o truque.

- Claro, se o senhor quiser - disse o inglês. - Infelizmente, um homem no seu estado de espírito é extremamente fácil de ler. Receio que sua sensibilidade aumentada funcione nos dois sentidos. Mas posso ensiná-lo a esconder seus pensamentos, a instalar um anteparo, se quiser. Por outro lado, não é no fundo necessário, porque não existem muitas pessoas como eu por aí.

Michael sorriu a contragosto. Tudo isso foi dito com uma humildade tão cortês que ele se sentiu um pouco perplexo e decididamente tranqüilizado. O homem parecia perfeitamente sincero. Na realidade, a única impressão emocional captada por Michael era de bondade, o que o surpreendia um pouco. Michael passou pelo piano, indo na direção das cortinas floridas e puxou o cordão.

Ele detestava ficar num aposento com luz artificial pela manhã e sentiu uma felicidade imediata ao baixar os olhos e ver St. Charles Avenue, sua larga faixa gramada, os trilhos

dos bondes e a folhagem empoeirada dos carvalhos. Ele não se lembrava de que as folhas dos carvalhos fossem de um verde tão escuro. Parecia-lhe que tudo o que via era de uma nitidez notável. E, quando o bonde de St. Charles passou ali embaixo, subindo lentamente para a cidade alta, o velho e conhecido ronco, um som diferente de qualquer outro, deixou-o novamente animado. Como tudo lhe parecia maravilhosamente familiar e letárgico.

Ele precisava voltar a sair, caminhar novamente até a casa de First Street. Tinha a nítida consciência, porém, de que o inglês o observava. E mais uma vez, não conseguia detectar nada a não ser honestidade no homem, e nada além de uma saudável boa vontade.

- Está bem, estou curioso - disse ele, voltando-se. - E agradeço pelo que fez por mim. Mas não estou gostando nada disso. Não estou gostando nem um pouco. Por isso, pela minha curiosidade e para demonstrar minha gratidão, se é que me entende, vou lhe dar vinte minutos para me explicar quem o senhor é, por que está aqui e o que isso tudo significa. - Sentou-se no sofá de veludo, de frente para o homem e para a bagunça em cima da mesa. Desligou a luz. - Ah, e obrigado pela cerveja. Realmente gostei da cerveja.

- Tem mais na geladeira na cozinha aqui atrás - disse o inglês. De uma simpatia inabalável.

- Muita consideração sua - disse Michael. Ele se sentia bem nesses aposentos. No fundo, não se lembrava deles da infância, mas o ambiente era agradável, com os papéis de parede escuros, os móveis de estofados macios e os pequenos abajures de latão.

O homem sentou-se à mesa, encarando Michael. E pela primeira vez, Michael percebeu uma pequena garrafa de conhaque e um copo. Viu o paletó do terno do homem pendurado numa outra cadeira. Uma valise, a valise que Michael havia visto no aeroporto, estava no chão junto à cadeira.

- Aceita um conhaque? - perguntou o homem.

- Não. Por que está na suíte acima desta? O que está acontecendo?

- Sr Curry, pertenço a uma antiga organização, chamada Talamasca. Já ouviu falar?

- Não - respondeu Michael, depois de pensar um pouco.

- Nossa história remonta ao século XI. Para ser franco, somos ainda mais antigos, mas foi em algum ponto durante o século XI que adotamos o nome Talamasca, e a partir daí tivemos uma constituição, por assim dizer, e certas normas. Em termos atuais, somos um grupo de historiadores interessado basicamente em pesquisa psíquica. A bruxaria, as assombrações, os vampiros, as pessoas com alguma capacidade psíquica notável. Tudo isso nos interessa, e mantemos um imenso arquivo com informações a esse respeito.

- Fazem isso desde o século XI?

- Fazemos, e antes também, como lhe disse. Sob muitos aspectos, temos uma atitude passiva. Não gostamos de interferir. Por sinal, deixe-me lhe mostrar nosso cartão e nosso lema.

O inglês tirou o cartão do bolso, entregou-o a Michael e voltou para a cadeira. Michael leu o cartão.

O TALAMASCA

Nós OBSERVAMOS

E ESTAMOS SEMPRE PRESENTES.

Havia números de telefone de Amsterdã, Roma e Londres.

- Vocês têm sedes em todos esses lugares? - perguntou Michael.

- Preferimos chamá-las de casas matrizes - disse o inglês. - Mas, continuando, nossa atitude é essencialmente passiva, como disse. Coligimos dados, fazemos associações, remissões e preservamos informações. No entanto, somos muito ativos quando se trata de fazer chegar essas informações àquelas pessoas que delas se possam beneficiar. Soubemos da sua experiência através da imprensa londrina e de um contato em San Francisco. Pensamos que talvez pudéssemos lhe ser... úteis.

Michael tirou a luva direita, puxando-a lentamente pelos dedos, e a deixou de lado.

Segurou novamente o cartão. Brusca imagem de Lightner pondo alguns cartões idênticos no bolso num outro quarto de hotel. Cidade de Nova York: Cheiro de charutos. Ruído do trânsito. Imagem de uma mulher em algum lugar falando com Lightner num veloz sotaque britânico.

- Por que não lhe faz uma pergunta específica, Sr Curry?

As palavras despertaram Michael.

- Tudo bem - disse ele. Este homem está me dizendo a verdade?

A pressão continuou, debilitante e frustrante, vozes cada vez mais altas, mais confusas. Em meio à algazarra, Michael ouviu novamente a voz de Lightner.

- Focalize seu objetivo, Sr Curry, extraia o que quer saber. Somos ou não somos boas pessoas?

Michael concordou, repetiu a pergunta em silêncio e de repente não conseguiu mais agüentar tudo aquilo. Depôs o cartão na mesa, com cuidado para não roçar as pontas dos dedos na própria mesa. Ele tremia um pouco. Calçou a luva novamente. Sua visão ficou clara.

- E então, o que descobriu? - perguntou Lightner.

- Alguma coisa sobre os templários, vocês roubaram o dinheiro deles disse Michael.

- O quê? - Lightner estava estupefato.

- Roubaram o dinheiro deles. É por isso que têm todas essas casas matrizes neste e no outro mundo. Roubaram o dinheiro quando o rei da França mandou prendê-los. Eles lhes entregaram o dinheiro por medida de segurança e vocês ficaram com ele. E são ricos. São podres de ricos. E têm vergonha do que aconteceu com os templários, de eles terem sido acusados de feitiçaria e destruídos. É claro que essa parte eu sei, dos livros de história. Eu me formei em história. Sei tudo o que aconteceu com eles. O rei da França quis acabar com o poder deles. Aparentemente, ele não sabia da existência da sua organização. - Michael fez uma pausa. - Pouquíssimas pessoas sabem da sua existência.

Lightner o observava no que parecia ser um espanto inocente. De repente, seu rosto enrubesceu. Seu desconforto parecia estar aumentando. Michael deu uma

risada embora procurasse não rir. Mexeu os dedos dentro da luva.

- É isso o que chama de focalizar o objetivo e extrair informação?

- Bem, acho que era isso mesmo o que eu queria dizer. Mas nunca pensei que pudesse extrair um fato tão remoto...

- O senhor tem vergonha do que aconteceu com os templários. Sempre teve. Às vezes desce até os arquivos no porão em Londres e lê todo aquele material antigo. Não os resumos dos computadores, mas os próprios arquivos, escritos a tinta em pergaminho. Procura, assim, se convencer de que não havia nada que a ordem poderia ter feito para ajudar os templários.

- Muito impressionante, Sr Curry. Mas, se o senhor conhece bem a história, sabe que ninguém, a não ser o papa em Roma, poderia ter salvado os templários. Nós sem dúvida não tínhamos condições de fazê-lo porque éramos uma organização obscura, pequena e totalmente secreta. E francamente, quando as perseguições terminaram, quando Jacques de Molay e os outros haviam sido queimados vivos, não sobrou ninguém a quem o dinheiro pudesse ser devolvido.

Michael riu novamente.

- Não precisa me dizer tudo isso, Sr Lightner. Mas a verdade é que vocês têm mesmo vergonha de algo que aconteceu há seiscentos anos: Que caras esquisitos vocês não devem ser! Por sinal, se é de seu interesse, cheguei a escrever um trabalho sobre os templários, e concordo com o senhor. Ninguém poderia tê-los ajudado, nem mesmo o papa, ao que me é possível imaginar. Se vocês tivessem se mostrado abertamente, também teriam sido queimados na fogueira.

Mais uma vez, Lightner enrubesceu.

- Sem a menor dúvida - disse. - E então, está convencido de que lhe disse a verdade?

- Convencido? Estou impressionado. - Michael examinou-o por algum tempo. Novamente, a impressão de um ser humano de mente sã, alguém que acreditava em valores muito importantes para o próprio Michael. - E foi esse trabalho seu o motivo para me seguir - perguntou - arriscando-se a, como é mesmo, qualquer desconforto, inconveniência e ao meu desagrado? - Michael apanhou o cartão, o que não foi muito fácil devido às luvas, e o colocou no bolso da camisa.

- Não exclusivamente - disse o inglês. - Embora eu queira muito ajudá-lo e, se isso lhe parecer um insulto ou uma atitude de superioridade, lamento. Lamento muito. Mas é a verdade, e não faz sentido mentir para alguém como o senhor.

- Bem, suponho que não lhe seja uma grande surpresa saber que nas últimas semanas houve momentos em que rezei pedindo ajuda. Agora, porém, estou um pouco melhor do que há dois dias. Na verdade, muito melhor. Estou a caminho de fazer... o que acho que preciso fazer.

- O senhor tem um poder enorme, e não o compreende perfeitamente - disse Lightner.

- Mas o poder não tem importância. Estou falando é do objetivo. Deve ter lido os artigos sobre mim nos jornais.

- Claro. Tudo que pude encontrar.

- Pois então, sabe que tive umas visões quando estava morto e que elas envolviam um objetivo nessa minha volta;

e que, de uma forma ou de outra, essa lembrança foi totalmente apagada. Bem, quase toda a lembrança.

- Compreendo.

- Então sabe que essa história das mãos não importa - disse Michael. Inquietação. Tomou mais um gole de cerveja. - Ninguém acredita no fundo nesse objetivo. Mas já se passaram três meses do acidente, e a sensação que tenho é a mesma. Voltei para cá em virtude de um objetivo. Ele está de certo modo relacionado àquela casa à qual eu fui ontem à noite. Aquela casa de First Street. É minha intenção continuar a tentar descobrir qual é esse objetivo.

O homem o examinava com atenção.

- É isso? A casa está relacionada com as visões que teve quando se afogou?

- Isso mesmo, mas não me pergunte de que modo. Há meses, vejo aquela casa o tempo todo em pensamento. Até dormindo eu a vi. Ela está relacionada. Viajei quase quatro mil quilômetros porque ela está ligada. Mas insisto, não me pergunte como nem por quê.

- E Rowan Mayfair, de que modo está ligada a isso tudo?

Michael baixou lentamente a cerveja sobre a mesa. Avaliou o inglês com um olhar grave.

- O senhor conhece a Dra Mayfair?

- Não, mas sei muito a seu respeito e a respeito da sua família - respondeu o inglês.

- Sabe? A respeito da família dela? Talvez ela se interessasse em saber disso. Mas como soube da família? O

que pode representar a família dela para o senhor? Pensei ter ouvido que o senhor estava esperando diante da minha casa em San Francisco porque queria falar comigo.

- Estou muito confuso, Sr Curry - disse Lightner, com o rosto anuviado. - Talvez o senhor possa me dar alguns esclarecimentos. Como é que a Dra Mayfair foi aparecer por ali?

- Olhe, estou ficando enjoado dessas suas perguntas. Ela estava ali porque procurava me ajudar. Ela é médica.

- Então, estava ali na qualidade de médica? - perguntou Lightner, como que sussurrando. - Estive seguindo uma impressão enganosa. Quer dizer que a Dra Mayfair não o enviou para cá?

- Me enviou para cá? Claro que não. Por que cargas d'água ela faria isso? Ela nem queria que eu viesse, a não ser se fosse para me livrar da obsessão. A verdade é que eu estava tão bêbado quando ela me apanhou que é incrível que ela não tenha me internado. Gostaria de estar tão tonto agora quanto naquela ocasião. Mas por que lhe ocorreu essa idéia, Sr Lightner? Por que Rowan Mayfair iria me enviar para cá?

- Tenha um pouco de paciência, por favor.

- Não sei se vou ter.

- O senhor não conhecia a Dra Mayfair antes de ter as visões?

- Não. Só a conheci cinco minutos depois.

- Não o compreendo.

- Foi ela quem me salvou, Lightner. Foi ela quem me içou do mar. Foi essa a primeira vez que meus olhos a viram, quando ela me reanimou no convés do barco.

- Meu Deus, eu não fazia a menor idéia.

- Bem, nem eu até sexta -feira à noite. Quer dizer, eu não sabia nem o nome dela, quem era ou qualquer outra informação a seu respeito. A guarda costeira se atrapalhou. Esqueceram-se de anotar seu nome e o número da licença do barco quando chegou seu pedido de socorro. No entanto, ela salvou minha vida lá no mar. Ela possui algo como um poderoso sentido de diagnóstico, uma espécie de sexto sentido, que lhe diz quando um paciente vai viver ou morrer. Ela começou a tentar me ressuscitar imediatamente. Às vezes me pergunto, se a guarda costeira tivesse me avistado antes, se eles teriam sequer tentado.

Lightner ficou calado, com os olhos fixos no tapete. Parecia profundamente perturbado.

- E, ela é uma médica notável - disse ele, baixinho, mas isso não parecia ser a plena expressão dos seus pensamentos. Ele parecia estar lutando para se concentrar. - E você lhe falou das visões.

- Eu queria voltar à embarcação. Eu tinha a idéia de que talvez, se eu me ajoelhasse no convés e tocasse as tábuas, algo poderia me ocorrer através das minhas mãos. Algo que ativasse minha memória. E o espantoso foi ela concordar. Ela não é absolutamente como os outros médicos.

- Nesse ponto, estou de pleno acordo - disse Lightner. - E o que aconteceu?

- Nada, quer dizer, nada além de eu ter conhecido Rowan. - Michael fez uma pausa. Perguntava -se se esse homem

sabia como as coisas andavam entre ele e Rowan. Ele mesmo não ia dizer. - Agora, acho que me deve algumas respostas. Exatamente o que você sabe sobre ela e a família, e o que o fez pensar que ela me mandaria para cá? Eu, logo eu. Afinal de contas, por que ela ia me mandar para cá?

- Bem, era isso o que eu estava tentando descobrir. Achei que talvez estivesse relacionado ao poder das suas mãos, que ela lhe teria pedido que fizesse alguma investigação secreta para ela. Ora, essa era a única explicação que pude imaginar. Mas, Sr Curry, como soube dessa casa? Quer dizer, como fez a associação entre o que viu nas visões e...

- Eu nasci aqui, Lightner. Eu adorava aquela casa quando era menino. Costumava passar por ela o tempo todo. Nunca me esqueci dela. Mesmo antes de me afogar, costumava pensar nela. Pretendo descobrir quem é o proprietário e o que tudo isso significa.

- Não diga... - surpreendeu-se Lightner, falando novamente quase num sussurro. - Não sabe a quem a casa pertence?

- Não. Acabei de dizer que pretendo descobrir.

- Não faz a menor idéia...

- Acabei de lhe dizer, é o que pretendo descobrir!

- Mas ontem à noite tentou pular a cerca.

- Estou lembrado. Agora, você se incomoda de me dizer umas coisas? Você sabe de mim. Sabe de Rowan Mayfair. Sabe da casa. Sabe da família de Rowan... - Michael parou, olhando fixamente para Lightner. - A família de Rowan! A casa é deles?

Lightner fez que sim, com uma expressão severa.

- E mesmo verdade?

- Pertence a eles há séculos - disse Lightner, baixinho. - E se não estou enganado, aquela casa pertencerá a Rowan Mayfair quando sua mãe falecer.

- Não acredito - murmurou Michael, mas no fundo acreditava. Mais uma vez ele foi envolvido pela atmosfera das visões, que se dissolveu imediatamente, como sempre. Ele ficou olhando para Lightner, incapaz de formular qualquer uma das perguntas que pululavam na sua cabeça.

- Sr Curry. Por favor tenha paciência. Explique em detalhe de que modo a casa está associada às visões. Ou, em termos mais específicos, como o senhor veio a conhecê-la e a se lembrar dela na infância.

- Não antes que me diga o que sabe a respeito disso tudo. Tem consciência de que Rowan...?

Lightner interrompeu-o.

- Estou disposto a lhe falar muito a respeito da casa e da família, mas peço-lhe que fale primeiro. Que me conte tudo o que conseguir recordar, qualquer coisa que lhe pareça significativa, mesmo que não saiba como interpretá-la. É bem possível que eu saiba. Está me acompanhando?

- Tudo bem. As minhas informações pelas suas. Mas vai mesmo me contar o que

sabe?

- Sem a menor dúvida.

Era óbvio que valia a pena. Era praticamente a coisa mais emocionante que lhe havia acontecido, à exceção da chegada de Rowan à sua porta. E ele estava surpreso com a intensidade da sua vontade de contar tudo a esse homem, absolutamente tudo até os últimos detalhes.

- Pois bem - começou ele. - Como lhe disse, eu costumava passar por aquela casa o tempo todo quando era menino. Eu me desviava do caminho normal para passar por ela. Passei minha infância em Annunciation Street, junto ao rio, a seis quarteirões de distância. Eu costumava ver um homem no jardim daquela casa, o mesmo homem que vi ontem à noite. Está lembrado de eu lhe ter perguntado se o viu também? Bem, eu o vi ontem à noite junto à cerca, e mais afastado, no fundo do jardim, e o pior era que sua aparência era exatamente a mesma de quando eu era criança. E o que estou dizendo é que tinha quatro anos de idade na primeira vez que vi aquele cara. Eu tinha seis quando o vi na igreja.

- Viu-o na igreja? - Mais uma vez, o exame, os olhos parecendo roçar no rosto de Michael enquanto Lightner escutava.

- Vi, na época de Natal, na de Santo Afonso. Nunca me esqueci disso, porque foi logo no altar que ele estava, sabe do que estou falando? O presépio estava exposto junto à banca da comunhão, e ele estava mais ao fundo junto aos degraus laterais do altar.

Lightner assentiu, com a cabeça.

- Tem certeza de que era ele?

- Bem - disse Michael, rindo. - Considerando-se a parte da cidade em que nasci, tenho certeza que era o cara. Mas, falando sério, era o mesmo homem. Eu o vi também uma

outra vez, tenho quase certeza, mas não penso nisso há anos. Foi num concerto no centro da cidade, um concerto do qual nunca vou me esquecer porque Isaac Stern tocou naquela noite. Foi a primeira vez que ouvi algo parecido, ao vivo, entende? Seja como for, vi o homem na platéia. Ele estava olhando para mim.

Michael hesitou pois as circunstâncias daquele momento remoto lhe voltavam, sem serem bem recebidas, porque aquela havia sido uma época triste e angustiante. Ele afastou a recordação. Sabia que Lightner estava mais uma vez lendo seus pensamentos.

- Eles não são nítidos em momentos de irritação - disse Lightner, delicadamente. - Mas isso é importantíssimo, Sr Curry...

- E é você que me diz! Tudo está relacionado com o que eu vi quando me afoguei. Sei porque não parava de pensar nisso depois do acidente, quando não conseguia me concentrar em mais nada. Quer dizer, eu não parava de acordar, vendo aquela casa, pensando em voltar até ela. É o que Rowan Mayfair chamou de idée fixe.

- Então o senhor lhe falou dela...

Michael fez que sim e terminou a cerveja.

- Descrevi a casa inteirinha. Ela foi paciente mas não conseguiu entender. Disse, porém, algo muito acertado. Disse que era muito específico para ser simplesmente patológico. Achei que isso fazia muito sentido.

- Permita-me que lhe peça um pouquinho mais de paciência - disse Lightner. - Pode me contar o que se lembra das visões? Entendi que elas não foram totalmente esquecidas...

A confiança de Michael no homem estava aumentando. Talvez fosse seu jeito ligeiramente autoritário. Mas ninguém havia perguntado sobre as visões com esse tipo de seriedade, nem mesmo Rowan. Ele se sentia completamente apaziguado. O homem parecia tão solidário.

- E sou - disse Lightner apressadamente. - Acredite em mim, compreendo perfeitamente não só o que lhe aconteceu como também sua crença nisso. Por favor, conte-me.

Michael descreveu sucintamente a mulher de cabelos negros, a jóia que estava entrelaçada neles, a vaga idéia ou imagem de um portal...

- Não o portal da casa. Não pode ser. Mas tem a ver com a casa. - E algo acerca de um número agora esquecido. Não, não era o endereço. Não era um número longo. Eram apenas dois dígitos, e tinha um significado muito importante. E o objetivo, é claro, o objetivo era a salvação, e Michael tinha uma forte impressão de que poderia ter recusado.

- Não consigo acreditar que eles me deixariam morrer se eu não aceitasse. Deram-me condição de escolher. Preferi voltar e realizar o objetivo. Acordei sabendo que tinha algo importantíssimo a fazer. Ele via que o que estava dizendo exercia um profundo impacto em Lightner, que nem tentava disfarçar sua surpresa.

- Há alguma outra coisa de que se lembre?

- Não, às vezes parece que estou a um passo de me lembrar de tudo. Depois, simplesmente tudo desaparece. Só comecei a pensar na casa umas vinte e quatro horas depois. Não, talvez tenha sido ainda mais tarde. E imediatamente tive a sensação de existir um vínculo. Ontem à noite, senti a mesma coisa. Estava chegando ao lugar certo para

descobrir todas as respostas, mas, mesmo assim, não me lembrei de nada! É o bastante para enlouquecer um homem.

- Posso imaginar- disse Lightner, baixinho, mas ainda profundamente imerso na surpresa e espanto diante de tudo o que Michael havia dito. - Permita-me uma sugestão. É possível que, ao ser reanimado, você tenha segurado a mão de Rowan e que essa imagem da casa lhe tenha chegado através de Rowan?

- Bem, é possível, a não ser por um fato importantíssimo. Rowan não tem nenhum conhecimento dessa casa. Ela não sabe nada a respeito de Nova Orleans. Ela não sabe nada sobre sua família, à exceção da mãe adotiva que morreu no ano passado.

Lightner pareceu relutar em acreditar nisso.

- Olhe - disse Michael. Ele agora estava totalmente empolgado pelo assunto e tinha consciência disso. O fato era que gostava de conversar com Lightner. Mas as coisas estavam indo longe demais. - Você tem de me contar tudo o que sabe a respeito de Rowan. Na noite de sexta-feira, quando ela veio me apanhar em San Francisco, ela o viu. Disse algo sobre tê-lo visto antes. Quero que seja franco comigo, Lightner. Que história toda é essa com Rowan? Como soube da sua existência?

- Vou lhe contar tudo - disse Lightner, com a mesma delicadeza característica - mas permita-me perguntar uma outra vez. Tem certeza de que Rowan nunca viu uma foto daquela casa?

- Mas você sabe tudo a respeito dela, não sabe?

- Sei.

- Pois bem, chegou sua vez de falar, e eu gostaria que começasse logo.

- É, esse é nosso trato - disse Lightner. - Mas considero mais importante do que nunca que você saiba tudo. - Ele ficou de pé, caminhou lentamente até a mesa e começou a reunir os papéis que estavam espalhados em cima dela, arrumando-os com perfeição numa grande pasta de couro. - E tudo está neste arquivo. Michael o acompanhou. Olhou para a quantidade impossível de papéis que o homem estava enfiando na pasta. Em sua maioria, folhas datilografadas, mas também algumas manuscritas.

- Olhe, Lightner, você me deve algumas respostas.

- Isso aqui é um compêndio de respostas, Michael. E dos nossos arquivos. É inteiramente dedicado à família Mayfair. Remonta ao ano de 1664. Mas você precisa acabar de me ouvir. Não posso lhe entregar esses papéis aqui.

- E aonde então?

- Temos um retiro aqui perto, uma antiga casa de fazenda, lugar belíssimo.

- Não! - disse Michael, impaciente.

Lightner fez um gesto pedindo silêncio.

- Fica a menos de uma hora e meia de distância. Preciso insistir para que se vista agora e venha comigo, para ler o arquivo na paz e serenidade de Oak Haven, que guarde todas as suas perguntas para depois que tiver lido e que todos os aspectos do caso estejam esclarecidos. Depois da leitura, compreenderá por que lhe pedi que deixasse para depois seu telefonema à Dra Mayfair. Acho que ficará satisfeito de ter cedido.

- Rowan deveria ver esse arquivo.

- Claro que deveria. E se você se dispusesse a colocá-lo nas suas mãos para nós,

ficaríamos eternamente gratos.

Michael examinou o homem, tentando isolar sua simpatia do espantoso conteúdo do que dizia. Por um lado, sua mente era atraída pelo homem e tranqüilizada pelos seus conhecimentos, por outro lado, sentia suspeita. E o tempo todo, ele sentia um poderoso fascínio pelas peças do enigma que iam se encaixando.

Ainda uma outra coisa havia ficado clara para ele. O motivo pelo qual o poder das suas mãos o desagradava tanto residia no fato de que, uma vez que ele houvesse tocado uma pessoa, ou objetos pertencentes a ela, ficava estabelecida uma certa intimidade. No caso de desconhecidos, ela se apagava com bastante rapidez. No caso de Lightner, ela estava se intensificando aos poucos.

- Não posso ir com você para o campo - disse Michael. - Não há para mim a menor dúvida quanto à sua sinceridade. Mas preciso ligar para Rowan e quero que você me entregue esse material aqui mesmo.

- Michael, há informações aqui que dizem respeito a tudo o que você falou. Há uma mulher de cabelos negros. Há uma jóia de grande importância. Quanto ao portal, não sei lhe dizer o significado. Quanto ao número treze, talvez eu saiba. Quanto ao homem, a mulher de cabelos negros e a jóia estão ligadas a ele. No entanto, esse arquivo só sairá das minhas mãos segundo as minhas condições.

- Você está dizendo que essa é a mulher que me apareceu nas visões? - Michael estava agora com os olhos contraídos.

- Só você vai poder dizer isso com certeza.

- Você não está me enganando.

- Não. É claro que não. Mas, Michael, não vá você se enganar sozinho. Você sempre soube que esse homem não era... o que parecia ser, não é verdade? Qual foi sua sensação ontem ao vê-lo?

- É... eu sabia... - sussurrou Michael, sentindo mais uma vez aquele desnorteamento. Mesmo assim, uma emoção perturbadora e obscura o invadiu. Viu novamente o homem a olhar para ele através da cerca. - Meu Deus - disse, baixinho. E antes de poder se controlar, aconteceu algo surpreendente. Ele ergueu a mão direita e fez um sinal da cruz rápido e introspectivo.

Olhou, envergonhado, para Lightner. E então lhe ocorreu uma idéia luminosa. Seu

entusiasmo aumentava.

- Será que eles tinham a intenção de que eu o conhecesse?
- perguntou.

- A mulher de cabelos negros, será que ela queria que esse nosso encontro acontecesse?

- Só você vai poder saber isso, Michael. Só você sabe o que esses seres lhe disseram. Só você sabe quem eles eram de fato.

- Meu Deus, eu não sei. - Michael levou as mãos às têmporas. Percebeu que estava olhando espantado para a pasta de couro. Havia algo escrito em inglês nela. Letras grandes, gravadas em ouro, mas meio desgastadas. - "As bruxas Mayfair". É isso o que diz a inscrição?

- É. Você não quer ir se vestir agora e vir comigo? Posso fazer com que tenham um café da manhã preparado à nossa espera lá no campo. Por favor.

- Você não acredita em bruxas! disse Michael. Mas elas estavam chegando. Mais uma vez, a sala desaparecia. E a voz de Lightner ficava novamente distante, suas palavras sem nenhum sentido, apenas sons fracos, inócuos, vindos de longe. Michael estremeceu. Sensação de enjôo. Via a sala outra vez à luz empoeirada da manhã. Tia Vivian anos atrás estava sentada ali, e sua mãe, aqui. Só que isso aqui era o agora. Ligar para Rowan...

- Ainda não - disse Lightner. - Só depois de ler o arquivo.

- Você tem medo de Rowan. Há alguma coisa na própria Rowan, algum motivo que o faz querer me proteger dela... - Ele via a poeira turbilhonando à sua volta em grãosinhos. Como algo tão específico e tão material podia conferir à cena um ar de irrealidade? Pensou na hora em que tocou a mão de Rowan no carro. Um aviso. Pensou em Rowan depois, nos seus braços.

- Você sabe o que é - disse Lightner. - Rowan lhe contou.

- Ora, isso é loucura. Imaginação dela.

- Não é, não. Olhe para mim. Sabe que estou falando a verdade. Não me peça para investigar seus pensamentos a respeito disso. Você sabe. Você lembrou disso quando leu a palavra "bruxas".

- Não pensei. Não se pode matar ninguém só desejando que a pessoa morra.

- Michael, estou lhe pedindo menos de vinte e quatro horas. Estou depositando grande confiança em você. Peço-lhe que

respeite nossos métodos. Peço-lhe que me conceda esse tempo.

Michael ficou olhando, calado e confuso, enquanto Lightner tirava a jaqueta, vestia o paletó do terno, dobrava a jaqueta com perfeição e a guardava na valise junto com a pasta de couro. Ele precisava ler o que estava na pasta de couro. Viu Lightner fechar a valise, levantá-la e abraçá-la.

- Não aceito! Rowan não é bruxa. Isso é loucura. Ela é médica e salvou minha vida.

E imaginar que era dela a casa, aquela casa belíssima, a casa que ele adorava desde quando era menino. Sentiu mais uma vez o anoitecer, como havia sido no dia anterior, com o céu explodindo em violeta por entre os ramos e os pássaros cantando conto se estivessem embrenhados na mata. Todos esses anos, ele soubera que o homem não era real. Toda sua vida, ele soube. Soube mesmo na igreja...

- Michael, aquele homem está à espera de Rowan.

- À espera de Rowan? Mas, Lightner, por que, então, ele apareceu para mim?

- Ouça, meu amigo. - O inglês pôs a mão sobre a de Michael, apertando-a com afeto. - Não é minha intenção alarmá-lo, aproveitar-me de sua fascinação. Mas aquela criatura está ligada à família Mayfair há gerações. Ela tem a capacidade de matar pessoas. Mas essa capacidade a Dra Mayfair também tem. Na realidade, ela bem pode ser a primeira da sua linhagem capaz de matar completamente só, sem o auxílio daquela criatura. E os dois estão se reunindo, a criatura e Rowan. Trata-se apenas de uma questão de tempo para que ocorra o encontro. Agora, por favor, vista-se e venha comigo. Se resolver ser nosso intermediário e entregar o arquivo sobre as Bruxas Mayfair a Rowan para nós, nossos maiores objetivos terão sido atingidos.

Michael estava calado, procurando absorver tudo isso, com os olhos passando ansiosos por Lightner, mas vendo inúmeras outras coisas. Ele não conseguia explicar bem seus sentimentos em relação ao "homem" agora, o homem que sempre lhe havia parecido vagamente bonito, a encarnação da elegância, uma figura pálida e quase nobre, que parecia possuir, ali no seu esconderijo no jardim, uma certa serenidade que Michael desejava ter. Na noite anterior, por trás da cerca, o homem havia tentado assustá-lo. Será que havia sido isso?

Se ao menos naquele instante não estivesse usando as luvas, e se pudesse ter tocado no homem! Ele não duvidava das palavras de Lightner. Havia algo medonho naquilo tudo, algo de sinistro, algo obscuro como as sombras que sufocavam a casa.

Mesmo assim, pareceu - me familiar. Pensou nas visões, não num esforço para se lembrar, mas apenas para mergulhar uma vez mais nas sensações despertadas por elas. Uma convicção de bondade firmou-se nele, como já havia acontecido antes.

- A intenção é que eu interfira, sem a menor dúvida. E talvez eu deva usar esse poder do toque. Rowan disse...

- Prossiga.

- Rowan perguntou por que eu achava que o poder das mãos não tinha nada a ver com a história, por que eu não parava de insistir no fato de serem aspectos separados... - Pensou novamente na possibilidade de tocar no homem. - Talvez o poder faça parte disso tudo. Talvez ele não seja apenas uma maldição que se abateu sobre mim para me deixar maluco e me desviar do propósito.

- Era isso o que pensava?

- Era o que parecia ser - disse ele, assentindo com a cabeça. - Parecia que esse poder era o que me impedia de vir para cá. Fiquei enfurnado em Liberty Street durante dois meses. Eu poderia ter encontrado Rowan antes...- Ele olhou para as luvas. Como as detestava. Faziam com que suas mãos parecessem mãos artificiais.

Não conseguiu pensar mais nada. Não tinha como captar todos os aspectos do caso em sua plenitude. Permanecia, porém, a sensação de familiaridade, que desbastava as arestas do espanto provocado pelas revelações de Lightner.

- Tudo bem - disse Michael, afinal. - Vou com você. Quero ler esse arquivo, todinho. Mas quero voltar para cá o mais rápido possível. Caso ela ligue, vou deixar um recado de que estarei logo de volta. Ela é importante para mim. E mais

importante do que você imagina. E isso não tem nada a ver com as visões. É algo relacionado a quem ela é e a quanto gosto dela. Ela é minha prioridade acima de tudo o mais.

- Até mesmo acima das visões? - perguntou Lightner, em tom respeitoso.

- É. Somente duas ou três vezes na vida inteira uma pessoa sente por outra o que sinto por Rowan. Um sentimento desses tem suas próprias prioridades, seus próprios objetivos.

- Compreendo - disse Lightner. - Vou esperá-lo lá embaixo dentro de vinte minutos. E gostaria que me chamasse de Aaron de agora em diante, se preferir. Temos um longo caminho à nossa frente. Receio ter começado a chamá-lo de Michael já há algum tempo. Quero que sejamos amigos.

- Nós somos amigos - disse Michael. - Que outra coisa poderíamos ser? - Ele deu uma risadinha sem graça, mas tinha de admitir que gostava desse cara. Na realidade, ele teve uma nítida sensação de desconforto ao deixar que Lightner e a valise saíssem do seu campo visual.

Michael tomou um banho de chuveiro, fez a barba e se vestiu em menos de quinze minutos. Desfez a mala, a não ser por alguns objetos essenciais. E somente quando pegou a mala viu a luz de aviso de recados ainda piscando ao lado da cama. Por que cargas d'água não havia atendido o sinal da primeira vez que o viu? De repente estava furioso. Ligou imediatamente para a mesa do hotel.

- E, uma Dra Rowan Mayfair ligou para o senhor, Sr Curry, mais ou menos às 5:15h da manhã. - A telefonista passou-lhe o número do telefone de Rowan. - Ela insistiu para que chamássemos e batêssemos à sua porta.

- E vocês fizeram isso?

- Fizemos, Sr Curry, mas não conseguimos resposta.

E meu amigo Aaron estava lá o tempo todo, pensou Michael com raiva.

- Não quisemos usar a chave mestra para abrir sua porta.

- Está bem. Ouça, quero deixar um recado para a Dra Mayfair, se ela ligar novamente.

- Pode dizer, Sr Curry.

- Que eu cheguei bem, e que vou ligar para ela dentro de vinte e quatro horas. Que preciso sair, mas que voltarei para cá mais tarde.

Ele deixou uma nota de cinco dólares sobre a colcha para a arrumadeira e saiu.

O saguão pequeno e estreito estava muito movimentado quando ele desceu. O salão de café estava apinhado e alegremente barulhento. Lightner, tendo trocado seu escuro tweed por um imaculado terno deseersucker, estava junto às portas, aparentando ser o perfeito cavalheiro sulista tradicional.

- Você podia ter atendido o telefone quando tocou - disse Michael, sem acrescentar que Lightner lembrava os velhotes de cabelos brancos dos quais Michael se lembrava dos velhos tempos, que costumavam dar seus passeios a pé pelo Garden District e ao longo da avenida que seguia para a cidade alta.

- Achei que não tinha o direito de atender- disse Aaron, educadamente. Ele abriu a porta para Michael e fez um

gesto para um automóvel cinza, uma limusine alongada, junto à calçada. - Além do mais, receei que fosse a Dra Mayfair.

- Pois era - respondeu Michael. Um delicioso sopro de calor de agosto. Teve vontade de sair a pé. Como a calçada lhe parecia agradável. Mas sabia que precisava fazer essa viagem. Sentou-se no banco traseiro do automóvel.

- Entendo - disse Lightner, sentando-se ao lado de Michael. - Mas você não ligou para ela de volta.

- Trato é trato - disse Michael, com um suspiro. - Mas não gostei de cumpri-lo. Tentei esclarecer para você em que pé estão as coisas entre mim e Rowan. Sabe, quando tinha vinte anos, teria sido praticamente impossível que eu me apaixonasse por uma pessoa numa noite. Pelo menos, nunca aconteceu. E quando eu tinha meus trinta? Bem, pode ser, mas também não aconteceu, embora de vez em quando eu vislumbresse a possibilidade... e talvez fugisse correndo. Mas agora estou quase com cinquenta anos. Ou estou mais bobo do que nunca, ou descobri finalmente que posso me apaixonar por alguém num dia ou numa noite. Posso como que avaliar a situação e calcular quando ela é praticamente perfeita, sabe do que estou falando?

- Creio que sim.

O carro era um pouco velho mas bastante confortável, com o bem-cuidado estofamento em couro cinza e a pequena geladeira embutida. Muito espaço para as pernas compridas de Michael. St. Charles Avenue passou rápida demais por trás dos vidros escuros.

- Michael, respeito seus sentimentos por Rowan, embora deva confessar que me sinto tanto surpreso quanto intrigado. Mas, não me leve a mal. Ela é uma mulher

extraordinária sob todos os aspectos: médica incomparável e bela jovem de porte assombroso. Eu sei. Mas o que lhe peço que entenda é o seguinte. O arquivo sobre as bruxas Mayfair jamais seria confiado, em circunstâncias normais, a ninguém, que não fosse membro da nossa ordem ou membro da própria família Mayfair. Ora, estou desrespeitando normas ao lhe mostrar o material. E os motivos para essa minha decisão são óbvios. Mesmo assim, quero aproveitar este precioso tempo para lhe dar algumas explicações sobre O Talamasca, sobre como funcionamos e a lealdade que esperamos de você em troca da confiança depositada.

- Ora, não se empolgue tanto. Tem café neste táxi de luxo?

- Claro - disse Aaron, tirando de uma bolsa na porta uma garrafa térmica e uma caneca e começando a servir o café.

- Um café preto é mais do que suficiente. - Michael sentiu um súbito nó na garganta ao ver passar as casas grandes e altas da avenida, com suas varandas fundas, suas pequenas colunas e venezianas pintadas de cores vivas e o céu claro através de um emaranhado de tentáculos de galhos e de folhas a tremular levemente. Ocorreu-lhe uma idéia maluca, de que um dia compraria um terno de seersucker como o de Lightner e caminharia pela avenida, como os cavalheiros de antigamente, caminharia por horas a fio, seguindo pelas suas curvas que acompanhavam as curvas distantes do rio, passando por todas essas graciosas casas antigas que tanto haviam sobrevivido.

Ele se sentia entorpecido e tonto passando por essa paisagem linda e irregular, nesse carro com ar condicionado, por trás de vidraças escuras.

- E bonito - disse Lightner. - Lindo mesmo.

- Pois então me fale dessa ordem. Quer dizer que vocês andam por aí de limusine graças ao dinheiro dos templários. E o que mais?

Lightner sacudiu a cabeça com ar de censura e a sombra de um sorriso nos lábios. Mas mais uma vez enrubesceu, surpreendendo e divertindo Michael.

- Estou só brincando, Aaron. Ora, vamos. Como vocês tiveram conhecimento da família Mayfair para começo de conversa? E você se incomoda de me informar o que querem dizer com a palavra "bruxa"?

- A bruxa é uma pessoa que tem o poder de atrair e manipular forças invisíveis - disse Aaron. - Essa é a nossa definição. Ela também cobre feiticeiros e videntes. Fomos criados para observar fenômenos como os das bruxas. Tudo começou na época que agora chamamos de Idade das Trevas, muito antes das perseguições às bruxas, como você deve saber. E começou com um único mago, um alquimista como ele próprio se intitulava, que iniciou seus estudos num local solitário, reunindo numa grande obra todas as histórias do sobrenatural que havia lido e ouvido.

- Seu nome e a história da sua vida não são importantes neste momento. Mas o que caracterizou seu relato foi o fato de ele revelar uma interessante secularidade para a época. Talvez tenha sido o único historiador a escrever sobre o oculto, o invisível ou o misterioso sem fazer suposições ou afirmações quanto à natureza demoníaca das assombrações, espíritos e afins. E ele exigia do seu pequeno grupo de seguidores a mesma atitude aberta. Costumava recomendar que os seguidores apenas estudassem a atividade dos chamados feiticeiros, que não partissem do pressuposto de conhecer a origem desses poderes.

- Somos agora ainda os mesmos. Somos dogmáticos apenas quando se trata de defender nossa falta de dogma. E, embora sejamos uma organização vasta e de extrema segurança, sempre estamos alerta para conquistar novos membros, pessoas que respeitem nossa política de não interferência e nossos métodos lentos e meticulosos, pessoas que considerem a investigação do oculto tão fascinante quanto nós a consideramos, pessoas que receberam dons extraordinários, como o que você tem nas mãos...

- Agora devo confessar que, ao ler a seu respeito pela primeira vez, eu não fazia a menor idéia da sua ligação com Rowan Mayfair ou com a casa de First Street. O que me passou pela cabeça foi atraí-lo para integrar nossa organização. É claro que eu não planejava lhe dizer isso de imediato. Mas você há de concordar que agora tudo está mudado.

- No entanto, independentemente do que viria a acontecer, cheguei a San Francisco para colocar nossos conhecimentos à sua disposição; para lhe mostrar, se você desejasse, meios de utilizar seu poder e para depois, talvez, abordar a possibilidade de você considerar nosso estilo de vida amplamente satisfatório ou agradável o suficiente para pensar em se unir a nós, ou pelo menos por um curto período...

- Veja bem, havia algo que me intrigava na sua vida, ou seja, no que eu pude descobrir sobre ela a partir das informações de conhecimento público e, digamos, de algumas investigações superficiais realizadas por nós mesmos. E isso era que você parecia estar numa encruzilhada antes do acidente. Era como se você tivesse atingido seus objetivos mas continuasse insatisfeito...

- É, quanto a isso, você tem razão - disse Michael, agora completamente esquecido da paisagem lá fora, com os olhos fixos em Lightner. Michael estendeu a caneca para um pouco mais de café. - Prossiga, por favor.

- Bem, havia ainda sua formação em história e a inexistência de parentes próximos, à exceção da sua querida tia, que devo confessar ter simplesmente adorado apesar de conhecê-la tão pouco. E é claro que ainda há a questão desse seu poder, que é consideravelmente mais forte do que eu supunha.

- Mas, voltemos a falar sobre a ordem. Nós observamos fenômenos ocultos no mundo inteiro, como você bem pode imaginar. E nosso trabalho com as famílias de bruxas é apenas uma pequena parte e uma das poucas que envolvem perigo verdadeiro, pois a observação de casas assombradas, até os casos de possessão, e nossa pesquisa sobre a reencarnação e a leitura do pensamento praticamente não representam nenhum perigo. Com as bruxas, a história é diferente... E em consequência disso, só os membros mais experientes chegam a ser convidados a trabalhar com esse material, sequer a lê-lo ou a tentar compreendê-lo. E quase nunca aconteceria de um neófito ou mesmo um membro recente ser levado a abordar uma família como a Mayfair, pois os riscos são incalculáveis.

- Tudo isso ficará bem esclarecido quando você ler o arquivo. O que desejo de você agora é alguma garantia de que não tratará com leviandade o que oferecemos e o que fazemos. Que, se precisarmos nos separar, seja de boa, seja de má vontade, você respeitará a privacidade das pessoas mencionadas na história da família Mayfair...

- Você sabe que pode confiar em mim sob esse aspecto. Sabe o tipo de pessoa que eu sou. Mas, o que está

querendo dizer com perigo? Está novamente falando nesse espírito, nesse homem, e está falando de Rowan...

- Apenas me precipitei. O que mais quer saber sobre nós?

- Como funciona exatamente a filiação à ordem?

- Começa com um noviciado, como numa ordem religiosa. Mais uma vez devo salientar que, quando se entra para a ordem, não se aceita uma lista de ensinamentos. Adota-se, sim, um modo de encarar a vida. Durante os anos de noviciado, vive-se na casa matriz, conhecem-se os membros mais velhos, entra-se em contato com eles, trabalha-se nas bibliotecas e lê-se nelas à vontade...

- Ora, isso seria viver no paraíso - disse Michael, sonhador. - Mas eu não queria interrompê-lo. Prossiga.

- Depois de dois anos de preparação, falamos, então, de uma dedicação mais séria, falamos de trabalho de campo ou pesquisas teóricas. E claro que um aspecto pode levar ao outro e, novamente, não podemos ser comparados a uma ordem religiosa porque não apresentamos aos nossos membros missões irrecusáveis. Ninguém faz voto de obediência. A lealdade e o sigilo são muito mais importantes para nós. Mas veja bem, em última análise, trata-se de compreensão de uma pessoa ser introduzida num tipo especial de comunidade e ser por ela absorvida...

- Entendo - disse Michael. - Fale-me das casas atrizes. Onde ficam?

- A de Amsterdã é a mais antiga de todas. Depois, há uma casa na periferia de Londres. E a nossa maior, e talvez mais secreta, fica em Roma. E claro que a igreja católica não gosta de nós. Ela não nos compreende. Ela nos alinha com o demônio, exatamente como fez com as bruxas, os feiticeiros

e os templários, mas nós não temos nada a ver com o demônio. Se ele existe, não é nosso amigo...

Michael riu.

- Você acha que ele existe?

- Francamente, não sei. Mas isso é o que um bom membro do Talamasca responderia.

- E sobre as casas matrizes...

- Bem, acho que você realmente gostaria da de Londres...

Michael mal havia percebido que já haviam saído de Nova Orleans, que estavam atravessando a região pantanosa em alta velocidade, na faixa estéril da nova rodovia, e que o céu havia se reduzido a uma tira de um azul impecável acima das suas cabeças. Ele ouvia, fascinado, cada palavra pronunciada por Aaron. No entanto, uma sensação sinistra e perturbadora, que ele procurava ignorar, estava se formando nele. Tudo isso era familiar, esse desenrolar da história do Talamasca. Era familiar como as palavras assustadoras sobre Rowan e "o homem" haviam sido familiares, familiar como a própria casa de First Street. E embora isso pudesse lhe parecer instigante, de repente ele desanimou, porque o grande projeto, do qual ele se sentia parte, parecia estar crescendo apesar de sua indefinição. E, quanto mais ele crescia, mais o mundo parecia diminuir, perdendo seu esplendor e sua promessa de infinitas maravilhas naturais e de destinos sempre mutantes, perdendo até mesmo algo do seu romantismo instável.

Aaron devia ter percebido os sentimentos de Michael, porque parou um pouco antes de continuar com sua história para falar afetuosamente, num tom quase distraído.

- Michael, agora ouça o que digo. Não tenha medo...
- Diga-me uma coisa, Aaron.
- Se eu souber, é claro...
- Pode-se tocar um espírito? Estou falando daquele homem. Você poderia tocá-lo com sua mão?
- Bem, há ocasiões em que eu penso que isso seria totalmente possível... Pelo menos, a pessoa estaria tocando em alguma coisa. Mas é claro que já são outros quinhentos saber se a criatura vai permitir ser tocada, como você logo descobrirá.
- Então, tudo está relacionado. As mãos, as visões e até mesmo você... e essa sua organização. Tudo está ligado.
- Espere até acabar de ler a história. A cada etapa... espere para ver.

Capítulo 10

Quando Rowan acordou as dez, começou a duvidar do que havia visto. Com todo o sol que aquecia a casa, o fantasma parecia irreal. Ela tentou evocar o momento: os ruídos lúgubres da água e do vento. Tudo parecia agora completamente impossível.

Ela começou a se sentir grata por não ter conseguido entrar em contato com Michael. Não queria parecer tola e, acima de tudo, não queria sobrecarregar Michael mais uma vez. Por outro lado, como poderia ter imaginado uma coisa

daquelas? Um homem parado junto à vidraça com os dedos tocando no vidro, olhando para ela com ar de súplica?

Bem, agora não havia nenhum sinal da criatura por ali. Ela saiu para o deque, caminhou ao longo dele, examinou as estacas, a água. Nenhum indício de nada fora do comum. Mas também, que tipo de sinal poderia haver?

Ela parou encostada na balaustrada, sentindo um pouco o vento esperto, grata pelo céu azul forte. Alguns barcos à vela estavam saindo devagar e graciosos da marina. Logo a baía estaria apinhada de barcos. Teve vontade de sair com o Sweet Christine. Mas resolveu que não. Voltou para dentro de casa.

Ainda nenhuma ligação de Michael. O que tinha a fazer era sair com o Sweet Christine ou ir para o hospital. Estava pronta e de saída para o hospital quando o telefone tocou.

- Michael - sussurrou, percebendo depois que era o antigo número de Ellie.

- Ligação a cobrar, por favor, para a Sra Ellie Mayfair.

- Desculpe, ela não pode atender - disse Rowan. - Não mora mais aqui. - Seria essa a forma de se comunicar o fato? Nunca era agradável dizer que Ellie havia falecido. Consultas na outra ponta da linha.

- Poderia nos dizer onde seria possível contatá-la?

- Poderia me dizer, por favor, quem está chamando? - Rowan perguntou. Ela deixou a bolsa sobre o balcão da cozinha. A casa estava aquecida pelo sol da manhã, e ela estava sentindo um pouco de calor já de casaco. - Eu me disponho a aceitar a ligação a cobrar se a pessoa quiser falar comigo.

Mais uma consulta, e em seguida a voz áspera de uma mulher mais velha.

- Eu falo com essa pessoa.

A telefonista saiu da linha.

- Aqui Rowan Mayfair, posso ajudá-la?

- Pode me dizer onde e a que horas encontrar Ellie - disse a mulher, impaciente, talvez mesmo enraivecida e decididamente fria.

- É amiga dela?

- Se eu não puder falar com ela imediatamente, gostaria de falar com seu marido, Graham Franklin. Talvez tenha o telefone do escritório dele? Que pessoa detestável, pensou Rowan. Mas crescia nela a suspeita de se tratar de um telefonema da família.

- É impossível falar com Graham. Se quiser me dizer com quem estou falando, poderei explicar toda a situação.

- Não, obrigada. - Inflexível. - E imperioso que eu fale com Ellie Mayfair ou com Graham Franklin.

Tenha paciência, disse Rowan a si mesma. Dá para se ver claramente que é uma velha, que faz parte da família e que vale a pena continuar.

- Lamento ter de lhe dizer isso, mas Ellie Mayfair faleceu no ano passado. De câncer. Graham morreu dois meses antes de Ellie. Sou a filha deles, Rowan. Há algo em que eu possa ajudá-la? Qualquer outra coisa que queira saber?

Silêncio.

- Aqui é sua tia, Carlotta Mayfair. Estou falando de Nova Orleans. Por que em nome de Deus não fui avisada da morte de Ellie?

Uma raiva imediata brotou em Rowan.

- Não sei quem a senhora é, Sra Mayfair - disse, forçando-se a falar lentamente e com calma. - Não tenho endereço nem número de telefone de ninguém da família de Ellie em Nova Orleans. Ellie não deixou esses dados. As instruções que deu ao advogado foram no sentido de que ninguém fosse avisado a não ser os amigos daqui.

Rowan percebeu de repente que estava tremendo e que sua mão escorregava no telefone. Não podia acreditar que pudesse ter sido tão grosseira, mas era cedo demais para se arrepender. Percebeu também que estava muito ansiosa. Não queria que a mulher desligasse.

- Sra Mayfair? Ainda está me ouvindo? Desculpe-me. Acho que me apanhou de surpresa.

- É - disse a velha - talvez as duas tenhamos sido apanhadas de surpresa. Parece que não tenho outra opção a não ser falar diretamente com você.

- Pode falar.

- Infelizmente é meu dever comunicar-lhe que sua mãe faleceu hoje de manhã. Suponho que esteja entendendo o que estou dizendo. Sua mãe, certo? Minha intenção era contar a Ellie, deixando-a inteiramente à vontade quanto a quando e como lhe transmitir a notícia. Lamento ter de proceder deste modo. Sua mãe faleceu às cinco e cinco da manhã.

Rowan estava atordoada demais para responder. Era como se a mulher lhe tivesse dado um golpe físico. Não se tratava de dor. Era penetrante demais, horrível demais. De repente, sua mãe havia adquirido vida, vivendo, respirando e existindo por um átimo de segundo no mundo das palavras. E no mesmo instante, aquele ser vivo foi declarado morto. Ela não existia mais.

Rowan não tentou falar. Recuou para seu silêncio costumeiro e natural. Viu Ellie morta, na casa funerária, cercada de flores. Mas agora não havia coerência, não havia a doce físgada da tristeza. Era estritamente terrível. E o documento, lá no cofre, como já estava há mais de ano. Ellie, ela estava viva e eu poderia tê-la conhecido. Agora morreu.

- Não há absolutamente nenhuma necessidade de que você venha - disse a mulher, sem nenhuma mudança perceptível na atitude ou no tom da voz. - O que é necessário é que você entre imediatamente em contato com seu advogado, para que eu possa me comunicar com ele, pois há questões urgentes relacionadas aos seus bens que precisam ser resolvidas.

- Mas eu quero ir até aí - disse Rowan, sem hesitação. Sua voz estava embargada. - Quero ir agora. Quero ver minha mãe antes que ela seja enterrada. - Que fosse para o inferno o documento e essa mulher insuportável, quem quer que ela fosse.

- Não seria muito adequado - disse a mulher, exausta.

- Eu insisto - respondeu Rowan. - Não quero perturbar ninguém, mas quero ver minha mãe antes do enterro. Ninguém daí precisa saber quem eu sou. Eu simplesmente quero estar presente.

- Seria uma viagem inútil. Sem dúvida Ellie não teria aprovado isso. Ellie me garantiu que...

- Ellie morreu! - disse Rowan, baixinho, com a voz rouca pelo seu esforço para se controlar. Ela tremia por inteiro. - Olhe, para mim tem um certo significado ir ver minha mãe. Ellie e Graham já se foram, como eu lhe disse. Eu... - Ela não conseguiu prosseguir. Parecia um excesso de intimidade e um excesso de autocomiseração confessar que estava só.

- Devo insistir - repetiu a mulher na mesma voz cansada, fatigada, extenuada - que você fique onde está.

- Por quê? De que lhe importa que eu compareça? Já lhe disse, ninguém precisa saber quem eu sou.

- Não vai haver velório nem cerimônia fúnebre - disse a mulher. - Não importa quem saiba ou não saiba. Sua mãe será enterrada assim que tudo puder ser organizado. Pedi que fosse amanhã à tarde. Estou tentando lhe poupar sofrimento com essas minhas recomendações. Mas, se não quer me dar ouvidos, faça o que achar que deve fazer.

- Eu vou - respondeu Rowan. - Amanhã à tarde a que horas?

- Sua mãe será enterrada pela Lonigan and Sons, de Magazine Street. A missa fúnebre será na igreja de Nossa Senhora da Assunção em Josephine Street. E os serviços serão realizados assim que for possível. Não faz sentido você atravessar quase quatro mil quilômetros...

- Quero ver minha mãe. Peço-lhe que por favor espere até eu chegar.

- Isso está inteiramente fora de cogitação - disse a mulher com um traço de raiva ou de impaciência. - Recomendo que saia imediatamente, se está determinada a vir. E por favor

não pense em passar a noite sob este teto. Não tenho meios de recebê-la condignamente. A casa é sua, é claro, e eu a desocuparei o mais rápido possível, se esse for seu desejo. Mas peço-lhe que fique num hotel até que eu possa organizar tudo. Mais uma vez, não disponho de meios para recebê-la com conforto.

Cuidadosamente, com a mesma atitude de cansaço, a mulher passou o endereço a Rowan.

- Disse First Street? - perguntou Rowan. Era a rua que Michael havia descrito para ela; disso tinha certeza. - Essa era a casa da minha mãe?

- Passei a noite em claro - disse a mulher, falando devagar, sem ânimo. - Se você vem, então tudo poderá ser explicado quando chegar.

Rowan ia começar outra pergunta quando, para seu espanto, a mulher desligou. Ficou tão furiosa que por um instante não sentiu o insulto. E então o insulto ofuscou tudo o mais.

- Quem você pensa que é? - sussurrou, com as lágrimas subindo, mas ainda não correndo. - E por que motivo falou comigo dessa maneira? - Ela bateu com o telefone, com os dentes mordendo o lábio, e cruzou os braços.

- Meu Deus, que mulher mais horrível!

Essa não era, porém, uma ocasião para chorar ou para desejar a presença de Michael. Rapidamente, ela apanhou o lenço, assoou o nariz e enxugou os olhos. Procurou o bloco e a caneta sobre o balcão da cozinha e anotou as informações que a mulher lhe havia passado. First Street, pensou, olhando para as palavras depois de escrevê-las. Provavelmente nada mais do que uma coincidência. E

Lonigan and Sons, o nome que Ellie havia mencionado enquanto delirava, divagando a respeito da própria infância e da cidade natal. Ligou rápido para a telefonista de informações de Nova Orleans e em seguida para a casa funerária.

Foi Jerry Lonigan quem respondeu.

- Sou a Dra Rowan Mayfair. Estou chamando da Califórnia a respeito de um enterro.

- Pois não, Dra Mayfair - disse ele, numa voz muito agradável que imediatamente fez com que ela se lembrasse da voz de Michael. - Sei de quem se trata. Sua mãe está agora aqui comigo.

Graças a Deus, nenhum subterfúgio, nenhuma necessidade de explicações falsas. Mesmo assim, ela não pôde deixar de se perguntar como o homem sabia da sua existência. A adoção não havia sido um segredo total?

- Sr Lonigan - disse ela, tentando falar com clareza e ignorar a voz embargada - para mim é muito importante comparecer ao enterro. Quero ver minha mãe antes que ela seja enterrada.

- É claro, Dra Mayfair. Compreendo. Mas Miss Carlotta acabou de ligar para mim dizendo que, se não enterrarmos sua mãe amanhã... Bem, digamos que ela está sendo insistente, Dra Mayfair. Posso marcar a missa para as três da tarde, no máximo. Acha que vai conseguir estar aqui a essa hora, Dra Mayfair? Vou segurar as coisas o máximo possível.

- Sim, faça isso. Vou sair hoje à noite ou amanhã bem cedo. Mas, Sr. Lonigan, se eu por acaso me atrasar...

- Dra Mayfair, se eu souber que está a caminho, não fecharei o caixão antes da sua chegada.

- Obrigada, Sr Lonigan. Eu acabei de saber. Eu só...

- Bem, Dra Mayfair, se não se importa que eu lhe diga, é que acabou de acontecer. Retirei o corpo da sua mãe às seis da manhã. Para mim, Miss Carlotta está apressando as coisas. Mas também Miss Carlotta está tão velha, Dra. Mayfair. Tão velha...

- Ouça, vou lhe dar meu telefone no hospital. Se acontecer qualquer imprevisto, pode ligar para mim.

Ele anotou os números.

- Não se preocupe, Dra Mayfair. Sua mãe estará aqui na Lonigan and Sons quando a senhora chegar.

Mais uma vez, as lágrimas ameaçaram. Ele parecia tão simples, tão irremediavelmente sincero.

- Sr Lonigan, poderia me dizer mais uma coisa? - disse ela, com a voz terrivelmente trêmula.

- Pois não, Dra Mayfair.

- Qual era a idade da minha mãe?

- Quarenta e oito, Dra Mayfair.

- E o nome dela?

Isso obviamente o surpreendeu, mas ele se recuperou rapidamente.

- Deirdre era o nome dela, Dra Mayfair. Ela era muito bonita. Minha mulher foi sua

amiga. Ela adorava Deirdre, costumava ir visitá-la. Minha mulher está bem aqui comigo. Está feliz que a senhora tenha ligado. Por algum motivo, isso afetou Rowan quase tão profundamente quanto todos os outros fragmentos de informação. Ela levou o lenço aos olhos, apertando com força, e engoliu em seco.

- O senhor sabe dizer do que minha mãe morreu, Sr Lonigan? O que diz o atestado de óbito?

- Diz que foram causas naturais, Dra Mayfair, mas sua mãe estava muito doente, doente mesmo, há muitos anos. Posso lhe dar o nome do médico que a tratou. Creio que ele talvez falasse com a senhora, já que também é médica.

- Quando eu estiver aí, apanho o nome com o senhor. - Rowan não podia continuar assim muito mais tempo. Ela assoou o nariz rapidamente e em silêncio. - Sr Lonigan, eu tenho o nome de um hotel. O Pontchartrain. Ele fica a uma distância conveniente da casa funerária e da igreja?

- Claro, Dra Mayfair. Se não estivesse fazendo tanto calor, daria para ir a pé.

- Ligo para o senhor assim que chegar. Mas, por favor, prometa que não vai permitir que minha mãe seja enterrada sem...

- Não se preocupe mais nem um instante com isso, Dra Mayfair. Mas, há mais uma coisa. É minha mulher que quer que eu toque nesse ponto.

- Pode falar, Sr Lonigan.

- Sua tia, Carlotta Mayfair, não quer que saia nenhuma nota no jornal da manhã e, para ser franco, não creio que haja tempo para publicar essa nota. Mesmo assim, há tantos

membros da família Mayfair que gostariam de saber do enterro, Dra Mayfair. Estou querendo dizer que os primos vão ficar em pé de guerra quando descobrirem como tudo foi precipitado. Agora, isso é uma decisão sua, compreende? Vou agir como a senhora quiser. Mas minha mulher estava querendo saber se a senhora se importava se ela começasse a dar uns telefonemas para os primos. É claro que, assim que ela conseguir falar com um ou dois deles, eles ligarão para toda a família. Agora, Dra Mayfair, se a senhora não quiser que ela faça isso, ela não o fará. Mas Rita Mae, minha mulher, achou que seria uma pena enterrar Deirdre assim, sem ninguém saber, e ela também imaginou que talvez fosse lhe fazer bem ver os primos que compareceriam. Deus sabe como eles vieram para o enterro de Miss Nancy no ano passado. E Miss Ellie também veio, sua Miss Ellie da Califórnia, como a senhora deve saber...

Não, Rowan não sabia. Mais um choque surdo ao ouvira menção ao nome de Ellie. Era doloroso imaginar Ellie lá em Nova Orleans em meio a esses primos inúmeros e anônimos, que ela mesma nunca havia visto. Surpreendeu-se com a intensidade da sua raiva e do seu rancor. Ellie e os primos. E Rowan aqui sozinha nesta casa. Mais uma vez, ela se esforçou para não se descontrolar. Perguntou-se se aquele não estava sendo um dos momentos mais difíceis pelos quais havia passado desde a morte de Ellie.

- É, eu ficaria grata, Sr Lonigan, se sua mulher agisse como achar melhor. Eu gostaria de conhecer esses primos... - Ela se interrompeu por não conseguir continuar. - E, Sr Lonigan, quanto a Ellie, minha mãe adotiva, ela já se foi também. Faleceu no ano passado. Se o senhor achar que algum desses primos poderia querer saber...

- Posso avisar sem nenhum problema, Dra Mayfair. Também isso lhe poupa ter de lhes contar quando chegar aqui. E

lamento muito, Dra Mayfair. Não fazíamos a menor idéia.

Parecia tão sincero. Ela podia realmente acreditar que ele sentia muito. Um tipo de homem tão simpático e antiquado.

- Até logo, Sr Lonigan. Vamos nos ver amanhã à tarde.

Por um instante, quando desligou o telefone, pareceu-lhe que, se deixasse as lágrimas virem, elas nunca mais iriam parar. O turbilhão de emoções nela era tão forte que a deixava tonta; e a dor exigia algum tipo de violência. Imagens estranhíssimas, absurdas, enchiam-lhe a mente.

Engolindo as lágrimas, ela se via correndo até o quarto de Ellie. Via-se arrancando roupas das gavetas e dos cabides e as rasgando aleatoriamente, transformando-as em farrapos, numa fúria quase incontrollável. Via-se espatifando o espelho de Ellie e a longa fileira de vidros que ainda estava arrumada na sua penteadeira, todos aqueles pequenos vidros de perfume nos quais o líquido havia secado, ao longo dos meses, até restar somente a cor.

- Morta, morta, morta - dizia ela, baixinho. - Estava viva ontem, anteontem e no dia anterior. E eu estava aqui e não fiz nada. Morta! Morta! Morta!

Em seguida, a cena absurda mudava, como se a tragédia da sua fúria estivesse passando para outro ato. Ela se via batendo com os punhos em todas as paredes de madeira e de vidro ao seu redor, batendo com os punhos até o sangue escorrer das mãos feridas. Aquelas mãos, que haviam operado tantas pessoas, curado tantas, salvado tantas vidas.

No entanto, Rowan não fez nada disso.

Ela ficou sentada na banquetta junto ao balcão da cozinha, com o corpo encolhido, a mão para o alto para proteger o rosto, e começou a soluçar alto na casa vazia, com as imagens ainda lhe passando pela cabeça. Afinal, ela abaixou a cabeça sobre os braços cruzados e chorou à vontade, até se sentir sufocada e exausta e não poder fazer mais nada a não ser murmurar sem parar.

- Deirdre Mayfair, quarenta e oito anos, morta, morta, morta.

Finalmente, ela enxugou o rosto com o dorso da mão, foi até o tapete diante da lareira e ali se deitou. Sua cabeça doía, e o mundo inteiro lhe parecia vazio, hostil e sem a mais ínfima promessa de calor ou de luz.

Isso ia passar. Tinha de passar. Ela havia sentido essa tristeza no dia em que Ellie foi enterrada. Havia sentido isso antes, parada no corredor do hospital enquanto Ellie gritava de dor. No entanto, agora parecia impossível que as coisas pudessem melhorar. Quando lembrou do documento no cofre, o documento que a havia impedido de ir a Nova Orleans após a morte de Ellie, desprezou-se por tê-lo honrado. Desprezou Ellie por um dia ter feito com que o assinasse.

E seus pensamentos não paravam, trágicos e insondáveis, solapando-lhe o ânimo e a crença em si mesma.

Ela devia ter ficado ali uma hora. O sol batia quente nas tábuas do piso ao seu redor e no lado do seu rosto e dos braços. Sentia vergonha da sua solidão. Sentia vergonha por ser vítima dessa aflição. Antes da morte de Ellie, ela havia sido uma pessoa feliz, despreocupada, totalmente devotada ao trabalho, livre para entrar nesta casa e sair dela, certa do carinho e do amor e disposta a dar carinho e amor em troca.

Quando ela agora pensava em como dependia de Michael, no quanto o queria, sentia-se ainda mais perdida.

Realmente havia sido imperdoável telefonar para ele com tanto desespero ontem à noite para falar do fantasma, e estar precisando dele tanto agora. Ela começou a se acalmar. E aos poucos ocorreu-lhe a associação: o fantasma, ontem à noite e ontem à noite, sua mãe havia morrido.

Ela se sentou, procurando se lembrar do ocorrido em detalhes, com frieza. Ela havia olhado para o relógio de relance apenas momentos antes de ver a aparição. Eram três e cinco. E aquela mulher desagradável não havia dito, "Sua mãe faleceu às cinco e cinco da manhã"?

Exatamente à mesma hora em Nova Orleans. Mas que possibilidade espantosa, a de que os dois fatos estivessem ligados. É claro que, se sua mãe lhe tivesse aparecido, teria sido para lá de esplêndido. Teria sido aquele tipo de momento solene do qual as pessoas falam para sempre. Todos aqueles lugares-comuns adoráveis - lindo, um milagre, uma reviravolta na vida - poderiam ter sido aplicados. Na realidade, é quase impossível imaginar o consolo de um momento desses. Não havia sido, porém, uma mulher que lhe aparecera. Havia sido um homem, um homem estranho e de uma curiosa elegância.

Só o fato de voltar a pensar naquilo, naquela expressão de súplica da criatura, fez com que sentisse o mesmo abalo da noite anterior. Ela se voltou e olhou ansiosa para a parede de vidro. É claro que não havia nada ali a não ser o céu azul e vazio acima dos morros sombrios e distantes, e a paisagem luminosa, cintilante da baía.

Ela foi conquistando uma calma fria e inesperada enquanto ruminava essas coisas, enquanto examinava mentalmente

todos os mitos populares que já havia ouvido acerca de assombrações, mas essa pequena trégua no nervosismo começou a se esvanecer.

Não importa o que aquilo fosse, parecia vago, sem importância, até mesmo corriqueiro, diante da morte da sua mãe. Era disso que tinha de tratar. E estava perdendo um tempo precioso. Pôs-se de pé e pegou o telefone. Ligou para a residência do Dr Larkin.

- Lark, preciso tirar uma licença - explicou. - É inevitável. Será que Slattery poderia me substituir?

Como sua voz estava controlada, tão parecida com a velha Rowan. Mas essa era uma mentira. Enquanto falavam, ela fixou o olhar na parede de vidro, no espaço vazio sobre o deque onde a criatura alta e esguia havia estado. Ela viu seus olhos escuros outra vez, a lhe examinar o rosto. Ela mal conseguia acompanhar o que Lark lhe dizia. Pensou que não havia a menor possibilidade de ter imaginado tudo aquilo.

11 Capítulo

A viagem até a casa de retiro do Talamasca demorou menos de uma hora e meia. A limusine tomou o caminho sem graça da interestadual, passando para a estrada que beira o rio somente quando estavam a alguns quilômetros da casa.

Para Michael, porém, pareceu muito menos, pois ele passou o tempo todo imerso na conversa com Aaron. Quando chegaram à casa, Michael já tinha uma compreensão razoável do que era o Talamasca e já havia garantido a

Aaron que manteria para sempre em sigilo o que lesse nos arquivos. Michael adorava a idéia do Talamasca. Apreciava a maneira civilizada e cortês com que Aaron narrava os fatos. E mais de uma vez pensou consigo mesmo que, se não estivesse tão monopolizado por esse seu "objetivo", entraria de bom grado para o Talamasca.

No entanto, esses pensamentos não faziam sentido pois foi o afogamento que havia despertado nela o sentido de um objetivo e o seu poder psíquico e esses dois aspectos haviam atraído o Talamasca até ele.

Também estava mais aguçado em Michael o sentido do seu amor por Rowan - e era amor o que sentia - como algo separado do seu envolvimento com as visões, muito embora ele agora soubesse que as visões envolviam Rowan. Ele tentou explicar isso a Aaron quando estavam se aproximando dos portões da casa de retiro.

- Tudo o que você me disse me parece familiar. Há uma sensação de reconhecimento, igual à que senti ontem à noite diante da casa. E você sabe que é claro que o Talamasca não me poderia ser familiar. Não é possível que eu tivesse ouvido falar de vocês e depois me esquecido a não ser se eles me disseram alguma coisa enquanto eu estava afogado. Mas o fato é que meu afeto por Rowan não me parece familiar. Ele não me dá a impressão de algo que tivesse de acontecer. Ele é novo. Na minha cabeça, está de certo modo vinculado a uma rebeldia. Pois eu me lembro de que, quando estava com ela, sabe, conversando durante o café da manhã, lá na sua casa em Tiburon, eu olhei para o mar lá fora e disse quase em desafio àquelas criaturas que essa história com Rowan era importante para mim.

Aaron prestou muita atenção a essas palavras, como o fizera, de forma intermitente, durante todo o trajeto. A

Michael parecia que os dois sabiam que seu conhecimento mútuo havia se aprofundado e se tornado aparentemente natural, que eles agora estavam perfeitamente à vontade.

Desde que saíra de Nova Orleans, Michael só havia bebido café e pretendia continuar assim, pelo menos até ter lido tudo que Aaron tinha para lhe mostrar.

Michael estava também cansado dessa limusine, cansado da sua velocidade uniforme e brutal atravessando a velha paisagem pantanosa. Ele queria respirar ar puro.

Assim que entraram pelos portões da casa de retiro, saindo à esquerda da estrada do rio, com a barragem às suas costas, Michael reconheceu o lugar tantas vezes mostrado nos livros . A aléia de carvalhos havia sido fotografada inúmeras vezes ao longo das décadas. Ela parecia ser de sonho na sua exuberância e perfeição gótica sulina, com as gigantescas árvores de casca escura estendendo seus galhos pesados e retorcidos de modo a formar um túnel ininterrupto de arcos grosseiros e irregulares que chegava até as varandas da casa. Imensas faixas cinzentas de barba-de-velho estavam suspensas dos ângulos nodosos desses galhos. Raízes protuberantes invadiam, de ambos os lados, o caminho de cascalho estreito e sulcado.

Michael extasiou-se. Era como se aquele lugar se apoderasse em silêncio do seu coração da mesma forma que a beleza do Garden District havia feito. Brotou nele uma fé tranqüila de que, não importa o que mais lhe pudesse acontecer, ele se sentia em casa no sul e as coisas de algum modo iam acabar dando certo.

O carro estava se enfurnando cada vez mais na luz esverdeada, com raros raios de sol atravessando as sombras aqui e ali, e ao longe a planície dos dois lados,

coberta de capim alto e de uma capoeira amorfa, parecia estar se fechando na direção do céu e da própria casa. Michael apertou o botão para abrir a janela.

- Meu Deus, respire só esse ar - disse ele, num sussurro.

- É, é realmente notável na minha opinião - respondeu Aaron, baixinho, sorrindo tolerante para Michael. O calor estava sufocante. Michael nem ligava.

Pareceu que um manto de silêncio envolveu o mundo quando o carro estacionou e os dois desceram diante da casa ampla de dois andares. Construída antes da Guerra de Secessão, ela era uma dessas estruturas de sublime simplicidade: enorme porém tropical, uma caixa quadrada adornada de portas janelas, e cercada de todos os lados por largas varandas e grossas colunas lisas que se erguiam para sustentar seu telhado plano.

Parecia ser uma construção feita para atrair as brisas, para a pessoa se sentar e ficar olhando os campos e o rio - uma forte estrutura de alvenaria feita para resistir a furacões e a chuvas torrenciais.

Difícil de acreditar, pensou Michael, que para além da barragem distante havia o tráfego fluvial de rebocadores e chatas que vislumbraram há menos de uma hora quando uma barcaça ruidosa os trouxe para a margem sul. Tudo o que havia de real agora era a brisa suave a roçar o piso de tijolos onde estavam parados, as amplas portas duplas da casa abertas de repente para recebê-los, o sol erradio refletindo no vidro semicircular do belo arco da janela acima deles.

Onde estava o resto do mundo? Não importava. Michael ouviu novamente os sons fantásticos que o haviam

embalado em First Street - o zumbido dos insetos, o canto selvagem, aparentemente desesperado, dos pássaros.

Aaron apertava seu braço enquanto conduzia Michael casa adentro, parecendo ignorar o choque do ar artificialmente frio.

- Vou lhe mostrar rapidamente a casa - disse ele. Porém Michael não prestava atenção às palavras. A casa o havia conquistado, como as casas sempre faziam. Ele adorava residências construídas nesse estilo, com um largo corredor central, uma escada simples e quartos amplos e quadrados em perfeito equilíbrio de cada lado. A restauração e os acessórios eram suntuosos além de meticulosos. E tipicamente britânicos, com aqueles tapetes de um verde-escuro e aqueles livros em estantes e prateleiras de mogno que subiam até o teto em todos os aposentos principais. Apenas alguns espelhos floreados lembravam o período anterior à Guerra de Secessão, bem como um pequeno cravo enfurnado num canto. Todo o restante era de uma solidez vitoriana, mas de modo algum desagradável.

- Como um clube prive - sussurrou Michael. Para ele, era quase cômico ver uma pessoa ou outra sentada numa poltrona bem estofada, que sequer erguia os olhos do livro ou de algum documento, quando eles passavam silenciosos. A atmosfera como um todo era, porém, inequivocamente convidativa. Ele se sentia bem ali. Apreciou o sorriso fugaz da mulher que passou por ele na escada. Sentiu vontade de procurar uma poltrona na biblioteca e ficar por lá. E, através das numerosas portas francesas, via todo aquele verde lá fora, uma enorme rede que se espalhava a encobrir o céu azul.

- Venha, vou levá-lo ao seu quarto - disse Aaron.

- Aaron, não vou ficar. Onde está o arquivo?

- Sei que não vai ficar, mas precisa de tranqüilidade para ler à vontade. Ele conduziu Michael ao longo do corredor superior até o quarto da frente no lado leste da casa. Janelas francesas abriam-se tanto para a varanda da frente quanto para a lateral. E, embora o tapete fosse escuro e espesso, como em toda a residência, a decoração havia cedido à influência rural com umas duas cômodas de tampo de mármore e uma dessas majestosas camas de dossel, que parecem feitas para esse tipo de casa. Algumas camadas de colchas feitas à mão cobriam seu fofo colchão de plumas. As colunas de mais de dois metros de altura não apresentavam nenhum entalhe.

O aposento dispunha, entretanto, de uma surpreendente quantidade de confortos modernos, incluindo-se a pequena geladeira e a televisão embutida num armário, bem como uma escrivaninha e cadeira aninhadas no canto interno de tal forma a ficarem voltadas tanto para as janelas da frente quanto para as do leste. O telefone era cheio de botões, com minúsculos números escritos cuidadosamente para diversas extensões. Um par de poltronas em estilo Queen Anne parecia estar nas pontas dos pés diante da lareira. Uma porta se abria para um banheiro anexo.

- Vou me acomodar - disse Michael. - Onde está o arquivo?

- Mas devíamos comer antes.

- Você devia. Eu posso comer um sanduíche enquanto leio. Você prometeu. Por favor, o arquivo.

Aaron insistiu que fossem imediatamente até uma pequena varanda telada nos fundos do segundo andar e ali, com a vista de um jardim formal com caminhos de cascalho e fontes desgastadas pelo tempo, os dois se sentaram para

fazer sua refeição. Era um enorme café da manhã sulino, completo com biscoitos, aveia e salsicha; e uma boa quantidade de café de chicória com leite.

Michael estava faminto. Mais uma vez, teve aquela sensação que havia experimentado com Rowan: era bom não estar bebendo. Era bom estar com a cabeça desanuviada, vendo lá fora o verde do jardim, com os ramos dos carvalhos mergulhando até tocar a própria grama. Era simplesmente divino sentir aquele calor no ar.

- Tudo isso aconteceu rápido demais - disse Aaron, passando-lhe a cesta de biscoitos fumegantes. - Sinto que devia dizer mais alguma coisa, mas não sei o que poderia dizer. Queríamos abordá-lo aos poucos, queríamos conhecê-lo e que você nos conhecesse.

De repente, Michael não conseguia parar de pensar em Rowan. Estava extremamente perturbado por não poder ligar para ela. Mesmo assim, parecia inútil tentar explicar a Aaron o quanto estava preocupado com ela.

- Se eu tivesse feito o contato que esperava fazer - dizia Aaron - eu o teria convidado para vir à nossa casa-matriz em Londres, e lá sua apresentação à Ordem poderia ter sido mais tranqüila e agradável. Mesmo após anos de trabalho de campo, ninguém lhe teria pedido que se encarregasse de uma tarefa tão perigosa quanto uma intervenção no caso das Bruxas Mayfair. Não há na Ordem ninguém que seja sequer qualificado para cumprir uma tarefa dessas, a não ser eu. Mas, usando uma expressão moderna e sucinta, você está envolvido.

- Até o último fio de cabelo - concluiu Michael, comendo sem parar enquanto ouvia. - Mas entendo o que você quer dizer. Seria como se a Igreja Católica me pedisse para participar

de um exorcismo sabendo que eu não era um padre ordenado.

- É mais ou menos isso - disse ele. - Às vezes, creio que, em virtude de não possuímos dogma ou rituais, nós somos ainda mais rígidos. Nossa definição do certo e do errado é mais sutil, e somos mais rigorosos com aqueles que não a aceitam.

- Aaron, escute. Não vou comentar com ninguém nada acerca do arquivo, à exceção de Rowan. De acordo?

- Michael - disse Aaron, depois de permanecer pensativo por algum tempo - quando você acabar de ler o material, precisamos conversar um pouco mais sobre o que você deveria fazer. Espere antes de dizer não. Pelo menos, comprometa-se a ouvir meus conselhos.

- Você pessoalmente tem medo de Rowan, não tem?

Aaron tomou um gole do café e fixou o olhar no prato por um instante. Ele não havia comido nada a não ser meio biscoito.

- Não tenho certeza - respondeu. - Meu único encontro com Rowan foi muito estranho. Eu poderia ter jurado...

- O quê?

- Que ela queria desesperadamente falar comigo. Falar com alguém. E ainda assim, havia uma hostilidade que pude perceber nela, uma hostilidade generalizada, como se a mulher fosse sobre-humana e se eriçasse com algo instintivamente estranho a outros seres humanos. Ora, sei que pareço estar exagerando. É claro que ela não é sobre-humana. Mas, se considerarmos que esses nossos poderes psíquicos são mutações, então podemos começar a pensar

numa criatura como Rowan como algo diferente, da mesma forma que uma espécie de pássaro difere da outra. Eu como que senti essa sua diferença.

Ele fez uma pausa. Pareceu notar pela primeira vez que Michael estava usando as luvas enquanto comia.

- Quer tentar comer sem elas? Talvez eu possa lhe ensinar a bloquear as imagens. No fundo não é tão difícil quanto...

- Quero o arquivo - disse Michael. Ele limpou a boca no guardanapo e engoliu o resto do café.

- É claro que quer, e vai tê-lo - disse Aaron, com um suspiro.

- Posso ir agora para meu quarto? Ah, e se for possível mais um bule desse delicioso café preto açucarado e leite quente...

- Claro.

Aaron conduziu Michael para fora da sala de café, parando apenas para pedir mais café, e depois o acompanhou pelo amplo corredor central até o quarto da frente.

As pesadas cortinas de damasco que cobriam as portas janelas da frente haviam sido abertas, e através de cada caixilho brilhava a delicada luz do verão, filtrada através das árvores.

A valise com o volumoso arquivo na sua pasta de couro aguardava sobre a cama de dossel coberta de colchas.

- Tudo bem, meu amigo - disse Aaron. - Vão lhe trazer o café sem bater para não perturbá-lo. Sente-se lá fora na varanda da frente se preferir. E por favor leia com cuidado. Se precisar de mim, pode usar o telefone. Peça à telefonista

para falar com Aaron. Vou estar em outro quarto perto daqui, no mesmo corredor, preciso descansar.

Michael tirou a gravata e o paletó, entrou no banheiro, lavou o rosto e estava apanhando os cigarros na mala quando o café chegou. Ficou surpreso e um pouco perturbado ao ver Aaron aparecer novamente, com uma expressão preocupada no rosto. Não haviam se passado cinco minutos, ou era o que parecia.

Aaron disse ao jovem criado que pusesse a bandeja sobre a escrivaninha do canto e esperou que o rapaz saísse.

- Más notícias, Michael.

- Do que está falando?

- Acabei de ligar para Londres para apanhar meus recados. Parece que tentaram me localizar em San Francisco para me dizer que a mãe de Rowan estava morrendo. Mas não conseguiram falar comigo.

- Rowan vai querer saber disso, Aaron.

- Já terminou, Michael. Deirdre Mayfair morreu hoje de manhã, por volta das cinco. - Sua voz estremeceu ligeiramente. - Acho que você e eu estávamos conversando a essa hora.

- Que terrível para Rowan - disse Michael. - Você não pode imaginar como isso irá afetá-la. Você simplesmente não sabe.

- Ela já está vindo, Michael. Ela entrou em contato com a casa funerária e pediu que eles atrasassem a cerimônia fúnebre. Eles concordaram. Ela perguntou pelo Pontchartrain Hotel quando ligou. É claro que vamos

verificar para ver se ela fez reserva. Mas creio que podemos contar com sua chegada em breve.

- Vocês são piores do que o FBI, sabia? - Mas Michael não estava zangado. Era precisamente essa a informação que ele queria. Com uma ponta de alívio, ele passou mentalmente em revista o horário da sua chegada, sua visita à casa e a hora em que despertou. Não, não havia nada que ele pudesse ter feito para possibilitar um encontro entre Rowan e sua mãe.

- É, nós somos muito meticulosos - disse Aaron, com tristeza. - Pensamos em tudo. Eu me pergunto se Deus é tão neutro quanto nós diante do que observamos. - Seu rosto sofreu uma mudança evidente, enquanto ele parecia se recolher no seu íntimo. Depois, ele começou a sair, aparentemente sem mais nada a dizer.

- Você chegou a conhecer a mãe de Rowan?

- Eu a conheci - disse Aaron, com amargor - e nunca fui capaz de dar um passo que fosse para ajudá-la. Mas isso é com freqüência o que acontece conosco, sabe? Talvez desta vez as coisas sejam diferentes. E pode ser que talvez não o sejam. - Ele virou a maçaneta para ir. - Está tudo aí - disse ele, indicando a pasta. - Não há mais tempo para conversar.

Michael ficou olhando, impotente, enquanto Aaron saía em silêncio. A pequena demonstração de emoção o havia surpreendido por inteiro, mas ela também o havia tranqüilizado. Entristeceu-se por ter sido incapaz de dizer qualquer coisa que pudesse consolar o amigo. E, se começasse a pensar em Rowan, em vê-la e abraçá-la, em tentar explicar tudo isso para ela, iria ficar maluco. Não havia tempo a perder.

Apanhando a pasta de couro de cima da cama, ele a pôs sobre a escrivaninha. Pegou os cigarros e se acomodou na cadeira de couro. Quase distraído, estendeu a mão para pegar o bule de prata, serviu-se uma xícara de café e acrescentou o leite quente.

O aroma adocicado encheu o aposento.

Ele abriu a capa e tirou de dentro uma pasta de papel pardo, com os dizeres: "AS BRUXAS MAYFAIR: Número Um". Ela continha um grosso documento datilografado e encadernado, além de um envelope que indicava "Fotocópias dos Documentos Originais".

Seu coração ansiava por Rowan. Ele começou a ler.

12 Capítulo

Foi uma hora depois que Rowan ligou para o hotel. Ela havia arrumado as poucas roupas leves de verão que possuía. Na verdade, para ela fazer as malas havia sido uma espécie de surpresa, pois ela observava seus próprios gestos e escolhas como se estivesse distanciada de si mesma. Para dentro das malas, haviam ido coisinhas leves em seda: blusas e vestidos comprados para férias anos atrás e nunca mais usados. Uma quantidade de jóias, esquecidas desde a faculdade. Perfumes ainda sem abrir. Delicados sapatos de salto alto nunca retirados das caixas. Seus anos de dedicação à medicina não lhe haviam deixado tempo para essas coisas. O mesmo podia-se dizer dos costumes de linho que ela havia usado uma ou duas vezes no Havaí. Bem, agora eles lhe serviriam bem. Ela também pôs na

mala uma bolsa de cosméticos que não abria há mais de ano.

O vôo seria o da meia-noite. Ela iria de carro até o hospital, repassaria a história de todos os pacientes com Slattery, que iria substituí-la, e de lá seguiria para o aeroporto.

Agora, precisava fazer a reserva no hotel e deixar um recado para Michael dizendo que estava chegando.

Uma simpática voz sulina atendeu-a no hotel. Sim, eles tinham uma suíte desocupada. Não, o Sr Curry não estava no hotel. No entanto, ele havia deixado um recado para ela: ele havia saído mas ligaria dentro de vinte e quatro horas. Não, não havia dito onde estaria ou quando voltaria.

- Pois bem - disse Rowan, com um suspiro de exaustão. - Por favor, anote um recado para ele. Diga-lhe que estou indo para aí. Diga-lhe que minha mãe faleceu. Que o enterro será amanhã em Lonigan and Sons. Deu para escrever tudo?

- Sim, senhora. E permita-me lhe dizer como todos nós lamentamos saber da sua mãe. Eu já estava até acostumada a vê-la na varanda telada sempre que passava por ali.

Rowan estava perplexa.

- Diga-me uma coisa, por favor. A casa onde ela viveu era em First Street?

- Era, doutora.

- E essa rua fica num bairro chamado Garden District?

- É, doutora, é lá mesmo.

Rowan murmurou um agradecimento e desligou. Então, a casa fica no mesmo trecho que Michael me descreveu, pensou ela. E como é que todos sabem do caso? Eu nem cheguei a dizer à telefonista o nome da minha mãe. Já estava na hora de ir. Ela saiu até o deque norte e se certificou de que o Sweet Christine estava perfeitamente amarrado, como se pronto para enfrentar a pior tempestade. Trancou, então, a cabine de comando e voltou para dentro de casa. Ligou os diversos sistemas de alarme da residência, que não usava desde a morte de Ellie.

Agora era a hora de uma última olhada geral. Pensou em Michael, parado diante da graciosa casa vitoriana em Liberty Street, falando de premonição, de nunca mais voltar. Bem, ela não tinha nenhuma sensação semelhante. Mas só o fato de estar olhando para tudo ali a entristecia. A casa dava a impressão de abandono, de desgaste. E, quando ela olhou para o Sweet Christine, teve a mesma sensação. Era como se o Sweet Christine tivesse cumprido bem suas funções, mas não tivesse mais nenhuma importância. Todos os homens com quem havia feito amor na cabine inferior não importavam mais. Na verdade, era realmente espantoso que não tivesse levado Michael pela escadinha abaixo até o aconchego da cabine. Ela não havia nem pensado nisso. Michael parecia fazer parte de um outro mundo.

Sentiu um impulso forte e repentino de afundar o Sweet Christine, junto com todas as recordações ligadas a ele. Mas isso seria tolice. Ora, o Sweet Christine é que a havia levado a Michael. Ela devia estar perdendo a razão. Graças a Deus, estava indo para Nova Orleans. Graças a Deus, ia ver a mãe antes do enterro. E graças a Deus, logo estaria com Michael, contando-lhe tudo e tendo a presença dele ao seu lado. Ela precisava acreditar que isso ia acontecer, por mais que ele não tivesse telefonado. Pensou com tristeza no documento

assinado dentro do cofre. Mas agora, ele não lhe importava mais, nem mesmo o bastante para ela ir até o cofre, olhar para o papel e rasgá-lo. Rowan fechou a porta sem olhar para trás.

SEGUNDA PARTE

AS BRUXAS MAYFAIR

Capítulo 13

O ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

Prefácio do tradutor aos capítulos de I a IV:

Os quatro primeiros capítulos deste arquivo contêm material escrito por Petyr van Abel, expressamente para o Talamasca, em latim, e basicamente no nosso código latino, uma forma de latim usada pelo Talamasca desde o século XIV até o XVIII para manter secretas suas epístolas e registros protegendo-os de olhos curiosos. Enormes quantidades de material foram também escritas em inglês, pois era costume de Petyr van Abel escrever em inglês quando estava entre os franceses e em francês, quando estava entre os ingleses, com o objetivo de transmitir os diálogos e certas idéias e sentimentos com mais naturalidade do que seria possível ao antigo código latino.

Praticamente todos esses textos estão na forma de epístolas, pois era essa, como ainda é, a forma básica dos relatórios feitos aos arquivos do Talamasca. Naquela época, Stefan Franck era o chefe da Ordem, e a maior parte dos textos é dirigida a ele num estilo fluente, íntimo e às vezes informal. No entanto, Petyr van Abel estava sempre consciente de estar registrando informações para uso no futuro e por isso ele se esforçava para explicar fatos e esclarecer ao máximo seu inevitável leitor desinformado, à medida que ia escrevendo. É essa a razão pela qual ele talvez descrevesse um canal em Amsterdã, embora estivesse escrevendo para o homem que morava naquele mesmo canal. A tradução nada omitiu. O material foi adaptado apenas naqueles trechos em que as cartas e os registros originais foram danificados, não sendo mais legíveis. Ou em que as palavras ou expressões no velho código latino apresentam dificuldade para os estudiosos modernos da Ordem, ou ainda nos casos em que termos obsoletos em inglês prejudiquem a compreensão do leitor moderno.

Naturalmente, a ortografia foi atualizada.

O leitor atual deveria levar em consideração que a língua inglesa desse período - final do século XVII - já era o idioma que conhecemos. Expressões como "pretty good" (bastante), "I guess" (acho) ou "I suppose" (suponho) já eram correntes. Elas não foram acrescentadas ao texto.

Se a visão de mundo de Petyr parecer surpreendentemente "existencial" para a época, basta que se releia Shakespeare, que escreveu setenta e cinco anos antes, para se perceber como os pensadores do período eram perfeitamente ateus, irônicos e existenciais. O mesmo pode se dizer acerca da atitude de Petyr com relação à sexualidade. A enorme repressão do século XIX às vezes faz com que nos

esqueçamos de que os séculos XVII e XVIII foram muito mais liberais no que diz respeito aos assuntos da carne.

Falando em Shakespeare, Petyr nutria uma especial paixão por ele e lia por prazer tanto suas peças quanto seus sonetos. Ele muitas vezes afirmou que Shakespeare era seu "filósofo".

Quanto à história completa de Petyr van Abel, uma bela história por seus próprios méritos, ela é contada num arquivo com seu nome, composto de dezessete volumes nos quais estão incluídas traduções completas de cada relatório escrito por ele, de cada caso por ele investigado, na ordem exata da sua elaboração.

Possuímos, também, dois retratos seus pintados em Amsterdã. Um de Franz Hals, encomendado expressamente por Roemer Franz, nosso diretor na época, revelando Petyr como um rapaz alto e louro - de altura e brancura quase nórdicas - com o rosto oval, nariz proeminente, testa alta e olhos grandes e curiosos. O outro, datado de uns vinte anos depois, pintado por Thomas de Keyser, revela uma complexão mais pesada e um rosto mais cheio, embora nitidamente longo, com a barba e o bigode perfeitamente aparados e os cabelos louros, longos e cacheados aparecendo por baixo de um chapéu preto de abas largas. Nos dois quadros, Petyr parece estar à vontade e até certo ponto alegre, como era típico dos homens retratados em quadros holandeses daquele período.

Petyr pertenceu ao Talamasca desde a infância até morrer no cumprimento do dever aos quarenta e três anos de idade, como ficará esclarecido pelo seu último relatório completo ao Talamasca.

Sob todos os aspectos, Petyr era bem-falante, ouvinte atento e escritor por natureza, um homem impulsivo e apaixonado. Ele apreciava a comunidade artística de Amsterdã e passava muitas horas do seu tempo de folga na companhia de pintores. Nunca manteve uma imparcialidade frente a suas investigações, e seus comentários revelam uma tendência à loquacidade e ao detalhe, sendo por vezes excessivamente emotivos. Alguns leitores podem considerar seu estilo irritante. Outros podem considerá-lo inestimável, pois ele não só nos proporciona imagens bem elaboradas daquilo que presenciou, mas também nos permite vislumbrar sua própria personalidade.

Na leitura da mente seus poderes eram limitados (confessava não ser competente nesse campo por não apreciá-lo e não confiar nele), mas possuía a capacidade de mover pequenos objetos, fazer parar relógios e realizar outros "truques" à vontade.

Na qualidade de órfão que perambulava pelas ruas de Amsterdã, ele teve seu primeiro contato com o Talamasca aos oito anos de idade. Diz a história que, ao perceber que a casa-matriz abrigava pessoas “diferentes”, como ele próprio era diferente, começou a ficar por ali até finalmente adormecer numa noite de inverno na soleira da porta, onde poderia ter morrido congelado se Roemer Franz não o houvesse encontrado e trazido para dentro. Mais tarde, descobriu-se ser ele instruído, que sabia escrever tanto em latim quanto em holandês e que também entendia o francês.

Durante toda a sua vida, sua recordação dos primeiros anos com os pais foi esporádica e duvidosa, embora ele chegasse a empreender a investigação dos seus próprios antecedentes, descobrindo não só a identidade de seu pai Jan Van Abel, o famoso cirurgião de Leiden, como também

extensa obra escrita por ele, que continha algumas das mais célebres ilustrações anatômicas e médicas da época.

Petyr dizia com frequência que a Ordem havia se tornado seu pai e sua mãe. Nenhum outro membro foi mais dedicado do que ele.

Aaron Lightner

Talamasca, Londres, 1954

AS BRUXAS MAYFAIR

CAPITULO I / TRANSCRIÇÃO 1

Dos escritos de Petyr van Abel para o Talamasca - 1689

Setembro de 1689, Montecleve, França

Caro Stefan,

Cheguei afinal a Montclevé bem próxima às montanhas Cévennes, nos sopés da região, para ser exato, e a pequena e sinistra cidade fortificada, com seus tetos de telhas e seus melancólicos bastiões, está na realidade a postos para queimar uma bruxa, como me haviam dito. Aqui estamos no início do outono, e a brisa do vale é fresca, talvez até mesmo com um toque do calor do Mediterrâneo. Dos portões, tem-se uma visão agradabilíssima dos vinhedos de onde provém o vinho local, Blanquette de Limoux.

Como já bebi mais do que devia nesta minha primeira noite aqui, posso garantir que ele é tão bom quanto teima em insistir a pobre gente da cidade. No entanto, Stefan, não me sinto atraído por este lugar, pois nestas montanhas ainda ecoam os gritos dos cátaros, inúmeros deles mortos pelo fogo por toda esta região há séculos. Quantos séculos ainda serão necessários até que o sangue de tantos se infiltre tão fundo na terra a ponto de ser esquecido O Talamasca sempre há de se lembrar. Nós, que vivemos num mundo de livros e de pergaminhos que se desfazem, de velas bruxuleantes e olhos que se contraem e ardem nas sombras, sempre estamos com as mãos na história. Tudo é agora para nós. E eu bem me lembro de que, muito antes de eu ouvir a palavra Talamasca, meu pai falava desses hereges assassinados e das mentiras que foram divulgadas contra eles. Pois também ele muito havia lido a seu respeito. Infelizmente, o que isso tem a ver com a tragédia da condessa de Montcleve, que deve morrer amanhã na pira construída ao lado das portas da Catedral de Saint-Michel? Essa velha cidadela é toda de pedra, mas não são de pedra os corações dos seus habitantes, apesar de não haver nada que possa impedir a execução dessa senhora, como pretendo demonstrar.

Dói-me o coração, Stefan. Estou mais do que desamparado, pois sou vítima de revelações e recordações. E ainda tenho uma história espantosa a contar. No entanto, abordarei o assunto da melhor forma possível, procurando me ater, como sempre, e sempre sem sucesso, àqueles aspectos desta triste aventura que sejam dignos de nota.

Permita-me dizer logo que não posso impedir essa execução. Pois a senhora em questão não é só uma bruxa impenitente e poderosa, mas também é acusada de assassinar o próprio marido por envenenamento e as provas

contra ela são extremamente graves, como passo a esclarecer.

Foi a mãe do marido quem se adiantou para acusar a nora de ligação com Satã e de assassinato. E os dois filhos pequenos da pobre condessa se aliaram à avó nas acusações, enquanto a filha única da bruxa acusada, uma certa Charlotte, de vinte anos e de uma beleza estupenda, já fugiu para as Antilhas com seu jovem marido da Martinica e seu filhinho ainda pequeno, procurando escapar de uma acusação de bruxaria contra ela mesma.

Nem tudo, porém, é o que parece. E eu explicarei em pormenores o que descobri. Tenha somente paciência, pois começarei do princípio e mergulharei no passado remoto. Há nesse caso muito que é do interesse do Talamasca, mas pouco que o Talamasca possa esperar fazer. E, enquanto escrevo, sinto-me atormentado pois conheço essa senhora, e vim para cá já com a suspeita de talvez conhecê-la, embora esperasse estar enganado e orasse para que o estivesse.

Quando lhe escrevi pela última vez, mal estava saindo dos estados germânicos, e me sentia morto de cansaço das suas terríveis perseguições e de como eu havia sido incapaz de interferir. Eu havia testemunhado duas execuções em massa em Treves, do sofrimento mais vil, tornado ainda pior pelos religiosos protestantes que têm a mesma ferocidade dos católicos e concordam plenamente com eles quanto ao fato de Satã estar à solta na terra e conquistando terreno entre as pessoas mais improváveis: em alguns casos, meros tolos, embora na maioria apenas donas-de-casa honestas, padeiros, carpinteiros, mendigos e semelhantes.

Como é estranho que esses religiosos acreditem que o demônio seja tão imbecil a ponto de procurar corromper

apenas os pobres e indefesos - por que não o rei da França, para variar? - e que a população em geral seja tão fraca. No entanto, já examinamos esses pontos muitas vezes, você e eu.

Fui atraído para cá, em vez de voltar para Amsterdã, pela qual morro de saudades, porque as circunstâncias desse processo eram bem conhecidos por toda parte e são peculiaríssimas já que se trata de uma importante condessa que está sendo acusada, não a parteira da aldeia, uma idiota balbuciante, com propensão a dar o nome de qualquer pobre criatura como seu cúmplice por diante.

Encontrei aqui, porém, muitos dos mesmos elementos que se encontram por toda parte, visto que aqui está presente o famoso inquisitor, o padre Louvier, que há uma década se vangloria de ter mandado queimar centenas de bruxas e diz que encontrará bruxas aqui se aqui houver alguma. Também está aqui presente um livro popular acerca da bruxaria e da demologia, escrito por esse mesmo cidadão, de ampla circulação em toda a França, e lido com extremo fascínio por pessoas semi-analfabetas que examinam absortas suas longas descrições como se fossem as próprias Escrituras, quando no fundo

elas não passam da mais pura bobagem.

Ainda, não posso deixar de mencionar as gravuras desse belo texto, que é passado de mão em mão com tanta reverência, pois ele causa grande furor, sendo imagens muito bem feitas de demônios dançando ao luar e de velhas megeras banquetando-se com bebês ou voando de um lado para o outro nas suas vassouras.

Esse livro mantém a cidade como que fascinada, e não será surpresa para ninguém da nossa Ordem saber que foi a

velha condessa que o trouxe para cá, a própria acusadora da nora, que falou abertamente na escadaria da igreja que, se não fosse por esse livro, não teria sabido que havia uma bruxa no seio da sua família.

Ah, Stefan, dê-me um homem ou uma mulher que tenha lido mil livros e estará me proporcionando uma companhia interessante. Dê-me um homem ou mulher que tenha lido talvez três, e estará me dando no fundo um perigoso inimigo. Mais uma vez, afasto-me da minha história. Cheguei aqui às quatro da tarde, atravessando as montanhas e descendo na direção sul até o vale, uma viagem a cavalo lenta e cansativa. Uma vez tendo avistado a cidade, que pairava lá no alto como uma imensa fortaleza, pois isso é o que um dia foi, desfiz-me imediatamente de todos os documentos que pudessem ter provado que eu não era quem fingia ser: um padre Católico, estudioso do mal da feitiçaria, que cobria todo o país com o objetivo de examinar bruxas condenadas para melhor poder erradicá-las na sua própria paróquia.

Colocando todos os meus pertences supérfluos ou incriminadores no cofre-forte, enterrei-a na floresta em local seguro. Em seguida, usando meu melhor traje de religioso, com um crucifixo de prata e outros detalhes destinados a me fazer passar por um próspero clérigo, aproximei-me dos portões da cidade, passando pelas torres do Château de Montcleave, a antiga residência da infeliz condessa a quem eu conhecia apenas pelo título de Noiva de Satã ou de Bruxa de Montcleve.

Logo comecei a perguntar àqueles que encontrava por que havia uma pira tão grande no centro do grande espaço aberto diante das portas da catedral, e por que os ambulantes haviam instalado suas barraquinhas para vender bebidas e bolos se não se via nenhuma feira, e ainda

qual era o motivo para o palanque construído ao norte da igreja e ao seu lado, encostado nas muralhas da prisão. E ainda, por que os pátios das quatro estalagens da cidade estavam lotados de cavalos e carruagens? E por que tanta gente se alvoroçava, falava e apontava para a janela alta e gradeada da prisão acima do palanque e depois para a horrenda pira?

Teria algo a ver com a festa de São Miguel, que seria no dia seguinte? Não houve uma pessoa a quem eu perguntasse que hesitasse em me esclarecer que tudo aquilo não tinha nada a ver com o santo, embora essa catedral fosse a ele dedicada, a não ser que houvessem escolhido o seu dia para melhor agradar a Deus e a todos os seus anjos e santos com a execução da bela condessa que deveria ser queimada viva, sem direito a ser estrangulada antes, de modo a servir de exemplo para todas as bruxas das redondezas, que eram inúmeras, embora a condessa não houvesse denunciado absolutamente nenhuma das suas cúmplices mesmo submetida a torturas indescritíveis, tão forte era o poder do demônio sobre ela. Mas os inquisidores iam descobri-las de uma forma ou de outra.

E, por intermédio dessas diversas pessoas que teriam me deixado morto de tédio com sua conversa, se eu tivesse permitido, soube ainda que seria difícil encontrar uma família desta próspera comunidade que não tivesse testemunhado os poderes da condessa, pois ela curava os doentes voluntariamente, preparava para eles poções de ervas, aplicava suas mãos sobre seus corpos ou membros afetados e, por tudo isso, ela não pedia nada a não ser que fosse lembrada nas suas orações. Ela gozava de grande fama por desfazer a magia negra de bruxas inferiores. E aqueles que sofriam de quebranto recorriam a ela com freqüência à procura do pão e do sal para espantar os demônios lançados sobre eles por desconhecidos.

Cabelos tão negros nunca se viram, disse-me uma dessas pessoas e aí, ela era tão linda antes de a destruírem, disse uma outra e mais outra, meu filho está vivo graças a ela, e ainda uma quarta, que a condessa conseguia fazer baixar a febre mais alta que aos que trabalhavam para ela, ela dava ouro nos dias de festa e que nunca dirigia palavras rudes a ninguém.

Stefan, parecia que eu estava me encaminhando para uma canonização, não para uma execução. Pois ninguém com quem conversei nessa primeira hora, durante a qual me demorei pelas ruas estreitas, indo de um lado para o outro como se estivesse perdido e parando para falar com todos e com qualquer um, ninguém disse sequer uma palavra cruel contra a senhora.

Sem sombra de dúvida, porém, essa gente simples parecia ainda mais interessada pelo fato de ser uma senhora generosa e importante que seria lançada às chamas diante dos seus olhos, como se sua beleza e sua bondade tornassem sua morte um espetáculo ainda maior para a diversão do povo. Digo-lhe que foi com medo no coração, dos seus elogios a ela disposição a descrevê-la e do brilho que os iluminava quando falavam da sua morte, que finalmente me cansei da conversa e prossegui até a própria pira, passando a cavalo de um lado ao outro, a inspecionar suas dimensões monumentais.

É, gasta-se muita lenha e carvão para queimar um ser humano totalmente. Contemplei-a com o pavor de sempre, perguntando-me por que fui escolher esse tipo de atividade se nunca entro numa cidadezinha como esta, com suas estéreis construções de pedra, sua antiga catedral de três campanários, sem ouvir a algazarra da multidão, o crepitar do fogo, a tosse, os arquejos e afinal os berros de quem morre na fogueira. Você sabe que, não importa quantas

vezes eu os presenciei essas execuções abomináveis, não consigo me acostumar a elas.

Então, o que é que na minha alma me faz procurar insistentemente esse mesmo horror? Será que estou me penitenciando por algum crime, Stefan? E quando estará cumprida essa minha penitência? Não pense que estou divagando. Tudo o que digo tem seu sentido, como você logo verá e entenderá. Pois vim me deparar com uma jovem que outrora amei mais do que a qualquer outra, e mais do que seus encantos lembro-me com clareza do vazio no seu rosto quando a avistei pela primeira vez, acorrentada a uma carroça numa solitária estrada da Escócia, apenas horas após ter presenciado a morte da própria mãe na fogueira.

Talvez, se você dela tem alguma recordação, já tenha adivinhado a verdade. Não leia mais adiante. Tenha paciência. Pois enquanto passeava de um lado para o outro diante da pira, ouvindo a estupidez e a tolice de um par de vinhateiros do local que se vangloriavam de terem visto outras execuções semelhantes, como se isso fosse motivo de orgulho, eu ainda não sabia toda a história da condessa. Agora sei.

Afinal, por volta das cinco, fui até a melhor das estalagens da cidade, a mais antiga, que fica bem em frente à igreja, e que de todas as suas janelas frontais tem uma bela visão das portas da catedral de Saint-Michel e do local da execução que acabo de descrever.

Como a cidadezinha estava obviamente se enchendo para o evento, eu imaginava não conseguir lugar. Você pode imaginar minha surpresa quando descobri que os ocupantes dos melhores aposentos da frente do estabelecimento estavam sendo despejados porque, apesar dos seus belos trajes e dos seus ares, havia sido descoberto que eles não

tinham um vintém. Eu imediatamente paguei a pequena fortuna pedida por aqueles "finos aposentos" e pedi uma boa quantidade de velas para poder escrever até tarde da noite, como estou mesmo fazendo. Subi pela escadinha torta e descobri que o lugar era tolerável, com um colchão de palha razoável, não imundo em demasia, levando-se tudo em consideração, e em especial que isto aqui não é Amsterdã, uma pequena lareira, que não será necessária pois estamos em setembro, e janelas que, apesar de pequenas, de fato proporcionam uma vista direta para a pira.

- Pode-se ver tudo muito bem daqui - disse-me o estalajadeiro com orgulho, e eu me perguntei quantas vezes ele não teria visto um espetáculo desses e qual seria sua opinião sobre o método de execução mas ele começou a falar espontaneamente de como a condessa Deborah era linda, sacudindo a cabeça com tristeza como faziam todos ao falar dela e do que estava por acontecer.

- Disse que o nome dela é Deborah?

- É - respondeu ele. - Deborah de Montclevé, nossa linda condessa, embora ela não seja francesa, sabe? E se ao menos ela tivesse sido uma bruxa mais poderosa... - Ele se calou, cabisbaixo.

Digo-lhe, Stefan, que havia uma faca no meu peito. Eu adivinhava quem ela era e mal podia suportar a idéia de pressioná-lo mais. Mesmo assim, pressionei.

- Continue, por favor.

- Ao ver o marido morrendo, ela disse que não podia ajudá-lo, que estava acima dos seus poderes... - A essa altura, com suspiros de tristeza, ele se calou mais uma vez.

Stefan, já presenciamos inúmeros casos semelhantes. A curandeira da aldeia passa a ser uma bruxa só quando seus poderes para a cura não funcionam. Até então, ela é a boa benzedeira de todos, e não se ouve a menor referência a demônios. E aqui se repetia essa história.

Arrumei minha escrivaninha, à qual estou agora sentado, guardei as velas e me encaminhei, então, para os salões do andar inferior, onde ardia um pequeno fogo para combater a umidade e a escuridão desse recinto de pedra. Em torno desse fogo, alguns filósofos do local estavam se aquecendo ou secando seus corpos encharcados de bebida, ou as duas coisas juntas. Sentei-me a uma mesa confortável e pedi a ceia, tentando afastar da mente a curiosa obsessão que tenho com todas as lareiras, a de que os condenados sentem primeiro esse calorzinho agradável antes que ele se transforme em agonia e seus corpos sejam consumidos.

- Traga-me o melhor vinho que tiver - disse eu - e permita-me compartilhá-lo com esses cavalheiros, na esperança de que me falem da tal bruxa, pois muito tenho a aprender.

Meu convite foi imediatamente aceito, e fiz minha refeição no centro de uma assembléia em que todos começaram a falar ao mesmo tempo, de tal modo que eu pude escolher em momentos diferentes a quem queria prestar atenção e para quem meus ouvidos se fechariam.

- Como surgiu a acusação? - perguntei de imediato.

E o coro começou suas descrições variadas e heterogêneas, de que o conde estava cavalgando na floresta quando, após cair do cavalo, ele chegou em casa cambaleante. Depois de uma boa refeição e de um bom sono, ele acordou bem recuperado e estava se preparando para ir caçar quando uma dor o atingiu e ele teve de voltar para a cama. A noite

inteira, a condessa ficou sentada à sua cabeceira, ao lado da sogra, ouvindo seus gemidos.

- O ferimento foi muito fundo, dentro do corpo - declarou a esposa - Não posso fazer nada para ajudá-lo. Logo o sangue lhe chegará aos lábios Precisamos lhe dar alguma coisa para amenizar a dor.

E em seguida, como previsto, o sangue apareceu de fato na sua boca, seus gemidos ficaram mais fortes, e ele gritava para que sua mulher, que tantos havia curado, trouxesse seus melhores remédio para ele. Mais uma vez a condessa confidenciou à sogra e aos filhos que esse mal estava além da sua magia. As lágrimas subiam-lhe aos olhos.

- Agora, eu lhe pergunto, as bruxas choram? - disse o estalajadeiro, que estava prestando atenção enquanto limpava a mesa.

Confessei achar que não.

Eles passaram, então, a descrever a lenta agonia do conde e finalmente como ele berrava à medida que as dores aumentavam, muito embora a sua esposa lhe houvesse dado vinhos e ervas em quantidade para amortecer seu sofrimento e dar alívio à sua mente.

- Salve-me, Deborah - gritava ele, recusando-se a receber o padre quando este vinha visitá-lo. Foi então que, na sua última hora, pálido e febril, sangrando pela boca e pelos intestinos, ele puxou o padre para bem perto e declarou que sua mulher era bruxa e que sempre havia sido, que a mãe dela havia morrido na fogueira por bruxaria e que ele estava sofrendo pelos pecados delas.

Horrorizado, o padre recuou, na crença de que isso fosse delírio de um moribundo. Durante todos os seus anos ali, ele

sempre admirou a condessa e viveu de sua generosidade, mas a velha condessa pegou o filho pelos ombros e o ajeitou de novo no travesseiro, com uma ordem.

- Fale, meu filho.

- Bruxa é o que ela é e sempre foi. Tudo isso ela me confessou, me enfeitando com suas astúcias de recém-casada, chorando no meu peito. E com esses meios, ela me prendeu a si mesma e às suas trapaças. Na cidade de Donnelaith na Escócia, sua mãe lhe ensinou a arte da magia, e lá sua mãe foi queimada diante dos seus próprios olhos. - Volta-se, então, para esposa, ajoelhada com o rosto escondido nos braços, a soluçar ao lado da cama, e implorava. - Deborah, pelo amor de Deus. Estou agonizando. Você salvou a mulher do padeiro, salvou a filha do moleiro. Por que não quer me salvar!

Ele estava tão enlouquecido que o padre não lhe pôde dar a comunhão, e ele morreu proferindo maldições, uma morte realmente horrível. A jovem condessa perdeu o controle quando seus olhos se fecharam chamando por ele e jurando amá-lo, então caiu como se ela também estivesse morta. Seus filhos Chrérien e Philippe reuniram-se à sua volta, bem como sua bela filha Charlotte, e os três procuraram consolá-la e abraçá-la enquanto ela ainda estava prostrada no próprio chão.

A velha condessa, no entanto, não havia perdido o controle e dera ouvidos ao que o filho dissera. Correu para os aposentos particulares da nora e descobriu nos armários não só inúmeros ungüentos, óleos e poções para a cura de doenças e envenenamentos, mas também uma estranha boneca entalhada grosseiramente em madeira com a cabeça feita de osso, os olhos e a boca desenhados no osso, cabelos negros presos à cabeça e pequeninas flores de seda

nos cabelos. Horrorizada a velha condessa deixou cair a imagem ao perceber que ela só poderia ser maléfica e que se parecia demais com as bonecas de milho feitas pelos camponeses nos antigos rituais celtas de Beltane contra os quais os padres não param de pregar. E, ao abrir as outras portas, viu jóias e ouro em quantidades incontáveis, em pilhas e arcas, bem como em pequenas bolsas de seda, que, segundo a velha condessa, a mulher sem dúvida pretendia roubar quando o marido morresse.

A jovem condessa foi presa naquela mesma hora, enquanto a avó levava para seus aposentos particulares os netos para poder instruí-los a respeito da natureza desse mal terrível, para que eles pudessem ficar ao seu lado contra a bruxa, sem correr nenhum risco.

- Mas era público e notório - disse o filho do estalajadeiro, que falava mais do que qualquer outra pessoa presente - que as jóias eram de propriedade da jovem condessa, que as trouxera de Amsterdã, onde havia sido viúva de um homem rico e que nosso conde, antes de sair à procura de uma mulher rica, possuía pouco mais do que uma carinha bonita, roupas puídas e as terras e o castelo do pai.

Ah, Stefan, você não pode imaginar como essas palavras me magoaram. Espere e ouça minha história.

Tristes suspiros de todos os integrantes do pequeno grupo.

- E com seu ouro, ela era tão generosa - disse um deles - pois bastava que se fosse a ela para pedir uma ajuda, e o ouro era seu.

- Ora, ela era uma bruxa poderosa, sem a menor dúvida - disse um outro - pois de que outra maneira teria conseguido atrair tantos para si como atraiu o conde? - No entanto, até mesmo essas palavras foram ditas sem ódio ou medo.

Eu tremia, Stefan.

- Pois agora a velha condessa ficou com o dinheiro para si - comentei, vendo as intenções por trás da história. - E digam - me por favor o destino da boneca.

- Desapareceu - disseram todos em uníssono, como se estivessem respondendo à ladainha na catedral. - Desapareceu. Chrétien jurou, porém, ter visto o horrendo objeto e saber que ele era de Satã, revelando ainda em depoimento que sua mãe conversava com a boneca como se fosse um ídolo.

E por aí continuavam, voltando a cair numa Babel, com invectivas conflitantes. Que sem dúvida era mais do que provável que a bela Deborah havia assassinado o marido de Amsterdã antes de conhecer o conde, pois era assim que as bruxas agiam, não era, e quem podia negar que ela fosse bruxa, se era conhecida a história da sua mãe?

- Mas essa história da mãe foi comprovada? - pressionei.

- Do Parlamento de Paris, ao qual a senhora apelou, escreveram-se cartas para o Conselho Privado da Escócia, e eles receberam confirmação de que de fato uma bruxa escocesa havia sido queimada em Donnelaith há mais de vinte anos e que uma filha sua chamada Deborah havia sobrevivido e sido levado do lugar por um sacerdote.

Como meu coração se confrangeu ao ouvir isso, pois agora eu sabia não haver mais nenhuma esperança. Pois que prova mais grave poderia haver contra ela além do fato de sua mãe ter sido queimada diante dela? E eu nem precisei perguntar se o Parlamento de Paris havia negado seu recurso.

- Negaram, e com a carta oficial de Paris, veio também, um folheto ilustrado, ainda em grande circulação na Escócia, que falava da perversa bruxa de Donnelaith, que havia sido parteira e benzedeira de grande renome até suas praticas demoníacas serem reveladas.

Stefan, se você ainda não reconheceu a filha da bruxa escocesa a partir deste meu relato é porque não se lembra da história. Eu, porém, não tinha mais nenhuma dúvida. "Minha Deborah", eu sussurrava no fundo do meu peito, Não havia nenhuma possibilidade de eu estar enganado. Alegando ter presenciado muitas execuções no passado e esperando presenciar mais, perguntei o nome da bruxa escocesa, pois talvez eu tivesse lido os anais do seu processo nos meus próprios estudos.

- Mayfair - disseram. - Suzanne de Mayfair, que se intitulou Suzanne Mayfair por lhe faltar outro nome.

Deborah. Não podia ser nenhuma outra a não ser a criança que salvei das regiões montanhosas da Escócia há tantos anos.

- Mas, padre, há verdades tão apavorantes nesse livrinho da bruxa escocessa que hesito em repeti-las.

- Esses livros não são as Escrituras - respondi em tom desafiador. Eles, no entanto, prosseguiram, passando-me a informação de que o processo inteiro de Suzanne de Mayfair havia sido enviado através do Parlamento de Paris, e estava agora nas mãos do inquisidor.

- Encontraram veneno nos aposentos da condessa? - perguntei, procurando obter alguma migalha da verdade se possível.

Responderam que não, mas que eram tão fortes as provas contra ela que isso não importava, pois sua sogra a havia ouvido dirigir-se a seres invisíveis, seu filho Chrétien havia visto isso também, assim como seu filho Philippe, e até mesmo Charlotte, embora Charlotte houvesse preferido fugir a responder perguntas contra a mãe. Havia ainda outras pessoas que haviam testemunhado os poderes da condessa, que conseguia mover objetos sem tocar neles, prever o futuro e descobrir inúmeras coisas impossíveis.

- E ela não confessa nada?

- Foi o demônio quem a pôs em transe quando estava sendo torturada - disse o filho do estalajadeiro. - Pois de que outra forma um ser humano poderia conservar-se como que entorpecido quando um ferro quente lhe fosse aplicado à carne?

Com isso, senti que me enjoava, que estava cansado e quase arrasado. Mesmo assim, continuei a questioná-los.

- E não deu o nome de nenhum cúmplice? - perguntei. - Pois sempre se insiste muito que dêem o nome de comparsas.

- Ah, mas ela é a bruxa mais poderosa de que jamais se ouviu falar nessa região, padre - disse o taberneiro. - Que necessidade teria ela de outros? Ao ouvir os nomes dos que ela havia curado, o inquisidor a comparou às grandes feiticeiras da mitologia, e a própria pitonisa de Endor.

- Quisera que houvesse um Salomão por aqui - disse eu - para que ele pudesse concordar.

Essas minhas palavras, no entanto, eles não ouviram.

- Se havia mais alguma bruxa, era Charlotte - disse o velho taberneiro. - Nunca se viu nada igual aos seus negros,

entrando com ela na própria igreja para a missa de domingo, com belas perucas e trajes de cetim! E as três babás mulatas para seu filhinho pequeno. E o marido, alto e claro, como um salgueiro, e que sofre de uma enorme fraqueza que o aflige desde a infância e que nem mesmo a mãe de Charlotte conseguiu curar. E ver Charlotte dar ordens aos negros para carregar o senhor pela aldeia, escada acima e escada abaixo, para lhe servir o vinho, levar o copo até sua boca e o guardanapo ao seu queixo. Em volta desta mesma mesa eles se sentavam, o homem macilento como um santo na parede da igreja e os rostos negros e reluzentes ao seu redor, e o mais alto e mais escuro de todos eles, Reginald, como o chamavam, lia um livro para o senhor com sua voz retumbante. Imaginar que Charlotte viveu entre esse tipo de gente desde os dezoito anos de idade, pois se casou com esse Antoine Fontenay da Martinica assim tão nova.

- Sem dúvida, foi Charlotte quem roubou a boneca do armário - disse o filho do estalajadeiro - antes que o padre pudesse pôr as mãos nela, pois quem mais naquela casa apavorada teria tocado num objeto desses?

- Mas vocês disseram que a mãe não curou a enfermidade do marido, certo? - perguntei com delicadeza. - E está claro que a própria Charlotte não conseguiu curá-la. Talvez essas mulheres não sejam bruxas.

- Ah, mas curar e amaldiçoar são duas coisas diferentes - disse o taberneiro. - Quem dera que elas tivessem aplicado seus talentos apenas à cura! E o que a boneca maligna tinha a ver com o ato de curar?

- E o que dizer da fuga de Charlotte? - perguntou mais um, que havia acabado de se juntar ao grupo e que parecia profundamente interessado. - O que isso pode significar a

não ser que as duas eram bruxas? Bastou que a mãe fosse presa para Charlotte fugir com o marido, o filho e os negros, de volta para as Antilhas de onde vieram. Mas não antes de Charlotte visitar a mãe na prisão e ficar mais de uma hora trancada com ela a sós, sendo esse pedido concedido apenas porque os guardas foram tolos o suficiente para acreditar que Charlotte convenceria a mãe a confessar, o que é claro que ela não fez.

- Pareceu ser o melhor caminho a tomar - disse eu. - E para onde foi Charlotte?

- Dizem que voltou para a Martinica, com o marido pálido e inválido, que fez fortuna lá na agricultura, mas ninguém sabe se isso é verdade. Escreveu para a Martinica solicitando às autoridades que interroguem Charlotte, mas não recebeu resposta, embora já tenha passado tempo suficiente, e que esperança ele pode ter que a justiça seja feita num lugar daquele? Por mais de meia hora ouvi essa tagarelice, enquanto me descreviam o julgamento, como Deborah alegou inocência, mesmo diante dos juizes e das pessoas da aldeia que tiveram permissão para assistir; como a própria Deborah havia escrito à Sua Majestade, o rei Luís; e como eles haviam mandado buscar em Dole o marcador de Bruxas, e como a desnudaram na cela, cortaram-lhe os longos cabelos negros raspam-lhe a cabeça em seguida revistaram em procura da marca do diabo.

- E será que a encontraram? - perguntei, tremendo por dentro com asco por essas atitudes e tentando não me recordar da menina de que me lembrava do passado.

- Encontraram duas marcas - disse o estalajadeiro, que agora havia se reunido a nós com uma terceira garrafa de vinho branco pago por mim e servida para o prazer de

todos. - E essas marcas ela alegou ter e que eram iguais às que inúmeras pessoas têm no corpo, pedindo, então, que a cidade inteira fosse revistada à procura de tais marcas, se é que elas provavam algum coisa, mas ninguém acreditou nela. Ela a essa altura já estava pálida e magra com a tortura e a fome, e mesmo assim sua beleza não se apagou.

- Corno assim, não se apagou? - perguntei.

- Ora, hoje ela parece um lírio - disse o velho taberneiro, com tristeza - muito branca e pura. Até seus carcereiros lhe adoram pois, embora ela não confesse, ele não se dispõe a lhe negar o sacramento.

- É, mas a verdade é que ela conseguiria enfeitiçar o próprio Satã, e é por isso que

a chamam de sua noiva.

- No entanto, ela não poderia seduzir o juiz das bruxas - disse eu. Todos concordaram, sem parecer perceber que meu tom era de amarga ironia. - filha? - perguntei. - O que disse acerca da culpa da mãe antes de fugir?

- Nem uma única palavra a ninguém. E na calada da noite, ela se foi.

- É bruxa - declarou o filho do estalajadeiro. - Ou então como poderia ter deixado a mãe aqui para morrer sozinha, com os filhos contra ela?

Essa ninguém pôde responder, mas eu bem imaginei.

A essa altura, Stefan, eu não tinha vontade de mais nada a não ser sair da estalagem e ir falar com o padre da paróquia, embora, como você sabe, essa seja a parte mais perigosa. Pois, e se o inquisidor resolvesse se levantar de

onde quer que estivesse se banquetando e bebendo com o dinheiro ganho á custa dessa loucura, e ele me reconhecesse de algum outro lugar e, horror dos horrores, conhecesse minha atividade e minhas imposturas?

Enquanto isso, meus novos amigos bebiam ainda mais do meu vinho e comentavam que a jovem condessa havia sido retratada por famosos artistas de Amsterdã, tão grande era sua beleza. Mas nesse caso, eu é que lhes poderia ter contado essa parte da história, e assim preferi me silenciar, angustiado, e paguei mais uma garrafa para o grupo antes de me despedir.

A noite estava quente e cheia de conversas e risos aparentemente por toda parte, com as janelas abertas, e algumas pessoas ainda entrando e saindo da catedral, outras acampadas ao longo das paredes e prontas para o espetáculo; e nenhuma luz na janela alta e gradeada da prisão ao lado do campanário, onde a mulher estava encarcerada.

Passei por cima dos que estavam sentados conversando na escuridão ao me dirigir à sacristia que ficava do outro lado da imensa construção, e lá bati a aldrava da porta até uma velha vir me atender e chamar o vigário da paróquia.

Imediatamente surgiu um homem grisalho e encurvado que me cumprimentou dizendo que gostaria de ter sabido que havia um padre em visita à cidade e que eu devia me mudar da estalagem e me hospedar com ele.

No entanto, ele aceitou bem rápido minhas desculpas, bem como minhas explicações acerca das dores nas mãos que me impediam agora de rezar a missa, motivo pelo qual eu estava dispensado de fazê-lo, e todas as outras mentiras que preciso contar.

Por sorte, o inquisidor estava hospedado em grande estilo no chateau da velha condessa fora dos portões da cidade. E, como toda a gente importante do lugar ia até lá para jantar com ele, ele não apareceria por aqui hoje.

No que dizia respeito a esse ponto, o vigário estava obviamente ofendido, e também com todos os outros procedimentos, já que tudo havia sido retirado do seu controle pelo juiz das bruxas, pelo marcador de bruxas e por todo esse lixo eclesiástico que cai como uma chuva sobre casos semelhantes.

Que felicidade a sua, pensei enquanto ele me conduzia aos seus escuros aposentos, pois se ela houvesse cedido à tortura e mencionado nomes, metade da sua cidade estaria na cadeia e todos estariam aterrorizados. Mas ela preferiu morrer só, embora eu não consiga imaginar o que lhe deu forças.

Stefan, você sabe, porém, que há sempre aqueles que resistem, apesar de não sentirmos outra coisa a não ser compaixão por aqueles que descobrem que é impossível resistir.

- Entre e sente-se comigo um pouco - disse o padre - e eu lhe direi o que sei dela.

Imediatamente fiz minhas duas perguntas mais importantes, com a tênue esperança de que a gente da cidade pudesse estar enganada. Houve um recurso ao bispo? Houve, e ele a condenou. E ao Parlamento de Paris? Houve, e eles se negaram a examinar o caso.

- O senhor mesmo viu esses documentos?

Ele respondeu que sim com um gesto grave de cabeça e de uma gaveta do armário tirou o odioso panfleto do qual me

havam falado, com sua horrenda gravura de Suzanne Mayfair perecendo em meio a belas labaredas. Afastei de mim esse lixo.

- A condessa é mesmo uma bruxa tão terrível? - perguntei.

- Era de conhecimento geral - disse ele, com um sussurro e erguendo muito as sobrancelhas - só que ninguém tinha coragem de dizer a verdade. E assim, o conde moribundo falou, como que para aliviar a consciência e a velha condessa, ao ler o livro sobre demonologia escrito pelo inquisidor, lá encontrou a descrição correta de todos os fatos estranhos que ela e seus netos há muito presenciavam. - Ele deu um forte suspiro. - E vou lhe contar mais um segredo odioso. - Baixou sua voz para não mais do que um sussurro. - O conde tinha uma amante, uma dama importante e poderosa cujo nome não pode ser associado a esse processo. Mas soubemos por seus próprios lábios que o conde morria de medo da condessa e que se esforçava ao máximo para tirar da cabeça todo e qualquer pensamento sobre a amante quando estava na presença da esposa, pois ela era capaz de ler esse tipo de coisa em seu coração.

- Muitos homens casados poderiam seguir esse conselho - disse eu, com repulsa. - E o que isso prova? Nada.

- Ah, mas não está entendendo? Foi esse o motivo para que ela envenenasse o marido, depois que ele caiu do cavalo. Ela achou que em virtude da queda, ninguém a culparia.

Eu não disse nada.

- Mas aqui nas redondezas todos sabem - disse ele, com ar matreiro. - E amanhã, quando a multidão estiver reunida, observe os olhos das pessoas e para quem eles se dirigem. Verá que é para a condessa de Chamillart, de Carcassonne, no palanque diante da prisão. Contudo, veja bem. Não estou

dizendo que seja ela. Eu não disse nada, mas afundei mais na desesperança.

- Não se pode imaginar o poder que o demônio tem sobre a bruxa - continuou ele.

- Conte-me, por favor.

- Mesmo depois de ser cruelmente torturada no cavalete, depois de seu pé ser esmagado pela bota, e dos ferros serem aplicados às solas dos seus pés, ela nada confessou, mas gritava pela mãe em meio ao tormento, e chamava "Roelant, Roelant" e depois "Petyr", que sem dúvida devem ser os nomes dos seus demônios, já que não pertencem a ninguém do nosso conhecimento por aqui, e imediatamente, com o auxílio desses espíritos, ela começava a delirar e não se conseguia fazer com que sentisse a menor dor.

Eu não suportava mais ouvir aquilo!

- Posso vê-la? - perguntei. - Para mim é tão importante ver a mulher com meus próprios olhos, fazer-lhe perguntas se me for permitido. - A essa altura, mostrei-lhe meu grande livro de observações eruditas em latim, que o velho mal conseguia ler, e passei a tagarelar sobre os julgamentos que havia presenciado em Bramberg, sobre a casa das bruxas naquela cidade, onde tantas haviam sido torturadas e muitas outras coisas que impressionaram o padre o suficiente.

- Vou levá-lo até ela - disse ele, afinal - mas já lhe aviso que é perigosíssimo. Ao vê-la, compreenderá.

- Como assim?- perguntei, enquanto ele me conduzia escada abaixo com uma vela.

- Ainda esta lindíssima! Para mostrar o quanto o demônio a ama. É por isso que a chamam de noiva do demônio.

Ele então me conduziu até um túnel que passava por baixo da nave da catedral, onde os romanos costumavam enterrar seus mortos antigamente nesta região, e por ali passamos para a prisão do outro lado. E por escadas sinuosas subimos ao piso mais alto, onde ela estava encarcerada atrás de uma porta tão grossa que os próprios carcereiros mal puderam abri-la, e segurando a vela bem no alto o padre indicou o canto mais distante de uma longa cela.

Apenas uma réstia de luz passava pelas grades. A luz restante vinha da vela. E ali, num monte de feno eu a vi, careca, magra e arrasada, num manto esfarrapado de pano grosseiro, e no entanto pura e luminosa como um lírio, como seus admiradores a haviam descrito. Até mesmo as sobrancelhas lhe haviam sido raspadas, e a forma perfeita da sua cabeça sem cabelos conferia um fulgor sobrenatural aos seus olhos e à sua expressão quando ela olhou cuidadosamente de um para o outro, com um leve e indiferente gesto de cabeça.

Era o rosto que se espera ver no centro de uma auréola, Stefan. E você também já viu esse rosto, Stefan, em óleo sobre tela, como logo ficará esclarecido. Ela não chegou a se mexer, mas apenas nos olhou com calma e em silêncio. Tinha os joelhos encolhidos junto ao corpo, e seus braços envolviam as pernas como se estivesse com frio.

Agora você sabe, Stefan, que já que eu conhecia essa mulher, havia a forte possibilidade de que nesse instante ela me reconhecesse, que falasse comigo, me implorasse algo ou até mesmo me amaldiçoasse de modo a provocar um questionamento da minha identidade, mas digo-lhe que nem cheguei a pensar nisso no meu açoitamento.

Permita-me, porém, interromper aqui meu relato daquela noite infeliz para lhe contar toda a história antes de passar a relatar o pouco que ali aconteceu. Antes de ler mais uma palavra escrita por mim, saia do seu aposento, desça a escada até o saguão principal da casa-matriz e olhe para o retrato da mulher morena de Rembrandt van Rijn que está pendurado bem ao pé da escada. Essa é minha Deborah Mayfair, Stefan. É essa a mulher, agora desprovida dos longos cabelos escuros, que está sentada trêmula na prisão do outro lado da praça agora enquanto estou escrevendo.

Estou no meu quarto na estalagem, tendo-a deixado há pouco. Disponho de uma boa quantidade de velas, como lhe disse, muito vinho para beber e um pouco de fogo para afastar o frio. Estou sentado à mesa voltada para a janela, e no nosso código comum passo a lhe contar tudo.

Pois foi há vinte e cinco anos que conheci essa mulher, corno lhe disse. Eu era um rapaz de dezoito e ela, apenas uma menina de doze. Isso foi antes do seu tempo no Talamasca, Stefan, e eu só estava na Ordem há uns seis anos, como criança órfã. Parecia que as piras de bruxas estavam ardendo de um canto a outro da Europa, e por isso larguei cedo meus estudos para acompanhar Junius Paulus Keppelmeister, nosso velho estudioso de feiticeiras, em suas viagens por toda a Europa. Ele apenas começara a me revelar a seus parcos métodos para tentar salvar as bruxas, defendendo-as onde fosse possível e instruindo-as em segredo a indicar como cúmplices seus próprios acusadores bem como as mulheres dos cidadãos mais importantes da cidade, de tal modo que toda a investigação ficasse desacreditada e que as acusações originais fossem retiradas.

E eu apenas recentemente havia compreendido, enquanto viajava com ele, que sempre estávamos à procura da

pessoa verdadeiramente mágica - de quem lesse pensamentos, de quem movesse objetos, de quem comandasse os espíritos, embora raramente, se é que isso um dia aconteceu, mesmo nas perseguições mais cruéis, fosse encontrado um autêntico feiticeiro.

Eu estava com dezoito anos, como lhe disse, e essa era minha primeira incursão fora da casa-matriz desde que eu ali havia começado minha formação, e quando Junius adoeceu e morreu em Edimburgo, fiquei completamente desorientado. Estávamos a caminho de investigar o julgamento de uma curandeira escocesa, famosa por seu poder de cura, que havia amaldiçoado uma ordenhadora e sido acusada de feitiçaria apesar de nada de mal Ter acontecido à moça.

Na sua última noite neste mundo, Junius me ordenou que prosseguisse até a aldeia nas montanhas escocesas sem ele e me disse que não abandonasse o disfarce de estudioso calvinista suíço. Eu era jovem demais para que alguém pudesse me chamar de pastor, e por isso não podia usar os documentos que Junius usava, mas eu viajava na sua companhia, com trajes simples de protestante, e assim prossegui sozinho.

Você não pode imaginar meu medo, Stefan. E as execuções na Escócia me apavoravam. Como você sabe, os escoceses são e foram tão cruéis e terríveis quanto os alemães e os franceses, não tendo aprendido nada dos ingleses mais misericordiosos e moderados. E tanto medo eu sentia nessa minha primeira viagem que nem mesmo a beleza das montanhas conseguiu me encantar.

Em vez disso, quando vi que a aldeia era pequena e enorme a distância da vizinhança mais próxima, e que era habitada por pastores de ovelhas, senti um pavor ainda maior pela

sua ignorância e pela ferocidade da sua superstição. E ao aspecto melancólico do todo, somavam-se as ruínas próximas do que deveria ter sido outrora uma enorme catedral, esqueleto do capim alto como um leviatã. E mais adiante, do outro lado de um vale profundo, a triste imagem de um castelo de torres arredondadas e minúsculas janelas, que poderia também ser uma ruína vazia, ao que me era dado ver.

Eu me perguntava como poderia ser de ajuda naquelas circunstâncias, sem o auxílio de Junius. E ao entrar na aldeia mesmo logo descobri que havia chegado tarde demais, pois a bruxa havia sido queimada naquele mesmo dia, e as carroças começavam a chegar para levar o que sobrou da pira. Encheu-se uma carroça atrás da outra com cinzas e fragmentos carbonizados de madeira, ossos e carvão, e então o cortejo saiu da cidadezinha, com sua gente parada por ali com ar solene, e voltou para os campos verdes. Foi nesse instante que pus os olhos em Deborah Mayfair, a filha da bruxa.

Com as mãos amarradas, o vestido sujo e esfarrapado, ela havia sido levada para testemunhar o lançamento das cinzas da mãe aos quatro ventos. Ela estava ali, muda, com os cabelos negros repartidos ao meio e caindo pelas costas em belas ondas. Nenhuma lágrima nos olhos azuis.

- A prova de que ela é bruxa - disse uma velha que estava por ali, assistindo - é que não consegue chorar.

Ah, mas eu bem conhecia a expressão vazia daquela criança. Eu conhecia seu andar de sonâmbula, sua lenta indiferença ao que via quando as cinzas foram descarregadas no chão e os cavalos passaram por cima delas para espalhá-las. Eu conhecia porque eu me conheci na infância, órfão a perambular pelas ruas de Amsterdã

depois da morte do meu pai. E eu me lembrava de que, quando homens e mulheres falavam comigo, nunca me passava pela cabeça responder, desviar o olhar ou mudar meu jeito por qualquer motivo. E, mesmo quando eu era esbofeteado ou sacudido, eu mantinha essa extraordinária tranquilidade, só me perguntando sem ansiedade por que eles se davam ao trabalho de fazer algo tão curioso. Talvez fosse melhor olhar para a luz do sol batendo oblíqua na parede por trás dessas pessoas, do que ver a expressão furiosa no seu rosto, ou dar ouvidos aos rosnados que lhes saíam da boca.

Essa menina alta e majestosa de doze anos havia sido açoitada enquanto queimavam sua mãe. Eles haviam virado sua cabeça de modo a forçá-la a ver, enquanto o açoite caía.

- O que vão fazer com ela? - perguntei à velha.

- Deveriam queimá-la, mas estão com medo. Ela é tão novinha e filha da farra, e ninguém se dispõe a fazer mal a uma filha da farra. Sabe-se lá quem pode ser seu pai. - Com essas palavras, a velha voltou a cabeça e lançou um olhar severo na direção do castelo que ficava a quilômetros de distância, do outro lado do vale verdejante, empoleirado em rochas altas e áridas.

Você sabe, Stefan, muitas crianças já foram executadas nessas perseguições. Mas cada aldeia é diferente. E aqui era a Escócia. Além do mais eu não sabia o que era ser uma filha da farra, nem quem morava no castelo, ou mesmo o significado de tudo aquilo. Fiquei olhando em silêncio quando eles puseram a menina numa carroça e a conduziram de volta à cidade. Seus cabelos escuros voavam com o vento à medida que os cavalos ganhavam velocidade. Ela não olhava nem para a esquerda nem para a

direita, mas direto à sua frente, e o brutamontes ao seu lado a segurava firme para impedir que ela caísse quando as duras rodas de madeira saltavam nos sulcos da estrada.

- É, mas deviam queimá-la e acabar com essa história - disse a velha, então, como se eu estivesse discutindo com ela, quando na verdade eu nada dissera. Prosseguiu, depois de cuspir para um lado. - Se o duque não der um passo para detê-los - e a essa altura ela olhou para o castelo distante - acho que vão mesmo queimá-la.

Foi nesse instante que tomei minha decisão. Eu à levaria embora, recorrendo a algum ardil se fosse possível. Deixando a velha que ia voltar a pé para sua casa, acompanhei a menina na carroça até a aldeia, e somente uma vez pude vê-la despertar do seu aparente estupor. Isso ocorreu quando passamos pelas pedras antiqüíssimas na periferia da aldeia. Estou aqui falando daquelas enormes pedras arrumadas em círculo, desde tempos imemoriais, sobre as quais você sabe mais do que eu jamais virei a saber. Ela olhou com curiosidade forte e prolongada para um desses círculos, embora não me fosse possível entender o motivo. Pois não havia nada a não ser um homem só, parado ao longe no campo, bem no meio das pedras, olhando fixamente para ela, com a forte luz do vale por trás dele: um homem talvez da minha idade, alto e magro, com cabelos escuros, mas eu mal pude vê-lo, pois o horizonte estava tão luminoso que ele parecia transparente, e eu achei que talvez fosse um espírito, não um homem.

Pareceu-me que seus olhares se encontraram quando a carroça passou com a menina, mas de nada disso tenho certeza, só de que alguma pessoa ou ser esteve momentaneamente ali. Notei isso apenas porque ela estava tão desanimada, e porque poderia ter alguma influência na nossa história. Agora, creio que na verdade isso tem

importância. Mas esse ponto fica para ser estabelecido por nós dois daqui a algum tempo. Prossigo.

Fui imediatamente ao ministro da igreja e à comissão designada pelo Conselho Privado Escocês, que ainda estava reunida, pois nesse exato instante estavam se banquetecendo, como era o costume, com uma bela refeição proporcionada pelos bens da bruxa morta. Na sua cabana, ela possuía muito ouro, disse-me o estalajadeiro quando entrei, e esse ouro havia pago o processo, a tortura, o marcador de bruxas, o juiz de bruxas que a condenou, a lenha e o carvão usados para queimá-la e até mesmo as carroças que levaram embora suas cinzas.

- Venha comer conosco - disse-me o camarada, ao me explicar tudo isso. - É a bruxa quem está pagando. E ainda sobrou ouro.

Recusei. E não me pressionaram a dar nenhuma explicação, graças a Deus. Dirigi-me aos homens certos à mesa, declarando-me um estudioso da Bíblia e homem temente a Deus. Eu poderia levar a filha da bruxa comigo para a Suíça, para entregá-la nas mãos de um ministro calvinista que a abrigaria, a educaria e faria dela uma cristã, apagando-lhe da mente a recordação da sua mãe?

Falei demais com aqueles homens. Pouco teria bastado. Para ser franco, apenas o nome da Suíça já era suficiente. Pois eles queriam se ver livres da menina, disseram logo e o duque queria que se livrassem dela, mas sem queimá-la. E ela era filha da farra, o que dava ainda mais medo aos aldeões.

- E por favor me digam o que quer dizer isso - pedi.

Explicaram-me então que o povo das aldeias das montanhas ainda era ligadíssimo aos velhos costumes e que

na véspera de 1º de maio armavam enormes fogueiras nos capinzais, acendendo-as apenas com o fogo do pobre, que é o fogo criado por eles mesmos com varinhas, e dançavam a noite inteira em volta das fogueiras, divertindo-se a valer. E nessa farra, a mãe da menina, Suzanne, a mais bonita da aldeia e Rainha da Primavera daquele ano, havia concebido Deborah, a menina que sobreviveu a ela.

Ela era filha da farra e, portanto, muito querida, pois ninguém sabia quem era seu pai e poderia ter sido qualquer um dos homens da aldeia. Poderia ter sido alguém de sangue nobre. E nos tempos de antigamente, que eram os tempos dos pagãos e era melhor esquecer-los, embora ninguém conseguisse fazer com que os aldeões os esquecessem, os filhos da farra eram considerados filhos dos deuses.

- Leve-a, então, irmão - disseram eles - a esse bom ministro na Suíça, e o duque se alegrará com isso, mas coma e beba antes de partir pois a bruxa já pagou e há grande fartura para todos.

Uma hora depois, eu saía da aldeia a cavalo levando comigo a menina à minha frente. Passamos direto pelas cinzas na encruzilhada e, ao que eu pudesse notar, ela não lhes deu sequer um olhar de relance. Para o círculo de pedras, ela não olhou nem uma vez que eu visse. Tampouco despediu-se do castelo enquanto descíamos pela estrada que acompanha as margens de Loch Donnelaith.

Assim que chegamos à primeira estalagem onde devíamos nos hospedar, eu já sabia muito bem o que havia feito. A garota estava nas minhas mãos, calada, indefesa, lindíssima e desenvolvida como uma mulher sob alguns aspectos e ali estava eu, pouco mais do que um menino, mas o bastante para fazer a diferença. E eu a havia apanhado sem

nenhuma permissão do Talamasca, podendo ter de enfrentar uma terrível tempestade de reprimendas quando chegasse de volta.

Instalamo-nos em dois quartos, como seria correto, já que ela parecia mais mulher do que criança. No entanto, eu receava deixá-la sozinha pois poderia fugir e, enrolando-me no manto de viagem, como se ele de algum modo pudesse me refrear, deitei-me no feno em frente a ela, com os olhos fixos nela, e procurei pensar no que fazer.

Observei então à luz da vela fumarenta que ela usava algumas mechas dos cabelos negros formando dois pequenos nós em cada lado da cabeça, bem no alto, de modo a manter preso para trás o volume maior da cabeleira, e que seus olhos pareciam os olhos de um gato. Com isso, quero dizer que eles eram ovalados, estreitos e voltados ligeiramente para cima nos cantos externos, e que tinham um brilho especial. Abaixo dos olhos, suas bochechas eram redondas, porém delicadas. Não era um rosto de camponesa, de modo algum. Era refinado demais para isso. E por baixo do camisão esfarrapado havia os seios altos e cheios de uma mulher, e seus tornozelos que cruzou diante de si ao se sentar no chão eram realmente muito bem-feitos. Eu não conseguia olhar para sua boca sem ter vontade de beijá-la, e sentia vergonha intimamente por essas fantasias.

Eu não havia pensado em nada, a não ser em salvá-la. E agora meu coração batia

forte de desejo por ela. E ela, uma menina de doze anos, ficava simplesmente ali sentada a me olhar.

Perguntei-me sobre o que poderia estar pensando, e procurei ler seus pensamentos, mas ela aparentemente

percebeu isso e trancou sua mente para mim.

Afinal, ocorreram-me as coisas simples, que ela precisava de alimentos e de roupas decentes. Isso me pareceu como se eu houvesse descoberto que o sol nos aquece e a água sacia a sede. Saí, portanto, para providenciar para ela comida e vinho, para adquirir um vestido razoável e obter um balde de água morna para um banho e uma escova para o cabelo. Ela olhou para essas coisas como se não soubesse para que serviam. E agora para que serviam. E agora eu podia ver, à luz da vela, que ela estava coberta de sujeira e de marcas de açoite, e que seus ossos apareciam à flor da pele. Stefan, será preciso um holandês para se horrorizar diante de uma coisa dessas? Juro-lhe que eu estava dominado pela piedade enquanto a despia e a banhava, mas o homem em mim ardia no inferno. Sua pele era clara e macia ao toque, e ela estava pronta para procriar, mas não me ofereceu nenhuma resistência enquanto eu a limpava, a vestia e finalmente penteava seus cabelos. Ora, a essa altura, eu já havia aprendido alguma coisa sobre as mulheres, mas não tanto quanto eu sabia dos livros. E essa criatura me parecia ainda mais misteriosa apesar da sua nudez e do seu silêncio desamparado. No entanto, o tempo todo ela me vigiava de dentro da prisão do próprio corpo com olhos ferozes e mudos que de certo modo me assustavam e me faziam crer que, se minhas mãos tocassem seu corpo de algum jeito inconveniente, eu seria um homem morto.

Ela não recuou nem quando lavei as marcas do açoite nas suas costas. Dei-lhe comida com uma colher de pau, Stefan, e, embora ela aceitasse cada porção que eu lhe oferecia, ela própria não fazia menção de querer apanhar nada ou de ajudar em nada.

Durante a noite, acordei com um sonho de que a havia possuído, e fiquei extremamente aliviado ao descobrir que isso não havia ocorrido. Ela, no entanto, estava acordada e me vigiava, com aqueles olhos de gato. Mantive o olhar fixo nela por algum tempo, tentando mais uma vez adivinhar seus pensamentos. O luar entrava em cheio pela janela nua, junto com uma boa quantidade de ar frio e revigorante, e àquela luz percebi que ela havia perdido a expressão vazia, que agora parecia maligna e irada, o que me apavorava. Ela parecia um animal selvagem, presa no vestido azul com toucado e pala branca engomada.

Num tom tranqüilizador, tentei dizer-lhe em inglês que comigo ela estava em segurança, que eu ia levá-la para um lugar em que ninguém iria acusá-la de bruxaria e que aqueles que haviam perseguido sua mãe eram eles próprios cruéis e perversos.

Ela pareceu intrigada com isso, mas não disse nada. Conte-lhe ter ouvido falar da sua mãe, de que sua mãe era uma curandeira que ajudava os aflitos, que esse tipo de pessoa sempre existiu e que ninguém as chamava de bruxas até esses nossos tempos terríveis. Agora, porém, corria por toda a Europa uma tremenda superstição. E, enquanto nos velhos tempos, advertiam-se os homens no sentido de que não acreditassem que as pessoas pudessem conversar com demônios, agora a própria igreja acreditava nessas coisas e saía à procura de bruxas em cada lugarejo e em cada cidadezinha.

Dela não veio nada, mas seu rosto pareceu adquirir uma expressão menos aterradora, como se minhas palavras tivessem amenizado sua raiva. Novamente, percebi sua expressão de perplexidade. Disse-lhe que eu pertencia a uma Ordem de boas pessoas que não queriam prejudicar nem queimar os antigos curandeiros. E que eu a levaria à

nossa casa-matriz, onde as pessoas riam das coisas nas quais os caçadores de bruxas acreditavam.

- Ela não fica na Suíça, como eu disse àqueles homens perversos na sua aldeia, mas em Amsterdã. Já ouviu falar nessa cidade? É um lugar realmente maravilhoso.

Pareceu-me, então, que uma frieza voltava a dominá-la. Sem dúvida ela havia compreendido minhas palavras. Ela deu um risinho irônico para mim, e eu a ouvi sussurrar baixinho, em inglês.

- Você não pertence a nenhuma igreja. É um mentiroso!

Imediatamente fui até ela e segurei sua mão. Estava imensamente feliz de ver que ela compreendia o inglês, não apenas aqueles dialetos impossíveis encontrados nessas aldeias, pois agora eu podia lhe falar com mais coragem.

Expliquei-lhe ter contado aquelas mentiras para salvá-la e disse que ela precisava acreditar que eu era bom. Foi então que sua expressão começou a desaparecer diante dos meus olhos, afastando-se de mim, como uma flor que se fecha.

Durante todo o dia seguinte ela não me disse nada, agindo da mesma forma na noite seguinte, embora agora comesse bem e sem auxílio e parecesse estar recuperando as forças.

Quando chegamos a Londres, acordei no meio da noite na estalagem, ouvindo sua voz. Levantei-me da palha e a vi olhando pela janela. Dizia alguma coisa em inglês, com um forte sotaque escocês.

- Afaste-se de mim, demônio! Não quero vê-lo mais.

Quando ela se voltou, havia lágrimas nos seus olhos. Mais do que nunca, tinha a aparência de uma mulher, mais alta

do que eu, com suas costas para a janela e a luz do meu toco de vela iluminando seu rosto de baixo para cima. Ela me viu sem surpresa e com a mesma frieza que havia demonstrado antes. Deitou-se e virou o rosto para a parede.

- Mas com quem você estava falando? - insisti. Ela nada me disse. Sentei-me no escuro para falar com ela, sem saber se ela ouvia ou não. Disse-lhe que, se ela havia visto algo, fosse um fantasma, fosse um espírito, não era necessariamente o demônio. Pois quem podia dizer o que eram esses seres invisíveis? Implorei que me falasse da sua mãe e me dissesse o que a mãe havia feito para ser acusada de bruxaria, pois agora eu tinha certeza de que ela possuía certos poderes e de que sua mãe também os havia possuído, mas ela se recusou a dizer uma palavra sequer.

Levei-a a uma casa de banhos e lhe comprei mais um vestido. Nada disso lhe despertava o interesse. Ela observava com frieza as multidões e as carruagens que passavam. E eu, na pressa de sair dali e voltar para casa, deixei de lado meu traje negro de religioso e adotei as vestes de um cavalheiro holandês, pois essas apresentavam maior probabilidade de despertar respeito e obter bons serviços.

No entanto, essa minha mudança proporcionou-lhe algum divertimento secreto e sinistro, e mais uma vez ela zombava de mim, como se quisesse demonstrar conhecer algum sórdido objetivo meu. Eu, porém, não fazia nada para confirmar essa sua suspeita além do que havia feito no passado. Perguntei-me se ela estaria lendo meus pensamentos e sabendo que em todos os instantes em que estava acordado eu a imaginava como a havia visto ao banhá-la. Eu esperava que não.

Eu pensava comigo mesmo como estava bonita com seu vestido novo. Eu nunca havia visto nenhuma moça mais bonita do que ela, já que ela se recusava a fazê-lo, eu havia trançado uma parte dos seus cabelos, tendo enrolado essa trança em volta da cabeça de modo a impedir que seus longos cachos lhe caíssem sobre o rosto, como havia visto em outras mulheres, e ela ficou linda de se ver.

Stefan, para mim é uma agonia escrever sobre essas coisas, mas creio que o faço não só em prol dos nossos volumosos arquivos, mas também porque a noite aqui em Montcleve está tão silenciosa, embora ainda não seja meia-noite, e meu coração dói tanto. Quero ficar olhando as feridas que não posso curar. Você, no entanto, não precisa aceitar minhas palavras quanto à beleza da mulher. Você mesmo já viu seu retrato, como eu disse antes.

~ Lá fomos nós para Amsterdã, ela e eu, passando por um casal de ricos irmãos holandeses, aos olhos de todos. E, como eu havia esperado e sonhado, nossa cidade conseguiu acordá-la do seu torpor, com seus belos canais de margens arborizadas, com todas as embarcações elegantes e as finas casas de quatro e cinco andares, que ela examinava com novo vigor.

E, ao chegar, à imponente casa-matriz, com o canal aos seus pés, e ver que a era "a minha casa" e que viria a ser a dela, ela não pôde ocultar seu assombro. Pois o que essa criança havia visto do mundo a não ser uma pobre aldeia de pastores e as estalagens imundas nas quais nos havíamos hospedado? Assim que se pode entender perfeitamente sua reação ao ver uma cama decente, num límpido quarto holandês. Ela não pronunciou uma palavra sequer, mas o leve sorriso nos seus lábios disse tudo.

Fui diretamente aos meus superiores, Roemer Franz e Petrus Lancaster, dos quais você se lembra com carinho, e confessei tudo o que havia feito. Cai em prantos ao explicar que a criança estava só e que eu - havia me responsabilizado por ela, que não havia nenhuma outra razão para eu ter gasto tanto dinheiro, a não ser a de que o gastei e, para surpresa minha, eles me perdoaram. Mas também riram pois conheciam meus segredos mais íntimos.

- Petyr - disse Roemer - você cumpriu uma tal penitência no trajeto da Escócia até aqui que sem dúvida merece um aumento na mesada, e quem sabe um melhor aposento na casa.

Mais risos acompanharam essas palavras. Eu próprio tive de sorrir pois estava imerso em fantasias da beleza de Deborah mesmo naquelas circunstâncias. Logo, porém, a animação me abandonou, e eu voltei à dor. Deborah não se dispunha a responder nenhuma pergunta feita a ela. No entanto, quando a mulher de Roemer, que morou conosco sua vida inteira, aproximou-se dela pondo-lhe nas mãos a agulha e o bordado, Deborah começou a trabalhar, com alguma habilidade.

Antes de se passar uma semana, a esposa de Roemer e as outras esposas lhe haviam ensinado através da demonstração a fazer renda, e ela se ocupava o dia inteiro desse serviço, aparentando não entender nada do que lhe fosse dito, mas olhando espantada para os que a cercavam sempre que erguia os olhos do trabalho, para voltar a ele sem dizer palavra.

Pelos membros do sexo feminino, que não fossem esposas, mas, sim, estudiosas e que tivessem seus próprios poderes, ela parecia devotar uma evidente aversão. Comigo não falava nada, mas havia parado de me lançar aqueles

olhares cheios de ódio e, quando eu a convidava a passear, ela aceitava e logo estava deslumbrada pela cidade. Ela me permitia pagar-lhe uma bebida na taberna, embora o espetáculo de mulheres de respeito bebendo e comendo ali parecesse surpreendê-la, como surpreende outros estrangeiros muito mais viajados do que ela.

O tempo todo em que descrevia para ela nossa cidade, falava-lhe da sua história e da sua tolerância, de como os judeus haviam vindo para cá para fugir à perseguição na Espanha, de como aqui havia até católicos vivendo em paz em meio aos protestantes, de como não havia mais execuções em decorrência da bruxaria. Levei-a também a conhecer as Oficinas e as livrarias. E à casa de Rembrandt van Rijn fomos para uma visita rápida, já que ele era sempre extremamente amável com as visitas e havia sempre alunos por lá. Sua amada Hendrickje, de quem sempre gostei, já se fora havia dois anos, mas Titus, seu filho, ainda vivia com ele. Quanto a mim, prefiro os quadros desse período da sua vida àqueles anteriores quando ele estava no auge, pois apresentam uma interessante melancolia. Tomamos um copo de vinho com os jovens pintores que estavam sempre ali reunidos para estudar com o mestre, foi então que Rembrandt viu Deborah pela primeira vez, embora só viesse a pintá-la mais tarde.

Esse tempo todo, minha intenção era a de diverti-la, dela afastar seus pensamentos torturantes e lhe mostrar o mundo do qual ela agora podia fazer parte. Ela se mantinha calada, mas eu via que apreciava os pintores. Atraíam-na especialmente os retratos de Rembrandt, da mesma forma que ele próprio, tão gentil e simpático. Fomos a outros estúdios e falamos com outros artistas Fomos

ver Emmanuel de Witte e outros que na época pintavam na nossa cidade, alguns nossos amigos então como ainda hoje.

E ela parecia reagir bem a isso, como se estivesse se reanimando, com a expressão do rosto suave e delicada em alguns momentos.

Foi, porém, ao passarmos pelas lojas dos joalheiros que ela me pediu que parasse, com um leve toque dos seus dedos brancos no meu braço. Dedos brancos. Escrevi isso porque me lembro tão bem da mão luminosa e delicada como a mão de uma dama quando me tocou, e o leve desejo que senti por ela com aquele toque.

Ela demonstrou imenso fascínio por aqueles que lapidavam e poliam diamantes, pelo alvoroço dos comerciantes e pelos ricos clientes que vinham de toda a Europa, não, de todo o mundo, para ali comprar suas belas jóias. Desejei possuir o dinheiro necessário para comprar algo bonito para ela e é claro que os

comerciantes, seduzidos pela sua beleza e pelo seu fino traje, pois a mulher de

Roemer a havia arrumado com esmero, começaram a se exhibir para ela e a perguntar se ela queria ver sua mercadoria.

Uma linda esmeralda brasileira estava sendo mostrada a um rico inglês, e isso chamou sua atenção. Quando o inglês a recusou em virtude do preço, ela se sentou à mesa para examiná-la, como se tivesse condições de comprá-la ou como

se eu pudesse comprá-la para ela, e me pareceu que ela ficou como que encantada, com os olhos fixos na pedra retangular, montada numa filigrana de,

ouro velho. Em seguida, ela perguntou em inglês o preço e não pestanejou ao

ouvi-lo.

Afirmiei ao vendedor que iríamos estudar com carinho, pois era óbvio que a

senhorita desejava a jóia e, com um sorriso, acompanhei-a até a rua. Entristeci-me,

então, por não ter como comprá-la.

- Não fique triste. Pois quem iria esperar de você uma jóia daquelas? disse-me ela, enquanto caminhávamos ao longo do cais, de volta à casa, e pela primeira

vez sorriu para mim e apertou minha mão. Meu coração deu um salto, mas ela

mergulhou novamente na frieza e no silêncio, não querendo dizer mais nada.

Confessei tudo isso a Roemer, que me lembrou que nós não havíamos feito votos de castidade, mas que eu estava me comportando com grande dignidade, que era o que ele esperava de mim. Recomendou, ainda, que eu agora me dedicasse mais aos livros de inglês, pois redigia muito mal nesse idioma, e com

isso ocuparia minha mente.

No sétimo dia da chegada de Deborah à casa-matriz, um membro da nossa Ordem, de quem você muito ouviu e sobre quem muito estudou, embora já esteja morta há muitos anos, voltou de Haarlem onde havia ido visitar seu irmão, um homem sem nada de extraordinário. Já ela não tinha nada de comum, e estou falando da grande bruxa, Geertruid van Stolk. Ela era na época o membro mais

poderoso da Ordem, entre homens e mulheres.
Imediatamente contaram-lhe a

história de Deborah, pedindo-lhe que falasse com a menina
e tentasse ler seus

pensamentos.

- Ela não quer nos dizer se sabe ler ou escrever disse
Roemer. Na realidade, ela não nos diz nada, e nós não
consequimos imaginar o que ela interpreta do que lê nas
nossas mentes ou o que sabe das nossas intenções. Não

sabemos o que fazer. Acreditamos no fundo que ela tenha
poderes, mas disso

não temos certeza. Ela nos trancou sua mente.

Geertruid foi imediatamente ter com ela, mas Deborah, só
de ouvir que ela

se aproximava, levantou-se do banco, derrubando-o, jogou
ao chão sua costura e recuou encostando-se na parede. Ali,
ela encarou Geertruid com uma expressão do mais puro
ódio no rosto, e depois procurou sair do aposento,
arranhando as paredes como se quisesse atravessá-las e,
afinal, encontrando a porta e descendo apressada pelo
corredor na direção da rua.

Roemer e eu impedimos sua fuga, implorando-lhe que se
acalmasse e garantindo que ninguém tinha a intenção de
machucá-la.

- Precisamos romper o silêncio dessa criança - disse
Roemer, afinal. Enquanto isso, Geertruid me passava um
bilhete, rabiscado às pressas, que dizia em latim, "A criança

é uma bruxa poderosa", e essa nota eu passei a Roemer sem dizer palavra.

Imploramos a Deborah que viesse conosco até o escritório de Roemer, um aposento amplo e confortável, como você deve saber já que o herdou. No tempo dele, porém o escritório era cheio de relógios, objetos que ele adorava, e desde então eles foram espalhados pelo restante da casa.

Roemer sempre mantinha abertas as janelas que davam para o canal, e a impressão era de que todos os ruídos saudáveis da cidade entravam naquela sala. O ambiente ali tinha algo de alegre. E quando ele levou Deborah a um ponto onde o sol brilhava e lhe pediu que se sentasse e se acalmasse, ela pareceu tranqüila e aliviada. Ela então se recostou na cadeira e, com uma atitude de cansaço e dor, encarou-o nos olhos.

Dor. Vi tanta dor naquele instante a ponto de quase me levar as lágrimas aos olhos. Pois a máscara de indiferença havia desaparecido totalmente, e seus próprios lábios tremiam.

- Quem são vocês, homens e mulheres daqui? Em nome de Deus o que

querem de mim? - disse ela em inglês.

- Deborah - disse Roemer, dirigindo-se a ela num tom ameno. - Ouça minhas palavras, e eu falarei com franqueza. Todo esse tempo estivemos procurando descobrir o quanto você poderia entender.

- E o que é que eu deveria entender? - perguntou ela, cheia de ódio. Parecia a voz vibrante de uma mulher que vinha do seu peito arquejante e, quando seu rosto enrubesceu, ela se tornou uma mulher, fria e cruel por dentro, além de amarga

com os horrores que havia presenciado. Perguntei-me freneticamente onde estaria a criança nela e ela então se voltou, dardejou o olhar na minha direção e novamente na de Roemer, que ficou intimidado, se é que eu algum dia o vi assim, mas ele conseguiu se recuperar rapidamente e voltou a falar.

- Somos uma Ordem de estudiosos, e é nosso objetivo estudar aquelas pessoas dotadas de poderes singulares, poderes como os que sua mãe possuía,

que erroneamente eram considerados como obra do demônio, e poderes que você mesma talvez possua. Não é verdade que sua mãe sabia curar? Minha filha, um poder desses não vem do demônio. Está vendo esses livros à sua volta? Estão cheios de histórias de pessoas desse tipo, chamadas num lugar de feiticeiras, no outro de bruxas, mas o que o diabo tem a ver com tudo isso? Se você possui esses poderes, confie em nós para que possamos lhe ensinar o que eles podem e o que não podem fazer.

Roemer ainda falou de como havíamos ajudado bruxas a escapar dos seus perseguidores, a vir para cá e viver conosco em segurança. E ele falou até mesmo de duas das mulheres entre nós que eram poderosas videntes de espíritos e de Geertruid, que podia fazer o vidro vibrar nas janelas apenas com o poder da mente, se assim desejasse.

Os olhos da menina cresceram, mas seu rosto continuava impassível. Ela apertou as mãos nos braços da cadeira e inclinou a cabeça para a esquerda enquanto focalizava o olhar em Roemer e o examinava da cabeça aos pés. Vi a expressão de ódio voltar ao seu rosto.

- Ela está lendo nossos pensamentos, Petyr - sussurrou Roemer. E consegue ocultar os seus de nós.

Isso lhe deu um sobressalto, mas ela ainda não disse nada.

- Minha filha - disse Roemer - o que presenciou no passado é terrível, mas sem dúvida você não acreditou nas acusações feitas contra sua mãe. Diga-nos, por favor, com quem estava falando aquela noite na estalagem quando Petyr a ouviu? Se você consegue ver espíritos, pode nos contar. Não lhe acontecerá nenhum mal.

Não houve resposta.

- Minha filha, deixe que lhe mostre meu próprio poder. Ele não vem de Satã, e não é preciso invocá-lo para seu uso. Eu não acredito em Satã. Agora, olhe para os relógios à sua volta: o alto relógio de pé ali, o de pêndulo à sua esquerda, aquele sobre o consolo da lareira e o outro naquela escrivaninha.

Ela olhou para todos eles, o que muito nos aliviou já que ao menos ela compreendia, e ficou olhando consternada quando Roemer, sem mover uma partícula do seu corpo físico, fez com que todos eles parassem abruptamente. O interminável tique-taque desapareceu da sala, deixando um imenso silêncio, que pareceu forte o suficiente no seu vazio para calar até mesmo os ruídos do canal lá em baixo.

- Minha filha, confie em nós pois temos os mesmos poderes - disse Roemer e, apontando para mim, disse-me que voltasse a pôr em funcionamento os relógios com o poder da minha mente. Fechei os olhos e ordenei aos relógios que funcionassem. Eles me obedeceram e a sala voltou a se encher dos seus tique-taques.

O rosto de Deborah passou da fria suspeita para um súbito desdém, enquanto ela olhava de mim para Roemer. Ela saltou da cadeira. Foi se afastando de encontro aos livros, com o olhar malévolo fixo em mim e em Roemer.

- Ah, bruxos! - gritou. - Por que não me disseram? Vocês todos são bruxos! São uma Ordem de Satã. - E soluçava enquanto as lágrimas se derramavam pelo seu rosto. - É verdade, é verdade, é verdade!

Ela se envolveu com os braços para cobrir os seios e cuspiu sobre nós em meio a sua fúria. Nada que disséssemos a acalmava.

- Somos todos amaldiçoados! E vocês se escondem aqui nesta cidade de bruxas onde não podem ser queimados! - gritava. - Bruxos muito espertos na casa do demônio!

- Não, menina, não temos nada a ver com o demônio! Procuramos entender o que outros condenam.

- Deborah - exclamei - esqueça as mentiras que lhe disseram. Não há ninguém na cidade de Amsterdã que a queimaria! Pense na sua mãe. O que ela dizia do que fazia, antes que a torturassem e a fizessem repetir o que queriam?

Ah, mas essas foram as palavras erradas! Eu não tinha como saber, Stefan. Eu não sabia. Só com o impacto na sua expressão, quando ela cobriu os ouvidos com as mãos, foi que percebi meu erro. Sua mãe havia acreditado ser do mal. E então da boca trêmula de Deborah vieram outras acusações.

- Perversos, vocês são? Bruxos, vocês são? Vocês conseguem parar relógios? Bem, vou lhes mostrar o que o demônio pode fazer nas mãos desta bruxa!

Ela foi até o centro da sala e olhou para cima e para o alto pela janela, aparentemente para o céu azul.

- Venha agora, meu Lasher. Mostre a esses pobres bruxos o poder de uma grande bruxa e do seu demônio. Quebre todos os relógios de uma vez!

E imediatamente uma enorme sombra escura apareceu na janela, como se o espírito invocado por ela se houvesse adensado para ficar menor e mais forte dentro da sala.

Espatifou-se o vidro fino dos mostradores, abriram-se seus finos estojos de madeira colada, deixando sair as próprias molas. Os relógios que estavam no consolo da lareira e na escrivaninha caíram ao chão, e o alto relógio de pé desmoronou com estrondo.

Roemer ficou alarmado pois raramente ele havia visto um espírito tão poderoso e nós todos como que o sentíamos em nosso meio, roçando nos nossos trajes, enquanto passava por nós e lançava seus tentáculos invisíveis para obedecer as ordens da bruxa.

- Que vão para o inferno com suas bruxarias! Eu não vou ser sua bruxa! - gritou Deborah e, enquanto os livros começavam a cair ao nosso redor, ela mais uma vez fugiu. A porta se fechou ruidosamente atrás dela, e nós não conseguimos abri-la, por mais que tentássemos.

No entanto, o espírito não estava mais ali. Não havia mais o que temer da criatura. E após um longo silêncio, a porta pôde ser aberta e nós saímos a esmo, perplexos ao descobrir que Deborah já há muito havia deixado a casa.

Ora, Stefan, você sabe que naquela época Amsterdã era uma das grandes cidades de toda a Europa, e talvez tivesse cento e cinquenta mil habitantes ou mais. E nessa enorme cidade, Deborah havia desaparecido. Não tivemos sucesso com nenhuma das nossas investigações em tabernas e

bordéis. Chegamos a procurar a duquesa Anna, a prostituta mais rica de Amsterdã, pois lá seria sem dúvida um lugar onde uma menina linda como Deborah poderia

encontrar refúgio e, embora a duquesa como sempre demonstrasse prazer em nos ver, em conversar conosco e em nos servir um bom vinho, ela nada sabia dessa misteriosa criança.

Eu agora estava num estado de aflição tão profunda que não fazia nada a não ser ficar deitado na cama com o rosto nos braços, chorando, embora todos me dissessem que isso era bobagem e Geertruid jurasse que iria encontrar "a menina".

Roemer instruiu-me a relatar por escrito o que havia acontecido com essa moça como parte do meu trabalho intelectual, mas posso lhe garantir, Stefan, que o que escrevi, foi curtíssimo e de dar pena, e é esse o motivo pelo qual não lhe pedi que consultasse os antigos registros. Quando eu retornar a Amsterdã, se Deus quiser, substituirei meus antigos relatos por esta crônica mais detalhada.

Continuando, porém, com o pouco que ainda resta dizer, uma quinzena mais tarde um jovem aluno de Rembrandt recém-chegado de Utrecht veio a mim e disse que a menina que estivera procurando estava agora vivendo com o retratista Roelant, que era conhecido apenas por esse nome. Ele havia estudado muitos anos na

Itália na sua juventude, e ainda havia muitos que procuravam pela sua obra, embora ele estivesse extremamente mal e inválido, e mal pudesse saldar suas dívidas.

Talvez você não se lembre de Roelant, Stefan, mas permita que eu lhe diga que ele era um bom pintor, cujos retratos sempre manifestavam a felicidade de um Caravaggí e, não

fosse a enfermidade que atingiu seus ossos deixando-o inválido antes do tempo, ele poderia ter recebido melhor consideração do que recebeu.

Nessa época, ele era viúvo, com três filhos, e um homem de bom coração. Fui imediatamente visitar Roelant, que era meu conhecido e que sempre fora cordial comigo, mas agora encontrei a porta fechada à minha pessoa. Ele não tinha tempo para receber visitas de nós "uns intelectuais malucos" -, como nos chamou, e me advertiu em termos candentes de que mesmo em Amsterdã quem fosse tão estranho quanto nós podia ser expulso.

Roemer determinou que eu não me preocupasse tanto com o acontecido por algum tempo, e você sabe, Stefan, nós sobrevivemos porque evitamos chamar atenção. Por isso, preferimos nos retrair. Nos dias que se seguiram, porém, vimos que Roelant pagou todas as suas dívidas atrasadas, que eram muitas, e que ele e os filhos da primeira esposa agora se vestiam em trajes finos, que só poderiam ser descritos como extremamente ricos.

Dizia-se que Deborah, uma menina escocesa de grande beleza, que ele acolhera para cuidar dos seus filhos, havia preparado um unguento para seus dedos encarquilhados que aparentemente os havia aquecido e relaxado de modo que ele conseguia segurar novamente o pincel. Supunha-se que ele estivesse sendo muito bem pago pelos seus novos retratos, mas ele teria de pintar três ou quatro num dia, Stefan, para poder ganhar o dinheiro necessário para pagar os móveis e as roupas que chegavam àquela casa.

Logo se soube que a escocesa era rica, sendo filha ilegítima de um nobre. daquele país que, embora não pudesse reconhecê-la, lhe mandava dinheiro à vontade. Este ela

dividia com a família Roelant, que havia tido a bondade de acolhê-la.

E eu me perguntava quem poderia ser essa pessoa? O nobre que morava naquele enorme e deselegante castelo escocês que pairava ameaçador como uma rocha natural acima dó vale de onde a tirei? Ela seria sua filha da farra, descalça, imunda e açoitada até aparecerem os ossos, incapaz até mesmo de se alimentar sozinha? Que história mal contada!

Roemer e eu observávamos com apreensão essas extravagâncias, pois você sabe tão bem quanto eu a razão de ser de nossa própria norma de não empregar nossos poderes para ganhos pessoais. E nós nos perguntávamos como estava sendo formada essa fortuna, se não fosse através daquele espírito que entrara com violência nos aposentos de Roemer para quebrar os relógios de acordo com as ordens de Deborah.

Tudo agora era alegria, porém, na residência de Roelant, e o velho se casou com a menina antes de terminado o ano. No entanto, dois meses antes desse casamento, o mestre Rembrandt já havia pintado seu retrato, e um mês após a cerimônia ele estava exposto no salão de Roelant para quem quisesse ver.

E nesse retrato, pendurada no pescoço de Deborah estava aquela mesma esmeralda brasileira que ela tanto havia desejado no dia em que a levei para passear. Ela já há algum tempo a havia comprado do joalheiro, junto com qualquer outra jóia ou peça de baixela que lhe agradasse, assim como os quadros de Rembrandt, Hais e Judith Leister que tanto admirava.

Afinal, não consegui me manter nem mais um instante afastado. A casa estava aberta para a exibição do retrato de Rembrandt, do qual Roelant sentia um orgulho justificado. E, quando atravessasse a soleira para ver o quadro, o velho Roelant não fez nenhum gesto para impedir minha entrada, mas aproximou-se de mim mancando com sua bengala e me ofereceu um copo de vinho com suas próprias mãos. Mostrou-me ainda sua querida Deborah, na biblioteca da casa, aprendendo com um professor particular a ler e escrever em latim e francês, pois esse era seu maior desejo. Ela aprendia tão rápido, disse Roelant, que ele estava pasmo. E recentemente ela vinha se dedicando à obra de Anna Maria van Schurman que afirmava que as mulheres eram de fato tão abertas ao estudo quanto os homens.

Como ele me pareceu transbordar de alegria.

Duvidei do que sabia da idade de Deborah ao vê-la. Adornada com jóias e vestida em veludo verde, ela parecia ser uma moça de talvez dezessete anos, eram enormes suas mangas e volumosas, as saias e uma fita verde com rosetas de cetim prendia seus cabelos negros. Os olhos também pareciam verdes refletindo o tecido maravilhoso que a cercava. E de repente me ocorreu que o próprio Roelant desconhecia sua pouca idade. Nem uma palavra sequer havia saído da minha boca para expor qualquer uma das mentiras que circulavam a seu respeito, e eu fiquei parado, paralisado pela sua beleza como se ela me houvesse atingido com uma chuva de golpes sobre a cabeça e os ombros, o golpe fatal atingiu meu coração quando ela ergueu os olhos e sorriu.

Agora terei de ir embora, pensei, fazendo menção de deixar o copo de vinho. Ela veio, no entanto, na minha direção, ainda sorrindo e segurou minhas mãos.

- Petyr, venha comigo - disse ela, levando-me a um pequeno aposento de armários onde se guardava a roupa branca da casa.

Quanto refinamento ela demonstrava agora, e quanta graça. Uma dama da corte não poderia ter se comportado melhor. No entanto, enquanto pensava nisso, também considerava minha recordação dela na carroça naquele dia na encruzilhada, e como na ocasião se parecia com uma pequena princesa. Não obstante ela estava mudada sob todos os aspectos. À luz dos poucos feixes que penetravam na pequena rouparia, pude examiná-la em detalhe, e vi que estava robusta, perfumada e corada, e que no seu colo alto e roliço repousava a enorme esmeralda brasileira na sua filigrana de ouro.

- Por que você não disse para ninguém o que sabe a meu respeito? perguntou ela, como se não soubesse a resposta.

- Deborah, nós lhe dissemos a verdade sobre nós mesmos. Queríamos apenas lhe oferecer abrigo e nossos conhecimentos sobre os poderes que você possui. Pode nos procurar sempre que quiser.

- Você é um bobo, Petyr - disse ela, rindo. - Mas foi você quem me trouxe da desgraça e da escuridão para este lugar maravilhoso. - Ela enfiou a mão direita no bolso disfarçado da sua saia imensa e dali retirou um punhado de esmeraldas e rubis. - Fique com essas, Petyr.

Recuei, abanando a cabeça.

- Você diz que não pertence ao demônio - disse-me ela. - E seu líder diz que ele nem mesmo acredita em Satã, não foram essas as suas palavras? Mas então em que parte da igreja e de Deus vocês acreditam para serem forçados a viver como monges, em retiro com seus livros, jamais

experimentando os prazeres do mundo? Por que você não me possuiu na estalagem, Petyr, quando a oportunidade estava à sua frente? Você estava morrendo de vontade. Aceite meu agradecimento porque hoje é só isso o que pode ter, e essas pedras que o tornarão rico. Você não precisará mais depender dos seus irmãos monacais. Vamos, estique a mão.

- Deborah, como você obteve essas jóias? Já imaginou se você for acusada de roubá-las?

- Meu demônio é esperto demais para isso, Petyr. Elas vêm de muito longe. E eu só preciso pedir para tê-las. E com uma pequena fração desse estoque ilimitado, comprei essa esmeralda que trago ao pescoço. O nome do meu demônio está inscrito no verso do engaste de ouro, Petyr. Mas você conhece o nome dele. Estou lhe avisando, Petyr, nunca o invoque, pois ele serve a mim somente e destruirá qualquer outra pessoa que procure dar-lhe ordens invocando seu nome.

- Deborah, volte para nós - implorei - só durante o dia, se quiser, por algumas horas esporádicas, para conversar conosco em horários que seu marido sem dúvida permitiria. Esse seu espírito não é nenhum demônio, mas ele é poderoso, e pode fazer o mal por ser irresponsável e travesso, característica de todos os espíritos. Deborah, ele não é um brinquedo, você sem dúvida sabe disso!

Eu via, porém, que essas preocupações estavam longe da sua mente. Pressionei-a um pouco mais. Expliquei-lhe que a primeira e a principal norma da nossa Ordem era a de que nenhum de nós, independente dos nossos poderes, jamais daria ordens a um espírito para obter lucro.

- Pois existe uma antiga lei no mundo, Deborah, entre todos os feiticeiros e os que recorrem a poderes invisíveis. A de que aqueles que procuram usar o invisível com objetivos perversos só podem atrair sua própria desgraça.

- Mas, Petyr, por que o lucro seria perverso? - perguntou ela, como se nós dois tivéssemos a mesma idade. - Pense bem no que está dizendo! A riqueza não é o mal. Quem saiu prejudicado com o que meu demônio me traz? E todos os familiares de Roelant se beneficiaram.

- Há riscos no que você faz, Deborah! Essa criatura fica mais forte quanto mais você fala com ela...

Ela fez com que eu me calasse. Sentia agora por mim apenas desdém. Mais uma vez, tentou me pressionar a aceitar as jóias. Disse-me abertamente que eu era um idiota, pois não sabia usar meus poderes. Agradeceu-me depois por tê-la levado para a cidade perfeita para as bruxas e, com uma expressão maliciosa, deu uma risada.

- Deborah, nós não acreditamos em Satã, mas acreditamos no mal. E o mal é o que destrói a humanidade. Peço-lhe que tenha cuidado com esse espírito. Não acredite no que ele lhe disser sobre si mesmo e sobre suas intenções. Pois ninguém sabe ao certo o que essas criaturas são.

- Pare com isso, Petyr, está me aborrecendo. O que o faz pensar que esse espírito me diz alguma coisa? Sou eu que falo com ele! Consulte as demonologias, Petyr, os antigos livros escritos por religiosos irados que realmente acreditam em demônios, pois esses livros contêm mais conhecimentos reais sobre como controlar esses seres invisíveis do que você poderia imaginar. Eu os vi nas suas estantes. A única palavra em latim que eu conhecia era demonologia, pois havia visto livros semelhantes antes.

Os livros estavam cheios de verdades e de mentiras, e eu lhe disse isso. Afastei-me dela, entristecido. Mais uma vez, ela me pressionou a aceitar as jóias. Eu me recusei. Ela as enfiou no meu bolso e me deu um beijo carinhoso no rosto. Saí daquela casa.

Roemer proibiu-me de ir procurá-la depois disso. O que ele fez com as pedras, nunca perguntei. Os imensos tesouros do Talamasca nunca me interessaram muito. Naquela época eu só sabia o que sei agora, que minhas contas eram pagas, minhas roupas compradas, que eu tenho nos bolsos as moedas necessárias.

Não será com minha bênção que você irá invocar uma coisa dessas, Petyr. Você está prestando atenção?

- Estou, Roemer - respondi, obediente como sempre. No entanto, ele sabia que meu coração havia sido corrompido e conquistado por Deborah, com uma certeza igual a se ela me houvesse enfeitiçado. Só que não era feitiço. Era muito mais forte.

- Essa mulher está agora fora do alcance da nossa ajuda - disse ele. - Tente pensar em outras coisas.

Fiz o possível para obedecer à sua ordem. Mesmo assim, não pude deixar de saber que Deborah estava sendo cortejada por muitos cavalheiros da Inglaterra e da França. Sua fortuna era agora tão grande e tão sólida que ninguém mais pensava em questionar sua origem, ou em perguntar se houve uma época em que ela não era rica. Sua formação prosseguia a grande velocidade, e ela demonstrava pura devoção por Judith de Wilde e seu pai, não revelando nenhuma pressa para se casar enquanto permitia a visita de diversos pretendentes.

Bem, um desses pretendentes afinal a levou embora! Eu nunca soube com quem ela se casou ou onde a cerimônia se realizou. Vi Deborah somente mais uma vez, e na época não sabia o que sei agora: que aquela era talvez sua última noite antes de deixar a cidade. Fui acordado no escuro da noite com um ruído na minha janela e, ao perceber que era uma batida uniforme no vidro, como não poderia ter sido obra da natureza, fui ver se algum velhaco não havia subido pelo telhado. Afinal, eu estava no quinto andar, sendo pouco mais do que um menino na Ordem e recebendo, portanto, um quarto simples porém confortável.

A janela estava trancada e intacta, como deveria estar. No entanto, lá embaixo no cais havia uma mulher num manto de tecido negro, que parecia estar olhando para mim e, quando abri a vidraça, ela fez um gesto com o braço, para que eu descesse.

Eu sabia que se tratava de Deborah, mas estava enlouquecido, como se um súcubo houvesse entrado no meu quarto, arrancado os lençóis e começado a trabalhar com sua boca. Saí da casa, esgueirando-me, para evitar quaisquer perguntas, e ela estava parada à minha espera, com a esmeralda verde piscando no escuro, como um

grande olho no seu colo. Ela me levou consigo pelas ruas estreitas até sua casa.

Ora, Stefan, a essa altura eu achava que estava sonhando, mas não queria que o sonho terminasse. Ela não estava com nenhuma criada, criado ou quem quer que fosse. Havia vindo até mim sozinha, o que devo dizer não é tão perigoso em Amsterdã quanto em outros lugares, mas era o suficiente para atizar meu coração vê-la tão desprotegida, tão determinada e misteriosa, agarrando-se a mim e insistindo para que eu me apressasse.

Como era rico o ambiente dessa senhora, como eram altos seus inúmeros tapetes, como eram bonitos seus assoalhos! E passando por prata e fina porcelana guardadas atrás de vidraças impecáveis, ela me levou escada acima até seus aposentos particulares, e ali a uma cama com cortinas de veludo verde.

- Vou me casar amanhã, Petyr - disse ela.

- Então, por que me trouxe até aqui, Deborah? - perguntei, mas eu tremia de desejo, Stefan. Quando ela desatou o manto, deixando-o cair ao chão, e eu vi seus seios roliços apertados pelos laços do vestido, fiquei louco para tocá-los, embora não me mexesse. Mesmo sua cintura tão marcada me atiçava, assim como a visão do seu pescoço pálido e dos ombros oblíquos. Não havia uma partícula succulenta do seu corpo pela qual eu não ansiasse. Eu era um animal enfurecido preso numa jaula.

- Petyr - disse ela, olhando-me nos olhos - sei que você entregou as pedras preciosas à sua Ordem, e que não ficou com nada como agradecimento meu. Por isso, quero lhe dar agora o que você quis de mim na longa viagem até aqui e que por excesso de delicadeza não quis tomar à força.

- Mas, Deborah, por que está fazendo isso? - perguntei, determinado a não me aproveitar de nenhuma forma dela. Pois ela estava em profunda aflição. Isso eu podia ler nos seus olhos.

- Porque quero, Petyr - disse-me ela de repente e, envolvendo-me nos seus braços, cobriu-me de beijos. - Deixe o Talamasca, Petyr, e venha comigo. Casasse comigo e eu não me casarei com esse outro homem.

- Mas Deborah, por que você quer isso de mim?

Ela riu com tristeza e ironia.

- Sinto falta da sua compreensão, Petyr. Sinto falta de alguém de quem eu não precise esconder nada. Somos bruxos, Petyr, quer pertençamos a Deus ou ao demônio, nós somos bruxos, você e eu.

Ah, como seus olhos cintilavam ao dizer isso, como era evidente a sua vitória, e ao mesmo tempo como era amarga. Cerrou os dentes por um instante. Depois, pôs as mãos em mim e acariciou meu rosto e minha nuca, deixando-me ainda mais enlouquecido.

- Você sabe que você me deseja, Petyr, como sempre desejou. Por que não se entrega? Venha comigo. Sairemos de Amsterdã se o Talamasca não lhe permitir a liberdade. Iremos embora juntos, e não há nada que eu não possa conseguir para você, nada que eu não lhe dê, basta que fique comigo e que me deixe ficar junto de você, sem sentir mais medo. Com você posso falar de quem eu sou e do que aconteceu à minha mãe. Posso falar de tudo que me atormenta, Petyr, e de você nunca sinto medo.

A essa altura, seu rosto se entristeceu e as lágrimas vieram aos seus olhos.

- Meu jovem pretendente é lindo, e tudo o que sempre sonhei quando ficava sentada, suja e descalça, à porta da nossa cabana. Ele é o senhor que passava por ali a caminho do seu castelo, e a um castelo ele me levará agora, embora ele fique em outro país. É como se eu estivesse entrando nos contos de fadas que minha mãe me contava. Agora serei a condessa, e todos aqueles versos e canções irão se tornar realidade.

- Mas, Petyr, eu o amo e não o amo. Você é o primeiro homem que amei, você que me trouxe para cá, você que

viu a pira na qual minha mãe morreu, você que me banhou, me alimentou e me vestiu quando eu não conseguia fazer nada disso sozinha.

Eu já havia perdido as esperanças de sair daquele quarto sem tê-la. Eu sabia. No entanto, eu estava tão fascinado pela menor curva dos seus cílios ou pela minúscula covinha no seu rosto, que deixei que ela me puxasse não para a cama, mas para o tapete diante do pequeno braseiro, e ali, no calor bruxuleante, ela começou a me falar das suas aflições.

- Meu passado é como se fossem sombras para mim - disse ela, chorando baixinho, com os olhos se dilatando de assombro. - Será que eu algum dia vivi num lugar daqueles, Petyr? Eu assisti à morte da minha mãe?

- Não traga isso de volta, Deborah. Deixe que as imagens passadas percam a nitidez.

- Mas, Petyr, você se lembra de quando falou comigo pela primeira vez e, me disse que minha mãe não era perversa, que os homens haviam sido perversos com ela. Por que você acreditava naquilo?

- Você então me diga, Deborah, se ela era bruxa e o que é uma bruxa, pêlo amor de Deus!

- Ai, Petyr, eu me lembro de sair pelos campos com ela, sob um céu sem Lua, até onde ficavam as pedras.

- E o que acontecia, querida? O diabo chegava com seus cascos fendidos.

Ela abanava a cabeça e fez um gesto para que eu prestasse atenção, ficasse calado e me comportasse.

- Petyr - disse ela - foi um juiz de bruxas que lhe ensinou a arte da magia. Ela me mostrou o próprio livro. Ele havia passado por nossa aldeia quando eu era bem pequena, ainda engatinhando, e veio até nossa cabana para curar um corte na sua mão junto ao fogo, ele se sentou com ela e lhe falou de todos esses lugares em que havia estado e trabalhado e nas bruxas que havia que assassinou.

- "Tenha cuidado, minha filha", disse-lhe ele, ou pelo menos foi o que ela me contou depois. Em seguida, ele tirou da sua bolsa de couro o livro terrível Demonologia era o seu título, e ele o leu para ela, já que ela não sabia ler Latim....ou qualquer outra língua para falar a verdade, e as ilustrações ele lhe mostrava à luz do fogo para que ela visse melhor.

- Uma hora atrás da outra ele ensinava essas coisas para ela, o que as bruxas haviam feito, e o que podiam fazer. "Tenha cuidado, minha filha, para que o demônio não consiga tentá-la, pois o demônio ama a parteira e a benzedeira", dizia ele, virando mais um a página.

- Naquela noite, enquanto estava deitada com ela, ele lhe falou das casas execuções na fogueira e dos gritos das condenadas. «Tenha cuidado, minha filha", repetiu ele, novamente, ao ir embora.

E todas essas coisas ela mais tarde me contou. Eu tinha seis, talvez sete anos quando ela me contou a história. Estávamos sentadas junto ao fogo da cozinha. "Agora, venha, disse ela, e você verá". Lá saímos nós para os campos, tateando para descobrir as pedras à nossa frente, até encontrar o próprio centro do círculo e ficar ali imóveis, sentindo o vento.

- Digo-lhe que não se ouvia nenhum som na noite. Nem um bruxuleio de luz. Nem mesmo as estrelas que nos

mostrassem as torres do castelo, ou o distante trecho de água que ali se podia ver do Loch Donnelaith.

- Eu a ouvia cantarolar de mãos dadas comigo. Depois dançamos em círculos, formando pequenos círculos à medida que rodávamos. Ela passou a cantarolar mais alto e disse então as palavras em latim que usava para invocar o espírito. Depois, abrindo os braços com violência, ela gritou para que ele viesse.

- A noite estava vazia. Não houve resposta. Eu me aproximei das suas saias e segurei sua mão fria. Depois, senti que ele vinha sobre as pastagens. Parecia uma brisa e depois um vento ao ganhar força junto a nós. Senti que ele tocava meu cabelo e minha nuca. Senti que ele nos envolvia como se fosse o ar. Ouvi-o, então, falar, só que não com palavras, mas eu o ouvi e ele dizia, "Estou aqui, Suzanne"!

- Ah, como minha mãe ria de felicidade. Como dançava. Ela torcia as mãos como uma criança e ria de novo, jogando o cabelo para trás. "Você também o vê, querida"? perguntou-me ela. E eu respondi que o sentia e o ouvia muito perto.

- Mais uma vez ele falou, "Chame-me pelo meu nome Suzanne".

- "Lasher", disse ela "pelo vento que você cria que açoita os capinzais, pelo vento que arranca as folhas das árvores. Venha agora, meu Lasher, crie uma tempestade sobre Donnelaith! E assim eu saberei que sou uma bruxa poderosa e que você faz isso por amor a mim!"

- Na hora em que chegamos à cabana, o vento uivava sobre os campos e na chaminé quando fechamos a porta junto ao fogo, ficamos sentadas rindo juntas, como duas crianças. "Você viu, você viu, eu consegui", dizia ela baixinho.

E olhando nos seus olhos, vi o que sempre havia visto e que sempre veria mesmo na sua última hora de agonia e dor: os olhos de uma boba, de uma menina desmiolada escondendo com uma das mãos o riso e com doce roubado na outra. Para ela, era uma brincadeira, Petyr. Era um brinquedo.

- Compreendo, meu amor.

- Agora, venha me dizer que Satã não existe. Diga-me que ele não veio atravessando a escuridão para seduzir a bruxa de Donnelaith e levá-la à fogueira. Era Lasher quem encontrava para ela os objetos que os outros perdiam. Era Lasher quem trazia ouro para ela, ouro que tomaram dela. Era Lasher que lhe revelava os segredos de traições que ela transmitia a ouvidos interessados. E foi Lasher quem fez chover granizo sobre a ordenhadora que brigou com ela. Lasher, quem procurava castigar seus inimigos para ela, e que, assim, tornou conhecidos seus poderes.

- Ela não conseguiu lhe ensinar nada, Petyr. Ela não sabia como usá-lo. E, como uma criança que brinca com uma vela, ela ajudou a acender o próprio fogo que a matou.

- Não cometa o mesmo erro, Deborah! - sussurrei, enquanto beijava seu rosto. Ninguém consegue ensinar nada a um espírito, pois é isso o que ele é.

- Ah, não, ele é mais do que isso - disse ela, baixinho. - Você está enganadíssimo.

Mas não tema por mim, Petyr. Não sou minha mãe. Não há motivo.

Ficamos, então, sentados em silêncio diante do braseiro, embora eu não pudesse imaginar que ela quisesse ficar perto dele e, quando ela inclinou a cabeça sobre as pedras

acima dele, beijei-a novamente no rosto macio e afastei as longas mechas rebeldes dos seus cabelos úmidos.

- Petyr, eu nunca vou viver na fome e na imundície como minha mãe. Eu nunca vou ficar à mercê dos imbecis.

- Não se case, Deborah. Não vá embora! Venha comigo. Entre para o Talamasca, e nós juntos descobriremos a natureza dessa criatura...

- Não, Petyr. Você sabe que eu não vou fazer isso. - A essa altura, ela deu um sorriso de tristeza. - É você quem deve vir comigo, para que nós dois escapemos. Fale agora comigo com aquela sua voz secreta, a voz em você que ordena aos relógios que parem ou aos espíritos que venham. E fique comigo, seja meu noivo, e esta será a noite da união dos bruxos.

Quis lhe responder com mil protestos, mas ela cobriu minha boca com a mão e depois com sua própria boca, começando a me beijar com tanto ardor e sedução que eu já não sabia mais de nada, a não ser que eu tinha de lhe arrancar os trajes que a prendiam, e possuí-la ali naquela cama com as cortinas de veludo verde fechadas ao nosso redor, esse delicado corpo de menina com seus seios e seus segredos de mulher, que eu havia banhado e vestido.

Por que me forço à tortura de escrever isso? Estou confessando meu antigo pecado, Stefan. Estou lhe relatando tudo o que fiz, pois não consigo escrever sobre essa mulher sem essa confissão. Prossigo, portanto.

Nunca celebrei os ritos com tanto abandono. Nunca experimentei o prazer e a doçura que descobri nela. Pois ela acreditava ser bruxa, Stefan, e, portanto, perversa, e para ela esses eram os ritos do demônio que celebrava com tanta obstinação. No entanto, seu coração era terno e carinhoso, juro-lhe, e isso resultava numa combinação rara e explosiva.

Não deixei sua cama até o amanhecer. Dormi no abrigo dos seus seios perfumados. Chorava de vez em quando como um menino. Com seu talento para seduzir, ela despertou todo o meu corpo. Descobriu meus anseios mais secretos, brincou com eles e os satisfez. Tornei-me seu escravo. Ela sabia, porém, que eu não ficaria com ela, que eu tinha de voltar para o Talamasca e ficou, afinal, horas a fio deitada, olhando triste para o teto de madeira da cama, enquanto a luz penetrava pelas costuras das cortinas e a cama se aquecia com o sol.

Vesti-me exausto, e sem querer mais nada neste mundo do que sua alma e seu corpo. Mesmo assim, eu a estava

deixando. Ia voltar para casa para contar a Roemer o que havia feito. Ia voltar para casa-matriz, que era na realidade minha mãe e meu pai, e eu não conhecia nenhuma outra opção.

Pensei então que ela fosse me mandar embora debaixo de maldições, mas não foi isso o que aconteceu. Mais uma vez, implorei-lhe que ficasse em Amsterdã, que viesse comigo.

- Adeus, meu padrezinho, disse-me ela. Que seja feliz e que o Talamasca o recompense por sua renúncia a mim. Ela chorou, eu beijei, faminto, suas mãos abertas antes de deixá-la e enfiei o rosto mais uma vez nos seus cabelos.

- Agora vá, Petyr - disse ela, afinal. - Não se esqueça de mim.

Talvez tenha se passado um dia ou dois antes que eu soubesse que ela havia partido. Fiquei desconsolado, prostrado a chorar, procurando prestar atenção a Roemer e Geertruid, mas sem conseguir ouvir o que eles tinham a dizer. Eles não estavam tão zangados comigo quanto eu havia imaginado. Isso pelo menos eu sabia.

E foi Roemer que procurou Judith de Wilde para comprar dela o retrato de Deborah por Rembrandt van Rijn que está até hoje na nossa casa. Talvez tenha se passado um ano inteiro até eu conseguir recuperar a verdadeira sanidade de corpo e alma. E daí em diante nunca mais desrespeitei as normas do Talamasca como naquele tempo. Voltei a viajar pelos estados alemães, pela França e mesmo até a Escócia para realizar meu trabalho de salvar as bruxas e de escrever sobre elas e sua aflições, como sempre fizemos.

Portanto, Stefan, agora você conhece a história de Deborah por inteiro. E meu choque ao me deparar com a tragédia da condessa de Montcleve, tantos anos depois, nesta cidadela

nas montanhas Cévennes do Languedoc, e descobrir que se tratava de Deborah Mayfair, a filha da bruxa escocesa.

Ah, se ao menos essa parte da informação - a de que a mãe havia sido queimada- não tivesse chegado ao conhecimento da gente da cidade. Se ao menos a jovem noiva não tivesse contado seus segredos ao jovem fidalgo enquanto chorava no seu peito. E seu rosto, depois de tantos anos, ainda está gravado na minha memória enquanto me dizia, "Petyr, posso falar com você".

Você agora percebe com quanto receio e aflição entrei na cela da prisão e como, na minha pressa, não cheguei a imaginar até o último instante que a senhora ali agachada, em trapos, numa cama de palha, pudesse erguer os olhos, me reconhecer, gritar meu nome e, no seu desespero, denunciar meu disfarce.

Isso, no entanto, não aconteceu.

Quando entrei na cela, erguendo a bainha da minha batina preta para, dar a impressão de ser um clérigo que não desejava se sujar com aquela imundície, lancei os olhos sobre ela e não vi em seu rosto nenhum sinal de reconhecimento. Alarmou-me, porém, o fato de ela não tirar os olhos de mim, e de imediato disse ao tolo vigário que eu precisava examiná-la a sós. Ele relutou em me deixar com ela, mas eu lhe disse que já havia visto muitas bruxas, que ela não me assustava nem um pouco, que eu precisava lhe fazer muitas perguntas e que, se ele se dispusesse a me esperar na casa paroquial, eu logo estaria de volta.

A porta foi imediatamente trancada e, embora eu ouvisse muitos cochichos no corredor, estávamos sozinhos. Coloquei a vela sobre a única peça de mobília do local, um banco de madeira. Enquanto me esforçava para não ceder lágrimas

diante dela, ouvi sua voz baixa, pouco mais do que um sussurro.

- Petyr, é possível que seja mesmo você?

- Sim, Deborah.

- Ali, mas você não veio me salvar, veio? - perguntou ela, exausta.

Meu coração recebeu um golpe do próprio tom da sua voz, pois era a mesma com a qual me havia falado no seu quarto em Amsterdã naquela última noite. Ela revelava apenas uma ínfima ressonância mais grave e talvez uma entoação mais sombria conferida pelo sofrimento.

- Não posso, Deborah. Mesmo que tente, sei que não conseguirei.

Isso não foi surpresa para ela. Mesmo assim, ela sorriu para mim. Apanhando novamente a vela, aproximei-me dela e me ajoelhei no feno a sua frente para poder olhar nos seus olhos. Vi aqueles mesmos olhos de que lembrava, e o mesmo rosto quando sorriu. Parecia que essa forma pálida e minguada não era outra senão minha Deborah já transformada em espírito com toda sua beleza intacta.

Ela não fez nenhum movimento na minha direção, mas examinou meu rosto como se estivesse olhando para um quadro. Em seguida, com uma enxurrada de palavras débeis e deploráveis, eu lhe disse que não sabia desgraça, mas que havia vindo para cá, sozinho, a serviço do Talamasca descobrindo com imensa dor que ela era aquela de quem tanto ouvira. Eu já havia me certificado de sua apelação ao bispo e ao Parlamento de mas neste ponto ela me silenciou com um gesto simples.

- Vou morrer amanhã, e não há nada que você possa fazer.

- É, mas posso lhe fazer um pequeno favor, pois disponho de um pó que ingerido misturado à água, a deixará entorpecida e você não sofrerá tanto. E mais, posso lhe dar uma quantidade tal que, se for seu desejo, você morre livrando-se, assim, das chamas. Sei que posso fazer com que isso chegue às suas mãos.. O velho padre é um tonto.

Ela pareceu estar profundamente comovida com meu oferecimento embora se recusasse a aceitá-lo.

- Petyr, preciso estar consciente quando for levada para a praça. Estou te avisando, não esteja na cidade na hora em que acontecer. Ou esteja em seguro, por trás de janelas fechadas, se precisar ficar para ver com seus próprio olhos.

- Você está falando em fuga, Deborah?- perguntei, pois devo admitir minha imaginação foi atizada de imediato. Se eu ao menos pudesse salvá-la, provocar enorme confusão e depois levá-la embora de algum modo! Mas com, realizar isso?

- Não, não, Petyr, isso está além dos meus poderes e do poder daquele que me obedece. É simples para um espírito transportar uma pequena jóia ou moeda de ouro até as mãos de uma bruxa, mas abrir portas de prisões, domina guardas armados? Isso não está ao seu alcance. - Em seguida, como se estivesse aturdida, com o olhar vagando enlouquecido ao seu redor, ela prosseguiu. - Você sabe que meus próprios filhos testemunharam contra mim? Que meu amado Chrétien chamou a própria mãe de bruxa?

- Creio que foi forçado a isso, Deborah. Quer que eu vá visitá-lo? O que posso fazer que seja de ajuda?

- Ali, meu caro e gentil Petyr. Por que não me deu ouvidos quando lhe pedi que viesse comigo? Mas isso, tudo isso, não é culpa sua. É minha.

- Como assim Deborah? Nunca duvidei da sua inocência. Se você pudesse ter curado seu marido, não teria havido grito de "bruxa".

- A história é tão mais complicada - disse ela, sacudindo a cabeça. - Quando ele morreu, eu me acreditava inocente. Mas passei muitos longos meses nesta cela pensando no assunto, Petyr. A fome e a dor aguçam a mente.

- Deborah, não acredite no que seus inimigos dizem de você, por mais que insistam e por mais eloqüentes que sejam suas palavras!

Ela não me respondeu. Parecia indiferente ao que eu dissera. Voltou-se, então, novamente para mim.

- Petyr, faça o seguinte por mim. Se amanhã me trouxerem amarrada para a praça, que é o meu pior medo, exija que meus braços e minhas pernas sejam desamarrados para que eu possa carregar o círio da penitência, como sempre foi costume nesta região. Não permita que meus pés definhados dêem pena, Petyr. Tenho mais medo dos grilhões do que das chamas!

- Eu farei isso, mas não há motivo para você se preocupar. Eles vão fazer com que carregue o círio e com que atravesse a cidade inteira. Vão forçá-la a levar o círio até a escadaria da catedral e só ali irão amarrá-la e levá-la para a pira. - Eu mal - podia continuar.

- Ouça, tenho mais a lhe pedir.

- Prossiga.

- Quando tudo terminar e você deixar esta cidade, escreva o que vou lhe dizer à minha filha Charlotte Fontenay, mulher de Antoine Fontenay, em Saint-Domingue, que fica em Hispaniola, aos cuidados do mercador Jean Jacques Toussaint, Portau-Prince.

Repeti para ela o nome e o endereço completo.

- Diga a Charlotte que eu não sofri na fogueira, mesmo que não seja verdade.

- Farei com que ela acredite.

- Talvez não consiga - disse ela, com um sorriso amargo. - Mas faça o possível, por mim.

- O que mais?

- Transmita-lhe mais uma mensagem, e desta você deve se lembrar ao pé da letra. Diga-lhe que aja com cuidado. Que aquele que estou enviando para que lhe obedeça às vezes faz para nós aquilo que ele acredita que nós queiramos que ele faça. E diga que aquele que lhe estou enviando deduzo que acredita ser nossa intenção tanto das palavras cuidadosas que lhe dizemos quanto dos nossos pensamentos aleatórios.

- Ah, Deborah!

- Você compreende o que estou lhe dizendo e por que precisa transmitir isso a ela?

- Compreendo. Entendo tudo. Você desejou a morte do seu marido. Devido a traição. E o espírito o derrubou.

- É mais profundo do que isso. Não procure aprender tudo. Nunca desejei sua morte. Eu o amava. E nem tinha

conhecimento da sua traição! Mas você procure fazer com que Charlotte tenha conhecimento do que eu disse, para sua própria proteção, pois meu servo invisível não tem como lhe falar da sua própria natureza mutante. Ele não pode lhe falar daquilo que ele próprio não compreende.

- Mas...

- Não fique com a consciência pesada, Petyr. Era melhor você não ter vindo, se isso acontecer. Ela já está com a esmeralda. Ele irá até ela quando eu morrer.

- Não o deixe ir, Deborah!

Ela suspirou, com enorme decepção e desespero.

- Por favor, imploro que faça o que lhe pedi.

- O que aconteceu com seu marido, Deborah?

Parecia que ela não ia responder.

- Meu marido já estava morrendo quando. meu Lasher me apareceu e informou ter armado uma cilada para meu marido, fazendo com que caísse bosque. "Como você foi fazer uma coisa dessas, que nunca mandei que fizesse, perguntei. Veio, então, sua resposta. "Mas, Deborah, se você tivesse lido o coração dele como eu li, seria isso o que você teria me ordenado fazer".

Senti um calafrio me percorrer até nos ossos, Stefan, e lhe peço que quando esta carta for copiada nos nossos arquivos, que essas palavras sejam sublinhadas. Pois, quando já se ouviu falar de tanta cumplicidade e determinação, tanta esperteza e estupidez num demônio invisível?

Eu via esse diabrete, como se recém liberto de uma garrafa, fazem travessuras espalhando destruição à vontade. Lembrei-me das antigas advertências de Roemer. Lembrei-me de Geertruid e das coisas que dissera. Isso porém, ainda é pior do que o que eles poderiam ter imaginado.

- É você tem razão - disse ela, triste, tendo lido meus pensamentos, você deve escrever isso para Charlotte - insistiu. - E cuidado com as palavras, se a carta cair em mãos erradas. Mas escreva, escreva para que Charlotte compreenda tudo o que você tem a dizer.

- Deborah, refreie a criatura. Permita que eu diga a Charlotte, a pedido de sua mãe, que jogue a esmeralda no mar.

- É tarde demais para isso agora, Petyr. E, sendo o mundo como é, enviaria meu Lasher a Charlotte mesmo que você não chegasse aqui hoje para ouvir esse meu último desejo. Meu Lasher é poderoso, muito mais do que pode imaginar de um espírito, e ele aprendeu muito.

- Aprendeu - repeti, perplexo. - Como aprendeu, Deborah? Se ele é um espírito, e eles são eternamente tolos. E aí está o perigo, pois, ao nos conceda nossos desejos, eles não compreendem a complexidade dos mesmos e acabam provocando nossa desgraça. Há milhares de histórias que comprovam isso. Isso não aconteceu antes? O que você quer dizer com "aprendeu"?

- Petyr, reflita bem sobre o que lhe disse. Garanto que meu Lasher aprendeu muito, e seu erro não resultou da sua simplicidade imutável, mas do seu sentido mais aguçado de objetivo. Prometa-me, porém, por tudo que se passou entre nós um dia, que escreverá para minha filha querida. Isso você tem de fazer por mim!

- Muito bem - declarei, torcendo as mãos. - Eu o farei relatarei tudo o que acabei de lhe dizer.

- É justo, meu bom padre, meu bom estudioso - disse ela, com um tom amargo e um sorriso. - Agora vá, Petyr. Não consigo suportar sua presença aqui mais um instante. Meu Lasher está perto de mim, e nós dois queremos conversar. E amanhã, eu lhe peço, procure estar num abrigo seguro ao ver que minhas mãos e meus pés estão livres e que cheguei às portas da igreja.

- Deus é testemunha, Deborah, se eu ao menos pudesse tirá-la daqui, se fosse possível por algum meio... - Aqui, Stefan, as palavras me faltaram. Perdi toda a consciência. - Deborah, se seu servo Lasher puder realizar uma fuga com minha ajuda, você só precisa me dizer de que modo isso poderia ser feito.

Eu me via arrancando-a das multidões enfurecidas que nos cercavam e conseguindo fazer com que ela saísse furtiva pelas muralhas e chegasse aos bosques.

Como Deborah sorriu para mim naquela hora, com que ternura e tristeza! Foi o mesmo jeito de sorrir da nossa despedida anos antes.

- Quanta fantasia, Petyr. - Seu sorriso ampliou-se, então, dando-lhe a aparência de semilouca à luz de vela, ou talvez a de um anjo ou de uma santa louca. Seu rosto pálido era tão lindo quanto a própria chama. - Minha vida terminou, mas já viajei muito, fora desta cela. Agora vá. Vá e mande minha mensagem para Charlotte, mas só quando estiver a uma distância segura deste lugar.

Beijei suas mãos. Eles lhe haviam queimado as palmas durante a tortura. Havia grossas cascas nelas, e essas eu beijei também. Nada me importava.

- Eu sempre a amei - disse-lhe. Disse muitas outras coisas também, tolas e ternas, que não escreverei aqui. Tudo isso ela aceitou com perfeita resignação. E ela sabia o que eu havia acabado de descobrir: que me arrependia de não ter fugido com ela, que eu desprezava a mim mesmo, ao meu trabalho e a toda a minha vida.

Isso irá passar, Stefan. Eu sei. Eu já sabia ali, há horas apenas ao sair da sua cela. É, porém, real neste momento; e estou como São João da Cruz em sua poesia "A Noite Escura da Alma". Digo-lhe que não me resta nenhum consolo. E por que motivo?

O de que a amo, nada mais do que isso. Pois sei que seu demônio a destruiu, com a mesma certeza que destruiu a sua mãe. E que as advertências de Roemer e Geertruid, bem como de todos os sábios de todos os tempos, aqui se revelaram válidas.

Eu não podia deixá-la sem abraçá-la e beijá-la. Senti, porém, sua agonia quando a segurei, a agonia das queimaduras e contusões no seu corpo e dos seus músculos estirados pelo cavalete. E essa havia sido minha bela Deborah, esses escombros que se agarravam a mim, chorando de repente como se houvesse aberto uma fechadura.

- Perdoe-me, querida - disse eu, culpando-me pelas lágrimas.

- É bom abraçá-lo - sussurrou ela. E depois fez com que eu me afastasse. - Vá agora e não se esqueça de tudo o que lhe disse.

Saí dali enlouquecido. A praça ainda se enchia com aqueles que chegavam para ver a execução. Alguns instalavam suas

barracas à luz de tochas e outros dormiam debaixo de cobertores ao longo das paredes.

Disse ao velho padre que não estava totalmente convencido de que a mulher era bruxa, e que queria ver o inquisidor imediatamente. Digo-lhe Stefan, que eu me sentia disposto a mover céus e terra por ela.

No entanto, você sabe o que aconteceu.

Chegamos ao Château e fomos recebidos. Aquele padre idiota estava muito feliz de estar com alguém importante, invadindo o banquete para o qual não, havia sido convidado. Já eu me esmerei e adotei meu comportamento de maior impacto, interrogando o inquisidor diretamente em latim assim como a velha condessa, uma mulher de pele morena, de aparência espanhola, que me recebeu com extraordinária paciência se considerarmos a atitude com a qual começar a falar.

O inquisidor, o padre Louvier, elegante e bem alimentado, com barba e cabelo bem tratados e olhos negros cintilantes, não percebeu nada de suspeito no meu procedimento e foi obsequioso comigo como se eu pertencesse Vaticano, o que poderia ser verdade ao que ele soubesse. Ele apenas procurou me tranquilizar quando eu disse que talvez estivessem a ponto de queimar uma inocente.

- Nunca se viu uma bruxa igual - disse a condessa, que deu uma risada feliz do fundo da garganta, e me ofereceu um pouco de vinho. Ela então me apresenta à condessa de Chamillart, que estava sentada ao seu lado, e a todos os nobres das redondezas que estavam hospedados no Château para ver a bruxa arder.

Todas as perguntas que eu fazia, objeções que levantava e sugestões que propunha eram recebidas- com a mesma

convicção despreocupada por parte dos convivas. Para eles, a batalha estava encerrada e ganha. Tudo o que restava era a festividade que se realizaria na manhã do dia seguinte.

É verdade que os meninos estavam chorando nos seus aposentos, mas eles se recuperariam. E não havia nada a temer de Deborah, pois, se seu espírito fosse forte o suficiente para libertá-la, ele já o teria feito a essa altura. E não era assim com todas as bruxas? Uma vez acorrentada, o diabo as abandonava ao seu próprio destino.

- Mas essa mulher não confessou. - Declarei. - E o marido caiu do cavalo na floresta, o que ele próprio admitiu. Sem dúvida, não se pode condenar com base no depoimento delirante de um moribundo! Era como se eu estivesse atirando folhas secas aos seus rostos pelo efeito que se via.

- Eu amava meu filho acima de tudo nesse mundo - disse a velha condessa, com seus pequenos olhos pretos inflexíveis e a boca crispada. Em seguida, como se quisesse melhorar seu tom, ela prosseguiu com total hipocrisia. - Pobre Deborah, algum dia eu disse que não gostava de Deborah, que não lhe perdoei milhares de coisas?

- A senhora perdoou demais! - Declarou Louvier, com ar de santarrão e com um gesto exagerado, pois o canalha estava bêbado.

- Não estou falando de bruxarias - disse a velha, sem se perturbar com as maneiras do padre. - Falo da minha nora e de todas as suas fraquezas e segredos. Pois quem nesta cidade não sabe que Charlotte nasceu cedo demais após o casamento? E no entanto, meu filho era tão obcecado pelos encantos dessa mulher, adorava tanto Charlotte, era tão grato a Deborah pelo seu dote e era tão tolo sob todos os aspectos...

- Será que precisamos falar disso! - sussurrou a condessa de Chamillart, que pareceu estremecer. - Charlotte não está mais entre nós.

- Ela será encontrada e queimada, como a mãe - declarou Louvier, e houve gestos e manifestações de concordância de todos os presentes.

E continuaram assim, conversando entre si sobre como ficariam todos felizes depois das execuções. Quando eu tentava fazer qualquer pergunta, eles apenas me faziam um gesto para que me calasse, para que bebesse, para que não me preocupasse.

Foi horrível o jeito com que passaram a me ignorar então, como seres num sonho que não ouvem nossos berros. Mesmo assim, insisti em falar que eles não tinham provas de vôos noturnos, de sabás, de relações com demônios e todas as outras provas tolas que em outras partes mandam essas criaturas para a fogueira.

Quanto à capacidade de curar, o que era isso a não ser o talento da benzedeira, e por que condená-la por esse motivo? A boneca talvez não passasse de algum instrumento para a cura.

Tudo em vão!

Como se sentiam tranquilos e sociáveis enquanto jantavam à mesa que havia sido dela, com prataria que havia sido dela! E Deborah, naquela cela miserável. Afinal, implorei que ela morresse por estrangulamento antes de ser queimada.

- Quantos de vocês presenciaram com os próprios olhos a morte de uma pessoa pelo fogo? - Mas essa minha sugestão foi recebida com a indiferença mais entediada.

- A bruxa não se arrependeu - disse a condessa de Chamillart, a única dentre eles que parecia sóbria e até mesmo atingida por um ligeiro medo.

- Ela vai sofrer o quê? No máximo uns quinze minutos? - perguntou o inquisidor, limpando a boca com seu guardanapo imundo. - O que é isso diante do fogo eterno do inferno?

Afinal fui embora, atravessando de volta a praça apinhada de gente, onde parecia estar se realizando uma festa embriagada em volta da cada uma das pequenas fogueiras que ardiam. Parei para olhar a pira sinistra e o poste no alto com suas algemas de ferro, e por acaso me flagrei olhando à sua esquerda, para os arcos triplos das portas da igreja. E ali, nos entalhes grosseiros de épocas passadas, estavam os diabinhos do inferno sendo empurrados para as chamas por São Miguel Arcanjo, com seu tridente atravessando o ventre do demônio.

Ali, Deborah, que nunca prejudicou ninguém, que proporcionou sua arte medicinal ao mais pobre e ao mais rico, e que se foi tão imprudente! E onde estava seu espírito vingador, seu Lasher, que procurou poupar-lhe a dor destruindo seu marido, e que a levou àquela cela miserável? Estaria ele com ela, segundo o que ela mesma disse? Não foi seu nome o que ela gritou ao ser torturada. Foi o meu e o do seu velho e bom marido Roelant.

Stefan, estou escrevendo ainda esta noite tanto para que fique registrado o quanto sofri para afugentar a loucura. Agora estou exausto. Fiz minha mala e estou pronto para sair desta cidade assim que tiver presenciado o final dessa história.

Lacrarei esta carta e a colocarei na mala com a nota costumeira, de que, na eventualidade da minha morte, uma recompensa estará à sua espera em Amsterdã, caso ela seja entregue, e assim por diante.

Pois não sei o que trará a luz do dia. E continuarei esta tragédia com uma nova carta se amanhã à noite estiver instalado numa outra cidade.

O sol mal começa a entrar pelas janelas. Rezo para que de algum modo Deborah possa se salvar, mas sei que isso está fora de cogitação. E Stefan, eu invocaria a mim seu demônio, se achasse que ele me daria ouvidos. Eu tentaria dar-lhe ordens para alguma ação desesperada. Mas sei que não tenho esse poder, e por isso espero.

Seu fiel companheiro no Talamasca,

Petyr van Abel

Montcleve

Dia de São Miguel, 1689

Michael havia terminado a primeira transcrição. Retirou a segunda do envelope de papel pardo e ficou ali sentado um tempo, com as mãos firmes sobre o documento, torcendo estupidamente para que de algum modo Deborah não fosse queimada.

E então, incapaz de permanecer ali sentado quieto mais um minuto sequer, ele apanhou o telefone, chamou a Aaron.

- Aquele quadro em Amsterdã, Aaron, o que foi pintado por Rembrandt, vocês ainda o possuem?

- Claro, ele ainda está lá, Michael, na matriz de Amsterdã. Já pedi que me fosse enviada uma foto dos arquivos. Vai levar algum tempo.

- Aaron, você sabe que ela é a mulher de cabelos escuros! Você sabe que é. E a esmeralda deve ser a jóia que eu vi. Aaron, eu poderia jurar que conheço Deborah. Ela deve ser a mulher que me apareceu, e trazia a esmeralda ao pescoço. E Lasher foi a palavra que eu disse ao abrir os olhos no barco.

- Mas você não se lembra realmente dela?

- Não, mas tenho certeza... E Aaron...

- Michael, procure não interpretar, nem analisar. Prossiga com a leitura. Não temos muito tempo.

- Preciso de lápis e papel para fazer anotações.

- O que você precisa é de um caderno no qual possa registrar tudo o que lhe ocorra assim como qualquer coisa que lhe volte à mente acerca das visões.

- Isso mesmo. Gostaria de ter usado um caderno desde o início.

- Já vou providenciar um. Permita-me recomendar que você registre a data de cada anotação, como faria num diário informal. Mas continue por favor. Daqui a pouco, vai chegar mais café fresco. Qualquer outra coisa, pode me chamar.

- Tudo bem. Aaron, há tantas coisas...

- Eu sei, Michael. Procure se manter calmo. Leia, apenas.

Michael desligou, acendeu um cigarro, bebeu um pouco mais do café velho e ficou olhando a capa do segundo arquivo. Ao ouvir baterem à porta, ele foi até lá.

A mulher simpática que ele havia visto mais cedo no corredor estava ali com mais café, algumas canetas e um belo caderno com capa de couro e papel pautado muito branco. Ela deixou a bandeja sobre a escrivaninha, retirou a anterior e saiu em silêncio.

Michael sentou-se novamente, serviu uma xícara de café preto e abriu imediatamente o caderno, registrando a data e fazendo sua primeira anotação.

"Após ler a primeira pasta de arquivo, sei que Deborah é a mulher que vi nas visões. Eu a conheço. Conheço seu rosto e sua personalidade. Se tentar, poderei ouvir a sua voz".

"E creio ser mais do que certo supor que a palavra que disse a Rowan quando acordei foi Lasher. Mas Aaron tem razão. Não me lembro realmente disso. Só sei".

"E é claro que o poder das minhas mãos está relacionado. Mas de que modo ele deverá ser usado? Certamente, não para tocar objetos aleatoriamente, como venho fazendo, mas para tocar algo específico..."

"Mas ainda é cedo demais para tirar conclusões..."

Se ao menos eu tivesse algo que pertenceu a Deborah para tocar, pensou ele. Pressentiu, porém, que não havia nada, ou Aaron também teria mandado buscar o que houvesse. Examinou as fotocópias das cartas de Petyr van. Era só isso o que eram: fotocópias. Não serviam para suas mãos ansiosas.

Pensou um pouco, se é que se podia chamar de pensamento na confusão na sua mente, e depois desenhou no caderno um colar, com a gema retangular no centro, cercada por uma filigrana, suspensa de corrente de ouro. Fez o desenho como fazia desenhos arquitetônicos, linhas retas muito nítidas e detalhes levemente sombreados.

Examinou a ilustração, com os dedos enluvados da mão esquerda e depois se fechando num punho, quando ele pôs a mão sobre a mesa. Estava a ponto de riscar o desenho, quando decidiu mantê-lo. Abriu, então, o segundo arquivo e começou a ler.

Capítulo 14

O ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

CAPITULO II

Marselha, França

4 de outubro de 1689,

Caro Stefan,

Cá estou em Marselha após alguns dias de viagem de Montcleve, durante os quais descansei em Saint-Rémy e segui meu caminho dali com muita lentidão, devido ao ferimento no meu ombro e na minha alma.

Já retirei dinheiro com nosso agente aqui e enviarei esta carta menos de uma hora após terminá-la. Você irá, assim, recebê-la logo após minha carta anterior, que enviei ao chegar ontem à noite.

Estou infeliz, Stefan. Os confortos de uma estalagem grande e razoável aqui significam pouco ou nada para mim, embora esteja satisfeito de me encontrar fora das pequenas aldeias e numa cidade de certo porte, onde não posso deixar de me sentir à vontade e com alguma segurança.

Se chegaram notícias aqui do ocorrido em Montcleve, eu ainda não as ouvi. E, como guardei meus trajes de religioso na periferia de Saint-Rémy e desde então sou um próspero viajante holandês, creio que ninguém vai me perturbar a respeito desses recentes acontecimentos nas montanhas, pois o que eu poderia saber dessas coisas? Mais uma vez escrevo para afugentar a loucura tanto quanto para mantê-lo informado, o que é minha obrigação, e dar continuidade ao assunto.

A execução de Deborah começou de modo semelhante a muitas outras, pois, assim que a luz da manhã caiu sobre a praça diante das portas da catedral de Saint-Michel, toda a cidade ali se reuniu, com os vendedores de vinho fazendo bons negócios, e a velha condessa, vestida de preto, apresentando-se com os dois meninos trêmulos, ambos de pele morena e cabelos escuros para provar o sangue espanhol nas suas veias, mas com uma altura e uma delicadeza óssea que denunciavam o sangue da sua mãe.

Os dois estavam assustadíssimos quando foram levados até o alto do palanque diante da cadeia, voltado para a pira.

O pequeno Chrétien pareceu começar a chorar e a se agarrar à avó, diante do que sussurros nervosos se espalharam pela multidão, "Chrétien, olhem para Chrétien". Seus lábios tremiam quando fizeram com que se sentasse, mas seu irmão mais velho, Philippe, demonstrava apenas medo e talvez ódio do que via ao seu redor. A velha condessa abraçou e consolou os dois, e do seu outro lado deu as boas-vindas à condessa de Chamillart e ao inquisidor, o padre Louvier, com dois jovens clérigos em finos trajes.

Mais quatro padres, não sei vindos de onde, também ocupavam os lugares mais altos, e um pequeno bando de homens armados estava a postos aos pés do palanque, sendo estes as autoridades locais, ao que pude supor.

Outras importantes personalidades, ou uma enorme coleção daqueles que se crêem importantes, ocupou o restante dos lugares com grande rapidez e, se havia alguma janela em qualquer canto que não estivesse aberta antes, ela agora estava aberta é cheia de rostos ansiosos. Os que se encontravam a pé chegavam tão perto da pira que não pude deixar de me perguntar como se livrariam de serem queimados.

Um pequeno grupo de homens armados, trazendo consigo uma escada, apareceu em meio à multidão e encostou a escada na pira. O pequeno Chrétien viu isso e mais uma vez se voltou cheio de medo para a avó, soluçando enquanto chorava, mas o jovem Philippe continuou como antes. Afinal, abriram-se com violência as portas de Saint-Michel, e apareceu abaixo do arco, na própria soleira, o vigário e alguma autoridade desprezível, provavelmente o prefeito do

local, que trazia nas mãos um pergaminho enrolado. Um par de guardas armados apresentou-se à direita e à esquerda.

E entre eles, surgiu minha Deborah diante de uma platéia silenciada e pasma. Ereta e com a cabeça alta, o corpo magro coberto por uma túnica branca que cala até os pés descalços, e nas mãos a vela de três quilos que ela segurava à sua frente enquanto seus olhos esquadrihavam a multidão.

Nunca vi tanto destemor na minha vida, Stefan, embora, quando olhava da janela da estalagem ali em frente e meus olhos encontraram os de Deborah, minha visão ficasse nublada com lágrimas. Não posso dizer ao certo o que se seguiu, a não ser que no exato momento em que as cabeças poderiam ter se voltado para ver essa pessoa que a "bruxa" encarava tão fixamente, Deborah desviou o olhar e mais uma vez examinou o cenário à sua frente, detendo-se com igual cuidado nas barracas - dos vendedores de vinho e dos ambulantes, nos grupos aleatórios de pessoas que recuavam diante do seu olhar, e afinal no alto palanque armado ali, na velha condessa, que se enrijeceu com essa acusação muda, na condessa de Chamillart, que imediatamente se contorceu no seu lugar, com o rosto enrubescido ao se voltar em pânico para a velha condessa que permanecia tão inabalável quanto antes.

Enquanto isso, o padre Louvier, o grande e vitorioso inquisidor, gritava em voz rouca para que o prefeito lesse a proclamação que trazia nas mãos e para que "desse início à solenidade".

Surgiu um alvoroço entre os presentes, e o prefeito pigarreou para começar a leitura. Foi então que me certifiquei do que já havia visto mas que não havia notado, de que os pés e as mãos de Deborah estavam livres.

Era agora minha intenção deixar a janela e abrir caminho, à força se necessário, até a primeira fileira da multidão para que eu pudesse estar ao seu lado, sem me importar com o perigo que isso poderia representar.

E eu estava prestes a me afastar da janela quando o prefeito começou a ler o texto em latim, com uma lentidão torturante, e a voz de Deborah ressoou, fazendo com que ele se calasse e exigindo o silêncio da multidão.

- Nunca lhes fiz mal, nem ao mais pobre de vocês! - declarou ela, falando devagar e bem alto, com a voz ecoando nas paredes de pedra. E, quando o padre Louvier se levantou e pediu silêncio aos gritos, ela ergueu ainda mais a voz e declarou que iria falar.

- Silenciem essa mulher! - determinou a velha condessa, agora enfurecida, é mais uma vez Louvier ordenou aos berros que o prefeito lesse a proclamação. O vigário apavorado recorreu aos seus guardas armados, mas eles haviam se afastado, aparentando temor enquanto observavam Deborah e a multidão assustada.

- Vocês hão de me ouvir! - gritou Deborah, tão alto quanto antes. E, ao dar um passo à frente, para se colocar por inteiro à luz do sol, a multidão recuou como uma imensa massa pululante.

- Fui condenada injustamente por bruxaria - gritou Deborah.
- Pois não sou herege, não idolatro Satã e não prejudiquei nenhum ser humano daqui.

E antes que a velha condessa pudesse reagir, Deborah prosseguiu.

- Vocês, meus filhos, testemunharam contra mim e por isso eu os renego e a senhora, minha querida sogra, se

condenou ao inferno com suas mentiras.

- Bruxa! - gritou, histérica, a condessa de Chamillart, agora em pânico. - Vamos queimá-la. joguem-na na fogueira.

Com isso, alguns pareceram vir à frente, tanto por medo quanto por um desejo de heroísmo, talvez para obter favores ou talvez mesmo por pura confusão. Os guardas armados, no entanto, não se mexeram.

- Bruxa, vocês me chamam! - respondeu Deborah imediatamente. E, com um largo gesto, jogou o círio sobre o chão de pedras e lançou as mãos aos céus diante dos homens que a teriam agarrado mas que não o fizeram. - Ouçam! Vou mostrar-lhes bruxarias que nunca lhes mostrei antes!

A multidão estava agora totalmente apavorada. Alguns deixavam a praça, outros se acotovelavam para alcançar as ruas estreitas que saíam dali. E até mesmos convidados no palanque estavam em pé. O pequeno Chrétien enfiou o rosto no vestido da velha condessa e mais uma vez tremia ao soluçar.

Mesmo assim, os olhos de centenas de pessoas naquele local estreito permaneciam fixos em Deborah, que havia erguido os braços magros e machucados. Seus lábios se mexeram, mas eu não pude ouvir suas palavras, pois gritos agudos subiam de alguma janela mais baixa e em seguida ouviu-se um ronco acima dos telhados, muito mais fraco do que o do trovão e, por isso, mais terrível. Formava-se uma forte ventania e com ela surgiu mais um ruído, um som baixo de coisas estalando e quebrando, que a princípio não reconheci e depois me lembrei de muitas tempestades: os velhos telhados do local estavam entregando ao vento suas telhas soltas e quebradas.

Imediatamente as telhas começaram a cair dos parapeitos como chuva, aqui uma a uma, mais ali em grupos de meia dúzia, e o vento uivava e ganhava forças sobre a praça. As venezianas de madeira das estalagens começavam a bater forçando as dobradiças, e minha Deborah gritou novamente, mais alto do que esse barulho e do que os gritos frenéticos da multidão.

- Venha agora, meu Lasher, venha me vingar! Destrua meus inimigos! - Curvando-se ao meio, ela ergueu as mãos, com o rosto vermelho e enfurecido.

- Eu o vejo, Lasher. Eu o conheço. Eu o chamo! - E voltando a ficar ereta, com os braços abertos. - Destrua meus filhos, destrua quem me acusou! Destrua os que vieram para me ver morrer!

E as telhas caíam com estrondo dos telhados da igreja, da prisão, da sacristia e das estalagens, atingindo a cabeça dos que berravam ali embaixo. E, com o vento, o palanque construído de tábuas frágeis, varas e cordas com uma argamassa grosseira começou a oscilar enquanto os que se agarravam a ele berravam por suas vidas. Apenas o padre Louvier mantinha-se firme.

- Queimem a bruxa! - gritou ele, tentando passar por entre os homens e mulheres em pânico que calam uns sobre os outros na tentativa de escapar. - Queimem a bruxa, e a tempestade passará.

Ninguém se mexeu para obedecer sua ordem. E embora apenas a igreja pudesse oferecer abrigo numa tormenta daquelas, ninguém ousava se aproximar dela, já que Deborah ocupava a porta com seus braços esticados. Os guardas armados haviam fugido dela em pânico. O padre da

paróquia estava encolhido ao longe. O prefeito não era visto em parte alguma.

O próprio céu acima, da cidade havia escurecido, e as pessoas lutavam, xingavam e caíam na praça apinhada. Com a cruel chuva de telhas a velha condessa foi atingida, caiu para a frente, perdeu o equilíbrio e, passando por cima dos corpos que se contorciam à sua frente, bateu direto nas pedras. Os dois meninos estavam abraçados quando uma saraivada de pedras soltas da fachada da igreja caiu sobre eles. Chrétien inclinou-se sob o ataque das pedras como uma árvore numa tempestade de granizo, recebendo, então, um golpe que o deixou inconsciente, de joelhos.

Agora, o próprio palanque desmoronou, trazendo consigo os dois meninos e umas vinte pessoas ou mais que ainda lutavam para se proteger. Ao que eu pudesse ver, todos os guardas haviam abandonado a praça e o vigário não estava mais ali. Vi, então, minha Deborah recuar para as sombras da igreja, embora seus olhos continuassem nos céus.

- Eu o vejo, Lasher! - exclamou. - Meu belo e forte Lasher! E desapareceu na escuridão da nave.

Diante disso, saí correndo da janela, descí as escadas e entrei no tumulto, da praça. Não poderia lhe dizer o que estava na minha cabeça, a não ser que, fosse algum meio de alcançá-la e, protegidos pelo pânico à nossa volta, tirá-la a salvo daquele lugar.

No entanto, enquanto atravessava correndo o espaço aberto, com as telhas voando em todas as direções, uma delas atingiu meu ombro e uma outra minha, mão esquerda. Eu não via sombra de Deborah, apenas as portas da igreja que, apesar de serem imensamente pesadas, balançavam com o vento.

Algumas venezianas haviam se soltado, caindo sobre o povo enlouquecido que não conseguia fugir pelas ruelas estreitas. Havia corpos empilhados em cada arco, em cada portal. A velha condessa jazia morta, com os olhos abertos para os céus, enquanto homens e mulheres tropeçavam nos seus membros. E nos destroços do palanque estava o corpo de Chrétien, o menor, tão retorcido que não podia nele restar vida.

Philippe, o mais velho, estava engatinhando à procura de abrigo, aparentemente com a perna quebrada, quando uma veneziana de madeira o atingiu no pescoço, quebrando-o de tal modo que ele caiu morto.

Foi então que alguém perto de mim, recuando intimidado contra a parede, gritou enquanto apontava para o alto.

- A condessa!

Lá estava ela, bem alto nos parapeitos da igreja, pois ela havia ali entrado para subir. Equilibrando-se perigosamente sobre a muralha, ela mais uma vez ergueu as mãos para os céus e invocou o espírito. No entanto, com o uivar do vento, os gritos dos aflitos, o barulho das telhas, das pedras e das madeiras quebradas, eu não podia ter esperança de discernir suas palavras.

Corri na direção da igreja e, uma vez dentro dela, procurei em pânico pela escada. Louvier também estava lá, correndo de um lado para o outro. Ele descobriu a escada antes de mim e começou a subir à minha frente.

Eu corri atrás dele, subindo cada vez mais, sempre vendo suas saias negras bem no alto e ouvindo o estalar dos seus sapatos nas pedras. Ah, Stefan, se ao menos eu tivesse uma adaga, mas, não tinha.

Quando chegamos aos parapeitos abertos e ele saiu correndo à minha frente, vi o corpo magro de Deborah como sair voando do telhado. Aproximei-me da beira, olhando para a carnificina lá embaixo e a vi caída, destruída, nas pedras. Seu rosto estava voltado para cima, um dos braços debaixo da cabeça e o outro, inerte sobre o peito, e seus olhos estavam fechados como se ela estivesse dormindo.

Louvier praguejou ao vê-la.

- Queimem a bruxa! Ponham seu corpo no alto da pira! Gritou em vão. Ninguém o ouvia. Consternado, ele se voltou, talvez com a intenção de descer e continuar a coordenar a solenidade. Foi então que me viu ali, parado.

E, com uma expressão de imenso espanto, ele me olhou indefeso e confuso quando eu, sem hesitação, o empurrei para trás, pondo toda minha força no seu peito, até ele sair voando da beira do telhado.

Ninguém presenciou isso, Stefan. Estávamos no ponto mais alto de Montcleve. Nenhum outro telhado se erguia mais alto do que o da igreja. Nem mesmo o distante Château tinha visão desse parapeito e aqueles que se encontravam lá embaixo não poderiam ter me visto já que o próprio Louvier me servia de escudo enquanto eu o empurrava. No entanto, mesmo que eu possa me enganar quanto a essa possibilidade, o fato é que ninguém me viu.

Recuei imediatamente, certificando-me de que ninguém me havia seguido até ali, desci e fui até a porta da igreja. Lá estava minha obra, Louvier, tão morto quanto minha, Deborah, caído muito perto dela, com o crânio esmagado sangrando e os olhos abertos naquela expressão obtusa que os mortos têm e que quase nunca um ser humano com vida consegue chegar a imitar bem.

Quanto tempo a tormenta continuou, não sei lhe dizer. Só que ela já estava amainando quando cheguei à porta da igreja. Talvez uns quinze minutos, o tempo exato que o maldito havia concedido a Deborah para sua morte na fogueira. Das sombras da entrada da igreja, vi a praça vazia, afinal, com as últimas pessoas pulando sobre os corpos que agora bloqueavam as ruas laterais. Vi o céu clarear. Ouvi a tormenta passar. Fiquei ali imóvel, olhando em silêncio para o corpo da minha Deborah, e vi que o sangue escorria da sua boca e que sua túnica branca estava também manchada de sangue.

Depois de um tempo considerável, grande quantidade de pessoas voltou ao espaço aberto da praça, a examinar os corpos dos mortos e os daqueles que ainda estavam vivos e choravam, implorando ajuda. Aqui e ali os feridos eram recolhidos e levados embora. O estalajadeiro saiu correndo, com o filho ao lado, e se ajoelhou junto ao corpo de Louvier.

Foi o filho quem me viu, se aproximou de mim e me disse totalmente perturbado que o vigário da paróquia estava morto, bem como o prefeito. O filho tinha um ar atarantado, como se não pudesse acreditar que ainda estivesse vivo e que houvesse testemunhado um fenômeno semelhante.

- Eu lhe disse que ela era uma bruxa terrível - disse ele, baixinho, para mim. E, enquanto estava ao meu lado, olhando espantado para ela, vimos os guardas armados que se reuniam, muito abalados, machucados e temerosos, obedecendo as ordens de um jovem clérigo cuja testa sangrava. Eles levantaram o corpo de Deborah e, olhando ao redor como se temessem a volta da tormenta o que não aconteceu, levaram-no para a pira. A lenha e o carvão começaram a ruir à medida que eles subiam pela escada ali encostada. Eles depositaram o corpo com cuidado e se afastaram às pressas.

Outros se reuniram quando o jovem clérigo, de batina rasgada e com a cabeça ainda sangrando, acendeu as tochas, e rapidamente a estrutura inteira estava em chamas. O jovem clérigo ficou ali muito perto, olhando a madeira queimar para depois recuar cambaleante e cair desmaiado, ou talvez morto.

Eu tinha esperança de que estivesse morto.

Mais uma vez, subi a escadaria. Saí até o telhado da igreja. Olhei lá embaixo o corpo da minha Deborah, morto, imóvel, livre de qualquer dor, enquanto ele era consumido pelas chamas. Passei os olhos pelos telhados, agora todos malhados nos lugares em que as telhas haviam sido arrancadas, e pensei no espírito de Deborah, perguntando-me se ele havia subido pelas nuvens acima. Só quando a fumaça que subia se tornou tão espessa e seu cheiro tão forte com a lenha, o carvão e a resina a ponto de eu não conseguir mais respirar, foi que me afastei. De volta à estalagem, onde os homens bebiam e tagarelavam sem parar, confusos, espiando o fogo lá fora e depois recuando da porta intimidados, apanhei minha valise e descí à procura do meu cavalo. Com o tumulto, ele havia fugido.

Ao ver um outro animal, aos cuidados de um apavorado menino de estábulo e pronto para ser montado, consegui comprá-lo pelo dobro do que valia, embora fosse grande a probabilidade de ele não pertencer a quem o vendeu. Saí, assim, da cidade.

Depois de muitas horas de lenta viagem através da floresta, com muita dor no ombro e dor muito maior no meu íntimo, cheguei a Saint-Rémy e ali caí num sono profundo.

Naquela cidade ainda não havia chegado notícia do acontecido, e eu parti bem cedo para o sul na direção de

Marselha.

Há duas noites que fico deitado na cama meio dormindo, meio sonhando, e pensando nas coisas que vi. Chorei por Deborah até não ter mais lágrimas dentro de mim. Refleti sobre meu crime e percebi que não sentia culpa, apenas a convicção de que o teria cometido outra vez. Durante toda a minha vida no Talamasca, nunca ergui a mão para outro homem.

Conversei, procurei convencer, fiz vista grossa e menti, esforçando-me ao máximo para derrotar as forças das trevas, como as conhecia, e servir as forças do bem. Em Montcleve, porém, meu sangue subiu, e com ele, minha integridade e minha vingança. Alegro-me por ter jogado aquele maldito do telhado da igreja, se é que essa satisfação silenciosa pode ser chamada de alegria.

Mesmo assim, cometi assassinato, Stefan. Você tem em seu poder minha confissão. E não espero outra coisa a não ser sua condenação e a condenação da Ordem, pois desde quando nossos estudiosos saíram por aí a assassinar, a empurrar juizes de bruxas dos telhados das igrejas como eu fiz?

Tudo o que posso alegar em minha defesa é que o crime foi cometido num momento de paixão e de irracionalidade. No entanto, não me arrependo. Você saberá disso assim que puser os olhos em mim. Não tenho mentiras a lhe contar para tornar as coisas mais simples.

No momento em que escrevo, no entanto, meu pensamento não está nesse assassinato. Está, sim, na minha Deborah, no espírito Lasher e no que vi com meus próprios olhos em Montcleve. Está em Charlotte Fontenay, a filha de Deborah, que viajou não para a Martinica, como crêem seus inimigos,

mas para Port-au-Prince em Saint Domingue, como talvez só eu saiba.

Stefan, não posso deixar de prosseguir na minha investigação desse caso. Não posso largar a pena, cair de joelhos, dizer que matei um padre e que, por isso, devo renunciar ao mundo e ao meu trabalho. Por isso, eu, o assassino, prossigo, como se nunca houvesse conspurcado a questão com meu próprio crime ou minha própria confissão.

O que devo fazer agora é procurar essa infeliz Charlotte - não importa quão longa seja a viagem - e abrir meu coração para ela, contando-lhe tudo o que vi e tudo o que sei.

Não pode se tratar de uma simples exposição, de nenhum apelo à sanidade, nenhuma súplica sentimental como as que fiz na juventude a Deborah. Meus argumentos precisarão ter substância. É necessário que haja uma conversa entre nós, para que essa mulher me permita examinar com ela essa coisa surgida do invisível e do caos para fazer maiores estragos do que qualquer demônio ou espírito de que eu tenha ouvido falar.

Pois esse é o cerne da questão, Stefan. O ser é apavorante, e toda e qualquer bruxa que procurar dominá-lo acabará perdendo o controle sobre ele. Disso não tenho dúvida. Mas qual será a trajetória dele mesmo?

É fato que ele destruiu o marido de Deborah com base no que sabia a respeito. Por que não contou à própria bruxa? E o que queriam dizer as afirmações de Deborah de que esse ser estava aprendendo, declarações que me fez duas vezes, a primeira há muitos anos em Amsterdã, a segunda há pouco antes desses trágicos acontecimentos?

O que pretendo fazer é examinar a natureza do ser, o fato de ele querer poupar sofrimento a Deborah ao destruir o marido por ela, sem lhe dizer motivos, embora tivesse de confessá-los quando interrogado. Ou ele teria apenas se adiantado, fazendo por ela o que ela teria feito, para demonstrar que era um espírito valoroso e inteligente.

Qualquer que seja a resposta, esse é um espírito raríssimo e extremamente interessante. E imagine sua força Stefan, pois em nada exagerei o que ocorreu à população de Montcleve. Logo você ouvirá falar nisso, pois foi surpreendente demais e horrível demais para que a história não se espalhe por toda parte.

Agora, nessas longas horas de tormento e desgosto que passei deitado aqui, estudei meticulosamente na lembrança tudo o que li um dia acerca dos antigos conhecimentos sobre espíritos, demônios e semelhantes. Refleti sobre as obras dos magos, suas advertências, os episódios e ensinamentos dos padres da Igreja, pois não importa o quanto sejam tolos sob certos aspectos, os padres da Igreja conhecem alguma coisa a respeito dos espíritos, tema sobre o qual revelam concordar com os antigos e essa concordância já é um ponto significativo.

Pois, se o romanos, os gregos, os estudiosos hebreus e os cristãos descrevem todos as mesmas entidades, fazem as mesmas advertências e ensinam as mesmas fórmulas para seu controle, então, sem dúvida, isso é algo que não se deve descartar.

E, ao que eu saiba, não houve nação ou tribo que não reconhecesse a existência de muitos serem invisíveis, classificando-os em espíritos bons e maus, de acordo com seu efeito sobre os homens.

Nos primórdios do cristianismo, os padres da Igreja acreditavam que esses espíritos tratavam-se na realidade de antigos deuses pagãos. Ou seja, eles acreditavam que esses deuses existiam e que eram criaturas com poderes inferiores, crença que sem dúvida a Igreja não aceita mais.

No entanto, os juizes de bruxas persistem com essa crença, de modo primitivo e ignorante, pois, quando acusam a bruxa de sair cavalcando pela noite, eles a estão acusando, com palavras tolas, da antiga crença na deusa Diana, que era realmente disseminada pela Europa antes do advento do cristianismo e o diabo em forma de bode que a bruxa beija não é outro a não ser o deus pagão Pã.

O juiz de bruxas não sabe, porém, que é isso o que faz. De forma dogmática, ele crê apenas em Satã, "o Diabo", e nos seus demônios. E o historiador precisa salientar para ele, mesmo que nada resulte disso, que as invenções encontradas nas demonologias provêm da cultura camponesa pagã.

Voltando, porém, ao raciocínio principal, todos os povos sempre acreditaram nos espíritos. E todos os povos nos disseram algo sobre os espíritos e é o que eles nos deixaram que devo examinar aqui. E se a memória ainda me vale, devo declarar que o que concluimos das lendas, dos livros de magia e das demonologias é que existe uma legião de entidades que podem ser invocadas pelo nome e comandadas por bruxas ou feiticeiros. Na realidade, o Livro de Salomão as descreve como numerosas e fornece não só os nomes e características desses seres, como também a forma sob a qual preferem aparecer.

E, embora nós do Talamasca há muito sustentemos que a maioria desses relatos é pura fantasia, nós sabemos que essas entidades existem, e sabemos que os livros contêm

algumas advertências válidas quanto ao perigo inerente à invocação desses seres, pois eles podem nos conceder nossos desejos em termos que nos fazem clamar aos céus em desespero, como fica explícito na antiga lenda do rei Midas e na história popular dos três pedidos.

Na verdade, em qualquer idioma, define-se a sabedoria do mago como o conhecimento necessário para conter e usar com cuidado o poder dessas criaturas invisíveis, de tal modo que esse poder não se volte contra o mago de alguma forma imprevista.

No entanto, não importa o quanto se leia a respeito do aprendizado sobre os espíritos, onde é que se ouviu falar de ensinar os espíritos a aprender? Onde se ouviu falar de que eles se modifiquem? Que se fortaleçam através da invocação, sim, mas que se modifiquem?

E por duas vezes Deborah me falou exatamente disso, da instrução do seu espírito, Lasher, o que significa que a criatura pode mudar. Stefan, o que percebo é que esse ser, invocado da invisibilidade e do caos pela tola Suzanne, é um total mistério nesse estágio da sua existência como servo dessas bruxas se aperfeiçoou, por meio da orientação de Deborah, passando de um mero espírito do ar, capaz de criar tempestades, a um horrendo demônio capaz de matar os inimigos da bruxa segundo suas ordens. E para mim há ainda mais na história, que Deborah não teve tempo nem forças para me relatar, mas que eu preciso levar ao conhecimento de Charlotte, embora não com o objetivo de guiá-la na sua devoção a esse ser, mas na esperança de me interpor entre ela e o demônio e conseguir sua dissolução de algum modo.

Pois, Stefan, quando examino as palavras do ser a mim mencionadas por Deborah, acredito que esse espírito tem

não só características a serem aprendidas pela bruxa, mas também uma personalidade através da qual ele aprende. Em suma, não apenas uma natureza a ser compreendida, mas talvez uma alma com a qual ele compreende.

Além disso, também estou disposto a apostar que essa Charlotte Fontenay não sabe praticamente nada acerca do espírito, que ela não aprendeu a arte da magia com Deborah, que somente no último instante Deborah revelou seus segredos a Charlotte, exigiu a lealdade da filha e a mandou embora com sua bênção para que Charlotte pudesse sobreviver a ela, sem presenciar seu sofrimento na fogueira.

Minha filha querida, ela a chamou, do que me lembro bem.

Stefan, preciso ter permissão para ir até Charlotte. Não posso recuar, como fiz há anos afastando-me de Deborah sob as ordens de Roemer Franz. Pois, se eu tivesse discutido com Deborah e estudado com ela, talvez tivesse conseguido conquistar alguma confiança, e esse ser poderia ter sido renegado.

Finalmente, Stefan, considere meu pedido para esta missão à luz de mais dois motivos. O primeiro sendo que amei Deborah e que não obtive sucesso no seu caso e que, portanto, devo procurar sua filha, pois isso é o mínimo que se exige de mim em virtude do que se passou entre mim e sua mãe no passado.

E o segundo, que tenho comigo dinheiro suficiente para ir até Saint Domingue e posso retirar mais com nosso agente aqui, que me adiantará mais do que o suficiente. Além de que posso ir mesmo que vocês não me permitam. Mas, por favor, não me faça desrespeitar as normas da Ordem. Dê-me sua permissão. Mande-me para Saint Domingue. Pois

acontece que é para lá que vou. Seu fiei companheiro no Talamasca,

Petyr van Abel

Marselha

O Talamasca

Amsterdã

Petyr van Abel

Marselha Caro Petyr,

Suas cartas nunca deixam de nos surpreender, mas você superou todos os seus triunfos passados com essas duas últimas de Marselha.

Todos aqui as leram, palavra por palavra. Reuniu-se o conselho, e são as seguintes as nossas recomendações: Que você volte imediatamente para Amsterdã.

Compreendemos muito bem suas razões para querer viajar até Saint Domingue, mas não podemos permitir tal viagem. E pedimos que compreenda que, por sua própria confissão, você se tornou parte do mal do demônio de Deborah

Mayfair. Ao empurrar o padre Louvier do telhado, você realizou os desejos da mulher e do seu espírito.

O fato de você ter violado as normas do Talamasca com esse ato irrefletido nos preocupa profundamente pois tememos por você. Todos estamos de acordo quanto à necessidade de que você volte para casa para se aconselhar com os que aqui estão e para recuperar sua consciência e seu discernimento.

Petyr, você está recebendo ordens sob o risco de excomunhão. Volte imediatamente para nós.

À história de Deborah Mayfair devotamos muito estudo, levando em consideração suas cartas a nós bem como as pouquíssimas observações que Roemer Franz achou por bem deixar por escrito (Nota do Tradutor: até a presente data, esses comentários não foram encontrados). E concordamos com você quanto ao fato de que essa mulher e o que ela fez com seu espírito são de considerável interesse para o Talamasca. Por favor, compreenda que pretendemos descobrir o que for possível a respeito de Charlotte Fontenay e da sua vida em Saint Domingue.

Não é algo improvável que no futuro mandemos às Antilhas um enviado para falar com essa mulher e aprender o que for possível. Agora, porém, isso está fora de cogitação.

A prudência determina que, após seu retorno a Amsterdã, você escreva a essa mulher e leve ao seu conhecimento as circunstâncias da morte da sua mãe, omitindo seu crime contra o padre Louvier, pois não haveria nenhum bom motivo para divulgar sua culpa, e transmitindo a Charlotte Fontenay tudo o que sua mãe disse. Seria mais do que aconselhável que a convidasse a manter uma correspondência com você e é possível que você talvez

exercesse sobre ela uma influência benéfica, sem correr nenhum risco.

Isso é tudo o que você pode fazer com relação a Charlotte Fontenay. Mais uma vez, ordeno-lhe que retorne imediatamente. Venha por terra ou por mar, o mais rápido possível.

Não tenha dúvida, porém, do nosso amor e nossa alta consideração por você, bem como da nossa preocupação. Somos da opinião de que, caso você desobedeça, somente a aflição o aguarda nas Antilhas, se não algo pior. Chegamos a essa conclusão tanto por suas próprias palavras e confissões quanto por nossas premonições a respeito do assunto. Colocamos as mãos nas suas cartas. Vemos escuridão e tragédia no futuro.

Alexander, que, como você sabe, tem entre nós o maior poder de visão pelo tato garante que, se você for até Port-au-Prince, nunca mais o veremos. Ele está de cama por esse motivo e fica ali deitado, recusando-se a comer e falando apenas frases estranhas, quando resolve falar.

Devo ainda lhe dizer que Alexander foi até o saguão ao pé da escadaria e pôs as mãos sobre o retrato pintado por Rembrandt van Rijn. Ele recuou quase desmaiando, sem querer falar, e voltou ao seu quarto com a ajuda dos criados.

- Qual é o objetivo desse silêncio? - perguntei-lhe. Ao que ele me respondeu que o que via deixava claro que falar era em vão. Enfureci-me e exigi que ele me contasse.

- Vi apenas morte e destruição. Não havia imagens, números, nem palavras. O que você quer de mim? - prosseguiu dizendo que, se eu quisesse saber como era, bastava olhar de novo para o retrato, para a escuridão da

qual emergem eternamente seus temas, e ver como a luz atinge o rosto de Deborah apenas parcialmente, pois essa era a única luz que ele conseguia vislumbrar na história dessas mulheres, uma luz parcial e frágil, devorada para sempre pelas trevas. Rembrandt van Rijn captou apenas um momento, nada mais.

- Pode-se dizer o mesmo de qualquer vida, de qualquer história - insisti. - Não. Trata -se de uma profecia - declarou ele. - E, se Petyr for para as Antilhas, ele desaparecerá nas trevas das quais Deborah Mayfair, surgiu apenas por um instante.

Entenda como quiser essa agradável conversa! Não posso esconder de você que Alexander ainda adiantou que você iria para as Antilhas, que você ignoraria nossas ordens e nosso pronunciamento de excomunhão. Com isso, a escuridão cairia.

Você pode desafiar essa previsão e, se realmente for contra ela, estará fazendo imenso bem à saúde de Alexander, que está definhando. Volte para casa, Petyr!!!!

Como homem sensato, você sem dúvida sabe que nas Antilhas não é preciso encontrar demônios ou bruxas para se arriscar a própria vida. As febres, a peste, as rebeliões de escravos e os animais da selva esperam por você lá, depois de todos os perigos da viagem marítima.

Deixemos, porém, a questão dos motivos comuns contra essa viagem e a questão dos nossos poderes pessoais, para examinar os documentos que você nos enviou.

Realmente, uma história interessante. Há muito sabemos que a "bruxaria" é uma criação de juízes, padres, filósofos e homens supostamente eruditos. Que por meio da palavra impressa, eles disseminaram essa fantasia por toda a

Europa, pela região montanhosa da Escócia e talvez até pelo Novo Mundo afora.

Também há muito sabemos que os camponeses dos distritos rurais agora consideram suas benzedadeiras e parteiras como bruxas; e toda a miscelânea dos costumes e das superstições que outrora eram motivo de alta estima entre eles está agora mesclada com fantasias de diabos de pés de bode, sacrilégios e sabás ridículos.

No entanto, onde percebemos um exemplo mais perfeito de como as fantasias desses homens criaram uma bruxa do que no caso da tola Suzanne Mayfair, que, orientando-se diretamente nas demonologias, fez o que apenas uma em um milhão de mulheres conseguiria fazer: conjurou sozinha um verdadeiro espírito, e um espírito de poder formidável, um ser maldito que passou para Deborah, sua filha inteligente e amargurada, que foi além, praticando a magia negra para aperfeiçoar seu domínio sobre esse ser e que agora o transmitiu, sem dúvida junto com suas superstições, à sua filha no Novo Mundo?

Quem dentre nós não desejaria ter estado com você em Montcleve para presenciar o imenso poder desse espírito, e a destruição dos inimigos da sua senhora? E decerto, se algum de nós estivesse ao seu lado, seria ele quem deteria sua mão, permitindo que o bom padre Louvier encontrasse o próprio destino sem sua ajuda, Petyr.

Eu diria ainda que ninguém dentre nós deixa de compreender seu desejo de perseguir esse ser perverso e sua bruxa até Saint Domingue. O que eu não daria para falar com uma pessoa como essa Charlotte e perguntar o que ela aprendeu com a mãe e o que pretende fazer?

Petyr, você mesmo descreveu o poder desse espírito. Você relatou com fidelidade as estranhas declarações feitas a respeito dele pela falecida condessa Deborah Mayfair de Montcleve. Você deve saber que essa criatura procurará impedir que você se intrometa entre ela e Charlotte e que ela é capaz de apressar seu fim, como fez com o falecido conde de Montcleve.

Você só pode estar certo quando conclui que a criatura é mais inteligente do que a maioria dos espíritos, se não pelos seus atos, ao menos pelo que disse à bruxa.

É, é perfeitamente irresistível, essa trágica história. Mas você precisa voltar para casa e escrever suas cartas à filha de Deborah, na segurança de Amsterdã, permitindo que os navios holandeses as levem pelos mares.

Pode ser do seu interesse saber, enquanto se prepara para voltar, que acabamos de tomar conhecimento de que notícias da morte do padre Louvier chegaram à corte francesa.

Você não se surpreenderá ao saber, que uma tempestade atingiu a cidade de Montcleve no dia da execução de Deborah de Montcleve. Você talvez se interesse em ter a informação de que ela foi enviada por Deus para demonstrar seu desgosto com a disseminação da bruxaria na França e, em especial, sua condenação dessa mulher impenitente que não quis confessar mesmo sob tortura.

E sem dúvida seu coração se comoverá com o fato de o padre Louvier ter falecido enquanto tentava proteger outras pessoas de cacos de tijolos que caíam. Os mortos foram quinze, ao que soubemos, e a brava gente de Montcleve queimou a bruxa, terminando, assim, com a tempestade, pela vontade de Deus. E a lição a tirar disso tudo é que

Nosso Senhor Jesus Cristo quer ver mais bruxas descobertas e queimadas. Amém.

Eu me pergunto daqui a quanto tempo estaremos vendo tudo isso num panfleto recheado com os desenhos de costume e uma ladainha de inverdades. Sem dúvida, as gráficas, que vivem alimentando as chamas nas quais ardem as bruxas, já estão se esforçando ao máximo.

E onde, será que pode me dizer, onde está o juiz de bruxas que passou uma noite agradável junto à lareira da benzedeira de Donnelaith e que lhe mostrou os desenhos sinistros da sua demonologia? Estará morto e ardendo no inferno?

Nunca saberemos.

Petyr, não perca tempo escrevendo para nós. Basta que volte para casa. Saiba que nós o amamos e que não o condenamos por nada que tenha feito ou que venha a fazer. Dizemos o que acreditamos dever dizer!

Seu fiel companheiro no Talamasca,

Stefan Franck

Amsterdã

Caro Stefan,

Escrevo às pressas por já estar a bordo do navio francês Sainte-Hélène, com destino ao Novo Mundo, e um menino

está aqui à espera para levar esta carta para lhe ser enviada.

Antes que sua carta chegasse às minhas mãos, eu já havia retirado dos nossos agentes tudo o que precisava para a viagem. Comprei as roupas e os medicamentos que receio vir a precisar.

Vou ao encontro de Charlotte, pois não posso fazer outra coisa. Isso não o surpreenderá, e por favor diga a Alexander por mim que eu sei que ele agiria do mesmo modo se estivesse no meu lugar. Mesmo assim, Stefan, você se engana quando diz que eu estou enredado no mal desse espírito.

É verdade que desrespeitei as normas da Ordem só por Deborah Mayfair, tanto no passado quanto no presente, mas o espírito nunca fez parte do meu amor por Deborah. Quando matei o juiz de bruxas, fiz o que queria fazer. Matei-o por Deborah e por todas as pobres mulheres ignorantes que vi aos berros nas chamas, pelas mulheres que expiraram no cavalete ou nas frias celas das prisões, pelas famílias destruídas e pelas aldeias abandonadas em decorrência dessas terríveis mentiras.

Gasto meu tempo fazendo essa defesa de mim mesmo. Você é generoso ao não me condenar, pois, apesar de tudo, foi assassinato.

Permita-me também contar rapidamente que a história da tempestade em Montcleve chegou aqui há algum tempo e que está muito deturpada. Numa fala, ela é atribuída ao poder da bruxa em outra, à pura natureza. Considera-se que a morte de Louvier foi um acidente em meio ao tumulto, e há discussões intermináveis e cansativas acerca do que realmente ocorreu.

Agora posso falar do que mais me preocupa, que é o que soube recentemente de Charlotte Fontenay. Ela é muito lembrada aqui, pois foi a Marselha que veio e de Marselha que partiu. E o que me foi dito por várias pessoas é que ela é muito rica, belíssima e muito clara com uma ondulante cabeleira loura e sedutores olhos azuis. Que seu marido sofre de fato de uma grave invalidez decorrente de uma enfermidade infantil que provocou uma fraqueza progressiva nos seus membros. Ele é a sombra de um homem. Foi por esse motivo que Charlotte o trouxe a Montcleve, com um enorme séquito de negros para cuidar dele, a fim de pedir à mãe que o curasse e que também procurasse algum sinal da doença no filhinho pequeno de Charlotte. Na verdade, Deborah declarou o menino sadio. E mãe e filha criaram para o marido um bálsamo para seus membros que lhe proporcionou grande alívio, mas não conseguiu restaurar neles a sensibilidade. Acredita-se que ele logo estará tão incapacitado quanto o pai, que sofre do mesmo mal. Embora sua mente esteja lúcida e ele possa e dirigir os negócios da fazenda, diz-se que ele fica deitado inerte numa cama esplêndida, com negros a alimentá-lo e a limpá-lo como se fosse um bebê.

Esperava-se que a doença avançasse com mais lentidão em Antoine, que fazia bela figura na corte quando Charlotte o conheceu e aceitou sua proposta de casamento, apesar de na época ainda ser muito nova. É também de conhecimento geral aqui que Charlotte e o jovem Antoine estavam apreciando sua visita a Deborah e que já se encontravam lá há algumas semanas quando a família foi atingida pela tragédia da morte do conde, e o resto você já sabe. A não ser talvez pelo fato de as pessoas em Marselha não acreditarem tanto em bruxarias e atribuírem a loucura dessa perseguição à superstição dos montanheses. Mas o que seria dessa superstição sem o famoso juiz de bruxas a atiçá-la?

É fácil fazer perguntas sobre os dois já que ninguém aqui sabe que estive nas montanhas. E as pessoas que convido para tomar um copo de vinho comigo parecem realmente adorar falar em Charlotte e Antoine Fontenay, como os habitantes de Montcleve adoravam falar da família inteira.

Grande comoção causaram aqui Charlotte e o jovem Fontenay, pois os dois aparentemente vivem com muita extravagância e generosidade para com todos, distribuindo moedas como se fossem nada. Eles ainda compareceram à igreja daqui para a missa, com um séquito de negros, como faziam em Montcleve, o que atraía todos os olhares. Diz-se também que eles pagaram muito bem a cada médico daqui que consultaram a cerca do mal que acomete Antoine, e fala-se muito sobre a causa da sua enfermidade, se ela se origina do calor intenso das Antilhas, ou se é uma antiga doença da qual muitos europeus sofriam em tempos passados.

Entre essas pessoas não há a menor dúvida quanto à fortuna da família Fontenay e é certo que tinham agentes comerciais nesta cidade até há pouco tempo. No entanto, como partiram daqui com uma pressa incrível, antes que chegasse ao conhecimento geral a prisão de Deborah, eles cortaram seus vínculos com os agentes locais, e ninguém sabe para onde foram.

Agora, tenho algo mais a lhe dizer. Mantendo-me como um rico mercador holandês, com grandes despesas, consegui descobrir o nome de uma jovem muito graciosa e bonita, de boa família, que foi amiga de Charlotte Fontenay. Seu nome é associado ao de Charlotte sempre que esta última é mencionada em qualquer tipo de conversa. Ao declarar apenas ter conhecido e amado Deborah de Montcleve na sua juventude em Amsterdã, consegui conquistar a

confiança dessa senhora, e tive acesso a mais informações através dela.

Seu nome é Jeanne Angélique de Roulet, e ela estava na corte na época em que Charlotte lá estava. As duas foram apresentadas juntas à Sua Majestade. Jeanne de Roulet, nada temendo das superstições das montanhas, afirma que Charlotte é uma pessoa de temperamento doce e encantador, que nunca poderia ser uma bruxa. Ela também atribui à ignorância dos montanheses a possibilidade de alguém poder acreditar numa coisa dessas e mandou rezar uma missa pela alma da infeliz condessa.

Quanto a Antoine, a impressão que teve dele é a de que suporta sua doença com grande força de espírito, que ama de fato sua esposa e que, levando-se tudo em consideração, não é uma companhia desagradável para ela. No entanto, o motivo para sua longa viagem de volta a Deborah reside no fato do jovem não poder mais gerar filhos, tão grave é sua fraqueza, e de seu filho único, embora forte e saudável, talvez herdar a enfermidade. Ninguém sabe.

Foi ainda declarado que o pai de Antoine, o senhor da fazenda, estava a favor da viagem em virtude de sua ansiedade por netos homens, filhos de Antoine, e de sua condenação aos outros filhos, que são extremamente dissolutos e coabitam com amantes negras, raramente se dando ao trabalho de entrar na casa do pai.

Essa jovem mulher, por sinal, mantém uma grande devoção a Charlotte e lamenta que Charlotte não tenha podido se despedir dela antes de partir de Marselha. No entanto, em virtude dos horrores ocorridos nas montanhas Cévennes, tudo está perdoado.

Ao lhe ser perguntado por que ninguém se apresentou para defender Deborah no recente processo, a mulher teve de confessar que o conde de Montcleve jamais havia se apresentado à corte, da mesma forma que sua mãe, que houve um período na história em que eles eram huguenotes, que ninguém em Paris conhecia a condessa, que a própria Charlotte estivera naquela cidade por uma curta temporada e que, quando se divulgou a história de que Deborah de Montcleve era na realidade a filha ilegítima de uma bruxa escocesa, uma simples camponesa sob todos os aspectos, a indignação com sua desgraça transformou-se em piedade e afinal se reduziu a nada.

- Ah - diz a jovem senhora - essas montanhas e essas cidadezinhas!

Ela própria está determinada a voltar a Paris, pois o que existe fora de Paris? E quem pode esperar obter favores ou auxílio se não estiver em contato direto com o rei?

Isso é tudo o que tenho tempo para escrever. Zarpamos dentro de uma hora. Stefan, será que preciso deixar mais explícito? Preciso ver a moça, preciso adverti-la contra o espírito e de onde, pelo amor de Deus, você imagina que essa criança, nascida oito meses depois de Deborah se despedir de mim em Amsterdã, de onde ela foi tirar sua pele clara e seus cabelos louros?

Voltaremos a nos ver. Meu amor a todos vocês, irmãos e irmãs no Talamasca. Vou para o Novo Mundo cheio de expectativa. Verei Charlotte. Conquistarei essa criatura, Lasher, e talvez eu próprio me comunique com esse ser que tem voz e um poder imenso, e descubra com que objetivos ele aprende conosco.

Seu fiel companheiro de sempre no Talamasca,

Petyr van Abel

Marselha

O ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

CAPITULO III

Port-au-Prince

Saint-Domingue

Stefan,

Depois de duas breves missivas que lhe enviei dos portos em que fundeamos antes da nossa chegada, agora dou início ao diário encadernado das minhas viagens, no qual todos os registros serão dirigidos a você.

Se o tempo permitir, copiarei os registros e os mandarei sob a forma de cartas. Se o tempo não permitir, você receberá de mim o diário completo. Encontro-me, ao escrever, em acomodações extremamente confortáveis, se não luxuosas, aqui em Port-au-Prince. Passei duas horas caminhando por essa cidade colonial, deslumbrado com suas belas casas, esplêndidos prédios públicos, incluindo-se um teatro para a

apresentação da ópera italiana, bem como com os fazendeiros e suas esposas ricamente trajados e com a enorme quantidade de escravos.

Nenhum lugar por onde passei se equipara a Port-au-Prince no que diz respeito às suas qualidades exóticas, e não creio que haja nenhuma cidade na África que ofereça tanto aos olhos.

Pois não é só o fato de haver negros aqui desempenhando todo tipo de tarefa por toda parte, mas há uma multidão de estrangeiros dedicados a todos os ofícios. Descobri, também, uma numerosa e próspera população de "gente de cor", composta exclusivamente pelos filhos dos fazendeiros com suas concubinas africanas, a maioria dos quais recebeu dos pais brancos a liberdade e passou a ganhar bem a vida como músicos, artífices, comerciantes e sem dúvida mulheres de má reputação. As mulheres de cor que vi são de uma beleza incomparável.

Não posso culpar os homens por sua preferência por elas para amantes ou companheiras noturnas. Muitas têm a pele dourada e imensos olhos negros, e é óbvio que têm consciência do seu encanto. Vestem-se com grande ostentação e possuem seus próprios e numerosos escravos negros.

Essa classe cresce a cada dia, ao que me disseram. E é difícil deixar de imaginar qual poderá ser seu destino com o passar dos anos. Quanto aos escravos, eles são importados aos milhares. Assisti ao terrível desembarque de dois desses navios. O mau cheiro era indescritível. Era apavorante ver as condições em que esses seres humanos haviam sido mantidos.

Diz-se que são forçados a trabalhar até a morte nas fazendas já que é mais barato importá-los do que mantê-los vivos. Eles são submetidos a castigos cruéis pelos crimes mais ínfimos. A ilha inteira vive atemorizada com a possibilidade de levantes e os senhores e senhoras nas casas-grandes vivem com medo de serem envenenados, pois essa é a arma do escravo, ao que me informaram.

Quanto a Charlotte e seu marido, todos os conhecem aqui, mas ninguém tem nenhum conhecimento da família de Charlotte na Europa. Eles compraram uma das fazendas maiores e mais prósperas da ilha, muito perto de Portau-Prince e também perto do mar. Talvez fique a uma hora de carruagem da periferia da cidade, e seus limites vão até enormes penhascos sobre as praias. Ela é famosa por sua grande casa e por outras belas construções, pois contém uma cidade inteira com ferreiro, curtume, tecelão, costureira e carpinteiro, tudo dentro dos limites de suas terras plantadas com café e índigo e que rendem uma bela fortuna a cada colheita.

Essa fazenda enriqueceu três diferentes proprietários no curto período em que os franceses estão por aqui, sempre envolvidos em batalhas intermináveis com os espanhóis que ocupam a região sudeste da ilha. Dois desses proprietários voltaram para Paris com seus lucros, enquanto o terceiro morreu com uma febre.

Ela agora pertence à família Fontenay, Antoine Pierre e Antoine Fils, mas todos sabem que é Charlotte quem administra a fazenda. Ela é conhecida por todos como Madame Charlotte, e cada comerciante desta cidade procura agradá-la, enquanto as autoridades locais imploram por um favor seu e por seu dinheiro, do qual parece haver uma quantidade incalculável.

Diz-se que ela tomou as rédeas da fazenda nas próprias mãos até os detalhes mais ínfimos, que ela percorre os campos a cavalo com seu feitor - Stefan, aqui ninguém é mais desdenhado do que esses feitores - e que sabe o nome de todos os seus escravos.

Não poupa nada para lhes fornecer o que comer e o que beber e, com isso, consegue deles um vínculo de extraordinária lealdade. Ela examina suas casas, encanta-se com seus filhos e procura ver no fundo da alma dos acusados antes de impor o castigo. No entanto, sua sentença para os culpados de traição já é lendária, pois não existe aqui limite ao poder dos senhores. Eles podem açoitar um escravo até a morte se quiserem.

Quanto à criadagem da residência, eles são educados, exageradamente bem vestidos, privilegiados e insolentes, se dermos ouvidos aos comerciantes do local. Cinco criadas, só para Charlotte. Uns dezesseis cuidam da cozinha. E ninguém sabe quantos mantêm os salões, as salas de música e de baile da casa.

O célebre Reginald acompanha o senhor onde quer que ele vá, se é que ele vai a algum lugar. E, como têm muito tempo livre, esses escravos aparecem com frequência em Port-au-Prince, com ouro nos bolsos, ocasião em que as portas de todas as lojas se abrem para eles.

É Charlotte que quase nunca é vista fora dessa imensa reserva, que por sinal tem o nome de Maye Faire, sempre escrito em inglês, como grafiei acima, e nunca em francês.

A senhora já organizou dois bailes esplêndidos desde sua chegada, durante os quais seu marido ocupou uma cadeira para observar a dança e até mesmo o velho compareceu, embora estivesse muito fraco. A sociedade local, que não

pensa em nada a não ser no prazer já que não há muito mais em que se pensar aqui, adora Charlotte por essas duas festas e anseia por outras, com a certeza de que Charlotte não os decepcionará.

Seus próprios músicos negros proporcionaram a música, o vinho jorrou sem cessar foram oferecidos exóticos pratos da região, assim como carnes e aves à moda tradicional. A própria Charlotte dançou com todos os senhores presentes, à exceção, é claro, do marido, que observava com olhar aprovador. Ela mesma levava o copo de vinho aos seus lábios.

Ao que eu pude saber, essa senhora só é chamada de bruxa pelos seus escravos, e isso com admiração e respeito em virtude dos seus poderes para a cura que já lhe conquistaram uma reputação, mas permita-me repetir que ninguém aqui tem nenhum conhecimento do ocorrido na França. O nome de Montcleve nunca é pronunciado por ninguém. A história dessa família consiste em ter vindo da Martinica.

Diz-se que Charlotte está entusiasmadíssima para que todos os fazendeiros se reúnam para construir uma refinaria de açúcar aqui, para que possam auferir lucros maiores com seus canaviais. Há também muita conversa de expulsar nossos navios holandeses do Caribe, pois aparentemente ainda somos os mais prósperos, e os franceses e os espanhóis nos invejam. Mas sem dúvida, você sabe mais a respeito disso do que eu, Stefan. Vi muitos navios holandeses no porto, e não tenho dúvidas de que minha volta a Amsterdã será fácil de resolver, assim que tiver cumprido minha missão aqui. Na qualidade de "mercador holandês", sou certamente tratado com extrema cortesia.

Esta tarde, quando me senti cansado de vaguear, voltei para meus aposentos, onde há dois escravos para me despir e me, dar banho, se eu o permitisse, e escrevi para a senhora dizendo que gostaria de visitá-la, que tenho uma mensagem para ela da máxima importância e enviada por pessoa muito cara a ela, talvez mais cara do que qualquer outra, que me confiou seu endereço correto na noite anterior à sua morte. Disse ainda que vim pessoalmente por ser a mensagem importante demais para ser transmitida por carta. Assinei meu nome completo.

Pouco antes de eu começar a fazer esse registro, a resposta chegou. Eu deveria vir a Maye Faire nesta mesma noite. Na verdade, uma carruagem estará à minha espera à porta da estalagem pouco antes de escurecer. Devo levar o que necessitar para passar a noite, ou mais tempo, se me convier. É o que pretendo fazer.

Stefan, sinto enorme expectativa e nenhum medo. Sei agora, depois de muito refletir, que vou conhecer minha própria filha. Mas, como lhe transmitir esse conhecimento - ou mesmo se devo fazê-lo - é algo que me preocupa profundamente.

Tenho a forte convicção de que a tragédia das mulheres da família Mayfair se encerrará neste lugar estranho e fértil, nesta terra rica e exótica. Ela terá seu fim aqui com essa jovem forte e inteligente que tem o mundo nas mãos e que, sem dúvida, já viu o suficiente para reconhecer o quanto sua mãe e sua avó sofreram nas suas vidas curtas e trágicas.

Vou agora me banhar e me vestir adequadamente, preparando-me para essa aventura. Estou bem feliz por poder visitar uma grande fazenda colonial. Stefan, como poderei descrever o que me passa pelo coração? É como se

minha vida antes disso fosse algo pintado em cores pálidas, mas agora ela apresenta o vigor de um Rembrandt van Rijn.

Sinto a escuridão junto a mim. Sinto a luz brilhando. E com maior nitidez, sinto o contraste entre as duas.

Até que eu tome novamente da pena.

Seu criado,

Petyr

Pós-escrito: copiada e enviada por carta a Stefan Frank nesta mesma noite.

Port-alt-Prince

Saint-Domingue

Caro Stefan,

Passou-se toda uma quinzena desde que lhe escrevi pela última vez. Como posso descrever tudo o que aconteceu? Receio não ter tempo, meu querido amigo, que essa trégua seja curta, mas preciso escrever tudo. Preciso lhe relatar o que vi, o que sofri e o que fiz.

Já é quase meio-dia quando lhe escrevo. Consegui dormir duas horas ao voltar para esta estalagem. Também comi, mas só para recuperar minhas forças. Espero e rogo que o ser que me seguiu até aqui e que me atormentou na longa estrada desde Maye Faire tenha afinal voltado para sua

bruxa, que o mandou atrás de mim, para me enlouquecer e me destruir, o que não permiti que fizesse.

Stefan, se o maldito não está derrotado, se o ataque à minha pessoa for renovado com um vigor mortal, interrompereí minha narrativa e lhe darei os elementos mais importantes em frases simples. Fecharei e lacrarei a carta, guardando-a na caixa de ferro. Nesta mesma manhã falei com o estalajadeiro no sentido de que ele se certificasse de enviar essa caixa a Amsterdã caso eu desapareça. Também falei com nosso agente aqui, primo e amigo do nosso agente em Marselha, e ele está instruído para procurar pela caixa.

Permita-me dizer, porém, que, em virtude da minha aparência, os dois acreditam que enlouqueci. Só meu ouro conseguiu atrair sua atenção, e eu lhes prometi uma rica recompensa mediante a entrega da caixa e desta carta às suas mãos, Stefan.

Você tinha razão em todos os seus avisos e pressentimentos. Estou afundando cada vez mais nesse mal. Já não há mais salvação para mim. Eu deveria ter voltado para casa. Pela segunda vez na vida, experimento a amargura do arrependimento.

Nem sei como estou vivo. Minhas roupas estão esfarrapadas, meus sapatos, arrebitados e inúteis, minhas mãos arranhadas por espinhos. Dói-me a cabeça pela longa noite em que corri através da escuridão. Não há, porém, tempo para um repouso melhor. Não ousei partir num navio neste exato instante pois, se a coisa quiser me perseguir, ela o fará aqui ou no mar. E é melhor que seu ataque seja em uma terra firme para que minha caixa de ferro não se perca.

Devo usar o tempo que me resta para relatar tudo o que ocorreu...

... Estava começando a anoitecer no dia em que lhe escrevi pela última vez, quando deixei a estalagem. Havia vestido minhas melhores roupas e desci para encontrar a carruagem à hora marcada. Tudo o que havia visto nas ruas de Portau-Prince me havia preparado para um esplêndido veículo, embora este superasse minha imaginação: tratava-se de uma delicada carruagem envidraçada com lacaio, cocheiro e dois guardas armados a cavalo, todos eles negros africanos, de libré com perucas empoadas e trajes de cetim.

A viagem pelos montes foi agradabilíssima. No céu empilhavam-se altas nuvens brancas. Os próprios montes eram cobertos de belos bosques e elegantes residências coloniais, muitas com jardins floridos, bem como de bananeiras, que nascem aqui em abundância.

Não creio que você seja capaz de imaginar a exuberância dessa paisagem, pois as flores mais delicadas de estufa vicejam aqui em grande profusão o ano inteiro. Imensas moitas de bananeiras surgem por toda parte. Da mesma forma que gigantescas flores vermelhas no alto de caules finos que chegam à altura de árvores.

Não menos deslumbrantes eram os rápidos vislumbres do mar azul ao longe. Se existe algum mar tão azul quanto o do Caribe, eu nunca o vi. E quando se olha para ele ao anoitecer, é ainda mais espetacular. No entanto, você vai ouvir falar mais disso adiante pois tive muito tempo para contemplar a cor deste mar.

Na estrada também passamos por duas sedes de fazendas menores construções muito simpáticas, recuadas da

estrada, ao fundo de vastos jardins. E também, logo ao lado de um rio estreito, havia um cemitério com belos monumentos de mármore gravados com nomes franceses. Enquanto passávamos lentamente pela pequena ponte, tive tempo para contemplá-lo e pensar naqueles que vieram viver e morrer nesta terra selvagem.

Falta desses pontos por dois motivos, e deles o importante a ser revelado agora é que meus sentidos iam sendo embalados pelas belezas que vi nessa viagem, pêlo crepúsculo úmido e pesado, pela longa extensão de campos plantados e pelo súbito espetáculo da casa-grande de Charlotte diante de mim, mais imponente do que qualquer outra que eu já houvesse visto, ao final de uma estrada calçada.

Trata-se de uma gigantesca mansão em estilo colonial, e com isso quero dizer que ela possui um imenso telhado de cumeeira com muitas águas-furtadas e que abaixo as varandas se estendem ao longo da casa inteira, sustentadas por colunas de tijolos de barro que receberam um acabamento de modo a lembrar um pouco o mármore.

Todas as suas numerosas janelas vão até o chão e são decoradas com venezianas de madeira pintadas de um verde muito vivo, que podem ser aferrolhadas para proteção contra ataques do inimigo e contra tempestades.

Uma estonteante profusão de luzes vinha da casa à medida que nos aproximávamos. Nunca vi tantas velas, nem mesmo na corte francesa. Havia lanternas suspensas dos galhos das árvores. E, quando chegamos ainda mais perto, pude ver que todas as janelas estavam abertas para as varandas tanto no andar superior quanto no inferior, e era possível ver os candelabros, a fina mobília e outros fragmentos de cor reluzindo na escuridão.

Tão atordoado eu estava com tudo isso que foi com espanto que vi a senhora da casa, que havia saído até o jardim para me ver e estava parada entre as plantas, à espera, com seu vestido de cetim cor-de-limão a se confundir com as flores que a cercavam e com os olhos a me fitar sem delicadeza e talvez com alguma frieza no seu rosto jovem e terno de tal modo que ela lembrava uma criança alta e zangada.

Quando descí, com o auxílio do lacaio, até as lajes roxas, ela se aproximou, e só então percebi que sua altura era exagerada para uma mulher, embora fosse bem mais baixa do que eu.

Loura e linda, eu a considerei, o que teria feito qualquer um que a visse, mas as descrições dela não haviam conseguido me preparar para sua imagem viva. Ah, se Rembrandt a tivesse visto, ele a teria pintado. Tão nova e no entanto tão parecida com o duro metal. Estava ricamente trajada, com um vestido ornamentado com rendas e pérolas e exibindo um busto alto e cheio, quase nu alguém poderia dizer, e seus braços estavam perfeitamente modelados em mangas justas com acabamento de renda. Ah, eu me detenho em cada detalhe no esforço de compreender minha própria fraqueza e de que vocês venham a perdoá-la. Estou furioso, Stefan, furioso com o que fiz. Peço-lhe, porém, quando você e os outros forem me julgar, que levem em consideração tudo que escrevi aqui.

- Ah, Petyr van Abel - disse-me em inglês, com um leve sotaque escocês - quer dizer que você veio. - juro-lhe, Stefan, era a voz de Deborah quando jovem. Quanto elas não deviam ter conversado juntas em inglês! Ora, essa poderia ter sido uma língua secreta para elas duas.

- Minha filha - respondi no mesmo idioma - obrigado por me receber. Fiz uma longa viagem para vê-la, mas nada teria

podido me impedir de vir. O tempo todo, no entanto, ela estava me avaliando friamente, como se eu fosse um escravo sendo leiloado, sem disfarçar sua inspeção como eu me havia esforçado para disfarçar a minha. E fiquei chocado com o que vi em seu rosto, um nariz fino e olhos fundos, que apesar do seu tamanho eram muito parecidos com os meus. As bochechas, um pouco baixas, e cheias, como as minhas. E o cabelo, embora formasse uma juba magnífica de um ouro claro, puxado para trás desde a testa e preso por um enorme pente enfeitado com pedras, na cor e na textura era muito semelhante ao meu.

Uma grande tristeza me consumiu. Ela era minha filha. Eu sabia que era. E mais uma vez me ocorreu aquele terrível arrependimento que eu havia experimentado em Montcleve. Vi minha Deborah, uma boneca de cera branca quebrada nas pedras diante da igreja de Saint-Michel.

Talvez Charlotte houvesse sentido minha tristeza, pois uma sombra lhe passou pelo rosto e ela pareceu determinada a lutar contra esse sentimento enquanto falava, meio divagando, meio entre dentes, com uma sobrancelha ligeiramente erguida.

- Você é tão bonito quanto minha mãe disse. É alto, ereto, forte e goza de perfeita saúde, certo?

- Mon Dieu, minha senhora. Que palavras estranhas! - Ri meio sem graça. - Não sei se está me elogiando ou não.

- Gostei da sua aparência - disse ela. E um sorriso misterioso inundou seu rosto, cheio de inteligência, desdém e ao mesmo tempo de uma doçura infantil. Ela pareceu juntar os lábios quase fazendo beicinho como uma criança, e eu achei isso de um encanto indescritível. Depois, pareceu me contemplar perdidamente e, afinal, falou. - Venha

comigo, Petyr van Abel. Diga-me o que sabe da minha mãe. Diga-me o que sabe da sua morte. E não importa qual seja o motivo, não me minta.

Parecia haver nela uma imensa vulnerabilidade, como se eu pudesse magoá-la de

repente, e ela soubesse disso e sentisse medo.

- Não, não vim aqui para dizer mentiras - respondi, enternecido. - Você não soube de nada?

Ela a princípio se calou e depois disse friamente não ter sabido de nada, como se estivesse mentindo. Percebi que ela me perscrutava do mesmo jeito que eu examino os outros quando procuro descobrir seus pensamentos secretos. Ela me conduziu na direção da casa, com uma levíssima inclinação da cabeça ao pegar meu braço. Até mesmo a graça dos seus movimentos me perturbava, assim como o roçar das suas saias na minha perna. Ela sequer olhava para os escravos dispostos ao longo do caminho, um verdadeiro regimento deles, todos segurando lanternas para iluminar nossa passagem. Atrás deles, as flores refulgindo na escuridão e as árvores frondosas diante da casa.

Estávamos quase chegando à escadaria da frente quando nos desviamos e seguimos as lajes que penetravam entre as árvores, procurando ali um banco de madeira.

Sentei-me a pedido seu. A escuridão nos envolvia, e as lanternas suspensas aqui e ali ardiam num amarelo brilhante enquanto da própria casa emanava um grande fulgor.

- Diga-me como quer que eu comece - disse eu. - Estou às suas ordens. Como quer ouvir a história?

- Sem rodeios - respondeu ela, com os olhos fixos em mim. Sentou-se tranqüila e se voltou ligeiramente para mim, com as mãos no colo.

- Ela não morreu na fogueira. Jogou-se do campanário da igreja e morreu ao bater nas pedras.

- Ah, graças a Deus! - disse ela, baixinho. - Ouvir isso de um ser humano. Refleti um momento sobre essas palavras. Ela estava querendo dizer que o espírito Lasher lhe havia dito isso, e que ela não havia acreditado? Ela demonstrava extremo abatimento, e eu não tinha certeza se devia prosseguir. Mesmo assim, continuei.

- Uma terrível tormenta atingiu Montclevé, provocada por sua mãe. Seus irmãos morreram, bem como a velha condessa.

Ela não disse nada, mas olhava direto à sua frente, acabrunhada de tristeza e talvez desespero. Parecia uma menina e não uma mulher. Prossegui, só que dessa vez voltei alguns passos atrás no meu relato e lhe disse como havia chegado à cidade, como me havia encontrado com sua mãe, e todas as coisas que sua mãe me havia dito acerca do espírito Lasher: que ele havia provocado a morte do conde, sem o conhecimento de Deborah, que ela o havia repreendido por isso e o que o espírito lhe havia dito para se defender. E como Deborah queria que ela soubesse disso e ficasse alerta. Sua expressão foi ficando sombria enquanto ela me ouvia. Mesmo assim, ela mantinha o olhar afastado. Expliquei o que eu achava ser o significado das advertências da sua mãe e, em seguida, o que eu pensava desse espírito e como nenhum mago jamais escreveu sobre algum espírito que conseguisse aprender.

Ainda assim, ela não se mexeu nem falou. Seu rosto estava tão sombrio agora que ela parecia estar furiosa. Afinal, quando eu procurava retomar o assunto, declarando conhecer alguma coisa sobre os espíritos, ela me interrompeu.

- Não fale mais disso. E nunca toque nesse assunto com ninguém daqui.

- É claro que eu não faria isso - apressei-me a responder. Passei a descrever o que se seguiu ao meu encontro com Deborah e o dia da sua morte nos mínimos detalhes, omitindo apenas o fato de eu ter empurrado Louvier do telhado. Disse apenas que ele morreu.

- Morreu como, Petyr van Abel? - perguntou ela, voltando-se para mim com um sorriso sinistro. - Você não o empurrou do telhado?

Seu sorriso era frio e cheio de raiva, embora eu não soubesse dizer se ela era voltada contra mim ou contra tudo o que havia ocorrido. Pareceu-me que ela estava defendendo seu espírito, que para ela eu o havia insultado, que era essa sua lealdade para com ele, pois sem dúvida ele lhe havia falado do meu ato. No entanto, não sei se estou correto nessa minha conjectura. Sei apenas que, só de imaginar que ela sabia do meu crime, fiquei um pouco assustado, e talvez mais do que admitir.

Não respondi sua pergunta. Ela ficou muito tempo calada. Deu a impressão de que fosse chorar, mas não chorou.

- Eles achavam que abandonei minha mãe - sussurrou ela, afinal. - Você sabe que não foi isso!

- Sei sim. Sua mãe a mandou para cá.

- Ela me ordenou que partisse! - protestou em tom de súplica. - Ordenou. - Parou apenas para recuperar o fôlego. - "Vá, Charlotte, pois se eu tiver de vê-la morrer diante de mim ou comigo, minha vida não terá valido de nada. Não quero que fique aqui, Charlotte. Se eu for para a fogueira, não posso suportar a idéia de que você veja ou que sofra o mesmo castigo." E por isso eu fiz o que ela me mandou. - Sua boca mais uma vez se contorceu, numa espécie de beicinho, e novamente ela me deu a impressão de que fosse chorar. o entanto, rangeu os dentes, arregalou os olhos, levando tudo em consideração, e voltou à sua raiva de sempre.

- Eu amei sua mãe.

- É, sei que amou. Eles se voltaram contra ela, o marido e meus irmãos. Percebi que ela não falou do homem como seu pai, mas nada disse. Eu não sabia se algum dia deveria sequer tocar nesse assunto.

- O que posso dizer para tranquilizar seu coração? - perguntei-lhe. - Eles já foram punidos. Não gozam mais da vida que tiraram de Deborah.

- É, você disse bem. - Com isso, ela me deu um sorriso amargo e mordeu o lábio. Seu rosto parecia tão suave, tão tenro, tão parecido com algo que se pode machucar, que eu me inclinei e lhe dei um beijo. Isso ela permitiu, com os olhos baixos.

Pareceu-me intrigada. E eu também, pois foi de uma doçura indescritível beijá-la, sentir o perfume da sua pele, estar tão perto dos seus seios, que fiquei num estado de pura consternação. Imediatamente disse que desejava voltar a falar desse espírito, pois minha única salvação parecia ser esse assunto.

- Devo transmitir-lhe o que penso acerca desse espírito, acerca dos perigos desse ser. Você sem dúvida sabe como conheci sua mãe. Ela não lhe contou a história toda?

- Você está acabando com a minha paciência - disse ela de repente. Olhei para ela e vi mais uma vez a raiva.

- Como assim?

- Você sabe de coisas que eu preferia que não soubesse.

- O que sua mãe lhe disse? Fui eu quem a salvou de Donnelaith.

Ela considerou minhas palavras, mas sua raiva não se abrandou.

- Responda-me uma coisa. Você sabe como a mãe dela chegou a invocar seu espírito, como você o chama?

- Do livro que o juiz de bruxas lhe mostrou, ela tirou sua idéia - respondi. - Aprendeu tudo com o juiz de bruxas, pois antes ela era a benzedeira, a parteira, como tantas, e nada mais.

- Ah, mas ela poderia ter sido mais, muito mais. Todos nós somos mais do que aparentamos. Aprendemos apenas o que precisamos aprender. Pense no que me tornei aqui, depois de sair da casa de minha mãe. E ouça o que lhe digo, era a casa de minha mãe. Era dela o ouro que a mobiliou, que punha os tapetes nos pisos de pedra e a lenha nas lareiras.

- A gente da cidade falou nisso. Disseram que o conde não tinha nada além do título antes de conhecê-la.

- É, e dívidas. Mas agora tudo isso faz parte do passado. Ele morreu. E eu sei que você me disse tudo o que minha mãe queria. Você me disse a verdade. Só não sei se quero lhe contar o que você não sabe e não pode adivinhar. E penso no que minha mãe dizia de você, de que para você ela podia confessar qualquer coisa.

- Fico feliz com ela ter dito isso de mim. Nunca traí sua confiança com...

- A exceção da sua Ordem. O Talamasca.

- Ah, mas isso nunca foi traição.

Ela afastou o olhar de mim.

- Minha querida Charlotte, eu amei sua mãe, como que ela tivesse cuidado com o espírito e com o poder do espírito. Não digo que previ o que lhe aconteceu. Não previ. Mas temia por ela. Temia pela sua ambição de usar o espírito para vantagens pessoais...

- Não quero ouvir mais nada. - Ela estava novamente furiosa.

- O que quer que eu faça?

Ela refletiu, mas aparentemente não sobre a minha pergunta, e depois falou.

- Eu nunca vou passar pelo que minha mãe sofreu, ou pelo que a mãe dela sofreu antes.

- Espero que não. Atravessei o oceano para...

- Não, mas seus avisos e sua presença não têm nada a ver com isso. Eu nunca vou me sujeitar a certas coisas. Havia

algo de triste na minha mãe, triste e magoado por dentro, algo que nunca se curou desde sua infância.

- Compreendo.

- Eu não tenho nenhum problema semelhante. Já era mulher quando esses horrores se abateram sobre ela. Conheci outros horrores, e você os verá hoje a noite quando puser os olhos em meu marido. Não há médico, nem benzedeira, no mundo que possa curá-lo. Só tenho dele um filho saudável, e isso não basta. Já lhe disse. Implorei

Suspirei.

- Mas venha, vamos conversar mais.

- Claro, por favor, precisamos conversar.

- Agora estão à nossa espera. - Ela se levantou, e eu também. - Não diga nada sobre minha mãe diante dos outros. Não diga nada. Você veio me visitar.

- Porque sou comerciante e penso em me instalar em Port-alt-Prince. E preciso de alguns conselhos seus.

- Quanto menos falar, melhor - disse ela, concordando, com um gesto entediado. Voltou-se e começou a se dirigir para a escada.

- Charlotte, por favor, não feche seu coração para mim - disse-lhe, tentando segurar sua mão.

Ela enrijeceu e depois, com um sorriso falso, muito doce e tranquilo, ela me levou pela escada até o piso principal da casa. Eu estava aflito, como você pode imaginar. O que eu devia entender das suas estranhas palavras? E ela própria me desconcertava, pois num instante parecia uma criança e

no outro, uma velha. Eu não sabia dizer se ela chegou a levar em consideração meus avisos, ou mesmo as próprias advertências que Deborah havia implorado que eu lhe transmitisse. queria eu acrescentado um excesso de conselhos meus aos dela?

- Madame Fontenay - disse eu, quando chegarmos ao alto da escada e à porta do piso principal. - Precisamos conversar mais. Tenho uma promessa sua?

- Quando levarem meu marido para dormir, Ficaremos a sós.
- Ela pousou em mim o olhar enquanto pronunciava essa última frase, e eu receio ter corado ao contemplá-la e ver a cor subir também ao seu rosto. Depois, o beicinho e um sorriso brincalhão.

Entramos por um saguão central muito espaçoso, embora nada que se comparasse ao de um chateau francês, é claro, mas com muita decoração em gesso, um belo candelabro iluminado com velas de pura cera e uma porta aberta para a varanda dos fundos, para além da qual eu mal podia discernir a borda de um penhasco, onde lanternas estavam suspensas dos galhos das árvores, como no jardim da frente. E pude perceber aos poucos que o bramido que ouvia não era o vento, mas o suave ruído do mar.

A sala de jantar, na qual entramos à direita, proporcionava uma vista ainda maior dos penhascos e das águas negras para alegria deles que vi enquanto acompanhava Charlotte, pois esse aposento ocupava toda a largura da casa. Alguma luz ainda se refletia na água, ou eu não teria podido discerni-la. Os sons do mar invadiam deliciosamente a sala, e a brisa era úmida e de um calor agradável.

Quanto à própria sala, ela era esplêndida, tendo todo tipo de objetos europeus sido acrescentado à simplicidade

colonial. A mesa estava posta com o linho mais fino e baixelas trabalhadas elegantes e pesadíssimas. Em nenhum lugar da Europa eu vi prataria mais fina. Os candelabros eram pesados e bem trabalhados em alto relevo. Cada lugar tinha seu guardanapo rendado, e as próprias cadeiras eram primorosamente estofadas com um belíssimo veludo, com acabamento de franjas. Acima da mesa, uma imensa ventarola de madeira estava suspenso por dobradiças, sendo movimentada de um lado para o outro por meio de uma corda que atravessava o teto e descia pela parede passando por ganchos, ao final da qual, num canto distante, ficava sentada uma pequena criança africana.

Tanto pela ventarola quanto pelas inúmeras portas abertas para a varanda, a sala tinha um frescor e uma doce fragrância, o que era extremamente convidativo, embora as chamas das velas lutassem para se manter acesas. Mal eu havia sido instalado na cadeira à esquerda da cabeceira, surgiu uma grande quantidade de escravos, todos finamente trajados em sedas e rendas européias, e os pratos começaram a ser postos na mesa. Ao mesmo tempo, o jovem marido, de quem eu tanto havia ouvido falar, apareceu.

Ele estava ereto e realmente arrastava os pés no chão, mas todo o seu peso era sustentado pelo negro grande e musculoso que mantinha um dos braços em volta da sua cintura. Quanto aos braços, eles pareciam tão fracos quanto as pernas, com os pulsos frouxos e os dedos, caídos. Mesmo assim, era um belo rapaz.

Antes do avanço dessa enfermidade, ele deveria ter feito uma bela figura em Versalhes, onde conquistou sua noiva. E com seus trajes principescos e bem feitos, com os dedos cobertos de anéis de pedras preciosas e com a cabeça adornada por uma linda e enorme peruca parisiense, ele de

fato tinha uma bela aparência. Seus olhos eram de um cinza penetrante, a boca muito larga e de lábios finos e o queixo, muito forte.

Uma vez instalado na cadeira, ele se esforçou como se quisesse sentar mais para trás para ficar mais confortável. Quando não conseguiu realizar seu objetivo, o vigoroso escravo o ajeitou na cadeira, dispondo-a como o senhor desejava, e assumiu então seu lugar atrás do senhor.

Charlotte agora havia tomado assento não à cabeceira da mesa, mas à direita do marido, bem em frente a mim, para poder alimentar e auxiliar o marido. Chegaram mais duas pessoas, os irmãos Pierre e André, logo eu viria a descobrir, ambos embriagados e cheios do humor obtuso e enrolado dos bêbados, bem como quatro senhoras, finalmente trajadas, duas jovens e duas velhas, aparentemente primas que residiam permanentemente na casa. As velhas mantinham-se em silêncio, a não ser por eventuais perguntas confusas, já que as duas eram meio surdas e um pouco decrépitas. As mais jovens, embora já maduras, eram bem-educadas e animadas.

Pouco antes de ser servido o jantar, apareceu um médico, que acabava de chegar a cavalo de uma fazenda vizinha. Homem já bem velho e alcoolizado, usando um sombrio traje negro, como eu. Ele foi imediatamente convidado a se juntar a nós. Sentou-se e começou a beber o vinho em grandes goles. Estava assim composta a mesa, cada um de nós com um escravo atrás da sua cadeira, pronto para estender a mão e nos servir das travessas diante de nós e para encher nossos copos se bebêssemos um golinho que fosse.

O jovem marido foi muito simpático em sua conversa comigo, e logo ficou perfeitamente claro que sua mente não

havia sido absolutamente afetada pela doença e que ele ainda tinha apetite pela boa comida, que lhe era oferecida tanto por Charlotte quanto por Reginald. Charlotte, segurando a colher para ele, Reginald, partindo seu pão. Na realidade, o homem demonstrava nitidamente seu desejo de viver. Ele comentou que o vinho era excelente e que recebia sua aprovação. E, enquanto conversava educadamente com todos os presentes, ele consumiu dois pratos de sopa.

A comida era muitíssimo temperada e deliciosa. Sendo a sopa, um ensopado de frutos do mar bem apimentado e as carnes acompanhadas de bananas e inhames fritos, muito arroz e feijão e outros pratos saborosos.

Durante a refeição, todos conversavam com vigor à exceção das duas velhas, que, mesmo assim, pareciam estar se divertindo a contento. Charlotte falou do tempo e dos negócios da fazenda, de como seu marido precisava sair amanhã com ela para ver as lavouras, de como a pequena escrava comprada no inverno passado estava agora se saindo bem com a costura e assim por diante. Essa conversa era em francês na maior parte do tempo, e o marido dava respostas espirituosas, interrompendo-a para me fazer muitas perguntas sociáveis sobre as condições da minha viagem, se eu estava gostando de Port-au-Prince, quanto tempo ia ficar com eles, e outros comentários gentis sobre a hospitalidade do país, sobre como haviam prosperado em Maye Faire e como pretendiam comprar a fazenda limítrofe assim que seu proprietário, um jogador beberrão, pudesse ser convencido a vendê-la.

Os irmãos embriagados eram os únicos com propensão a discussões e algumas vezes fizeram comentários desdenhosos, pois parecia ao mais novo, Pierre, que não tinha a boa aparência do irmão enfermo, que a família já

possuía uma extensão suficiente de terra, não precisando, portanto, da fazenda vizinha, e que Charlotte sabia mais sobre os negócios do que uma mulher deveria saber.

Essas palavras foram recebidas com gritos de aplauso pelo barulhento e desagradável André, que derramava sua comida pela pala de renda da camisa, comia com a boca cheia demais e deixava uma mancha gordurosa no copo quando bebia. Ele era a favor de vender tudo quando o pai morresse e de voltar para a França.

- Não fale na sua morte - declarou o mais velho, Antoine, o inválido. Com isso os outros riram, zombeteiros.

- E como está ele hoje? - indagou o médico, dando um arrote. - Tenho medo de perguntar se está melhor ou pior.

- O que se pode esperar? - comentou uma das primas, que havia sido linda e que ainda era agradável de se olhar. Podia se dizer que era bonita. - Se ele pronunciar uma palavra no dia de hoje, ficarei surpresa.

- E por que ele não falaria? protestou Antoine. - Sua cabeça está como sempre foi.

- É - disse Charlotte -, ele comanda com pulso firme.

Seguiu-se uma tremenda discussão, com todos falando ao mesmo tempo, e uma das senhoras idosas exigindo que lhe dissessem o que estava acontecendo. Finalmente, a outra velha, uma perfeita megera, que o tempo todo havia beliscado a comida com a atenção concentrada de um inseto ocupado, levantou de repente a cabeça e gritou para os irmãos beberrões.

- Nenhum de vocês dois tem condições de administrar esta fazenda.

Palavras que tiveram como resposta risadas de fanfarronice, embora as duas primas mais novas considerassem o assunto com muita seriedade, passando, temerosas, seus olhos por Charlotte para depois os pousarem delicadamente sobre o marido inútil e quase paralisado, cujas mãos jaziam como aves mortas ao lado do prato.

A velha, então, aparentando aprovar a reação às suas palavras, fez mais uma declaração.

- É Charlotte quem manda aqui! - Isso produziu nas mulheres olhares ainda mais receosos, mais risadas e deboches dos irmãos embriagados e um sorriso sedutor do inválido Antoine.

O pobre rapaz ficou, então, extremamente agitado, de tal modo que chegou a começar a tremer, mas Charlotte apressou-se a mudar para assuntos agradáveis. Mais uma vez, fui interrogado sobre minha vida em Amsterdã, sobre o atual estado de coisas na Europa, que se relacionava à importação do café e do índigo, e também me disseram que eu me entediaria com a vida na fazenda, pois ninguém fazia nada a não ser comer, beber e procurar o prazer, e assim por diante, até Charlotte interromper delicadamente a conversa, dando a ordem ao escravo Reginald para que fosse buscar o velho, trazendo-o para baixo.

- Ele conversou comigo o dia inteiro - disse ela em voz baixa aos outros, com um vago ar de triunfo.

- Um verdadeiro milagre! - declarou André, bêbado, comendo agora como um porco, sem usar garfo ou faca.

O velho médico contraiu os olhos ao encarar Charlotte, sem se importar com a comida que havia sujado sua gola de renda ou com o vinho derramado do copo que ele segurava com a mão pouco firme. Havia a nítida possibilidade de que

ele deixasse cair o copo. O jovem escravo atrás dele observava ansioso.

- O que você quer dizer com "conversou o dia inteiro"? - perguntou o médico. - A última vez que o vi, ele estava inconsciente.

- Ele muda a cada hora - disse uma das primas.

- Ele não vai morrer nunca! - bramiu a velha, que voltara a beliscar sua comida.

E então, Reginald entrou na sala, segurando um homem alto, grisalho e emaciado, com um braço magro jogado sobre o ombro do escravo e a cabeça pendente, embora seus olhos vivazes fixassem todos nós, um a um. Ele foi posto na cadeira oposta à cabeceira da mesa, um mero esqueleto.

Como não podia se sentar ereto, foi amarrado a ela com fitas de seda. Em seguida, o escravo Reginald, que parecia um verdadeiro artista sob esse aspecto, ergueu o queixo do homem, já que ele não conseguia manter a cabeça firme sozinho.

Imediatamente, as primas começaram a conversar com ele, a dizer que era bom vê-lo tão disposto. No entanto, elas estavam perplexas, da mesma forma que o médico e, quando o velho começou a falar, da mesma forma que eu. Uma das mãos ergueu-se da mesa num movimento desengonçado e irregular e caiu com estrondo. No mesmo instante, ele abriu a boca, embora seu rosto permanecesse tão imóvel que somente o maxilar inferior se abaixou, e dali saíram palavras ocas e mecânicas.

- Não estou nem um pouco perto da morte, e não quero ouvir falar nisso! - E mais uma vez a mão flácida subiu num

espasmo e desceu ruidosamente.

Charlotte examinava o velho o tempo todo, com seus olhos contraídos e cintilantes. Na realidade, eu percebia pela primeira vez sua capacidade de concentração, e como cada partícula da sua atenção estava dirigida ao rosto do homem e à sua única mão desajeitada.

- Mon Dieu Antoine - exclamou o médico. - Você não pode nos culpar por nossa preocupação.

- Minha cabeça está como sempre foi! - declarou o velho com a mesma voz mecânica, e depois, virando a cabeça bem devagar como se ela fosse de madeira e tivesse de se mover num encaixe, ele olhou da direita para a esquerda e afinal para Charlotte, dando-lhe um sorriso torto.

Só então, quando me inclinei para a frente, fugindo ao ofuscamento das velas mais próximas e admirado com esse estranho comportamento, percebi que seus olhos estavam injetados, que seu rosto parecia de fato congelado e que as expressões que nele apareciam eram como fendas no gelo.

- Confio em você, minha querida nora - disse ele a Charlotte, e dessa vez sua total falta de modulação resultou num enorme barulho.

- É, mon père - disse Charlotte com doçura - e eu vou cuidar do senhor, eu lhe prometo.

Aproximando-se mais do marido, ela deu um pequeno beliscão na sua mão inerte. Quanto ao marido, ele examinava o pai com suspeita e medo.

- Pai, está sentindo alguma dor? - perguntou, então, com delicadeza.

- Não, meu filho - disse o pai. - Nenhuma dor, nunca sinto dor. - E isso pareceu tanto uma resposta quanto uma afirmação tranquilizadora, pois esse quadro era sem dúvida algo que o filho via como uma profecia. Ou não?

Pois, enquanto eu contemplava a criatura, quando o vi virar a cabeça daquele jeito estranho novamente, muito parecido com uma boneca feita de pedaços de madeira, percebi que não era absolutamente o homem quem falava conosco, mas algo dentro dele que o havia dominado. E, no instante em que percebi isso, também vi o verdadeiro Antoine Fontenay preso dentro do próprio corpo, incapaz de comandar suas cordas vocais e olhando para mim com olhos de pavor.

Foi apenas de relance, mas eu o vi. E no mesmo instante, voltei-me para Charlotte que me encarava com frieza, provocante, como se me desafiasse a reconhecer o que eu havia percebido. O próprio velho me encarava e, com uma rapidez que espantou a todos, ele deu uma risada forte, gargalhante.

- Ai, pelo amor de Deus Antoine - disse a prima bonita.

- Pai, tome um pouco de vinho - sugeriu o fraco filho mais velho.

O negro Reginald estendeu a mão para pegar o copo, mas o velho de repente ergueu as duas mãos, deixando-as cair sobre a mesa com estrépito e depois ergueu-as de novo, com os olhos brilhando, pegou o copo de vinho como se tivesse duas patas e, ao levá-lo à boca, derramou o líquido sobre o rosto de modo que ele escorresse para a boca e pelo queixo abaixo.

Os convivas estavam pasmos. O negro Reginald estava pasmo. Só Charlotte deu um pequeno sorriso falso ao ver o truque.

- Muito bem, pai, agora para a cama - disse ela, levantando-se da mesa. Reginald tentou segurar o copo quando ele foi largado de supetão e a mão do velho caiu ao seu lado. No entanto, o copo caiu, respingando vinho por toda a toalha.

Mais uma vez, a boca congelada abriu-se numa fenda e a voz oca se fez ouvir.

- Estou cansado dessa conversa. Quero ir agora.

- Isso mesmo, para a cama - disse Charlotte, aproximando-se - e nós iremos vê-lo daqui a pouco.

Será que ninguém mais percebia o horror daquilo tudo? Que os membros paralisados do velho estavam sendo acionados pela força demoníaca? As primas contemplavam o homem em silêncio e com repulsa enquanto ele era retirado da cadeira, com o queixo batendo contra o peito, e levado embora. Reginald agora estava inteiramente responsável pelos movimentos do velho e o levou na direção da porta. Os irmãos beberrões pareciam zangados e petulantes, e o velho médico, que acabava de esvaziar mais um copo cheio de vinho tinto, apenas abanava a cabeça. Charlotte observou tudo isso em silêncio, e depois voltou para seu lugar à mesa.

Nossos olhos se encontraram. Eu poderia jurar que era ódio por mim o que eu via no seu olhar. Ódio pelo que eu acabara de descobrir. Sem graça, tomei mais um gole do vinho, que era uma delícia, embora eu começasse a notar que ele era extraordinariamente forte, ou que estava excepcionalmente fraco.

- Não o vejo mexer assim com as mãos há anos - disse muito alto, para todos e para ninguém, a velha surda que lembrava um inseto.

- Bem, ele me pareceu o próprio demônio - disse a prima bonita.

- O maldito não vai morrer nunca - sussurrou André, adormecendo, então, com o rosto enfiado no prato e o copo virado rolando da mesa ao chão.

- Ah, mas ele ainda está longe de morrer - disse Charlotte, observando tudo isso com perfeita calma e dando uma risada discreta.

Foi então que um som horrendo assustou todos os presentes, pois do alto das escadas, ou de algum ponto próximo ao seu topo, o velho deu mais uma risada alta e terrível.

O rosto de Charlotte enrijeceu. Dando um tapinha suave na mão do marido, ela se despediu com extrema pressa, mas não com tanta que deixasse de olhar para mim antes de sair da sala.

Finalmente, o velho médico, que a essa altura estava quase bêbado demais para se levantar da mesa, o que se propunha a fazer de vez em quando e depois desistia, declarou com um suspiro que precisava ir para casa. Nesse instante, chegaram mais duas visitas, dois franceses bem vestidos, recebidos imediatamente pela prima mais velha e bonita, enquanto as três outras se levantavam e saíam da sala, com a megera resmungando e lançando um olhar de condenação ao irmão bêbado que havia caído com o rosto no prato. O outro irmão, enquanto isso, havia se levantado para ajudar o médico embriagado, e os dois saíram cambaleando para a varanda.

Sozinho com Antoine e um exército de escravos que limpavam a mesa, perguntei-lhe se me acompanharia num

charuto, pois eu havia comprado dois excelentes em Port-au-Prince.

- Ah, mas você precisa fumar dos meus, do tabaco que planto aqui declarou ele. Um jovem escravo trouxe-nos os charutos e os acendeu, e esse rapaz ficou ali parado para tirar o charuto da boca do senhor e colocá-lo de volta, conforme necessário.

- Você precisa perdoar meu pai - disse-me Antoine em voz baixa, como se não quisesse que o escravo ouvisse. - Ele tem a cabeça em perfeito funcionamento. Essa doença é um horror.

- Posso bem imaginar - disse eu. Vinha muito riso e conversa do salão, do outro lado do saguão, onde as mulheres haviam se instalado, aparentemente com as visitas e possivelmente com o irmão embriagado e o médico.

Dois meninos escravos tentaram, enquanto isso, levantar o outro irmão, que subitamente se pôs de pé, indignado e brigão, e bateu num dos meninos de tal modo que ele começou a chorar.

- Não seja idiota, André - disse Antoine, cansado. - Venha cá, meu pobre menino.

O escravo obedeceu enquanto o irmão saía enfurecido.

- Tire a moeda do meu bolso - disse o senhor. O escravo, familiarizado com o ritual, obedeceu e seus olhos brilharam quando ele exibiu a recompensa. Afinal, Reginald e a senhora da casa apareceram. Dessa vez, com o bebê rosado, um perfeito cordeirinho, com duas babás mulatas pairando atrás deles como se a criança fosse de porcelana e pudesse a qualquer momento ser lançada ao chão.

O cordeirinho riu e mexeu com seus pequenos braços e pernas ao ver o pai. E que triste espetáculo o de que o pai não pudesse sequer erguer suas pobres mãos.

No entanto, ele sorriu para o filhinho, que foi posto no seu colo por um instante, e ele se inclinou e beijou sua cabeça loura. A criança não dava nenhum sinal da enfermidade, mas posso apostar que naquela tenra idade Antoine também não revelava nada. E, sem dúvida, a criança herdou a beleza tanto da mãe quanto do pai, pois era mais bela do que qualquer outra criança da sua idade que eu houvesse visto um dia.

Afinal, as babás mulatas, as duas muito bonitas, receberam permissão de pegar o bebê e levá-lo embora.

O marido despediu-se então de mim, pedindo-me que permanecesse em Maye Faire pelo tempo que me agradasse. Tomei mais um gole de vinho, apesar de estar determinado a que seria o último, pois já me sentia tonto. Imediatamente, encontrei-me sendo levado para a varanda sombreada pela bela Charlotte, para poder contemplar o jardim da frente com suas lanternas melancólicas, nós dois totalmente sós quando nos sentamos num banco de madeira.

Minha cabeça estava agora como que flutuando devido ao vinho, embora eu não pudesse, realmente descobrir como havia conseguido beber tanto e, quando implorei a Charlotte que não me servisse mais, ela não quis me ouvir e insistiu que eu tomasse mais um copo.

- É o meu melhor vinho, trouxe da França.

Para ser gentil, bebi, sentindo então uma onda de embriaguez. Lembrando-me com imagens vagas dos irmãos bêbados e querendo manter minha cabeça desanuviada,

levantei-me, firmei-me na balaustrada de ferro e olhei para o pátio ali embaixo. Parecia que a noite estava cheia de pessoas escuras, talvez escravos que se movimentavam entre as folhagens, e eu cheguei a ver uma criatura de belas formas e pele clara que me deu um sorriso ao passar. Como num sonho, ouvi Charlotte falar comigo.

- Pois bem, meu belo Petyr, o que mais queria me dizer?

Estranhas palavras, pensei, entre pai e filha, pois é certo que ela sabe. Ela não pode deixar de saber. E no entanto, talvez não saiba. Voltei-me para ela e comecei a desfiar minhas advertências. Ela não compreendia que esse espírito não era nenhum espírito comum? Que essa criatura que podia se apossar do corpo do velho e fazer com que ele agisse de acordo com os desejos de Charlotte poderia se voltar contra ela? Que o ser estava na realidade extraindo a própria força dela, que ela precisava procurar compreender o que são os espíritos, mas ela pediu que me calasse.

E então pareceu-me estar vendo imagens grotescas pela janela da sala de jantar iluminada, pois os meninos escravos nos seus trajes de cetim azul aparentavam estar dançando enquanto varriam a sala e tiravam o pó, dançando como diabretes.

- Que ilusão interessante - exclamei. Só para perceber que os meninos que tiravam o pó dos assentos das cadeiras e que recolhiam os guardanapos caídos, estavam apenas brincando e saltando, sem saber que alguém os observava.

Depois, voltando o olhar a Charlotte, vi que ela havia soltado os cabelos sobre os ombros e que me encarava com olhos lindos e frios. Pareceu-me, também, que ela havia forçado para baixo as mangas do seu vestido, como uma criada de taberna faria, para melhor revelar seus magníficos

ombros e o alto dos seus seios. Era uma depravação que um pai contemplasse sua filha como eu a contemplava.

- Ah, você acha que sabe tanto - disse ela, referindo-se obviamente à conversa que eu, na confusão em que me encontrava, praticamente havia esquecido. - Mas você é como um padre, como minha mãe me contou. Você só conhece normas e idéias. Quem lhe disse que os espíritos são perversos?

- Você me entendeu mal. Eu não digo perversos, digo perigosos. Digo que talvez sejam hostis aos homens e impossíveis de serem controlados. Não digo infernais, digo desconhecidos.

Eu sentia minha língua áspera na minha boca. Mesmo assim, prossegui. Expliquei-lhe que, segundo os ensinamentos da igreja católica, qualquer coisa "desconhecida" era demoníaca; e que essa era a maior diferença entre a igreja e o Talamasca. Foi com base nessa enorme diferença que nossa Ordem foi fundada há muito tempo.

Mais uma vez, vi os meninos dançando. Eles rodopiavam pela sala, saltando, gritando, aparecendo e desaparecendo às janelas. Pisquei para desanuviar a cabeça.

- E o que o faz pensar que eu não conheça profundamente esse espírito e que não consiga controlá-lo? Você realmente acha que minha mãe não o controlava? Será que não vê que existe uma evolução aqui de Suzanne a Deborah e desta a mim?

- Claro que vejo. Eu vi o velho, não vi? - disse eu, mas estava perdendo o fio do raciocínio. Não conseguia formar as palavras corretamente. E a lembrança do velho

perturbava minha lógica. Tive vontade de beber mais vinho mas não queria beber mais e não bebi.

- É - disse ela, parecendo ficar mais alerta e tirando o copo da minha mão, graças a Deus. - Minha mãe não sabia que Lasher podia se incorporar num pessoa, embora qualquer padre pudesse lhe ter dito que os demônios se apossam dos humanos o tempo todo, apesar de ser em vão.

- Como em vão?

- É que acabam tendo de sair. Eles não podem se transformar naquela pessoa não importa o quanto o desejem. Ah, se Lasher pudesse ser o velho... Isso me horrorizou, e eu via que ela ria da minha reação. Pediu-me que me sentasse ao seu lado.

- Mas o que é mesmo que e você queria me transmitir? - insistiu.

- Minha recomendação no sentido de que desista desse ser, de que se afaste dele, de que não baseie a vida nos poderes da criatura, pois ela é misteriosa, e de que pare de lhe ensinar coisas. Pois ele não sabia que podia se apossar de um ser humano até você lhe ensinar isso, certo?

Com isso, ela fez uma pausa, recusando-se a responder.

- Ora, então você o está ensinando a ser um espírito aperfeiçoado para seu próprio proveito. Pois bem, se Suzanne soubesse ler o livro de demonologia que o juiz de bruxas lhe mostrou, ela teria sabido que é possível fazer com que um espírito se aposses de uma pessoa. Deborah também teria sabido isso se tivesse lido o suficiente. Mas não, foi preciso deixar que você se encarregasse de lhe ensinar isso para que o juiz de bruxas fosse confirmado na terceira geração! O que mais você vai ensinar a essa

criatura que se incorpora em seres humanos, que cria tempestades e que se apresenta como um belo fantasma num campo aberto?

- Como assim? O que você quer dizer com fantasma?

Contei-lhe do que havia visto em Donnelaith, a figura eterna do ser entre as pedras antigas, e de como eu sabia que não era real. Percebi imediatamente que nada do que eu havia dito havia despertado tanto interesse quanto isso.

- Você o viu? - perguntou ela, incrédula.

- É, eu de fato o vi, e também percebi que sua mãe o viu.

- Ah, más ele nunca apareceu assim para mim - sussurrou ela. - Mas você notou o erro? Suzanne, a tola, achava que ele era o sinistro, o Diabo, como o chamam, e ele era isso para ela.

~ Não havia nada de monstruoso na sua aparência. Pelo contrário, ele se apresentou como um homem atraente.

Diante dessas palavras, ela deu uma risada travessa, e seus olhos se encheram de súbita vitalidade.

- Quer dizer que ela imaginava o Diabo atraente, e para ela Lasher se fez atraente. Pois você sabe que tudo o que ele é provém de nós.

- Talvez, senhora, talvez. - Olhei para o copo vazio. Estava com sede, mas não queria me sentir embriagado de novo. - Mas talvez não.

- É, e é isso o que o torna tão interessante para mim. O fato de que, sozinho, ele não consegue pensar, você percebe? Ele não consegue concatenar as idéias. Foi a invocação de

Suzanne que fez com que se concentrasse, foi a invocação de Deborah que fez com que se concentrasse ainda mais e lhe deu o objetivo para provocar a tempestade. E eu o invoquei para que entrasse no velho. Ele adora esses truques, espia através dos olhos como se fosse humano e se diverte muitíssimo. Você não compreende? Eu amo esse ser por suas mutações, por seu desenvolvimento, por assim dizer.

- Ele é perigoso! - disse eu, baixinho. - Ele mente.

- Não, isso é impossível. Obrigada pelos conselhos, mas eles são tão inúteis que chegam a ser ridículos. - A essa altura, ela apanhou a garrafa e encheu meu copo novamente.

Eu, porém, não o aceitei.

- Charlotte, eu lhe imploro...

- Petyr, deixe-me ser franca com você, pois é o que você merece. Nós nos esforçamos por muitas coisas na vida. Lutamos contra muitos obstáculos. Para Suzanne, o obstáculo era sua mente simples e sua ignorância. Para Deborah, o fato de ela ter sido criada como uma camponesa esfarrapada. Mesmo no seu castelo, ela sempre foi aquela aldeã assustada, considerando Lasher como o único motivo para sua fortuna e nada mais. Ora, eu não sou nenhuma benzedeira de aldeia, nenhuma filha da farra apavorada, mas uma mulher que nasceu em berço de ouro e que recebeu instrução desde suas lembranças mais remotas, além de ter tido tudo o que lhe ocorresse desejar. E agora, aos vinte e dois anos de idade já mãe e talvez em breve viúva, eu comando essa fazenda. Eu já mandava em tudo antes que minha mãe me passasse seus segredos e seu formidável guardião Lasher. Pretendo estudar essa criatura,

fazer uso dela e permitir que ela aumente sua força já considerável.

- Ora, você sem dúvida me compreende, Petyr van Abel, já que somos semelhantes, você e eu, e com razão. Você é forte, como eu sou forte. Quero que compreenda também que sinto amor por esse espírito, amor, está me ouvindo? Pois ele se tornou minha vontade!

- Ele matou sua mãe, minha linda filha. - E a partir daí, eu lhe relembrei tudo o que se conhece das travessuras do sobrenatural em contos e fábulas e que a moral era que essa criatura não pode ser plenamente compreendida pela razão e que não pode pela razão ser controlada.

- Minha mãe é que o conhecia bem - disse ela com tristeza, sacudindo a cabeça e me oferecendo o vinho, que não aceitei. - Vocês do Talamasca estão tão errados quanto os católicos e os calvinistas, no final das contas.

- Não - protestei. - Sonhos de natureza, totalmente diferente. Extraímos nosso conhecimento da observação e da experiência! Pertencemos a esta era, e nos assemelhamos aos seus cirurgiões, médicos e filósofos, não aos homens da batina.

- E daí? - perguntou ela, desdenhosa.

- Os sacerdotes contam com a palavra revelada, como se fosse as Escrituras. Quando eu lhe falo de antigas histórias de espíritos, é para atrair sua atenção para um conhecimento destilado! Não estou dizendo para você aceitar a Demonologia ao pé da letra, pois ela é um veneno. Digo-lhe que leia o que valer a pena e ignore o resto.

Ela não respondeu.

- Você diz que é educada, minha filha, pois então considere o meu pai, um cirurgião na Universidade de Leiden, um homem que viajou a Pádua para estudar e depois à Inglaterra para ouvir as conferências de William Harvey, que aprendeu francês para poder ler a obra de Paré. Os grandes médicos deixam de lado as "escrituras" de Aristóteles e de Galério. Eles aprendem com a dissecação de cadáveres e com a vivissecação de animais! Eles aprendem com o que observam! É esse o nosso método. Estou pedindo que olhe para essa criatura, que veja o que ela já fez! Estou dizendo que ela destruiu Deborah com suas travessuras. Ela destruiu Suzanne.

Silêncio.

- Dê-me, então, os meios para melhor estudar a criatura. Você me diz para abordá-la como um médico a abordaria. E para dar um fim em encantamentos e coisas semelhantes.

- É, por isso vim para cá - disse eu, com um suspiro.

- Você veio por coisas melhores do que isso - disse ela, dando-me um sorriso encantador e demoníaco. - Venha, vamos ser amigos. Beba comigo.

- Gostaria de ir dormir agora.

- Eu também - disse ela, com uma risadinha suave. - Daqui a pouco.

Ela mais uma vez empurrou o copo na minha direção e eu, para ser educado, o apanhei e bebi. Imediatamente voltou a embriaguez como se ela fosse um pequeno gênio esperando dentro da garrafa.

- Chega - disse eu.

- Ora, meu melhor clarete, você tem de beber. - E mais uma vez ela empurrou o copo na minha direção.

- Está bem, está bem - concordei, bebendo.

Será que eu sabia, Stefan, o que estava por acontecer? Eu não estava, bem naquela hora, espiando por cima do copo sua boquinha succulenta e seus bracinhos deliciosos?

- Ah, minha doce e bela Charlotte. Você sabe o quanto a amo? Nós falamos de amor, mas eu não lhe disse...

- Eu sei - sussurrou ela, em tom carinhoso. - Não se perturbe, Petyr. Eu sei.

- Ela se ergueu e me deu o braço.

- Olhe - disse eu, pois a impressão era a de que as luzes ali embaixo estavam dançando nas árvores, dançando como se fossem vaga-lumes. E as próprias árvores pareciam vivas, a nos observar. O céu da noite afastava-se cada vez mais alto, e as nuvens enlustradas estavam mais distantes do que as estrelas.

- Venha, meu querido - disse ela, puxando-me escada abaixo, pois eu lhe digo, Stefan, que minhas pernas estavam enfraquecidas pelo vinho. Eu cambaleava.

Enquanto isso, uma música discreta havia começado, se é que se podia chamar de música, pois era totalmente composta de tambores africanos e alguma espécie de trompa, melancólica e fantasmagórica, que a princípio me agradou e depois não.

- Solte-me, Charlotte - disse-lhe, pois ela me puxava na direção dos penhascos. - Eu preferia ir dormir agora.

- É o que vai fazer.

- Então, querida, por que estamos indo na direção dos penhascos? Você não vai querer me atirar lá embaixo?

Ela riu.

- Você é tão bonito apesar de toda a sua correção e do seu comportamento holandês! - Ela saiu dançando à minha frente, com o cabelo voando na brisa, uma silhueta graciosa em contraste com o mar escuro e cintilante.

Ah, quanta beleza. Mais bela ainda do que minha Deborah. Baixei os olhos e estranhei ver o copo ainda na minha mão esquerda. Ela o enchia mais uma vez, e eu sentia tanta sede que bebi o vinho como se fosse cerveja.

Tomando novamente o meu braço, ela indicou o caminho por uma trilha íngreme que descia perigosamente próxima à beira do penhasco, mas eu via um telhado mais além, luz e o que me pareceu uma parede caiada.

- Você acha que não sinto gratidão pelo que você me disse?
- indagou ela no meu ouvido. - Sinto, sim. Precisamos conversar mais sobre seu pai, o médico, e os costumes daqueles homens.

- Posso lhe contar muitas coisas, mas não para que você as use para o mal. - Olhei ao meu redor, ainda trêpago, procurando ver os escravos que tocavam os tambores e a trompa, pois sem dúvida eles estavam muito perto. A música parecia reverberar das rochas e dos troncos das árvores.

- Ah, quer dizer que você acredita mesmo no mal! - disse ela, rindo. - Você homem de anjos e demônios e preferia ser anjo, como o arcanjo Miguel é um que empurrou os

demônios para o inferno. - Ela me abraçou para que eu não e eu não caísse. Seus seios, apertados contra meu corpo e seu rosto macio, tocando meu ombro.

- Não gosto dessa música. Por que eles precisam tocá-la?

- Ora, ela os deixa felizes. Os fazendeiros por aqui não pensam o suficiente no que faz essa gente feliz. Se pensassem, conseguiriam mais deles. Mas agora estamos voltando às observações, não é? Venha. Os prazeres que o esperam...

- Prazeres? Não estou interessado em prazeres - disse eu, e minha língua estava mais uma vez áspera, minha cabeça oscilava e eu não conseguia me acostumar à música.

- Que história é essa de não se interessar por prazeres! - disse ela, zombeteira. - Como é possível alguém não se interessar por prazeres? Havíamos chegado a uma pequena construção, e ao luar percebi que se tratava de alguma espécie de casa, com o costumeiro telhado de cumeeira, só que havia sido construída direto na beira do penhasco. Na verdade, a luz que eu havia visto provinha da sua frente, que talvez estivesse aberta, mas só podíamos ter acesso através de uma pesada porta que Charlotte destrancou por fora. Ela ainda ria de mim pelo que eu havia dito, quando eu a interrompi.

- O que é isso, uma prisão.

- Você é que está preso, dentro do próprio corpo - respondeu ela, empurrando-me porta adentro.

E com horror e pensei em sair, mas a porta estava fechada e sendo o ruído do ferrolho. Olhei à minha volta, confuso e furioso.

Vi um aposento espaçoso, com uma enorme cama de dossel, que serviria para o rei da Inglaterra, embora fosse adornada de musselina em vez de veludo, e tivesse o filó que usam aqui para proteção contra os mosquitos. Dos dois lados, velas ardiam. Tapetes cobriam o piso de cerâmica, e de fato a frente da pequena casa estava totalmente aberta, com suas venezianas afastadas, mas logo descobri a razão para isso, pois com dez passos chegava-se a uma balaustrada. Vi após uma investigação desajeitada, já que Charlotte precisava segurar meu braço para me firmar, que depois dela não havia nada a não ser um enorme mergulho até a praia lá embaixo com suas marolas.

- Não gostaria de passar a noite aqui - disse-lhe. - Se você não quiser me fornecer uma carruagem, voltarei a pé até Port-au-Prince.

- Explique-me essa história de você não gostar de prazeres - disse ela em tom delicado, puxando meu casaco. - Sem dúvida, você deve estar com calor nessa sua roupa horrível. É isso o que todos os holandeses usam?

- Mande parar os tambores, por favor. Não suporto esse barulho. - Pois a música parecia atravessar as paredes. Havia agora nela uma melodia, e isso era um pouco tranquilizador, embora a melodia não parasse de enfiar em mim seus ganchos e de me arrastar mentalmente com ela, de tal modo que na minha cabeça eu dançava contra minha própria vontade.

E não sei bem como fui parar ao lado da cama, com Charlotte tirando minha camisa. Na mesa a pequena distância de nós, uma bandeja de prata com garrafas de vinho e copos finíssimos. Ela se dirigiu a essa mesa, serviu um copo cheio de clarete, trouxe-o e o colocou na minha

mão. Eu ia atirá-lo ao chão, mas ela o segurou, encarando-me nos olhos.

- Petyr, beba um pouco só para poder dormir. Quando quiser ir embora, pode ir. , .

- Você está mentindo - disse eu. Nesse instante, senti outras mãos sobre mim, e outras saias roçando minhas pernas. Duas mulatas majestosas haviam conseguido entrar no aposento, não sei de que modo. As duas eram de uma beleza delicada e voluptuosa nas suas saias recém passadas e suas blusas de babados, movimentando-se à vontade sem dúvida no anuviamento geral que encobria minhas percepções, afofando os travesseiros, alisando o mosquitoireiro, tirando-me as botas e as calças.

Poderiam ter sido princesas hindus com aqueles seus olhos e cílios escuros, seu braços morenos e sorrisos inocentes.

- Charlotte, isso eu não posso tolerar - disse eu. No entanto eu bebi o vinho que ela me trouxe até a boca e novamente senti a tontura. - Ah, Charlotte, por que, o que é isso?

- Certamente você quer observar o prazer - sussurrou ela, acariciando meu cabelo de um modo que me perturbava muito. - Estou falando sério. Ouça o que digo. Você precisa experimentar o prazer para ter certeza de não se interessar por ele, se sabe do que estou falando.

- Não sei. Quero ir embora.

- Não, Petyr. Agora não - disse ela como se estivesse falando com uma criança. Ajoelhou-se diante de mim, olhando para mim, com o vestido apertando seus seios com tanta força que senti vontade de soltá-los. - Beba um pouco mais, Petyr.

Fechei meus olhos e perdi imediatamente o equilíbrio. A música dos tambores e da trompa estava agora mais lenta e mesmo mais melódica, lembrando-me os madrigais embora fosse muito mais primitiva. Lábios roçaram meu rosto e minha boca e, quando abri os olhos espantado, vi que as mulatas estavam nuas e se ofereciam para mim, pois de que outra forma seus gestos poderiam ser descritos?

A alguma distância dali, Charlotte estava em pé, com uma das mãos sobre a mesa, um quadro na paisagem imóvel, embora tudo agora estivesse para além da minha compreensão. Ela parecia uma estátua em contraste com a sombria luz azul do céu. As velas quase se apagavam com a brisa. A música estava mais forte do que nunca. E eu me descobri imerso na contemplação das duas mulheres nuas, dos seus seios enormes e dos seus pêlos escuros e felpudos. Ocorreu-me, então, que nesse calor eu não me importava nem um pouco de estar nu, o que raramente havia acontecido na minha vida. Parecia-me perfeito que eu estivesse nu e que as mulheres também estivessem. Deixei-me, contemplar seus vários segredos, como eram diferentes de outras mulheres e

como todas as mulheres são parecidas.

Uma delas me beijou novamente, tocando-me com sua pele e seu cabelo, muito sedosos, e dessa vez eu abri a boca. Mas a essa altura, sabe, Stefan, eu já estava perdido.

Fui, então, coberto de beijos por essas duas, que me fizeram deitar, nos travesseiros. Não houve parte da minha anatomia que não recebesse suas experientes atenções, e cada gesto era prolongado e tornado ainda mais intenso pela minha embriaguez. Elas me pareciam tão amorosas e alegres, tão, inocentes, essas duas mulheres, e o acetinado da sua pele estava me enlouquecendo.

Eu sabia que Charlotte observava o que estava acontecendo, mas isso não parecia mais ter tanta importância quanto minha vontade de beijar essas mulheres e de tocar seu corpo inteiro como as duas me tocavam, pois a poção, que eu havia bebido estava sem dúvida eliminando toda a timidez e ao mesmo, tempo retardando o ritmo natural de homem nessas circunstâncias, já que me parecia termos todo o tempo do mundo.

O quarto ficou mais escuro, a música, mais amena e eu, mais arrebatado consumido aos poucos, deliciosa e totalmente pelas sensações mais extraordinárias. Uma das mulheres, muito madura e entregue nos meus braços, mostrou-me então uma faixa de seda negra e, enquanto eu me perguntava o que aquela fita larga podia ser, ela cobriu meus olhos com a fita enquanto a outra amarrava bem apertada atrás da minha cabeça.

Como posso explicar de que modo essa súbita servidão atçou a chama ela a mim? Como eu, vendado como Cupido, perdi qualquer decência que me restava enquanto nos jogávamos juntos na cama?

Nessa escuridão inebriante, eu afinal montei a vítima, sentindo minhas mãos tocarem delicadamente numa cabeleira abundante.

A boca me chupava e braços fortes me puxaram para baixo para um verdadeiro campo macio de seios, ventre e carne docemente perfumada. E, quando gritei no auge da paixão, alma absolutamente perdida que era, a venda me foi arrancada e eu vi ali embaixo, à luz fraca, o rosto de Charlotte, com os olhos recatadamente fechados, os lábios entreabertos e o rosto inundado de um êxtase igual ao meu.

Não havia ninguém além de nós dois na cama! Ninguém, além de nós dois na pequena casa. Como um louco, levantei-me, afastando-me dela. Mas o mal estava feito. Eu havia chegado à borda do penhasco quando ela me alcançou.

- O que você vai fazer! - gritou em desespero. - Pular no mar?

Não soube responder, mas grudei-me a ela para não cair. Se ela não me houvesse puxado para trás, eu teria caído. E tudo em que eu podia pensar era que ela era minha filha, minha filha! O que eu fiz?!

No entanto, quando eu soube, minha filha, e repeti, minha filha, e encarei de frente o acontecido, descobri que me voltava para ela, que a segurava e a puxava para mim. Eu iria castigá-la com beijos? Como a fúria e a paixão podiam se mesclar assim? Nunca fui soldado num cerco, mas será que eles sentem esse tipo de excitação ao rasgar as vestes das cativas que gritam?

Eu só sabia que a esmagaria com meu desejo.

- Minha filha - murmurei, quando ela jogou a cabeça para trás e suspirou. Mergulhei, então, meu rosto nos seus seios nus.

Tão intensa era minha paixão que era como se eu nunca a houvesse esgotado. Ela me arrastou para o quarto, pois eu a teria possuído na própria areia. Minha brutalidade não provocava medo nela. Ela me puxou para a cama, e nunca desde aquela noite com Deborah em Amsterdã eu conheci tanto prazer. Não, aqui nem cheguei a me conter pela ternura que sentia então.

- Sua bruxinha imunda - Eu gritei, e ela aceitou como se fosse um beijo. Ela se contorcia na cama debaixo de mim, subindo para vir ao meu encontro, enquanto eu descia sobre ela. Afinal, joguei-me no travesseiro. Eu queria morrer, e tê-la novamente nesse instante.

Mais duas vezes antes do amanhecer, eu a possuí, a não ser que já estivesse completamente louco. Eu estava tão bêbado que mal sabia o que estava fazendo, mas sabia que tudo o que um dia quis numa mulher estava ali nas minhas mãos. Próximo ao amanhecer, lembro-me de ter ficado deitado com ela, a examiná-la como se quisesse conhecê-la e à sua beleza, pois ela dormia e nada se interpunha entre mim e minhas observações - ah, sim, lembrei-me com amargor do seu escárnio, pois era isso o que elas eram, Stefan, observações e aprendi numa hora mais sobre uma mulher do que pude aprender na vida inteira.

Como era lindo seu corpo tão jovem! Como eram firmes e macias ao tato suas pernas e sua pele fresca! Eu não queria que ela acordasse e me olhasse com os olhos experientes e astutos de Charlotte. Eu queria chorar por tudo o que havia acontecido.

Pareceu-me que ela acordou e que conversamos algum tempo, mas eu me lembro com mais nitidez do que vi do que das palavras que trocamos. Ela mais uma vez me importunou com a bebida, seu veneno, e acrescentou a ele um atrativo ainda maior, pois agora me parecia entristecida, pensativa e mais disposta do que nunca a saber o que eu pensava.

Sentada ali, com os cabelos dourados caindo à sua volta a Lady Godiva dos ingleses, ela mais uma vez demonstrou estar intrigada por eu ter visto Lasher no círculo de pedras em Donnelaith. E num aparente efeito da poção, Stefan, eu

estava agora lá! Pois ouvi o gemido da carroça mais uma vez e vi minha pequena Deborah tão querida e, ao longe, a imagem tênue do homem misterioso.

- Ah, mas você sabe que ele queria aparecer para Deborah - ouvi -me explicando - e isso prova que qualquer um poderia vê-lo, que ele havia conseguido reunir uma forma física, por algum meio desconhecido antigo.

- É e como foi que fez isso?

Mais uma vez, retirei do arquivo da minha mente os ensinamentos dos antigos.

- Se essa criatura consegue recolher jóias para você...

- Isso ele faz.

- ...então ele pode reunir partículas minúsculas para criar uma forma humana.

E então, num piscar de olhos, eu me encontrava em Amsterdã na cama com Deborah, e todas as suas palavras daquela noite foram repetidas, como se eu estivesse com ela naquele mesmo quarto. E tudo isso eu então contei a minha filha, a feiticeira nos meus braços, que servia o vinho para mim e que eu pretendia ter mil vezes antes de me sentir satisfeito.

- Mas, se você sabe que eu sou seu pai, por que fez isso? - perguntei, ao mesmo tempo em que procurava lhe dar mais um beijo.

Ela me manteve afastado como se eu fosse uma criança.

- Preciso da sua altura e da sua força, pai. Preciso de um filho seu, um filho que não herde a doença de Antoine ou

uma filha que veja Lasher, pois Lasher não se mostrará a um homem. - Ela refletiu um pouco e prosseguiu. - E veja bem, você não é apenas um homem para mim, mas um homem ligado a mim pelo sangue.

Quer dizer que tudo foi planejado.

- Mas isso não pára por aí. Você sabe como é para mim a sensação de um homem de verdade me abraçando? A sensação de um homem de verdade em cima de mim? E por que não deveria ser meu pai, se meu pai é o homem mais atraente de todos os que conheci?

Lembrei-me de você, Stefan. Lembrei-me dos seus avisos. Lembrei-me de Alexander. Estaria ele ainda nesse instante chorando minha perda na casa matriz?

Sem dúvida devo ter chorado, pois lembro-me de que ela me consolou, e de como era comovente sua aflição. Depois ela se agarrou a mim, ela própria enrodilhada como uma criança ao meu lado, e disse que nós dois sabíamos de coisas que ninguém mais sabia a não ser Deborah, e Deborah estava morta.

Chorou, então. Chorou por Deborah.

- Quando ele veio a mim e me disse que ela estava morta, eu chorei sem parar. Não conseguia parar. Os odros batiam nas portas pedindo que eu saísse. Até aquele instante, eu não o havia visto ou conhecido. Minha mãe me havia dito para usar o colar da esmeralda, e que pela sua luz ele me encontraria. Mas ele não precisou do colar. Agora eu sei. Eu estava deitada sozinha no escuro quando ele veio. Vou lhe contar um segredo terrível. Até aquele momento, eu não acreditava nele! Não mesmo. Eu não havia segurado a pequena boneca que ela me deu, a boneca da sua mãe...

- Ela me foi descrita em Montclevé.

- Ora, essa boneca é feita dos ossos e do cabelo de Suzanne, ou pelo menos era isso o que minha mãe afirmava, pois segundo ela Lasher lhe havia trazido o cabelo depois que cortaram o de Suzanne na cadeia, e os ossos depois que ela foi queimada. E com isso ela fez uma boneca como Suzanne lhe havia ensinado. Ela segurava a boneca e invocava Suzanne.

- Agora a boneca estava comigo, e eu agi de acordo com suas instruções, mas Suzanne não apareceu! Não ouvi nada, não senti nada e me perguntei sobre todas as coisas que minha mãe acreditava.

- Ele veio então, como lhe disse. Senti que ele vinha na escuridão. Senti suas carícias.

- Como assim, carícias?

- Ele me tocou como você me tocou. Eu estava deitada no escuro, e havia lábios nos meus seios. Lábios na minha boca. Entre as minhas pernas, ele me afagou. Acordei, pensando que isso devia ser um sonho, um sonho de quando Antoine ainda era homem. Mas ele estava ali! "Minha linda Charlotte, você não precisa de Antoine", disse-me ele. Foi então que passei a usar a esmeralda. Eu usei como minha mãe havia dito.

- Ele lhe contou que ela estava morta?

- Contou que ela havia caído das ameias da catedral e que você havia jogado o padre perverso para a morte. É, mas ele fala de uma forma estranhíssima. Não se pode imaginar como são estranhas suas falas. Como se ele as houvesse apanhado em todo o mundo do mesmo jeito que apanha jóias e ouro aleatoriamente.

- Diga-me como é.

- Não consigo - disse ela, com um suspiro. Em seguida, ela tentou, e agora farei o possível para ser fiel. - "Estou aqui, Charlotte. Sou Lasher e estou aqui. O espírito de Deborah subiu do seu corpo, ele não me viu, ele deixou a terra. Seus inimigos corriam da direita para a esquerda e de volta à direita, em pânico. Veja-me, Charlotte, e me ouça, pois eu existo para servi-la, e só por servi-la existo." - Ela deu mais um suspiro. - Mas é ainda mais estranho do que isso quando ele conta uma história mais longa. Pois eu lhe perguntei o que aconteceu com minha mãe e ele disse, "Eu vim e reuni forças. Eu levantei as telhas dos telhados e fiz com que

voassem pelo ar. Eu levantei o pó do chão e fiz com que voasse pelo ar".

- E o que mais esse espírito diz a respeito da sua própria natureza?

- Só que ele sempre existiu. Antes dos homens e das mulheres, ele já existia.

- Ah, e você acredita nisso?

- Por que eu não deveria acreditar?

Não lhe respondi, mas no fundo da minha alma eu não acreditava e não sabia dizer por quê.

- Como ele foi aparecer perto das pedras de Donnelaith? - perguntei-lhe. - Pois foi lá que Suzanne o invocou pela primeira vez, não foi?

- Ele não estava em nenhuma parte quando ela chamou por ele. Ele surgiu com seu chamado. Ou seja, ele não tem conhecimento de si mesmo antes daquela hora. Sua consciência de si mesmo começa a partir do conhecimento que ela teve a seu respeito, e se fortalece com o meu.

- É, mas você sabe que tudo isso pode ser adulação.

- Você fala como se ele não tivesse sentimentos. Isso não é verdade. Digo-lhe que o ouvi chorar.

- Conte-me por favor o motivo.

- Pela morte de minha mãe. Se ela houvesse permitido, ele poderia ter destruído todos os cidadãos de Montcleve. Os inocentes e os culpados teriam sido castigados. Minha mãe, no entanto, não conseguia imaginar uma coisa dessas. Ela

procurou apenas sua libertação quando se jogou das ameias. Se ela tivesse sido mais forte...

- E você é mais forte.
- Usar esses poderes para a destruição não é nada.
- Devo confessar que nesse ponto você tem razão.

Refleti sobre tudo isso, enquanto girava na memória o que foi dito, o que creio ter conseguido. E talvez ela me compreendesse, pois em seguida falou, com tristeza. - Ah, como posso permitir que saia daqui se você sabe essas coisas dele e de mim?

- Então você me mataria? - perguntei-lhe.

Ela chorou e virou a cabeça no travesseiro.

- Fique comigo. Minha mãe lhe pediu isso, e você lhe disse não. Fique comigo. De você, eu poderia ter filhos fortes.

- Sou seu pai. Você está louca de me pedir isso.

- Que importa isso! À nossa volta não há nada a não ser escuridão e mistério. Que diferença faz? - E a sua voz me encheu de tristeza. Parece que eu também chorava, mas mais baixo. Beijeí seu rosto e procurei acalmá-la. Disse-lhe aquilo em que acreditamos no Talamasca que, com Deus ou sem Deus, nós, homens e mulheres, precisamos ser honestos, precisamos ser santos, pois só como santos triunfamos. Mas isso só fez com que chorasse com uma tristeza ainda maior.

- Toda a sua vida foi em vão. Você desperdiçou. Você renegou o prazer, em troca de nada.

- É, mas você deixou de ver em profundidade. Pois minha leitura e meus estudos foram os meus prazeres, como a cirurgia e o estudo foram os prazeres do meu pai e esses prazeres são duradouros. Não preciso dos prazeres da carne. Nunca precisei. Não preciso da riqueza, e por isso sou livre.

- Está mentindo para mim, ou para si mesmo? Você tem medo da carne. O Talamasca oferece a segurança a vocês como os conventos a oferecem às freiras. Você sempre fez o que era seguro...

- Era seguro ir a Donnelaith? Era seguro ir a Montclevé?

- Não, é verdade que nisso você demonstrou coragem. E também coragem ao vir até aqui. No entanto, não estou falando desse seu aspecto, mas daquele seu eu secreto e íntimo que poderia ter conhecido o amor e conhecido a paixão, e que recuou por medo, sentindo repulsa pela própria chama. Você deve perceber que o pecado, como o que cometemos hoje, só pode nos fortalecer e fazer com que sejamos mais solitários, mais determinados e mais frios com os outros, como se nossos segredos fossem escudos.

- Minha querida, não quero ser solitário, determinado e frio com os outros. Já sou tudo isso o suficiente quando entro nas cidades em que bruxas vão ser queimadas. Quero que minha alma esteja em harmonia com as outras almas. E esse pecado fez de mim um monstro aos meus próprios olhos.

- E daí, Petyr?

- Eu não sei. Não sei. Mas você é mesmo minha filha. Você pensa no que faz, isso devo admitir. Você reflete e considera. Se não sofre o suficiente.

- E por que eu deveria sofrer? - Ela deu uma risada de pura inocência. Por que eu deveria! - exclamou, encarando-me nos olhos.

E, incapaz de responder essa pergunta, enojado da minha culpa e da minha embriaguez, caí num sono profundo. Antes do amanhecer, acordei.

O céu da manhã encheu-se de imensas nuvens matizadas de rosa, e o bramido do mar era um som maravilhoso. Charlotte não estava em parte alguma. Eu via que a porta para o mundo lá fora estava fechada, e sabia, sem experimentá-la, que estava trancada por fora. Quanto às pequenas janelas nas paredes a cada lado de mim, elas não eram largas o bastante para permitir a passagem de uma criança. Estavam fechadas com venezianas, pelas quais a brisa entrava, cantando. E o pequeno quarto estava cheio de ar fresco do mar.

Atordoado, fiquei olhando a claridade cada vez mais luminosa. Queria estar de volta a Amsterdã, embora me sentisse imundo, sem condições de me redimir. E, quando tentei me levantar, para ignorar o desconforto na minha cabeça e no meu estômago, percebi uma forma fantasmagórica à esquerda das portas abertas, no canto sombrio do quarto.

Examinei-a por algum tempo, para saber se não resultava da droga que eu havia ingerido, ou mesmo de um jogo de luz e sombras. Mas não era. Parecia ser um homem alto e de cabelos escuros, que olhava para mim, ali deitado, querendo falar comigo ou era o que parecia.

- Lasher - sussurrei.

- Tolo de ter vindo aqui - disse a criatura. Mas seus lábios não se mexiam, e eu não ouvi a voz pelos ouvidos. - Tolo de

ter procurado se intrometer entre mim e a bruxa que eu amo, mais uma vez.

- E o que você fez com minha querida Deborah?

- Você sabe, mas não sabe.

Eu ri.

- Eu deveria ficar honrado de você me julgar? - Sentei-me na cama. - Mostre-se melhor.

E diante dos meus olhos, a forma ficou mais densa e mais nítida, e eu pude ver as características de um homem específico. De nariz fino, de olhos escuros, e trajando exatamente as mesmas roupas que eu vislumbrara por um instante anos atrás na Escócia, um gibão de couro, culotes mal cortados e uma camisa de mangas bufantes de fio cru.

No entanto, no instante em que captava esses detalhes, pareceu-me que o nariz ficava mais nítido, os olhos escuros, mais vivazes, e o couro de gibão, mais semelhante ao couro.

- Quem é você, espírito? Diga-me seu nome verdadeiro, não o nome que minha Deborah lhe deu.

Uma expressão de dor terrível cobriu seu rosto, ou não, era só a ilusão que começava a se desfazer. O ar encheu-se de lamento e de um espantoso choro mudo. E a criatura desapareceu.

- Volte espírito! Ou melhor, se ama Charlotte, vá embora! Volte para o caos de onde veio e deixe minha Charlotte em paz. - E eu poderia ter jurado que num sussurro o ser voltou a falar.

- Eu sou paciente, Petyr van Abel. Vejo muito longe. Estarei bebendo o vinho, comendo a carne e conhecendo o calor da mulher quando de você não restarem nem os ossos.

- Volte! - Gritei. - Explique-me o significado das suas palavras! Eu o vi, Lasher, tão nítido quanto a bruxa o viu, e eu posso torná-lo forte. Seguiu-se apenas o silêncio. E eu me joguei de novo no travesseiro, com a certeza de que esse era o espírito mais forte que eu já havia visto. Nenhuma assombração nunca foi tão clara, tão perfeitamente visível. E as palavras pronunciadas pelo espírito não tinham nada a ver com a vontade da bruxa. Ali, se ao menos eu estivesse com meus livros. Se ao menos estivesse com eles naquela hora.

Veio mais uma vez na imaginação o círculo de pedras em Donnelaith. Digo-lhe que há algum motivo para que o espírito surgisse daquele local! Esses não é nenhum espírito qualquer, nenhum guardião, nenhum Ariel pronto para se curvar diante da vara de condão de Próspero! Eu estava tão agitado que acabei bebendo mais vinho para abrandar minha dor.

Pois aí, Stefan, você tem apenas o primeiro dia do meu cativeiro e da minha desgraça.

Como vim a conhecer bem aquela pequena casa! Como vim a conhecer bem o penhasco ali adiante, pelo qual não descia nenhuma trilha até a praia. Mesmo que eu dispusesse de uma corda de marinheiro e que amarrasse à balaustrada, não teria conseguido realizar aquela descida apavorante.

Continuo, porém, com meu relato.

Talvez já passasse do meio-dia quando Charlotte chegou. Quando vi as duas mulatas entrarem com ela, soube que

não as havia criado na minha imaginação, e só fiquei olhando com frieza e em silêncio enquanto elas punham flores frescas em todo o quarto. Traziam minha camisa limpa e passada, bem como mais roupas, dos tecidos mais leves que se usam nesta região. Trouxeram, também, uma grande tina, deslizando-a pela terra arenosa como se fosse barco. Dois escravos muito musculosos vinham como guardas caso eu saísse correndo pela porta.

A tina elas encheram com água quente e disseram que eu podia tomar banho quando quisesse.

Tomei o banho, na esperança de eliminar meus pecados, acho. Depois quando estava limpo, vestido, com a barba e o bigode bem aparados, sentei-me e comi o alimento deixado para mim, sem olhar para Charlotte, que havia ficado sozinha.

- Quanto tempo pretende me manter neste lugar. - perguntei afastando o prato.

- Até conceber um filho seu. E posso ter um aviso muito em breve.

- Bem, você teve sua oportunidade - disse eu, mas mal as palavras me saíam da boca, eu voltei a sentir o desejo da noite anterior e me vi, como num sonho, rasgando seu belo vestido de seda, soltando seus seios para que eu pudesse sugá-los com o ímpeto de um bebê. Ocorreu-me novamente a deliciosa idéia de que ela era depravada e, portanto, eu podia fazer qualquer coisa a ela e com ela, e eu deveria aproveitar essa chance assim que pudesse.

Ela sabia. Sem a menor dúvida, ela sabia. Veio sentar-se ao meu colo e me olhou nos olhos. Sem pensar quase nada.

- Rasgue a seda, se quiser. Você não pode sair daqui. Faça então o que puder nessa sua prisão.

Tentei agarrar seu pescoço e fui de imediato lançado ao chão. A cadeira, virada. Só que não havia sido ela. Charlotte havia apenas se afastado para não ser ferida.

- Ah, quer dizer que ele está aqui - disse eu, com um suspiro. Eu não o via, mas via, sim, um adensamento do ar acima de mim e depois a dispersão à medida que sua presença encapelada ia se alargando, se rarefazendo e desaparecendo. - Mostre-se como homem, como fez hoje pela manhã. Fale comigo como falou hoje de manhã, seu covarde!

Toda a prataria no quarto começou a chocalhar. O mosquitoeiro formou uma grande onda. Eu ri.

- Diabinho idiota - disse eu, pondo-me de pé e espanando a poeira das roupas. A coisa atingiu-me de novo, mas eu me segurei nas costas da cadeira. - Diabinho imbecil, e que belo covarde você é.

Ela assistia pasma a tudo isso. Eu não conseguia identificar a expressão no seu rosto, se era de suspeita ou de medo. E então ela sussurrou algumas palavras entre os dentes, e eu vi o filó pendurado nas janelas se movimentar como se a coisa tivesse saído voando por ali. Estávamos a sós.

Ela voltou o rosto para longe de mim, mas eu vi que sua pele ardia e que havia lágrimas nos seus olhos. Ela me pareceu tão desprotegida. Eu me odiava por desejá-la.

- Sem dúvida você não me culpa por tentar feri-la - disse-lhe educadamente. - Pois me mantém aqui contra minha vontade.

- Não o desafie novamente - disse ela, apavorada, com os lábios trêmulos. - Eu não gostaria que ele o ferisse.

- Ah, e será que a poderosa bruxa não consegue refreá-lo?

Ela me parecia perdida, agarrada à coluna da cama, cabisbaixa. E tão encantadora! Tão sedutora! Ela não precisava ser feiticeira para me enfeitiçar.

- Você me quer - disse ela baixinho. - Pois tome posse de mim. E eu lhe direi algo que aquecerá seu sangue mais do que qualquer droga que eu possa lhe dar. - A essa altura ela ergueu os olhos, com os lábios tremendo como se quisesse chorar.

- E o que você diria?

- Que eu o quero. Que o acho lindo. Que anseio por você quando estou deitada ao lado de Antoine.

- Azar o seu, filha - disse eu, friamente, mas que mentira!

- Será.

- Torne-se insensível. Lembre-se de que um homem não precisa considerar a mulher linda para atacá-la. Seja fria, como um homem. É uma atitude mais coerente já que você me mantém aqui contra minha vontade. Ela não disse nada por algum tempo e em seguida aproximou-se de mim e começou novamente sua sedução, com delicados beijos filiais, com sua mão a me explorar o corpo e seus beijos se tornando mais ardentes. E eu fui o mesmo tolo de antes. Só minha raiva queria permitir aquilo, e por isso eu a enfrentei.

- O seu espírito gosta? - perguntei, olhando o vazio acima de nós e ao nosso redor. - Ele gosta que você me deixe tocá-la quando ele é que queria a estar tocando?

- Não o provoque! - exclamou, temerosa.

- Ah, apesar de todas as carícias, de todos os beijos que ele lhe dá, ele não tem como engravidá-la, certo? Ele não é incubo das demonologias que rouba o sêmen de homens adormecidos. É por isso que ele tolera que eu continue vivo até que você conceba.

- Ele não o machucará, Petyr, pois isso eu não vou permitir. Eu o proibi de atingi-lo.

Seu rosto mais uma vez enrubesceu quando ela olhou para mim, e agora ela examinava o vazio à sua volta.

- Não tire esse pensamento da cabeça, filha. Lembre-se de que ele pode ler seus pensamentos. E ele pode lhe dizer que faz o que você deseja, mas ele faz que ele deseja. Ele mesmo apareceu hoje de manhã. Veio me provocar.

- Não minta para mim, Petyr.

- Eu nunca minto, Charlotte. Ele veio, sim. - E eu descrevi para ela todo episódio da aparição e revelei suas estranhas palavras. - Agora, o que isso pode significar, minha linda? Você ainda que ele não possui vontade própria? Está sendo tola, Charlotte. Deite-se com ele em vez de comigo! - Eu ri dela, e ao ver a dor nos seus olhos, ri ainda mais. - Eu gostaria de ver você e seu demônio. Deite-se ali e ordene que ele apareça agora.

Ela me esbofeteou. Eu ri ainda mais, com a ardência do golpe de repente me parecendo um carinho. Ela me estapeou novamente e ainda mais uma vez, e então senti o que queria, a raiva para segurá-la pelos pulsos e atirá-la sobre a cama. Ali arranquei o seu vestido e as fitas que prendiam seu cabelo. Ela agiu com a mesma violência com

os finos trajes nos quais as criadas me haviam vestido, e nós nos entregamos com o ardor de antes.

Finalmente, após alcançarmos o clímax três vezes, e enquanto eu estava meio adormecido, ela me deixou calada, só com o ruído do mar a me fazer companhia.

Antes do final da tarde, eu já sabia que não havia como sair da casa, pois havia tentado. Tentei derrubar a porta, batendo nela com a única cadeira que havia ali. Tentei escalar as beiradas das paredes. Tentei me enfiar nas pequenas janelas. Tudo em vão. Esse lugar havia sido cuidadosamente construído para servir de prisão. Cheguei a tentar alcançar o telhado, mas essa possibilidade também havia sido examinada e resolvida. A inclinação era íngreme demais, as telhas, escorregadias e a escalada impossivelmente longa e difícil. E quando caiu o crepúsculo, trouxeram-me uma ceia, que foi oferecida prato a prato através de uma das janelas estreitas e que, após grande hesitação, resolvi aceitar mais por tédio e quase loucura do que por fome.

E quando o sol mergulhou no mar, eu estava sentado junto à balaustrada, bebendo vinho e olhando o pôr-do-sol e o azul-escuro das ondas que quebravam com sua espuma muito branca na praia límpida lá embaixo.

Ninguém nunca apareceu naquela praia durante todo o meu cativeiro. Suspeito de que seja um local de acesso apenas por mar. E qualquer um que ali chegasse por mar teria morrido ali, pois não havia nenhum caminho para subir o penhasco, como já disse.

Mesmo assim, a paisagem era lindíssima. E enquanto eu me embriagava cada vez mais, passei a observar as cores do mar e a mudança da luz, como se estivesse enfeitiçado.

Quando o sol desapareceu, uma enorme faixa de fogo cobriu o horizonte de uma ponta do mundo à outra. Isso talvez tenha durado uma hora. Depois, o céu passou a um rosa claro e afinal um azul profundo, azul como o mar.

Resolvi, naturalmente, que não deveria voltar a tocar em Charlotte, não importando a provocação que ela fizesse. Ao descobrir que eu lhe era inútil, ela logo me permitiria ir embora. Eu suspeitava, porém, que ela de fato me mataria, ou que o espírito o faria. E eu não tinha a menor dúvida quanto à sua impossibilidade de impedi-lo.

Não sei quando adormeci. Ou que horas eram quando despertei e vi que Charlotte havia vindo e que estava sentada ali dentro junto à vela. Levantei-me para tomar mais um copo de vinho, pois eu agora estava completamente dominado pela bebida e sentia uma sede insuportável apenas minutos depois do último gole.

Não lhe disse nada, mas assustei-me com a beleza que ela me revelava. Ao primeiro olhar que dei, meu corpo já se acelerou de desejo, na expectativa do começo do jogo conhecido. Eu me passava severas repreensões em silêncio mas meu corpo não é nenhum menino de escola.

Ele como que ria abertamente de mim. E eu nunca me esquecerei da expressão no seu rosto quando ela olhou para mim e enxergou fundo no meu coração.

Fui até ela enquanto ela vinha até mim. E esse afeto humilhava a nós dois. Afinal, quando havíamos terminado mais uma vez, ela se sentou tranqüila e começou a falar comigo.

- Não existem leis para mim - disse ela. - Os homens e as mulheres não são só amaldiçoados com fraquezas. Alguns de nós são amaldiçoados também com virtudes. E a minha

virtude é a força. Consigo dominar os que me cercam. Já sabia disso quando era criança. Eu dominava meus irmãos e, quando minha mãe foi acusada, implorei para ficar em Montcleve pois tinha certeza de conseguir alterar seu depoimento de modo a beneficiá-la.

- Mas ela não quis permitir. E ela, eu nunca dominei. Domino meu marido e o dominei desde o nosso primeiro encontro. Comando a fazenda com tanta habilidade que os outros fazendeiros fazem comentários e me procuram para pedir conselhos. Talvez fosse possível se dizer que mando na paróquia, já que sou a fazendeira mais rica da região. E sei que poderia governar a colônia, se o quisesse.

- Sempre tive essa força e percebo que você também a tem. É essa força que lhe permite desafiar toda autoridade civil e eclesiástica, entrar em aldeias e cidades com um monte de mentiras e acreditar no que faz. Você só se submeteu a uma autoridade na terra, que foi o Talamasca, mas mesmo a eles você não se submeteu por inteiro.

Eu nunca havia pensado nisso, mas era verdade. Você sabe, Stefan, que temos membros que não podem fazer trabalho de campo por não possuírem o ceticismo necessário quanto à pompa e às formalidades. Ela estava, portanto, certa.

Eu, porém, não lhe disse isso. Bebi o vinho e fiquei olhando para o mar ao longe. A lua havia nascido, formando um caminho de luz na água. Refleti que havia passado pouquíssimo tempo na minha vida a contemplar o mar.

E Parecia que eu estava há muito tempo nessa minha pequena prisão à beira do penhasco, e nela não havia agora nada de notável.

- Vim para o exato lugar em que minha força pode ser mais bem aproveitada - disse Charlotte, dando prosseguimento à

conversa. - E pretendo ter muitos filhos antes que Antoine morra. Quero ter muitos. Se você continuar comigo como meu amante, não há nada que não possa ter.

- Não fale assim. Você sabe que isso não pode ser.

- Pense bem. Imagine. Você aprende através da observação. Bem, o que aprendeu observando as coisas por aqui? Eu poderia construir uma casa para você nas minhas terras, uma biblioteca do tamanho que lhe agradasse. Você poderia receber seus amigos da Europa. Você poderia ter tudo o que desejasse.

Pensei muito antes de responder, já que era essa sua vontade.

- Eu preciso de mais do que você pode me oferecer, Charlotte. Mesmo que eu pudesse aceitar o fato de você ser minha filha e de nós por assim dizer, estarmos desrespeitando as leis da natureza.

- Que leis - zombou ela.

- Permita-me terminar, e eu lhe direi. Preciso de mais do que os prazeres da carne, ainda mais do que a beleza do mar, e mais do que a satisfação de todos os meus desejos. Preciso de mais do que dinheiro.

- Por quê?

- Porque tenho medo da morte - disse eu. - Não acredito em nada e, portanto, como muitos que não acreditam em nada, preciso criar algo, e esse algo é o significado que atribuo à minha vida. A salvação das bruxas, o estudo do sobrenatural, esses são meus prazeres duradouros. Eles fazem com que eu me esqueça de que não sei por que nascemos, por que morremos ou por que o mundo existe.

Se meu pai não houvesse morrido, eu talvez houvesse me tornado cirurgião, estudado o funcionamento do corpo e feito belos desenhos dos meus estudos, como ele fez. E se o Talamasca não houvesse me encontrado após a morte de meu pai, eu talvez houvesse me tornado pintor, pois eles criam universos de significados sobre a tela. Agora, porém, eu não posso ser essas coisas, já que não tenho formação para elas e é tarde demais para aprender. Por isso, devo voltar para a Europa e fazer o que sempre fiz. Eu preciso. Não é uma questão de escolha. Eu enlouqueceria neste lugar selvagem. Eu acabaria a odiando mais do que já a odeio.

Isso a deixou extremamente intrigada, embora também a magoasse e a decepcionasse. Seu rosto assumiu a expressão da tragédia leve enquanto ela me perscrutava. E nunca meu coração se enterneceu tanto por ela quanto nesse momento em que ela ouviu minha resposta e ficou ali sentada em reflexão, sem dizer palavra.

- Fale comigo - disse ela. - Conte-me sua vida.

- Isso eu não farei.

- Por que não?

- Porque você quer e porque me mantém aqui contra minha vontade.

Ela refletiu mais um pouco, em silêncio, com os olhos belíssimos na sua tristeza, como antes.

- Você veio para cá para me influenciar e para me ensinar, não foi?

- Tudo bem, filha - disse eu, sorrindo para ela, pois era verdade. - Vou lhe transmitir tudo o que sei. Será que vai

resolver o problema? E nesse instante, no meu segundo dia de cativo, tudo mudou. Tudo mudou até a hora, muitos dias depois, em que alcancei a liberdade. Eu ainda não percebia, mas tudo estava mudado. Depois dessa conversa eu nunca mais briguei com ela. Também deixei de lutar contra meu amor e meu desejo por ela, que nem sempre estavam associados, mas que tinham sempre grande força. Não importava o que acontecesse nos dias que se seguiram, nós conversávamos o tempo todo, eu, na minha embriaguez e ela, com sua sobriedade marcante. Assim, toda a

história da minha vida foi exposta para que ela a examinasse e a discutisse, bem como uma boa quantidade dos meus conhecimentos do mundo.

Parecia-me, então, que minha vida não era nada mais do que beber, fazer amor com ela e conversar, além daqueles longos períodos de devaneio em que eu continuava meus estudos do mar inconstante.

Algum tempo depois, não sei dizer quando, talvez uns cinco dias, talvez mais ela me trouxe pena e papel e me pediu que eu escrevesse para ela tudo o que sabia da minha linhagem, da família do meu pai, de como ele havia se tornado médico como seu próprio pai, de como os dois haviam estudado em Pádua e o que haviam aprendido e escrito. Pediu também os títulos das obras do meu pai.

Esse pedido eu atendi com prazer, embora estivesse tão bêbado que a tarefa consumiu horas. Depois, fiquei deitado, tentando me lembrar do meu eu de antes, enquanto ela levava embora o que eu havia escrito. Nesse meio tempo, ela mandou confeccionar belos trajes para mim e fazia com que as criadas me vestissem todos os dias, embora eu agora sentisse uma indiferença com relação a essas coisas.

E com essa mesma indiferença permiti que elas cortassem minhas unhas e aparassem meu cabelo.

Não senti nenhuma suspeita, considerando que aquilo apenas fazia parte das meticulosas atenções às quais já estava acostumado. Ela então me mostrou um bonequinho de pano feito com a camisa que eu estava usando no dia em que ali cheguei, e explicou que no meio dos seus vários nós estavam as aparas das minhas unhas, e que o cabelo preso à cabeça era meu próprio cabelo.

Fiquei, perplexo, como sem dúvida era sua intenção. E observei em silêncio quando ela fez um talho no meu dedo com sua faca, deixando meu sangue pingar no corpo do boneco. Mais do que isso, ela o manchou por inteiro com meu sangue até ele ser apenas um objeto vermelho com o cabelo louro.

- O que você pretende fazer com essa coisa horrenda?
- Você sabe o que pretendo fazer.
- Ah, então minha morte é certa.
- Petyr - disse ela, em tom de súplica, com as lágrimas subindo-lhe aos olhos - podem se passar anos até que você morra, mas esse boneco me confere poder.

Eu não disse nada.

Quando ela se foi, apanhei o rum que sempre havia estado ali à minha disposição e que, naturalmente, era muito mais forte do que o vinho e me embriaguei com ele a ponto de ter sonhos horrendos.

Tarde da noite, porém, esse pequeno incidente do boneco gerou em mim um enorme pavor. Por isso, fui mais uma vez

até a mesa, tomei da pena e escrevi para ela todo o que eu sabia acerca de espíritos, e dessa vez sem a menor esperança de adverti-la, mas, sim, com a intenção de orientá-la.

Considereei que ela precisava saber de algumas coisas:

Que os antigos acreditavam em espíritos como nós, mas também acreditavam que eles envelheciam e morriam; e que havia em Plutarco a história do Grande Pã que afinal morreu, deixando todos os espíritos do mundo em pranto ao perceberem que eles também um dia morreriam.

Que quando um povo da Antigüidade era conquistado, acreditava -se que seus deuses caídos se tornavam espíritos que assombravam as ruínas das cidades e dos templos. E ela precisava se lembrar de que Suzanne havia invocado o espírito Lasher naquelas pedras antigas na Escócia, embora não soubesse que povo teria reunido aquelas pedras.

Que os cristãos dos primeiros tempos acreditavam que os deuses pagãos eram espíritos e que podiam ser conjurados por maldições e feitiços. E que, para resumir, todas essas crenças têm alguma coerência, pois sabemos que espíritos se fortalecem a partir da nossa crença neles. Portanto, é natural que eles se tornassem semelhantes a deuses para aqueles que os invocavam e que, quando seus fiéis eram conquistados e divididos, esses espíritos caíssem de volta no caos ou se transformassem em entidades inferiores submissas ao chamado do mago eventual.

Escrevi mais sobre o poder dos espíritos. Que eles podem criar ilusões para nós, que podem penetrar nos corpos como nos casos de possessão, que podem mover objetos, que podem aparecer para nós embora não saibamos a partir do quê eles conseguem concentrar seu corpo.

Quanto a Lasher, eu era da opinião de ser seu corpo composto de matéria, mantida agregada através do seu poder, mas isso ele só conseguia realizar por um período curtíssimo. Descrevi, ainda, como o espírito me havia aparecido e as estranhas palavras que havia me dito. Como essas palavras me haviam deixado intrigado, e como Charlotte precisava ter em mente que essa criatura poderia ser o fantasma de alguma pessoa falecida há muito tempo, presa à terra e vingativa, pois todos os antigos acreditavam que os espíritos dos que morriam na juventude, ou de forma violenta, podiam se tornar espíritos vingativos, enquanto os espíritos dos bons partiam deste mundo.

O que mais eu escrevi, e não foi pouco, já não me lembro, pois estava totalmente entregue à bebida. E talvez o que coloquei nas suas mãos delicadas no dia seguinte não tenha sido mais do que lamentáveis garranchos. No entanto, muitas coisas tentei explicar, apesar dos seus protestos e alegações de que eu já havia dito aquilo tudo antes.

Quanto às palavras de Lasher naquela manhã, sua estranha profecia, ela só deu um sorriso e me dizia sempre que eu mencionava o assunto que Lasher colhia sua fala de nós em fragmentos e que grande parte do que dizia não fazia sentido.

- Isso é apenas parte da verdade - avisei. - Ele não está acostumado à fala, mas o mesmo não ocorre com o pensamento. É aí que você se engana. Cada vez mais, com o passar dos dias, eu me entregava ao rum e ao sono.

Abria meus olhos apenas para ver se ela estava ali. E, exatamente quando eu estava enlouquecido pela sua ausência, pior, pronto para espancá-la num acesso de fúria, ela aparecia sem falta. Linda, dócil, deliciosa nos meus braços, a encarnação de toda poesia, o rosto que eu pintaria

incessantemente se fosse Rembrandt, o corpo exato que o súcubo assumiria para me conquistar por inteiro para o demônio.

Eu estava saciado sob todos os aspectos, e mesmo assim faminto por mais. De vez em quando, chegava a me arrastar da cama para olhar o mar. E acordava com frequência para ver e estudar a chuva que caía.

Pois neste lugar a chuva é amena e nem um pouco fria. Eu adorava ouvir sua música ao bater no telhado e seu jeito de refletir a luz quando a brisa fazia com que caísse inclinada logo adiante das portas.

Muitos pensamentos me ocorriam, Stefan, pensamentos fomentados pela solidão, pelo calor, pelo canto dos pássaros ao longe e pelo ar perfumado pelas ondas que batiam suaves na praia lá embaixo.

Na minha pequena prisão, pude entender o que havia desperdiçado na vida, mas é tão tolo e triste colocar isso em palavras. Às vezes eu me imaginava como Lear louco nas Charnecas, enfiando flores no cabelo, tendo se transformado em rei de nada a não ser da natureza selvagem.

Pois eu, neste lugar primitivo, havia me simplificado, tornando-me o feliz estudioso do mar e da clima.

Afinal, num cair da tarde, quando a luz estava quase desaparecendo, fui despertado pelo aroma apetitoso de um jantar quente, e soube que havia passado vinte e quatro horas embriagado, e que ela não havia vindo. Devorei a refeição, pois a bebida nunca prejudica minha fome. Vesti roupas limpas e me sentei a refletir no que havia acabado e a tentar calcular há quanto tempo estava, naquele lugar.

Eu imaginava que fossem doze dias.

Resolvi então que não beberia mais, não importava quão deprimido eu ficasse. Que eu, seria libertado ou enlouqueceria. E, sentindo repulsa por toda a minha fraqueza, calcei minhas botas, nas quais não havia tocado durante o tempo todo, vesti o casaco novo que Charlotte me trouxera há muito tempo e fui até a balaustrada para olhar o mar. Imaginei que era mais certo que ela me matasse do que me deixar partir. Mas isso eu precisava descobrir de um modo ou de outro. Essa situação eu não podia mais tolerar. Muitas hora se passaram. Eu nada bebi. Charlotte chegou, então. Estava exausta do seu longo dia cavalgando, a cuidar da fazenda, e ao ver que eu estava vestido, ao - ver que usava minhas botas e meu casaco, ela se deixou cair na cadeira e chamou-me.

Eu não disse nada, pois sem dúvida era dela, não minha, a decisão de eu poder sair daquele, lugar ou não.

- Estou grávida , disse ela, então. - Estou esperando um filho.

Mais uma vez, nada falei. Mas eu sabia. Sabia que esse era o motivo pelo qual ela havia ficado afastada tanto tempo.

Finalmente, quando vi que ela nada fazia a não ser ficar ali sentada, deprimida, triste, cabisbaixa, chorando, resolvi falar.

- Charlotte, deixe-me partir.

Ela afinal disse que eu precisava jurar que deixaria a ilha imediatamente. E que não contaria a ninguém o que sabia acerca da sua mãe ou de tudo que havia se passado entre nós.

- Charlotte, volto para Amsterdã no primeiro navio holandês que encontrar no porto, e você nunca mais me verá.

- Mas, você tem de jurar que não contará a ninguém, nem mesmo aos seus irmãos do Talamasca.

- Eles sabem - disse eu. - E eu vou relatar tudo o que ocorreu. Eles são meu pai e minha mãe.

- Petyr, será que você não tem o bom senso de mentir para mim?

- Charlotte, deixe-me ir ou mate-me de uma vez.

Ela voltou a chorar, mas eu sentia frieza em relação a ela e em relação a mim mesmo. Eu me recusava a olhar para ela para que minha paixão não despertasse novamente. Afinal, ela enxugou as lágrimas.

- Eu o fiz jurar que nunca lhe fará mal. Ele sabe que eu retirarei todo o amor que sinto por ele e toda a confiança que tenho nele se desobedecer à minha ordem.

- Você fez um pacto com o vento.

- Mas ele alega que você revelará nossos segredos.

- É o que farei.

- Petyr, faça-me essa promessa! Faça um juramento para que ele possa ouvir.

Esse pedido eu levei em consideração por querer tanto me ver livre daquele lugar e viver minha vida, além de acreditar que esses dois desejos ainda eram possíveis. Afinal, falei.

- Charlotte, nunca vou lhe fazer mal. Meus irmãos e irmãs no Talamasca não são padres nem juízes. Nem são bruxos.

O que souberem a seu respeito permanece em segredo, no verdadeiro sentido da palavra.

Ela encarou com olhos tristes e lacrimosos. Aproximou-se, então, de mim e me beijou. Embora eu quisesse fazer de mim uma estátua de madeira, não consegui.

Comecei a beijá-la novamente, pois acreditava que ela me deixaria partir. Acreditava que ela me amava. E acreditava, pelo menos durante aquela última hora que nos deitamos juntos, que talvez não existissem leis para nós, como Charlotte havia dito, e que havia entre nós um amor que talvez ninguém mais pudesse compreender.

- Eu a amo, Charlotte - disse-lhe baixinho enquanto ela estava deitada ao meu lado e beijei sua testa. Ela não quis me responder. Não queria olhar para mim.

E enquanto eu voltava a me vestir, ela virou a cabeça no travesseiro e chorou.

Fui até a porta e descobri que ela não havia sido trancada após a entrada de Charlotte. Perguntei-me quantas vezes o mesmo havia acontecido. Agora, porém, isso já não importava. O que importava era que eu fosse embora, se aquele espírito maldito não me impedisse, que eu não olhasse para trás, que não lhe dirigisse a palavra, que não sentisse o doce perfume da sua pele, que não pensasse na maciez dos seus lábios ou da sua mão.

Por esse motivo, não lhe pedi montaria ou carruagem que me conduzisse a Port-au-Prince, decidido a partir simplesmente sem me despedir.

A cavalo, era uma viagem de uma hora. Por isso como ainda não era meia noite, imaginei que chegaria facilmente à cidade antes do amanhecer. Ali, Stefan, graças a Deus eu

não sabia o que seria a viagem! Se soubesse, jamais teria tido coragem de iniciá-la!

Interrompo aqui minha história para informar que estou escrevendo há doze horas. Já é novamente meia-noite, e a criatura está por perto. Por esse motivo, trancarei na caixa de ferro esta e todas as outras páginas que escrevi, de modo que pelo menos essa parte da história possa chegar a você, se o que eu escrever de agora em diante se perder.

Eu o amo, meu caro amigo, e não espero o seu perdão. Basta que guarde meus registros. Guarde-os, pois essa história não está acabada e pode ser que não se encerre em muitas gerações. Isso ouvi da própria voz do espírito.

Seu no Talamasca,

Petyr van Abel

Port-au Prince

Capítulo 16

ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

Capítulo IV

Stefan,

Após um descanso, recomeço. A criatura está aqui. Há apenas um instante, ele se, fez visível, com sua forma humana, a dois centímetros de mim, como é, e fez com que minha vela se apagasse, embora não tenha nenhuma respiração própria para conseguir tal feito.

Precisei descer para providenciar mais luz. Ao voltar, encontrei minhas janelas, abertas, batendo com a brisa. Tive de trancá-las novamente. Minha tinta estava derramada. Mas eu tenho mais tinta. Os lençóis haviam sido arrancados da cama, e meus, livros estavam espalhados por toda parte. Graças a Deus, a caixa de ferro já está a caminho de Amsterdã. Basta dizer isso, pois talvez a criatura saiba ler.

Neste espaço fechado, ele produz o som de asas batendo, e depois de risos. Eu me pergunto se lá longe, no seu quarto em Maye Faire, Charlotte dorme e se é por isso que sou vítima dessas travessuras.

Somente os bordéis e as tabernas estão abertos. Todo o restante desta pequena cidade colonial está em silêncio.

Passo, porém, a relatar os acontecimentos da noite passada com a rapidez que me é possível...

... Saí pela estrada a pé. A lua estava alta. O caminho estava iluminado à minha frente com todas as suas curvas e voltas, com suas subidas e descidas suaves aqui e ali pelo que dificilmente poderiam ser considerados montes.

Eu caminhava rapidamente, com grande vigor, quase tonto com minha liberdade e com a percepção de que o espírito não me havia impedido de seguir, de que eu estava

respirando o ar fresco à minha volta e pensando em chegar a Port-au-Prince bem antes do alvorecer.

Estou vivo, eu pensava. Estou fora da minha prisão e talvez sobreviva para chegar a ver a casa-matriz novamente!

A cada passo eu acreditava mais nisso, e me maravilhava, pois durante meu cativeiro eu havia perdido toda a esperança de que isso pudesse acontecer. Repetidas vezes, porém, meu pensamento era dominado pela imagem de Charlotte, como se eu estivesse enfeitiçado, e eu me lembrava dela na cama onde eu a havia deixado. Com isso eu fraquejava, chegando a pensar que era um tolo de abandonar tanta beleza e tanta paixão, pois na realidade eu a amava. Eu a amava loucamente! E eu me perguntava que importância teria se eu ficasse e me tornasse seu amante, presenciasse o nascimento de um filho após o outro e vivesse no luxo, como havia sido sua sugestão? O fato de que dentro de horas eu deveria estar separado dela para sempre era mais do que eu podia suportar.

Por isso, eu me recusava a pensar no assunto. Expulsava esses pensamentos da cabeça sempre que percebia que eles haviam voltado, sorrateiros.

Eu caminhava sem parar. De quando em quando, vislumbrava uma luz nos campos escurecidos a cada lado da estrada. E uma vez um cavaleiro passou num tropel pela estrada, como se estivesse numa missão importante. Ele nem chegou a me ver. E eu prossegui sozinho, apenas com a lua e as estrelas como testemunhas, planejando a carta que lhe escreveria e de que modo eu descreveria o que havia ocorrido.

Eu já estava a caminho há uns quarenta e cinco minutos quando vi um homem a certa distância à minha frente,

apenas parado, aparentemente olhando enquanto eu me aproximava. E o que era mais notável era o fato de se tratar de um holandês, o que pude ver pelo seu enorme chapéu preto.

Ora, meu próprio chapéu eu havia deixado para trás. Eu o estava usando como sempre quando cheguei a Maye Faire, mas não o havia visto desde o instante em que o entreguei aos escravos antes do jantar na minha primeira noite ali.

E agora, ao ver esse homem alto à minha frente, pensei no chapéu, lamentei sua perda e também me perguntei quem seria esse holandês parado ao lado da estrada, voltado para mim e parecendo me encarar, um ser sombrio, com barba e cabelo louros.

Moderei meu passo pois, à medida que me aproximava, a criatura não se mexia. E, quanto mais perto eu chegava, mais percebia como era estranho que um homem ficasse assim parado na escuridão, tão despreocupado. Ocorreu-me, então, que eu estava sendo tolo, pois se tratava apenas de um outro homem ali, por que eu deveria me sentir mais indefeso no escuro da noite?

No entanto, mal essa idéia me passou pela cabeça, eu cheguei perto o suficiente para ver o rosto do homem. No mesmo instante em que percebi que era meu próprio duplo que estava ali em pé, a criatura saltou para cima de mim, parando a dois centímetros enquanto minha própria voz saía da sua boca.

- Ah, Petyr, mas você esqueceu seu chapéu! - exclamou o ser, dando uma terrível gargalhada.

Cai para trás sobre a estrada, com o coração batendo forte no peito. Ele se inclinou sobre mim como um abutre.

- Ora, vamos, Petyr, apanhe seu chapéu já que o deixou cair na terra!

- Afaste-se de mim! - berrei, aterrorizado. Virando-lhe as costas, cobri minha cabeça e, como um caranguejo aflito, me arrastei para escapar da criatura. Em seguida, levantei-me e ataquei, como um touro poderia ter feito, só para descobrir que investia contra o vazio.

Não havia nada naquela estrada a não ser minha desgraçada pessoa e meu chapéu preto jogado esmagado no pó. Tremendo como criança, apanhei-o e tentei limpá-lo.

- Maldito espírito! - exclamei. - Conheço seus truques.

- Conhece? - perguntou-me uma voz, e dessa vez era uma mulher que falava. Virei-me para ver a criatura. E ali vislumbrei minha Deborah, com a aparência da sua infância, mas apenas num relance.

- Não é ela - declarei. - Seu mentiroso dos infernos!

Stefan, aquele mero relance dela foi uma espada a me atravessar. Pois pude discernir seu sorriso de menina e seus olhos brilhantes. Um suspiro veio-me à garganta.

- Espírito maldito - sussurrei, procurando por ela nas trevas. Eu queria vê-la, fosse ela real, fosse ilusão. E me senti um tolo. A noite estava tranqüila, mas eu não confiava na sua quietude. Só aos poucos fui parando de tremer e pus meu chapéu.

Segui em frente, mas não tão rápido quanto antes. Para qualquer lugar que Olhasse, imaginava ver um rosto, uma silhueta, só para descobrir que era uma ilusão da escuridão: as bananeiras que se movimentavam com a brisa, ou aquelas gigantescas flores vermelhas cochilando nos seus

frágeis caules, debruçadas sobre as cercas ao longo da estrada.

Resolvi olhar direto para a frente. Foi quando ouvi passos atrás de mim. Ouvi a respiração de um outro homem. Os passos vinham firmes, fora do ritmo da minha própria marcha. E, quando resolvi ignorá-los, senti o hálito morno da criatura na minha própria nuca.

- Maldito seja! - gritei, voltando-me, só para ver uma imagem de perfeito horror caindo sobre mim, a visão monstruosa de mim mesmo, mas sem nada a não ser o crânio nu e em brasa no lugar do rosto. Chamas saltavam das órbitas vazias dos olhos, abaixo do cabelo louro e do enorme chapéu holandês.

- Vá para o inferno! - berrei, empurrando-o com toda minha força quando ele se jogava por cima de mim, com o fogo a me chamejar. E ali onde eu tinha certeza de não encontrar nada, havia um sólido tórax.

Eu mesmo, rugindo como um monstro, lutei com a criatura, forçando-a a recuar cambaleante. Só então, ela desapareceu, com uma grande explosão de calor.

Descobri que havia caldo sem nem perceber. Eu estava de joelhos e havia rasgado meus calções. Não conseguia pensar em nada a não ser no crânio em chamas que acabava de ver. Mais uma vez, meu corpo tremia de modo irracional e incontrolável. A noite estava mais escura agora que a lua não estava mais no alto, e só Deus sabia o quanto eu ainda precisava andar por essa estrada até chegar a Port-au-Prince.

- Tudo bem, criatura do mal, não acreditarei nos meus olhos não importa o que eles me revelem.

E, sem hesitar mais, voltei-me para a direção certa e comecei a correr. Corri, com os olhos baixos, até perder o fôlego e, baixando a velocidade até a da marcha normal, segui obstinado, olhando apenas para a terra sob meus pés.

Não demorou muito para que eu visse pés ao lado dos meus, descalços, sangrando, mas não prestei atenção a eles pois não podiam ser reais. Senti o cheiro de carne queimando, mas não me importei, pois sabia que não podia ser real.

- Conheço seu jogo - disse eu. - Você se comprometeu a não me machucar, e por isso está seguindo literalmente o compromisso. Prefere me enlouquecer, não é? - E então, ao me lembrar das normas dos antigos, de que eu só o estava fortalecendo ao conversar com ele, parei de falar e passei a repetir as antigas orações.

- Que todas as forças do bem me protejam. Que os espíritos superiores me protejam. Que não me aconteça nenhum mal. Que a luz branca brilhe sobre mim e afaste de mim essa criatura.

Os pés que haviam me acompanhado agora haviam desaparecido, do mesmo modo que o cheiro de carne queimando. No entanto, na distância à minha frente, eu ouvia um ruído sinistro. Era o barulho de madeira quebrando e talvez de coisas sendo arrancadas do chão.

Isso não é ilusão, pensei. A criatura arrancou pelas raízes as próprias árvores e agora as lançará no meu caminho. Prossegui, confiante de poder me desviar desses perigos, e me lembrando de que a coisa estava apenas brincando comigo, e de que eu não devia cair na sua armadilha. Foi então que vi a ponte logo adiante e percebi que havia chegado ao pequeno rio e que os barulhos que ouvia

vinham do cemitério! A criatura estava arrebentando as sepulturas!

Fui dominado por um pavor muito pior do que qualquer medo que houvesse sentido antes. Todos nós temos nossos temores secretos, Stefan. Um homem pode enfrentar tigres e recuar diante de um besouro. Outro pode abrir caminho em meio a um regimento inimigo e não conseguir ficar trancado com um cadáver num quarto.

No meu caso, os lugares dos mortos sempre significaram algo terrível. E agora, ao descobrir o que o espírito pretendia fazer, e que eu precisava atravessar a ponte e passar pelo cemitério, eu me senti petrificado e suando em bicas. E, ao ouvir cada vez mais alto o barulho da destruição e ver as árvores acima dos túmulos oscilando, eu não sabia como poderia readquirir a capacidade do movimento.

No entanto, permanecer ali seria loucura. Forcei-me a andar, a me aproximar, passo a passo, da ponte. Contemplei, então, o cemitério destruído. Vi os caixões arrancados da terra úmida e macia. Vi as coisas que saíam de dentro deles, ou melhor, que eram puxadas de dentro deles, já que não tinham vida, sem dúvida não tinham vida, e a criatura apenas as acionava como acionaria títeres!

- Petyr, corra! - gritei e tentei obedecer à minha própria ordem.

Atravessei a ponte num instante, mas eu os via subindo pelas encostas dos dois lados. Eu os ouvia! Ouvia o ruído dos caixões apodrecidos que se quebravam sob seus pés. Ilusão, embustes, eu repetia para mim mesmo. No entanto, quando o primeiro desses horrendos cadáveres me impediu o caminho, eu berrei como uma mulher apavorada.

- Afaste-se de mim! - Descobri, então, que era incapaz de tocar nos braços pútridos que me açoitavam, e que apenas me desviava cambaleante desse ataque para dar um encontrão em outro cadáver fétido como o primeiro, até que afinal caí de joelhos.

Rezei, Stefan. Chamei em voz alta pelos espíritos de meu pai e de Roemer Franz, para que me ajudassem. As criaturas agora me cercavam e apertavam o cerco cada vez mais. O fedor era insuportável, pois alguns eram corpos recém enterrados, outros apenas parcialmente decompostos e outros já com o cheiro puro da própria terra.

Meus braços e meu cabelo estavam encharcados com aquela sua umidade repulsiva. Trêmulo, eu cobri minha cabeça com os dois braços. Foi então que ouvi uma voz que se dirigia a mim, com total nitidez, e eu soube que era a voz de Roemer.

- Petyr, eles não têm vida! São como frutos caídos no chão do pomar. Levante-se e abra caminho, empurrando-os. Você não tem como machucá-los!

Encorajado, segui seu conselho.

Voltei a correr, dando encontros neles, tropeçando neles e depois cambaleando de um lado para o outro para recuperar o equilíbrio e poder prosseguir. Afinal, arranquei o casaco para golpeá-los com ele e, ao descobrir que eram fracos e que não conseguiam sustentar uma investida contra mim, bati com o casaco para que recuassem, e assim pude me livrar do cemitério. Ajoelhei-me mais uma vez para descansar.

Eu ainda os ouvia lá atrás. Ouvia o ruído surdo dos seus pés mortos desnorteados. Relanceando o olhar por cima do ombro, vi, então, que se esforçavam por me acompanhar,

uma legião de cadáveres horrendos, como que acionados por fios.

Voltei a me levantar. Segui meu caminho mais uma vez. Agora, porém, carregava meu casaco, pois ele estava imundo da refrega, e meu chapéu, meu inestimável chapéu, eu havia perdido. Em minutos eu estava fora do alcance dos mortos.

Imagino que a criatura finalmente os tenha deixado cair. E à medida que prosseguia, com os pés doloridos e o peito ardendo dos meus esforços, vi que minhas mangas estavam cobertas de manchas da luta.

Havia carne podre presa ao meu cabelo. Também minhas botas estavam lambuzadas com ela. E aquele cheiro me acompanharia o caminho todo até Port-au-Prince. No entanto, à minha volta tudo estava quieto e tranqüilo.

A criatura descansava! Devia ter ficado exausta. Portanto, essa não era a hora certa para eu me preocupar com fedores e acessórios. Eu precisava me apressar. Na minha loucura, comecei a falar com Roemer.

- O que devo fazer, Roemer? Pois você sabe que essa criatura irá me seguir até os confins da terra.

Não houve, porém, resposta e eu pensei ter imaginado sua voz quando a ouvi antes. E o tempo todo eu sabia que o espírito poderia assumir sua voz, se eu pensasse em Roemer por muito tempo e com muita intensidade. E isso me deixaria louco, ainda mais louco do que eu já estava.

A paz persistia. O céu estava clareando. Eu ouvi carroças vindo pela estrada atrás de mim e vi que os campos ganhavam vida à direita e à esquerda da estrada. Na

verdade, ao chegar ao topo de uma ladeira, vi a cidade colonial lá embaixo e respirei com um grande suspiro.

Aproximou-se, então, uma daquelas carroças, uma pequena carroça de madeira desengonçada, carregada de frutas e legumes para o mercado, e conduzida por dois mulatos claros. Os dois pararam e me olharam espantados. Nesse instante, eu disse no meu melhor francês que precisava da sua ajuda e que Deus os abençoasse se eles pudessem me auxiliar. E então, ao me lembrar de que tinha dinheiro comigo, ou de que havia tido, enfiei as mãos nos bolsos à procura e lhes ofereci algumas libras, que eles aceitaram com gratidão permitindo que eu subisse na parte traseira da carroça.

Recostei-me numa enorme pilha de frutas e legumes e adormeci. A carroça me balançava e me jogava de um lado para o outro, mas era como se eu estivesse na mais luxuosa das carruagens.

Então, enquanto eu era dominado por um sonho em que imaginava estar de volta a Amsterdã, senti uma mão tocar na minha. Mão delicada. Ela afagou minha mão esquerda, e eu ergui minha mão direita para tocá-la da mesma forma suave. Ao abrir meus olhos e virar a cabeça para a esquerda, porém, vi o corpo queimado e enegrecido de Deborah a me contemplar, careca e encarquilhada, só com os dois olhos azuis demonstrando vida e os dentes rindo para mim por trás dos lábios queimados.

Dei um berro tão alto que assustei os condutores da carroça e o cavalo. Mas não fazia diferença. Eu havia caído na estrada. O cavalo fugiu, e os dois não conseguiram Pará-lo. Logo desapareceram mais adiante, depois de chegar ao topo de uma ladeira.

Fiquei sentado, chorando, de pernas cruzadas.

- Espírito maldito! O que você quer de mim? Diga-me! Por que não me mata? Sem dúvida, tem poder para tal, se consegue fazer esse tipo de coisa.

Ninguém me respondeu. Mas eu sabia que ele estava ali. Ao erguer os olhos, eu o vi e dessa vez, sob nenhum disfarce apavorante. Apenas como o homem de cabelos escuros, de gibão de couro, o homem bonito que eu havia visto duas vezes antes.

Ele me parecia bem sólido, tanto que a luz do sol batia nele, ali sentado despreocupado sobre a cerca à beira da estrada. Ele me contemplou, aparentemente com ar pensativo, pois seu rosto não tinha expressão.

E eu me descobri a encará-lo, examinando-o como se ele não fosse nada a ser temido. E percebi então algo que era importantíssimo que eu entendesse. O corpo queimado de Deborah, aquilo havia sido uma ilusão! Do fundo da minha mente ele havia tirado essa imagem, fazendo com que vicejasse. Meu duplo, aquilo também havia sido ilusão! Era tão perfeito quanto minha imagem no espelho. E o outro acompanhante demoníaco com quem lutei - seu peso havia sido uma ilusão.

E é claro que os cadáveres haviam sido de verdade; e eram cadáveres e nada mais.

Isso aqui, porém, não era nenhuma ilusão, esse homem sentado na cerca. Era um corpo que a criatura havia feito.

- É - disse-me ele, e também dessa vez seus lábios não se mexeram. E eu compreendi o motivo. Ele ainda não conseguia fazer com que se mexessem. Mas vou conseguir - disse ele. - Vou conseguir.

Continuei a examiná-lo. Talvez de tão exausto, eu tivesse perdido o juízo, mas eu não sentia nenhum medo. E à medida que o sol da manhã ficou mais forte, eu vi que a luz o atravessava! Vi as partículas das quais ele era composto turbilhonando na luz, como o pó.

- Você é pó - sussurrei, pensando na frase bíblica. Mas naquele exato instante, ele começou a se dissolver. Ficou pálido e depois não havia nada ali. O sol subiu iluminando os campos, mais lindo do que qualquer sol da manhã que eu já houvesse visto.

Teria Charlotte acordado? Teria Charlotte refreado a mão da criatura? Não sei a resposta. Posso nunca vir a saber. Cheguei aos meus aposentos aqui menos de uma hora depois, após me reunir com o agente e falar novamente com o estalajadeiro, como lhe relatei anteriormente.

E agora já passa muito da meia-noite pelo meu bom relógio, que acertei pelo da estalagem hoje, ao iniciá-la. E já há algum tempo que o espírito malévolo não sai do quarto.

Há mais de uma hora, ele aparece e desaparece em sua forma humana, a me observar. Fica sentado num canto, depois no outro. Uma vez, eu o vi no espelho olhando para mim aqui fora. Stefan, como o espírito faz esse tipo de coisa? Ele ilude meus olhos? Pois é certo que não pode estar dentro do espelho.

Mas eu me recusei a erguer os olhos para vê-lo, e afinal a imagem desapareceu. Ele agora começou a mexer a mobília de um lado para o outro e voltou a fazer o ruído de asas batendo. Preciso sair deste quarto, Vou enviar esta carta com as restantes.

Seu no Talamasca,

Petyr

Stefan,

É madrugada, e todas as minhas cartas para você já estão a caminho, tendo o navio zarpado há uma hora. E, por mais que eu tivesse vontade de ir com ele, eu sabia que não deveria. Pois, se essa criatura pretende me destruir, melhor que se divirta comigo aqui, enquanto minhas cartas são levadas em segurança.

Receio, também, que ele tenha a força suficiente para afundar um navio, pois mal eu pus os pés no mesmo, para falar com o comandante e me certificar de que minhas cartas seriam transportadas em segurança, um vento começou a soprar, a chuva atingiu as janelas, e o próprio barco começou a jogar.

Meu raciocínio diz que o espírito não tem a força que seria necessária para afundar a embarcação, mas seria o horror dos horrores, se eu estivesse errado. Não posso expor outras pessoas a tanto risco. Por isso, permaneço aqui numa taberna lotada de Port-au-Prince, a segunda à qual vou nesta manhã - pois receio ficar sozinho.

Há pouco tempo, quando eu voltava do cais, a criatura me assustou tanto com a imagem de uma mulher caindo diante de uma carruagem que eu me joguei à frente dos cavalos para salvá-la, só para descobrir que não havia mulher nenhuma e que eu próprio quase fui pisoteado. Como me amaldiçoou o cocheiro, chamando-me de louco.

E é isso, sem dúvida, o que aparento ser. Na primeira taberna, adormeci talvez por uns quinze minutos e fui despertado por chamas à minha volta, para ver que a vela havia caído no conhaque derramado. Fui culpado pelo acidente e me mandaram procurar outra freguesia. E lá estava a criatura, nas sombras atrás da chaminé. Ele teria sorrido se conseguisse movimentar os músculos do seu rosto de cera.

Observe bem o que vou dizer sobre seus poderes. Quando ele quer ser ele mesmo, ele é um corpo artificial sobre o qual exerce pouquíssimo controle. Mesmo assim, minha compreensão dos seus artifícios é imperfeita. E estou tão cansado, Stefan. Voltei ao meu quarto para tentar dormir, mas ele me atirou para fora da cama.

Mesmo aqui, num lugar público, lotado de gente que bebe até tarde da noite e dos que acordam cedo para viajar, ele faz suas brincadeiras comigo e ninguém percebe. Pois ninguém sabe que a imagem de Roemer sentado junto à lareira não está lá realmente. Ou que a mulher que apareceu por um instante na escada, sem que quase ninguém percebesse, era Geertruid, morta já há vinte anos. A criatura arranca essas imagens da minha mente, sem dúvida, e depois as expande, mas não consigo adivinhar como.

Tentei conversar com o espírito. Na rua, implorei-lhe que me revelasse seu objetivo. Existe alguma chance de que eu viva? O que eu poderia fazer por ele para que parasse com seus truques malévolos? Que ordens Charlotte lhe havia transmitido?

Depois, quando me sentei aqui e pedi o vinho, pois voltei a sentir sede pelo vinho e ando bebendo demais, vi quando

ele movimentou minha pena e rabiscou algo no meu papel que diz: "Petyr vai morrer".

Estou anexando esse papel à minha carta, já que se trata da escrita de um espírito. Eu mesmo não tive nada a ver com isso. Talvez Alexander pudesse pôr as mãos sobre o papel e descobrir alguma coisa. Pois eu não consigo aprender nada com essa criatura idiota, a não ser que nós dois juntos conseguimos criar imagens que teriam expulsado Jesus do deserto, enlouquecido.

Agora sei que só existe um meio de salvação para mim. Assim que eu terminar esta carta e a deixar com o agente, irei procurar Charlotte e implorar que faça com que o espírito maligno pare com isso. Não há outra coisa que possa surtir efeito, Stefan. Só Charlotte pode me salvar. E rezo para chegar a Maye Faire ileso.

Alugarei uma montaria para a viagem e contarei com o fato de no meio da manhã a estrada estar bem movimentada e Charlotte, acordada e com o espírito sob controle.

Tenho, porém, um terrível medo, meu amigo, o de que Charlotte saiba o que esse demônio faz comigo e que lhe haja dado ordens para agir assim. Que Charlotte seja a autora de todo esse plano diabólico.

Se você não receber mais nada de mim - permita-me lembrar-lhe que zarpam navios holandeses todos os dias daqui para nossa bela cidade - siga estas instruções.

Escreva para a bruxa, informando-lhe do meu desaparecimento. Certifique-se, porém, de que a carta não revele sua origem na casa-matriz e de que não seja fornecido nenhum endereço do remetente, que possibilitasse ao espírito maligno penetrar em nosso meio.

Imploro -lhe que não mande ninguém atrás de mim! Pois ele só se defrontará com um destino pior do que o meu. Aprenda o que puder sobre a evolução dessa mulher a partir de outras fontes, e não se esqueça de que a criança que ela der à luz daqui a nove meses será sem dúvida minha.

O que mais posso lhe dizer?

Após minha morte, tentarei alcançá-lo ou alcançar Alexander, se me for possível. Entretanto, meu caríssimo amigo, receio que não haja nenhum "após". Que apenas as trevas esperem por mim, e que meu tempo na luz esteja encerrado.

Não lamento nada nestas minhas últimas horas. O Talamasca foi minha vida, e passei muitos anos na defesa dos inocentes e na pura busca do conhecimento. Eu os amo, meus irmãos e irmãs. Lembrem-se de mim, não pelas minhas fraquezas, não pelos meus pecados, nem pela minha falta de juízo. Mas pelo meu amor por vocês.

Ah, permitam-me contar o que acabou de acontecer, pois foi realmente muito interessante.

Vi Roemer novamente, meu amado Roemer, o primeiro diretor da nossa Ordem que conheci e amei. E Roemer me parecia tão jovem e bonito e eu senti tanta alegria ao vê-lo que chorei, sem querer que a imagem desaparecesse.

Pensei em brincar com a imagem, já que ela se originava da minha própria mente, não é? E o espírito maligno não sabe o que faz. Por isso, falei com Roemer.

- Meu querido Roemer, você não sabe como sinto falta sua. Por onde esteve? O que andou aprendendo?

E a figura bela e forte de Roemer vem na minha direção. Eu sei que ninguém mais o vê pois estão todos olhando para mim, o louco que fala sozinho, mas não ligo para isso.

- Sente-se, Roemer, beba comigo - insisto eu.

Esse meu amado mestre senta-se, debruça-se sobre a mesa e me diz as obscenidades mais imundas. Vocês nunca ouviram nada parecido. Ele me diz que arrancaria minhas roupas bem no meio da taberna, o prazer que ia me dar, como sempre teve vontade de fazer isso quando eu era menino, e que chegou mesmo a fazê-lo, entrando no meu quarto à noite, rindo depois do acontecido, e permitindo que outros olhassem.

Devo ter parecido uma estátua, olhando espantado para esse monstro que, com o sorriso de Roemer, sussurrava tanta sujeira para mim como um velho devasso. Finalmente, a boca dessa criatura pára de se mexer, mas apenas cresce cada vez mais, e a língua dentro dela se transforma em algo negro, grande e lustroso como a corcova de uma baleia.

Como um fantoche, apanho a pena, mergulho-a na tinta e começo a escrever a descrição que acabo de fazer. Agora a criatura se foi. Mas, Stefan, você sabe o que ele fez? Ele virou minha cabeça pelo avesso.

Deixe-me contar-lhe um segredo. É claro que meu querido Roemer nunca tomou esse tipo de liberdade comigo! Mas eu costumava desejar que ele o fizesse. E o maldito extraiu de mim essa informação, de que quando menino eu ficava deitado na minha cama na Matriz sonhando que Roemer chegava, puxava os lençóis e se deitava comigo. Eu sonhei essas coisas!

Se você no ano passado me houvesse perguntado se eu um dia tive um sonho desses, eu teria dito nunca. Mas tive, e o

maldito fez com que eu me lembrasse dele. Eu deveria agradecer?

Parto agora. O sol já subiu no horizonte. A criatura não está por perto. Confiarei esta carta ao nosso agente antes de seguir na direção de Maye Faire, quer dizer, se eu não for detido pelos guardas locais e jogado na cadeia. Eu realmente tenho a aparência de um vagabundo e de um louco. Charlotte irá me ajudar. Charlotte controlará esse espírito.

O que mais há a dizer?

Petyr

NOTA AOS ARQUIVOS:

Essa foi a última carta recebida de Petyr van Abel.

Sobre a morte de Petyr van Abel

RESUMO DE 23 CARTAS E DE NUMEROSOS RELATÓRIOS
ENVIADOS AOS ARQUIVOS (VER RELAÇÃO)

Duas semanas após o recebimento da última carta de Petyr pela casa-matriz, recebeu-se uma comunicação de um certo Jan van Clausen, mercador holandês em Port-au-Prince, no sentido de informar da morte de Petyr. Essa carta havia sido escrita apenas vinte e quatro horas após a última carta de Petyr. Seu corpo havia sido descoberto umas doze horas

depois de ele ter reconhecidamente alugado um cavalo nos estábulos e de ter partido de Port-au-Prince.

A suposição das autoridades locais a de que Petyr havia sido vítima de algum crime na estrada, talvez tendo sido surpreendido por um bando de escravos fugidos no início da manhã, que talvez estivessem ocupados em profanar um cemitério no qual haviam provocado grandes estragos apenas um dia ou dois antes. A primeira profanação havia provocado enorme perturbação entre os escravos dali, que, para grande consternação dos seus senhores, relutavam em participar da restauração do local, que ainda se apresentava num estado de considerável desordem quando ocorreu a violência contra Petyr.

Aparentemente, Petyr foi espancado e forçado a entrar numa grande cripta de alvenaria, onde ficou encurralado por uma árvore calda e por destroços muito pesados. Ao ser encontrado, os dedos da sua mão direita estavam emaranhados no entulho como se ele estivesse tentando cavar para conseguir sair. Dois dedos da sua mão esquerda haviam sido decepados e nunca mais foram encontrados.

Nunca foram descobertos os responsáveis pela profanação e pelo assassinato. O fato do dinheiro de Petyr, seu relógio de ouro e seus documentos não haverem sido roubados aumentava o mistério que envolvia sua morte.

As obras em andamento para a recuperação do local propiciaram a descoberta precoce dos restos mortais de Petyr. Apesar de grandes ferimentos na cabeça, Petyr foi reconhecido com facilidade e de modo inegável por van Clausen, bem como por Charlotte Fontenay, que veio até Port-au-Prince ao ter notícia do ocorrido e que ficou violentamente perturbada pela morte de Petyr, acamando-se de tristeza.

Van Clausen devolveu os objetos pertencentes a Petyr à casa-matriz e, a pedido da Ordem, realizou uma investigação maior sobre a morte de Petyr. Os arquivos contêm cartas não só de van Clausen e a ele enviadas, mas também cartas recebidas e enviadas por alguns padres da colônia, bem como por outras pessoas.

Essencialmente, nada de verdadeira importância foi descoberto, a não ser o fato de que Petyr foi considerado louco no seu último dia e noite em Port-au-Prince, tanto por seus repetidos pedidos para que fossem despachadas cartas para Amsterdã quanto pelas suas repetidas instruções no sentido de que a casa matriz fosse avisada na eventualidade da sua morte.

Foram feitas algumas menções ao fato de ele ter sido visto na companhia de um estranho rapaz de cabelos escuros, com quem conversava incessantemente. É difícil saber como interpretar essas afirmações.

No entanto, uma análise mais detalhada de Lasher e dos seus poderes está contida nos últimos capítulos destes arquivos. Basta dizer que outros viram Lasher com Petyr e acreditaram que Lasher fosse um ser humano.

Através de Jan van Clausen, Stefan Franck escreveu uma carta a Charlotte Fontenay que não poderia ter sido compreendida por ninguém mais, detalhando o que Petyr escreveu nas suas últimas horas e implorando que ela desse ouvidos ao que Petyr lhe havia dito.

Essa carta nunca recebeu resposta.

A profanação do cemitério, acompanhada do assassinato de Petyr, levou ao seu abandono. Nunca mais houve enterros no local, e alguns corpos foram transferidos para outros

cemitérios. Mesmo cem anos depois, o lugar ainda era considerado "mal-assombrado".

Antes que as últimas cartas de Petyr chegassem a Amsterdã, Alexander informou aos outros membros da casa-matriz que Petyr havia morrido. Pediu também que o retrato de Deborah Mayfair pintado por Rembrandt fosse retirado da parede.

Stefan Franck concordou, e o quadro foi guardado nos cofres.

Alexander pôs as mãos sobre o pedaço de papel em que Lasher havia escrito as palavras "Petyr vai morrer" e disse apenas que as palavras eram verdadeiras, mas que o espírito era "um mentiroso".

Não pôde afirmar mais nada. Ele avisou a Stefan Franck que cumprisse o desejo de Petyr de que ninguém fosse enviado a Port-au-Prince para falar com Charlotte, já que tal pessoa estaria se dirigindo com toda a certeza para a morte.

Stefan Franck procurou com frequência entrar em contato com o espírito de Petyr van Abel. Com alívio, ele relatou em repetidas notas aos arquivos que suas tentativas haviam sido em vão e que ele estava confiante de que o espírito de Petyr houvesse «passado para um plano superior".

Histórias de assombrações relacionadas àquele trecho da estrada onde Petyr morreu foram copiadas nos nossos arquivos até mesmo em 1956. No entanto, nenhuma delas está ligada a qualquer personagem reconhecível nesta história.

E assim chega à sua conclusão a história da investigação de Petyr das Bruxas Mayfair, que podem ser com segurança

consideradas suas descendentes com base no seu próprio relato.

A história continua... Favor passar ao Capítulo V.

Capítulo 17

O ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

CAPITULO V

A família Mayfair de 1689 a 1900

Resumo narrativo de autoria de Aaron Lightner

Após a morte de Petyr, Stefan Franck tomou a decisão de que nenhum outro contato direto com as Bruxas Mayfair seria empreendido enquanto fosse vivo. Esse seu critério foi mantido pelos seus sucessores, Martin Geller e Richard Kramer, respectivamente.

Embora numerosos membros, solicitam à Ordem permissão para tentar o contato, a decisão da junta diretora contrária a qualquer tentativa foi sempre unânime, e a proibição

formal, de natureza acauteladora, permaneceu em vigor até o século XX.

No entanto, a Ordem continuou sua investigação das Bruxas Mayfair de longe. Procurou-se com freqüência obter informações com pessoas na colônia que jamais souberam o motivo para as perguntas ou o significado das informações que transmitiam.

MÉTODOS DE PESQUISA

O Talamasca, ao longo desses séculos, foi desenvolvendo toda uma rede de "observadores" no mundo inteiro, que enviavam para a casa-matriz recortes de jornal e relatos de mexericos. Em Saint-Domingue, contava-se com algumas pessoas para a obtenção desses dados, entre elas alguns mercadores holandeses que imaginavam serem as consultas de natureza estritamente financeira e várias pessoas da colônia a quem se dizia que havia gente na Europa que pagaria bem por informações relacionadas à família Mayfair. Não existia nessa época nada parecido com os investigadores profissionais semelhantes aos "detetives particulares" do século XX. Mesmo assim, reuniu-se uma espantosa quantidade de informações.

As notas aos arquivos eram curtas e freqüentemente apressadas, às vezes nada mais do que uma pequena introdução ao material a ser transcrito. As informações sobre o legado Mayfair foram obtidas de modo sub-reptício e provavelmente ilegal, através de funcionários dos bancos envolvidos que eram subornados para revelar esses dados. O Talamasca sempre fez uso desses métodos para obter informações e no passado foi somente um pouco menos

inescrupuloso do que é hoje em dia. A alegação corrente na época, como ainda hoje, consiste em que os registros obtidos dessa forma são geralmente vistos por dezenas de pessoas em várias funções. Nunca foram roubadas cartas pessoais, ou violados lares ou locais de trabalho por meios criminosos.

Quadros da sede da fazenda e de vários membros da família foram obtidos por diversos meios. Uma pintura de Jeanne Louise Mayfair foi adquirida de um pintor irritado depois que a retratada rejeitou a obra. Um daguerreótipo de Katherine e do marido, Darcy Monalihan, foi obtido de modo semelhante, já que a família comprou apenas cinco das dez poses da sessão.

De tempos em tempos, houve indícios de que a família Mayfair sabia da nossa existência e das nossas observações. Pelo menos um dos observadores, um francês que trabalhou algum tempo como capataz na fazenda Mayfair em Saint-Domingue, sofreu morte violenta e suspeita. Isso levou a maior sigilo, maior cautela e menos informações nos anos que se seguiram.

A maior parte dos originais é muito frágil. Foram, porém, tiradas inúmeras fotocópias e fotografias do material, e esse trabalho continua sendo feito com extremo cuidado.

A PRESENTE NARRATIVA

A história que se segue é um resumo narrativo baseado em todos os materiais e notas compilados, incluindo-se algumas narrativas fragmentadas anteriores, em francês, em latim e no latim do Talamasca. Uma relação completa

desses materiais está anexada às caixas de documentos localizadas nos Arquivos em Londres.

Comecei a me familiarizar com essa história em 1945 quando me tornei membro do Talamasca e antes de me envolver diretamente com as Bruxas Mayfair. Terminei a primeira "versão completa" desse material em 1956. Desde então, atualizei e revisei o material num processo contínuo, acrescentando o que fosse necessário. A revisão completa foi feita por mim em 1979, quando a história inteira, incluindo os relatórios de Petyr van Abel, foi passada para o sistema de computação do Talamasca. Desde então, tornou-se extremamente fácil realizar atualizações completas.

Só cheguei a me envolver diretamente com as Bruxas Mayfair no ano de 1958. Irei me apresentar no momento adequado.

Aaron Lightner, janeiro de 1989.

A HISTÓRIA PROSSEGUE

Charlotte Mayfair Fontenay viveu quase até os setenta e seis anos, tendo morrido em 1743, época em que tinha cinco filhos e dezessete netos. Durante toda a sua vida, Maye Faire continuou sendo a fazenda mais próspera de Saint-Domingue.

Alguns dos seus netos voltaram para a França e seus descendentes pereceram na Revolução no final do século. O primogênito de Charlotte, de seu marido Antoine, não herdou a enfermidade do pai mas cresceu saudável, casou-se e teve sete filhos. No entanto, a fazenda chamada Maye

Faire passou para ele apenas no nome. Ela de fato foi herdada pela filha de Charlotte, Jeanne Louise, nascida nove meses após a morte de Petyr.

Toda a sua vida, Antoine Fontenay III foi submisso a Jeanne Louise e ao seu irmão gêmeo, Peter, que nunca foi chamado pela versão francesa do nome, Pierre. Há poucas dúvidas quanto ao fato de eles serem filhos de Petyr van Abel. Tanto Jeanne Louise quanto Peter tinham a pele alva, cabelos castanhos muito claros e olhos claros.

Charlotte ainda deu à luz mais dois meninos antes da morte do marido inválido. Os mexericos na colônia citavam dois indivíduos diferentes como pais. Os dois meninos chegaram à idade adulta e emigraram para a França. Eles usavam o sobrenome Fontenay.

Jeanne Louise aparecia apenas com o sobrenome Mayfair em todos os documentos oficiais e, embora ela se casasse muito jovem com um homem dissoluto e bebedor, seu companheiro de toda a vida foi seu irmão, Peter, que nunca se casou. Ele morreu apenas horas antes de Jeanne Louise, em 1771.

Ninguém questionou a legalidade do seu uso do sobrenome Mayfair, aceitando sua palavra de que se tratava de um costume na família. Mais tarde, sua única filha mulher, Angélique, agiria da mesma forma. Charlotte usou o colar com a esmeralda dado por sua mãe até a morte. Daí em diante, Jeanne-Louise o usou e o passou à sua quinta filha, Angélique, que nasceu em 1725. Na época em que essa menina nasceu, o marido de Jeanne Louise estava louco e confinado numa "pequena casa" na propriedade, que de acordo com todas as descrições parece ser a casa em que Petyr ficou preso anos antes.

É duvidoso que esse homem tenha sido pai de Angélique. E parece razoável, embora de modo algum se possa afirmar, que Angélique era filha de Jeanne Louise e do seu irmão Peter.

Angélique chamava Peter de "papa" na frente de todos, e era opinião dos criados que ela acreditava ser Peter seu pai, já que nunca havia conhecido o louco na construção afastada, que nos seus últimos anos viveu acorrentado como uma fera selvagem. Deve-se observar que o tratamento dado a esse louco não era considerado cruel ou anormal por aqueles que conheciam a família.

Dizia-se também que Jeanne Louise e Peter compartilhavam um apartamento com salas de estar e quartos intercomunicantes que foi acrescentado à velha sede da fazenda pouco depois do casamento de Jeanne Louise.

Por maiores que fossem os mexericos acerca dos hábitos secretos da família, Jeanne Louise exerceu o mesmo poder sobre todos que Charlotte havia exercido no passado, mantendo o domínio sobre seus escravos através de imensa generosidade e atenção pessoal numa época célebre exatamente pelo procedimento oposto.

Jeanne Louise é descrita como uma mulher de beleza excepcional, muito admirada e requisitada. Ela nunca foi descrita como perversa, sinistra ou como bruxa. As pessoas contatadas pelo Talamasca durante a vida de Jeanne Louise não sabiam nada sobre as origens européias da família.

Escravos fugidos costumavam procurar Jeanne Louise para implorar sua mediação com algum senhor ou senhora cruel. Era freqüente que ela comprasse esses infelizes, despertando neles uma lealdade feroz. Em Maye Faire era ela quem fazia a lei, e chegou a executar mais de um

escravo por traição. No entanto, era bem conhecida a boa vontade dos seus escravos para com ela.

Angélique foi a filha preferida de Jeanne Louise. Ela adorava a avó, Charlotte, e estava com a velha quando ela faleceu. Uma violenta tempestade cercou Maye Faire na noite da morte de Charlotte, e não amainou até o amanhecer, hora em que foi encontrado morto um dos irmãos de Angélique.

Angélique casou-se com um fazendeiro muito bonito e rico chamado Vincent St. Christophe no ano de 1755, dando à luz cinco anos depois Marie Claudette Mayfair, que mais tarde se casou com Henri Marie Landry e foi a primeira das bruxas Mayfair a vir para a Louisiana. Angélique também teve dois filhos, um dos quais morreu na infância, e o outro, Lestan, chegou a atingir a velhice.

Tudo indica que Angélique amava Vincent St. Christophe e que foi fiel a ele a vida inteira. Marie Claudette também o adorava, e parece não haver dúvidas quanto a ser ele seu pai. As imagens que possuímos de Angélique revelam que ela não era tão linda quanto a mãe ou quanto a filha, sendo seus traços menores e seus olhos também menores. Mesmo assim, ela era muito atraente, com o cabelo castanho escuro muito cacheado, e era considerada uma beldade na sua juventude.

Marie Claudette era de uma beleza extraordinária, lembrando tanto seu belo pai, Vincent St. Christophe, quanto sua mãe. Tinha o cabelo muito escuro e os olhos azuis, e era extremamente pequena e delicada. Seu marido, Henri Marie Landry, também tinha boa aparência. Na realidade, dizia-se naquela época que na família os casamentos eram sempre pela beleza, nunca por amor ou por dinheiro.

Vincent St. Christoplie era uma criatura doce e delicada que gostava de pintar e de tocar guitarra. Ele passava muito tempo junto a um pequeno lago construído na fazenda para ele, compondo canções que mais tarde cantava para Angélique. Após sua morte, Angélique teve alguns amantes, mas não quis se casar de novo. Esse também era um procedimento padrão entre as mulheres da família Mayfair. Elas geralmente se casavam uma vez apenas, ou apenas uma vez que desse certo.

O que caracteriza a família durante as vidas de Charlotte, Jeanne Louise, Angélique e Marie Claudette é a respeitabilidade, a fortuna e o poder. A riqueza da família Mayfair era lendária no mundo caribenho, e quem entrava em disputas com a família enfrentava violência com frequência bastante para que se falasse nisso. Dizia-se que "dava azar" brigar com a família Mayfair.

Os escravos consideravam Charlotte, Jeanne Louise, Angélique e Marie Claudette poderosas feiticeiras. Eles as procuravam para curar suas doenças e acreditavam que suas senhoras "sabiam" de tudo.

Existem, porém, pouquíssimos indícios de que alguém além dos escravos levasse essas histórias a sério. Ou de que as bruxas Mayfair despertassem suspeita ou medo "irracional" entre seus pares. A primazia da família permaneceu incontestada. As pessoas disputavam convites para Maye Faire. A família recebia com frequência e prodigalidade. Tanto os homens quanto as mulheres eram muito requisitados como bons partidos.

Não há certeza com relação a quanto os outros membros da família estavam inteirados do poder das bruxas. Angélique teve tanto um irmão quanto uma irmã que emigraram para a França, além de um outro irmão, Maurice, que

permaneceu junto à família, teve dois filhos, Louis-Pierre e Martin, que também se casaram e continuaram a fazer parte da família de Saint-Domingue. Eles mais tarde foram para a Louisiana com Marie Claudette. Maurice e seus filhos usavam o sobrenome Mayfair, como fazem seus descendentes na Louisiana até os dias de hoje.

Dos seis filhos de Angélique, duas meninas morreram cedo e dois homens emigraram para a França, sendo que o outro filho, Lestan, foi para a Louisiana com sua irmã Marie Claudette.

Os homens da família nunca tentaram reivindicar o controle da fazenda ou do dinheiro, muito embora, segundo a lei francesa, eles tivessem direito ao controle de ambos. Pelo contrário, eles apresentavam uma tendência a aceitar a ascendência das mulheres escolhidas e os registros financeiros, assim como os mexicanos, revelam que eles possuíam imensas fortunas.

Talvez alguma compensação lhes fosse paga pela sua anuência. Ou talvez eles fossem submissos por natureza. Nunca foi transmitido nenhum relato de rebeliões ou brigas. O irmão de Angélique que morreu durante a tempestade na noite da morte de Charlotte era um menino considerado gentil e de índole aquiescente. Seu irmão Maurice era reconhecidamente simpático e amável e participava da administração da fazenda.

Alguns descendentes dos que emigraram para a França durante o século XVIII foram executados na Revolução Francesa. Nenhum dos que emigraram antes de 1770 usava o sobrenome Mayfair. E o Talamasca perdeu de vista todas essas linhagens.

Durante todo esse período, a família, permaneceu católica. Ela apoiou a igreja católica em Saint-Domingue, e um filho de Pierre Fontenay, cunhado de Charlotte, tornou-se padre. Duas mulheres da família tornaram-se freiras carmelitas. Uma foi executada na Revolução Francesa, junto com todos os membros da sua comunidade.

O dinheiro da família na colônia era freqüentemente depositado em bancos estrangeiros, durante todos esses anos em que seu café, açúcar e tabaco eram exportados para a Europa e para a América do Norte. Seu nível de prosperidade era altíssimo mesmo para os multimilionários de Hispaniola, e a família parece sempre ter possuído quantidades fantásticas de ouro e de jóias. Isso não é nada típico para uma família de agricultores, cuja sorte está geralmente vinculada à terra e é facilmente exposta à falência.

Conseqüentemente, a família Mayfair sobreviveu à revolução do Haiti com uma enorme fortuna, muito embora todos os seus imóveis na ilha fossem irrecuperavelmente perdidos.

Foi Marie Claudette quem estabeleceu o legado Mayfair em 1789, logo antes da revolução que forçou a família a deixar Saint-Domingue. A essa altura, seus pais já estavam mortos. O legado foi mais tarde aperfeiçoado e refinado por Marie Claudette depois que se encontrava instalada na Louisiana, época em que ela transferiu grande parte do seu dinheiro depositado em bancos da Holanda e de Roma. para bancos de Londres e de Nova York.

O LEGADO

O legado consiste em uma série de disposições imensamente complicadas e quase- judiciais, efetuadas principalmente através dos bancos que detêm o dinheiro, que cria uma fortuna que não pode ser atingida pela legislação sobre a transmissão de heranças de nenhum país. Em essência, ele conserva a parte principal do dinheiro e das propriedades da família Mayfair nas mãos de uma única pessoa a cada geração, sendo esse herdeiro designado pela beneficiária ainda em vida. Caso a beneficiária morra sem ter designado ninguém, o dinheiro vai para sua filha mais velha. Somente se não houver nenhuma descendente do sexo feminino, o legado poderá passar para um homem. No entanto, a beneficiária pode designar um filho homem, se assim desejar.

Ao que tenha chegado ao conhecimento do Talamasca, nunca houve uma beneficiária do legado que morresse sem designar uma herdeira, e o legado jamais passou para um filho homem. Rowan Mayfair, a bruxa Mayfair mais jovem e viva, foi designada ao nascer por sua mãe, Deirdre, que também foi designada ao nascer por sua mãe, Antha, que foi designada por Stella, e assim por diante.

Houve, porém, épocas na história da família em que a herdeira designada foi trocada. Marie Claudette, por exemplo, designou sua primeira filha, Claire Marie, e mais tarde passou a designar Marguerite, sua terceira filha, e não há indícios de que Claire Marie jamais soubesse que havia um dia sido designada, embora Marguerite soubesse que era a herdeira muito tempo antes da morte de Marie Claudette.

O legado também estipula enormes benefícios para os outros filhos da beneficiária (os irmãos da herdeira) a cada geração, sendo o valor destinado às mulheres o dobro do destinado aos homens. No entanto, nenhum membro da

família poderia fazer jus ao legado se ele ou ela não usasse o sobrenome Mayfair em termos oficiais e particulares. Sempre que a lei proibisse o herdeiro de usar o sobrenome, ele era ainda assim usado como costume e jamais questionado legalmente.

Esse dispositivo serviu para preservar o sobrenome Mayfair até o século atual. E em inúmeros casos os membros da família transmitiam a norma a seus descendentes junto com suas fortunas, embora em termos legais nada os obrigasse a fazê-lo se eles estivessem afastados um grau do legado.

O documento original também contém algumas cláusulas complexas relativas a membros carentes da família Mayfair que peçam ajuda, desde que eles sempre tenham usado o sobrenome e descendam de membros que o usaram. O beneficiário principal pode ainda deixar até dez por cento do legado para outros parentes que não sejam seus filhos, mas, também nesse caso, o nome Mayfair precisa ser usado comprovadamente por esse parente, ou as cláusulas do testamento estarão nulas e canceladas.

No século XX, grande quantidade de "primos" recebeu dinheiro do legado, principalmente por meio de Mary Beth Mayfair e de sua filha Stella, mas alguns também através de Deirdre, sendo a fortuna administrada para ela por Cortland Mayfair. Muitas dessas pessoas estão agora "ricas", já que a doação era freqüentemente vinculada a investimentos ou empreendimentos aprovados pela beneficiária ou pelo seu administrador.

O Talamasca tem conhecimento hoje da existência de cerca de quinhentos e cinquenta descendentes, todos usando o sobrenome Mayfair. É mais do que provável que metade dessas pessoas conheça o núcleo da família em Nova

Orleans e saiba algo sobre o legado, muito embora estejam muitos graus afastados da herança original.

Stella reuniu cerca de quatrocentos membros da família Mayfair e de famílias aparentadas em 1927 na casa de First Street, e há indícios substanciais de que ela estaria interessada nos outros membros da família detentores de poderes paranormais, mas a história de Stella será relatada mais adiante.

DESCENDENTES

O Talamasca investigou uma grande quantidade de descendentes e descobriu que entre eles é comum a ocorrência de poderes paranormais moderados. Alguns exibem poderes extraordinários. É também comum que se fale dos antepassados de Saint-Domingue como "bruxos", que se diga que eram "amantes do demônio", que venderam a alma ao diabo e que foi ele quem enriqueceu a família.

Essas histórias são atualmente contadas sem maiores preocupações, muitas vezes com humor, assombro e curiosidade. A maioria dos descendentes com os quais o Talamasca teve um contato limitado não sabe realmente nada de concreto acerca da história da família. Não chegam nem a saber os nomes das "bruxas". Nunca ouviram falar em Suzanne ou Deborah, embora brinquem com frases como "nossos antepassados foram queimados na fogueira na Europa" ou "temos uma longa tradição de feitiçaria na família". Sua idéia quanto ao legado é extremamente vaga, pois sabem apenas que uma pessoa é o beneficiário

principal, sabem o nome dessa pessoa e pouco mais do que isso.

No entanto, os descendentes da região de Nova Orleans têm grande conhecimento do núcleo da família. Eles comparecem a velórios e enterros, e foram reunidos em inúmeras ocasiões por Mary Beth e Stella, como veremos.

O Talamasca possui grande quantidade de retratos dessas pessoas, em grupos familiares e sozinhas.

Não são de modo algum raras entre essas pessoas histórias de aparições, de premonição, de "telefonemas dos mortos" e de telecinesia moderada. Alguns membros da família que não sabem quase nada acerca do núcleo de Nova Orleans estiveram envolvidos em nada menos de dez histórias diferentes de assombrações, incluídas em vários livros publicados. Três diferentes membros da família, parentes distantes entre si, revelaram poderes enormes. Não existe, porém, nenhuma comprovação de eles terem compreendido ou usado esses poderes com alguma finalidade. Ao que nos foi dado saber, eles não têm nenhuma ligação com as bruxas, com o legado, com o colar da esmeralda ou com Lasher.

Diz-se que todos os membros da família Mayfair "sentem" quando o beneficiário do legado morre.

Os descendentes da família temem Carlotta Mayfair, a guardiã de Deirdre Mayfair, a atual beneficiária, e a consideram uma "bruxa", mas o termo nesse caso está mais relacionado ao significado de mulher desagradável do que a qualquer ligação com o sobrenatural.

RESUMO DOS MATERIAIS RELACIONADOS AOS ANOS PASSADOS EM SAINT-DOMINGUE

Voltando a uma avaliação da família durante o século XVII, ela se caracteriza inegavelmente pela força, pelo sucesso e pela prosperidade, bem como pela longevidade e por relacionamentos duradouros. As bruxas desse período devem ser consideradas extremamente bem-sucedidas. Pode-se supor com segurança que elas controlaram Lasher completamente. No entanto, honestamente não sabemos se isso é verdade ou não. Simplesmente não temos provas do contrário.

Não há aparições específicas de Lasher. Não há indícios de tragédia na família. Acidentes ocorridos com inimigos da família, a contínua acumulação de jóias e de ouro bem como as inúmeras histórias contadas pelos escravos quanto à onipotência ou infalibilidade das suas senhoras são a única evidência de intervenção sobrenatural, e nenhum deles constitui uma prova confiável.

Uma observação mais atenta através de investigadores treinados poderia ter resultado numa história diferente.

A FAMÍLIA MAYFAIR NA LOUISIANA NO SÉCULO XIX

Alguns dias antes da revolução do Haiti (o único levante de escravos a ter sucesso

na história), Marie Claudette foi avisada pelos seus escravos de que ela e a família talvez fossem massacradas. Ela e os

filhos, seu irmão Lestan, esposa e filhos, seu tio Maurice, com os dois filhos, noras e netos escaparam com aparente facilidade e uma espantosa quantidade de bens pessoais, numa verdadeira caravana de carroças que deixou Maye Faire para o porto próximo. Cerca de cinquenta dos escravos pessoais de Marie Claudette, metade dos quais era de sangue mestiço, sendo alguns deles inegavelmente descendentes de homens de sobrenome Mayfair, acompanharam a família para a Louisiana.

Podemos supor que inúmeros livros e registros escritos também os acompanharam, e que alguns desses materiais foram vistos de relance desde então, como este relatório demonstrará.

Logo após a sua chegada na Louisiana, o Talamasca pôde obter mais informações sobre as Bruxas Mayfair. Alguns dos nossos contatos na Louisiana já estavam estabelecidos em virtude de dois casos dramáticos de assombrações, ocorridos em Nova Orleans. E pelo menos dois dos nossos membros haviam visitado a cidade, um para investigar um caso de assombração e o outro, a caminho de outros locais no sul.

Uma outra razão para o aumento de informações era que a própria família Mayfair parece ter se tornado mais "visível" às pessoas. Arrancada da sua posição de isolamento e de poder quase feudal em Saint-Domingue, ela se viu forçada ao contato com inúmeras pessoas desconhecidas, incluindo-se entre elas comerciantes, clérigos, mercadores de escravos, corretores, autoridades da colônia e outros semelhantes. E a fortuna da família Mayfair, bem como sua súbita entrada em cena, por assim dizer, despertou uma curiosidade imensa.

Todo tipo de história começou a ser espalhado desde o instante em que chegaram. E o fluxo de informações foi se enriquecendo com o passar do tempo. O progresso do século XIX também contribuiu, inevitavelmente, para o aumento do fluxo de informações. O crescimento de jornais e periódicos, a expansão da manutenção de registros detalhados, a invenção da fotografia, tudo isso facilitou a compilação de uma história mais detalhada da família Mayfair.

Na realidade, o desenvolvimento de Nova Orleans, que a transformou numa cidade portuária próspera e movimentada, criou um ambiente no qual dezenas de pessoas podiam ser indagadas acerca da família Mayfair sem que ninguém jamais percebesse nossa existência ou a de nossos detetives.

Portanto, o que precisa ser salientado à medida que prosseguimos no estudo da família Mayfair é que, embora a família pareça ter sofrido transformações dramáticas no século XIX, pode ser que ela não tenha mudado em absolutamente nada. A única mudança pode ter sido a dos nossos métodos de investigação. Nós descobrimos mais coisas sobre o que acontecia atrás de portas fechadas.

Em outras palavras, se soubéssemos mais acerca dos anos passados em Saint-Dorningue, talvezouvéssemos percebido uma continuidade maior. Mas, talvez não.

Qualquer que seja o caso, as bruxas do século XIX - à exceção de Mary Beth Mayfair, que só veio a nascer em 1872 - parecem ter sido muito mais fracas do que as que governavam a família durante os anos passados em Saint-Dorningue.

E, com base em nossos indícios fragmentários, pode-se concluir que a decadência das Bruxas Mayfair, que se tornou tão acentuada no século XX, teria começado antes da Guerra de Secessão. O quadro é, porém, mais complexo do que isso, como veremos.

Mudanças nas atitudes e nos tempos em geral podem ter desempenhado um papel significativo na decadência das bruxas. Ou seja, à medida que a família se tornava menos aristocrática e feudal e passava a ser mais "civilizada" ou "burguesa", seus membros podem talvez ter ficado mais confusos com relação à herança e aos seus poderes, tornando-se mais inibidos. Pois, embora a classe de fazendeiros da Louisiana se referisse a si mesma como "a aristocracia", ela decididamente não era aristocrática no sentido europeu da palavra, e se caracterizava pelo que hoje chamamos de "valores da classe média".

A "psiquiatria moderna" também parece ter exercido um papel no sentido de inibir e confundir as Bruxas Mayfair, e nós examinaremos esse aspecto em detalhe quando tratarmos da família Mayfair no século XX.

No entanto, na maior parte das vezes, só podemos especular acerca dessas coisas. Mesmo quando houve contato direto entre a Ordem e as Bruxas Mayfair no século XX, nós não conseguimos aprender tudo o que esperávamos. Levando-se tudo isso em consideração...

A HISTÓRIA CONTINUA ...

Assim que chegou a Nova Orleans, Marie Claudette instalou a família numa casa espaçosa na Rue Dumaine e adquiriu

de imediato uma enorme fazenda em Riverbend, ao sul da cidade, ali construindo uma sede maior e mais luxuosa do que sua similar em Saint-Domingue. Essa fazenda chamou-se La Victoire em Riverbend, e mais tarde passou a ser conhecida simplesmente como Riverbend.

Ela foi destruída pelo rio em 1896. No entanto, grande parte das terras por ali ainda é de propriedade da família Mayfair e é atualmente ocupada por uma refinaria de petróleo.

Maurice Mayfair, o tio de Marie Claudette, acabou seus dias nessa fazenda, mas seus dois filhos adquiriram fazendas limítrofes, onde viviam em grande intimidade com a família de Marie Claudette. Alguns descendentes desses homens permaneceram na terra até 1890, e muitos outros descendentes se mudaram para Nova Orleans. Eles ajudaram a compor o número sempre crescente de "primos" que foi um fator constante na vida da família Mayfair durante os cem anos seguintes.

Há uma boa quantidade de desenhos publicados da sede da fazenda de Marie Claudette e até mesmo algumas fotografias em livros antigos, hoje esgotados. Ela era grande mesmo para aquela época e, por ser anterior à ostentação do estilo do renascimento grego, apresentava uma estrutura colonial singela, com colunas simples arredondadas, telhado de cumeeira e varandas, muito parecida com a casa de Saint-Domingue. Sua largura era a de dois aposentos. Ela era cortada por corredores que iam de norte a sul e de leste a oeste e tinha um andar inferior amplo e aberto bem como um sótão muito alto e espaçoso.

A fazenda ainda incluía duas enormes garçonnières, nas quais moravam os homens da família, incluindo-se Lestan quando ficou viúvo e seus quatro filhos, todos eles de

sobrenome Mayfair. (Maurice sempre viveu na casa principal.)

Marie Claudette teve tanto sucesso na Louisiana quanto ela própria e suas antepassadas haviam tido em Saint-Domingue. Ali também plantou açúcar, mas desistiu do café e do fumo. Ela comprou fazendas menores para cada um dos filhos de Lestan, e dava presentes exagerados aos seus filhos e netos. Desde as primeiras semanas da sua chegada, a família foi vista com respeito e suspeita.

Marie Claudette assustava as pessoas e entrou numa série de disputas ao instalar seus negócios na Louisiana. Ela era bem capaz de ameaçar qualquer um que estivesse impedindo seu caminho. Para suas lavouras, adquiriu quantidades incríveis de escravos e, seguindo a tradição das suas antepassadas, tratava esses escravos muito bem.

Já os mercadores ela não tratava bem e os expulsou mais de uma vez de sua propriedade com um chicote na mão, insistindo em afirmar que haviam tentado enganá-la.

Ela foi descrita por testemunhas locais como "espantosa" e "desagradável", embora fosse uma bela mulher. Além disso, seus escravos domésticos e criados livres de sangue mestiço eram imensamente temidos pelos escravos adquirido na Louisiana.

Pouco tempo depois, ela já era considerada uma feiticeira pelos escravos nas suas próprias terras. Dizia-se ser impossível enganá-la, que ela sabia pôr mau olhado e que possuía um demônio o qual mandava atrás de quem quer que a irritasse. Seu irmão Lestan era mais apreciado por todos, e aparentemente logo se adaptou à classe de fazendeiros bebedores e jogadores da região.

Henri Marie Landry, seu marido, parece ter sido um indivíduo afável, porém passivo, que deixava absolutamente tudo nas mãos da mulher. Ele lia revistas especializadas em botânica da Europa e colecionava flores raras de todo o sul dos Estados Unidos. Ele projetou e cultivou um imenso jardim em Riverbend.

Morreu na cama, em 1824, após receber os sacramentos.

Em 1799, Marie Claudette deu à luz sua última filha, Marguerite, que mais tarde seria a beneficiária da herança e que viveu à sombra da mãe até a morte de Marie Claudette, em 1831.

Falava-se muito da vida familiar de Marie Claudette. Dizia-se que sua filha mais velha, Claire Marie, seria débil mental. Há inúmeras histórias sobre essa jovem vagueando de um lado para o outro de camisola, e dizendo coisas estranhas, embora muitas vezes agradáveis, às pessoas. Ela via fantasmas e conversava com eles o tempo todo, às vezes bem no meio do jantar diante de convidados perplexos.

Ela também "sabia" coisas sobre as pessoas e costumava deixar escapar esses segredos nos momentos mais impróprios. Era sempre mantida em casa e, apesar de mais de um rapaz se apaixonar por ela, Marie Claudette nunca permitiu que Claire Marie se casasse. Na velhice, após a morte do marido, Henri Marie Landry, Marie Claudette dormia com Claire Marie para vigiá-la e impedir que saísse perambulando e se perdesse.

Ela era vista com freqüência nas varandas, de camisola.

O único filho de Marie Claudette, Pierre, tampouco recebeu permissão para se casar. Ele se apaixonou duas vezes, mas nas duas ocasiões cedeu à vontade da mãe quando ela lhe negou a permissão para se casar. Sua segunda "noiva

secreta” tentou o suicídio ao ser rejeitada por Pierre. A partir de então, ele passou a sair raramente, mas era visto mais fazendo companhia à mãe.

Pierre era uma espécie de médico dos escravos, curando-os com diversas poções e medicamentos. Ele chegou a estudar medicina algum tempo com um velho médico bêbado em Nova Orleans. Mas isso não deu em nada. Ele também gostava de botânica e passava muito tempo trabalhando no jardim e desenhando as plantas. Alguns esboços feitos por Pierre existem ainda hoje na famosa casa da família Mayfair em First Street.

Não era nenhum segredo que, por volta de 1820, Pierre passou a ter uma amante mestiça em Nova Orleans, uma jovem de grande beleza que poderia ter passado por branca, segundo os mexericos. Com ela, Pierre teve dois filhos: uma menina que foi para o norte e foi considerada de raça branca, e um menino, François, nascido em 1825, que permaneceu na Louisiana e mais tarde viria a cuidar de toda a papelada da família em Nova Orleans.

Um escrivão sofisticado era como ele parece ter sido considerado carinhosamente pelos brancos da família, especialmente pelos homens que vinham à cidade realizar negócios. Todos na família pareciam adorar Marguerite. Quando estava com dez anos de idade, seu retrato foi pintado, mostrando-a com o famoso colar da esmeralda. É um quadro estranho pois a criança é pequena e o colar, grande.

Em 1927, esse quadro estava pendurado numa parede da casa de First Street em Nova Orleans. Marguerite era de complexão delicada, de cabelos escuros e olhos negros ligeiramente amendoados. Era considerada linda e chamada de "a ciganinha" por suas babás, que adoravam escovar

seus cabelos compridos e ondulados. Ao contrário da irmã débil mental e do irmão submisso, Marguerite tinha um gênio feroz e um senso de humor violento e imprevisível.

Aos vinte anos de idade, contra a vontade de Marie Claudette, ela se casou com Tyrone Clifford McNamara, um cantor lírico, e mais um homem "muito bonito" e de índole pouquíssimo prática, que viajava por todos os Estados Unidos, estrelando óperas em Nova York, Boston, St. Louis e outras cidades. Foi só depois de ele partir numa turnê dessas que Marguerite voltou de Nova Orleans para Riverbend e foi mais uma vez recebida pela mãe.

Em 1827 e 1828, ela deu à luz dois meninos, Rémy e Julien. McNamara voltava para casa com frequência durante esse período mas apenas para visitas curtas. Em Nova York, Boston, Baltimore e em outros lugares onde se apresentava, ele era célebre por ser mulherengo, bebedor e por gostar de brigar. Era, porém, um "tenor irlandês" muito popular e esgotava bilheterias onde quer que se apresentasse. Em 1829, Tyrone Clifford McNamara e uma irlandesa, supostamente sua amante, foram encontrados mortos depois de um incêndio numa pequena casa no French Quarter, que havia sido comprada para a mulher por McNamara.

Relatórios da polícia e reportagens de jornais da época revelam que o casal foi sufocado pela fumaça enquanto procurava em vão escapar. A fechadura da porta da frente estava quebrada. Houve, aparentemente, um filho dessa união, que não se encontrava na casa no momento do incêndio. Ele mais tarde migrou para o norte.

Esse incêndio gerou uma quantidade considerável de mexericos em Nova Orleans, e foi nessa época que o Talamasca pôde obter mais informações pessoais sobre a

família do que havia conseguido em anos a fio. Um comerciante do French Quarter disse a uma das nossas "testemunhas" que Marguerite havia mandado seu demônio cuidar "daqueles dois" e que Marguerite sabia mais de vodu do que qualquer negro no estado da Lousiana.

Dizia-se que Marguerite tinha um altar de vodu em casa, que trabalhava com ungüentos e poções para curar e para o amor, e que andava por toda parte acompanhada de duas belas criadas mestiças de branco com mulata, Marie e Virginie, e de um cocheiro mulato chamado Octavius. Dizia-se que Octavius era filho ilegítimo de um dos filhos de Maurice Mayfair, Louis-Pierre, mas essa história não era muito divulgada.

Marie Claudette ainda vivia nessa época, mas raramente saía. Dizia-se também que ela havia ensinado à filha as artes da magia aprendidas no Haiti. Era Marguerite quem chamava a atenção por onde quer que fosse, especialmente considerando-se que seu irmão Pierre levava uma vida bastante respeitável, sendo muito discreto quanto à sua amante mestiça, e que os filhos do tio Lestan eram também perfeitamente respeitáveis e admirados.

Já antes dos trinta anos, Marguerite havia se tornado uma figura lúgubre e algo assustadora, muitas vezes com os cabelos desgrenhados e os olhos escuros ameaçadores, além de sua risada súbita e desconcertante. Ela sempre usava a esmeralda Mayfair.

Marguerite recebia mercadores, corretores e visitas num enorme escritório coberto de livros em Riverbend, que era cheio de coisas "horríveis e repulsivas", como crânios humanos, animais dos pântanos empalhados e armados, cabeças de animais de safaris na África e tapetes de peles de animais. Ela possuía inúmeros potes e vidros misteriosos,

e as pessoas alegavam ter visto partes de corpos humanos nesses recipientes. Ela era conhecida por ser ávida colecionadora de amuletos e quinquilharias feitas pelos escravos, em especial por aqueles recém chegados da África.

Houve alguns casos de "possessão" entre seus escravos nessa época, o que resultava na fuga de testemunhas apavoradas e na vinda de padres à fazenda. Em todos os casos, a vítima era acorrentada e o exorcismo era tentado em vão. A criatura "possuída" acabava morrendo de fome por não conseguir ser forçada a comer ou de algum ferimento provocado durante as violentas convulsões.

Houve rumores de que um desses escravos possuídos foi acorrentado no sótão, mas as autoridades locais nunca tomaram providências para a investigação.

Pelo menos quatro testemunhas diferentes mencionam o "misterioso amante de cabelos escuros" de Marguerite, homem que foi visto nos seus aposentos particulares por escravos, na sua suíte no St. Louis Hotel quando ela vinha a Nova Orleans e no seu camarote na ópera. Muitos boatos cercavam a questão desse seu amante ou companheiro. Todos ficavam intrigados com a forma misteriosa de ele aparecer e desaparecer.

Num instante, ele está ali. No outro, não está mais, dizia-se. Essas são as primeiras menções a Lasher em mais de cem anos.

Marguerite casou-se, quase imediatamente após a morte de Tyrone Clifford McNamara, com um jogador alto e sem vintém, chamado Arlington Kerr, que desapareceu por completo seis meses após o casamento. Nada se sabe dele a não ser que era lindo como uma mulher, que bebia e que

jogava cartas a noite inteira na garçonnière com vários convidados bêbados e com o cocheiro mulato.

Vale ressaltar que se ouviu falar desse homem mais do que se viu sua pessoa. Ou seja, a maioria das histórias a seu respeito são de terceira ou de quarta mão. É interessante a especulação de que essa pessoa talvez não haja existido.

Ele foi, no entanto, o pai legítimo de Katherine Mayfair, nascida em 1830, que se tornou a próxima beneficiária do legado e a primeira das Bruxas Mayfair em muitas gerações a não conhecer a avó já que Marie Claudete faleceu no ano seguinte.

Os escravos rio abaixo e rio acima circulavam a história de que Marguerite havia assassinado Arlington Kerr e colocado seu corpo em pedaços em vários potes, mas ninguém jamais chegou a investigar essa história, e a versão divulgada pela família era a de que Arlington Kerr não conseguiu se adaptar à vida na fazenda, tendo por isso deixado a Louisiana, sem vintém, como havia chegado, e Marguerite havia dito que bons ventos o levassem.

Aos vinte anos, Marguerite era famosa por comparecer às danças dos escravos e até mesmo por dançar com eles. Ela sem dúvida tinha o poder de cura dos Mayfair, e ajudava a fazer partos com regularidade. No entanto, com o tempo, ela começou a ser acusada de roubar os bebês das escravas; e essa foi a primeira bruxa Mayfair que os escravos não só temiam como também odiavam.

Após completar trinta e cinco anos, ela deixou de administrar diretamente a fazenda, colocando tudo nas mãos do seu primo Augustin, filho do seu tio Lestan, que se provou um administrador mais do que capaz. Pierre, irmão de Marguerite, ajudava até certo ponto nas decisões mas

era basicamente Augustin, que se reportava apenas a Marguerite, quem comandava os negócios.

Augustin era temido pelos escravos, mas eles pareciam considerá-lo previsível e equilibrado. Seja como for, a fazenda durante esses anos gerou uma fortuna. E a família Mayfair continuou a fazer enormes depósitos em bancos estrangeiros e da região norte dos Estados Unidos, além de distribuir dinheiro à vontade por onde quer que fossem.

Aos quarenta anos, Marguerite já era uma "velha megera", segundo alguns observadores, embora pudesse ainda ter sido bonita se tivesse se dado ao trabalho de prender o cabelo ou de dar a mais ínfima atenção às suas roupas.

Quando seu filho mais velho, Julien, completou quinze anos, ele começou a administrar a fazenda ao lado do primo Augustin, e aos poucos Julien assumiu totalmente o controle da administração. No jantar do seu aniversário de dezoito anos, ocorreu um trágico "acidente" com uma pistola nova, ocasião em que o "pobre tio Augustin" recebeu de Julien um tiro na cabeça e morreu.

Esse pode ter sido um acidente legítimo, já que todos os relatos indicam que Julien ficou "prostrado de dor" depois. Mais de uma história afirma que os dois estavam lutando pela posse da arma quando o acidente ocorreu. Uma versão afirma que Julien questionou a honestidade de Augustin, que Augustin ameaçou dar um tiro na própria cabeça por esse motivo, e que Julien estava tentando impedi-lo. Ainda uma outra versão declara que Augustin acusou Julien de um "crime contra a natureza" com outro rapaz, que por esse motivo os dois começaram a brigar, Augustin sacou a arma e Julien tentou tirá-la das suas mãos.

Seja qual for a verdade, ninguém nunca foi acusado de nenhum crime, e Julien passou a ser o administrador incontestado da fazenda. E mesmo à tenra idade de quinze anos, Julien provou ser talhado para a função, restaurando a ordem entre os escravos e dobrando a produção da fazenda na década que se seguiu. Durante toda a sua vida, Julien continuou a ser o verdadeiro administrador da propriedade, embora Katherine, sua irmã mais nova, fosse a herdeira do legado.

Marguerite passou as últimas décadas da sua longuíssima vida lendo o tempo todo na biblioteca abarrotada de coisas "horríveis e repulsivas". Ela conversava em voz alta consigo mesma a maior parte do tempo. Costumava ficar parada diante de espelhos, mantendo longas conversas em inglês com sua própria imagem. Conversava também demoradamente com as plantas, muitas das quais eram provenientes do jardim original criado por seu pai, Henri Marie Landry.

Ela apreciava muito seus numerosos primos, filhos e netos de Maurice Mayfair e de Lestan Mayfair, e eles nutriam por ela uma lealdade inabalável, embora ela desse continuamente motivos para falatórios.

Os escravos chegaram a odiar Marguerite e se recusavam a se aproximar dela, à exceção das mestiças Virginie e Marie. Dizia-se que Virginie a maltratou um pouco durante a velhice.

Uma escrava fugida em 1859 contou ao vigário que Marguerite lhe havia roubado o bebê e que o havia retalhado para o demônio. O padre notificou as autoridades locais e houve investigações, mas parece que Julien e Katherine, que eram apreciados e admirados por todos e que administravam Riverbend com perfeita competência,

explicaram que a escrava havia sofrido um aborto natural e que não havia nenhum bebê de que se pudesse falar, mas que o feto havia sido batizado e enterrado da forma correta.

Independentemente do que mais pudesse estar acontecendo, Rémy, Julien e Katherine cresceram em aparente felicidade e imersos no luxo, aproveitando tudo o que a Nova Orleans de antes da Guerra de Secessão tinha a oferecer no seu apogeu, incluindo-se o teatro, a ópera e diversões incontáveis.

Os três vinham com frequência juntos à cidade, acompanhados por uma governanta mestiça para vigiá-los, hospedando-se numa luxuosa suíte no St. Louis Hotel e acabando com o estoque das lojas da moda antes de voltar para o campo. Nessa época, circulou uma história escandalosa de que Katherine quis assistir os famosos bailes das quadraronas, nos quais moças de sangue mestiço dançavam com seus pretendentes de raça branca. Ela foi, portanto, com sua criada mestiça e enganou a todos. Seu cabelo e seus olhos eram muito escuros e a pele, clara, não tendo a menor aparência de africana, mas, se fosse por isso, muitas das mestiças verdadeiras também não tinham. Julien teve seu dedo na história, pois apresentou a irmã a alguns brancos que não a conheciam e que acreditaram ser ela mestiça de branco e mulata.

A história deixou a velha guarda perplexa. Os jovens brancos que haviam dançado com Katherine, acreditando que ela fosse "de cor", sentiram-se humilhados e indignados. Katherine, Julien e Rémy acharam o caso engraçado. Julien bateu-se pelo menos em um duelo por esse motivo, ferindo gravemente seu adversário.

Em 1857, quando Katherine estava com dezessete anos, ela e os irmãos compraram uma área em First Street no Garden

District de Nova Orleans e contrataram Darcy Monahan, o arquiteto irlandês, para ali construir uma casa, que é a atual residência da família Mayfair. É provável que a aquisição tenha sido idéia de Julien, que desejava uma residência permanente na cidade.

Qualquer que tenha sido o caso, Katherine e Darcy Monahan apaixonaram-se profundamente, e Julien revelou um ciúme irracional da irmã, não querendo permitir que ela se casasse tão jovem. Seguiu-se uma enorme briga na família. Julien saiu da casa de Riverbend e passou algum tempo num apartamento no French Quarter com um companheiro de quem pouco se sabe a não ser que era de Nova York, que era reputadamente muito bonito e dedicado a Julien de um modo que fazia com que as pessoas mexericassem quanto ao fato de eles serem amantes.

Os rumores diziam ainda que Katherine escapou para Nova Orleans para ficar sozinha com Darcy na casa inacabada de First Street. e que ali os dois namorados fizeram promessas de amor em aposentos destelhados ou no mato do jardim incompleto. Julien foi ficando cada vez mais infeliz com sua raiva e imploro à mãe, Marguerite, que interferisse na história, mas Marguerite não se interessou pelo caso.

Afinal, Katherine ameaçou fugir se seus desejos não fossem atendidos e Marguerite deu seu consentimento oficial para um reservado casamento na igreja. Num daguerreótipo feito após a cerimônia, Katherine está usando a esmeralda Mayfair.

Katherine e Darcy mudaram-se para a casa de First Street em 1858, e Monahan se tornou o arquiteto e construtor mais procurado da parte alta de Nova Orleans. Muitas testemunhas do período mencionam a beleza de Katherine, a simpatia de Darcy e como era um prazer comparecer aos

bailes que os dois davam na sua nova casa. A esmeralda Mayfair é mencionada inúmeras vezes.

Não era segredo, porém, que Julien Mayfair havia se oposto tanto ao casamento que sequer visitava a irmã. Ele chegou a voltar para Riverbend, mas passava a maior parte do tempo no seu apartamento do French Quarter. Em Riverbend, em 1863, Julien, Darcy e Katherine tiveram uma briga violenta. Diante dos criados e de alguns convidados, Darcy implorou a Julien que o aceitasse, que fosse carinhoso com Katherine e que fosse "razoável".

Julien ameaçou matar Darcy. E Katherine e Darcy foram embora, nunca mais voltando a Riverbend juntos.

Katherine deu à luz um menino chamado Clay em 1859 e daí em diante mais três crianças que morreram ainda bebês. Depois, em 1865, ela deu à luz mais um menino, chamado Vincent, e duas outras crianças que morreram cedo.

Dizia-se que esses filhos que ela perdeu partiram seu coração, que ela considerou essas mortes como uma condenação divina e que mudou um pouco, deixando de ser a moça alegre e animada para se tornar uma mulher confusa e hesitante. Mesmo assim, sua vida com Darcy parece ter sido intensa e satisfatória.

Ela o amava muito e fazia tudo para apoiá-lo em seus diversos empreendimentos no ramo da construção.

Deveríamos mencionar a esse respeito que a Guerra de Secessão não prejudicou em nada a família Mayfair ou sua fortuna. Nova Orleans foi conquistada e ocupada bem no início, com a consequência de não ter sofrido bombardeios de canhões nem incêndios. E a família Mayfair tinha mesmo muito dinheiro investido na Europa para ser afetada pela

ocupação ou pelos subseqüentes ciclos de prosperidade e decadência na Louisiana.

As tropas federais nunca se aquartelaram na propriedade da família, e eles entabularam negócios com os "ianques" praticamente assim que teve início a ocupação de Nova Orleans. Na verdade, Katherine e Darcy Monahan convidavam ianques para a casa de First Street para grande revolta de Julien, Rémy e de outros membros da família.

Essa vida feliz chegou ao fim quando o próprio Darcy morreu em 1871 de febre amarela. Katherine, prostrada e quase enlouquecida, implorou ao irmão Julien que viesse vê-la. Na ocasião ele estava no seu apartamento no French Quarter e veio imediatamente, pondo os pés na casa de First Street pela primeira vez desde que havia sido terminada.

Julien permaneceu, então, corri Katherine noite e dia enquanto os criados cuidavam dos filhos esquecidos. Ele dormia com ela no quarto principal acima da biblioteca, no lado norte da casa, e mesmo as pessoas que passavam na rua ali embaixo ouviam o choro ininterrupto de Katherine e seus trágicos gritos de dor por Darcy e pelos filhinhos mortos.

Por duas vezes, Katherine tentou o suicídio através de venenos. Os criados contavam histórias de médicos que chegavam apressados à casa, da administração de antídotos a Katherine e de como a forçavam a caminhar embora ela estivesse semi-inconsciente e pronta para cair. Falavam também de um Julien tresloucado, que não conseguia conter as lágrimas enquanto cuidava da irmã.

Afinal, Julien trouxe Katherine e os dois meninos de volta para a casa de Riverbend, onde, em 1872, ela deu à luz

Mary Beth Mayfair, que foi batizada e registrada como filha de Darcy Monahan, muito embora pareça extremamente improvável que Mary Beth fosse filha de Darcy, já que nasceu dez meses e meio após a morte do pai. É quase certo que Julien seja o pai de Mary Beth.

Ao que o Talamasca pôde determinar, foram os criados que espalharam a história de que Julien seria o pai, da mesma forma que várias babás que cuidaram das crianças. Era de conhecimento geral que Julien e Katherine dormiam na mesma "cama, a portas fechadas, e que Katherine não poderia ter tido um amante depois da morte de Darcy já que nunca saiu da casa a não ser para a viagem de volta à fazenda.

Essa história, porém, apesar de amplamente divulgada entre a classe dos criados, nunca foi aceita ou reconhecida pelos pares da família Mayfair. Katherine não era apenas inteiramente respeitável sob todos os aspectos, ela era também imensamente rica, generosa e admirada por isso, tendo com freqüência dado dinheiro à vontade a parentes e amigos arruinados pela guerra.

Suas tentativas de suicídio haviam despertado somente compaixão. E as velhas histórias de quando comparecia aos bailes para mestiças já estavam totalmente apagadas da memória do público. Além do mais, a influência financeira da família era tão extensa naquela época ao ponto de ser quase incomensurável. Julien era muito popular na sociedade de Nova Orleans. O mexerico logo se extinguiu, e é duvidoso que ele tenha exercido qualquer tipo de impacto sobre a vida pública ou íntima da família Mayfair.

Katherine foi descrita em 1872 como ainda bela, apesar de precocemente grisalha. Dizia-se que tinha uma atitude saudável e simpática que facilmente conquistava as

peessoas. Uma bela e bem-conservada ferrotipia daquele período mostra Katherine sentada numa poltrona com o bebê no colo, dormindo, e os dois meninos ao seu lado. Ela aparenta saúde e serenidade, uma mulher atraente com uma leve sombra de tristeza nos olhos. Ela não está usando a esmeralda Mayfair.

Enquanto Mary Beth e seus irmãos mais velhos, Clay e Vincent, cresciam no campo, o irmão de Julien, Rémy Mayfair e sua mulher - uma prima, neta de Lestan Mayfair - tomaram posse da casa da família e ali viveram durante anos, tendo ali três filhos, todos de sobrenome Mayfair, dois dos quais com descendentes na Louisiana.

Foi durante esse período que Julien começou a visitar a casa e a montar um escritório para si na biblioteca. (Essa biblioteca e o quarto principal acima dela fazem parte de uma ala acrescentada à estrutura original por Darcy em 1867.) Julien mandou instalar estantes em duas paredes do aposento e as encheu com muitos dos registros da família Mayfair que sempre haviam sido mantidos na fazenda. Sabemos que vários desses livros eram muito antigos e que alguns eram escritos em latim. Julien também trouxe inúmeros quadros antigos para a casa, incluindo-se "pinturas do século XVII".

Julien apreciava os livros e encheu a biblioteca também com os clássicos e com romances populares. Ele adorava Nathaniel Hawthorne, Edgar Allan. Poe e Charles Dickens.

Há alguns indícios de que foram brigas com Katherine que teriam forçado Julien a voltar para a cidade, afastando-o de Riverbend, embora ele nunca negligenciasse seus deveres no campo. No entanto, se Katherine o repelia, sem dúvida sua sobrinha (ou filha) Mary Beth o atraía de volta, pois ele estava sempre aparecendo de repente com carroças cheias

de presentes e seqüestrando-a para passar semanas a fio em Nova Orleans. Essa devoção não o impediu de se casar, em 1875, com uma prima, descendente de Maurice Mayfair e mulher reconhecidamente bela.

Seu nome era Suzette Mayfair, e Julien gostava tanto dela ao ponto de encomendar nada menos do que dez retratos seus durante os primeiros anos do casamento. Eles viviam juntos em First Street aparentemente em perfeita harmonia com Rémy e sua família, talvez porque sob todos os aspectos Rémy sempre se submetesse a Julien.

Suzette parece ter amado a pequena Mary Beth., apesar de ela mesma ter tido quatro filhos nos cinco anos seguintes, três meninos e uma menina, chamada Jeannette.

Katherine nunca voltou por sua própria vontade para a casa de First Street. Ela lhe trazia muitas lembranças de Darcy. (quando na sua velhice ela foi forçada a voltar para essa casa, isso a desequilibrou). Na virada do século, ela havia se tornado uma trágica figura, eternamente trajando luto e perambulando pelos jardins à procura de Darcy. De todas as Bruxas Mayfair estudadas até hoje, Katherine foi talvez a mais fraca e a menos importante. Seus filhos Clay e Vincent foram perfeitamente respeitáveis, sem nada de extraordinário. Clay e Vincent casaram-se cedo e constituíram famílias numerosas. Seus descendentes vivem agora em Nova Orleans.

O que sabemos parece indicar que a morte de Darcy "acabou com" Katherine. Daí em diante ela só foi descrita com uma pessoa doce, amável e paciente. Ela nunca participou da administração de Riverbend, mas deixou tudo a cargo de Julien, que acabou passando a responsabilidade para Clay e Vincent Mayfair e capatazes contratados.

Katherine passava cada vez mais tempo com sua mãe, Marguerite, que a cada década ia se tornando mais estranha. Uma visita na década de 1880 descreve Marguerite como uma "criatura impassível", uma velhota vagueando noite e dia em roupas de renda branca mankhada e que passava horas na biblioteca lendo em voz alta numa horrível cantilena monótona. Diz-se que ela insultava as pessoas distraída e aleatoriamente. Ela gostava da sobrinha Angeline (filha de Rémy) e de Katherine. Confundia constantemente os filhos de Katherine, Clay e Vincent, com seus tios, Julien ou Rémy. Dizia-se que Katherine estava grisalha e envelhecida e que estava sempre ocupada com um bordado. Na idade avançada, Katherine parece ter sido uma católica praticante. Ela ia à missa todos os dias na igreja da paróquia, e as festas dos batizados de todos os filhos de Clay e de Vincent foram suntuosas. Marguerite veio a falecer aos noventa e dois anos, época na qual Katherine já estava com sessenta e um.

No entanto, afóra os rumores de incesto, que caracterizam a história da família Mayfair desde o tempo de Jeanne Louise e Pierre, não há nenhuma história secreta sobre Katherine.

Os criados negros, escravos ou livres, nunca tiveram medo de Katherine. Na sua vida, não houve aparições de nenhum misterioso amante de cabelos escuros. E não há nenhum indício de que Darcy Monaliam não tenha morrido de outra coisa a não ser da boa e velha febre amarela.

Houve mesmo a especulação entre os membros do Talamasca de que Julien foi de fato "o bruxo" de todo esse período, de que talvez nenhum outro médium natural se apresentasse nessa geração e, à medida que Marguerite envelhecia, Julien passasse a exhibir seu poder. Também houve a especulação de que Katherine seria um médium natural, mas que rejeitou esse papel ao se apaixonar por

Darcy. E que esse foi o motivo para Julien tanto se opor ao casamento, já que Julien conhecia os segredos da família.

Na realidade, dispomos de farto material que comprova que Julien foi um bruxo, se não o bruxo da família Mayfair. É, portanto, imperioso que estudemos Julien mais detalhadamente. Na década de 1950, ainda conseguimos obter informações fascinantes a seu respeito.

Em algum ponto, a história de Julien deve ser ampliada através de investigações mais profundas e de maior exame e cotejo dos documentos existentes. Ao longo dessas décadas nossos relatórios sobre a família Mayfair foram volumosos e repetitivos. Há inúmeras menções públicas e registradas a Julien e há três retratos seus a óleo em museus americanos e um em Londres.

Os cabelos negros de Julien ficaram completamente brancos quando ele ainda era muito jovem, e suas numerosas fotografias e como os quadros a óleo revelam que ele era um homem de considerável presença e encanto além de beleza física. Houve quem dissesse que ele lembrava muito seu pai, o cantor lírico Tyrone Clifford McNamara.

No entanto, ocorreu a alguns membros do Talamasca que Julien apresentava forte semelhança com seus antepassados Deborah Mayfair e Petyr van Abel, que naturalmente não se pareciam um com o outro. Julien aparenta ser uma notável combinação desses seus dois ancestrais. Ele tem de Petyr a altura, o perfil e os olhos azuis e de Deborah, a boca e as maçãs do rosto delicadas. Sua expressão em alguns dos retratos é espantosamente parecida com a de Deborah.

Seria como se o retratista do século XIX houvesse visto o Rembrandt de Deborah - o que seria naturalmente

impossível, já que ele sempre esteve guardado nos nossos porões - e procurasse conscientemente imitar a "personalidade" captada por Rembrandt. Podemos apenas supor que Julien deixava transparecer essa personalidade. É também digno de nota que na maioria das fotografias, apesar da pose séria e de outros aspectos formais da obra, Julien aparece sorrindo.

É um sorriso de Mona Lisa, mas não deixa de ser um sorriso e ele dá uma impressão estranha já que está em total desacordo com as convenções fotográficas do século XIX. Cinco ferrotipias de Julien que se encontram em nosso poder mostram o mesmo sorrisinho sutil. E sorrisos em ferrotipias daquela época eram totalmente desconhecidos. É como se Julien considerasse divertido "ser retratado". Fotografias tiradas mais para o fim da sua vida, já no século XX, também mostram um sorriso, mas nelas ele é largo e mais generoso. Vale observar que nessas imagens mais recentes ele dá a impressão de extremo bom humor e de pura felicidade.

Julien foi sem dúvida a pessoa mais influente da família durante toda a sua vida, como se dominasse seus sobrinhos e sobrinhas, assim como sua irmã, Katherine, e seu irmão, Rémy.

Que ele despertava medo e confusão nos seus inimigos era fato bem conhecido. Foi relatado por um furioso corretor de algodão que Julien, durante uma discussão, havia feito com que as roupas de um outro homem se incendiassem. O fogo foi apagado às pressas, e o homem se recuperou de queimaduras de alguma gravidade. Não se tomou nenhuma medida contra Julien por causa disso. Na realidade, muitos dos que ouviram a história incluindo-se aí a polícia local - não acreditaram nela. Julien ria sempre que lhe faziam alguma pergunta a respeito do ocorrido. No entanto,

também existe uma história, relatada apenas por uma testemunha, de que Julien podia fazer qualquer coisa queimar só pelo poder da sua vontade, e que sua mãe o provocava por esse motivo.

Num outro incidente famoso, Julien fez com que todos os objetos de um aposento voassem descontrolados, durante um acesso de raiva, e depois não conseguiu fazer a confusão parar. Ele saiu, fechou a porta trancando, assim, a pequena tormenta, e caiu a rir sem parar. Há também uma história isolada, relatada por uma única testemunha, de que Julien na infância teria assassinado um dos seus preceptores.

Até essa época, nenhum Mayfair havia freqüentado nenhuma escola comum. Todos eram bem instruídos na própria casa. Julien não foi exceção, tendo tido alguns preceptores na juventude. Um deles, um belo ianque de Boston, foi encontrado afogado num braço de rio próximo a Riverbend.

Comentou-se que Julien o estrangulou e o atirou dentro d'água. Mais uma vez, isso nunca foi investigado, e toda a família Mayfair ficou indignada com o mexerico. Os criados que espalharam a história imediatamente a desmentiram.

Esse preceptor de Boston havia sido uma grande fonte de informações sobre a família. Ele costumava tagarelar sempre sobre os estranhos hábitos de Marguerite e sobre como os escravos a temiam. Foi com ele que obtivemos nossas descrições dos potes e vidros cheios de partes de corpos e de objetos. Ele alegava ter rechaçado assédio sexual por parte de Marguerite. Na verdade, seus mexericos eram tão maliciosos e imprudentes que mais de uma pessoa avisou a família a seu respeito.

Não se pode descobrir se Julien matou ou não o homem, mas se o fez, considerando-se as atitudes daqueles tempos, ele pelo menos tinha alguma razão. Dizia-se que Julien costumava distribuir moedas estrangeiras de ouro como se fossem moedinhas de cobre. Os garçons nos restaurantes da moda competiam entre si para servir sua mesa. Ele era um cavaleiro admirável e mantinha alguns cavalos próprios bem como duas carruagens e pares nos estábulos perto de First Street.

Mesmo na velhice, ele costumava passear com sua égua castanha ao longo de St. Charles Avenue até Carrolton, voltando pelo mesmo caminho. Costumava jogar moedas para as crianças negras por onde passasse. Depois da sua morte, quatro testemunhas diferentes alegaram ter visto seu fantasma cavalgando na névoa em St. Charles Avenue, e essas histórias foram publicadas nos jornais da época.

Julien também foi um grande admirador do carnaval, que começou a adquirir a forma que conhecemos hoje por volta de 1872. Ele dava festas suntuosas na casa de First Street durante o período dessa festa. Também foi relatado inúmeras vezes que Julien possuía o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Essa história era amplamente divulgada entre os criados. Julien parecia estar na biblioteca, mas quase imediatamente ele era visto nos fundos do jardim. Ou uma criada via Julien sair pela porta da frente e se voltava para descobrir - que ele estava descendo pela escada interna.

Mais de um criado abandonou o serviço na casa de First Street por não conseguir entender o "estranho Monsieur Julien".

Houve especulações no sentido de que aparições de Lasher talvez fossem responsáveis por essa confusão. Qualquer

que tenha sido o caso, descrições mais recentes dos trajes de Lasher apresentam uma notável semelhança com os trajes usados por Julien em dois retratos diferentes. Lasher, conforme foi visto em todo o século XX, está invariavelmente vestido como se fosse Julien nas décadas de 1870 ou de 1880.

Julien enfiava punhados de notas nos bolsos dos padres que vinham à casa, das irmãs de caridade em visita ou de qualquer pessoa semelhante. Ele era pródigo em suas doações à paróquia e a qualquer fundo de caridade cujos responsáveis procurassem por ele. Costumava dizer que o dinheiro não tinha importância para ele. No entanto, foi um incansável acumulador de fortunas.

Sabemos que amava sua mãe, Marguerite, e que, embora não passasse muito tempo ao seu lado, comprava livros para ela o tempo todo em Nova Orleans e os encomendava de Nova York e da Europa. Só uma vez houve entre eles uma briga que chamasse a atenção, e ela foi a respeito do casamento de Katherine com Darcy Monahan, ocasião na qual Marguerite o golpeou algumas vezes diante dos criados. Segundo todos os relatos, ele ficou profundamente magoado e simplesmente se afastou, chorando, da companhia da mãe.

Após a morte da sua esposa, Suzette, Julien passava cada vez menos tempo em Riverbend. Seus filhos foram criados em First Street. Julien, que sempre havia sido uma figura afável, assumiu um papel mais ativo na sociedade. Muito antes disso, porém, ele aparecia na ópera e no teatro com sua pequena sobrinha (ou filha) Mary Beth. Ele dava muitos bailes de caridade e apoiava ativamente jovens músicos amadores, apresentando-os em pequenos concertos íntimos no salão duplo de First Street.

Julien não só gerou enormes lucros com Riverbend, mas também entrou no ramo de comercialização de mercadorias com dois novos sócios de Nova York, gerando uma fortuna considerável com esse seu empreendimento. Ele adquiriu propriedades por toda Nova Orleans, que deixou para sua sobrinha Mary Beth, muito embora ela fosse a beneficiária do legado Mayfair, fazendo jus, portanto, a herdar uma fortuna maior do que a de Julien.

Parece haver pouquíssima dúvida quanto ao fato de Suzette, esposa de Julien, ter sido uma decepção para ele. Criados e amigos falavam de muitas discussões amargas. Dizia-se que Suzette, apesar de toda a sua beleza, era profundamente religiosa, e que a natureza, animada de Julien a incomodava. Ela evitava as jóias e roupas finas que ele queria que ela usasse. Ela não gostava de sair à noite. Não apreciava música alta. Embora fosse uma linda criatura, de pele clara e olhos brilhantes, Suzette estava sempre adoentada e morreu cedo após quatro partos em rápida sucessão. Não restam dúvidas de que a única menina, joanete, tivesse algum tipo de "sexto sentido" ou poder paranormal.

Mais de uma vez, os criados viram Jeannette gritar num pânico incontrollável ao ver algum fantasma ou assombração. Seus súbitos pavores e loucas fugas de casa para a rua se tornaram bem conhecidos no Garden District e chegaram a ser relatados em jornais. Na realidade, foi Jeannette que deu ensejo às primeiras "histórias de fantasmas" de First Street.

Há alguns relatos de ocasiões em que Julien ficou extremamente impaciente com Jeannette e a trancou num quarto. No entanto, ao que tudo indica, ele amava os filhos. Seus três filhos homens foram para Harvard e voltaram para

Nova Orleans para exercer a advocacia e acumular enormes fortunas próprias.

Seus descendentes usam o sobrenome Mayfair até os nossos dias, independentemente do sexo e do estado civil. E é o consultório de advocacia fundado pelos filhos de Julien que há décadas administra o legado Mayfair. Temos no mínimo sete fotografias diferentes de Julien com seus filhos, incluindo-se algumas com Jeannette (que morreu cedo). Em todas elas, a família dá uma impressão de extrema alegria, e Barclay e Cortland demonstram uma forte semelhança com o pai. Embora Barclay e Garland tenham morrido já quase aos setenta anos, Cortland viveu até os oitenta, falecendo no final de outubro de 1959.

Este membro do Talamasca entrou em contato direto com Cortland no ano anterior, mas chegaremos a esse assunto na hora adequada. (Ellie Mayfair, mãe adotiva de Rowan Mayfair, a atual beneficiária do legado, descende de Julien Mayfair, por ser neta do seu filho Cortland, filha única de Sheffield Mayfair e de sua mulher, uma prima que falava francês chamada Eugenie Mayfair, que morreu quando Ellie estava com sete anos de idade. Sheffield morreu antes de Cortland, de um grave ataque cardíaco nos escritórios da família em Canip Street em 1952, aos quarenta e cinco anos. Na época, sua

filha Ellie era estudante universitária em Stanford, em Palo Alto na Califórnia, onde já estava noiva de Graham Franklin, com quem mais tarde se casou. Depois disso, ela nunca mais residiu em Nova Orleans, embora voltasse para visitas freqüentes e para adotar Rowan Mayfair em 1959.)

Alguns dos testemunhos mais interessantes acerca do próprio Julien estão relacionados a Mary Beth e ao nascimento de Belle, sua primeira filha. A Mary Beth, Julien

deu tudo o que ela um dia pudesse desejar, e realizou para ela bailes em First Street que estavam à altura do melhor que Nova Orleans oferecia. Os caminhos no jardim, as balaustradas e as fontes da casa de First Street foram todos projetados e instalados para o aniversário de quinze anos de Mary Beth.

Aos quinze anos de idade, Mary Beth já era alta e, nas suas fotografias da época ela parece majestosa, séria e de uma beleza sombria, com grandes olhos negros e sobrancelhas bem definidas e de belo formato. Seu ar, porém, é de declarada indiferença. E essa aparente ausência de narcisismo ou de vaidade viria a caracterizar suas fotografias por toda a vida. Por vezes sua postura masculinizada é de uma informalidade quase desafiadora nessas imagens. É, porém, extremamente duvidoso que ela algum dia tenha sido desafiadora mais do que simplesmente distraída. Dizia-se com frequência que ela lembrava a avó Marguerite, não a mãe Katherine.

Em 1887, Julien levou consigo numa viagem a Nova York sua sobrinha de quinze anos. Ali Julien e Mary Beth visitaram um dos netos de Lestan, Corrington Mayfair, que era advogado e sócio de Julien na comercialização de mercadorias. Julien e Mary Beth prosseguiram até a Europa em 1888, permanecendo fora por um ano e meio, período durante o qual Nova Orleans foi informada por inúmeras cartas a parentes e amigos que Mary Beth, aos dezesseis anos, havia se casado com um Mayfair escocês - um primo do Velho Mundo - e que havia dado à luz uma menina chamada Belle. Esse casamento, realizado numa igreja católica na Escócia, foi descrito em detalhes minuciosos numa carta que Julien escreveu para uma amiga do French Quarter, uma célebre mexeriqueira, que fez passar a carta por todos.

Outras cartas tanto de Julien quanto de Mary Beth descreviam o casamento em estilo mais abreviado para outros parentes e amigos tagarelas. Vale salientar que Katherine, ao saber do casamento da filha, caiu de cama e se recusou a falar e a comer por cinco dias. Só quando foi ameaçada com a internação num asilo, ela concordou em se sentar e tomar um pouco de sopa.

- Julien é o demônio - disse ela entre dentes. Diante disso, Marguerite expulsou todo mundo do quarto.

Infelizmente, o misterioso Lorde Mayfair morreu de uma queda da sua torre ancestral na Escócia dois meses antes do nascimento de sua filhinha. Mais uma vez, Julien escreveu relatos detalhados de tudo o que havia acontecido. Mary Beth escreveu cartas lacrimosas às suas amigas.

Esse Lorde Mayfair é quase sem dúvida um personagem fictício. Mary Beth e Julien visitaram mesmo a Escócia. Chegaram a passar algum tempo em Edimburgo e até visitaram Donnelaith, onde compraram aquele mesmo castelo no alto do monte acima da cidade descrito em detalhe por Petyr van Abel. Só que esse castelo, que um dia foi o lar do clã de Donnelaith, era uma ruína abandonada desde o final do século XVII. Não existe em parte alguma da Escócia nenhum registro de qualquer lorde ou lordes Mayfair.

No entanto, investigações realizadas pelo Talamasca neste século revelaram fatos assombrosos acerca da ruína de Donnelaith. Um incêndio destruiu seu interior no ano de 1689, no outono, aparentemente muito perto da data da execução de Deborah em Montcleve, França. Pode até ter sido exatamente no mesmo dia, mas isso não conseguimos descobrir. No incêndio, pereceram os últimos membros do

clã de Donnelaith: o velho lorde, seu filho mais velho e seu jovem neto.

É tentadora a suposição de que o velho lorde tenha sido pai de Deborah. É também tentador imaginar que ele era um covarde miserável, que não ousou interferir na execução da pobre e toda camponesa, Suzanne, mesmo quando sua "filha da farra" Deborah corria o risco de ter o mesmo destino cruel.

Não temos como saber ao certo. Tampouco podemos descobrir se Lasher teve algum papel em provocar o incêndio que erradicou a família Donnelaith. A história nos conta que somente o corpo do velho queimou, enquanto o neto ainda bebê foi sufocado pela fumaça e algumas mulheres da família saltaram das ameias para a morte. O filho mais velho parece ter morrido quando uma escada de madeira ruiu sob seus pés.

A história também nos conta que Julien e Mary Beth compraram o castelo de Donnelaith após passarem uma única tarde nas ruínas. Ele continua sendo propriedade da família Mayfair até a presente data, e outros membros da família já o visitaram.

Ele nunca foi ocupado ou restaurado, mas é mantido limpo de todo tipo de escombros e em boas condições de segurança. Durante a vida de Stella, no século XX, ele foi aberto ao público.

Nunca se soube por que motivo Julien adquiriu o castelo, o que ele sabia a respeito do mesmo e o que pretendia fazer com ele. Ele sem sombra de dúvida tinha algum conhecimento da existência de Deborah e de Suzanne, fosse pela história da família, fosse por meio de Lasher.

O Talamasca devotou muitíssima atenção a toda essa questão – quem sabia o quê e quando – porque há fortes indícios de que a família Mayfair no século XIX não conhecia sua história por inteiro. Katherine confessou em mais de uma ocasião que realmente não sabia grande coisa acerca dos primórdios da família, só que haviam chegado da Martinica a Saint-Domingue em algum ponto no século XVII. Muitos outros parentes faziam comentários semelhantes.

E até mesmo Mary Beth ainda em 1920 dizia aos padres da igreja de Santo Afonso que tudo estava "perdido nas cinzas". Ela chegava a dar a impressão de estar algo confusa ao falar com estudantes de arquitetura a respeito de quem construiu Riverbend e quando. Livros da época indicam ter sido Marguerite a construtora, quando na realidade Marguerite nasceu em Riverbend. Quando os criados lhe pediam que identificasse certas pessoas nos antigos quadros a óleo em First Street, Mary Beth dizia não saber quem eram. Ela desejava que alguém naquela época houvesse tido a presença de espírito de escrever os nomes no verso dos quadros.

Até onde pudemos verificar, os nomes estão no verso de pelo alguns dos quadros.

Talvez Julien, e só Julien, tenha lido os velhos registros, pois eles sem dúvida existiam. E Julien começou a transportá-los de Riverbend para First Street já em 1872.

Seja qual for o caso, Julien foi até Donnelaith em 1888 e comprou o castelo em ruínas. E Mary Beth Mayfair contou até o final dos seus dias a história de que Lorde Mayfair era o pai da sua pobre e doce Belle, que se revelou ser exatamente o oposto da sua mãe enérgica.

Em 1892, um pintor foi contratado para fazer um quadro das ruínas, e esse óleo está exposto na casa de First Street.

Voltando à cronologia, os pretensos tio e sobrinha voltaram para casa com a pequena Belle no final de 1889, época na qual Marguerite, com noventa anos e extremamente decrépita, demonstrou um interesse especial pelo bebê.

Na verdade, Katherine e Mary Beth precisavam vigiar a criança o tempo todo em que ela estava em Riverbend, para que Marguerite não saísse a caminhar com ela, se esquecesse do que estava fazendo e deixasse a criança cair ao chão, ou a depusesse num degrau de escada ou em cima de uma mesa. Julien ria de todas essas precauções e disse várias vezes diante dos criados que o bebê tinha um anjo da guarda especial que cuidaria dele.

Nessa época, parece não ter havido nenhuma menção ao fato de Julien ter sido o pai de Mary Beth, e absolutamente nenhuma suposição de que ele seria o pai de Belle, com sua própria filha. No entanto, para este registro, podemos afirmar que ele foi o pai de Mary Beth e o pai da sua filha Belle.

Mary Beth, Julien e Belle viveram todos felizes em First Street, e Mary Beth, embora gostasse de dançar, de ir ao teatro e a festas, não demonstrou nenhum interesse imediato em encontrar "outro" marido. Ela acabou se casando mais uma vez, como veremos adiante, com um homem chamado Daniel McIlrityre, dando à luz mais três filhos: Carlotta, Lionel e Stella.

Na noite anterior à morte de Marguerite em 1891, Mary Beth acordou no seu quarto em First Street, aos gritos. Ela insistia em que tinha de ir imediatamente para Riverbend pois sua avó estava morrendo. Por que ninguém havia

mandado buscá-la? Os criados encontraram Julien sentado imóvel na biblioteca do térreo, aparentemente chorando. Ele parecia não ver nem ouvir Mary Beth enquanto ela lhe implorava que a levasse até Riverbend.

Uma jovem criada irlandesa ouviu então a velha governanta mestiça comentar que talvez não fosse Julien quem estava ali sentado à escrivaninha e, que era melhor ir procurá-lo. Isso apavorou a criada, especialmente porque a governanta começou a chamar por "sinhozinho Julien" pela casa toda enquanto aquele indivíduo permanecia à escrivaninha, imóvel, chorando, com o olhar perdido como se não a estivesse ouvindo.

Afinal, Mary Beth saiu a pé mesmo, instante no qual Julien deu um salto da escrivaninha, passou os dedos pelos cabelos brancos e ordenou aos criados que trouxessem a berlinda. Ele alcançou Mary Beth antes que ela chegasse a Magazine Street.

Vale ressaltar que Julien estava com sessenta e três anos nessa ocasião, e era descrito como um homem muito bonito, com a aparência e as atitudes bombásticas de um ator dramático. Mary Beth tinha dezenove anos e era lindíssima. Belle tinha dois anos apenas e não foi mencionada nessa história. Julien e Mary Beth chegaram a Riverbend bem na hora em que mensageiros estavam saindo para buscá-los. Marguerite estava quase inconsciente, agarrando com seus dedos ossudos uma estranha boneca, que chamava de mamã, para perplexidade do médico e da enfermeira, que depois relataram essa história a toda Nova Orleans. Havia ainda ali um padre, e seu detalhado relato de todo o acontecido foi também aproveitado nos nossos registros.

A boneca era, ao que se disse, uma coisa medonha, com ossos humanos no lugar dos membros, amarrados por meio de um fio preto de arame, e uma horrenda juba de cabelos brancos presa à sua cabeça de trapos, na qual as feições haviam sido toscamente desenhadas.

Katherine, então com sessenta e um anos de idade, e seus dois filhos estavam sentados ao lado da cama, como estavam há horas. Rémy também estava lá, tendo chegado à fazenda um mês antes de sua mãe adoecer.

O sacerdote, padre Martin, havia acabado de dar a Marguerite a extrema unção e as velas consagradas ardiam no altar. Quando Marguerite deu o último suspiro, o padre observou com curiosidade a atitude de Katherine de se levantar da cadeira, ir até o porta jóias na cômoda que ela sempre compartilhara com a mãe, e tirar dali o colar de esmeralda, dando-o a Mary Beth. Mary Beth recebeu-o com ar de gratidão, colocou-o no pescoço e continuou a chorar.

O sacerdote observou, então, que havia começado a chover e que o vento em volta da casa era de extrema violência, fazendo bater as janelas e cair as folhas das árvores. Julien pareceu precisar tudo isso e chegou a rir. Katherine dava a impressão de estar exausta e assustada. Mary Beth chorava, inconsolável. Clay, um rapaz bem apessoado, parecia estar fascinado com o que estava acontecendo. Seu irmão Vincent apenas olhava, com indiferença.

Julien abriu então as janelas para deixar entrar o vento e a chuva, o que amedrontou um pouco o padre e sem dúvida lhe causou algum desconforto, pois era inverno. Mesmo assim, ele permaneceu ao lado da cama, como considerava correto, embora a chuva estivesse caindo direto sobre a mesma. As árvores batiam na casa com estrondo. O padre

teve medo de que um dos galhos, pudesse entrar pela janela mais próxima.

Julien, em total tranquilidade e com os olhos cheios de lágrimas, beijou a falecida Marguerite, fechou-lhe os olhos, tirou-lhe da mão a boneca e a enfiou no seu casaco. Ele então pôs as mãos sobre o peito da morta e fez um discurso ao padre, explicando-lhe que sua mãe havia nascido no final do "velho século" e que havia vivido quase cem anos, que ela havia visto e conhecido coisas que nunca poderia contar a ninguém.

- Na maioria das famílias - declarou Julien em francês - quando morre uma pessoa, tudo o que aquela pessoa sabe morre com ela. Isso não acontece com a família Mayfair. Seu sangue corre em nós, e tudo o que ela sabia nos foi transmitido e nos deixa mais fortes.

Katherine apenas concordou, triste, com um movimento de cabeça. Mary Beth continuava a chorar. Clay estava parado num canto, de braços cruzados, observando.

Quando o padre perguntou timidamente se a janela podia ser fechada, Julien respondeu que os céus estavam chorando por Marguerite e que seria um desrespeito fechar a janela. Ele então derrubou as velas consagradas do altar católico ao lado da cama, o que ofendeu o sacerdote e também surpreendeu Katherine.

- Ora, Julien, comporte-se! - sussurrou Katherine. Palavras que fizeram Vincent rir contra a própria vontade. Clay, também, não conseguiu conter um sorriso. Todos olharam envergonhados para o padre, que estava horrorizado.

Julien deu então a todos um sorriso brincalhão e encolheu os ombros. Olhou novamente para a mãe, entristeceu-se,

ajoelhou-se ao lado da cama e escondeu o rosto nas colchas ao lado da falecida. Clay saiu em silêncio do quarto.

Quando estava se despedindo, o padre perguntou a Katherine a respeito da esmeralda. Num tom despreocupado, ela disse que se tratava de uma jóia que, havia herdado da mãe, mas que nunca apreciou muito por ser tão grande e tão pesada. Mary Beth podia ficar com ela.

O padre saiu então da casa e descobriu que a algumas centenas de metros dali, não caía chuva e não havia vento. O céu estava perfeitamente límpido. Ele topou com Clay, que estava sentado numa cadeira branca de espaldar reto junto à cerca de estacas bem no final da frente do terreno da fazenda. Clay estava fumando e observando a tempestade ao longe, que ainda era bem visível na escuridão. O padre cumprimentou Clay, mas Clay pareceu não ouvi-lo. Esse é o primeiro relato detalhado da morte de uma bruxa Mayfair que possuímos desde a descrição feita por Petyr van Abel da morte de Deborah.

Há muitas outras histórias acerca de Julien que poderiam ser incluídas aqui e talvez no futuro elas o sejam mesmo. Ouviremos mais a seu respeito à medida que a história de Mary Beth for se desenrolando.

No entanto, não devemos passar a Mary Beth sem tratar de mais um aspecto de Julien, ou seja, da sua bissexualidade. Vale a pena relatar em detalhe as histórias importantes sobre Julien relatadas por um dos seus amantes, Richard Llewellyri.

Como mencionado anteriormente, Julien foi associado a um "crime contra a natureza" muito cedo na sua vida, ocasião na qual matou, acidental ou deliberadamente, um dos seus

tios. Também mencionamos seu companheiro no French Quarter perto do final da década de 1850.

Julien viria a ter esse tipo de companheiro durante toda a sua vida, mas da maioria deles nada sabemos. Dois daqueles acerca dos quais temos algum registro são um mestiço chamado Victor Gregoire e um inglês chamado Richard Llewelyri.

Victor Gregoire trabalhou para Julien na década de 1880 como uma espécie de secretário particular e até mesmo algum tipo de criado pessoal. Ele vivia nas dependências dos criados em First Street. Era um homem de notável beleza, como foram todos os companheiros de Julien, do sexo masculino ou feminino. Dizia-se também que descendia de um Mayfair.

Investigações confirmaram o fato de que ele era bisneto de uma empregada mestiça que emigrou de Saint-Domingue com a família, uma possível descendente de Peter Fontenay Mayfair, irmão de Jeanne Louise e filho de Charlotte e Petyr van Abel.

Fosse como fosse, Victor foi muito amado por Julien, mas os dois tiveram uma briga por volta de 1885, mais ou menos na época da morte de Suzette. A única história pouco consistente que temos a respeito da briga indica que Victor acusou Julien de não tratar Suzette com suficiente compaixão nos últimos dias da sua doença. E Julien, indignado, espancou Victor com violência. Houve primos que repetiram essa história dentro da família o suficiente para que estranhos soubessem dela.

O consenso parecia ser o de que Victor talvez estivesse certo e, como Victor era um criado devotadíssimo a Julien, ele tinha o direito de criado de dizer a verdade ao seu

patrão. Era de conhecimento geral nessa época que ninguém era mais íntimo de Julien do que Victor e que Victor fazia tudo por Julien.

Também deveria ser acrescentado, no entanto, que há fortes indícios de que Julien amava Suzette, por mais decepcionado que se sentisse com ela, e que ele cuidava bem dela. Os filhos consideravam sem dúvida que o pai amava a mãe.

E, no enterro de Suzette, Julien estava tresloucado. Ele consolou o pai e a mãe de Suzette durante horas após a cerimônia e se afastou de todos os seus negócios para ficar com sua filha Jeannette, que "nunca se recuperou" da morte da mãe.

Deveríamos também ressaltar que Julien quase chegou à histeria no funeral de Jeannette, que ocorreu anos mais tarde. Na realidade, a certa altura, ele se agarrou firmemente ao caixão, recusando-se a permitir que ele fosse colocado na cripta. Garland, Barclay e Cortland tiveram de apoiar o corpo do pai enquanto o sepultamento se realizava.

Descendentes dos irmãos e irmãs de Suzette afirmam atualmente que a "tia bisavó Suzette", que antigamente morava em First Street foi na verdade levada à loucura pelo seu marido Julien, que era perverso, cruel e malicioso num nível que indicava a insanidade congênita. No entanto, essas histórias são vagas e não demonstram nenhum verdadeiro conhecimento daquele período.

Prosseguindo com a história de Victor, o rapaz morreu tragicamente enquanto Julien e Mary Beth estavam na Europa. Atravessando o Garden District, de volta à casa, numa noite, Victor invadiu o caminho de uma carruagem veloz na esquina de Philip e Prytania, e sofreu uma queda

horrível e um golpe na cabeça. Dois dias depois ele sucumbiu em decorrência de extensas lesões cerebrais. Julien soube da notícia ao voltar a Nova York. Ele mandou erigir um belo monumento para Victor no cemitério de St. Louis, o que indica ter sido essa uma relação homossexual é circunstancial a não ser por uma declaração mais recente de Richard Llewellyn, o último companheiro de Julien.

Julien comprava enormes quantidades de roupas para Victor. Também comprou para ele belos cavalos de sela e lhe deu valores exorbitantes em dinheiro. Os dois passavam dias e noites juntos, viajavam juntos de e para Riverbend e até para Nova York. E Victor dormia frequentemente no sofá na biblioteca em First Street, em vez de se recolher ao seu quarto nos fundos da casa.

Quanto à declaração de Llewellyn, ele nunca chegou a conhecer Victor, mas confessou pessoalmente a este membro da Ordem que Julien havia tido um dia um amante de cor chamado Victor.

O DEPOIMENTO DE RICHARD LLEWELLYN

Richard Llewellyn é o único observador de Julien a ser jamais entrevistado por um membro da Ordem, e ele foi mais do que um observador eventual. O que tinha a dizer, a respeito de Julien bem como a respeito de outros membros da família, torna seu depoimento de grande interesse, muito embora suas afirmações fiquem em sua maioria sem corroboração. Ele nos forneceu uma das visões mais íntimas que possuímos da família Mayfair.

Consideramos, portanto, ser valioso aqui incluir nossa reconstituição das suas palavras na íntegra.

Richard Llewellyn chegou a Nova Orleans em 1900 aos vinte anos de idade e se tornou empregado de Julien, como Victor havia sido, pois Julien, embora estivesse com setenta e dois anos, ainda mantinha enormes interesses em comercialização, na corretagem do algodão, no ramo imobiliário e nas fianças. Até a semana da sua morte, cerca de quatorze anos mais tarde, Julien trabalhou em expediente normal na biblioteca de First Street.

Llewellyn trabalhou para Julien até sua morte, e admitiu francamente para mim em 1958, quando comecei minhas investigações de campo sobre as Bruxas Mayfair, que havia sido amante de Julien.

Llewellyn já passava dos setenta e sete anos de idade em 1958. Era homem de altura mediana, complexão saudável, com os cabelos negros crespos, com muitas faixas grisalhas, e olhos azuis muito grandes e ligeiramente protuberantes.

A essa altura, ele havia adquirido o que eu poderia chamar de sotaque de Nova Orleans não mais parecendo um ianque ou um bostoniano, embora haja semelhanças bem definidas entre as formas de falar dos habitantes de Boston e de Nova Orleans. Seja como for, ele era inconfundivelmente um nova orleanês e representava bem esse papel.

Ele possuía uma livraria no French Quarter, em Charles Street, especializada em livros sobre música, especificamente sobre a ópera. Havia sempre discos de Caruso tocando na loja, e Llewellyn, que ficava invariavelmente sentado a uma escrivaninha nos fundos do estabelecimento, usava sempre terno e gravata.

Uma doação testamentária de Julien havia permitido que ele adquirisse o imóvel, onde também morava no apartamento do segundo andar, e ele trabalhou na loja até um mês antes do seu falecimento em 1959.

Visitei-o algumas vezes no verão de 1958, mas só consegui convencê-lo a falar à vontade numa única ocasião. Devo confessar que o vinho que ele bebeu, a meu convite, teve muito a ver com isso. É claro que venho usando despidoradamente esse método - almoço, - ponho e depois mais vinho - com muitas das testemunhas da família Mayfair. Parece funcionar melhor ainda em Nova Orleans no verão. Creio ter sido um pouco atrevido e insistente demais com Llewellyn, mas suas informações se revelaram inestimáveis.

Um encontro inteiramente "fortuito" com Llewellyn ocorreu quando eu entrei "por acaso" na sua livraria numa tarde de julho, e nós começamos a falar, dos grandes cantores líricos castrati, especialmente Farinelli. Não me foi difícil persuadir Llewellyn a trancar a loja para uma sesta caribenha, às duas e meia, e vir comigo para um almoço tardio no Galatoire's.

Não abordei o tema da família Mayfair por algum tempo e, quando o fiz, foi apenas timidamente, falando da antiga casa de First Street. Disse com franqueza que sentia interesse pela casa e pelas pessoas que ali viviam. A essa altura, Llewellyn estava agradavelmente "alto" e mergulhou em reminiscências dos seus primeiros dias em Nova Orleans.

A princípio, ele não disse nada sobre Julien, mas de repente começou a falar em Julien como se eu soubesse tudo a seu respeito. Forneci várias datas e fatos bem conhecidos, e isso ajudou a acelerar a conversa. Saímos do Galatoire's para um café tranquilo e discreto em Bourbon Street, onde

prossequimos nossa conversa até bem depois das oito e meia da noite.

A certa altura dessa conversa, Llewellyri percebeu que eu não tinha absolutamente nenhum preconceito contra ele em decorrência das suas preferências sexuais, na verdade que nada do que ele me dizia me escandalizava, e isso estimulou sua atitude de despreocupação quanto à história que relatava.

Isso ocorreu muito antes do uso de gravadores, e eu reconstituí a conversa da melhor maneira possível assim que voltei ao hotel, procurando manter as expressões características de Llewellyn. Mesmo assim, trata-se de uma reconstituição. Ao longo de toda a transcrição, omiti minhas próprias perguntas insistentes. Creio que o conteúdo esteja exato.

De fato, Llewellyn apaixonou-se profundamente por Julien Mayfair, e um dos primeiros choques da sua vida foi o de descobrir que Julien era pelo menos entre dez e quinze anos mais velho do que Llewellyn jamais imaginou, descoberta esta que só se realizou quando Julien sofreu seu primeiro derrame no início de 1914.

Até então, Julien havia sido um amante bastante romântico e vigoroso de Llewellyn. Este permaneceu com Julien até sua morte, quatro meses mais tarde. Julien sofria de uma paralisia parcial nessa época, mas ainda conseguia passar uma hora ou duas no escritório todos os dias.

Llewellyri forneceu uma nítida descrição de Julien no início do século XX, como um homem magro que havia perdido parte da sua altura, mas que era ágil e cheio de energia, bom humor e imaginação.

Llewellyri admitiu francamente que Julien o havia iniciado nos segredos eróticos da vida. E ele não só havia ensinado Llewellyn a ser um amante atencioso, mas também levava o rapaz consigo até Storyville - o famoso bairro de prostituição de Nova Orleans - apresentando-o às melhores casas que ali operavam. Passemos, porém, diretamente ao relato.

- Ah, as artimanhas que ele me ensinou - disse Llewellyn, referindo-se ao seu relacionamento amoroso - e o senso de humor que tinha. Era como se o mundo inteiro fosse para ele uma piada, e não havia nele a menor sombra de rancor. Vou lhe dizer algo muito íntimo a respeito de Julien. Ele fazia amor comigo como se eu fosse uma mulher. Se você não sabe do que estou falando, nem adianta explicar. E a sua voz, com aquele sotaque francês. Posso lhe dizer que quando ele começava a falar no meu ouvido...

- E ele me contava histórias direitíssimas das suas palhaçadas com seus outros amantes, como eles enganavam a todos. Na verdade, um dos seus rapazes, que se chamava Aleister, costumava se vestir de mulher e ir à ópera com Julien, e ninguém tinha a menor suspeita disso. Julien tentou me convencer a fazer o mesmo, mas eu lhe disse que nunca iria conseguir, nunca! Ele compreendeu. Era extremamente jovial. Na realidade, era impossível envolvê-lo numa briga. Ele dizia que para ele tudo isso estava acabado. Além do mais, dizia que tinha um gênio terrível e não tinha mais condições de se zangar, porque acabava exausto.

- A única vez em que lhe fui infiel e voltei dois dias depois, com a plena certeza de enfrentar uma terrível discussão, ele me tratou com, como poderia dizer? Uma cordialidade perplexa. Ficou claro que ele sabia de tudo o que eu havia feito e com quem, e me perguntou no seu tom mais agradável e sincero por que eu havia sido tão bobo. Foi

realmente assustador. Eu acabei chorando e confessando que minha intenção era a de mostrar independência. Afinal de contas, ele era um homem tão assoberbante! Mas a essa altura eu já estava disposto a fazer qualquer coisa para voltar às suas boas graças. Não sei o que teria feito se ele me houvesse mandado embora!

- Ele aceitou tudo isso com um sorriso. Deu um tapinha no meu ombro e disse para eu não me preocupar. Vou lhe contar, isso me curou de querer variar para sempre. Não foi nem um pouco divertido eu me sentir tão mal enquanto ele estava tão calmo e compreensivo. Aprendi algumas coisas ali, aprendi mesmo.

- Em seguida, ele começou a falar de que tinha o poder de ler os pensamentos dos outros e de que era capaz de ver o que estava acontecendo em outros lugares. Ele falava muito a esse respeito. Nunca pude saber se era sério, ou se era apenas mais uma das suas piadas. Seus olhos eram muito bonitos. Era um velho muito atraente, mesmo. E tinha um jeito elegante de se vestir. Imagino que se possa dizer que ele foi uma espécie de dândi. Quando estava todo arrumado, num belo terno branco de linho com um colete de seda amarela e um Panamá branco, tinha uma aparência esplêndida.

- Acho que o imito até hoje. Não é triste? Ando por aí tentando me parecer com Julien Mayfair.

- Ah, mas isso me fez lembrar uma história que vou lhe contar. Uma vez ele fez uma coisa estranhíssima para me assustar! E até hoje eu não sei o que aconteceu. Na noite anterior, estávamos falando da aparência de Julien quando jovem, de como ele saía bem em todas as fotografias, e sabe que era realmente como se acompanhássemos a história da fotografia. As primeiras imagens eram

daguerreótipos, depois vieram as ferrotipias, mais tarde autênticas fotografias em sépia sobre papelão e afinal o tipo de fotografia em preto e branco que conhecemos hoje. Seja como for, ele me mostrou um monte delas, e eu disse:

"Sabe, eu queria ter conhecido você quando era moço. Imagino que fosse realmente lindo". Parei de falar de repente. Senti tanta vergonha. Achei que talvez o houvesse magoado. Mas lá estava ele, apenas sorrindo para mim. Nunca vou me esquecer disso. Ele estava sentado na outra ponta do sofá de couro, com as pernas cruzadas, só olhando para mim através da fumaça do cachimbo, e disse, "Bem, Richard, se você gostaria de saber como eu era naquela época, talvez eu lhe mostre. Vou lhe fazer uma surpresa".

- Naquela noite, fui ao centro da cidade. Não me lembro do motivo pelo qual saí. Talvez simplesmente precisasse sair. Sabe, aquela casa às vezes era tão sufocante. Ela era cheia de crianças e de velhos, e Mary Beth Mayfair estava sempre por ali. E ela, para ser delicado, era uma senhora presença. Não me compreenda mal. Eu gostava de Mary Beth. Todos gostavam dela. E eu gostava muito dela, pelo menos até Julien morrer. Era fácil - conversar com ela, de verdade. Ela realmente prestava atenção ao que se dizia, e isso é uma característica que eu sempre considerei extraordinária. Mas, quando ela entrava numa sala, era como se ocupasse o espaço todo. Talvez se pudesse dizer que ela ofuscava todos ao seu redor. E depois, havia o marido, o juiz McIlrityre.

- Esse era um tremendo bebedor. Estava sempre embriagado. E que bêbado mais brigão! Digo-lhe que tive de sair à sua procura mais de uma vez e trazê-lo para casa tirando-o dos bares de irlandeses de Magazine Street. Sabe, a família Mayfair não era mesmo do seu tipo de gente. Ele era instruído, de família irlandesa que aspirava alcançar a classe média, sem dúvida. No entanto, Mary Beth fazia com

que ele se sentisse inferior. Ela estava sempre lhe dizendo coisinhas como que ele devia pôr o guardanapo no colo, que não devia fumar na sala de jantar, ou que estava batendo com os dentes no talher ao comer e que o barulho a irritava. Ele era eternamente ofendido por ela, mas creio que realmente a amava. Era por isso que ela conseguia magoá-lo com tanta facilidade. Ele de fato a amava. Você precisaria tê-la conhecido para entender. Ela não era linda.

Não era esse o caso. Mas era absolutamente cativante! Eu poderia lhe falar dela e dos rapazes, mas não quero falar naquilo tudo. O que eu estava tentando dizer era que eles ficavam sentados à mesa horas depois do jantar, Mary Beth, o juiz McIrityre, Julien, é claro, e Clay Mayfair, também, enquanto viveu ali.- Nunca vi gente que gostasse tanto de conversar depois do jantar.

- Julien conseguia enxugar mais de um quarto de litro de conhaque. E a pequena Stella adormecia no seu colo. Ah, Stella, com seus cachinhos, a querida Stella. E a linda criança que era Belle. Ela costumava vir passear na sala com sua boneca. E Millie Dear. Na época eles a chamavam de Millie Dear, mas mais tarde pararam. Ela era mais nova do que Belle mas, sabe, de certa forma cuidava de Belle. Levou muito tempo para que se descobrisse o problema de Belle. A princípio, só se pensava que ela era um doce de menina, um anjo, se é que me entende. Havia alguns outros primos que costumavam vir. Parece que um filho de Julien, Garland, aparecia muito por ali depois que voltou da faculdade. E Cortland, eu realmente gostava de Cortland. Por algum tempo ouviu-se dizer que ele se casaria com Millie, mas ela era sua prima em primeiro grau, por ser filha de Rémy, e as pessoas não faziam mais esse tipo de coisa. Millie nunca se casou. Que tristeza...

- Mas, sabe, o juiz Mclrityre era o tipo de irlandês que não agüenta ficar muito tempo junto da mulher, se está me entendendo. Ele sentia necessidade de estar com homens, bebendo e discutindo o tempo todo. Não com homens como Julien, mas como ele mesmo, irlandeses bebedores e brigões. Ele passava uma boa parte do tempo no seu clube no centro, mas muitas, noites ele freqüentava aqueles lugares menos refinados de Magazine Street.

- Quando ele estava em casa, fazia sempre muito barulho. Era, porém, um bom juiz. Ele não bebia até chegar em casa vindo do tribunal e, como sempre chegava cedo, tinha tempo suficiente para estar totalmente bêbado antes das dez da noite. Era então que saía para perambular, e por volta da meia-noite Julien costumava dizer, "Richard, acho melhor você ir procurá-lo".

- Julien não se perturbava com nada. Ele achava o juiz Mclrityre engraçado. Costumava rir de qualquer coisa que o juiz dissesse. O juiz discorria sem parar sobre a Irlanda e a situação política naquele país e Julien esperava que ele terminasse e dizia alegre, com um brilho especial nos olhos, "Pouco me importa se eles todos acabarem se matando". O juiz Mclrityre ficava louco. Mary Beth ria, sacudia a cabeça e chutava a perna de Julien por baixo da mesa. Mas nos últimos anos o juiz estava tão decaído. Não posso imaginar como ele conseguiu viver tanto tempo. Só foi morrer em 1925, três meses depois da morte de Mary Beth.

Disseram que foi pneumonia. Pois sim que foi! Sabe, ele foi encontrado na sarjeta. Era véspera de Natal e fazia tanto frio que a água congelava nos canos. Pneumonia. Eu soube que quando Mary Beth estava à morte ela sentia tanta dor que lhe davam morfina quase a ponto de matá-la. Ela estava ali deitada, fora de si, e ele chegava, embriagado, e a acordava dizendo, "Mary Beth, preciso de você". Que

bêbado mais idiota ele era. E ela lhe respondia, "Venha, Daniel. Deite-se ao meu lado, Daniel". E imaginar que ela sofria tanta dor. Foi Stella quem me contou isso... da última vez que a vi. Quer dizer, viva. Depois, voltei lá uma última vez, para o enterro de Stella. E lá estava ela no caixão. Um milagre o jeito que Lonigan deu naquele tiro. Ela estava linda, ali deitada, e com todos os parentes naquela sala. Mas foi na última vez em que a vi com vida, como eu estava dizendo... E as coisas que ela disse de Carlotta, de como Carlotta agia com frieza com relação a Mary Beth naqueles meses finais, puxa, era de arrepiar os cabelos.

- Imagine uma filha tratar com frieza uma mãe que está morrendo daquele jeito. Mary Beth, no entanto, não percebia nada. Ficava só ali, deitada, sentindo dor, meio inconsciente, sem saber onde estava, às vezes falando em voz alta com Julien como se pudesse vê-lo no quarto, e é claro que Stella estava ao seu lado noite e dia. Disso você pode ter certeza. Como Mary Beth adorava Stella.

- Pois Mary Beth não me disse uma vez que podia enfiar todos os seus outros filhos num saco e jogá-los no rio Mississippi, que pouco se lhe dava. Stella era a única que importava. É claro que estava brincando. Ela nunca foi cruel com os filhos. Lembro-me de como Mary Beth lia em voz alta para Lionel o tempo todo quando ele era pequeno e de como o ajudava com os estudos. Quando ele não quis freqüentar a escola, ela contratou os melhores professores para ele.

Nenhuma das crianças se deu bem na escola, à exceção, é claro, de Carlotta. Creio que Stella foi expulsa de três escolas diferentes. Carlotta foi a única que realmente se saiu bem nos estudos, e grande coisa ela ganhou com isso.

- Mas, o que eu estava dizendo? Ah, sim. Às vezes eu tinha a impressão de não haver lugar para mim naquela casa. Fosse como fosse, eu saí. Fui até o Quarter. Eram os tempos de Storyville, sabe, quando a prostituição era legal aqui. Julien havia ele próprio me levado ao Salão de Mogno de Lulu White uma noite e a outros lugares da moda, e ele não se importava se eu fosse sozinho.

- Bem, eu disse que ia sair naquela noite. E Julien não se incomodou. Ele estava bem aconchegado no quarto do terceiro andar com seus livros, seu chocolate quente e sua Vitrola. Além do mais, ele sabia que eu estava só olhando. Por isso, fui até lá, passando por todas aquelas casas tão pequenas, costumava-se chamá-las de cubículos, sabia? Todas com as garotas à porta da frente acenando para que eu entrasse, e é claro que eu não tinha a menor intenção de entrar.

- Foi quando me deparei com um lindo rapaz, quer dizer um rapaz simplesmente lindo. Ele estava parado num dos becos

por ali, de braços cruzados, encostado na parede de uma casa, só me olhando. "Bon soir, Richard", disse-me ele, e eu reconheci a voz de imediato, o sotaque francês. Era de Julien. E eu vi que o rapaz era Julien! Só que ele não podia estar com mais de vinte anos! Digo-lhe que nunca levei um susto daqueles. Quase gritei. Foi pior do que ver um fantasma. E o camarada não estava mais lá. Desapareceu num piscar de olhos.

- Peguei um táxi o mais rápido possível e voltei direto para casa em First Street. Julien abriu a porta da frente para mim. Estava usando seu robe, fumando seu cachimbo detestável e rindo. "Eu lhe disse que ia lhe mostrar como eu era aos vinte anos!" Ele ria sem parar.

- Lembro-me de tê-lo acompanhado até o salão. E naquela época ele era tão bonito, nada do que é hoje, você deveria ter visto. Era mobília francesa absolutamente maravilhosa, a maioria Louis Cinque, que Julien havia comprado na Europa quando da sua viagem com Mary Beth. Era tudo tão leve, elegante e simplesmente lindo. Essa mobília art-déco foi tudo obra de Stella. Ela achava que era o máximo, ainda mais com vasos de palmeiras por toda parte! A única peça de mobília de valor era aquele piano Bösendorfer. O lugar parecia uma perfeita loucura quando fui até lá para o enterro, e é claro que você sabe que o enterro de Stella saiu de casa. Nada de capela funerária para Stella. Ora, ela foi velada na mesma sala em que recebeu o tiro, sabia disso? Eu não parava de olhar ao redor, tentando descobrir exatamente onde havia sido. E sabe que todo mundo estava fazendo a mesma coisa? E é claro que já haviam internado Lionel. Eu não podia acreditar. Lionel havia sido um menino tão dócil e tão bonito. Ele e Stella costumavam ir para todos os lugares juntos. Mas o que eu estava dizendo?

- Ah, sim, aquela noite incrível. Eu acabava de ter visto Julien no centro da cidade, o jovem e belo Julien, que se dirigiu a mim em francês, e agora estava de volta à casa, entrando no salão atrás do velho Julien, que se sentou no sofá e esticou as pernas. "Ah, Richard", disse ele "são tantas as coisas que eu podia lhe contar, tantas as coisas que eu podia lhe mostrar. Mas agora estou velho. E de que adianta? Um dos melhores consolos da velhice reside em não se precisar mais ser compreendido. Instala-se uma espécie de resignação com o inevitável endurecimento das artérias".

- É claro que eu ainda estava perturbado. "Julien", disse eu, "quero saber como você conseguiu aquilo". Ele não quis responder. Era como se eu não estivesse ali. Ele estava olhando para o fogo. No inverno sempre mantinha as duas lareiras acesas naquela sala. Há duas lareiras na sala, sabia, sendo uma ligeiramente menor do que a outra.

- Pouco depois ele despertou do seu devaneio e me lembrou de que estava escrevendo sua autobiografia. Eu talvez a pudesse ler depois que ele morresse. Ele não tinha certeza.

- "Aproveitei a vida", disse ele. "Talvez uma pessoa não devesse aproveitar tanto a vida quanto eu aproveitei a minha. É, há tanta desgraça no mundo, e eu sempre me diverti tanto! Parece injusto, não é? Eu deveria ter feito mais pelos outros, muito mais. Deveria ter sido mais criativo! Mas tudo isso está no meu livro. Você pode lê-lo mais tarde."

- Mais de uma vez ele me disse que estava escrevendo sua autobiografia. Ele realmente teve uma vida interessantíssima, sabe, por ter nascido muito antes da Guerra de Secessão e por ter visto tantas coisas. Eu costumava cavalgar com ele até a cidade alta, passando por Audubon Park. Ele falava dos tempos em que toda aquela

terra havia pertencido a uma fazenda. Falava de pegar o vapor em Riverbend. Falava do antigo teatro da ópera e dos bailes de mestiças. Falava sem parar. Eu deveria ter feito anotações. Ele costumava contar a Lionel e Stella quando pequenos as mesmas histórias, e como os dois prestavam atenção! Ele os levava até o centro na carruagem conosco, apontava para eles os lugares no French Quarter e contava histórias fantásticas.

- Digo-lhe que eu queria ler aquela autobiografia. Lembro-me de algumas ocasiões em que entrei na biblioteca e ele estava escrevendo e me dizia que era a autobiografia. Escrevia à mão embora tivesse uma máquina de escrever. E não se incomodava nem um pouco de que as crianças estivessem por perto. Lionel poderia estar lendo junto à lareira, ou Stella, brincando com a boneca no sofá, nada disso importava nem um pouco. Ele simplesmente continuava escrevendo sua autobiografia.

- E sabe da maior? Quando ele morreu, não havia autobiografia nenhuma. Foi o que Mary Beth me disse. Implorei-lhe que me deixasse ver o que ele houvesse escrito. Ela disse em tom neutro que não havia nada. Não me deixou tocar em nada que estivesse na escrivaninha de Julien. Não me deixou entrar na biblioteca. Ah, como eu a odiei por isso, como a detestei e sua atitude era tão despreocupada. Ela teria convencido qualquer outra pessoa de que estava dizendo a verdade, tão firme era sua atitude. Mas eu havia visto o original manuscrito. Ela me deu, no entanto, algo que pertencia a Julien, e eu sempre fui grato por isso.

A essa altura, Llewellyri mostrou-me um belo anel de granada.

Cumprimentei-o pela jóia e disse que sentia curiosidade acerca dos tempos de Storyville. Como havia sido freqüentar o lugar com Julien? Sua resposta foi longa.

- Ali, Julien adorava Storyville, realmente adorava. E as mulheres no Salão dos Espelhos de Lulu White também o adoravam, posso garantir. Elas o tratavam como a um rei. O mesmo acontecia onde quer que ele fosse. Muitas coisas aconteciam ali, porém, que eu não gosto muito de mencionar. Não era que eu tivesse ciúmes de Julien. É que era simplesmente chocante demais para um rapaz ianque de vida limpa, como eu havia sido. - Llewellyn riu. - Mas você entenderá melhor o que eu quero dizer se eu lhe contar.

- A primeira vez que Julien me levou lá era inverno, e ele fez com que o cocheiro nos deixasse bem à porta a frente de uma das melhores casas. Naquela ocasião, havia um pianista que tocava ali. Não me lembro ao certo de quem era, talvez Manuel Perez, talvez Jelly Roll Morton. Nunca admirei o jazz e o ragtime tanto quanto Julien. Ele simplesmente adorava aquele pianista. Eles sempre chamavam esses pianistas de "professor", sabia? Pois ficamos sentados no salão ouvindo a música e bebendo champanhe, e era um champanhe muito bom. E é claro que as garotas vieram com toda aquela sua elegância barata e suas tolas afetações. Uma era a duquesa disso, outra era a condessa daquilo. Elas tentaram seduzir Julien, e ele foi perfeitamente encantador com todas elas. Afinal fez sua escolha. Era uma mulher mais velha, bem sem graça, e isso me intrigou. E ele disse que nós dois íamos subir juntos. É claro que eu não queria ficar com ela.

Nada teria conseguido me convencer a ficar com ela, mas Julien só deu um sorriso e disse que eu deveria observar e,

assim, aprenderia alguma coisa sobre o mundo. Típico de Julien.

- E o que você acha que aconteceu quando entramos no quarto? Bem, não era na mulher que Julien estava interessado. Era nas suas duas filhas, de nove e onze anos. Elas como que ajudavam com os preparativos: o exame de Julien, para ser delicado, a fim de verificar que ele não tinha, você sabe... e o banho. Digo-lhe que fiquei perplexo de ver aquelas crianças realizando tarefas tão íntimas. E você sabe que, quando Julien se deitou com a mãe, as duas meninas estavam na cama com eles? Elas eram muito bonitas as duas, uma de cabelo escuro, a outra, de cachos louros. Elas usavam pequenas camisolas e meias compridas, dá para se imaginar? E eram muito sedutoras, até mesmo para mim. Pois a gente até via seus peitinhos por baixo das camisolas. Peitinhos que não eram praticamente nada. Não sei por que eram tão excitantes. Elas ficavam sentadas recostadas na cabeceira alta e entalhada da cama. Sabe, a cama era uma daquelas monstruosidades feitas em série que ia direto ao teto, com um meio dossel com acabamento. E as duas até o beijaram como anjinhos quando ele... quando ele... cobriu a mãe, por assim dizer.

- Nunca me esquecerei daquelas crianças, do jeito que tudo lhes parecia tão natural! E como parecia natural a Julien!

- É claro que o tempo todo ele se comportou com a maior elegância possível à situação. Daria para se pensar que ele era Dario, rei da Pérsia, e que essas damas eram seu harém, nele não havia o menor indício de embaraço ou de grosseria. Depois, ele bebeu um pouco mais de champanhe com elas, e até mesmo as meninas beberam. A mãe tentou lançar seus encantos para meu lado, mas eu não quis saber dela. Julien teria ficado ali a noite inteira se eu não lhe

houvesse pedido para ir embora. Ele estava ensinando às meninas "um novo poema". Parece que ele lhes ensinava um poema cada vez que vinha ali. E elas recitaram três ou quatro das suas últimas lições, sendo uma um soneto de Shakespeare. O novo era de Elizabeth Barrett Browning.

- Eu não podia esperar mais para sair daquele lugar. A caminho de casa, eu realmente me exaltei. "Julien, não importa o que nós sejamos, somos adultos. Aquelas meninas eram só crianças", disse eu. Julien reagiu com seu costumeiro jeito bonachão. "Ora, Richard, não seja tolo", disse ele. "Aquelas são o que se chama de filhas do prazer. Nasceram num bordel e vão viver a vida inteira assim. Não fiz com elas nada que as machucasse. E se eu não estivesse com a mãe delas hoje, outro homem estaria com ela e com as pequenas. Mas vou lhe dizer o que me surpreende, Richard, em toda essa história. É como a vida descobre um jeito de se afirmar, sejam quais forem as circunstâncias. É claro que deve ser uma desgraça de vida. Como poderia não ser? Mesmo assim, aquelas meninas conseguem viver, respirar, se divertir. Elas riem e são cheias de curiosidade e ternura. Elas se ajustam, acredito que esse seja o termo correto. Elas se ajustam e tentam alcançar as estrelas, ao seu modo. Digo-lhe que para mim isso é fantástico. Elas me fazem pensar nas flores do mato que nasce nas fendas do calçamento, forçando-se na direção do sol, não importa quantos pés as esmaguem".

- Não discuti mais com ele. Lembro-me, porém, de que ele continuou falando interminavelmente. Disse que havia crianças em todas as cidades do país que eram mais desgraçadas do que aquelas. É claro que isso não justificava nada.

- Eu sei que ele ia com frequência a Storyville, e não me levava junto. Mas vou lhe contar uma outra coisa muito

estranha... - (A essa altura, ele hesitou, e foi preciso que eu o instigasse.) - Ele costumava levar Mary Beth. Ele a levava à casa de Lulu White e ao Arlington. E a forma para conseguir isso consistia em Mary Beth se vestir de homem.

- Eu vi que eles saíam juntos em mais de uma ocasião, e é claro que, se conhecesse Mary Beth, você compreenderia. Ela não era feia sob nenhum aspecto, mas não era delicada. Era alta, de compleição forte e feições grandes.

Usando um dos ternos de colete do marido, ela parecia um homem de excelente aparência. Ela costumava enrolar o cabelo comprido, escondendo-o debaixo de um chapéu, usava uma echarpe no pescoço e às vezes óculos, embora eu não saiba por quê, e lá saía ela com Julien.

- Lembro-me de isso ter acontecido pelo menos cinco vezes. E eu os ouvia conversando mais tarde a respeito de como Mary Beth enganava a todos. E às vezes o juiz McIrityre ia com eles, mas acho que no fundo Julien e Mary Beth não queriam sua companhia.

- Um dia, então, Julien me contou que foi assim que o juiz McIrityre conheceu Mary Beth Mayfair, que havia sido em Storyville dois anos antes de eu chegar. Ele ainda não era o juiz McIrityre na época. Era apenas Daniel McIrityre. Ele conheceu Mary Beth naquele lugar e passou a noite jogando com ela e com Julien, sem saber até a manhã do dia seguinte que Mary Beth era uma mulher. E, quando descobriu, não a deixou mais em paz.

- Julien me contou a história toda. Eles haviam ido ao centro só para espiaçar e ouvir o que pudessem da Razy Dazy Spasm Band. Bem, imagino que você tenha ouvido falar dessa banda. Eles eram bons, bons mesmo. Não sei bem como Julien e Mary Beth, que adotava o nome de Jules

nessas incursões, entraram no Willie's Plaza e lá se encontraram por acaso com Daniel McIlrityre. Dali eles perambularam de um lugar para o outro, à procura de um bom salão de sinuca, já que Mary Beth jogava sinuca muito bem, sempre jogou.

- Fosse como fosse, já devia ter amanhecido quando eles resolveram voltar para casa, e o juiz McIlrityre havia falado muito sobre os negócios com Julien, já que naturalmente ele ainda não era juiz. Era advogado. Ficou então combinado que eles se encontrariam na cidade alta para almoçar e que talvez Julien desse alguma ajuda para que McIlrityre entrasse para um consultório de advocacia. Foi nessa hora, quando o juiz estava dando em "Jules" um forte abraço de despedida, que Mary Beth tirou o chapéu, deixando cair a cabeleira negra e dizendo que era mulher. Ele quase caiu para trás.

- Acho que se apaixonou por ela daquele dia em diante. Eu cheguei à casa um ano após o casamento, e eles já tinham Miss Carlotta, um bebê no berço, Lionel chegou dentro de dez meses e, um ano e meio mais tarde, Stella, a mais bonita das crianças.

- Para lhe ser franco, o juiz McIlrityre nunca deixou de ser apaixonado por Mary Beth. Esse era o seu problema. O último ano inteiro que passei naquela casa foi 1913, e a essa altura ele já era juiz há mais de oito anos, graças à influência de Julien, e posso lhe dizer que ele era tão apaixonado por Mary Beth quanto sempre. E a seu próprio modo, ela também era apaixonada por ele. Não imagine que ela o toleraria se não o amasse.

- É claro que havia os rapazes. As pessoas falavam dos rapazes. Sabe, os cavaleiros e os mensageiros, todos bem apessoados, realmente bonitos. Costumava-se vê-los

descendo a escada dos fundos, sabe, com uma aparência meio assustada, ao sair pela porta de trás. Mas ela amava o juiz McIrityre, amava mesmo. E vou-lhe dizer mais uma. Acho que ele nunca imaginou. Ele vivia tão bêbado o tempo todo. E Mary Beth agia com tanta frieza a esse respeito quanto acerca de qualquer outro assunto. Sob um certo aspecto, Mary Beth foi a pessoa mais calma que eu conheci. Nada a perturbava, pelo menos não por muito tempo.

Ela não tinha muita paciência com quem a contrariava, mas não lhe interessava fazer inimizade com ninguém, sabe. Ela não era de brigar com os outros ou de opor sua vontade contra a de qualquer outra pessoa.

- Sempre me surpreendeu seu jeito de tolerar Carlotta. Carlotta estava com treze anos quando eu fui embora. Aquela criança era uma bruxa! Queria ir estudar longe de casa, e Mary Beth tentou convencê-la a não ir, mal a menina estava decidida. Mary Beth afinal simplesmente deixou que ela fosse embora.

- Mary Beth dispensava as pessoas desse jeito, assim mesmo, e seria possível dizer que ela dispensou Carlotta. Suponho que fizesse parte da sua frieza, e sei que era de exasperar. Quando Julien morreu, nunca vou me esquecer de como Mary Beth me impediu de entrar na biblioteca e no quarto do terceiro andar. Ela não chegou a demonstrar nenhuma irritação. "Vamos, Richard, desça e tome um café. Depois é melhor fazer suas malas", disse ela, como se estivesse falando com uma criança. Ela comprou um prédio aqui para mim, com a maior rapidez.

Quero dizer que Julien ainda não estava enterrado quando ela comprou o prédio e fez minha mudança para o centro. É claro que o dinheiro era de Julien.

- Mas não, ela nunca se perturbava. A não ser na hora em que eu lhe disse que Julien havia morrido. Nessa hora, ela se alterou. Para dizer a verdade, ficou enlouquecida. Mas por pouquíssimo tempo. Quando percebeu que ele realmente não existia mais, ela simplesmente reassumiu sua atitude normal e começou a ajeitá-lo e a arrumar os lençóis. E nunca mais eu a vi chorar uma lágrima que fosse.

- Vou lhe contar uma coisa estranha que Mary Beth fez no velório de Julien. Estávamos no salão da frente, é claro, e o caixão estava aberto. Julien foi um belo defunto, e todos os parentes da Louisiana estavam presentes. Pois não havia carruagens e automóveis enfileirados ao longo de quarteirões de First e de Chestnut Street? E chovia, como chovia! Pensei que não fosse parar nunca.

A chuva era tão forte que parecia um véu em volta da casa. Mas o principal foi o seguinte. Estavam velando Julien, sabe, e não era realmente o que se poderia chamar de um velório irlandês, é claro, pois eles eram muito requintados para isso, mas havia o que comer e o que beber, e o juiz estava caindo de tão bêbado.

E a certa altura, com toda aquela gente na sala e todo o movimento, gente em todos os corredores, na sala de jantar, na biblioteca e até na escada, bem, com tudo isso, Mary Beth levou uma cadeira de espaldar reto até bem junto do caixão, pôs a mão no caixão para segurar a mão de Julien e adormeceu ali mesmo, na cadeira, com a cabeça caída para um lado, agarrada à mão de Julien enquanto os primos iam e vinham para vê-lo, ajoelhavam-se no genuflexório e assim por diante.

- Foi carinhoso esse gesto. Por mais ciúmes que eu sempre tivesse sentido dela, eu a adorei por isso. Queria poder ter feito o mesmo. Julien sem dúvida estava com uma bela

aparência no caixão. E no dia seguinte você precisava ver os guarda-chuvas no cemitério de Lafayette! Digo-lhe que, quando puseram o caixão dentro do jazigo, eu mesmo morri por dentro. E Mary Beth se aproximou, de mim naquele exato momento, envolveu meus ombros com um braço e sussurrou de um jeito que eu ouvisse, "Au revoir, mon cher Julien!" Ela fez isso por mim, sei que foi. Fez isso por mim, mas foi o gesto mais carinhoso que teve. E até sua morte, ela sempre negou que ele um dia houvesse escrito uma autobiografia.

A essa altura, eu o instiguei, perguntando-lhe se Carlotta havia chorado durante o enterro.

Na verdade, não. Nem me lembro de tê-la visto lá. Ela era uma criança tão desagradável. Tão mal-humorada e hostil com todos. Mary Beth não se importava, mas Julien costumava se irritar tanto com ela. Era Mary Beth quem o acalmava.

Julien disse uma vez que Carlotta ia desperdiçar a vida do mesmo modo que sua irmã, Katherine, havia desperdiçado.

"que algumas pessoas não gostam de viver", disse-me ele. Isso não era estranho? "Elas simplesmente não suportam a vida. Tratam a vida como se fosse uma terrível doença." Eu ri com isso. E desde então muitas vezes penso no assunto. Julien adorava estar vivo. Realmente adorava. Ele foi o primeiro da família a comprar um automóvel. Um Stutz Bearcat, realmente incrível! E saíamos para passear naquele troço por toda Nova Orleans. Ele achava fantástico!

- Costumava se sentar no banco dianteiro ao meu lado (é claro que eu é que tinha de dirigir), todo enrolado numa manta de viagem, com óculos de proteção, só rindo e se divertindo com tudo, ainda mais quando eu tinha de descer

do carro para girar a manivela! Era divertido, sim, era mesmo. Stella também adorava aquele carro. Eu gostaria que - ele hoje fosse meu. Sabe, Mary Beth tentou dá-lo para mim, e eu o recusei. Acho que não queria a responsabilidade. Eu deveria tê-lo aceitado.

- Mais tarde, Mary Beth deu o carro para um dos seus homens, um rapaz irlandês que ela havia contratado para cocheiro. Não sabia nada acerca de cavalos, ao que eu me lembre. Também não precisava saber. Acho que mais tarde ele voltou a ser policial. Mas ela lhe deu o carro. Sei porque um dia eu o vi nele. Nós conversamos, e ele me contou. É claro que ele não disse uma palavra sequer contra ela. Não ia fazer uma bobagem dessas. Mas imagine uma patroa lhe dando um carro daqueles. Ouça o que lhe digo, algumas das coisas que Mary Beth - fazia simplesmente deixavam os primos furiosos. Só que eles não ousavam tocar no assunto. E era a atitude dela que sustentava tudo. Ela agia como se as coisas mais estranhas que fizesse fossem perfeitamente normais.

- No entanto, apesar de toda sua calma, sabe, pode-se dizer que ela adorava estar viva tanto quanto Julien. Adorava mesmo. É, Julien amava a vida. Ele nunca envelheceu de verdade.

- Julien me contou tudo sobre como era sua irmã Katherine nos anos antes da guerra. Ele armava com ela as mesmas brincadeiras que depois armou com Mary Beth. Só que naquela época não existia Storyville. Eles iam a Gallatin Street, aos bares mais turbulentos da beira-rio. Katherine ia fantasiada de marinheiro, e punha uma atadura na cabeça para encobrir o cabelo.

"Ela era encantadora", disse Julien. "Você devia ter visto. Depois, aquele Darcy Monalian a destruiu. Ela vendeu sua

alma a ele. Ouça o que lhe digo, Richard, se você algum dia se dispuser a vender sua alma, não se dê ao trabalho de entregá-la a outro ser humano. É um mau negócio sequer chegar a cogitar essa possibilidade."

- Julien dizia muitas coisas estranhas. É claro que, quando eu cheguei por aqui, Katherine já era uma velha louca, acabada. Simplesmente louca, é o que lhe digo, daquele tipo de louca teimosa e repetitiva que dá nos nervos dos outros. Ela costumava ficar sentada num banco nos fundos do jardim conversando com seu falecido marido, Darcy. Isso deixava Julien revoltado. Da mesma forma que sua religião. E para mim ela teve alguma influência sobre Carlotta, mesmo sendo Carlotta tão criança. Apesar de que eu nunca tive certeza disso. Carlotta costumava ir à missa na catedral com Katherine.

- Lembro-me de que uma vez Carlotta teve um briga horrível com Julien, mas eu nunca soube o motivo. Julien era um homem tão agradável, era tão fácil gostar dele. Mas aquela menina não o suportava. Ela não tolerava ficar perto dele.

Foi um dia em que um gritava com o outro na biblioteca a portas fechadas. Gritavam em francês, e eu não conseguia entender palavra. Afinal, Julien saiu e subiu a escada. Estava com os olhos cheios de lágrimas, e havia um corte no seu rosto. Ele segurava um lenço junto ao corte. Acho que a pequena fera chegou a atacá-lo. Foi essa a única vez em que eu o vi chorar.

- E aquela terrível Carlotta era uma criaturinha tão fria e tão cruel. Ela só ficou ali parada olhando enquanto ele subia a escada e depois disse que ia esperar o pai chegar em casa nos degraus da frente da casa.

- Mary Beth estava ali e disse, "Bem, você vai esperar muito tempo mesmo porque seu pai neste instante está bêbado no clube, e o pessoal só vai carregá-lo até uma carruagem lá para as dez da noite. Melhor você vestir um casaco quando for lá para fora."

- Isso ela não disse com maldade, não. Foi num tom neutro, do jeito que dizia tudo, mas você devia ter visto o olhar que a menina lançou para a mãe. Acho que ela culpava a mãe pelas bebedeiras do pai e, se isso for verdade, ela era uma criança muito boba mesmo. Um homem como Daniel McIlrityre teria sido um bêbado se tivesse se casado com a Virgem Maria ou com a Prostituta da Babilônia. Não fazia a menor diferença. Ele mesmo me contou que seu pai havia morrido de tanto beber, e o seu avô também. E os dois, aos quarenta e oito anos, acredita? Ele tinha medo de morrer aos quarenta e oito também. Não sei se ele passou dessa idade ou não. E sabe, a família dele tinha dinheiro. Muito dinheiro. Se quer saber, Mary Beth manteve o juiz McIlrityre em plena atividade por muito mais tempo do que qualquer outra pessoa teria conseguido.

- Mas Carlotta nunca entendeu. Nunca, nem por um instante. Acho que Lionel entendia, e Stella também. Os dois amavam os pais, pelo menos foi essa a impressão que sempre tive. - Talvez Lionel sentisse um pouco de vergonha do juiz de vez em quando, mas era um bom menino, um menino afetuoso. E Stella, ora, Stella adorava a mãe e o pai.

- Ah, e Julien. Lembro-me de que no último ano, ele fez uma coisa incrível. Levou Lionel e Stella até o French Quarter para ver as indecências, por assim dizer, quando eles não tinham mais de dez e onze anos de idade. Não estou brincando! E sabe do que mais, acho que essa não foi a primeira vez. Foi apenas a primeira vez que ele não conseguiu esconder de mim a travessura que estava

armando. E sabe que ele vestiu Stella como um pequeno grumete, e ela estava tão engraçadinha. Eles passearam a noite toda por lá, com Julien mostrando para eles os clubes elegantes, embora naturalmente ele não pudesse fazer com que as crianças entrassem. Nem mesmo Julien teria conseguido realizar essa proeza, creio eu. Mas eles andaram bebendo, isso posso lhe dizer.

- Eu estava acordado quando eles chegaram em casa. Lionel estava calado, estava sempre calado. Mas Stella estava toda animada com o que havia visto naqueles cubículos, sabe, com as mulheres direto na rua. E nós ficamos sentados nos degraus da frente, Stella e eu, conversando baixinho muito tempo depois de Lionel ter ajudado Julien a subir até o terceiro andar e de tê-lo posto na cama.

- Stella e eu saímos e abrimos uma garrafa de champanhe na cozinha. Ela disse que já tinha idade suficiente para beber um pouco, e é claro que não me obedecia, e quem era eu para impedi-la. Ela, Lionel e eu acabamos dançando lá no pátio dos fundos quando o dia amanhecia. Stella tentava uns passos de ragtime que havia visto lá em Storyville. Ela disse que Julien ia levá-los para conhecer a Europa e o mundo inteiro, mas é claro que isso não aconteceu. Acho que eles não sabiam ao certo a idade de Julien, como eu também não sabia. Quando vi o ano de 1828 inscrito naquela laje, fiquei chocado, acredite em mim. Foi então que muitas coisas acerca de Julien começaram a fazer sentido para mim. Não era de admirar que ele tivesse uma perspectiva tão diferente. Havia, no fundo, visto a passagem de um século inteiro.

- Stella deveria ter vivido muito, deveria mesmo. Lembrou-me de que ela me disse uma coisa de que nunca vou me esquecer. Foi muito depois da morte de Julien. Nós almoçamos juntos aqui no Court of Two Sisters. Aquela

altura ela já havia tido Antha, e é claro que nem se dera ao trabalho de se casar ou de sequer revelar a identidade do pai. Pois eu lhe digo que aquela foi uma história e tanto. Ela simplesmente deixou a sociedade furiosa com sua atitude. Mas o que eu estava dizendo? Nós estávamos almoçando, e Stella me disse que ia chegar à idade de Julien. Disse que Julien leu sua mão e fez esse prognóstico. Sua vida seria muito longa.

- E imaginar que ela foi assassinada a tiros por Lionel quando ainda não tinha trinta anos. Meu Deus! Mas você sabe que foi Carlotta o tempo todo, não sabe?

A essa altura, Llewellyri estava quase incoerente. Pressionei-o a respeito de Carlotta e do assassinato, mas ele se recusou a falar mais sobre o assunto. Toda a história começou a deixá-lo apavorado. Voltou, então, ao tema da "autobiografia" de Julien e de quanto ele a queria. E o que ele não daria para entrar naquela casa um dia desses e se apoderar daquelas páginas, se elas ainda estivessem naquele quarto do andar superior. Mas enquanto Carlotta estivesse por lá, ele não teria a mínima chance de fazê-lo.

- Você sabe que há depósitos lá em cima, ao longo de toda a frente da casa, debaixo do telhado. Da rua, não dá para se ver a inclinação do telhado, mas esses depósitos existem. Julien tinha arcas lá dentro. Aposto que foi ali que ela pos a autobiografia. Ela não se deu ao trabalho de queimá-la. Não Mary Beth. Ela só não queria que os escritos caíssem nas minhas mãos. Mas e aquela fera da Carlotta, quem sabe o que ela fez com tudo aquilo?

Não querendo perder a oportunidade, perguntei-lhe se alguma vez aconteceu algo de estranho na casa, algo sobrenatural. (Quer dizer, além da capacidade de Julien de provocar aparições.) Esse era naturalmente o tipo da

pergunta capciosa que procuro não fazer, mas eu estava com ele há horas, e ele não havia mencionado nada a esse respeito além de suas estranhas experiências com Julien. Eu estava à procura de algo mais. Sua reação a minha pergunta sobre, um fantasma foi muito forte.

- Ah, aquilo - disse ele. - Aquilo era horrível, simplesmente horrível. Não dá para eu falar nisso. Além do mais, deve ter sido imaginação minha. - Ele estava quase desmaiando.

Ajudei-o a voltar para o apartamento acima da livraria em Chartres Street. Ele repetiu algumas vezes a menção ao fato de Julien lhe ter deixado o dinheiro para a aquisição do prédio e para a abertura de uma loja. Julien sabia que Llewellyri adorava poesia e música e realmente desprezava seu serviço de escriturário. Julien procurou lhe dar a liberdade, e conseguiu. Só que o único livro que Llewellyri desejava possuir era a biografia de Julien.

Nunca mais pude obter outra entrevista tão longa e tão profunda. Quando tentei falar com Llewellyri alguns dias mais tarde, ele foi muito educado mas demonstrou cautela. Pediu desculpas por ter bebido tanto e falado tanto, embora afirmasse ter gostado. E eu nunca mais consegui convencê-lo a almoçar comigo ou a falar uma palavra que fosse sobre Julien Mayfair.

Parei na sua loja algumas vezes depois dessa ocasião. Fiz-lhe muitas perguntas sobre a família e seus vários membros. Não consegui, porém, reconquistar sua confiança. Uma vez, perguntei-lhe novamente se a casa de First Street era assombrada, como as pessoas diziam. Havia tantas histórias a seu respeito.

Dominou-o exatamente a mesma expressão que eu havia visto na primeira noite em que conversei com ele. Ele

desviou os olhos espantados e estremeceu.

- Eu não sei. Poderia ter sido o que se costuma chamar de fantasma. Não gosto de pensar nessas coisas. Sempre achei que fosse a minha... culpa, sabe, que eu estivesse imaginando aquilo.

Quando me flagrei insistindo talvez com um pouco de exagero, ele me disse que a família Mayfair era difícil

- Ninguém quer arrumar confusão com aquela gente. Essa Carlotta Mayfair é um monstro, um verdadeiro monstro. - Ele dava a impressão de se sentir pouco à vontade.

Perguntei-lhe se ela alguma vez lhe havia causado algum tipo de problema, ao que ele respondeu sumariamente que ela causava problemas a todo mundo. Ele parecia preocupado, perturbado. Em seguida, ele disse algo interessantíssimo, que eu anotei assim que voltei para meu quarto de hotel. Afirmou nunca ter acreditado na vida após a morte, mas, quando pensava em Julien, tinha certeza de que Julien ainda existia em algum lugar.

- Sei que você pensa que estou maluco por dizer uma coisa dessas, mas eu poderia jurar que é a verdade. Na noite após nosso primeiro encontro, eu poderia jurar que sonhei com Julien e que Julien me contou muitas coisas. Quando acordei, não consegui me lembrar com nitidez do sonho, mas tive a impressão de que Julien não queria que voltássemos a conversar. Nem gosto de estar falando nisso agora, mas... bem, achei que devia lhe dizer. Disse que acreditava nele. Ele passou, então, a afirmar que Julien no sonho, não era o Julien de quem ele se lembrava. Alguma coisa estava mudada sem a menor dúvida.

- Ele parecia mais sábio, mais gentil, exatamente o que se espera de alguém que tenha feito a passagem para o outro

lado. E não parecia velho. No entanto, também não aparentava ser jovem. Nunca me esquecerei desse sonho. Foi... absolutamente real. Eu poderia jurar que ele estava parado aos pés da minha cama. E me lembro de algo que ele disse. Disse que certas coisas eram determinadas pelo destino mas que podiam ser evitadas.

- Que tipo de coisa? - perguntei.

Ele sacudiu a cabeça. Não quis dizer mais nada daí em diante por mais que eu o pressionasse. Admitiu, porem, que não conseguia se lembrar de nenhuma censura por parte de Julien com relação à nossa conversa. Mas a idéia do ressurgimento de Julien fez com que ele se sentisse desleal. Não consegui nem mesmo que ele repetisse a história da vez seguinte em que lhe perguntei a respeito dela.

A última vez que o vi foi no final de agosto de 1959. Era óbvio que ele havia estado doente. Um tremor intenso afetava tanto sua boca quanto sua mão esquerda, e sua fala já não era mais totalmente inteligível. Eu o compreendia, mas com dificuldade. Disse-lhe francamente que o que ele me havia contado acerca de Julien significava muito para mim e que eu continuava interessado na história da família Mayfair.

A princípio, achei que ele não se lembrava de mim ou do que eu estava falando, tão distraída era sua atitude. Em seguida, ele pareceu me reconhecer e ficou entusiasmado.

- Venha até os fundos comigo - disse ele. E, enquanto ele se esforçava para se levantar da escrivaninha, dei-lhe uma ajuda. Seus pés não estavam firmes. Passamos por um portal com cortinas empoeiradas e entramos num pequeno depósito. Ali, ele parou como se estivesse de olhos fixos em alguma coisa, mas eu não vi nada.

Ele deu um risinho estranho e fez um gesto de desdém com a mão. Apanhou, então, uma caixa e retirou, trêmulo, um maço de fotografias. Todas de Julien. Entregou-as a mim. Parecia querer dizer alguma coisa, mas não conseguia encontrar as palavras.

- Não sei lhe dizer o que isso representa para mim - disse eu.

- Eu sei - respondeu ele. - É por isso que quero que fique com elas. Você é a única pessoa que chegou a entender essa história de Julien.

Senti então uma tristeza, uma tristeza tremenda. Será que eu havia entendido? Imagino que sim. Llewellyn havia conseguido infundir vida na figura de Julien Mayfair para mim, e essa figura me pareceu sedutora.

- Minha vida poderia ter sido diferente se eu não tivesse conhecido Julien. Sabe, depois nunca mais ninguém pôde chegar aos pés dele. E com a loja, bem, eu como que me acomodei na loja e não realizei grande coisa ao longo dos anos. Ele então pareceu encolher os ombros, não se importando com tudo aquilo, e sorriu.

Fiz-lhe algumas perguntas, mas ele também não se importou com elas. Afinal, uma atraiu sua atenção.

- Julien sofreu ao morrer? - perguntei. Ele ficou absorto e depois abanou a cabeça.

- Não, não sofreu de verdade. É claro que ele não gostava de estar parálítico. Quem gostaria? Mas ele adorava os livros. Eu lia para ele o tempo todo. Ele morreu bem cedo de manhã. Sei porque estive com ele até as duas da manhã, apaguei a vela e descí.

- Pois bem, por volta das seis, fui acordado por uma tempestade. Chovia tanto que a água entrava pelo peitoril das janelas. E os galhos do bordo lá fora faziam muito barulho. Corri imediatamente lá para cima para cuidar de Julien. Sua cama ficava bem junto à janela.

- E você nem imagina. Não sei como ele havia conseguido se sentar e abrir a janela. E lá estava ele, morto, no peitoril, com os olhos fechados e uma expressão serena, como se apenas tivesse querido respirar um pouco de ar puro e, satisfeito, desistiu da vida, como mágica, morrendo como quem adormece, com a cabeça para um lado. Teria sido uma cena de grande tranqüilidade se não fosse pela tempestade, pela chuva que caía torrencial sobre ele e pelas folhas que o vento soprava pelo quarto adentro.

- Disseram mais tarde que foi um derrame fulminante. Não conseguiram descobrir como ele havia conseguido abrir a janela. Eu não disse nada, mas você sabe que me ocorreu...

- O quê?

Ele encolheu os ombros e prosseguiu, com a fala praticamente ininteligível.

- Mary Beth ficou louca quando eu a chamei. Ela o arrastou da janela de volta para o travesseiro. Chegou mesmo a esbofeteá-lo. "Acorde, Julien", dizia ela. "Julien, não me deixe agora!" Eu tive uma dificuldade enorme para fechar a janela. E quando fechei uma das vidraças ela se espatifou. Foi assustador.

- E aquela horrível Carlotta se aproximou. Todos os outros vinham para beijá-lo, sabe, e prestar as últimas homenagens. Millie Dear, sabe, a filha de Rémy, estava ajudando a arrumar as cobertas. Mas aquela perversa da Carlotta não queria chegar perto dele, não queria nem nos

ajudar. Ficou ali parada no patamar da escada, com as mãos unidas, como uma freirinha, só olhando fixamente para a porta.

- E Belle, a querida Belle, o anjinho. Ela entrou com sua boneca e começou a chorar. Depois Stella subiu na cama e se deitou ao lado dele com a mão no seu peito.

- Belle dizia, "Acorde, tio Julien". Acho que ela ouviu sua mamãe dizer o mesmo. E Julien, coitado. Ele era a imagem da serenidade, afinal, com a cabeça sobre o travesseiro e os olhos fechados.

Llewellyri sorriu e sacudiu a cabeça. Começou, então, a rir entre dentes como se estivesse se lembrando de algo que despertasse ternura nele. Disse alguma coisa que não entendi. Pigarreou, então, com dificuldade. "Aquela Stella", disse ele. "Todo mundo adorava Stella. Com exceção de Carlotta. Carlotta nunca amou a irmã..." Sua voz foi sumindo.

Pressionei-o um pouco mais, fazendo novamente o tipo de pergunta capciosa que para mim era norma evitar. Abordei o tema do fantasma. Tantas pessoas diziam que a casa era assombrada.

- Imaginei que, se ela fosse mesmo, você saberia - disse eu. Não pude saber se ele me compreendia. Ele voltou para a escrivaninha, sentou-se e, quando eu tinha certeza total de que estava esquecido de mim, ele disse que havia alguma coisa naquela casa, mas que ele não sabia como explicar.

- Havia coisas - disse ele, e aquele ar de repulsa o dominou novamente. - E eu poderia jurar que todos sabiam da sua existência. Às vezes, era apenas uma impressão... uma impressão de alguém sempre vigiando.

- Não havia nada além disso? - Insisti, por ser ainda jovem, implacável e cheio de curiosidade, e por ainda não saber o que significa envelhecer.

- Eu falei com Julien a respeito disso. Disse-lhe que havia algo no quarto conosco, sabe, que não estávamos sozinhos, que essa coisa estava... nos observando. Mas ele simplesmente ria, como ria de tudo. Ele costumava me dizer para não ser tão envergonhado. Mas eu podia jurar que a criatura estava lá! Ela vinha, sabe, quando Julien e eu estávamos... juntos.

- Era alguma coisa que você via?

- Só no final - disse ele. Disse também mais alguma coisa que não consegui entender. Quando insisti com ele, ele sacudiu a cabeça e pressionou os lábios para dar mais ênfase. Depois, baixou a voz até não passar de um sussurro. Eu devo ter imaginado. Mas poderia jurar que nos últimos dias, quando Julien estava tão mal, a criatura estava lá, sem a menor dúvida. Estava no quarto de Julien. Estava na cama com ele.

Llewellyn olhou para mim para avaliar minha reação. Os cantos da sua boca estavam voltados para baixo e seu cenho cerrado. Um olhar feroz vinha de debaixo das sobrelanceiras densas.

- Coisa horrenda, horrenda - disse ele, trêmulo, sacudindo a cabeça.

- Você viu essa coisa?

Ele desviou o olhar. Fiz-lhe mais algumas perguntas, mas sabia que o perdera. Quando ele voltou a me responder, captei algo a respeito de os outros saberem da coisa,

saberem e fingirem nada saber. Ele, então, ergueu os olhos para mim mais uma vez.

- Eles não queriam que eu soubesse que eles sabiam. Todos sabiam. Eu disse a Julien, "Nesta casa há mais alguém, e você sabe disso. Sabe também como ele é e o que quer, e se recusa a me confessar que sabe". Ele, então, me dizia, "Ora, Richard", e usava toda sua... capacidade de persuasão, por assim dizer, para, sabe, fazer com que eu me esquecesse. Depois, naquela última semana, naquela terrível semana final, a criatura estava lá, naquela cama. Sei que estava. Eu acordava na poltrona e a via. Via, sim. Era o fantasma de um homem e fazia amor com Julien. Meu Deus, que coisa horrível de se ver. Porque eu sabia que não era real. Não era absolutamente real. Não podia ser. E no entanto eu o estava vendo.

Ele desviou o olhar, com o tremor na boca ficando mais intenso. Tentou tirar o lenço do bolso, mas apenas se atrapalhou com ele. Eu não sabia se devia ajudá-lo ou não.

Fiz mais perguntas com a maior delicadeza possível. Ou ele não me ouviu ou não quis responder. Ficou ali jogado na cadeira, dando a impressão de que morreria de velhice a qualquer instante.

Depois ele sacudiu a cabeça e disse que não podia falar mais. Parecia mesmo totalmente exausto. Disse que não ficava mais o dia inteiro na loja e que logo iria se recolher. Agradei profusamente pelas fotografias, e ele murmurou que sim, que estava feliz por eu ter vindo, que ele estivera esperando por mim para me dar aquelas fotos.

Nunca mais vi Richard Llewellyri. Ele morreu cerca de cinco meses após nossa última conversa, no início de 1959. Foi enterrado no cemitério de Lafayette, não longe de Julien.

Há muitas outras histórias sobre Julien que poderiam ser incluídas aqui. Há muito mais que talvez possa ser descoberto.

Dentro dos objetivos desta narrativa não é necessário acrescentar mais nada a esta altura além do fato de Julien ter tido outro companheiro do sexo masculino, do nosso conhecimento, um homem a quem ele esteve intimamente ligado, e que esse era a pessoa já descrita neste relato como o juiz Daniel McIntyre, que mais tarde se casou com Mary Beth Mayfair.

No entanto, podemos examinar Daniel McIntyre através de sua ligação com Mary Beth. E portanto conveniente que passemos agora à própria Mary Beth, a última grande bruxa Mayfair do século XIX, e a única Mayfair do sexo feminino a se equiparar em poder às suas antecessoras do século XVIII.

Eram duas e dez da madrugada. Michael parou só porque tinha de parar. Seus olhos estavam se fechando, não havia nada a fazer a não ser dar-se por vencido e dormir um pouco.

Ele ficou sentado imóvel por algum tempo, com os olhos fixos na pasta, que havia acabado de fechar -. Sobressaltou-se com uma batida à porta.

- Entre - disse ele.

Aaron entrou sem fazer barulho. Usava pijamas e um robe acolchoado amarrado à cintura.

- Você parece cansado, Michael. Devia ir para a cama agora.

- É o que preciso fazer - respondeu Michael. - Quando eu era jovem, conseguia continuar bebendo cada vez mais café. Mas as coisas já não são mais as mesmas. Meus olhos estão

se fechando contra minha vontade. - Ele se recostou na cadeira de couro, procurou no bolso por um cigarro e o acendeu. A necessidade de dormir ficou de repente tão forte que ele fechou os olhos e quase deixou o cigarro escorregar dos dedos. Pensou em Mary Beth. Preciso avançar até Mary Beth. Tantas perguntas...

Aaron se instalou na poltrona bergère no canto do quarto.

- Rowan cancelou seu voo da meia-noite. Amanhã ela toma um voo com escala e não chega a Nova Orleans antes da tarde.

- Como vocês descobrem esse tipo de coisa? - perguntou Michael, sonolento. Mas essa era a pergunta de menor importância que lhe ocorria. Tragou mais uma vez o cigarro, com preguiça, e olhou espantado para a travessa cheia de sanduíches intactos. Agora, uma escultura. Ele não havia querido jantar. - Isso é bom - comentou. - Se eu acordar às seis e ler direto, terminarei antes de anoitecer.

- E aí precisamos conversar - disse Aaron. - Devíamos conversar muito antes de você ir vê-la.

- Eu sei. Acredite que eu sei. Aaron, por que cargas d'água estou envolvido nesta história? Por quê? Por que eu vejo esse homem desde que era menino? - Ele deu mais uma tragada. - Você tem medo dessa história de espírito?

- Claro que tenho - respondeu Aaron sem a menor hesitação, surpreendendo Michael.

- Então, você acredita nisso tudo? E você mesmo já o viu?

- Vi - disse Aaron, concordando com um gesto de cabeça.

- Graças a Deus. Cada palavra dessa história tem um significado diferente para nós, do que teria para alguém que não o viu! Alguém que não saiba como é ver uma assombração dessas.

- Eu acreditei antes de ver - disse Aaron. - Meus companheiros o viram.

Eles relataram o que viram. E, na qualidade de membro experiente do Talamasca, aceitei seu depoimento.

- Então, você aceita a idéia de que essa criatura possa matar pessoas.

Aaron refletiu por um momento.

- Olhe, é melhor que eu lhe diga isso agora. E procure não se esquecer. Essa coisa pode fazer o mal, mas ela enfrenta uma dificuldade dos diabos para isso. - Ele sorriu. - Nenhum jogo de palavras, não. O que eu quero dizer é que Lasher na maioria das vezes mata por meio de ardis. Ele sem dúvida pode provocar efeitos físicos: mover objetos, fazer cair galhos de árvores, fazer voar pedras, esse tipo de coisa. Mas ele exerce esse poder de um modo desastrado e, com freqüência, moroso. As artimanhas e a ilusão são suas armas mais poderosas.

- Ele forçou Petyr van Abel a entrar numa cripta - disse Michael.

- Não. Petyr caiu numa cilada. Provavelmente o que aconteceu foi que ele próprio entrou na cripta num estado de loucura tal que não mais distinguia a realidade da ilusão.

- Mas por que Petyr iria fazer isso se ele tinha pavor de...

- Ora, Michael, é comum que os homens sejam irresistivelmente atraídos exatamente pelo que lhes provoca medo.

Michael não disse nada. Deu mais uma tragada, vendo em pensamento a arrebentação que batia nas rochas em Ocean Beach. Lembrando-se também do momento em que estava ali parado, com a echarpe voando ao vento, com os dedos congelados de frio.

- Para falar sem rodeios - disse Aaron - nunca superestime esse espírito. Ele é fraco. Se não fosse, não precisaria da família Mayfair.

- Dá para repetir isso? - pediu Michael, erguendo os olhos.

- Se ele não fosse fraco, não precisaria da família Mayfair. Ele precisa da sua energia. E quando ataca, ele usa a energia da própria vítima.

- Você acabou de me fazer lembrar algo que eu disse a Rowan. Quando ela me perguntou se esses espíritos que eu vi poderiam ou não ter causado minha queda do rochedo no oceano. Respondi que eles não poderiam fazer nada desse tipo. Não tinham toda essa força. Se eles tivessem força suficiente para derrubar um homem no mar e fazer com que ele se afogasse, não precisariam aparecer para as pessoas em visões. Não precisariam me confiar uma missão importantíssima.

Aaron não respondeu.

- Você aceita meu ponto de vista? - perguntou Michael.

- Aceito. Mas também aceito a pergunta de Rowan.

- Ela me perguntou por que eu partia do pressuposto de eles serem bons, aqueles espíritos. Fiquei chocado com isso, mas ela achou que a pergunta era lógica.

- Talvez seja.

- Ali, mas eu sei que eles são bons. - Michael apagou o cigarro. - Eu sei. Eu sei que foi Deborah quem eu vi. E que ela quer que eu enfrente esse espírito, Lasher. Sei disso com tanta certeza quanto sei... quem eu sou. Você se lembra do que Llewellyn lhe disse? Acabei de ler essa parte. Llewellyn disse que, quando Julien lhe apareceu num sonho, Julien estava diferente. Estava mais sábio do que quando estava vivo. Bem, foi assim que aconteceu com Deborah na minha visão. Deborah quer parar essa criatura que ela e Suzanne trouxeram para este mundo e para essa família!

- Surge então a pergunta: por que Lasher se mostrou a você?

- É. Estamos dando voltas.

Aaron desligou a luz do canto e o abajur na escrivaninha. Com isso, só ficou aceso o abajur na mesinha-de-cabeceira.

- Vou pedir que o despertem às oito. Acho que poderá terminar o arquivo todo antes do final da tarde, talvez um pouco mais cedo. Depois, podemos conversar, e você pode chegar a algum tipo de... digamos... decisão.

- Peça que me chamem às sete. Essa é uma vantagem de se ter minha idade. Sinto mais sono, mas durmo menos. Estarei muito bem se me acordarem às sete. E Aaron...

- Sim?

- Você nunca me respondeu sobre ontem à noite. Você viu a criatura quando ele estava parado bem diante de mim do outro lado da cerca? Viu ou não viu?

Aaron abriu a porta. Parecia relutar em falar.

- Vi, Michael, vi, sim. Eu o vi com muita clareza e nitidez. Com mais clareza e nitidez do que nunca antes. E ele estava sorrindo para você. Parecia mesmo que ele estava estendendo as mãos para você. Pelo que vi, eu diria que ele estava lhe dando as boas-vindas. Agora, preciso ir, e você precisa dormir. Conversamos pela manhã.

- Espere um pouco.

- Toque de recolher, Michael.

Acordou com o toque do telefone. O sol se derramava pelas janelas a cada lado da cabeceira da cama. Por um instante, ele se sentiu totalmente desorientado. Rowan estivera conversando com ele, dizendo alguma coisa sobre como queria que ele aparecesse lá antes de fecharem a tampa. Que tampa? Ele viu uma visão branca e morta descansando sobre seda negra.

Sentou-se, então, e viu a escrivaninha, a valise e as pastas ali empilhadas. – A tampa do caixão da sua mãe - disse, num sussurro. Ficou olhando, sonolento, o telefone que tocava. Tirou-o então do gancho. Era Aaron.

- Desça para o café da manhã, Michael.

- Ela já está no avião, Aaron?

- Acabou de sair do hospital. Como acho que lhe disse ontem à noite, ela vai fazer um voo com escala. Duvido que chegue ao hotel antes das duas. O enterro começa às três.

Olhe, se você não quiser descer, posso mandar alguma coisa aí para cima, mas você precisa comer.

- Está bem, pode mandar para cá. E Aaron? De onde sai o enterro?

- Michael, não vá fugir no instante em que terminar. Isso não seria justo.

- Não vou fazer nada disso, Aaron. Acredite em mim. Só quero saber. Onde vai ser?

- Lonigan and Sons. Magazine Street.

- Ah, isso mesmo. Conheço bem essa funerária. - A avó, o avô e o pai também, todos enterrados pela Lonigan and Sons. - Não se preocupe, Aaron, não vou sair daqui. Suba para me fazer companhia se quiser. Mas preciso começar a ler.

Ele tomou um rápido banho de chuveiro, vestiu roupas limpas e saiu do banheiro para encontrar o café da manhã à sua espera sob uma fileira de domos de prata bem-polida numa bandeja com toalha de renda. Os antigos sanduíches não estavam mais ali. E a cama estava feita. Havia flores frescas junto à janela.

Ele sorriu e abanou a cabeça. Teve um vislumbre de Petyr van Abel em algum pequeno aposento e legante na casa-matriz de Amsterdã no século XVII. Michael agora era um membro também? Será que eles iam envolvê-lo com todo esse aparato de segurança, proteção e legitimidade? E o que Rowan pensaria de tudo isso? Havia tanta coisa que ele precisava explicar a Aaron acerca de Rowan...

Bebendo sua primeira xícara de café, distraído, ele abriu a pasta seguinte e começou a ler.

Capítulo 18

Eram cinco e meia da manhã quando Rowan afinal saiu para o aeroporto, com Slattery dirigindo o Jaguar para ela. Seus olhos estavam injetados e vidrados enquanto ela observava o trânsito instintiva e ansiosamente, insatisfeita por ter passado o comando do carro a uma outra pessoa. Mas Slattery havia concordado em ficar com o automóvel durante sua ausência, e ela calculava que ele devesse se acostumar ao veículo. Além do mais, tudo o que ela queria agora era estar em Nova Orleans. O resto que fosse para o inferno.

Sua última noite no hospital havia transcorrido quase como o planejado. Passou horas fazendo rondas de inspeção com Slattery, apresentando-o a pacientes, enfermeiras, internos e residentes, fazendo o possível para tomar a transição menos traumatizante para todos os envolvidos. Não havia sido fácil. Slattery era um homem inseguro e invejoso. Ele fazia constantes comentários depreciativos entre dentes, ridicularizando pacientes, enfermeiras e outros médicos de um modo que sugeria que Rowan estava totalmente de acordo com ele, quando isso não era verdade. Havia nele uma profunda falta de delicadeza para com aqueles que julgava serem seus inferiores. Mesmo assim, ele era ambicioso demais para ser um mau médico. Era cuidadoso e inteligente.

E, por mais que não agradasse a Rowan transferir tudo para ele, ela estava feliz por ele estar ali. Era cada vez mais forte nela a sensação de que não iria voltar. Ela tentou ter em mente que não havia motivos para uma sensação dessas.

No entanto, não conseguia se livrar da impressão. Seu sexto sentido dizia que ela preparasse Slattery para assumir seu lugar indefinidamente, e era isso o que ela havia feito.

Depois, às onze da noite, quando estava programado que ela saísse para o aeroporto, um dos seus pacientes, um caso de aneurisma, começou a se queixar de violentas dores de cabeça e de cegueira repentina. Isso só podia significar que o homem estava tendo mais uma hemorragia. A operação que havia sido marcada para a terça-feira seguinte, sob a responsabilidade de Lark, teve de ser realizada por Rowan e Slattery naquele mesmo instante.

Rowan nunca entrou para uma cirurgia tão preocupada com outras coisas. No momento em que estavam amarrando seu avental esterilizado, ela estava pensando no atraso do seu voo para Nova Orleans, no enterro, na possibilidade de ficar horas presa na escala em Dallas, até depois de sua mãe já estar enterrada.

Em seguida, ela olhou ao redor da sala de cirurgia, pensativa. Esta é a última vez. Nunca mais pisarei nesta sala, embora não saiba por quê. Afinal, a cortina de costume caiu, isolando-a do passado e do futuro. Durante cinco horas, ela operou com Slattery ao seu lado, recusando-se a permitir que ele assumisse seu lugar apesar de saber que era isso o que ele queria.

Rowan ficou com o paciente na recuperação por mais quarenta e cinco minutos. Não lhe agradava a idéia de deixá-lo. Ela pôs as mãos algumas vezes sobre os seus ombros e acionou a pequena mágica mental de visualizar o que estava acontecendo no interior do seu cérebro. Ela estaria ajudando o paciente ou apenas se acalmando? Não fazia a menor idéia. Mesmo assim, ela trabalhou mentalmente no caso, com tanta intensidade quanto jamais

havia usado, chegando até a sussurrar para ele que ele agora precisava se recuperar, que a fragilidade na parede da artéria estava corrigida.

- Muitos anos de vida, Sr Benjamin - disse ela, baixinho. De olhos fechados, ela viu os circuitos do cérebro. Um leve tremor passou por ela. Em seguida, deslizando a mão sobre a do paciente, ela soube que ele se recuperaria. Slattery estava à porta, barbeado e de banho tomado, pronto para levá-la ao aeroporto.

- Vamos, Rowan, saia daqui antes que aconteça mais alguma coisa.

Ela foi para sua sala, tomou um banho de chuveiro no pequeno banheiro particular, vestiu seu costume de linho, resolveu que era cedo demais para ligar para a Lonigan and Sons, mesmo com a diferença de fusos horários, e depois saiu do hospital universitário com um nó na garganta. Tantos anos da sua vida, pensou, à beira das lágrimas. Mas não permitiu que elas aflorassem.

- Tudo bem com você? - perguntou Slattery ao sair do estacionamento.

- Tudo bem - disse ela. - Só estou cansada. - Estava mesmo cansada de chorar. Havia chorado mais nos últimos dias do que em toda a sua vida. Agora, enquanto ele fazia a curva à esquerda para sair da rodovia para o aeroporto, ela se flagrou pensando que Slattery era o médico mais ambicioso que ela já conhecera. Sabia muito bem que ele a desprezava, e por todos os motivos simples e entediantes, ela era uma cirurgiã extraordinária, era dela o emprego que ele desejava, ela logo poderia estar de volta.

Ela teve um calafrio debilitante. Sabia que estava captando os pensamentos dele. Se houvesse um desastre com seu

avião, ele poderia assumir seu lugar definitivamente. Ela olhou para ele de relance, seus olhos se encontraram por um segundo e ela viu que ele enrubescia, embaraçado. É, eram os pensamentos dele.

Quantas vezes no passado isso não havia acontecido assim mesmo, e com maior freqüência quando ela estava muito cansada? Talvez ela estivesse com a guarda aberta em virtude da sonolência, e esse pequeno poder telepático pudesse se afirmar com maior audácia, proporcionando-lhe esse amargo conhecimento, quer ela o desejasse quer não. Isso a magoava. Ela não queria estar perto dele. No entanto, era bom que ele quisesse seu posto, era bom que ele estivesse ali para assumi-lo, a fim de que ela pudesse partir.

Ocorria-lhe agora com extrema clareza que, por mais que ela adorasse o hospital universitário, não era importante onde ela exercia a medicina. Poderia ser em qualquer centro médico bem equipado, no qual enfermeiras e técnicos lhe proporcionassem a infra-estrutura de que ela precisava.

Então, por que não contar a Slattery que não voltaria mais? Por que não acabar com o conflito no seu íntimo em benefício dele mesmo? O motivo era simples. Ela não sabia por que tinha essa impressão tão forte de que essa era uma despedida final. Era algo relacionado a Michael; relacionado à sua mãe, mas era mais irracional do que qualquer sensação que já houvesse tido.

Antes mesmo que Slattery parasse junto à calçada, ela já estava com a porta aberta. Desceu do carro e apanhou a bolsa a tiracolo. Flagrou-se, então, olhando fixamente para Slattery enquanto ele lhe entregava a valise tirada do porta-malas do carro. Sentiu novamente um calafrio, lento, desagradável. Viu o rancor nos seus olhos. Que tortura a noite havia sido para ele. Ele era tão ansioso, e a detestava

tanto. Nada na, atitude de Rowan, em termos pessoais ou profissionais, poderia fazer surgir nele uma reação melhor a ela. Ele simplesmente não gostava dela. Ela sentiu isso quando pegou a valise da sua mão.

- Boa sorte, Rowan - disse ele, com falsa animação. Espero que não volte mais.

- Slat - disse ela - muito obrigada por tudo. Tem mais uma coisa que eu quero lhe dizer. Acho que não... Bem, existe uma boa probabilidade de que eu não volte para cá.

Ele mal pôde esconder sua alegria. Ela quase sentiu pena dele ao observar o movimento tenso dos seus lábios enquanto ele tentava manter uma expressão neutra. Ela também sentia um prazer imenso, fantástico.

- É só uma impressão - disse ela. (E é maravilhosa!) - É claro que terei de comunicar isso a Lark na hora adequada e em termos oficiais...

- É claro.

- Mas você já pode ir pendurando seus quadros na sala - prosseguiu ela. - E aproveite o carro. Acho que vou mandar buscá-lo mais cedo ou mais tarde. Provavelmente mais tarde. Se quiser comprá-lo, fará o melhor negócio da sua vida.

- O que você acha de dez mil, à vista. Sei que...

- Fechado. Mande-me um cheque quando eu lhe comunicar meu novo endereço. - Com um aceno despreocupado, ela se afastou na direção das portas de vidro.

Uma agradável animação a inundou como a luz do sol. Mesmo com os olhos irritados e com um cansaço

entorpecedor, um grande entusiasmo a dominava. No balcão, ela especificou primeira classe, só ida. Perambulou pela loja de presentes o tempo suficiente para comparar um par de grandes óculos escuros, que lhe pareceu muito charmoso, e um livro, uma absurda fantasia masculina de espionagem impossível e riscos implacáveis, que também lhe pareceu ligeiramente charmoso.

O New York Times dizia que estava fazendo calor em Nova Orleans. Era bom que estivesse usando seu linho branco, e ela se sentia bonita no traje. Por alguns instantes, demorou-se no banheiro, escovando os cabelos e apoiando com cuidado o batom claro e o ruge cremoso que não usava há anos. Em seguida, pôs os óculos escuros. Sentada na cadeira de plástico no embarque, ela se sentiu absolutamente desenraizada. Sem emprego, sem-ninguém na casa em Tiburon. E Slat arranhando a embreagem do carro de Graham o tempo todo até San Francisco. Pode ficar com ele, doutor. Sem arrependimentos, sem preocupações. É todo seu.

Pensou, então, na mãe, morta e fria sobre a mesa na funerária de Lonigan and Sons, fora do alcance da intervenção dos bisturis, e a velha escuridão se abateu sobre ela, bem ali entre as monótonas e fantasmagóricas luzes fluorescentes e os reluzentes passageiros dos aviões da madrugada, com suas pastas e seus temos azuis para todas as ocasiões. Ela pensou no que Michael havia dito sobre a morte. Sobre ela ser o único acontecimento sobrenatural que a maioria de nós vivência. E ela achava que era verdade.

As lágrimas brotaram novamente, mudas. Foi bom ter comprado os óculos. Parentes no enterro, uma enorme quantidade de parentes...

Rowan adormeceu assim que se instalou no avião.

Capítulo 19

O ARQUIVO SOBRE AS BRUXAS MAYFAIR

CAPITULO VI

A família Mayfair de 1900 a 1929

MÉTODOS DE PESQUISA NO SÉCULO XX

Como mencionado anteriormente, em nossa apresentação à família no século XIX, nossas fontes de informação acerca da família Mayfair foram se tornando cada vez mais numerosas e esclarecedoras com a passagem de cada década.

À medida que a família se aproximava do século XX, o Talamasca manteve seus investigadores tradicionais, mas também contratou pela primeira vez detetives profissionais. Uma quantidade desses profissionais trabalhou para nós em Nova Orleans, e ainda trabalha. Eles se revelaram excelentes não só na coleta de mexericos de todos os tipos, mas também na investigação de questões específicas em registros volumosos, bem como ao entrevistar dezenas de

peessoas acerca da família Mayfair, de modo bastante semelhante ao de um autor interessado em escrever sobre um "crime verdadeiro".

Esses homens raramente sabem quem nós somos, se é que chegam a saber. Eles se reportam a uma agência em Londres. E embora ainda mandemos nossos próprios investigadores especialmente treinados até Nova Orleans em virtuais excursões "para coleta de mexericos", e embora mantenhamos correspondência com uma infinidade de observadores, como sempre fizemos desde o século XIX, esses detetives particulares aperfeiçoaram imensamente a qualidade da nossa informação.

Ainda mais uma fonte de informações tornou-se disponível desde o final do século XIX, que nós chamaremos, por falta de um termo mais adequado, de lendas de família. De fato, embora os membros da família Mayfair com freqüência mantenham absoluto segredo acerca dos seus contemporâneos, e relutem muito em revelar uma palavra que seja sobre o legado da família a desconhecidos, já na década de 1890 eles começavam a repetir historietas, anedotas e relatos fantásticos sobre figuras no passado remoto.

Podemos citar especificamente um descendente de Lestan que se recusou peremptoriamente a dizer o que quer que fosse sobre sua querida prima Mary Beth quando instado por um desconhecido numa festa a mexericar a seu respeito, e mesmo assim repetiu diversas histórias curiosas sobre a tia-avó Marguerite, que costumava dançar com os escravos. E mais tarde o neto desse mesmo primo repetiu histórias curiosas sobre a velha Miss Mary Beth, que ele não chegou a conhecer.

É claro que grande parte dessas lendas de família é vaga demais para ser do nosso interesse, e que muito do que se diz está relacionado à "magnífica vida nas fazendas", que se tornou mítica em muitas famílias da Louisiana e que não esclarece os temas com que nos preocupamos. No entanto, às vezes essas lendas de família se harmonizam de forma espantosa com fragmentos de informação que obtivemos de outras fontes.

E, sempre que elas nos pareceram especialmente esclarecedoras, eu as incluí. O leitor deve, porém, compreender que as "lendas de família" sempre se referem a algo que nos foi relatado recentemente acerca de alguém ou de algo pertencente ao "passado remoto".

Ainda mais um tipo de mexerico que se salientou no século XX é o que podemos chamar de "boataria jurídica", ou seja, os comentários de secretárias, escriturários, advogados e juízes que conheceram a família Mayfair ou que trabalharam para ela, bem como dos parentes e amigos de todas essas diversas pessoas que não têm o sangue Mayfair.

Como todos os filhos de Julien, Barclay, Garland e Cortland, se tornaram advogados de renome, como Carlotta Mayfair é advogada e como muitos netos de Julien também abraçaram essa carreira, a rede de contatos legais apresentou a tendência a se ampliar mais do que poderíamos supor. No entanto, mesmo que não fosse esse o caso, as transações financeiras da família Mayfair foram tão vastas que sempre envolveram muitos advogados.

Quando a família começou a entrar em disputas no século XX, quando Carlotta começou a lutar pela custódia da filha de Stella, quando houve divergências quanto ao controle do legado, essa boataria jurídica passou a ser uma generosa fonte de detalhes interessantes.

Permitam-me acrescentar, ao concluir, que em termos gerais o século XX presenciou a manutenção de registros mais amplos e mais detalhados do que o século passado. E nossos investigadores contratados no século XX aproveitaram a abundância de registros públicos acerca da família. Além disso, com o passar do tempo, a família foi cada vez mais mencionada na imprensa.

O CARÁTER ÉTNICO DA FAMÍLIA EM EVOLUÇÃO

À medida que nossa narrativa se aproxima do ano de 1900, deveríamos ressaltar que o caráter étnico da família Mayfair estava se alterando.

Embora a família houvesse começado com uma mistura de escocês e francês, incorporando na geração seguinte o sangue do holandês Petyr van Abel, ela depois disso passou a ser quase exclusivamente francesa.

Em 1826, porém, com o casamento de Marguerite Mayfair com o cantor lírico Tyrone Clifford McNamara, a família do legado começou a se casar com anglo-saxões com certa regularidade.

Outras linhagens, notadamente os descendentes de Lestan e de Maurice, permaneceram inflexivelmente franceses e, se e quando se mudaram para Nova Orleans, sempre preferiram morar no "centro" com outros falantes do francês, no French Quarter, nas suas cercanias ou em Esplanade Avenue. A família do legado, com o casamento de Katherine com Darcy Monalihan, firmou-se ainda mais no Garden District, na parte alta e "americana" da cidade. E, embora Julien Mayfair (que era ele próprio meio irlandês)

falasse francês a vida inteira, e se casasse com uma prima falante do francês, Suzette, ele deu aos seus três meninos nomes nitidamente americanos ou ingleses, e se certificou de que eles recebessem uma formação americana. Seu filho Garland casou-se com uma descendente de alemães e irlandeses, com as bênçãos de Julien. Também Cortland se casou com uma moça de origem anglo-saxônica. E, finalmente, Barclay agiu da mesma forma.

Como já salientamos, Mary Beth viria a se casar com um irlandês, Daniel McIlrityre em 1899.

Apesar dos filhos de Katherine, Clay e Vincent, falarem francês sua vida inteira, os dois se casaram com moças de origem irlandesa-americana. Clay, com a filha de um próspero hoteleiro; e Vincent, com a filha de um cervejeiro germano irlandês. Uma das filhas de Clay tornou-se membro da ordem católica irlandesa das Irmãs da Misericórdia, ordem para a qual a família contribui até os dias de hoje. E uma bisneta de Vincent entrou para a mesma ordem.

Enquanto os Mayfair de origem francesa freqüentavam a catedral de São Luís no French Quarter, a família do legado começava a freqüentar a igreja paroquial de Notre Dame, em Jackson Avenue, pertencente a um conjunto de três templos mantidos pelos padres redentoristas que procuravam atender as necessidades dos imigrantes alemães e irlandeses da beira-rio bem como as das antigas famílias francesas. Quando essa igreja foi fechada na década de 1920, instalou-se uma capela paroquial em Prytania Street no Garden District, obviamente para os ricos que não quisessem freqüentar a igreja irlandesa de Santo Afonso nem a igreja alemã de Santa Maria.

A família Mayfair assistia a missa nessa capela e, na realidade, os moradores da casa de First Street ainda vão à

missa lá até os dias de hoje. No entanto, já em 1899, a família Mayfair começava a usar a igreja irlandesa de Santo Afonso, um belo prédio, de proporções impressionantes, para as ocasiões importantes. Mary Beth casou-se com Daniel McIntyre na igreja de Santo Afonso em 1899, e todos os batizados de algum Mayfair de First Street foram realizados ali desde então. As crianças da família Mayfair, depois de expulsas das melhores escolas particulares, estudavam na escola paroquial de Santo Afonso por curtos períodos.

Depois da morte de Julien em 1914, raramente se ouviu Mary Beth falar francês, mesmo com os primos franceses. E pode ser que essa língua tenha desaparecido na família do legado. Nunca se soube que Carlotta Mayfair falasse francês; e é duvidoso que Stella, Antha ou Deirdre soubessem mais do que algumas palavras de qualquer língua estrangeira.

Nossos investigadores observaram em inúmeras ocasiões que a fala da família Mayfair no século XX - de Carlotta, de sua irmã Stella, da filha de Stella, Antha e da filha de Antha, Deirdre - revelava nítidas características irlandesas. À semelhança de muitos outros habitantes de Nova Orleans, elas não apresentavam sotaques franceses ou do sul dos Estados Unidos que fossem perceptíveis.

Tinham uma tendência, no entanto, a chamar as pessoas pelo nome completo, como por exemplo na pergunta, "E aí, como tem andado, Ellie Mayfair?" e a falar com uma certa melodia e certas repetições propositais que pareciam irlandesas aos ouvintes. Um típico exemplo seria o seguinte fragmento ouvido num enterro da família em 1945: "Ora, não me venha com essa história, Gloria Mayfair, você sabe que eu não vou acreditar numa coisa dessas e que é uma vergonha que você a repita! E a pobre da Nancy, com todas

as preocupações que tem. Pois ela é uma santa, você sabe que ela é, se é que algum dia existiu uma!"

No que diz respeito à aparência, a família Mayfair é uma tamanha salada de genes que qualquer combinação de coloração, compleição física e traços faciais pode aparecer em qualquer geração. Não existe uma aparência típica. No entanto, alguns membros do Talamasca sustentam que um estudo de todas as fotografias, esboços e reproduções de pinturas existentes nos nossos arquivos revela de fato uma série de tipos recorrentes.

Há, por exemplo, um grupo de gente alta e loura (incluindo-se aí Lionel Mayfair) que lembram Petyr van Abel e que têm olhos verdes e queixos bem marcados.

Há também um grupo muito claro e de estrutura delicada, que invariavelmente têm olhos azuis e são baixos. Esse grupo inclui não só Deborah mas também Deirdre Mayfair, a atual beneficiária e "bruxa", mãe de Rowan.

Um terceiro grupo de pessoas de olhos e cabelos escuros, de ossos bem grandes, inclui Mary Beth Mayfair, seus irmãos Clay e Vincent e Angélique Mayfair de Saint-Domingue.

Ainda outro grupo de gente mais baixa, de olhos e cabelos negros, dá a impressão declarada de ser de origem francesa. Todos os integrantes desse grupo têm a cabeça pequena e redonda - olhos meio saltados e cabelo exageradamente crespo.

Finalmente, há um grupo de pele muito clara e aparente frieza, todos louros, com olhos cinzentos e de compleição delicada, embora sejam altos, e esse grupo inclui Charlotte de Saint-Domingue (a filha de Petyr van Abel), Marie

Claudette, que trouxe a família para a Louisiana; a filha de Stella, Antha Mayfair e sua neta, a Dra Rowan Mayfair.

Alguns membros da Ordem também ressaltaram algumas semelhanças muito específicas. A Dra Rowan Mayfair, de Tiburon, Califórnia, por exemplo, lembra muito mais seu antepassado Julien Mayfair do que qualquer outro parente seu louro.

E Carlotta Mayfair na juventude lembrava muito sua antepassada Charlotte. (Este investigador sente-se na obrigação de salientar, quanto a todo esse tema das aparências, que ele próprio não vê tudo isso nessas imagens! Há semelhanças, mas as diferenças as superam de longe! A família não tem uma nítida aparência irlandesa, francesa, escocesa ou seja lá qual for.)

Em qualquer exame da influência irlandesa ou de seus traços, devemos ter em mente que a história dessa família é tal que nunca se pode ter certeza de quem é o pai de nenhuma criança. E como revelarão as "lendas" posteriores, repetidas no século XX pelos descendentes, as ligações incestuosas em cada geração não eram realmente um segredo. Mesmo assim, uma influência cultural irlandesa é decididamente perceptível.

Devemos também observar - sem qualquer garantia - que a família no final do século XIX começou a empregar cada vez maior número de criados domésticos irlandeses, e esses criados se revelaram fontes de informações inestimáveis para o Talamasca. O quanto eles podem ter contribuído para nossa percepção da família como irlandesa não é fácil de determinar.

A contratação de criados irlandeses não tinha nada a ver com a identidade irlandesa da família em si. Era a tendência

do bairro naquele período, e muitos desses irlandeses-americanos moravam no chamado Irish Channel, o bairro ribeirinho localizado entre os desembarcadouros do Mississippi e Magazine Street, tendo como sua fronteira sul o Garden District. Alguns deles eram domésticas e cavaleiros que residiam na casa dos patrões, outros vinham trabalhar diariamente ou apenas em certas ocasiões. Em geral, eles não eram tão leais à família Mayfair quanto os criados negros ou mestiços. Da mesma forma, falavam muito mais abertamente do que se passava em First Street do que os criados de décadas anteriores.

No entanto, embora a informação que eles forneceram ao Talamasca seja de extremo valor, trata-se de informação de natureza específica e deve ser examinada com cuidado.

Os criados irlandeses que trabalhavam dentro e ao redor da casa apresentavam a tendência a acreditar em fantasmas, no sobrenatural e no poder das mulheres da família Mayfair no sentido de fazer as coisas acontecerem. Eles eram o que deveríamos chamar de extremamente supersticiosos. Por isso, suas histórias acerca do que viam ou ouviam às vezes beiram o fantástico e, com frequência, contêm passagens com descrições fortes e horripilantes.

Mesmo assim, por motivos óbvios, esse material é altamente significativo. E grande parte do que foi relatado pelos criados irlandeses soa familiar aos nossos ouvidos. Considerando-se todos os aspectos, não é incorreto dizer em resumo que já na primeira década deste século a família Mayfair de First Street se considerava irlandesa, tecendo freqüentes comentários a esse respeito e que seus membros apareciam ao consciente de muitos dos que os conheciam – tanto criados quanto pessoas do seu mesmo nível social – como irlandeses quase estereotipados na sua loucura, excentricidade e queda para o mórbido.

Alguns críticos da família os chamavam de "irlandeses loucos furiosos". E um padre alemão da igreja de Santo Afonso uma vez os descreveu como se existissem num "estado perpétuo de melancolia céltica". Alguns vizinhos e amigos se referiam ao filho de Mary Beth, Lionel, como um "irlandês beberão delirante" e seu pai, Daniel McIntyre, era sem dúvida considerado do mesmo modo por praticamente todos os balconistas de bar em Magazine Street.

Talvez seja possível dizer que, com a morte de "Monsieur Julien" (que era na verdade meio irlandês), a casa de First Street perdeu seu último traço do caráter francês ou de origem francesa. A irmã de Julien, Katherine, e seu irmão, Rémy, já o haviam precedido na morte, da mesma forma que sua filha, Jeannette. Daí em diante, apesar das enormes reuniões de família que incluíam primos falantes do francês às centenas, o núcleo da família era americano, católico, de origem irlandesa.

À medida que os anos se passavam, os ramos falantes do francês perderam também sua identidade crioula, à semelhança de tantas outras famílias da Louisiana. O idioma francês está praticamente extinto em todos os ramos conhecidos. E, à medida que entramos na última década do século XX, é difícil encontrar um descendente da família Mayfair que seja um verdadeiro falante do francês.

Isso nos leva a uma outra observação de crucial importância, que é ignorada com extrema facilidade quando se prossegue com a narrativa. Com a morte de Julien, a família Mayfair pode ter perdido o último membro que realmente conhecia sua história. Não podemos ter certeza disso, mas parece mais do que provável. E, à medida que conversamos mais com os descendentes coletamos mais das suas ridículas lendas sobre os tempos da vida na fazenda, isso passa a parecer uma certeza.

Conseqüentemente, a partir de 1914, qualquer membro do Talamasca que investigasse a família Mayfair não podia deixar de ter em mente que ele ou ela sabia mais acerca da família do que a própria família parecia saber sobre si mesma. E isso gerou considerável confusão e estresse em nossos investigadores.

Antes mesmo da noite de Julien, a questão de tentar ou não um contato com a família havia se tornado premente para a Ordem. Após a morte de Mary Beth, ela se tornou uma questão angustiosa.

Por agora, porém, devemos continuar com nossa história, voltando ao ano de 1891, para podermos focalizar melhor Mary Beth Mayfair, que nos levará até o século XX e que talvez tenha sido a última das Bruxas Mayfair com o verdadeiro poder.

Sabemos mais a respeito de Mary Beth Mayfair do que sobre qualquer outra bruxa Mayfair desde Charlotte. Mesmo assim, quando se examinam todas as informações, Mary Beth permanece sendo um mistério, que se nos revela apenas em ofuscante vislumbres através de histórias contadas por criados e amigos da família.

Somente Richard Llewellyn nos proporcionou um retrato verdadeiramente íntimo e, como já vimos, Richard sabia muito pouco acerca dos interesses comerciais de Mary Beth ou dos seus poderes ocultos. Ela parece tê-lo enganado, como enganou todos ao seu redor, fazendo com que acreditassem que era simplesmente uma mulher forte, quando a verdade é muito mais complexa.

O PROSSEGUIMENTO DA HISTÓRIA DE MARY BETH MAYFAIR

Na semana que se seguiu à morte de Marguerite em 1891, Julien transferiu todos os objetos pessoais de Marguerite de Riverbend para a casa de First Street. Contratando duas carroças para o transporte da mudança, ele levou inúmeros potes e vidros, todos cuidadosamente acondicionados em caixotes, alguns baús de cartas e outros documentos, e cerca de vinte e cinco caixas de livros, bem como alguns baús com uma miscelânea de objetos.

Sabemos que os potes e os vidros foram enfurnados no terceiro andar da casa de First Street, e nunca mais ouvimos falar deles por parte de nenhuma testemunha contemporânea.

Julien tinha seu quarto no terceiro andar nessa época, e foi nesse quarto que morreu, como descreveu Richard Llewellyn. Muitos dos livros de Marguerite, incluindo-se textos obscuros em alemão e em francês tratando de magia negra, foram arrumados nas estantes da biblioteca do térreo.

Mary Beth ficou com o antigo quarto principal da casa, na ala norte, acima da biblioteca, que desde então sempre foi ocupado pela beneficiária do legado. A pequena Belle, talvez jovem demais para demonstrar sinais de debilidade mental, ficou com o primeiro quarto do outro lado do corredor, mas Belle freqüentemente dormia com a mãe nos primeiros anos de vida.

Mary Beth começou a usar a esmeralda Mayfair com regularidade. E pode-se dizer que ela assumiu nessa época seu destino de adulta e de senhora da casa. A sociedade de Nova Orleans certamente passou a tomar maior conhecimento dela, e é nessa época que aparecem os

primeiros documentos públicos de transações comerciais com sua assinatura.

Ela aparece numa série de fotografias usando a esmeralda, e muitas pessoas falavam da jóia, demonstrando admiração. Em muitas dessas fotografias Mary Beth está usando roupas masculinas. Na realidade, dezenas de testemunhas comprovam a afirmação de Richard Liewellyn de que Mary Beth se vestia de homem e que era normal que ela saísse, assim trajada, com Julien. Antes do seu casamento com Daniel McIlrityre, esses passeios incluíam não só os bordéis do French Quarter, como também todo um leque de atividades sociais.

Mary Beth chegou mesmo a aparecer em bailes usando o elegante "fraque e gravata branca" que um homem usaria. Embora a sociedade em geral ficasse escandalizada com esse comportamento, a família Mayfair continuava a preparar o terreno para isso com dinheiro e seu charme. Eles emprestavam dinheiro à vontade aos que dele precisavam durante as várias depressões do pós-guerra. Faziam contribuições quase ostentosas para instituições de caridade e, sob o comando de Clay Mayfair, Riverbend continuava a gerar fortunas com uma abundante colheita de açúcar atrás da outra.

Nesses primeiros anos, a própria Mary Beth parece ter despertado pouca inimizade em desconhecidos. Nem mesmo seus detratores chegaram a descrevê-la como perversa ou cruel, embora ela fosse muito criticada por sua atitude fria sistemática, insensível aos sentimentos alheios e masculinizada.

No entanto, apesar de toda a sua altura e força, Mary Beth não era masculinizada. Grande quantidade de pessoas a descreveu como sensual, e ocasionalmente ela foi

considerada linda. Inúmeras fotografias confirmam as descrições. Ela, vestida de homem causava uma bela impressão, especialmente naqueles primeiros tempos. Mais de um membro do Talamasca observou que, enquanto Stella, Antha e Deirdre Mayfair - sua filha, neta e bisneta respectivamente - eram delicadas mulheres do tipo de beldade sulina, Mary Beth apresentava uma profunda semelhança com as surpreendentes estrelas do cinema americano que vieram depois dela, divas como Ava Gardner e Joan Crawford. Mary Beth também revelava uma forte semelhança, em fotografias, com Jenny Churchill, a famosa mãe de Winston Churchill.

Os cabelos de Mary Beth permaneceram totalmente negros até sua morte, aos cinquenta e quatro anos de idade. Não sabemos sua altura exata, mas podemos supor que chegasse perto de um metro e oitenta. Nunca foi uma mulher pesadona, mas tinha ossos grandes e era muito forte. Caminhava com passos largos. O câncer que a matou só foi descoberto seis meses antes da sua morte, e ela continuou sendo uma mulher "atraente" até as semanas finais, quando afinal se recolheu ao seu quarto para não mais sair.

Não pode haver, porém, a menor dúvida quanto ao fato de Mary Beth ter tido pouquíssimo interesse por sua beleza física. Embora sempre se arrumasse bem, e às vezes surpreendesse num vestido de baile e estola de peles, ninguém jamais a descreveu como sedutora. Na realidade, os que a chamavam de pouco feminina detinham-se a descrever seus modos diretos e bruscos e sua aparente indiferença aos seus consideráveis dotes físicos.

Vale ressaltar que quase todas essas características - a franqueza, a atitude eficiente, a honestidade e a frieza -

foram mais tarde associadas à sua filha Carlotta Mayfair, que não é e nunca foi beneficiária do legado.

Quem gostava de Mary Beth e fazia bons negócios com ela a elogiava por ser uma pessoa prática e generosa, incapaz de mesquinhez. Quem não se dava bem com ela a considerava insensível e desumana. É esse também o caso com Carlotta Mayfair.

Os interesses comerciais de Mary Beth e seu apetite para o prazer serão tratados em detalhe posteriormente. Basta aqui dizer que, nos primeiros tempos, ela determinou o que acontecia na casa de First Street tanto quanto Julien. Muitos jantares em família foram totalmente planejados por ela, e ela convenceu Julien a fazer sua última viagem à Europa em 1896, época em que os dois passearam pelas capitais desde Madri a Londres.

Mary Beth desde a infância compartilhou com Julien o seu amor pelos cavalos, e freqüentemente saía para cavalgar com ele. Os dois adoravam o teatro e assistiam a qualquer tipo de peça, desde as grandes produções shakespearianas até insignificantes apresentações de teatro amador das redondezas. E ambos eram apaixonados pela ópera. Em anos mais recentes, Mary Beth tinha uma Vitrola de algum tipo em praticamente todos os cômodos da casa, e nelas tocava discos de ópera o tempo todo.

Mary Beth parece também ter gostado de morar com muitas pessoas sob o mesmo teto. Seu interesse pela família não se limitava a festas e reuniões informais. Pelo contrário, ela manteve a vida inteira as portas abertas às visitas de primos.

Algumas eventuais descrições da sua hospitalidade sugerem que ela apreciava exercer o poder sobre as

peessoas, que gostava de ser o centro das atenções. No entanto, mesmo nas histórias em que esse tipo de opinião é expressa abertamente, Mary Beth aparece como uma pessoa mais interessada nos outros do que em si mesma. Na verdade, a total ausência de narcisismo ou de vaidade nessa mulher continua a surpreender os que lêem os arquivos. A generosidade, em vez de um desejo de poder, parece ser uma explicação mais acertada para seu relacionamento com a família. (Permitam-nos ressaltar aqui que Nancy Mayfair, filha ilegítima de uma descendente de Maurice Mayfair, foi adotada por Mary Beth e criada com Antha Mayfair como filha de Stella. Nancy morou na casa de First Street até 1988. Era crença geral, mesmo por parte de dezenas de parentes, que ela era mesmo filha de Stella.)

Em 1891, residiam em First Street Rémy Mayfair, que parecia ser anos mais velho do que seu irmão Julien, embora não o fosse, e de quem se dizia que estava morrendo de tuberculose, o que realmente aconteceu em 1897, os filhos de Julien, Barclay, Garland e Cortland, que foram os primeiros membros da família Mayfair a ir estudar em colégios internos na Costa Leste, onde se saíram bem: Millie Mayfair, a única filha de Rémy que nunca se casou; e finalmente, além de Julien e Mary Beth, sua filhinha Belle, que, como já mencionamos, era ligeiramente retardada.

No final do século, já moravam também na casa Clay Mayfair, irmão de Mary Beth, e a inconsolável e renitente Katherine Mayfair, depois da destruição de Riverbend, bem como outros primos de tempos em tempos.

Durante todo esse tempo, Mary Beth foi a senhora incontestada da casa, e foi Mary Beth quem inspirou e realizou uma grande reforma do prédio antes de 1900, ocasião na qual foram acrescentados três banheiros e a iluminação a gás foi levada até o terceiro andar bem como até as

dependências dos domésticos e a duas grandes construções isoladas, uma das quais era um estábulo com acomodações no andar superior.

Embora Mary Beth vivesse até 1925, tendo morrido de câncer em setembro daquele ano, podemos dizer com alguma segurança que ela pouco mudou com o tempo, que suas paixões e prioridades no final do século XIX eram praticamente as mesmas no último ano da sua vida.

Se ela algum dia teve uma amiga íntima ou confidente fora da família, não temos notícia disso. E é bastante difícil descrever seu caráter. É certo que ela nunca foi a pessoa alegre e brincalhona que Julien foi. Ela parecia não ter nenhum desejo de grandes emoções. E, mesmo nas inúmeras reuniões familiares em que dançava e supervisionava as fotografias a serem tiradas e o serviço dos garçons, ela nunca foi descrita como "a alma da festa". Ela parece, sim, ter sido uma mulher forte, tranqüila, com objetivos bem definidos. E é possível que ninguém realmente chegasse a ter intimidade com ela a não ser sua filha Stella. Mas logo chegaremos a essa parte da história.

Até que ponto os poderes ocultos de Mary Beth facilitaram a realização dos seus objetivos é uma pergunta muito significativa. Existe uma variedade de provas que nos ajudam a embasar uma série de suposições acerca do que acontecia nos bastidores.

Para os criados irlandeses que iam e vinham em First Street, ela sempre foi uma "bruxa" ou uma pessoa com poderes do vodu. No entanto, suas histórias divergem substancialmente de outros relatos que possuímos e devem ser consideradas com alguma reserva.

Mesmo assim...

Os criados relatavam com freqüência que Mary Beth descia até o French Quarter para consultar as especialistas em vodu e que possuía no seu quarto um altar em que idolatrava o demônio. Diziam que Mary Beth sabia quando lhe contavam uma mentira, sabia onde a pessoa havia estado, sabia onde estava cada membro da família Mayfair, mesmo aqueles que haviam se transferido para o norte, e sabia a qualquer momento o que essas pessoas estavam fazendo. Diziam que Mary Beth não fazia nenhum esforço no sentido de manter isso em segredo. Diziam também que era a Mary Beth que os criados negros recorriam quando enfrentavam algum problema com as praticantes de vodu da cidade, que Mary Beth sabia que pó usar ou que vela acender para desfazer um feitiço e que ela sabia comandar os espíritos. E Mary Beth declarou mais de uma vez que era nisso que se resumia o vodu: no comando dos espíritos. Todo o resto era só para encher os olhos.

Uma cozinheira irlandesa que trabalhou na casa de quando em quando entre 1895 e 1902 contou despreocupadamente a um dos nossos investigadores que Mary Beth lhe disse que havia no mundo todos os tipos de espíritos, mas que os inferiores eram os mais fáceis de serem comandados e que qualquer um poderia invocá-los se a isso estivesse decidido. Mary Beth tinha espíritos vigiando todos os aposentos da casa e todos os objetos que neles se encontravam. No entanto, Mary Beth recomendou à cozinheira que não tentasse chamar espíritos por si só. Era algo que tinha seus perigos e era melhor que ficasse a cargo de pessoas como Mary Beth que tivessem a capacidade de ver e de sentir os espíritos.

- Dava para se sentir os espíritos direitinho naquela casa - disse a cozinheira. - E bastava entrecerrar os olhos para vê-los. Mas Miss Mary Beth não precisava fazer isso. Ela os via

claros como o dia, o tempo todo. Ela conversava com eles e os chamava pelo nome.

A cozinheira também declarou que Mary Beth bebia conhaque direto da garrafa, mas que não havia problema nenhum nisso porque Mary Beth era uma verdadeira dama, e uma dama podia fazer o que quisesse. Além do mais, ela era gentil e generosa. O mesmo valia para o velho Monsieur Julien, mas esse nem teria pensado em beber conhaque, ou qualquer outra bebida, direto da garrafa. Ele sempre apreciou seu xerez num copo de cristal.

Uma lavadeira relatou que Mary Beth fazia com que as portas se fechassem atrás de si sem que se incomodasse em tocá-las, quando ia passando pela casa. Uma vez pediram à lavadeira que levasse uma cesta de roupa branca dobrada até o segundo andar, mas ela se recusou a subir de tão assustada que estava. Foi então que Mary Beth a repreendeu de um jeito bem-humorado por ser tão boba, e a lavadeira perdeu o medo.

Existem pelo menos quinze relatos diferentes do altar de vodú de Mary Beth, no qual ela queimava incenso e acendia velas de várias cores, e ao qual, de vez em quando, ela acrescentava santos de gesso. Não há, porém, um relato sequer que indique a localização exata desse altar. (É interessante ressaltar que nenhum criado negro a quem se perguntou sobre esse altar jamais pronunciou uma palavra sequer sobre ele.)

Algumas das outras histórias que temos são muito fantasiosas. Disséramos algumas vezes, por exemplo, que Mary Beth não se vestia apenas de homem, que ela se transformava em homem quando saía de terno, com a bengala e o chapéu. E que nessas ocasiões ela era forte o

suficiente para derrotar qualquer outro homem que a atacasse.

Um dia bem cedo pela manhã, quando ela estava cavalgando em St. Charles Avenue sozinha (Julien estava enfermo nessa época e logo morreria), um homem tentou puxá-la de cima do cavalo, instante no qual ela se transformou em homem, quase matou o agressor a socos e depois o arrastou amarrado a uma corda atrás do seu cavalo até a delegacia de polícia. Dizem-nos que muita gente presenciou esse fato. A história era repetida no Irish Channel ainda em 1935. fato que os registros policiais da época indicam a agressão, e a detenção realmente ocorreu em 1914. O homem morreria na cela algumas horas mais tarde.

Há uma outra história sobre uma criada tola que roubou um dos anéis de Mary Beth e acordou na mesma noite no seu quartinho sufocante em Chippewa Street para descobrir Mary Beth debruçada sobre ela, vestida de homem, exigindo que lhe devolvesse o anel imediatamente, o que a mulher fez, só para morrer antes das três horas da tarde do dia seguinte com o choque da experiência.

Essa história nos foi contada uma vez em 1898 e mais uma vez em 1910. Revelou-se impossível investigá-la.

De longe, a história mais valiosa que temos do período mais remoto nos foi contada por um motorista de táxi em 1910. Ele disse que um dia em 1908 apanhou Mary Beth no centro na Rue Royale e que, embora tivesse certeza de que ela entrou no táxi sozinha (tratava-se de um fiacre puxado por cavalos), ele percebeu que ela conversava com alguém durante todo o percurso até a cidade alta. Quando ele abriu a porta para ela diante da parada para veículos em First Street, ele viu um homem bonito com ela no táxi. Ela

parecia estar imersa em conversa com ele, mas parou de falar ao ver o motorista, dando um risinho. Ela entregou duas belas moedas de ouro ao motorista e lhe disse que elas valiam muito mais do que a corrida e que ele as gastasse rapidamente. Quando o motorista procurou o homem para ver se ele saía do táxi na sua companhia, viu que não havia ninguém por ali.

Há grande quantidade de outras histórias de criados relacionadas aos poderes de Mary Beth nos nossos arquivos, mas todas têm um tema em comum - o de que Mary Beth era uma bruxa e revelava seus poderes sempre que ela, seus bens ou sua família estivessem sendo ameaçados. Mais um a vez, porém, devemos ressaltar que as histórias dos criados divergem acentuadamente dos outros materiais de que dispomos. Mesmo assim, se considerarmos todos os campos de atuação de Mary Beth, concluiremos que existem provas convincentes de bruxaria, vindas de outras fontes.

Ao que nos é dado deduzir, Mary Beth tinha três paixões dominantes:

Em primeiro lugar, mas não sendo a de maior importância, estava o desejo de Mary Beth de fazer dinheiro e de envolver membros da sua própria família na construção de uma fortuna imensa. Dizer que ela teve sucesso nisso seria minimizar a verdade. Quase a partir do início da sua vida, ouvimos histórias de tesouros de jóias, de bolsas cheias de moedas de ouro que nunca se esvaziavam, e de Mary Beth jogando moedas de ouro aos pobres ao acaso.

Dizia-se que ela recomendou a muitas pessoas que "gastassem rápido as moedas", alegando que o que saía da sua bolsa mágica sempre voltava para ela. Considerando-se as jóias e as moedas, pode ser que um estudo metódico

de todas as finanças da família Mayfair, a partir de registros de domínio público submetidos à análise de especialistas nessas questões, indicasse que infusões misteriosas e inexplicáveis de dinheiro desempenharam um papel em toda sua história financeira. No entanto, com base no que sabemos, não podemos fazer essa suposição.

Tem maior pertinência a questão do uso por parte de Mary Beth da sua premonição ou de conhecimentos ocultos nos investimentos que fazia. Mesmo um exame superficial das realizações financeiras de Mary Beth sugere que ela era um gênio das finanças. Ela era muito mais interessada em fazer dinheiro do que Julien jamais fora, e possuía um óbvio dom para saber o que ia acontecer antes que acontecesse. Muitas vezes ela advertiu todos os seus colegas acerca de iminentes crises e quebras de bancos, embora eles raramente lhe dessem ouvidos.

Na realidade, a diversificação dos investimentos de Mary Beth desafia as explicações convencionais. Como se diz, ela estava "em todas". Estava diretamente envolvida na intermediação do algodão, em imóveis, transporte marítimo, estradas de ferro, bancos, importação e exportação e, mais tarde, contrabando de bebidas alcoólicas. Ela investia constantemente em iniciativas altamente improváveis que se revelavam de um sucesso espantoso. Ela estava presente como uma das pioneiras em diversas invenções e produtos químicos que lhe renderam fortunas incalculáveis.

Pode-se ir a ponto de dizer que sua história, no papel, não faz sentido. Ela sabia demais num excesso de ocasiões e tirou vantagem exagerada disso. Enquanto os sucessos de Julien, por estupendos que fossem, podiam ser atribuídos ao conhecimento e talento de um homem, é quase impossível explicar o sucesso de Mary Beth em termos tão simplistas. Julien não tinha nenhum interesse, por exemplo, em

invenções modernas, no que dissesse respeito a investimentos. Mary Beth tinha uma paixão definida por equipamentos e tecnologia, e jamais cometeu um erro nessa área. O mesmo valia para o transporte marítimo, ramo sobre o qual Julien conhecia pouco e Mary Beth, muito.

Embora Julien adorasse comprar prédios, incluindo-se fábricas e hotéis, ele jamais adquiriu terras nuas. Já Mary Beth comprou enormes áreas não urbanizadas em todos os Estados Unidos, revendendo-as com lucros inacreditáveis. Na realidade, seu conhecimento de quando e onde cidades grandes e pequenas iriam surgir é totalmente inexplicável.

Mary Beth era muito cautelosa quanto a causar uma imagem favorável da sua fortuna aos outros. Ela ostentava apenas o suficiente para seus próprios objetivos. Conseqüentemente, ela nunca inspirou o pasmo ou a descrença que teriam resultado inevitavelmente se seus sucessos tivessem sido divulgados em sua totalidade. Ela teve, ainda, o cuidado de evitar a publicidade durante toda sua vida. Seu estilo de vida em First Street nunca foi de uma ostentação extraordinária, a não ser pelo fato de ser uma aficionada por automóveis e chegar numa ocasião a ter tantos deles que precisou alugar garagens em toda a vizinhança. Em resumo, a imagem que ela apresentou a Richard Llewellyn, citada em detalhe no capítulo anterior, é praticamente a mesma imagem que apresentava a todos. Pouquíssimas pessoas sabiam quanto dinheiro ou poder possuía.

Existem, de fato, algumas provas de que Mary Beth tinha toda uma atividade empresarial da qual as pessoas não tinham conhecimento, no sentido de que ela comandava uma equipe de funcionários dedicados às finanças com quem se encontrava em escritórios no centro da cidade e que nunca sequer se aproximavam do seu escritório em

First Street. Ainda hoje, fala-se em Nova Orleans dos homens que trabalhavam "no centro" para Mary Beth e de como sua remuneração era generosa. Tratava-se de um "emprego de luxo", no entender de um senhor de idade que se lembra de que um amigo seu costumava fazer longas viagens para Mary Beth, a Londres, Paris, Bruxelas e Zurique, às vezes transportando consigo somas vultosas. As passagens marítimas e a acomodação em hotéis eram sempre de primeira classe, disse esse senhor.

E Mary Beth distribuía bônus com regularidade. Uma outra fonte insiste em que a própria Mary Beth fazia tais viagens com freqüência, sem conhecimento da família, mas não temos como investigar a veracidade disso. Temos, também, cinco histórias diferentes de como Mary Beth se vingou de quem tentou enganá-la. Uma história conta como seu secretário, Landing Smith, fugiu com trezentos mil dólares em dinheiro vivo de Mary Beth, embarcando num vapor para a Europa sob identidade falsa, perfeitamente convencido de não ter sido descoberto. Três dias depois de partir de Nova York, ele acordou no meio da noite para descobrir Mary Beth sentada ao seu lado na cama. Ela não só tirou dele o dinheiro como também o surrou energicamente com seu chicote de cavalgar, deixando-o sangrando e meio enlouquecido no chão do camarote, onde o camareiro de bordo o encontrou mais tarde. Ele confessou tudo imediatamente, mas Mary Beth não foi encontrada no navio, nem o dinheiro. Essa história saiu nos jornais locais, embora a própria Mary Beth se recusasse a confirmar ou a negar que houvesse ocorrido algum roubo.

Uma outra história, relatada por dois senhores idosos no ano de 1955, descreve uma reunião que foi realizada em uma das empresas de Mary Beth com o objetivo de que a firma se tornasse independente dela e a ludibriassem com uma série de manobras perfeitamente legais. A reunião já

havia passado da metade quando todos à mesa perceberam que Mary Beth estava sentada ali entre eles.

Mary Beth disse-lhes simplesmente o que pensava deles, cortou seus laços com a empresa, que logo faliu. Os descendentes dos envolvidos desprezam a família Mayfair até os dias de hoje por essa tragédia.

Uma ramificação da família Mayfair, descendentes de Clay Mayfair que atualmente vivem em Nova York, não quer ter nada a ver com os Mayfair de Nova Orleans em decorrência de uma complicação semelhante com Mary Beth, ocorrida em 1919.

Mary Beth estava aparentemente investindo muito no setor bancário em Nova York nessa época. Surgiu, porém, uma divergência entre ela e um primo. Para resumir, ele não acreditava que o plano de ação de Mary Beth fosse dar certo. Ela achava que daria. Ele procurou sabotar seu plano sem que ela soubesse. Ela apareceu em Nova York, no escritório desse primo, arrancou das mãos dele os documentos pertinentes e os jogou para o alto. Eles se incendiaram no ar e queimaram antes de tocarem o chão. Ela então avisou ao primo que, se ele tentasse enganar gente do seu próprio sangue outra vez, ela o mataria. Ele passou a partir daí a contar essa história compulsivamente a qualquer um que quisesse ouvir, destruindo sua reputação e sua vida profissional. As pessoas achavam que ele havia enlouquecido. Ele cometeu suicídio saltando da janela do seu escritório três meses após a visita de Mary Beth. Até os dias de hoje, a família culpa Mary Beth pela morte e fala dela e dos seus descendentes com ódio.

Deve-se salientar que esses parentes de Nova York têm excelente situação. Stella procurou uma aproximação amigável com eles em diversas ocasiões. Eles, porém,

insistem em que Mary Beth usava a magia negra em todas as suas transações. No entanto quanto mais eles falam com nossos representantes, mais fica claro para nós que eles realmente conhecem muito pouco a família de Nova Orleans, da qual se originam, e que têm uma idéia muito mesquinha das transações de Mary Beth.

É claro que é comum ter-se uma noção muito reduzida das transações de Mary Beth. Como mencionamos anteriormente, ela era muito eficiente em manter em segredo seu imenso poder e influência.

Para o Talamasca, no entanto, certas histórias de Mary Beth amaldiçoando um lavrador que não quis lhe vender um cavalo parecem de um total absurdo quando se sabe que na mesma época Mary Beth estava comprando ferrovias na América do Sul e investindo em chá da Índia, além de estar adquirindo enormes áreas de terra em volta da cidade de Los Angeles, Califórnia.

Algum dia, quem sabe, alguém escreva um livro sobre Mary Beth Mayfair. Está tudo ali nos arquivos. No ponto em que se encontram as coisas, porém, o Talamasca parece ser o único grupo de pessoas estranhas à família que sabe que Mary Beth Mayfair ampliou sua influência e poder financeiros em termos globais, que ela construiu um império financeiro tão vasto, tão forte e tão diversificado que sua lenta demolição ainda está em curso nos dias de hoje.

Contudo, todo o assunto das finanças da família Mayfair merece mais atenção do que podemos lhe dar. Se aqueles que conhecem bem essas questões fossem fazer um estudo meticuloso da história completa da família Mayfair e aqui estamos nos referindo a documentos públicos à disposição de qualquer um com dedicação suficiente para procurar por eles - é possível que percebessem argumentos muito fortes

no sentido de terem sido usados poderes ocultos através dos séculos para o acúmulo e a expansão da fortuna. As jóias e as moedas de ouro poderiam representar uma parte ínfima nisso.

Infelizmente, não dispomos do conhecimento necessário para esse tipo de estudo. E, considerando-se o que já sabemos, Mary Beth se revela muito superior a Julien como empresária e é quase certo que nenhum ser humano poderia ter realizado, sozinho, sem o auxílio do sobrenatural, tudo o que ela realizou.

Concluindo, Mary Beth deixou sua família muito mais rica do que a maioria dos seus membros jamais chegou, aparentemente, a saber ou a avaliar. E essa fortuna permanece até os dias de hoje.

A segunda paixão de Mary Beth era a família. Desde o início da sua vida empresarial ativa, ela envolveu seus primos (ou irmãos) Barclay, Garland, Cortland e outros parentes nas suas transações. Ela os admitia nas empresas que formava e usava advogados e banqueiros da família nos seus negócios. Na realidade, ela usou parentes nas suas atividades empresariais sempre que pôde, em lugar de desconhecidos. Ela também exercia enorme pressão sobre outros membros da família Mayfair para que agissem da mesma forma. Quando sua filha Carlotta Mayfair foi trabalhar para um escritório de advocacia que não pertencia à família, ela ficou decepcionada e não aprovou a idéia, mas não adotou nenhuma atitude punitiva ou restritiva em decorrência dessa decisão de Carlotta. Ela deixou que se soubesse que Carlotta estava sendo vítima de falta de visão.

Com relação a Lionel e Stella, Mary Beth era de uma tolerância notória, e permitia que seus amigos se

hospedassem na casa por dias ou semanas a fio. Ela os mandava à Europa com preceptores e governantas sempre que ela própria estava ocupada demais para ir. E comemorava seus aniversários com festas extravagantes, de enormes dimensões, para as quais eram convidados inúmeros primos. Era igualmente generosa com sua filha Belle, sua filha adotiva Nancy e com Millie Dear, sua sobrinha, que continuaram todas vivendo em First Street após a morte de Mary Beth, embora elas próprias fossem beneficiárias de grandes fundos que lhes proporcionavam uma inquestionável independência financeira.

Mary Beth mantinha contato com parentes espalhados por todo o país e promoveu numerosas reuniões informais com os primos da Louisiana. Mesmo após a morte de Julien e até bem perto do crepúsculo da sua vida, serviam-se nessas ocasiões bebidas e comidas deliciosas, com Mary Beth supervisionando pessoalmente o cardápio e a prova do vinho. Era freqüente que se contratassem músicos para animar as festas.

Eram muito comuns em First Street imensos jantares de família. E Mary Beth pagava salários fabulosos para obter as melhores profissionais para sua cozinha. Muitos relatos indicam que os primos adoravam ir a First Street, que adoravam as longas conversas após o jantar (descritas por Richard Llewellyn) e que devotavam grande afeto a Mary Beth, que possuía um misterioso talento para se lembrar de aniversários, de aniversários de casamento e datas de formatura, e que mandava presentes em dinheiro adequados à comemoração e muito bem-vindos.

Como mencionado anteriormente, quando era jovem, Mary Beth gostava de dançar com Julien nessas festas de família, e estimulava a dança entre os jovens e os velhos, contratando às vezes professores para ensinar os últimos

passos aos primos. Ela e Julien divertiam as crianças com suas lépidas palhaçadas. E às vezes os conjuntos musicais que traziam do Quarter escandalizavam os parentes mais sérios. Após a morte de Julien, Mary Beth já não dançava tanto, mas adorava ver os outros dançando e quase sempre proporcionava alguma música.

Nos seus últimos anos de vida, essas festas eram organizadas por sua filha Stella

e seu filho Lionel, que eram animadíssimos.

Os parentes não eram apenas convidados para essas reuniões, esperava-se que comparecessem. E Mary Beth foi às vezes desagradável com quem se recusava a aceitar seus convites. Existem duas histórias de Mary Beth ter ficado profundamente irritada com membros da família que abandonaram o sobrenome Mayfair, trocando-o pelo sobrenome do pai.

Algumas histórias que recolhe mos entre amigos da família indicam que Mary Beth tanto era amada quanto temida pelos primos. Enquanto Julien, especialmente na velhice, era considerado terno e encantador, Mary Beth era considerada uma pessoa ligeiramente difícil.

Algumas histórias revelam que Mary Beth podia prever o futuro, mas que não gostava de usar esse poder. Quando lhe pediam que fizesse uma previsão ou que ajudasse alguém a tomar uma decisão, ela costumava prevenir os parentes envolvidos no sentido de que a "intuição" não era uma coisa simples E que a previsão do futuro podia ser "complexa". Mesmo assim, de vez e quando ela fazia prognósticos. Ela disse, por exemplo, a Maitland Mayfair, filho de Clay, que ele morreria se começasse a voar de avião, e ele morreu. A mulher de Maitland, Therese, culpou

Mary Beth pela sua morte. Mary Beth não deu a mínima importância.

- Eu avisei, não avisei? Se ele não tivesse entrado no maldito avião, não estaria lá para sofrer o acidente.

Os irmãos de Maitland ficaram tresloucados com sua morte e imploraram a Mary Beth que tentasse impedir esse tipo de acontecimento se pudesse, ao que ela respondeu que poderia tentar e que o faria na próxima vez que alguma coisa desse tipo lhe chamasse a atenção. Mais uma vez, ela avisou que essas forças são complexas. Em 1921, o filho de Maitland, Maitland Junior, queria participar de uma expedição na selva africana, desejo contra o qual sua mãe Therese demonstrava forte oposição. Esta recorreu a Mary Beth pedindo-lhe que convencesse o rapaz a não ir ou que fizesse uma previsão.

Mary Beth considerou a questão por muito tempo e depois explicou com seu estilo simples e direto que o futuro não era predeterminado, mas apenas previsível. Sua previsão era de que o rapaz morreria se fosse para a África, mas, se ficasse, algo pior poderia acontecer. Maitland Junior mudou sozinho de idéia quanto à expedição, ficou em casa e morreu num incêndio daí a seis meses. (Ele estava alcoolizado e fumava na cama.) No enterro, Therese aproximou-se de Mary Beth e quis saber por que Mary Beth não impedia que esses horrores acontecessem. Mary Beth respondeu, num tom quase despreocupado, que ela previu a história toda, sim, mas que não havia muito o que pudesse fazer para alterar a previsão. Para alterá-la, ela teria de modificar Maitland Junior e não era essa sua missão na vida. Além do mais, ela havia tentado, sem sucesso, conversar com Maitland inúmeras vezes, mas ela sem dúvida lamentava muito o acontecido e desejava que os primos parassem de lhe pedir que previsse o futuro.

- Quando examino o futuro - alega-se ter Mary Beth dito - tudo o que vejo é como a maioria das pessoas é fraca e como se esforça pouco para lutar contra o destino ou a má sorte. Cada um pode lutar, sabia? Pode mesmo. Mas Maitland não ia mudar nada mesmo. - Ela então deu de ombros, ao que diz a história, e saiu do cemitério de Lafayette com seus característicos passos largos.

Therese ficou horrorizada com essas palavras. Ela nunca perdoou Mary Beth pelo seu "envolvimento" (?) na morte do marido e do filho. E até o dia da sua morte, ela afirmava que uma aura de maldade cercava a casa de First Street, e que, qualquer que fosse o poder da família Mayfair, ele só funcionava para os escolhidos. (Essa história nos foi contada por uma amiga da irmã de Therese, Emilie Blanchard, que morreu em 1935. Uma versão abreviada nos foi transmitida por uma pessoa estranha à família que por acaso ouviu a conversa no cemitério e procurou se inteirar do assunto. Ainda uma terceira versão foi repetida para nós por uma freira que estava presente no cemitério. E a concordância entre as três versões quanto ao que Mary Beth teria dito torna essa uma das imagens mais vigorosas dela, embora reduzida. As duas mortes envolvidas foram noticiadas nos jornais.)

Existem inúmeras outras histórias sobre Mary Beth, suas previsões, conselhos e atos semelhantes. Todas são muito parecidas. Mary Beth desaconselhava certos casamentos, e seu conselho sempre se revelava correto.

Ou Mary Beth aconselhava as pessoas a entrarem em certos empreendimentos, e tudo funcionava às mil maravilhas. No entanto, tudo aponta para o fato de ser Mary Beth muito cautelosa quanto a esse poder e de ela não gostar de previsões diretas. Dispomos de uma outra citação sua a respeito dessa questão, feita ao vigário da paróquia, que

mais tarde a relatou a seu irmão, um policial, que aparentemente se lembrou dela por ter considerado a idéia interessante.

Mary Beth teria dito ao padre que qualquer indivíduo forte poderia mudar o futuro para inúmeros outros, que isso acontecia o tempo todo. Dado o número de seres humanos vivos neste mundo, essas pessoas eram tão raras que a previsão do futuro se tornava ilusoriamente simples.

- Quer dizer que possuímos o livre arbítrio, pelo menos isso a senhora admite - disse o padre.

- Claro que possuímos - retrucou Mary Beth. - Na realidade, é absolutamente crucial que exerçamos nosso livre arbítrio. Nada é predeterminado. E graças a Deus não há muita gente forte que desestabilize o esquema previsível, pois são tantos os mal intencionados que provocam a guerra e a catástrofe quantos são os visionários que fazem o bem aos outros.

Quanto às atitudes da família com relação a Mary Beth, muitos parentes, aos olhos dos seus amigos tagarelas, percebiam haver algo de estranho entre Mary Beth e Monsieur Julien, e a decisão de recorrer ou não a eles em tempos difíceis era uma questão presente em todas as gerações. Considerava-se que recorrer a eles tinha vantagens, mas sem dúvida envolvia riscos. Uma descendente de Lestan Mayfair, por exemplo, que engravidou sendo solteira, pediu ajuda a Mary Beth e, embora recebesse muito dinheiro para ajudá-la com a criança, mais tarde se convenceu de que Mary Beth provocou a morte do pai irresponsável.

Dizia-se que um outro parente, um dos favoritos de Mary Beth, que foi condenado por agressão depois de uma briga

de bêbados numa boate do French Quarter, tinha mais medo da censura e da punição de Mary Beth do que de qualquer tribunal. Ele recebeu um tiro fatal quando tentava escapar da cadeia. E Mary Beth não permitiu a que ele fosse enterrado no cemitério de Lafayette.

Mais uma parente infeliz, Louise Mayfair, que era mãe solteira e deu à luz Nancy Mayfair (que Mary Beth adotou e acolheu como filha de Stella) em First Street, morreu dois dias após o parto, e circularam muitas histórias de que Mary Beth, revoltada com o comportamento da moça, a deixou morrer sozinha e sem atendimento médico.

No entanto, as histórias dos poderes ocultos, ou de perversidades, de Mary Beth voltados contra a família são relativamente poucas. Mesmo quando se considera a reserva da família, a relutância da maioria dos parentes de fazer qualquer tipo de mexerico sobre a família do legado fosse com quem fosse, simplesmente não há muitos indícios de que Mary Beth fosse uma bruxa ao lidar com gente do seu próprio sangue. Mais do que isso, ela era uma matriarca. Quando usava seus poderes, era quase sempre com relutância. E temos inúmeras indicações de que muitos parentes não acreditavam naquelas "superstições bobas" repetidas acerca de Mary Beth por criados, vizinhos e ocasionalmente por parentes. Eles consideravam ridícula a história da bolsa de moedas de ouro.

Culpavam criados supersticiosos por essas histórias, considerando que elas eram um resquício dos românticos tempos da fazenda, e se queixavam dos mexericos da vizinhança e da paróquia.

Sempre vale ressaltar que a grande maioria das histórias acerca dos poderes de Mary Beth realmente provém dos criados.

Levando-se tudo em consideração, a crença familiar indica que Mary Beth era amada e respeitada por sua família e que ela não dominava a vida ou as decisões das pessoas, a não ser para exercer alguma pressão no sentido de que demonstrassem alguma lealdade familiar; que ela, apesar de alguns erros dignos de nota, escolheu entre os parentes excelentes candidatos para iniciativas empresariais, e que eles confiavam nela, a admiravam e gostavam de trabalhar com ela. Aqueles com quem trabalhava eram mantidos na ignorância das suas realizações absurdas e é possível que tenha mantido outros na ignorância dos seus poderes ocultos, também. Ela gostava de estar com a família num estilo simples e descomplicado.

Vale também ressaltar que as crianças pequenas da família adoravam Mary Beth. Ela foi fotografada dezenas de vezes com Stella, Lionel, Belle, Millie Dear, Nancy e uma infinidade de outras criancinhas ao seu redor. E todos os domingos, durante anos a fio, o gramado sul da propriedade de First Street ficou coberto de crianças caindo, jogando bola e brincando de pique enquanto os adultos cochilavam lá dentro após o almoço.

A terceira grande paixão ou obsessão da vida de Mary Beth, ao que pudéssemos determinar, foi sua procura do prazer. Como vimos anteriormente, ela e Julien gostavam de dançar, de festas, do teatro e assim por diante. Mary Beth teve também muitos amantes.

Embora os membros da família mantenham absoluta reserva a respeito desse assunto, os mexericos de criados, que muitas vezes nos chegam de segunda ou terceira mão através de amigos da família do criado, são a maior fonte desse tipo de informação. Os vizinhos também falavam de "rapazes bem apessoados" , que estavam sempre por ali sem fazer nada, supostamente empregados em funções

para as quais eram totalmente desqualificados. E a história de Richard Llewellyn acerca do jovem cocheiro irlandês presenteado com um Stutz Bearcat foi confirmada pela simples verificação dos registros de licenciamento. A doação de outros presentes caros, às vezes saques bancários de somas generosas, também indica que esses rapazes de bela aparência fossem amantes de Mary Beth. Pois não há outra explicação do motivo pelo qual ela daria cinco mil dólares de presente de Natal a um cocheiro que na realidade não conseguia controlar uma parelha ou para um quebra galho incapaz de martelar um prego sem ajuda.

É interessante ressaltar que, quando todas as informações sobre Mary Beth são examinadas como um todo, temos mais histórias sobre seus apetites sensuais do que sobre qualquer outro aspecto da sua vida. Em outras palavras, histórias sobre seus amantes, uma predileção pelo vinho, pela boa mesa e pela dança superam de longe (de dezessete a um) as histórias sobre seus poderes ocultos ou sobre sua capacidade para ganhar dinheiro.

No entanto, quando se observam todas as numerosas descrições do amor de Mary Beth pelo vinho, pela boa mesa, pela música, pela dança e pelos seus parceiros na cama, vê-se que ela se comportava mais como um homem daquela época no que dizia respeito a esses aspectos, apenas satisfazendo seus desejos como um homem faria, sem pensar muito nas convenções ou na respeitabilidade.

Em suma, não há nada de estranho no seu comportamento se ele for encarado a partir desse ponto de vista. É claro, porém, que as pessoas não o encaravam assim, e consideravam sua busca do prazer misteriosa e até mesmo sinistra. Ela ainda aumentava essa impressão de mistério com sua atitude despreocupada para com o que fazia, bem como com sua recusa a dar importância às reações

superficiais dos outros. Mais de um primo mais chegado implorou que ela se "comportasse" (ou foi isso o que os criados disseram), e mais de uma vez Mary Beth não fez caso da sugestão.

Quanto ao seu hábito de se travestir, ela fez isso por tanto tempo e tão bem que praticamente todo mundo se acostumou. Nos seus últimos anos de vida, ela costumava sair com seu terno de tweed e sua bengala para caminhar pelo Garden District por horas a fio. Ela nem se incomodava mais em prender o cabelo para cima, ou escondê-lo com um chapéu. Apenas fazia um coque ou torcia o cabelo e as pessoas nem prestavam atenção à sua aparência. Ela era Miss Mary Beth para criados e vizinhos num raio de quarteirões de casa, caminhando com a cabeça ligeiramente baixa e com passos muito largos, e acenando com indiferença para todos os que a cumprimentavam.

Quanto aos seus amantes, o Talamasca praticamente não descobriu nada sobre eles. Aquele de quem mais sabemos foi um jovem primo, Alain Mayfair, e nem é certo que ele tenha sido amante de Mary Beth. Ele trabalhou para ela como secretário ou motorista, ou nas duas funções, de 1911 até 1913, mas esteve freqüentemente na Europa por longos períodos. Tinha vinte e poucos anos na época. Era muito bonito e falava francês muito bem, mas não com Mary Beth, que preferia o inglês. Houve algum desentendimento entre ele e Mary Beth em 1914, mas aparentemente ninguém sabe o que foi. Ele partiu, então, para a Inglaterra, juntou-se às forças que combatiam na Primeira Guerra Mundial e morreu em combate. Seu corpo nunca foi encontrado. Mary Beth realizou um imenso serviço fúnebre em sua memória na casa de First Street.

Kelly Mayfair, um outro primo, também trabalhou para Mary Beth em 1912 e 1913 e continuou a seu serviço até 1918.

Era um rapaz de surpreendente beleza, ruivo, de olhos verdes (sua mãe era irlandesa de nascimento). Ele cuidava dos cavalos de Mary Beth e, ao contrário de outros rapazes que Mary Beth mantinha, realmente sabia o que fazia na sua função. A alegação de ele ter sido amante de Mary Beth baseia-se totalmente no fato de eles dançarem juntos em muitas reuniões da família e de mais tarde terem muitas brigas ruidosas que eram ouvidas por criadas, lavadeiras e até mesmo limpadores de chaminés.

Mary Beth também doou uma imensa soma em dinheiro a Kelly para que ele pudesse tentar a sorte como escritor. Ele foi para Greenwich Village em Nova York com esse dinheiro, trabalhou algum tempo como repórter para o New York Times, e morreu congelado num apartamento sem calefação enquanto estava bêbado, no que pareceu ser um acidente. Era seu primeiro inverno em Nova York, e ele podia não ter compreendido os perigos. Fosse qual fosse o caso, Mary Beth ficou tresloucada com sua morte, mandou que o corpo fosse trazido de volta a Nova Orleans e enterrado corretamente, embora os pais de Kelly estivessem tão desgostosos com o ocorrido que se recusaram a comparecer ao enterro. Ela mandou inscrever três palavras na sua lápide "Não receie mais". E essa pode ser uma referência aos famosos versos de Shakespeare em Cymbelint, "Não receies mais o calor do sol, nem os ataques furiosos do inverno". No entanto, não sabemos ao certo. Ela se recusou a explicar os dizeres ao agente funerário e mesmo aos gravadores da lápide.

Os outros "rapazes bem-apessoados" que provocaram tantos mexericos nos são desconhecidos. Dispomos apenas de descrições superficiais que indicam serem todos eles muito bonitos e o que se poderia chamar de "violentos". As criadas e cozinheiras permanentes sempre desconfiavam desses rapazes e demonstravam ressentimento com relação

a eles. A maioria dos relatos sobre eles não diz nada em essência quanto ao fato de serem ou não amantes de Mary Beth.

Esses relatos são aproximadamente como se segue. "E então lá estava um daqueles rapazes dela, você sabe, um daqueles bonitões que ela sempre mantinha por perto, e não me pergunte para quê. Ele estava sentado na escada da cozinha, sem fazer nada a não ser passar o tempo, em lamúrias, sabe, e eu lhe pedi que levasse a cesta de roupa suja para baixo, mas ele não ia se rebaixar a isso, você bem pode imaginar, só que é claro que ele teve de pegar a cesta porque ela entrou na cozinha bem nessa hora, e ele não ia ousar fazer nada para se indispor com ela, disso você pode ter certeza. E ela lhe deu um dos seus sorrisos, sabe, e disse "Olá, Benjy".

Quem sabe? Talvez Mary Beth só gostasse de olhar para eles. O que sabemos ao certo é que a partir do dia em que conheceu Daniel McIlrityre, ela o amou e cuidou dele, embora ele tenha certamente começado seu papel na história da família como amante de Julien. Apesar da história de Llewellyn, sabemos que Julien conheceu Daniel McIlrityre por volta de 1896 e que ele começou a entregar um grande volume de negócios importantes nas mãos de Daniel, que era um advogado promissor num escritório de Carrip Street fundado pelo tio de Daniel uns dez anos antes.

Quando Garland Mayfair se formou em direito em Harvard, foi trabalhar nesse mesmo escritório, sendo mais tarde seguido por Cortland, e os dois trabalharam com Daniel McIntyre até este último ser nomeado juiz em 1905. As fotografias de Daniel dessa época revelam que ele era claro, magro e de cabelo louro avermelhado. Ele era quase bonito, não muito diferente de um amante mais recente de Julien, Richard Llewellyn, e não muito diferente do moreno Victor

que morreu ao cair debaixo das rodas de uma carruagem. A estrutura facial dos três homens era extraordinariamente bela e dramática, e Daniel ainda tinha a vantagem dos olhos verdes de um brilho notável.

Mesmo nos últimos anos da sua vida, quando estava muito mais pesado e tinha o rosto constantemente vermelho de tanto beber, Daniel McIlrityre ainda recebia elogios pelos olhos verdes.

O que sabemos do início da sua vida não apresenta nenhuma originalidade. Ele era descendente dos "irlandeses antigos", ou seja, os imigrantes que vieram para a América muito antes da grande escassez de batatas da década de 1840, e é duvidoso que algum dos seus antepassados tenha sido pobre.

Seu avô, um corretor de apostas que se tornou milionário por seu próprio esforço, construiu uma casa esplêndida em Julia Street na década de 1830, na qual cresceu o pai de Daniel, Sean McIlrityre, caçula de quatro filhos. Sean McIlrityre era um médico de renome até morrer de repente de um ataque cardíaco aos quarenta e oito anos de idade.

A essa altura, Daniel já exercia a advocacia e havia se mudado com a mãe e uma irmã solteira para uma mansão em St. Charles Avenue, na parte alta da cidade, onde morou até a morte da mãe. Nenhuma das duas residências da família McIlrityre continua de pé.

Daniel era na opinião de todos um brilhante advogado empresarial, e numerosos registros dão conta de que ele aconselhou Julien bem numa variedade de negócios. Ele também representou Julien com sucesso em alguns processos cíveis de importância crucial. Temos uma pequena história muito interessante que nos foi contada

anos depois por um escrivão da firma, segundo a qual num desses processos Julien e Daniel tiveram uma discussão horrível, durante a qual Daniel teria repetido muitas vezes, "Ora, Julien, deixem-me tratar esse assunto pelas vias legais!" E Julien teria retrucado repetidamente, "Está bem, se você está tão decidido a agir assim. Mas eu lhe digo que eu poderia sem muito esforço fazer esse homem desejar não ter nascido".

Os registros públicos também indicam que Daniel era extremamente imaginativo em encontrar meios para Julien fazer as coisas que queria fazer e para ajudá-lo a descobrir informações sobre as pessoas que a ele se opunham nos negócios.

No dia 11 de fevereiro de 1897, quando a mãe de Daniel morreu, ele se mudou da mansão de St. Charles Avenue na cidade alta, deixando sua irmã aos cuidados de enfermeiras e criadas, e passou a residir numa suíte de quatro aposentos luxuosa e cheia de ostentação no antigo St. Louis Hotel. Ali ele começou a viver "como um rei", segundo os mensageiros, garçons e motoristas de táxi que recebiam enormes gorjetas de Daniel e lhe serviam caríssimas refeições no seu salão com vista para a rua.

Julien Mayfair era a visita mais freqüente a Daniel McIlrityre e muitas vezes passava a noite na sua suíte. Se essa ligação gerou inimizade ou censura por parte de Garland ou de Cortland, não temos notícia disso. Os dois entraram como sócios da firma de McNityre, Murphy, Murphy & Mayfair e, após a aposentadoria dos dois irmãos Murphy e a nomeação de Daniel para juiz, Cortland e Cortland ficaram com a firma Mayfair & Mayfair. Nas décadas mais recentes, eles dedicaram todas as suas energias à administração da fortuna Mayfair e foram quase sócios de Mary Beth em muitos empreendimentos, embora houvesse outros

negócios nos quais Mary Beth se envolveu sobre os quais Garland e Cortland aparentemente nada sabiam.

A essa altura, Daniel já bebia em excesso, e há inúmeros relatos de que membros da equipe do hotel tiveram de ajudá-lo a chegar à sua suíte. Cortland também o mantinha sob vigilância constante e, anos mais tarde, quando Daniel comprou um automóvel, era Cortland quem sempre se oferecia a levar Daniel para casa para que ele não se matasse nem matasse alguma outra pessoa. Cortland parece ter gostado muito de Daniel e foi seu defensor diante do restante da família, papel que, com o passar dos anos, exigiu cada vez mais dele. Não temos nenhuma comprovação de que Mary Beth tivesse jamais conhecido Daniel durante esse período inicial. Ela já era uma empresária em atividade, mas a família possuía uma infinidade de advogados e contatos, e nós não dispomos de nenhum testemunho de que Daniel tivesse um dia vindo à casa de First Street. Pode ter sido que ele se sentisse envergonhado pelo seu relacionamento com Julien e fosse um pouquinho mais puritano a respeito dessas coisas do que os outros amantes de Julien haviam sido.

Ele foi sem dúvida o único dos amantes de Julien de que tivemos notícia que teve uma carreira profissional própria. Seja qual for a explicação, ele conheceu Mary Beth Mayfair no final de 1897, e a versão de Richard Llewellyri desse encontro em Storyville, é a única que temos. Não sabemos se os dois se apaixonaram ou não, como insistia Llewellyri, mas sabemos, sim, que Mary Beth e Daniel começaram a aparecer juntos em numerosas reuniões sociais.

Mary Beth a essa altura estava com cerca de vinte e cinco anos de idade e era de extrema independência. Não era também nenhum segredo que a pequena Belle, a filha do misterioso Lorde Mayfair da Escócia, tinha algum problema

mental. Embora fosse muito meiga e amável, era óbvio que Belle não conseguia aprender as coisas mais simples e apresentava reações emocionais ao longo de toda a sua vida como se tivesse apenas quatro anos de idade, ou era assim que os primos descreviam seu caso. As pessoas hesitavam em usar o termo débil mental.

Todos sabiam naturalmente que Belle não seria uma beneficiária adequada para o legado pois não poderia se casar. E os primos naquela época debatiam essa questão abertamente.

Uma outra tragédia também era assunto para conversas: a destruição, pelo rio, da fazenda de Riverbend.

A casa, construída por Marie Claudette antes do início do século, estava situada num cabo que se projetava no caminho do rio, e em algum momento do ano de 1896 ficou claro que o rio estava determinado a arrastá-lo. Tudo foi tentado, mas nada pôde ser feito. O dique teve de ser construído por trás da casa e, afinal, ela teve de ser abandonada. O terreno à sua volta foi se encharcando lentamente. E então, numa noite, a própria casa desmoronou no terreno pantanoso e uma semana depois havia desaparecido como se nunca tivesse existido.

Era óbvio que Mary Beth e Julien consideravam o fato uma tragédia. Houve em Nova Orleans muitos comentários sobre os engenheiros que consultaram, no esforço de impedir a catástrofe. E um papel importante nisso tudo era o de Katherine, a mãe idosa de Mary Beth, que não queria se mudar para Nova Orleans para a casa que Darcy Monalihan havia construído para ela décadas antes.

Finalmente, Katherine teve de ser sedada para a mudança para a cidade e, como mencionado anteriormente, ela

nunca se recuperou do choque, e logo enlouqueceu, passando a perambular pelos jardins de First Street, a conversar o tempo todo com Darcy, à procura de sua mãe, Marguerite, e revirando sem parar as gavetas para tentar encontrar objetos que alegava ter perdido. Mary Beth a tolerava. Ouviu-se uma vez ela dizer, para grande espanto do médico ali presente, que ela fazia com prazer o que podia pela mãe, mas que não considerava a mulher ou sua aflição "de interesse especial", e desejava que houvesse algum medicamento que pudesse acalmá-la.

Julien estava ali na hora em que isso foi dito, e naturalmente achou essa atitude divertida, caindo num dos seus desconcertante ataques de riso. Ele compreendia, porém, o espanto do médico e explicou que a principal virtude de Mary Beth era que ela sempre dizia a verdade, sem se importar com as conseqüências.

Se realmente deram algum "medicamento" a Katherine, não temos notícia disso. Ela começou a perambular pelas ruas por volta de 1898, e um jovem mulato foi contratado apenas para segui-la. Morreu na cama em First Street, num quarto dos fundos, em 1905, na noite do dia 2 de janeiro, para ser exato, e ao que pudemos saber nenhuma tormenta, nem nenhum acontecimento extraordinário, assinalou sua morte. Ela estava em coma há dias, segundo os criados, e Mary Beth e Julien estavam ao seu lado quando expirou.

No dia 15 de janeiro de 1899, numa grande cerimônia realizada na igreja de Santo Afonso, Mary Beth casou-se com Daniel McIlrityre. É interessante ressaltar que até essa ocasião a família havia freqüentado a igreja de Notre Dame (a igreja francesa da paróquia de três igrejas), mas para o casamento optou pela igreja irlandesa e daí em diante usou a igreja de Santo Afonso para todos os serviços. Daniel

parece ter mantido um bom relacionamento com os padres irlandeses-americanos da paróquia e ter sido generoso em seu apoio à igreja. Ele também tinha uma prima na Ordem das Irmãs da Misericórdia que ensinava na escola paroquial.

Parece seguro, portanto, supor que a mudança para a igreja irlandesa teria sido idéia de Daniel. É também seguro supor que Mary Beth era quase indiferente quanto a essa questão, embora ela costumasse freqüentar a igreja com seus filhos, sobrinhos e sobrinhos netos, apesar de não se poder saber qual era sua opinião a respeito. Julien nunca ia à igreja, a não ser para os casamentos, cerimônias fúnebres e batizados de costume. Ele também parece ter preferido Santo Afonso ao templo mais modesto de Notre Dame.

O casamento de Daniel e Mary Beth foi, como já mencionamos, um enorme acontecimento. Realizou-se uma recepção deslumbrante na casa de First Street, com primos vindo até de Nova York. A família de Daniel, embora muito menor do que a família Mayfair, também estava presente; e, segundo disseram todos, o casal estava profundamente apaixonado e feliz. Dançou-se e cantou-se até altas horas da noite.

O casal viajou para Nova York em lua-de-mel, e de lá para a Europa, onde permaneceu quatro meses, interrompendo a viagem em maio porque Mary Beth já estava grávida.

Na verdade, Carlotta Mayfair nasceu sete meses e meio após o casamento dos pais, em 10 de setembro de 1899. Em 2 de novembro do ano seguinte, 1900, Mary Beth deu à luz Lionel, seu único filho homem. E finalmente, em 10 de outubro de 1901 nasceu sua última filha, Stella.

É claro que essas crianças eram todas filhas legítimas de Daniel McIlrityre, mas no âmbito deste relato podemos

perguntar justificadamente quem teria sido seu verdadeiro pai. Há provas inquestionáveis, tanto de registros médicos quanto de fotografias, que indicam ter Daniel McIlrityre sido pai de Carlotta Mayfair. Não foram só os olhos-verdes que ela herdou de Daniel. Ela também herdou dele seus lindos cabelos cacheados, de um louro avermelhado.

Quanto a Lionel, ele também apresentava o mesmo tipo sangüíneo de Daniel McIlrityre e também lembrava Daniel, embora tivesse grande semelhança com sua mãe, com os mesmos olhos escuros dela e sua "expressão", especialmente à medida que foi crescendo.

Quanto a Stella, seu tipo sangüíneo, segundo os registros da autópsia superficial a que foi submetida em 1929, indicam que ela não poderia ter sido filha de Daniel McIlrityre. Sabemos que essa informação chegou ao conhecimento de sua irmã Carlotta na ocasião. Na verdade, foram os comentários acerca do pedido de Carlotta para saber o tipo sangüíneo da irmã que chamaram a atenção do Talamasca para a questão.

Talvez seja supérfluo acrescentar que Stella não apresentava nenhuma semelhança com Daniel. Pelo contrário, ela lembrava Julien, com seus ossos delicados, cabelos negros encaracolados e olhos escuros muito brilhantes, se não cintilantes.

Como não temos a informação do tipo sangüíneo de Julien, nem sabemos se ele algum dia foi registrado, não podemos somar esse fragmento de informação ao caso.

Stella poderia ser filha de qualquer um dos amantes de Mary Beth, embora não saibamos se ela teve algum amante no ano que antecedeu o nascimento de Stella. É fato que os mexericos acerca dos amantes de Mary Beth surgiram mais

tarde, mas isso pode significar apenas que ela foi ficando mais descuidada sob esse aspecto, com o passar dos anos.

Uma outra possibilidade explícita seria Cortland Mayfair, o segundo filho de Julien, que na época do nascimento de Stella estava com vinte e dois anos e era um rapaz muito atraente. (Seu tipo sangüíneo foi afinal obtido em 1959 e é compatível.) Ele residia esporadicamente na casa de First Street, já que estava estudando direito em Harvard e só se formaria em 1903. Era do conhecimento de todos que ele gostava muito de Mary Beth e que ele toda a sua vida teve um interesse especial pela família do legado.

Infelizmente para o Talamasca, Cortland foi durante a maior parte da sua vida, um homem muito reservado e misterioso. Mesmo entre seus irmãos e seus filhos, ele era conhecido como uma pessoa solitária que detestava qualquer tipo de mexerico fora da família. Ele adorava ler e tinha uma espécie de gênio para os investimentos. Ao que saibamos, ele nunca teve um confidente. Mesmo as pessoas que lhe eram mais íntimas dão versões contraditórias acerca do que Cortland fez, quando e por que motivo.

O único aspecto desse homem a respeito do qual todos têm certeza é o da sua dedicação à administração do legado e a fazer dinheiro para si mesmo, para seus irmãos e filhos e para Mary Beth. Seus descendentes estão entre os mais ricos do clã Mayfair até os dias de hoje.

Quando Mary Beth morreu, foi Cortland quem impediu Carlotta Mayfair de praticamente dismantelar o império financeiro da sua mãe, ao assumir total controle sobre ele em nome de Stella, que era de fato a beneficiária, e não estava se importando com o que acontecesse com ele desde que pudesse agir ao seu bel-prazer.

A própria Stella confessou que não "dava a mínima para o dinheiro". E, ignorando os desejos de Carlotta, ela colocou todos os seus interesses nas mãos de Cortland. Cortland e seu filho, Sheffield, continuaram a administrar o grosso da fortuna em nome de Antha, após a morte de Stella.

Deveríamos salientar aqui, no entanto, que, depois da morte de Mary Beth, seu império começou a desmoronar. Nenhum indivíduo poderia jamais assumir seu lugar. E embora Cortland tenha feito um magnífico trabalho de consolidação, investimentos e conservação, aquela expansão vertiginosa dos tempos de Mary Beth realmente chegou ao fim.

Voltando, porém, à nossa preocupação principal aqui, há outros indícios de que Cortland teria sido pai de Stella. A mulher de Cortland, Amanda Grady Mayfair, sentia uma profunda aversão por Mary Beth e pela família Mayfair inteira, e nunca acompanhava Cortland em suas visitas à casa de First Street. Isso não impedia Cortland de fazer visitas ali o tempo todo, ele também levava seus cinco filhos até lá, de tal modo que eles cresceram conhecendo muito bem a família do pai.

Amanda acabou se separando de Cortland quando seu filho caçula, Pierce Mayfair, terminou Harvard em 1935, deixando Nova Orleans para sempre e indo viver com sua irmã mais nova, Mary Margaret Grady Harris, em Nova York.

Em 1936, Amanda contou a um dos nossos investigadores num coquetel (havia sido organizado um encontro "casual") que a família do marido era voltada para o mal, que se ela fosse dizer a verdade sobre a família, as pessoas a considerariam louca, e que ela nunca mais voltaria ao sul para ficar com aquela gente, por mais que seus filhos lhe implorassem que o fizesse. Algum tempo depois, naquela mesma noite, quando estava totalmente embriagada, ela

perguntou ao nosso investigador, cujo nome ela desconhecia, se ele acreditava que as pessoas pudessem vender a alma ao diabo. Ela disse que era isso o que o marido havia feito, que ele era "mais rico do que o Rockefeller", da mesma forma que ela e os filhos.

- Eles irão todos arder no inferno um dia - disse-lhe ela. - Disso pode ter certeza.

Quando nosso investigador perguntou se ela realmente acreditava nesse tipo de coisa, ela respondeu que havia bruxas vivas no mundo moderno com a capacidade de lançar feitiços.

- Eles podem fazer com que você acredite que está em algum lugar quando não está, que está vendo coisas quando não há nada a ser visto. Fizeram isso com meu marido. E sabe por quê? Porque meu marido é um bruxo, um bruxo poderosíssimo. Não use termos mais amenos como "mago". Não faz diferença. O homem é mesmo um bruxo. Eu vi o que ele pode fazer.

Ao lhe ser perguntado à queima-roupa se o marido lhe havia causado algum mal, a mulher de Cortland disse (a esse suposto desconhecido) que não, que tinha de confessar que não. Era mais a conduta que ele tolerava nos outros, tudo a que ele fechava os olhos e em que acreditava. Ela começou então a chorar e a dizer que sentia falta do marido e que não queria mais falar nisso.

- Mas vou lhe dizer o seguinte - prosseguiu ela, quando estava ligeiramente recuperada. - Se eu quisesse que meu marido viesse ter comigo hoje à noite, ele viria. Não posso lhe dizer como conseguiria, mas ele poderia se materializar bem nesta sala. Toda a família dele consegue fazer esse tipo de coisa. Eles podiam enlouquecer uma pessoa com isso.

Mas eu lhe digo que ele apareceria nesta mesma sala. Às vezes, ele aparece para mim em algum lugar quando não quero que ele esteja ali. E eu não consigo fazer com que vá embora.

A essa altura, a senhora foi socorrida por uma sobrinha da família Grady, e mais nenhum contato foi realizado até alguns anos mais tarde. Mais uma circunstância atesta um vínculo muito próximo entre Cortland e Stella. É que, após a morte de Julien, Cortland levou Stella e seu irmão Lionel para a Inglaterra e em visita à Stella por bem mais de um ano. Cortland já tinha cinco filhos na época, e todos eles ele deixou com sua mulher. No entanto, parece ter sido dele a idéia da viagem. Ele se encarregou inteiramente dos preparativos e prolongou enormemente o passeio de tal modo que o grupo ficou ausente de Nova Orleans por um ano e meio.

Depois da Guerra Mundial, Cortland mais uma vez deixou mulher e filhos para viajar um ano inteiro com Stella. E ele parece ter sempre estado do lado de Stella nas brigas de família.

Em suma, essas evidências naturalmente não são conclusivas, mas indicam sem dúvida que Cortland poderia ter sido o pai de Stella. Mas, afinal de contas, Julien, apesar da sua idade avançada, também podia ter sido o pai. Simplesmente não sabemos.

Fosse o caso qual fosse, Stella foi a "filha preferida" desde o instante do seu nascimento. Daniel McIntyre certamente parece tê-la amado como se fosse sua própria filha, e é perfeitamente possível que ele nunca tenha sabido que não era.

Da primeira infância das três crianças, sabemos muito pouco que seja específico, e o relato de Richard Llewellyn é o que temos de mais íntimo. À medida que as crianças cresciam, no entanto, havia cada vez mais comentários sobre desavenças. Quando Carlotta quis estudar interna no Sagrado Coração aos quatorze anos de idade, todos sabiam que era contra a vontade de Mary Beth e que Daniel ficou inconsolável e queria que a filha viesse para casa mais vezes do que ela costumava vir. Carlotta nunca foi descrita como uma criança feliz por ninguém. Até os dias de hoje, porém, é difícil obter informações a seu respeito porque ela ainda vive e muitas pessoas que a conheceram há

cinquenta anos têm um medo extremo dela e da sua influência, revelando muita relutância em dizer absolutamente qualquer coisa a seu respeito.

As pessoas que se dispõem a falar são as que mais a detestam. Possivelmente, se as outras não sentissem tanto medo, nós pudéssemos ouvir algo que equilibrasse sua imagem.

Seja como for, Carlotta era admirada pela sua inteligência desde quando era apenas uma menina. Ela chegou a ser chamada de gênio pelas freiras que lhe davam aulas. Estudou interna no Sagrado Coração até o segundo grau, e foi estudar direito em Loyola quando ainda era muito jovem. Enquanto isso, Lionel começou a freqüentar a escola tradicional aos oito anos de idade. Ele parece ter sido um menino tranquilo e bem comportado que nunca deu trabalho a ninguém. As pessoas pareciam gostar dele. Ele dispunha de um preceptor para ajudá-lo com os deveres de casa e, com o passar do tempo, ele se tornou algo como um aluno extraordinário. No entanto, ele nunca fez amizades fora da família. Seus primos eram seus únicos companheiros quando ele não se encontrava na escola.

A história de Stella teve diferenças acentuadas desde o início. Ao que todos diziam, Stella era uma criança especialmente encantadora e interessante. Tinha os cabelos negros, sedosos e ondulados, e olhos negros enormes. Quando se observam as inúmeras fotografias dela desde 1901 até sua morte em 1929, parece impossível imaginar que ela vivesse em qualquer outra época, tão adequados ao seu tempo eram seus quadris finos, sua boca pequena, vermelha, formando biquinho, e seu cabelo cortado curto. Nas primeiras fotos, ela é a imagem da bela criança dos anúncios do sabonete Pears, uma pequena tentação de pele muito branca, com um olhar profundo apesar de brincalhão para o espectador. Aos dezoito anos, ela já era Clara Bow.

Na noite da sua morte, de acordo com muitas testemunhas oculares, ela era uma

femme fatale de uma força inesquecível, a dançar animada o charleston no seu vestido curto de franjas e meias cintilantes, dardejando os olhos enormes brilhantes como pedras preciosas para todos e para ninguém enquanto atraía a atenção de cada homem ali presente.

Quando Lionel passou a freqüentar a escola, Stella implorou permissão para ir também, ou foi isso o que ela mesma contou às freiras do Sagrado Coração. No entanto, três meses após sua admissão como aluna externa, ela foi expulsa de forma discreta e não oficial. Os comentários davam conta de que ela assustava as outras alunas. Ela lia seus pensamentos e se divertia demonstrando esse poder. Ela também conseguia empurrar as pessoas de um lado para o outro sem tocar nelas. Tinha ainda um senso de humor imprevisível e costumava rir daquilo que as freiras diziam que ela considerasse mentiras deslavadas. Sua conduta acabrunhava Carlotta, que não conseguia controlá-la, embora todos afirmassem que Carlotta também gostava

de Stella e fazia todos os esforços possíveis para convencer Stella a se adequar aos modelos aceitos.

Pode ser surpreendente descobrir que, apesar de tudo isso, as freiras e as crianças do Sagrado Coração gostavam de fato de Stella. Muitas colegas de classe lembram-se dela com carinho e até mesmo com prazer. Quando não estava armando alguma brincadeira, ela era "encantadora", meiga", absolutamente "adorável", uma "doçura de menina". Mas ninguém agüentava ficar perto dela muito tempo.

Em seguida, Stella freqüentou a academia das ursulinas o tempo suficiente para fazer sua primeira comunhão com a turma, mas foi expulsa imediatamente depois, no mesmo estilo discreto e informal e mais ou menos pelas mesmas queixas. Dessa vez, ela aparentemente ficou arrasada por ter sido mandada para casa, pois considerava a escola muito divertida e não gostava de ficar em casa o dia inteiro com a mãe e tio Julien sempre dizendo que estavam ocupados. Ela queria brincar com outras crianças. Suas governantas a irritavam. Ela queria sair.

Stella freqüentou, então, outras quatro escolas particulares, passando não mais de três ou quatro meses em cada uma antes de terminar na escola paroquial de Santo Afonso, onde ela era a única, em meio ao corpo de alunos do proletariado irlandês-americano, a chegar todos os dias à escola numa limusine Packard com motorista.

A irmã Bridget Marie - uma freira nascida na Irlanda que viveu no Hospital da Misericórdia em Nova Orleans até completar noventa anos lembrava-se nitidamente de Stella, mesmo cinqüenta anos mais tarde, e contou a este investigador em 1969 que Stella Mayfair era indubitavelmente algum tipo de bruxa. Mais uma vez, Stella

foi acusada de ler o pensamento, de rir quando as pessoas mentiam para ela, de lançar objetos ao ar apenas com a força da sua mente, e de conversar com um amigo invisível, "um espírito protetor", segundo a irmã Bridget Marie, que obedecia a Stella, o que compreendia encontrar objetos perdidos e fazer coisas voarem pelo ar afora.

No entanto, a manifestação desses poderes por parte de Stella não era de forma alguma constante. Ela muitas vezes tentava se comportar por longos períodos. Gostava de ler, de história e de inglês. Gostava de brincar com as outras meninas no pátio da escola em St. Andrew Street, e gostava muito das freiras. As irmãs descobriam que se deixavam seduzir por Stella. Elas permitiam que a menina entrasse no jardim do convento para cortar flores com elas ou deixavam que ela viesse ao salão depois da escola para lhe ensinarem bordado, o que Stella fazia muito bem.

- Você sabe o que ela pretendia? Pois eu lhe conto. Cada irmã naquele convento acreditava que Stella era sua amiguinha especial. Ela levava as pessoas a acreditar nisso. Ela lhe contava pequenos segredos seus como se nunca os houvesse contado a mais ninguém. E ela sabia tudo sobre cada uma, sabia, sim. Ela sabia de coisas que nunca se havia contado a ninguém, e ela costumava conversar com as pessoas sobre seus segredos, seus medos e coisas que sempre se quis contar a alguém, e com isso ela fazia com que as pessoas se sentissem melhor. E mais tarde, horas depois, ou talvez até dias depois, quando a pessoa pensava naquilo tudo, lembrava-se de como havia sido estar ali sentada no jardim conversando baixinho com ela, tinha-se certeza de que ela era uma bruxa! Ela era do demônio. E o que pretendia não podia ser bom.

- Mas não era malvada, isso eu devo confessar. Não era má. Se fosse, teria sido um monstro, aquela ali. Só Deus sabe o

mal que poderia ter feito. Não creio que realmente quisesse causar problemas. Era só que ela sentia um prazer secreto em possuir aqueles poderes, se o senhor me compreende. Ela gostava de saber nossos segredos. Gostava de ver a expressão de perplexidade que fazíamos quando ela nos dizia que sonho que havíamos tido na noite anterior.

- E como Stella mergulhava fundo nas coisas. Ela costumava passar semanas a fio fazendo desenhos o dia todo e um dia jogava fora os lápis e nunca mais desenhava nada. Depois, o negócio era o bordado. Ela precisava aprender a bordar, fazia um trabalho belíssimo, irritando-se com o mais ínfimo dos erros, para depois abandonar as agulhas e não querer mais saber de bordar. Nunca vi uma criança tão instável. Era como se estivesse procurando alguma coisa, alguma coisa a que se pudesse entregar, e nunca a encontrava. Pelo menos, não enquanto era menina.

- Vou lhe contar uma coisa que ela gostava de fazer, da qual nunca se cansava: era de contar histórias para as outras meninas. Todas se reuniam ao seu redor durante o recreio, e ela mantinha sua atenção presa a cada palavra que dizia até a campainha soar. E as histórias que ela lhes contava! Histórias de assombrações das velhas casas de fazenda, cheias de segredos horríveis, pessoas assassinadas de forma abominável e vodu nas ilhas muitos anos atrás.

Ela conhecia histórias de piratas. Ai, essas eram as piores, as com que ela contava dos piratas. Era decididamente chocante. E tudo isso parecia verdade quando se ouvia Stella contar. Mas nós sabíamos que ela devia estar inventando. O que ela podia saber dos pensamentos e sentimentos de um grupo de pobres coitados num galeão capturado nas horas antes de um pirata brutal mandar que eles se jogassem ao mar.

- Mas ouça o que lhe digo, algumas das coisas que ela dizia eram interessantíssimas, e eu sempre quis perguntar a uma outra pessoa acerca do assunto, sabe, alguém que tivesse lido os livros de história e realmente soubesse.

- Mas as meninas tinham pesadelos com as coisas que ela lhes contava, e não era de se imaginar que os pais viessem nos perguntar, "E agora, irmã, onde foi que minha menina ouviu falar numa coisa dessas!"

- Vivíamos chamando Miss Mary Beth. Pedíamos que segurasse a menina em casa alguns dias. Pois era esse o caso com Stella. Ninguém a agüentava o tempo todo. Ninguém agüentava.

- E graças a Deus, ela costumava se cansar da escola e desaparecer por sua própria vontade por meses a fio.

- Às vezes, demorava tanto que achávamos que ela nunca mais fosse voltar. Ouvíamos falar que ela corria solta lá para os lados de First e Chestnut, brincando com os filhos dos criados e fazendo um altar de vodu com o filho da cozinheira, esse aí preto como carvão, pode ter certeza, e nós pensávamos, bem, alguém devia ir até lá falar com Miss Mary Beth a respeito da menina.

- E de repente, o que acontece um dia de manhã, talvez por volta das dez? Porque a menina nunca se importou com a hora de vir para a escola. A limusine aparece na esquina de Constance e Saint Andrew e dela salta Stella, de uniforme, uma perfeita boneca, se é que o senhor pode imaginar, com uma enorme fita no cabelo. E o que ela trazia a não ser uma bolsa cheia de presentes bem embrulhados para cada uma das irmãs que ela conhecia pelo nome, e abraços para todas nós, sim, pode ter certeza. "Irmã Bridget Marie", sussurrava ela no meu ouvido. "Senti saudades suas." E pode acreditar

em mim, eu abria a caixa, posso lhe dizer que isso aconteceu mais de uma vez, e ali estava alguma coisinha que eu queria do fundo do coração. Ora, uma vez foi um pequeno Menino Jesus de Praga que ela me deu, todo vestido em cetim e seda e outra vez, um rosário lindíssimo de prata e cristal. Ah, que criança! Que criança estranha!

- Mas Deus quis que ela parasse de freqüentar a escola com o passar dos anos. Uma preceptora dava aulas para ela o tempo todo, e eu acho que ela se cansou da escola de Santo Afonso. Diziam que ela podia mandar o motorista levá-la para onde bem entendesse. Ao que eu me lembre, Lionel também não fez o segundo grau. Ele começou a sair por aí com Stella, e parece que foi nessa época ou pouco depois que o velho Sr Julien faleceu.

- Como aquela menina chorou no enterro! Nós não fomos ao cemitério, é claro, nenhuma das irmãs ia naquele tempo. Mas comparecemos à missa, e lá estava Stella, debruçada no banco da igreja, só soluçando, e Carlotta abraçada com ela. Sabe, depois que Stella morreu, diziam que Carlotta jamais gostou da irmã. Mas Carlotta nunca foi má com Stella. Nunca. E eu me lembro da missa por Julien, do jeito que Carlotta abraçava a irmã, e Stella só fazia chorar.

- Miss Mary Beth, essa parecia estar em algum tipo de transe. Era uma dor profunda o que se via nos seus olhos quando ela acompanhou o caixão na saída da igreja. Os filhos estavam com ela, mas seu olhar era distante. Claro que o marido não estava com ela, não, aquele não. O juiz McIlrityre nunca estava ao seu lado quando ela precisava dele, ou pelo menos foi o que eu soube. Ele estava bêbado como um gambá quando o Sr Julien se foi. Não conseguiram nem acordá-lo, apesar de o sacudirem, de lhe jogarem água fria e de o arrancarem da cama para pô-lo de pé. E no dia do enterro, o homem não estava em canto algum. Eu soube

depois que ele foi carregado para casa de uma taberna em Magazine Street. É incrível que aquele homem tenha vivido tanto quanto viveu. A visão da irmã Bridget Marie do afeto de Carlotta por Stella foi corroborada por outras testemunhas, embora é claro que Richard Llewellyn teria discordado. Dispomos de alguns relatos do enterro de Julien, e em todos eles menciona-se que Carlotta estava abraçada à irmã e que até lhe enxugava as lágrimas. Nos meses que se seguiram à morte de Julien, Lionel abandonou de vez a escola, e ele e Stella foram para a Europa, com Cortland e Barclay, fazendo a travessia do Atlântico num grande vapor de luxo apenas meses antes da eclosão da Primeira Guerra.

Como um passeio pelo continente europeu era praticamente impossível, o grupo passou algumas semanas na Escócia, visitando o castelo de Donnelaith, e depois partiu em direção a climas mais exóticos. Expondo-se a riscos consideráveis, eles foram para a África, passaram algum tempo no Cairo e em Alexandria e seguiram dali para a Índia, mandando para casa inúmeros engradados de tapetes, imagens e outras relíquias à medida que iam avançando.

Em 1915, Barclay, sentindo muita saudade da família e cansado de tanto viajar, deixou o grupo e fez a perigosa travessia de volta a Nova York. O Lusitânia acabava de ser afundado por um submarino alemão, e a família ficou aflita pela sua segurança, mas ele logo apareceu na casa de First Street com histórias fabulosas para contar.

As condições não eram nem um pouco melhores seis meses depois, quando Cortland, Stella e Lionel resolveram voltar para casa. No entanto, vapores de luxo faziam a travessia apesar de todos os perigos, e os três conseguiram fazer a viagem sem problemas, chegando a Nova Orleans pouco antes do Natal de 1916.

Na época, Stella estava com quinze anos de idade.

Numa fotografia tirada naquele ano, Stella está usando a esmeralda Mayfair. Era de conhecimento geral que ela era a beneficiária do legado. Mary Beth parecia sentir por ela um orgulho extraordinário e a chamava de "intrépida" por suas ousadias. E, embora ficasse decepcionada por Lionel não querer voltar a estudar para poder chegar a Harvard, Mary Beth parecia aceitar seus filhos como eram. Carlotta tinha um apartamento só para ela num dos anexos de First Street e ia para Loyola University todos os dias num automóvel com motorista.

Qualquer um que passasse por Chestnut Street à noite podia ver, pela janela, a família sentada à mesa de jantar, uma enorme reunião servida por muitos criados e que sempre durava até bem tarde. A lealdade familiar sempre tornou muito difícil para que nós determinássemos o que os primos realmente achavam de Stella, ou o que eles de fato sabiam sobre seus problemas na escola.

A essa altura, porém, há muitas menções registradas de Mary Beth comentando quase distraidamente com criados que Stella era a herdeira, ou que "Stella era a que ia herdar tudo", e até mesmo a surpreendente afirmação, uma das mais notáveis de todos os nossos arquivos, citada duas vezes e fora de contexto: "Stella viu o homem".

Não temos nenhuma indicação de Mary Beth ter jamais explicado essa estranha declaração. Sabemos apenas que ela a fez a uma lavadeira chamada Mildred Collins e uma criada irlandesa chamada Patrícia Devlin, e os relatos nos chegaram através de terceiros. Ainda chegamos à conclusão de não existir concordância entre os descendentes dessas duas mulheres quanto ao que a famosa Miss Mary Beth quis dizer com essas palavras. Uma

pessoa acreditava que "o homem" fosse o diabo. Já uma outra, que ele era um "fantasma" que assombrava a família há centenas de anos.

Fosse o caso qual fosse, parece estar claro que Mary Beth fazia esses comentários em tom bastante indiferente em momentos de intimidade com suas criadas. Temos a impressão de que ela estava lhes fazendo uma confidência, talvez num momento de entendimento com elas, que não podia ou não queria fazer a pessoas do seu próprio nível social.

E é muito possível que Mary Beth tenha feito comentários semelhantes a outras pessoas, pois já em 1920 os velhos no Irish Channel sabiam da existência "do homem". Eles falavam "do homem". Duas fontes simplesmente não são suficientes para explicar a extensão dessa suposta "superstição" acerca das mulheres da família Mayfair, a de que elas teriam um misterioso "aliado ou espírito masculino" que as ajudava com seu vodu, suas bruxarias ou suas artimanhas.

Sem dúvida, consideramos ser essa uma referência inconfundível a Lasher, cujas implicações são perturbadoras. Isso nos lembra como compreendemos pouco acerca das Bruxas Mayfair e o que acontecia, por assim dizer, entre elas. Seria possível, por exemplo, que a herdeira a cada geração tivesse de manifestar seu poder ao ver o homem sozinha? Ou seja, ela teria de ver o homem quando estivesse só e afastada da bruxa mais velha que poderia atuar como um canal? E seria exigido que ela por sua própria vontade mencionasse o que havia visto?

Mais uma vez, devemos confessar que não temos como saber.

O que realmente sabemos é que as pessoas que tinham conhecimento "do homem" e que falavam dele aparentemente não o associavam a nenhuma figura antropomórfica de cabelos escuros que houvessem visto pessoalmente. Elas nem mesmo associavam "o homem" ao ser misterioso visto uma vez com Mary Beth num táxi, pois as histórias vêm de fontes totalmente distintas e nunca foram reunidas por ninguém, ao que saibamos, a não ser por nós.

E o mesmo ocorre com grande parte do material sobre a família Mayfair. As referências que surgem mais tarde ao misterioso homem de cabelos escuros de First Street não são associadas a esses comentários anteriores sobre "o homem". Na verdade, nem mesmo pessoas que sabiam "do homem" e que mais tarde viram o desconhecido de cabelos escuros por ali não fizeram essa associação, acreditando que essa pessoa que haviam visto fosse simplesmente algum estranho ou algum parente que não conheciam.

Observe-se o depoimento da irmã Bridget Marie em 1969, quando lhe perguntei especificamente sobre "o homem".

- Ali, isso. Bem, esse era o companheiro invisível que acompanhava aquela criança dia e noite. O diabo em pessoa, eu poderia acrescentar, que mais tarde acompanhava sua filha Antha, sempre ali para atender os pedidos da menina. E ainda mais tarde, a pobrezinha da Deirdre, a mais doce e inocente de todas elas. Não me pergunte se eu de fato vi a criatura. Deus é testemunha de que eu não sei se algum dia o vi, mas posso lhe dizer, o que já repeti ao padre muitas vezes, que eu sabia quando ele estava por perto!

É muito provável, porém, que naquela época Lasher não tivesse muita vontade de ser visto por gente de fora da

família. E é certo que não temos nenhum relato dele se mostrar deliberadamente a ninguém nessa época, enquanto mais tarde, como já mencionei, temos uma boa quantidade desse tipo de relato.

Voltando à ordem cronológica. Após a morte de Julien, Mary Beth chegou ao topo das suas realizações e da sua influência financeira. Era como se a perda de Julien a houvesse deixado compulsiva, e por algum tempo os boatos e os mexericos diziam que ela estava "infeliz". Isso, porém, não durou. Ela parece ter recuperado sua serenidade característica muito antes de as crianças voltarem da viagem.

Sabemos que ela teve uma briga curta e áspera com Carlotta antes que esta entrasse para o escritório de advocacia da Byrnes, Brown & Blake, no qual ela trabalha até os dias de hoje. No entanto, Mary Beth afinal aceitou a decisão de Carlotta de ir trabalhar "fora da família", e o pequeno apartamento de Carlotta nos altos da estrebaria foi totalmente reformado para ela. Ali ela viveu muitos anos, entrando e saindo sem ter de passar pela casa.

Sabemos também que Carlotta fazia suas refeições todos os dias com sua mãe, o

café da manhã no terraço dos fundos quando o tempo permitia, e o jantar na sala de jantar às sete.

Quando lhe perguntavam por que motivo não entrou para o escritório da Mayfair & Mayfair, com os filhos de Julien, sua resposta era geralmente tensa e curta, dizendo que queria ser independente.

Desde o início da sua carreira, ela foi conhecida como advogada brilhante, mas jamais teve o desejo de entrar

num tribunal e até hoje trabalha à sombra dos homens do escritório.

Seus difamadores a descreveram como nada mais do que uma escrituraria de luxo. Já depoimentos mais amenos parecem indicar que ela se tornou a "espinha dorsal" da Byrnes, Brown & Blake. É ela quem sabe de tudo e, na sua falta, o escritório vai enfrentar dificuldades para encontrar alguém que a substitua. Muitos advogados de Nova Orleans alegam ter Carlotta lhes ensinado mais do que eles jamais aprenderam na faculdade de direito. Em suma, pode-se dizer que ela começou como advogada cível brilhante e eficiente, o que continua sendo, com um conhecimento tremendo e totalmente confiável do direito comercial.

Afora sua desavença com Carlotta, a vida de Mary Beth seguiu seu curso previsível quase até o final. Nem mesmo o alcoolismo de Daniel McIntyre pareceu tê-la afetado muito.

As histórias da família atestam que Mary Beth foi extremamente gentil com Daniel nos últimos anos das suas vidas. A partir deste ponto, a história das Bruxas Mayfair passa a ser realmente a história de Stella, e nós trataremos da doença terminal de Mary Beth e de sua morte no momento adequado.

CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE STELLA E MARY BETH

Mary Beth continuou a aproveitar seus três principais interesses na vida bem como a extrair muito prazer das loucuras de sua filha Stella, que aos dezesseis anos de idade se tornou uma espécie de escândalo na sociedade de Nova Orleans, dirigindo automóveis a toda velocidade,

bebendo em bares clandestinos e dançando até o dia clarear.

Durante oito anos, Stella levou a vida de uma melindrosa ou de uma jovem sulista irresponsável, totalmente desligada de preocupações empresariais, de idéias de casamento ou de qualquer outro futuro. E embora Mary Beth fosse a bruxa mais calada e misteriosa jamais produzida pela família, Stella parece ter sido a mais despreocupada, a mais solta, a mais ousada e a única bruxa Mayfair totalmente voltada para "a diversão".

As lendas de família dão conta de que Stella era detida o tempo todo por excesso de velocidade ou por perturbação da ordem com suas cantorias e danças no meio da rua, e de que "Miss Carlotta sempre dava um jeito", indo apanhar Stella, para trazê-la para casa. Há alguns mexericos no sentido de que Cortland às vezes se impacientava com sua "sobrinha", exigindo que ela se corrigisse e prestasse mais atenção às suas "responsabilidades", mas Stella não sentia o menor interesse pelo dinheiro ou pelos negócios.

Uma secretária da firma Mayfair & Mayfair descreve em detalhes uma das visitas de Stella ao escritório, quando ela apareceu num exuberante casaco de peles e saltos muito altos, com uma garrafa de uísque clandestino num saco de papel pardo, da qual ela bebia durante a reunião, rindo descontroladamente com todos aqueles estranhos termos jurídicos que estavam sendo lidos em voz alta para ela, relacionados à transação em pauta.

Cortland parecia estar encantado, mas também um pouco cansado. Afinal, num tom complacente, ele disse a Stella que seguisse para seu almoço pois ele se encarregaria de tudo.

Se algum dia existiu uma pessoa que não considerasse Stella "atraente" e "fascinante" nesse período, à exceção de Carlotta Mayfair, não ouvimos falar dessa pessoa.

Em 1921, Stella aparentemente "engravidou", mas de quem ninguém jamais viria a saber. Poderia ter sido de Lionel, e é certo que as lendas de família indicam ter sido essa a suspeita de todos.

Seja qual for o caso, Stella declarou que não precisava de marido, não se interessava pelo casamento como instituição, e teria seu bebê com toda a pompa e cerimônia, já que estava felicíssima com a perspectiva de ser mãe. Ela chamaria o bebê de Julien, se fosse menino, ou Antha, se fosse menina.

Antha nasceu em novembro de 1921, uma menina saudável de quase quatro quilos. Exames de sangue indicam que Lionel poderia ter sido o pai. Antha, porém, não lembrava Lionel de forma alguma, se é que a semelhança prova alguma coisa. E há simplesmente algo de errado com a idéia de Lionel ser o pai.

Falaremos mais disso à medida que prossigamos.

Em 1922, a Primeira Guerra estava terminada, e Stella declarou que pretendia fazer a excursão por toda a Europa, que lhe havia sido negada antes. Com uma babá para o bebê, Lionel a reboque com grande relutância (estava estudando direito com Cortland e não queria viajar) e Cortland, feliz de tirar uma folga do escritório, embora sua mulher não aprovasse sua decisão, o grupo viajou em primeira classe para a Europa e passou um ano inteiro passeando por lá.

Stella era agora uma moça de beleza extraordinária com uma reputação de fazer o que bem entendesse. Cortland, à

medida que ia envelhecendo, parecia-se cada vez mais com seu pai, Julien, com a diferença de que seus cabelos permaneceram negros até o final da sua vida. Nas fotografias, Cortland aparece esguio e bonito nessa época. Eram freqüentes os comentários sobre a semelhança entre ele e Stella,

De acordo com os mexericos dos descendentes de Cortland, a viagem pela Europa foi uma bebedeira só do início ao fim, com Stella e Lionel jogando nos cassinos de Monte Carlo por semanas a fio. Por toda a Europa eles passaram pelos hotéis de luxo, pelos museus e ruínas antigas, freqüentemente levando suas garrafas de Bourbon em saquinhos de papel pardo. Até hoje, os netos de Cortland falam das cartas que ele escrevia para casa, cheias de descrições humorísticas das suas palhaçadas. Chegava também uma infinidade de presentes para Amanda, a mulher de Cortland, e para seus filhos.

As lendas de família também sustentam que o grupo passou por uma tragédia enquanto estava no estrangeiro. A babá que os acompanhava para cuidar de Antha ainda bebê foi acometida por algum, tipo, de “colapso” enquanto eles estavam na Itália e sofreu uma queda fatal as colinas de Roma. Ela morreu no hospital horas após a queda.

Apenas recentemente nossos investigadores conseguiram lançar alguma luz sobre esse incidente, com a descoberta de um simples registro escrito (em italiano) sobre o ocorrido, encontrado no Hospital da Sacra Família em Roma. O nome da mulher era Bertha Marie Becker. E nós verificamos que ela era meio irlandesa, meio alemã, nascida em Nova Orleans no Irish Channel em 1905.

Ela deu entrada com graves ferimentos na cabeça e entrou em coma cerca de duas horas depois, da qual não mais

acordou.

Antes disso, no entanto, ela falou bastante com o médico que sabia falar inglês que foi chamado para atendê-la e com o padre, que também falava a mesma língua, que chegou mais tarde.

Ela declarou aos médicos que Stella, Lionel e Cortland eram "bruxos e perversos"; que eles haviam feito um feitiço contra ela e que "um fantasma" viajava com eles, um homem moreno e mau que aparecia ao lado do berço do bebê a qualquer hora do dia ou da noite. Disse que o bebê tinha a capacidade de fazer o homem aparecer e que ria deliciada quando ele se debruçava sobre ela.

Disse ainda que o homem não queria que Bertha o visse, e que ele havia levado Bertha à morte, perseguindo-a em meio à multidão no alto das colinas.

O médico e o padre concordaram entre si que Bertha, uma criada analfabeta, estava louca. Na verdade, o registro termina com a observação do médico de que os patrões da moça, gente muito rica e gentil, ficaram inconsoláveis com a deterioração do seu estado e tomaram as providências para que o corpo fosse mandado de volta para casa.

Ao que tenha chegado ao nosso conhecimento, ninguém em Nova Orleans soube dessa história. Somente a mãe de Bertha estava viva na ocasião da morte da moça, e ela aparentemente de nada suspeitou quando soube que a filha morrera numa queda. Stella deu-lhe uma enorme soma em dinheiro, como uma indenização pela perda da filha, e os descendentes da família Becker ainda falavam nisso em 1955.

O que nos interessa nessa história é que o homem moreno é obviamente Lasher. E a não ser por uma menção de um

homem misterioso num táxi com Mary Beth, não temos nenhuma outra menção a ele no século XX até essa ocasião.

O ponto realmente notável nessa história é o fato de a babá afirmar que o bebê fazia com que o homem aparecesse. É de se perguntar se Stella tinha algum controle sobre isso. E qual teria sido a opinião de Mary Beth sobre o assunto?

Mais uma vez, nunca saberemos. A pobre Bertha Marie Becker enfrentou isso totalmente só, ou é o que o registro parece indicar.

Apesar da tragédia, o grupo não voltou para casa. Cortland escreveu uma carta triste a respeito de todo o acontecido para sua mulher e filhos, explicando que haviam contratado uma "italiana adorável", que cuidava melhor de Antha do que a pobre Bertha jamais conseguiu cuidar.

Essa italiana, que estava com uns trinta e poucos anos na época, chamava-se Maria Magdalene Gabrielli e voltou com a família para ser babá de Antha até os nove anos de idade.

Se ela algum dia viu Lasher, não temos notícia disso. Ela residiu em First Street até seu falecimento e nunca falou com ninguém de fora da família ao que nos foi dado saber. As lendas de família afirmam que ela era muito instruída, que sabia ler e escrever francês e inglês, além do italiano, e que tinha "um escândalo no seu passado".

Cortland deixou afinal o grupo em 1923, quando os três chegaram a Nova York. Ali, Stella e Lionel, com Antha e a babá, ficaram em Greenwich Village, onde Stella logo fez amizade com diversos intelectuais e artistas e chegou mesmo a pintar quadros que considerava "atrozes", a escrever textos "horrendos" e a fazer esculturas "que eram puro lixo". Ela finalmente se contentou em apreciar a companhia de indivíduos verdadeiramente criativos.

Todas as fontes de mexericos em Nova York afirmam que Stella era extremamente generosa. Ela fez enormes "doações" a vários pintores e poetas. Comprou uma máquina de escrever para um amigo sem um centavo, para outro um cavalete e para um poeta idoso ela chegou a comprar um carro.

Durante esse período, Lionel voltou aos seus estudos, dedicando-se ao direito constitucional com um dos parentes, de Nova York (um descendente de Clay Mayfair, que havia entrado em sociedade com descendentes de Lestan Mayfair num escritório em Nova York). Lionel também passava um tempo considerável nos museus da cidade, e freqüentemente arrastava Stella para a ópera, que começava a entediá-la, para os concertos, que ela apreciava só um pouquinho mais, e para o balé, de que ela realmente gostava.

As lendas de família entre os parentes de Nova York (à nossa disposição somente agora, já que na época ninguém queria falar) descrevem Lionel e Stella como pessoas encantadoras, totalmente irresponsáveis, cheias de uma energia incansável que davam festas constantemente e muitas vezes acordavam outros membros da família ao bater muito cedo às suas portas.

Duas fotografias tiradas em Nova York mostram Stella e Lionel como uma dupla feliz e sorridente. Lionel foi, durante toda sua vida, um homem esguio e, como já mencionamos, ele herdou do juiz Mclrityre notáveis olhos verdes e cabelos ruivos. Ele não se parecia com Stella sob nenhum aspecto, e foi comentado mais de uma vez pelos que os conheciam que às vezes algum recém chegado ao círculo ficava escandalizado ao descobrir que Lionel e Stella eram irmãos. A suposição era a de que eles fossem outra coisa.

Se Stella teve algum namorado específico, não temos notícia disso. Na realidade, o nome de Stella nunca esteve associado ao de nenhuma outra pessoa (até essa altura) à exceção de Lionel, muito embora se acreditasse que Stella não se preocupava absolutamente com os favores que concedia no que dissesse respeito a rapazes. Temos relatos de dois jovens pintores que se apaixonaram por ela, mas Stella "se recusava a ficar amarrada".

O que sabemos de Lionel realça insistentemente que ele era calado e algo reservado. Ele parece ter apreciado ver Stella dançar, rir e se divertir com os amigos. Ele próprio gostava de dançar com ela, o que fazia o tempo todo e muito bem, mas ficava nitidamente à sombra da irmã. Ele parecia obter sua vitalidade de Stella. Quando ela não estava por perto, ele era "como um espelho vazio". Mal se percebia sua presença.

Houve alguns comentários de que ele estaria escrevendo um romance durante sua estada em Nova York, de que ele era totalmente vulnerável a respeito dessa questão e um romancista mais velho teria destruído sua segurança ao lhe dizer que seu texto era "pura baboseira".

Da maioria das fontes, porém, temos notícia de que Lionel apreciava as artes, que era um ser humano satisfeito e que tudo estava bem para ele desde que ninguém se intrometesse entre ele e Stella.

Finalmente, em 1924, Stella, Lionel, a pequena Antha e sua babá, Maria, voltaram para casa. Mary Beth organizou uma enorme reunião da família na casa da First Street, e os descendentes ainda mencionam com tristeza que essa foi a última festa antes de Mary Beth adoecer.

Foi nessa ocasião que ocorreu algo muito estranho.

Como mencionamos, o Talamasca dispunha de uma equipe de investigadores profissionais trabalhando em Nova Orleans, detetives particulares que nunca perguntavam por que estavam sendo requisitados para colher informações sobre uma determinada família ou uma determinada casa. Um desses investigadores, especialista em casos de divórcio, há muito espalhou entre os fotógrafos de renome de Nova Orleans que pagaria bem por qualquer foto rejeitada da família Mayfair, especialmente das pessoas que residiam na casa de First Street.

Um desses fotógrafos, Nathan Brand, que tinha um concorrido estúdio em St. Charles Avenue, foi chamado à casa de First Street para essa grande festa de boas-vindas e ali tirou uma série de fotos de Mary Beth, Stella e Antha, bem como fotos de outros parentes durante a tarde inteira como agiria um fotógrafo de casamento.

Uma semana mais tarde quando ele trouxe as fotografias até a casa para que Mary Beth e Stella escolhessem as que queriam, as duas selecionaram um bom número e deixaram algumas de lado.

De repente, Stella apanhou uma das fotos rejeitadas - em que ela aparecia com sua mãe e sua filha e Mary Beth segurava um colar com uma grande esmeralda em volta do pescoço da pequena Antha. No verso, ela escreveu, "Para o Talamasca, com amor, Stella P.S. Há outros que observam, também", e depois, entregando-a ao fotógrafo, ela caiu a rir e lhe explicou que seu amigo detetive compreenderia o significado do que escrevera.

O fotógrafo ficou embaraçado. Alegou inocência e depois pediu desculpas pelo seu acordo com o detetive, mas não importava o que ele dissesse, Stella apenas ria. Em seguida, ela falou com ele num tom encantador para tranquilizá-lo.

- Sr Brand, assim o senhor vai ter um ataque. Entregue apenas a foto ao detetive. - E foi isso o que o Sr. Brand fez.

Ela nos alcançou um mês depois. E viria a ter um efeito decisivo na nossa abordagem da família Mayfair.

Aquela altura, o Talamasca não tinha nenhum membro específico designado à investigação do caso Mayfair, e as informações eram acrescentadas aos registros por diversos arquivistas à medida que chegavam. Arthur Langtry, um extraordinário conhecedor e brilhante estudioso da bruxaria, estava familiarizado com todos os dados, mas havia dedicado sua vida adulta a três outros casos, que seriam sua obsessão até o dia da sua morte.

Mesmo assim, a história completa da família havia sido debatida muitas vezes pelo conselho geral, mas nunca havia sido revogada a decisão de não fazer contato. E na verdade é duvidoso que algum de nós na época conhecesse toda a história.

Essa fotografia, com sua mensagem óbvia, provocou grande comoção. Um jovem membro da Ordem, um americano do Texas chamado Stuart Townsend (que se havia anglicizado por anos de residência em Londres) pediu para fazer um estudo das Bruxas Mayfair, com o objetivo de chegar a uma investigação direta.

Após cuidadosa reflexão, o arquivo inteiro foi posto nas suas mãos. Arthur Langtry concordou em reler todo o material, mas questões urgentes o impediram de fazê-lo, embora ele fosse responsável por aumentar o número de investigadores em Nova Orleans de três detetives particulares para quatro e por descobrir mais um excelente contato: um homem chamado Irwin Dandrich, filho sem vintém de uma família extraordinariamente rica, que se movimentava nos círculos

mais altos enquanto vendia em segredo informações para quem as quisesse, desde detetives, advogados em casos de divórcio, investigadores de companhias de seguros e até mesmo jornais escandalosos.

Permitam-me relembrar aos leitores que o arquivo naquela época não incluía esta narrativa, pois nenhuma compilação semelhante havia sido realizada até então. Ele continha o diário e as cartas de Petyr van Abel e um gigantesco compêndio de depoimentos de testemunhas, bem como fotografias, artigos de jornais e similares. Havia uma ordem cronológica, atualizada periodicamente pelos arquivistas, mas ela era muito superficial, para não dizer pior.

Stuart estava na época envolvido em algumas outras investigações significativas e levou três anos para completar seu estudo dos materiais sobre a família Mayfair. Voltaremos a ele e a Arthur Langtry no momento adequado. Após sua volta, Stella começou a levar uma vida bem semelhante à que levava antes de viajar para a Europa, ou seja, ela freqüentava bares clandestinos, dava festas para os amigos, era convidada para um dos bailes de carnaval, onde geralmente fazia sensação, e de modo geral se comportava como a femme fatale incorrigível de antes.

Nossos detetives não tinham nenhuma dificuldade para reunir informações a seu respeito, porque ela era extremamente visível e era assunto de mexericos por toda a cidade. De fato, Irwin Dandrich escreveu a nossa agência de detetives em Londres (ele nunca soube para quem iam essas informações ou qual era sua finalidade) afirmando que tudo o que tinha de fazer era entrar num salão de baile para saber tudo o que Stella estava tramando. Alguns telefonemas numa manhã de sábado também forneciam grande quantidade de informações. (Vale aqui ressaltar que Dandrich, ao que tudo indica, não era um homem nove por

cento maldoso. Suas informações se revelaram exatas em nos informar com relação aos casos. Ele foi nossa testemunha mais íntima e mais Stella e, embora nunca fizesse essa afirmação, Pode-se facilmente inferir dos seus relatos que ele foi para a cama com ela em diversas ocasiões. No entanto, ela permanece distante mesmo nos momentos mais dramáticos e trágicos descritos nos seus relatos.)

Graças a Dandrich e a outros, a imagem de Stella após sua volta E passou a ser muito mais detalhada.

As lendas, de família indicam que Carlotta reprovava totalmente a conduta de Stella nesse período, e discutia com Mary Beth a respeito disso, exigindo insistentemente, e em, vão, que Stella tomasse juízo. Mexericos de criados (e de Dandrich) corroboravam essa descrição, mas diziam que Mary Beth não dava quase nenhuma atenção ao problema e considerava Stella uma pessoa agradavelmente despreocupada que não devia ser tolhida.

Há mesmo uma citação de Mary Beth a uma amiga da sociedade (que imediatamente a transmitiu a Dandrich).

- Stella é o que eu seria se pudesse começar minha vida de novo. Trabalhei demais para quase nada. Ela que se divirta.

Devemos salientar que Mary Beth já estava gravemente enferma e possivelmente muito cansada ao dizer essas palavras. Ela era, também, uma mulher inteligente demais para não valorizar as diversas revoluções culturais da década de 1920, valorização que pode ser difícil para os leitores desta narrativa agora que o século XX se aproxima do final.

A verdadeira revolução sexual do século XX teve início na sua tumultuada terceira década, com uma das mudanças

mais drásticas nos trajes femininos que o mundo jamais presenciou. Mas as mulheres não abandonaram só os espartilhos e as salas compridas, elas descartaram com eles os costumes antiquados, passando a dançar e a beber em bares clandestinos de um jeito que teria sido impensável apenas dez anos antes. A adoção universal do automóvel fechado permitiu a todos uma privacidade sem precedentes, bem como uma liberdade de movimento. O rádio entrava nos lares por todos os Estados Unidos, no campo e na cidade. O cinema fornecia imagens de "charme e perversidade" às pessoas no mundo inteiro. As revistas, a literatura, o teatro, todos foram radicalmente transformados por uma nova franqueza, liberdade, tolerância e expressão pessoal.

Mary Beth sem dúvida captou tudo isso em algum grau. Não temos absolutamente nenhuma - indicação da sua reprovação à "mudança dos tempos".

Embora ela jamais cortasse o cabelo comprido ou abandonasse as saias longas (quando não estava vestida de homem), ela não negava nada a Stella. E Stella foi, mais do que qualquer outro membro da família, a perfeita encarnação do seu tempo.

Em 1925, foi diagnosticado um câncer incurável em Mary Beth, e ela teve apenas mais cinco meses de vida, a maior parte dos quais sofrendo dores tão fortes que não saía mais da casa.

Retirando-se para o quarto norte acima da biblioteca, ela passou seus últimos dias de razoável conforto lendo os romances que nunca havia tido tempo para ler na juventude. Na verdade, muitos primos vinham visitá-la, trazendo diversos exemplares dos clássicos. E Mary Beth demonstrava um interesse especial pelas irmãs Brontë, por

Dickens, que Julien costumava ler para ela quando era pequena, e por outros clássicos da literatura inglesa que ela parecia estar determinada a ler antes de morrer.

Daniel McIntyre ficou apavorado com a perspectiva de que sua mulher o deixasse. Quando conseguiram fazer com que ele compreendesse que ela não se recuperaria, ele deu início à sua bebedeira final e, de acordo com os mexericos da época e as lendas mais recentes, nunca mais foi visto sóbrio.

Outros contaram a mesma história contada por Llewellyn, de que Daniel acordava Mary Beth constantemente nos seus últimos dias, nervosíssimo querendo descobrir se ela ainda estava viva. As lendas de família confirmam que Mary Beth tinha com ele uma paciência infinita, que, o chamava para se deitar ao seu lado e que o consolava horas a fio.

Durante esse período, Carlotta mudou-se de volta para a casa para poder estar perto da mãe e, na verdade, passou sentada ao seu lado muitas longas noites. Quando Mary Beth sentia dor demais para ler, ela pedia a Carlotta que lesse para ela. As lendas de família alegam que Carlotta leu para ela O morro dos ventos uivantes inteiro, e parte de Jane Eyre.

Stella também era uma presença constante. Ela parou de tudo com suas farras e passava o tempo preparando refeições para a mãe, que com frequência estava se sentindo mal demais para comer, e consultando médicos do mundo inteiro, por telefone e por carta, em busca de curas.

Uma leitura dos poucos registros médicos que existem sobre o caso de Mary Beth indica que seu câncer já tinha metástases antes mesmo de ter sido descoberto. Ela não sofreu até os três últimos meses, a partir daí sofreu muito.

Afinal, na tarde de 11 de setembro de 1925, Mary Beth perdeu a consciência. O padre ali presente comentou que houve um enorme estrondo de trovão. Começou a chover forte. Stella saiu do quarto, desceu até a biblioteca e começou a ligar para os parentes de toda a Louisiana, e até mesmo para os de Nova York.

De acordo com o padre, os criados e mitos vizinhos, os parentes começaram a chegar às quatro e continuaram chegando ao longo das doze horas seguintes. Os automóveis estavam parados ao longo de First Street até St. Charles Avenue, e em Chestnut Street desde Jackson até Washington. O temporal continuou, abrandando durante algumas horas transformado em chuvinha fina para depois voltar como chuva normal. Na realidade, chovia em todo o Garden District, embora não estivesse chovendo em nenhuma outra parte da cidade. No entanto, ninguém deu muita atenção a esse fato.

Por outro lado, a maioria dos parentes de Nova Orleans já chegava equipada com guarda-chuvas e capas, como se tivessem certeza de que haveria uma tempestade.

As criadas se apressavam a servir café e vinho contrabandeado da Europa aos parentes que enchiam os salões, a biblioteca, o corredor, a sala de jantar e até se sentavam na escada.

À meia-noite, o vento começou a uivar. Os enormes carvalhos de sentinela diante da casa começaram a se agitar com tanta violência que alguns recearam que os galhos se quebrassem. As folhas caíam como se fossem uma chuva. O quarto de Mary Beth estava aparentemente lotado com seus filhos, suas sobrinhas e sobrinhos, e mesmo assim era mantido um silêncio respeitoso.

Carlotta e Stella estavam sentadas no lado da cama mais distante da porta, enquanto os primos entravam e saíam nas pontas dos pés. Daniel McIlrityre não estava em nenhum lugar à vista. As lendas de família afirmam que ele havia "desmaiado" antes e que estaria no apartamento de Carlotta acima dos estábulos lá fora.

Antes de uma da manhã, havia parentes de ar grave parados nas varandas da frente e, mesmo com o vento e a chuva, no caminho da entrada, sob guarda chuvas precários. Muitos amigos da família haviam vindo apenas para ficar parados sob os carvalhos, com jornais cobrindo a cabeça e as golas viradas para cima para protegê-los do vento. Outros permaneciam nos seus carros estacionados em fila dupla ao longo de Chestnut e de First.

À uma e trinta e cinco, o médico assistente, o Dr Lyndon Hart, sofreu algum tipo de desnorteamento. Ele mais tarde confessou a alguns dos seus colegas que "algo estranho" aconteceu no quarto.

Ele fez o seguinte relato confidencial a Irwin Dandrich em 1929.

- Eu sabia que ela estava quase morta. já havia parado de tomar seu pulso. Parecia tão humilhante eu me levantar tantas vezes só para fazer um gesto de cabeça para os outros indicando que ela ainda estava viva. E a cada vez que eu me aproximava da cama, era natural que os parentes percebessem, e dava para ouvir os cochichos ansiosos no corredor.

- Por isso, durante mais ou menos a última hora eu não fiz nada. Apenas esperei e observei. Somente a família próxima estava ao lado da cama, à exceção de Cortland e seu filho Pierce. Ela estava ali deitada, com os olhos semicerrados e

a cabeça voltada para Stella e Carlotta. Carlotta segurava sua mão. Sua respiração era muito irregular. Eu lhe havia dado tanta morfina quanto ousei dar.

- E de repente aconteceu algo. Talvez eu tivesse cochilado e estivesse sonhando, mas me pareceu tão real na ocasião. Havia ali um grupo de pessoas totalmente diferentes: uma velha, por exemplo, que eu conhecia mas não conhecia estava debruçada sobre Mary Beth, e havia também no quarto um senhor de idade, muito alto, que me pareceu bem conhecido. Havia realmente todos os tipos de gente. E depois um rapaz, um rapaz claro que estava muito bem-vestido, com roupas antiquadas, debruçou-se também sobre ela. Ele beijou seus lábios e fechou seus olhos.

- Pus-me de pé, sobressaltado. Os parentes choravam no corredor. Alguém soluçava. Cortland Mayfair chorava. E a chuva agora voltava a cair forte. Na verdade, as trovoadas eram ensurdecedoras. E à luz de um súbito relâmpago, vi Stella com os olhos fixos em mim, com uma expressão tristíssima e desanimada. Carlotta chorava. E eu soube que minha paciente estava morta, sem dúvida. De fato, seus olhos estavam fechados.

- Nunca encontrei uma explicação. Examinei Mary Beth imediatamente e confirmei que tudo estava acabado. Mas eles já sabiam. Todos eles sabiam. Olhei à minha volta procurando desesperadamente ocultar minha confusão momentânea, e vi a pequena Antha num canto, logo atrás da sua mãe, e aquele rapaz alto estava com ela. E de repente ele sumiu. Na verdade, ele sumiu tão de repente que eu nem tenho certeza se o vi.

- Mas posso lhe dizer por que acho que ele estava ali. Uma outra pessoa também o viu. Foi Pierce Mayfair, o filho de Cortland. Eu me virei assim que o rapaz desapareceu, e

percebi que Pierce estava olhando fixamente para aquele mesmo ponto. Ele contemplava a pequena Antha e depois olhou para mim. Imediatamente ele tentou assumir um ar natural, como se não houvesse nenhum problema, mas eu sei que ele viu o homem.

- Quanto ao resto do que vi, agora sem dúvida não havia nenhuma velhinha por ali e o senhor alto não estava à vista. Mas sabe quem ele era? Acho que era Julien Mayfair. Não cheguei a conhecer Julien, mas vi um retrato seu mais tarde naquela mesma manhã na parede do corredor, em frente à porta da biblioteca.

- Para lhe dizer a verdade, acho que ninguém presente no quarto da doente prestou a menor atenção em mim. As criadas começaram a limpar o rosto de Mary Beth e a ajeitá-la para que os primos entrassem e a vissem pela última vez. Alguém estava acendendo velas novas. E a chuva, a chuva estava apavorante. Ela simplesmente caía nas janelas como um dilúvio.

- Em seguida, eu me lembro de estar abrindo caminho entre uma fila de primos para chegar ao andar inferior. Encontrava-me, então, na biblioteca com o padre McKenzie, e estava preenchendo o atestado de óbito. O padre McKenzie estava sentado no sofá de couro com Belle, procurando consolá-la, com as mesmas palavras de costume, que sua mãe havia ido para o céu e que ela um dia veria a mãe novamente. Coitadinha. Ela não parava de dizer, "Não quero que ela vá para o céu. Quero ver a mamãe agora." Como uma pessoa assim poderia jamais compreender?

- Foi só quando eu estava de saída que vi o retrato de Julien Mayfair e percebi com espanto que eu o havia visto. Na verdade, aconteceu algo muito interessante. Fiquei tão

surpreso ao ver o retrato que disse sem pensai, "Esse é o homem".

- E havia alguém parado no corredor, fumando, acho, e essa pessoa ergueu os olhos, me viu, olhou para o retrato à sua esquerda na parede e disse com um risinho, "Não, esse não é o homem. Esse aí é Julien".

- É claro que nem me incomodei em discutir. Não posso imaginar o que aquela pessoa imaginou que estivesse querendo dizer. E certamente não sei o que ele queria dizer com suas palavras. Por isso, deixei para lá. Nem mesmo sei quem era essa pessoa. Um Mayfair, disse você pode ter certeza. Mas afora isso, eu não tentaria adivinhar.

- Mais tarde falei com Cortland a respeito disso tudo, quando achei que já havia passado um tempo razoável. Ele não ficou nem um pouco impressionado. Prestou atenção a tudo que eu disse e declarou estar feliz por eu lhe ter contado. Mas disse não ter visto nada de especial naquele quarto.

- Agora, você não pode contar essa história para todo mundo. Os fantasmas são bem comuns em Nova Orleans, mas médicos que os vejam não são! E eu creio que Cortland não gostaria de saber que contei essa história. E é claro que nunca toquei no assunto com Pierce. Quanto a Stella, bem, francamente duvido que Stella dê a mínima para esse tipo de coisa. Se Stella se preocupa com alguma coisa, eu gostaria de saber o que é.

Essas assombrações incluem inegavelmente mais um aparecimento de Lasher, mas não podemos deixar esse relato vívido e digno de nota sem examinar a estranha troca de palavras à porta da biblioteca. O que o membro da família Mayfair quis dizer com "Não, esse não é o homem"?

Ele teria se enganado pensando que o médico estivesse se referindo a Lasher? E ele teria feito o pequeno comentário sem pensar, antes de perceber que o médico era um estranho? E nesse caso, isso quer dizer que membros da família Mayfair sabiam de tudo sobre "o homem" e tinham o costume de falar a respeito dele? Talvez sim.

O enterro de Mary Beth foi pomposo, exatamente como havia sido seu casamento uns vinte e seis anos antes. Devemos o relato completo da cerimônia ao agente funerário David O'Brien, que se aposentou um ano depois, deixando sua firma para o sobrinho Red Lonigan, cuja família nos forneceu muitos depoimentos desde então.

Dispomos também de algumas lendas de família a respeito do evento, e de uma boa quantidade de mexericos das senhoras da paróquia que compareceram ao enterro e que não tinham absolutamente nenhuma inibição em criticar a família Mayfair.

Todos concordam quanto ao fato de Daniel McIlrityre não conseguir acompanhar a cerimônia. Ele foi levado da missa de corpo presente para casa por sua filha Carlotta, que depois voltou a se reunir à família antes da saída da igreja. Antes do enterro no cemitério de Lafayette, foram feitos alguns breves discursos. Pierce Mayfair falou em Mary Beth como uma grande orientadora, Cortland elogiou seu amor pela família e sua generosidade para com todos. E Barclay Mayfair disse que Mary Beth era insubstituível, que ela nunca seria esquecida pelos que a conheceram e a amaram. Lionel estava mais do que ocupado consolando Belle, arrasada, e Millie Dear, em pranto.

A pequena Antha não estava presente, como também não estava a pequena Nancy (uma Mayfair adotada mencionada

anteriormente, que Mary Beth apresentava a todos como filha de Stella).

Stella estava prostrada, mas não tanto que deixasse de chocar dezenas de primos, o agente funerário e muitos amigos da família, ao se sentar num túmulo próximo durante os discursos finais, com as pernas penduradas e bebendo da sua famosa garrafa no saco de papel pardo. Quando Barclay estava terminando sua fala, ela falou bem alto.

- Barclay, vamos apressar isso aí! Você sabe que ela detestava esse tipo de coisa. Ela vai acabar ressuscitando dos mortos para mandar que você se cale, se você não parar logo.

O agente funerário observou que muitos dos primos riram dessas suas palavras, e outros tentaram conter o riso. Barclay também riu, e Cortland e Pierce apenas sorriram. Na verdade, a família pode ter estado dividida, quanto a essa reação, de acordo com características étnicas. Uma versão diz que os primos franceses ficaram mortificados com a conduta de Stella, mas que os parentes de sangue irlandês riram.

- Adeus, minha amada - disse então, Barclay, limpando o nariz. Ele beijou o caixão, recuou para ser abraçado por Cortland e Garland, e começou a soluçar. Stella saltou, então, do túmulo, foi até o caixão e o beijou.

- Muito bem, padre, prossiga - disse ela.

Durante as últimas palavras em latim, Stella arrancou uma rosa de uma das coroas, quebrou sua haste para que ficasse mais fácil de usar e a enfiou no cabelo.

Depois, os parentes mais próximos foram para a casa de First Street, e antes da meia-noite o piano e a cantoria eram tão altos no salão que os vizinhos ficaram escandalizados.

Quando o juiz McIntyre morreu, o enterro foi bem menos concorrido, mas extremamente triste. Ele havia sido muito amado por grande número de parentes da família, e houve lágrimas.

Antes de continuar, permitam-nos salientar mais uma vez que, ao que saibamos, Mary Beth foi a última bruxa de verdadeiro poder que a família produziu. Podemos apenas imaginar o que ela teria feito com seus poderes se não fosse tão voltada para a família, tão perfeitamente prática, e tão indiferente à “ vaidade ou à notoriedade ” de qualquer espécie. Sendo Mary Beth como era, tudo o que ela fez acabou beneficiando a família. Até mesmo sua busca de prazer se expressava nas reuniões que ajudaram a família a formar uma identidade e a manter uma imagem forte de si mesma em tempos instáveis. Stella não tinha esse, amor para a família, nem era uma pessoa prática. Ela não se incomodava com a notoriedade e adorava o prazer. No entanto, o segredo para a compreensão de Stella está na sua falta de ambição. Ela parecia ter poucos objetivos reais.

"Viver" poderia ter sido o tema de Stella.

A partir deste ponto até 1929, essa história pertence a ela e à pequena Antha, sua filhinha de rosto pálido e voz delicada.

CONTINUA A HISTÓRIA DE STELLA

As lendas de família, os mexericos dos vizinhos e dos paroquianos parecem todos

concordar num ponto: Stella ficou sem controle após a morte dos pais.

Enquanto Cortland e Carlotta lutavam pela fortuna do legado e pela forma pela qual deveria ser administrada, Stella começou a dar festas escandalosas para seus amigos em First Street. E as poucas festas que realizou para a família em 1926 foram igualmente escandalosas, tanto pela clandestinidade do Bourbon e da cerveja, quanto pelas bandas de Dixieland e pelas pessoas dançando charleston até o amanhecer. Muitos dos primos mais velhos saíam cedo dessas festas, e alguns nunca voltaram à casa de First Street.

Muitos deles nunca mais foram convidados. Entre 1926 e 1929, Stella aos poucos desfez aquela numerosa família criada por sua mãe. Ou melhor, ela simplesmente se recusou a ser sua líder, e a família aos poucos foi se desfazendo. Um grande número de primos perdeu totalmente o contato com a casa de First Street, criando filhos que sabiam muito pouco ou nada sobre ela. Esses descendentes sempre foram para nós a melhor fonte de lendas e histórias. Outros primos foram afastados, mas permaneceram envolvidos. Todos os descendentes de Julien, por exemplo, continuaram íntimos da família do legado, se não houvesse nenhum outro motivo, pelo de estarem vinculados em termos legais e financeiros, e também porque Carlotta não conseguiu um meio eficaz de afastá-los.

- Foi o começo do fim - na opinião de um dos primos.

- Stella simplesmente não queria se preocupar com nada - disse um outro.

- Nós sabíamos coisas demais a seu respeito, e ela sabia disso. Não queria nos ver por perto - disse um terceiro.

A imagem que temos de Stella durante esse período é a de uma pessoa muito ativa e feliz que se importava menos com a família do que sua mãe havia se importado, mas que mesmo assim se interessava apaixonadamente por outras coisas. Em especial, Stella apreciava jovens pintores e escritores, e dezenas de pessoas "interessantes" vinham a First Street, incluindo-se aí escritores e pintores que Stella havia conhecido em Nova York. Alguns amigos mencionaram que ela incentivou Lionel a voltar a escrever, e que chegou a mandar reformar um escritório para ele num dos anexos, mas não se sabe se Lionel algum dia escreveu uma linha sequer.

Um grande número de intelectuais comparecia às festas de Stella. Na realidade, ela fazia sucesso com aqueles que não tinham medo de se arriscar socialmente. A sociedade da velha guarda, do tipo na qual Julien circulava, estava essencialmente fechada a ela, ou pelo menos era o que afirmava Irwin Dandrich. É porém duvidoso que Stella tivesse conhecimento desse fato ou que se importasse com ele.

O French Quarter de Nova Orleans vinha passando por uma espécie de renascimento desde o início da década de 1920. Na realidade, William Faulkner, Sherwood Anderson, Edmund Wilson e outros escritores famosos ali viveram em várias épocas.

Não temos nenhum indício que vincule qualquer indivíduo a Stella, mas ela era familiarizada com a vida boêmia do Quarter, freqüentava os cafés e as galerias de arte e trazia para sua casa em First Street os músicos a fim de que tocassem para ela, além de abrir suas portas a poetas e

pintores sem vintém, exatamente como havia feito em Nova York.

Para os criados, isso representava o caos. Para os vizinhos, barulho e escândalo. No entanto, Stella não era nenhuma beberona desvairada, como seu pai legítimo havia sido. Pelo contrário, apesar de beber tanto, ela nunca é descrita em estado de embriaguez e durante esses anos um considerável bom gosto e raciocínio parecem ter estado bem presentes nela.

Ao mesmo tempo, ela iniciou uma reforma na casa, gastando fortunas em tinta, gesso, cortinas e mobília delicada e caríssima no estilo art déco. O salão duplo ficou repleto de palmeirinhas em vasos, como descreveu Richard Llewellyn.

Foi comprado um piano de cauda Bösendorfer, um elevador acabou sendo instalado (1927) e, antes disso, uma piscina imensa foi construída junto aos fundos do gramado. Do lado sul dessa piscina, erigiu-se uma cabana para que os convidados pudessem tomar banho e se vestir sem se incomodar em entrar na casa.

Tudo isso, os novos amigos, as festas e a reforma, escandalizavam os parentes mais conservadores, mas o que realmente fez com que eles se voltassem contra Stella, criando assim inúmeras lendas que nós mais tarde recuperamos, foi o fato de que, um ano após a morte de Mary Beth, Stella abandonou por completa, as grandes reuniões de família.

For mais que tentasse, Cortland não conseguiu convencer Stella a dar mais nenhuma festa de família depois de 1926. E apesar de Cortland muitas vezes comparecer a suas festas, bailes ou seja lá o que fossem, e de seu filho Pierce

freqüentemente acompanhá-lo, outros primos que eram convidados se recusavam a comparecer.

Na época do carnaval de 1927, Stella deu um baile de máscaras que gerou comentários em Nova Orleans por seis meses a fio. Ali estavam pessoas de todas as classes sociais, a casa de First Street apresentava uma iluminação esplêndida, champanhe de contrabando era servido em engradados. Uma banda de jazz tocava na varanda lateral. (Essa varanda só foi fechada com tela mais tarde para abrigar Deirdre Mayfair quando esta se tornou inválida.) Dezenas de convidados foram nadar nus, e antes do amanhecer já havia uma orgia em grande escala, ou pelo menos foi o que teriam dito os vizinhos estonteados. Primos que não haviam sido convidados ficaram furiosos. Na verdade, Irwin Dandrich declara que eles teriam recorrido a Carlotta à procura de explicações, mas todos sabiam o único motivo: Stella não queria um monte de primos chatos por ali.

A criadagem comentou que Carlotta Mayfair ficou indignada com o barulho e a duração da festa, para não falar nos seus custos. Em algum momento antes da meia-noite, ela deixou a casa, levando consigo as pequenas Antha e Nancy (a adotada), e não voltou até a tarde do dia seguinte.

Essa foi a primeira briga de conhecimento público entre Stella e Carlotta, mas os primos logo souberam que as duas haviam se reconciliado. Lionel havia feito as pazes entre as irmãs, e Stella havia concordado em ficar mais em casa com Antha, em não gastar tanto dinheiro e em não fazer tanto barulho. O dinheiro parecia ter sido objeto de uma preocupação especial por parte de Carlotta, que considerava "um crime 33 encher uma piscina inteira com champanhe". (É interessante salientar que a fortuna de Stella nessa época estava na casa das centenas de milhões

de dólares. Carlotta possuía quatro fabulosos fundos em seu nome. É possível que Carlotta reprovasse o excesso de despesas. Na verdade, muitas pessoas indicaram ter sido esse o caso.)

No final daquele ano, realizou-se o primeiro de uma série de eventos sociais misteriosos. O que nos dizem as lendas de família é que Stella procurou certos primos de sobrenome Mayfair e os reuniu "numa noite interessante", na qual eles deveriam debater a história da família e os seus exclusivos "dons psíquicos". Houve quem dissesse que se realizou uma sessão espírita na casa de First Street; outros, que o vodu estaria envolvido. (Os mexericos de criados estavam cheios de histórias do envolvimento de Stella com o vodu. Ela própria disse a alguns amigos que sabia tudo sobre o vodu. Tinha amigos de cor no Quarter que lhe ensinavam tudo a esse respeito.)

Ficou óbvio que muitos primos não compreenderam o motivo para essa reunião, não levaram a sério essa conversa de vodu e ficaram ressentidos por terem sido rejeitados.

Na realidade, essa reunião espalhou verdadeiras ondas de choque pela família afora. Por que Stella estaria se incomodando em pesquisar árvores genealógicas e em chamar esse e aquele primo que ninguém via já há algum tempo, quando não tinha nem a cortesia de convidar os que haviam conhecido e amado tanto Mary Beth? As portas de First Street haviam sempre estado abertas a todos. Agora Stella estava sendo seletiva. Logo Stella que não se dava ao trabalho de comparecer a formaturas ou de mandar presentes nos batizados e casamentos, Stella, que se comportava como "uma perfeita você sabe o quê".

Foi alegado que Lionel concordava com os primos, que ele achava que Stella estava indo longe demais. Era de extrema importância realizar reuniões de família, e um descendente mais tarde nos disse que Lionel se queixou amargamente com seu tio Barclay de que as coisas nunca mais seriam as mesmas, agora que sua mãe se fora.

No entanto, apesar de todo o falatório, não conseguimos descobrir quem esteve presente a essa estranha reunião noturna. Só sabemos que Lionel compareceu, assim como Cortland e seu filho Pierce. (Pierce tinha apenas dezessete anos na ocasião e estudava com os jesuítas. Ele já havia sido aceito para estudar em Harvard.)

Sabemos também, pelos mexericos da família, que a reunião durou a noite inteira e que em algum momento antes do seu encerramento Lionel "saiu cheio de repulsa". Os primos que compareceram e que se recusaram a revelar o que aconteceu foram muito criticados pelos outros. Já o disse-me-disse da sociedade, que nos chegou através de Dandrich, considerava que Stella estava tirando proveito do seu "passado ligado à magia negra" e que tudo era muito arriscado.

Seguiram-se algumas reuniões semelhantes, mas elas foram propositadamente envoltas em segredo, com todos os presentes jurando não divulgar nada do que nelas ocorria.

Os comentários nos meios jurídicos diziam que Carlotta Mayfair discutia com Cortland sobre essas reuniões e que ela queria tirar as pequenas Antha e Nancy da casa. Já Stella não queria concordar em mandar Antha para um colégio interno, e "todo mundo sabia disso".

Entrementes, Lionel estava tendo brigas com Stella. Um anônimo ligou para um dos nossos detetives particulares que havia deixado claro estar interessado em mexericos relacionados à família, e lhe disse que Stella e Lionel haviam tido uma discussão num restaurante e que Lionel havia ido embora. Rapidamente, Dandrich também relatou histórias semelhantes. Lionel e Stella estavam brigando. Será que afinal havia um outro homem?

Quando o investigador começou a fazer perguntas a esse respeito, ele descobriu que era de conhecimento geral na cidade que a família estava em pé de guerra pela pequena Antha. Stella ameaçava voltar para a Europa com a filha e implorava a Lionel que as acompanhasse, enquanto Carlotta dizia a Lionel que não fosse.

Nesse meio tempo, Lionel começou a aparecer na catedral de São Luis para a missa com uma das primas do centro, uma sobrinha-neta de Suzette Mayfair, chamada Claire Mayfair, cuja família vivia numa linda casa antiga em Esplanade Avenue, de propriedade dos descendentes até os dias de hoje.

Dandrich insiste que isso gerou bastante falatório.

Os mexericos de criados falavam de inúmeras brigas na família. Batiam-se portas. As pessoas gritavam umas com as outras. Carlotta proibiu outras "reuniões de vodu". Stella mandou Carlotta sair da casa.

- Nada mais é igual sem mamãe - disse Lionel. - Tudo começou a desmoronar com a morte de Julien, mas sem mamãe está impossível. Carlotta e Stella naquela casa são como água e óleo.

Parece ter sido de inteira responsabilidade de Carlotta o fato de Antha e Nancy terem um dia freqüentado uma escola. Na

realidade, os poucos registros que pudemos examinar com relação a Antha indicam que Carlotta a matriculou e compareceu às reuniões subseqüentes nas quais lhe pediam que tirasse Antha da escola.

Antha era, na opinião de todos, totalmente incompatível com o regime escolar. Em 1928, Antha já havia sido mandada de volta para casa da escola de Santo Afonso. A irmã Bridget Marie, que se lembra de Antha talvez tão bem quanto se lembre de Stella, conta a seu respeito histórias parecidíssimas às que contava sobre sua mãe. No entanto, vale a pena citar por inteiro seu depoimento sobre esse período e suas várias conseqüências. Eis o que ela me contou em 1969.

- O amigo invisível estava sempre com Antha. Ela costumava se voltar e falar com ele sussurrando, como se não houvesse mais ninguém por ali. É claro que ele lhe soprava as respostas que ela não sabia. Todas as irmãs sabiam que isso acontecia.

- E se quiser saber o pior, algumas das crianças chegaram a vê-lo com seus próprios olhos. Eu não teria acreditado se não tivessem sido tantas. Mas quando quatro crianças lhe contam todas a mesma história, e cada uma delas está preocupada e com medo, e seus pais estão preocupados, bem, o que se pode fazer a não ser acreditar?

- Era no pátio da escola que elas costumavam vê-lo. Agora, posso lhe dizer que a menina era tímida. Pois ela ia até o muro de tijolos bem no fundo do pátio e ali ficava sentada, lendo um livro num pequeno trecho em que o sol passava pelas árvores. E logo em seguida ele costumava vir até ela. Diziam que era um homem, dá para se imaginar? E o senhor me pergunta se eu conheço o significado das palavras, "o homem"?

- Pois saiba que foi um choque para todos quando se revelou que se tratava de um homem adulto. É que todos imaginavam até então que fosse uma criança pequena, alguma espécie de espírito infantil, se o senhor está me entendendo. Mas era um homem, um homem alto de cabelos escuros. E isso deu início ao falatório. O fato de ser um homem.

- Não, eu nunca o vi. Nenhuma das irmãs jamais o viu. Mas as crianças viam. E as crianças contaram para o padre Lafferty. Eu contei ao padre Lafferty. E foi ele quem ligou para Carlotta e lhe disse que tirasse a menina da escola.

- Agora, eu não critico os padres, nunca. Mas vou lhe dizer uma coisa. O padre Lafferty não era um homem que pudesse ser comprado com uma bela doação para a igreja e ele disse, "Miss Carlotta, a senhora tem de tirá-la da escola".

- Não adiantava ligar para Stella naquela época. Todos sabiam que Stella estava praticando bruxaria. Ela descia até o French Quarter e comprava as velas pretas para o vodu. E sabe de uma coisa, ela estava aliciando os parentes? É, é o que estava fazendo. Eu soube disso muito tempo depois, que ela havia saído à procura dos outros primos que eram bruxos e que os havia convidado para vir a sua casa.

- Foi uma sessão espírita o que fizeram naquela casa. Acenderam velas pretas, queimaram incenso, entoaram hinos ao demônio e pediram aos antepassados que, aparecessem. Foi isso o aconteceu, ao que me disseram. Não consigo me lembrar de onde foi que ouvi isso, mas sei que ouvi. E acredito que seja verdade.

No verão de 1928, Pierce Mayfair, filho de Cortland, cancelou seus planos de ir para Harvard e resolveu entrar

para Tulane University, embora seu pai e seus tios se opusessem totalmente a essa decisão. Pierce havia comparecido a todas as festas secretas de Stella, informava Dandrich, e os dois começavam a ter seus nomes associados pelas mexeriqueiras. Pierce ainda não tinha dezoito anos de idade.

Antes do final de 1928, o falatório nos meios jurídicos indicava que Carlotta teria declarado que Stella era uma mãe incapaz e que alguém deveria lhe tirar a filha "na justiça". Cortland negava esses boatos aos amigos. Mas todos sabiam que ia dar nisso, segundo Dandrich. Os comentários nos meios jurídicos falavam de reuniões de família nas quais Carlotta exigia que os irmãos Mayfair a apoiassem.

Enquanto isso, Stella e Pierce andavam juntos para cima e para baixo, dia e noite, muitas vezes com a pequena Antha a reboque. Stella comprava bonecas para Antha constantemente. Ela levava a menina para tomar o café da manhã cada dia num hotel diferente no French Quarter. Pierce foi com Stella comprar um prédio em Decatur Street, que Stella pretendia transformar num apartamento onde pudesse ficar só.

- Millie Dear, Belle e Carlotta que fiquem com a casa - disse Stella ao corretor de imóveis. Pierce ria de tudo que Stella dizia. Antha, magra aos sete anos de idade, com uma pele de porcelana e doces olhos azuis, ficava por perto agarrada a um enorme ursinho de pelúcia. Foram todos almoçar juntos, até mesmo o corretor de imóveis, que mais tarde fez comentários a Dandrich.

- Ela é encantadora, absolutamente encantadora. Acho que aquele pessoal lá de First Street é simplesmente melancólico demais para ela. Quanto a Nancy Mayfair, a

menina atarracada adotada ao nascer por Mary Beth e apresentada a todos como irmã de Antha, a ela Stella não dava a menor atenção. Um descendente da família diz, ferino, que Nancy não era mais do que um "bichinho de estimação" para Stella. No entanto, não há nenhum indício de Stella jamais ter sido cruel com Nancy. Na verdade, ela comprava quantidades absurdas de roupas e brinquedos para a menina. Nancy parece, porém, sempre ter sido uma criança emburrada e geralmente apática.

Enquanto isso, Carlotta levava sozinha Antha e Nancy à missa aos domingos. E foi Carlotta quem se encarregou de mandar Nancy para a Academia do Sagrado Coração.

Em 1928, dizia-se que Carlotta havia tomado a escandalosa medida legal de tentar ganhar a custódia de Antha, aparentemente com o objetivo de mandá-la para um colégio interno. Certos documentos foram assinados e o processo teve início.

Cortland ficou horrorizado com o fato de Carlotta levar as coisas até esse ponto. Afinal, Cortland, que até então mantinha relações cordiais com Carlotta, ameaçou recorrer legalmente contra ela se ela não abandonasse a questão.

Barclay, Garland, o jovem Sheffield e outros membros da família concordaram em apoiar Cortland. Ninguém iria levar Stella aos tribunais para tirar dela sua filha enquanto Cortland fosse vivo.

- Também Lionel concordou em apoiar Cortland. Soube-se que ele ficou torturado por todo o incidente. Ele chegou mesmo a sugerir que ele e Stella fossem embora juntos para a Europa e deixassem Antha sob a responsabilidade de Carlotta.

Finalmente, Carlotta retirou seu pedido de guarda da criança. No entanto, as coisas nunca mais foram as mesmas entre ela e os descendentes de Julien. Eles passaram a discordar quanto ao dinheiro, e continuam essa briga até os dias de hoje.

Em algum ponto de 1927, Carlotta havia convencido Stella a assinar uma procuração para que Carlotta pudesse tratar de certas questões com as quais Stella não queria se preocupar.

Carlotta agora tentava usar essa procuração para tomar grandes decisões envolvendo o enorme legado Mayfair, que desde a morte de Mary Beth estivera inteiramente nas mãos de Cortland.

As lendas de família e os comentários nos meios jurídicos da época, bem como o disse-me-disse da sociedade, concordam todos quanto ao fato de que os irmãos Mayfair - Cortland, Garland e Barclay, e mais tarde Pierce, Sheffield e outros - se recusaram a honrar esse documento. Eles se recusaram a obedecer às ordens de Carlotta no sentido de liquidar os investimentos ousados e extremamente lucrativos que vinham fazendo com enorme sucesso em nome do legado já havia anos. Eles se apressaram a trazer Stella aos escritórios para que ela revogasse a tal procuração e confirmasse que tudo deveria ser tratado por eles.

Mesmo assim, seguiram-se brigas intermináveis entre os irmãos e Carlotta, brigas estas que persistem até hoje. Carlotta parece nunca mais ter confiado nos filhos de Julien após a luta pela custódia, e nem mesmo ter gostado deles. Ela fazia inúmeros pedidos de informações, exigências de informes detalhados, relatórios e explicações minuciosas do que estavam fazendo, com a constante insinuação de que,

se não lhe prestassem boas contas, ela os processaria em nome de Stella (mais tarde em nome de Antha e ainda mais tarde em nome de Deirdre, até os dias de hoje).

Eles ficavam magoados e perplexos com essa desconfiança. Já em 1928, eles haviam gerado somas incalculáveis para Stella, cujos negócios estavam, é claro, completamente entrelaçados com os deles. Eles não conseguiam entender a atitude de Carlotta, e aparentemente continuaram a levá-la ao pé da letra com o decorrer dos anos.

Ou seja, eles respondiam pacientemente todas as suas perguntas e insistiam em suas tentativas de explicar o que estavam fazendo, quando estava claro que Carlotta só queria fazer mais perguntas, exigir mais respostas, apresentar novos tópicos para exame, convocar mais reuniões, dar mais telefonemas e fazer mais ameaças veladas.

É interessante observar que praticamente todos os escriturários ou secretárias que um dia trabalharam para a Mayfair & Mayfair pareciam compreender esse "jogo". No entanto, os filhos de Julien continuavam sempre a ficar magoados e ressentidos, como se não percebessem o âmago da questão. Só com relutância foi que eles permitiram seu afastamento da casa de First Street, onde todos haviam nascido.

Já em 1928, estavam sendo forçados a se afastar, mas não percebiam. Vinte e cinco anos mais tarde, quando Pierce e Cortland Mayfair pediram para examinar parte dos pertences de Julien no sótão, não tiveram permissão para passar da porta da frente. Em 1928, porém, uma coisa dessas teria sido inimaginável.

Cortland Mayfair talvez nunca tenha descoberto que a luta pela custódia de Antha foi a última batalha pessoal com Carlotta que ele chegaria a vencer. Enquanto isso, Pierce praticamente morou em First Street durante o outono de 1928. Na verdade, já na primavera de 1929, ele ia a toda parte com Stella e se havia tornado seu "secretário pessoal, motorista, saco de pancadas e ombro amigo". Cortland tolerava a situação mas não gostava dela. Disse a parentes e amigos que Pierce era um bom rapaz, que ele se cansaria daquela história toda e iria estudar no leste, como todos os outros haviam feito.

O que acabou acontecendo foi que Pierce nunca teve a oportunidade de se cansar de Stella. Agora, porém, chegamos ao ano de 1929 e devemos interromper esta história para, mais adiante, incluir o estranho caso de Stuart Townsend, nosso irmão no Talamasca, que tanto quis entrar em contato com Stella no verão daquele ano.